





AGUSTÍN MARTÍNEZ

MONTEPERDIDO

Tradução de
GONÇALO NEVES





À Laura, por dar sentido a tudo.

*Em memória de Gonzalo Martínez Montiel:
embora saiba (julgo eu) o que teria dito deste romance,
gostaria tanto de o ter ouvido dizê-lo...*

O veado

— Deixa as crianças brincar — disse-lhe Raquel.

A sua filha escalara um pequeno montículo, enterrando as mãos na neve. As marcas da subida tinham-se transformado em pequenos buracos pretos. Chegada ao topo, tentava pôr-se de pé sem perder o equilíbrio. Esticava os braços em cruz, instável. Ameaçava cair ao chão a qualquer momento e vir por ali abaixo a rebolar pela neve. Ria-se.

Ria-se como se fosse vítima de um ataque de cócegas.

As suas galochas enterraram-se até aos tornozelos, o que foi o suficiente para ela se agachar, apanhar neve e fazer uma bola. Estava nervosa, como numa noite de Natal, ria e tentava despachar-se. A emoção tirava-lhe destreza, e, logo que enchia as mãos de neve, esta caía-lhe ao chão. Ana tinha apenas onze anos.

— Vais ver que ainda se magoam — resmungou Montserrat ao sentar-se junto a Raquel.

Aos pés do montículo estava a filha de Montserrat. Agachada, temia o impacto da bola de neve que Ana tentava formar. Eram da mesma idade. Eram vizinhas. Eram inseparáveis.

— Nevou muito — respondeu-lhe Raquel. — Se caírem, também não lhes vai acontecer nada. Além disso, têm a cabeça bem rija.

Naquela manhã, quando Ana viu que a trovoadinha tinha parado, entrou na cozinha a correr e a exigir que a mãe a levasse à rua para brincar. Raquel estava a acabar de recolher o pequeno-almoço. Prometeu-lhe que o faria, embora preferisse ficar em casa, pois estava aquecida. Antes de comer, foram a casa da sua vizinha, Montserrat. Ana foi a correr ter com a sua amiga logo que lhes abriram a porta. «Batalha de neve», gritava.

Passados uns minutos, Raquel e Montserrat passeavam com as filhas. As duas raparigas, Ana e Lucía, iam a correr uns metros à frente, enfiadas nos seus gorros, luvas e blusões de penas. Fúchsia, o de Ana, azul-marinho, o de Lucía. Duas bolas estridentes e dançarinas aos ziguezagues sobre a neve, que não pararam até chegar ao parque.

O montículo a que Ana subira era, afinal, o escorrega, que desaparecera sob o manto de neve. No topo, Ana lançava bolas de neve e tentava dar à voz o tom mais grave que conseguia. Queria parecer um ogre, um monstro malvado. Lá em baixo, Lucía procurava abrigar-se atrás dos baloiços, convertidos em parapeitos brancos, gelados.

O dia amanhecera com céu limpo, o sol reflectia-se na neve e aquecia a pele de Raquel. Fechou os olhos e respirou com força o ar que descia da montanha: frio e limpo como uma fonte. Ao seu lado, Montserrat encolhia-se no interior do blusão, tentando aquecer-se.

Não havia silêncio, mas um ruído agradável, suave. O murmúrio do vento entre as árvores era uma cama elástica sobre a qual faziam ricochete as vozes e as risadas das raparigas. Raquel não tinha pressa. Recordou o cheiro da sua cama, a pele do seu marido a abraçá-la entre os lençóis ao despertar.

O rio descia oculto por uma camada de gelo fina.

A vila latejava em silêncio sob a neve. Regular, constante.

Um veado surgiu entre as árvores que cercavam o parque. Raquel abriu os olhos, como se tivesse notado a sua presença. Tinha neve nas hastes, sobre o lombo. Deu uns passos na sua direcção, sem ligar às raparigas, sem medo.

— Não pode ser — murmurou Montserrat ao vê-lo aproximar-se.

Raquel pediu-lhe para não fazer barulho nem chamar as raparigas. «Não te mexas», disse-lhe. O veado caminhou até ao sítio onde estavam sentadas. Enterrava ligeiramente os cascos na neve. O sol imprimia à sua pelagem um matiz acobreado. Parecia-lhe mais alto do que qualquer outro veado que tivesse visto antes. Um gigante. Quando se encontrava a escassos metros delas, Raquel fechou novamente os olhos. Imaginou-o a passar a poucos centímetros dela, detendo-se um instante a olhá-la, a cheirá-la. Conseguiu sentir-lhe o bafo. Como se fosse a respiração daquela vila, daquelas montanhas.

Quando voltou a abrir os olhos, o veado já lá não estava.

As raparigas lançavam bolas de neve uma à outra, entre risadas.

Percebeu que aquela imagem lhe ficaria gravada na memória. Que, com o tempo, voltaria a procurá-la nas suas recordações, como quem procura a protecção do lar.



Monteperrido em choque com o desaparecimento de duas raparigas de 11 anos.

Ana M. G. e Lucía C. S., de onze anos, saíram da escola Valle del Ésera às 17.00 da passada quinta-feira, dia 19 de Outubro de 2009. Seguiram pelo caminho que faziam todos os dias para regressar a casa, na urbanização Los Corzos, nos arredores da localidade de Monteperrido, na província de Huesca. No entanto, nunca chegaram a casa.

«Sabemos que as primeiras horas são fundamentais. Não podemos fazer tudo o que gostaríamos de ter feito, mas continuaremos a trabalhar até Ana e Lucía voltarem a casa», indicou um porta-voz da Polícia, negando ainda que, no sítio onde se perdeu o rasto das raparigas, houvesse algum sinal de violência que fizesse temer um final dramático.

Os pais das raparigas recusaram-se a fazer qualquer tipo de declaração pública, embora tenham transmitido a sua dor e incompreensão através de um porta-voz das famílias. As suas filhas conheciam perfeitamente o caminho, por isso, descartam a possibilidade de se terem perdido e interrogam-se acerca de quem

as terá levado. Uma resposta que esperam poder vir a obter em breve das próprias filhas.

Uma vila chocada com a notícia

Monteperrido é uma referência turística pela sua natureza espectacular, ficando situada entre dois parques naturais e os picos mais altos dos Pireneus. Ana e Lucía, muito conhecidas da população e boas estudantes, moravam uma ao lado da outra e eram inseparáveis.

Embora faça o possível por ajudar, a população começa a dar sinais de certa impaciência perante a falta de resultados. Ninguém viu nem ouviu nada, e é como se as duas raparigas pura e simplesmente se tivessem

volatilizado. A Guarda Civil destacou vários agentes especializados no desaparecimento de menores para conduzirem a investigação.

«Sabemos que é difícil, mas pedimos paciência e respeito pelas famílias», comentou um dos agentes recentemente destacados, «a situação é traumática e esperamos poder resolvê-la quanto antes e, para o conseguir, necessitaremos de todo o apoio, tanto da população como dos órgãos de comunicação social.»

«Queremos acreditar que as raparigas estão bem. É a essa esperança a que nos agarramos», confessou um familiar próximo das jovens. Uma esperança que une toda a vila de Monteperrido.

Monteperdido
5 anos mais tarde

O degelo

O gelo do glaciar desfazia-se com o calor do Verão. As placas rachavam com um leve estalido e um fino riacho de água infiltrava-se pelas paredes da montanha que se erguiam defronte da vila e lhe emprestavam o nome: Monteperdido.

A poucos quilómetros dali, estrada abaixo, no fundo de um barranco, as rodas dianteiras do carro ainda giravam por efeito da inércia. Tinha capotado e o pára-brisas era uma teia de vidros partidos, envolta numa nuvem de pó e fumo. Uns cem metros acima, o carreiro de terra donde se despenhara bordejava a montanha. A sua queda deixara um rasto de árvores quebradas e sulcos na terra da ladeira.

O vento arrastou o fumo, deixando antever uma poça vermelha no interior do carro. Um fio de sangue, como a água de uma torneira mal fechada, continuava a alimentá-la. Nascia na testa do condutor, que, preso com o cinto de segurança, estava pendurado de cabeça para baixo. O embate abria-lhe o crânio.

Só se ouvia o vento e, a seguir, um gemido. Uma respiração que era quase um pranto. Uma rapariga com os braços marcados por uma chuva fina de cortes, a roupa esfarrapada e uma melena de cabelos dourados sobre a cara arrastou-se para fora do carro. Saiu pela janela do banco traseiro, também ela partida. As suas coxas não conseguiram evitar roçar nos vidros, que se enterraram na carne. Não tinha mais de dezasseis anos. Conteve a dor e, com um último esforço, conseguiu puxar todo o corpo para fora. Deixou-se então cair, esgotada. Ficou deitada. A respiração, ainda irregular, fazia o corpo tremer a cada baforada.

O local onde o carro se despenhara era praticamente inacessível. Um desfiladeiro acentuado, entre montanhas com os cumes ainda cobertos de neve.

Junto ao barranco, uma estrada serpenteava pelo vale. Um jipe parara na berma. Dentro dele, um homem com cerca de trinta anos olhava para o fundo do precipício. Tirou os óculos de sol para ter a certeza do que estava a ver: um carro despenhado. Procurou no porta-luvas do jipe o seu telemóvel e fez uma chamada.

Há quase cinco anos que o adro fechado da igreja de Santa María de Laude, em Monteperdido, acolhia as cerimónias que se se celebravam em memória das raparigas. Desde o início, tornou-se o local de reunião para as famílias e habitantes da vila, bem como para forasteiros e jornalistas. Houve altares improvisados junto às portas da igreja, flores e brinquedos, mensagens... Toda a gente queria manifestar a sua dor, a sua raiva.

O sargento da Guarda Civil, Víctor Gamero, recordava que os primeiros a desaparecer foram os jornalistas. Antes, embora nessa altura fosse apenas mais um agente no posto de Monteperdido, teve de lidar com o assédio às famílias, com as multidões que vinham doutras localidades para participarem numa luta que, conforme diziam, nunca abandonariam, até Ana e Lucía voltarem.

Supunha que Joaquín Castán, o pai de Lucía, estivesse aborrecido. Agora não havia jornalistas nem forasteiros. Apenas habitantes de Monteperdido, e nem sequer estavam todos. Passara demasiado tempo, e a vila não podia parar cada vez que Joaquín decidia organizar uma cerimónia para fomentar a investigação.

Havia duas grandes fotografias das raparigas, uma de cada lado da mesa onde estavam sentados os pais. Lucía e Ana sorriam para a câmara. A primeira com os olhos achinesados e cara de malandra, como se a tivessem apanhado no meio de uma brincadeira privada. Ana, com a boca aberta, deixava à mostra a dentadura incompleta. O sol de Verão imprimira-lhe um brilho dourado na pele, uma cabeleira tão loura que parecia branca e contrastava com os seus profundos olhos negros. Eram felizes quando lhes tiraram aquelas fotografias, mas nesse dia, enquanto o pai de Lucía se queixava dos escassos recursos que a Polícia destinava às buscas, as fotografias das raparigas denotavam tristeza.

O sargento Víctor Gamero sentiu a vibração do seu telemóvel e afastou-se da praça para atender a chamada. Um dos seus agentes, Burgos, explicou-lhe a situação tartamudeando cada palavra. Sabia que não ia gostar nada do que sucedera.

— Porque é que ninguém me avisou? Quem é que deu a ordem? — perguntou Víctor.

Alguém a dera. Agora, ele estava à frente do posto da Guarda Civil de Monteperdido e tinham

cortado a única estrada de acesso à vila sem a sua autorização.

A subinspectora Sara Campos repetiu as ordens ao agente. Deveria identificar todos os carros e passageiros que entrassem ou saíssem de Monteperdido. Revistar os porta-bagagens e as cabinas dos camiões. Não podia deixar passar ninguém, mesmo que fosse conhecido. Burgos queixou-se de a Polícia ter equacionado essa possibilidade: — Quando envergo o uniforme, sou guarda-civil até para a minha mãe — disse-lhe.

— Avisou o sargento responsável pelo comando das operações? — reagiu ela, acautelando o ataque de dignidade do agente.

— Avisei-o agora mesmo. Ficará à sua espera na entrada da vila, na estação de serviço — respondeu-lhe Burgos, ainda visivelmente contrariado.

Sara virou as costas a Burgos e dirigiu-se para o carro onde Santiago a esperava. O vento da montanha desceu, frio, e ela aconchegou-se numa *sweatshirt* preta, puxou o fecho-éclair e escondeu as mãos nos bolsos, enquanto o cabelo castanho esvoaçava, empurrado pelo ar, fazendo-a parecer um junco que resistia heroicamente às investidas do ar em campo aberto.

Quando o seu superior olhou para ela do carro, Sara não conseguiu evitar um esgar de desespero pela conversa que mantivera com o guarda-civil, como a graça de um aluno quando a professora não está a olhar.

O inspector Santiago Baín tinha o motor ligado e estava à espera de que os agentes retirassem as barreiras que cortavam a estrada para poderem retomar a viagem para Monteperdido. Podia ter resolvido tudo aquilo com uma chamada telefónica ou convocando as famílias para o hospital de Barbastro, mas preferia ver a sua reacção na vila. Tê-los cara a cara no seu ambiente: sabia que a notícia que tinha para lhes dar não era o final de nada, mas a primeira linha de uma história que ainda estava por contar.

Sara tentou acomodar-se no lugar do co-piloto, repleto de papéis e pastas. Arrumá-los era impossível, pelo que, antes de se sentar, fez uma pilha com eles e colocou-os no painel de bordo.

— Vamos lá ver se liga alguma coisa ao que lhe dizem e revista os porta-bagagens — disse com pouca esperança. — Desconfiar dos seus conterrâneos não é o seu forte.

Burgos afastou a barreira e deu passagem ao carro. O inspector Baín avançou pela estrada estreita que percorria o vale até à vila. O Sol começava a pôr-se, embora não fosse tarde. O caminho, paralelo ao rio Ésera, ficava situado entre dois grandes maciços montanhosos. O Pirenéu Central erguia-se de ambos os lados e banhava o vale de sombra. A via subia íngreme e estreitava-se nalguns troços, serpenteando montanha acima, mas longe dos cumes que rasgavam o céu. Os raios de um sol-poente infiltravam-se a espaços por entre os bosques, dando ao verde-intenso das suas folhas um reflexo rosado. Durante um instante, Sara perdeu o olhar na paisagem, em plena efervescência naquele 12 de Julho. Um veado, no alto de um penhasco, parecia olhar para o carro que passava, mas, a seguir, num movimento rápido, virou a cabeça e saltou, desaparecendo entre as árvores.

Sara sorriu e pegou na pilha de papéis que deixara sobre o painel de bordo.

— Joaquín Castán e Montserrat Grau são os pais de Lucía. Quarenta e sete e quarenta e três anos, respectivamente. Além de Lucía, têm outro filho, Quim. Andará pelos dezanove anos... Tem sido Joaquín Castán a assumir toda a actividade da Fundação...

— Já o vi na televisão uma vez — disse Santiago, sem afastar o olhar da estrada.

— A mãe de Ana chama-se Raquel Mur. É mais nova. Quarenta feitos há pouco tempo.

— E o pai?

— No processo, não figura a sua residência actual — Sara remexeu desesperadamente os papéis à procura daquele dado —, é uma desgraça. Não me admira que nunca tenham encontrado as raparigas. Não houve controlos de estrada até setenta e duas horas depois; chegaram tarde para recolher provas no cenário do rapto; quando chamaram a Polícia Científica, a chuva tinha apagado qualquer pista...

— Os pais da Ana estão separados?

— Não legalmente. Mas, de facto, sim. Álvaro Montrell foi o único que esteve detido em todo o processo. Poucos dias. Na verdade, não tinham nada em concreto. Suponho que o casamento terá ido para o galheiro.

Sara ergueu o olhar e viu que Santiago tinha posto os óculos para conduzir.

— Estás muito giro com esses óculos — disse na brincadeira.

— Quando começa a escassear a luz, vejo muito mal... O que queres que faça? Fico muito velho?

— Não mais do que já és.

— Um dia, também terás a minha idade e não vais achar graça nenhuma se uma gaiata se rir do teu presbitismo — respondeu-lhe Santiago Baín com um sorriso.

Sara ficou a olhar para o seu «chefe». As rugas moldavam-lhe o rosto, mas não era uma questão

de idade. Ou, pelo menos, não era só uma questão de idade. Já lá estavam desde que Sara o conhecia e, ao fazer uma retrospectiva, recordou que a primeira coisa em que pensou ao ver o inspector Baín e a sua cara amassada pelas rugas foi num grão-de-bico.

A estrada afundou-se sob duas montanhas enormes. Aquela zona dos Pirenéus reunia a maior concentração de cumes acima dos três mil metros, uma das circunstâncias que tinham dificultado tanto o caso. O rio Ésera corria paralelo à estrada e, ao levantar a vista dos relatórios, Sara julgou que estavam a percorrer uma via morta, que o asfalto terminaria no sopé da montanha e jamais chegariam à vila que se escondia do outro lado. O monte Albádes e o outeiro Paderna erguiam-se como duas efígies enormes, dois guardiões eternos que decidiam quem deixavam atravessar os seus muros e quem ficava de fora. Quando o carro fez a última curva, Sara viu que a estrada se embrenhava no monte Albádes através de um pequeno túnel e, como uma agulha perfura a tela num breve ponto de costura, atravessaram a montanha e, perante eles, abriu-se o «vale escondido», como lhe chamavam nos prospectos turísticos.

No horizonte, avistava o núcleo urbano de Monteperdido. Casas pretas, silenciosas, agora, após o ocaso, pontilhadas por pequenas luzes amareladas. Mais do que uma construção humana, Sara teve a sensação de que aquelas habitações eram também obra da Natureza, como as serras que as rodeavam, resultado de movimentos sísmicos e séculos de erosão.

Uma placa à beira da estrada dava nome ao estreitamento das montanhas que acabavam de atravessar: CONGOSTO DE FALL.

Ao longo da viagem, Sara não deixara de assinalar os múltiplos erros da investigação: testemunhos parciais, lentidão na resposta policial, interrogatórios mal dirigidos... Santiago Baín não ficou admirado, pois sabia como eram os guardas-civis de povoações como aquela. Já trabalhara com eles noutros casos. Eram muitos anos de carreira: quase trinta e cinco na Polícia.

No entanto, agora guardavam silêncio, coibidos pela paisagem. Passados alguns minutos, o inspector Baín decidiu quebrá-lo: — Nem sei que mal é que eu fiz — gracejou. — Habitualmente, quem conduz é o novato.

— Escolheste mal a tua colega. No dia em que tirei a carta, jurei que não voltaria a pegar num carro.

— E o que vais fazer quando eu não estiver?

— Vou a pé — respondeu Sara após uma pausa, como se tivesse encontrado a resposta certa.

À direita da estrada encontrava-se a estação de serviço que lhes tinham indicado, embora, na verdade, fosse apenas uma bomba de gasolina. O jipe da Guarda Civil estava lá estacionado. Tinha os faróis acesos e havia uma silhueta defronte. Já era noite cerrada. Santiago reteve Sara quando esta ia descer do carro.

— Desta vez, sou eu que conduzo os interrogatórios.

Sara reparou que Santiago, embora tentasse imprimir um tom fortuito ao seu comentário, como se este fosse de somenos importância, já esperava há muito o momento adequado para o proferir.

— Porquê? — perguntou ela, com a sensação de que cometera alguma argolada.

— Trata mas é de pôr tudo em pratos limpos com a Guarda Civil local. Eles que fiquem a saber quem manda aqui.

— És sempre tu a fazer o papel de melga — protestou timidamente.

— O meu corpo já deu o que tinha a dar. Ao menos uma vez, deixa-os ficar com a ideia de que sou um avozinho adorável — tentou gracejar Santiago, embora sem conseguir evitar o desconforto que se criara entre os dois.

Santiago desceu do carro. Sara esperou um segundo antes de o seguir. Viu-o avançar sob a luz dos faróis. Ele não costumava impor-lhe ordens sem mais nem menos. Podia fazê-lo, era o seu superior hierárquico, mas a relação que os unia era diferente. Como agora, Sara sabia que não havia nenhum argumento policial sob o seu mandato. Nem sequer a desculpa absurda de querer ser simpático. A Santiago não lhe interessava a simpatia de ninguém, muito menos das pessoas relacionadas com os casos. A razão era outra. A razão era ela. Santiago afastava-a da relação directa com as pessoas envolvidas no desaparecimento das raparigas como o pai muda de canal para evitar que o filho veja uma cena desagradável num filme.

— Sacana do Grão-de-Bico — murmurou Sara antes de decidir sair do carro.

O sargento Víctor Gamero viu sair os dois agentes do Serviço de Apoio à Família da Polícia Nacional. Há cinco anos, tinham sido membros especializados da Guarda Civil a conduzir a investigação. Não entendia o que fazia ali a Polícia Nacional nem por que motivo tinham cortado a estrada. O primeiro a aproximar-se dele foi um homem mais velho, vestido de fato. Guardou uns óculos no bolso interior do casaco e estendeu-lhe a mão com um sorriso amável.

— Inspector Santiago Baín, do SAF.

— Víctor Gamero, sargento responsável pelo posto de Monteperdido. O que aconteceu? Deveriam

ter-me informado, se queriam cortar a estrada.

— A bem dizer, não a cortámos. Estabelecemos apenas um controlo — explicou o inspector Baín.

— Porquê?

Santiago não respondeu e virou-se para a sua colega. Ela aproximava-se com passo firme, enquanto fazia um rabo-de-cavalo improvisado. Não era muito alta, de traços suaves. Vestia calças de ganga e uma *sweatshirt* preta que se engelhava sobre a pistola que trazia à cintura.

— Esta é a subinspectora Sara Campos — disse-lhe o polícia.

Víctor estendeu-lhe a mão e Sara demorou uns instantes a mais a apertá-la. Mal lhe dedicou um segundo, para a seguir perder o olhar na paisagem que circundava a vila.

— Queremos ver as famílias das raparigas — disse Sara.

— Aconteceu alguma coisa?

— Se estamos aqui é porque aconteceu alguma coisa, não acha? — respondeu-lhe, seca, e, sem lhe dar tempo para reagir, acrescentou: — Vamos atrás de si.

Sara deu meia-volta e dirigiu-se novamente para o carro. Víctor engoliu a raiva enquanto reparava no sorriso do inspector Baín; achou que a prepotência da sua colega parecia diverti-lo.

Víctor atravessou Monteperdido pela avenida de Posets. No espelho retrovisor, via o carro dos agentes do Serviço de Apoio à Família segui-lo. Chegou ao cruzamento com a estrada que subia para o hotel de La Guardia e apanhou o desvio para a urbanização Los Corzos. Atravessou a ponte nova sobre o Ésera. Ligara a Joaquín Castán, o pai de Lucía; a cerimónia já terminara e tinham regressado a casa. Não lhe explicou por que razão precisava de falar com eles. Pouco depois, pôs-se em contacto com o comandante em Barbastro. Segundo parecia, a decisão de ser o SAF a assumir o comando da investigação vinha de muito de cima. Pediu-lhe colaboração com os inspectores. Víctor Gamero estacionou o carro em frente às duas casas; eram as últimas da urbanização. O duplex da família de Ana confinava com o pinhal à direita e atrás. Ao lado, geminada com a anterior, encontrava-se a vivenda de Lucía.

Sara desceu do carro e olhou para as duas casas geminadas. Embora tentassem conservar o estilo das casas tradicionais de Monteperdido, com o predomínio da pedra e os tectos de xisto, não deixavam de ser um simulacro. A urbanização era de construção recente. Na casa da esquerda, havia um pequeno altar junto à porta do jardim. Uma foto de Lucía, rodeada de flores acabadas de cortar, três peluches velhos e um quadro onde se podia ler: 1745 DIAS SEM LUCÍA. Na da direita, não havia nada que a identificasse como a casa onde Ana vivera. O sargento da Guarda Civil aproximou-se de Sara.

— Reúno as duas famílias? — perguntou-lhe Víctor.

Sara viu a porta da casa de Lucía abrir. À porta, estava o pai, Joaquín Castán. Reconheceu-o pelas fotos do processo.

— Avisaste-os de que vínhamos? — Mais do que uma pergunta, era uma acusação.

— Pediu-me que os localizasse — respondeu Víctor, incomodado.

Sara fixou um olhar tenso em Víctor, e o guarda-civil reparou que era a primeira vez que ela o encarava verdadeiramente.

— Primeiro queremos falar com a mãe da Ana — disse Sara.

A seguir olhou para trás de Víctor, para o seu jipe. Ele seguiu-lhe o olhar; no lugar traseiro, via-se a silhueta de um cão.

— É o meu cão — explicou Víctor. — Ele também não podia saber nada? Porque nos ouviu falar na estação de serviço.

Sara esboçou um sorriso, mas apagou-o logo que pôde. O olhar de Santiago, ao aproximar-se deles, fez-lhe lembrar o seu papel. Desta vez, tinha de ser a má da fita e teve a sensação de estar a interpretar um cliché, um modelo de polícia que só existia na ficção. Depois, Sara afastou-se rumo a casa de Raquel Mur, para o guarda-civil não reparar na sua insegurança. Antes de chegar, Santiago autorizara-a a dar a notícia. Não era destas situações que ele a queria afastar.

— A partir de agora, é melhor partilhar connosco qualquer decisão que queira tomar. Temos de ir ao pormenor. Está a perceber, não está? — E Santiago Baín pôs uma mão conciliadora no ombro de Víctor. Era jovem para ser o sargento do posto e esperava que não fosse difícil tê-lo do seu lado.

*

Raquel Mur abriu a porta de casa e, ao encontrar Sara do outro lado, abotoou, contrariada, a camisa que trazia vestida e que deixava ver boa parte do seu decote. Era azul, aos quadrados, um modelo masculino que lhe chegava até às coxas e deixava à mostra as suas pernas nuas. Era evidente que não esperava receber estranhos.

— Sara Campos, subinspectora do Serviço de Apoio à Família. Podemos entrar? — apresentou-se, mostrando-lhe a sua identificação.

Encarou os pés nus da mãe de Ana, como pisavam quase a medo o chão de madeira a caminho da sala. Depois de Sara, entraram Santiago Baín e o sargento da Guarda Civil. Raquel estava desnorteada e os seus olhos castanhos procuraram os de Víctor à espera de uma explicação. Tremeram-lhe as pernas quando se sentou no sofá. Que perguntas podia estar a fazer a si própria aquela mulher que perdera a filha há cinco anos?, pensou Sara. Não quis prolongar a sua angústia. Sentou-se numa mesa de centro diante do sofá e pegou-lhe nas mãos. Olhou para Raquel com um sorriso.

— Poucas vezes temos a sorte de dar notícias como esta — disse-lhe Sara. — Encontrámos a Ana.

Raquel Mur teve a sensação de que o ar congelava no seu interior, como se, de repente, todo o corpo encolhesse. Sentiu uma contracção dolorosa na garganta e agarrou-se ainda com mais força à polícia.

— Ela está bem — acrescentou Sara.

O calor das lágrimas inundou-lhe os olhos. Muda, Raquel sentiu uma espécie de sorriso a cavar-lhe o rosto. Levou as mãos à boca. Quis dizer mil e uma coisas, mas só conseguiu chorar.

Víctor Gamero acompanhou Raquel a um carro. Trazia as mesmas calças de ganga e a *T-shirt* que, apenas umas horas antes, envergara na cerimónia do adro da igreja, e caminhava nervosa, retrocedendo alguns passos, como se se tivesse esquecido de alguma coisa em casa, e voltava a avançar, decidida. Então deteve-se de repente, como se lhe tivesse acabado de vir à mente a imagem do que esquecera. Olhou para a casa de Montserrat e murmurou ao sargento: — Tenho de ir contar a Montserrat.

— Os polícias vão falar com eles — disse-lhe Víctor Gamero enquanto a obrigava suavemente a virar-se de costas para a casa.

Atrás da enorme janela que dava para o jardim da frente da casa, pôde ver a silhueta de Montserrat. A mãe de Lucía já devia ter percebido que não os esperavam boas notícias. O seu marido, Joaquín Castán, continuava à espera, à porta de casa, sem se decidir a pisar o jardim.

Santiago Baín e Sara Campos passaram em silêncio, seguidos por Joaquín. Montserrat, na sala, limpou as mãos, nervosa, com um pano de cozinha no qual parecia apoiar-se e que não abandonou até Joaquín lhe pedir que se sentasse junto a ele no sofá. As paredes eram um altar em memória da filha perdida; o sorriso de Lucía repetia-se em dezenas de fotografias que também mostravam o seu crescimento, desde a altura em que era bebé até aos onze anos, idade com que desapareceu.

— Esta manhã, na estrada, a cerca de sessenta quilómetros para sul, encontraram um carro acidentado. Tinha-se despenhado por um barranco — explicou-lhes o inspector Baín pouco depois. — Alguém telefonou a avisar os serviços de emergência médica, que mandaram deslocar um helicóptero de Barbastro. A zona onde caíra o carro era inacessível a pé. Quando chegaram, o condutor, um homem na casa dos cinquenta, já estava morto. Terá certamente tido morte imediata, devido ao impacto, mas estamos à espera dos dados da autópsia para o confirmar. Também havia uma rapariga. Estava inconsciente, mas sem ferimentos graves. Transferiram-na para o hospital de Barbastro e foi ali que procederam à sua identificação. Não trazia qualquer documento pessoal, mas as suas impressões digitais estavam registadas. Era Ana Montrell. Foi então que a minha colega e eu nos deslocámos ao hospital.

— E a minha filha? — murmurou Montserrat.

— No carro não havia mais ninguém.

— E se ela se tiver afastado do carro? E se estiver nas redondezas?

— Ordenámos várias passagens com o helicóptero para descartar essa possibilidade — interveio Sara.

— Está morta — atalhou Montserrat, incapaz de encontrar outra explicação para o aparecimento de Ana.

— Não temos nada que nos faça supor que assim seja — sossegou-a Santiago, pegando-lhe nas mãos com força. — Sei que é duro, mas não se deixem abater. Há muito tempo que andam à procura da sua filha e, nestes cinco anos, nunca estivemos tão perto.

— Quem era o homem? — perguntou a seco Joaquín, que se mantivera direito e quase imóvel no sofá, como o veado que Sara vira no penhasco, escutando com atenção cada uma das palavras proferidas pelos polícias.

— Ainda não o identificámos. Os serviços de emergência deram prioridade ao resgate da rapariga. Amanhã, bem cedo, regressarão ao local para retirar o corpo do homem e tentar içar o carro...

Joaquín Castán guardou silêncio durante uns segundos. Montserrat continuava a chorar ao seu lado, Santiago não lhe soltara as mãos. Sara viu Joaquín a olhar para as mãos do polícia sobre as da sua mulher antes de lhes perguntar: — Esse homem do carro, foi ele quem levou a minha filha?

Era o que suspeitavam os polícias. No entanto, fora impossível ter acesso ao corpo do homem,

preso entre os ferros do carro. Iam retomar as tarefas de manhã bem cedo. O carro não tinha matrícula e, para poder fazer um rastreio da viatura, Sara precisava de obter o número do *chassis*. Algo que não poderia fazer até retirarem o carro do barranco.

— Vou acompanhar a mãe da Ana ao hospital — disse Santiago a Sara quando saíram da casa dos pais de Lucía. — Pede ao sargento Gamero que te leve ao posto da Guarda Civil, a ver se pode ceder-nos um gabinete. E procura um sítio para dormirmos. Amanhã temos de estar a funcionar a cem por cento.

No fim da rua principal, onde as casas de Monteperdido terminavam e começava a estrada que subia para as montanhas, ficava situada a estalagem La Renclusa. Víctor dissera-lhe que era a que tinha melhores quartos na vila. Os hotéis de quatro ou cinco estrelas ficavam em Posets ou até mais acima, onde terminava a estrada. Uma rapariga de gestos nervosos e traços de pássaro guiou-os ao segundo piso. Descreveu-lhe atabalhoadamente os serviços da estalagem, o horário das refeições, mas Sara não prestava atenção às suas palavras. Fixou-se na rapariga, muito jovem, com pouco mais de dezoito anos, na sua fragilidade, como a de uma boneca de porcelana que pode partir-se a qualquer momento. Chamava-se Elisa e estava a abrir a janela de um dos quartos, orientado para nordeste. Contava-lhe como eram espectaculares os amanheceres vistos daquela janela, quando o Sol nascia por cima do monte Ármos. Apesar de trazer roupa folgada, como se não quisesse mostrar as verdadeiras formas do seu corpo, Elisa era bonita. Uma beleza que a sua dona tentava esconder.

— Quer que lhe prepare alguma coisa para jantar? — perguntou-lhe.

— Não, obrigada, meu amor — respondeu-lhe Sara —, só preciso da chave dos dois quartos. — A seguir, percorreu com o olhar a camisa de manga comprida de Elisa, o casaco de malha que lhe ficava largo nos ombros, e perguntou com um sorriso: — Aqui costuma estar frio?

— As noites são frescas. Mas, nesta altura de Julho, a temperatura não costuma descer dos vinte graus — disse ela, ligeiramente sobressaltada, até que reparou na forma como a Polícia analisava a sua roupa e acrescentou, nervosa: — Eu é que sou um bocado friorenta.

— Vestir o tamanho acima não agasalha mais — gracejou Sara.

O inspector Santiago Baín conduzia em silêncio, deslizando pela noite, estrada abaixo, rumo a Barbastro. Raquel, sentada ao seu lado, tinha a cabeça virada para a janela. Não dissera uma palavra desde que entraram no carro. Também não sabia o que havia de dizer. Centenas de recordações debatiam-se na sua memória, como uma legião de crianças a tentar sair por uma porta demasiado estreita.

Retirara da igreja a fotografia da sua filha há muito pouco tempo: duas, três horas? Raquel recordou que, quando a guardava no porta-bagagens da carrinha de Joaquín, achou que estava farta daquelas cerimónias. De continuar a reviver, vezes sem conta, a dor da perda e que, se tivesse tomado a palavra, só teria reivindicado o seu direito de andar para a frente, de aceitar e ultrapassar esta desgraça, que já se espalhava como uma nódoa de óleo há quase cinco anos.

Mas jamais se permitira expressar tais sentimentos em voz alta. Nem sequer a Ismael, embora ele já se tivesse apercebido de que ela não queria continuar a participar na Fundação. Era uma conversa que tinha pendente com os pais de Lucía e à qual Joaquín, no seu entender, não reagiria bem.

«Sonhaste que achavas o cadáver da tua filha», pensava Raquel no carro, agora, rumo a Barbastro, rumo a Ana.

Porque não tivera a força, a coragem, dos pais de Lucía? Graças a eles, ninguém esquecera o nome das raparigas. O que teria acontecido se não os tivesse tido ao seu lado? Sobretudo ao início, quando a investigação se centrou no seu marido.

Mais recordações, relâmpagos na memória, de dias que lhe pareciam confusos, como se fossem imagens mal focadas, fragmentos de um filme sem sentido. Ao desaparecimento de Ana, ao pânico decorrente do mesmo, seguiu-se a detenção de Álvaro. O transtorno de olhar para o marido como se fosse um estranho. A suspeita de que ele podia ter feito mal à própria filha. Mais tarde, como uma maré que se retira e que, ao fazê-lo, transforma a praia e deixa a descoberto as pedras que se escondiam sob a areia, as acusações contra Álvaro foram-se afastando, embora já nada voltasse a ser o mesmo entre eles.

E, agora, Ana. No hospital de Barbastro, à espera dela. Passados cinco anos.

Um tempo durante o qual Raquel tentara reconstruir-se. Peça a peça, como um *puzzle* que cai da mesa e que, com paciência, é preciso voltar a montar. Ismael Calella fora fundamental nessa tarefa. Chegou a Monteperdido quando o desaparecimento das raparigas era ainda recente — quando é que o desaparecimento de Ana deixou de ser considerado «recente»? Álvaro tinha partido e ela sentia-se incapaz de retomar o trabalho, a empresa de remodelações que, com tanto entusiasmo, começara escassos meses antes de tudo vir ao de cima. Ismael ofereceu-se para trabalhar como carpinteiro a ganhar à comissão. Era oito anos mais novo do que ela, tinha o dinamismo que lhe faltava.

Conseguiu que fossem retomadas as encomendas de trabalhos de remodelação e, com elas, ao lado da juventude de Ismael, reencontrou aquela sensação de rotina de que tanto precisava.

Quando se despediu dele no adro da igreja, depois da cerimónia, sussurrou-lhe ao ouvido: «Lá te espero em casa.» Tinham dormido juntos pela primeira vez há poucas semanas. Por vezes, parecia-lhe por demais evidente que procurara em Ismael o oposto do seu marido, de quem tinha vergonha. Por que razão continuava a chamar a Álvaro «o seu marido»?

Era de Ismael que estava à espera quando os polícias lhe bateram à porta. Nua sob uma das suas velhas camisas, com dois copos de vinho servidos na cozinha e um cigarro apoiado no cinzeiro, já consumido, como reparou agora.

Abriu a porta e Ana regressou.

Ia ao seu encontro, estrada abaixo.

Víctor conduzia em silêncio para o posto da Guarda Civil. No banco traseiro, o seu cão, um *husky* de sete anos, respirava agitado. Ao seu lado, Sara tentava pôr alguma ordem na pilha de papéis do processo enquanto escrevinhava nas margens. Víctor observou-a dissimuladamente. Tinha o olhar enfiado nos papéis como se estes fossem um poço e a mão desenhava traços firmes com o lápis. Na estação de serviço, pareceu-lhe prepotente, mas surpreendera-o a forma como tratava Raquel e, sobretudo, Elisa. Bastaram-lhe uns segundos para ir além da primeira impressão, entrever a personalidade de Elisa e estabelecer um laço de confiança com ela. Era possível que a reconhecesse do processo das raparigas, embora tivessem passado muitos anos e Elisa já não fosse a adolescente de então.

— Suponho que conheces estas estradas como a palma da tua mão, mas ficava mais descansada se, de vez em quando, olhasses para a frente — disse Sara, sem afastar os olhos dos papéis.

Víctor voltou a olhar em frente; esperava que ela não tivesse notado o seu rubor. O posto da Guarda Civil era novo. Tinha sido inaugurado há dois anos na estrada da escola.

— Como se chama? — perguntou Sara quando estacionaram.

— Víctor — respondeu ele, incomodado.

— Não és tu. O cão.

— *Nieve*. Gostas de cães?

— Nem por isso, para ser sincera — disse Sara, saindo do carro sem confessar o medo irracional que lhe provocavam e o que aguentara em silêncio durante toda a viagem. Primeiro, no trajecto para a estalagem; a seguir, até à esquadra, e sempre a sentir a respiração do animal na sua nuca.

Ouviu Víctor suspirar no interior do jipe antes de sair. Depois de abrir a parte de trás e deixar *Nieve* sair para o estacionamento, seguiu-a em direcção à esquadra.

— Vem connosco? — perguntou Sara sem deixar de olhar para o cão, que corria livremente.

— Tem calma. Ele fica lá fora.

Raquel avançou, nervosa, pelo corredor do hospital. As enfermeiras murmuravam à sua passagem. Um médico abriu-lhe uma porta e indicou-lhe o caminho. Santiago Baín seguiu-a até aos Cuidados Intensivos, onde Ana estava internada. Quando chegou ao quarto com uma parede envidraçada, Raquel sentiu as pernas fraquejarem. O inspector Baín evitou que caísse ao chão segurando-a por um braço.

— Mantemo-la sedada — informou-a o médico. — Sofreu uma lesão cerebral. Esperamos que não se agrave. Pelo sim pelo não, vamos mantê-la em observação mais um dia, para o caso de surgirem complicações...

Raquel voltou-se para Santiago, nervosa.

— Posso tocar-lhe...?

O olhar do polícia encontrou a cumplicidade do médico, que abriu a porta do quarto. Raquel entrou e deu uns passos inseguros em direcção à cama. Seria mesmo ela? Considerara impossível este momento, eliminara-o de todos os seus sonhos e agora, por isso mesmo, parecia-lhe pairar num ambiente irreal. Seria ela? Seria Ana?

Ficou a contemplá-la durante uns segundos, não se atrevia a tocar-lhe. Tinha medo de o fazer. Receava que, ao tocá-la, se pudesse quebrar o feitiço e a sua filha se esfumasse. Com ela, desapareceria a cama de hospital, o quarto e os polícias. Raquel despertaria a suar na sua cama e, então, aperceber-se-ia de que tudo aquilo não passava de um sonho. De uma mentira.

Mas Ana não se desvaneceu quando a mãe pôs a sua mão sobre a dela. Raquel pegou-lhe com força, como se quisesse evitar que fugisse. Sentiu o seu calor. A seguir, as suas mãos começaram a percorrer-lhe todo o corpo, tocou-lhe nos braços, cheios de arranhadelas, e nos ombros, até chegar ao rosto. Tinham passado cinco anos e Ana já não era a criança que desaparecera. Agora tinha dezasseis anos e o seu rosto mudara: mais alongado, os lábios carnudos, a pele branca. Era quase uma mulher.

— Alguém falou com ela? Contou alguma coisa? — perguntou Raquel, entre lágrimas.

— Ainda não — respondeu Santiago.

Víctor Gamero esvaziou uma estante do gabinete. Era uma sala destinada a albergar mais agentes da Polícia, mas, como nunca chegaram a Monteperdido, tornara-se uma espécie de armazém. O sargento disse-lhe que contava com nove agentes, mais os quatro do Grupo de Resgate e Intervenção na Montanha, que estavam sob o comando do cabo Sanmartín. No entanto, duvidava de que Sara pudesse contar com eles. O GREIM[1] mal conseguia atender os avisos de forasteiros que decidiam embrenhar-se na montanha sem tomar as precauções necessárias.

— Terão de estabelecer prioridades no seu trabalho — disse-lhe Sara.

— Vocês estão no comando das operações — concedeu Víctor, embora não esperasse receber ordens dos inspectores do SAF que não estivessem relacionadas com o caso das raparigas.

Na sala havia duas mesas e uma janela enorme. A noite impedia-os de ver o pinhal que bordejava a estrada da escola, o lugar onde tinham desaparecido as raparigas. Sara deixou cair todos os seus papéis numa das secretárias.

— Precisam de mais alguma coisa? — perguntou Víctor.

— As chaves do edifício e um computador.

— Amanhã peço para te instalarem um — disse-lhe enquanto lhe entregava um molho de chaves do posto. Víctor falava sem pressa, como quem sai para dar um passeio pelo campo.

— Às seis e meia, vemo-nos à porta da estalagem. Tens de levar-me bem cedo ao lugar onde encontraram a rapariga.

— Posso arranjar-te um carro.

— Prefiro que me vás buscar — murmurou Sara. A seguir, ergueu o olhar para o guarda-civil. — Se fizermos bem as coisas, também encontraremos Lucía.

— Aqui fazemos sempre bem as coisas — respondeu Víctor, um pouco tenso. — Posso ir-me embora ou queres que te leve à estalagem?

— Eu volto a pé. A vila não tem mais de quatro ruas. Acho que não me vou perder.

Víctor sorriu-lhe e saiu do gabinete. A sua forma de se mexer, de falar, sem a urgência que transparecia em cada uma das palavras de Sara, agradou-lhe. Fez-lhe lembrar um daqueles xerifes dos filmes do Oeste, sentado no seu *Porsche*, com a espingarda numa mão e um cigarro a consumir-se nos lábios enquanto o Sol se põe no horizonte da planície. Ela vivia a um ritmo diferente, arrastada pela velocidade das investigações; ele avançava ao ritmo da Natureza. Talvez, num lugar como Monteperdido, fosse o mais adequado.

Sara ainda sorria quando Víctor regressou ao gabinete com um prato pequeno e o colocou sobre a mesa. Era um pedaço de pão-de-ló cor de canela, sobre uma cama constituída por uma espécie de líquido amarelo.

— *Candimus* — explicou o sargento. — A namorada de um dos agentes é pasteleira. É a sobremesa típica desta terra: pão-de-ló e leite-creme. Encomendei um para a Ana quando soube que tinha aparecido, para lho levar — acrescentou. — Mas, como de momento vai ficar no hospital, é melhor sermos nós a comê-lo, para não se estragar. Fazemos-lhe outro quando vier para casa.

— Obrigada — respondeu Sara, um pouco atrapalhada.

— É de caramelo e limão; é delicioso, vais ver.

Quando Víctor foi embora, Sara olhou para o bocado de *candimus*. Havia algumas letras de caramelo líquido, parte da mensagem que supunha terem escrito no bolo: VIN. Provavelmente, um fragmento de BEM-VINDA.

Sara suspirou. Mostrou-se empertigada quando o guarda-civil de Monteperdido a convidou a provar o pão-de-ló. Mergulhou um dedo no leite-creme, molhou-o e levou-o aos lábios. Estava delicioso.

Santiago Baín esperou que a máquina de café da sala de espera acabasse de preparar o garoto que Raquel lhe pedira. Ela queria ficar ao lado da filha, mas o médico insistiu que era melhor deixá-la sozinha. Antes de chegar à sala de espera, Santiago pressionara o médico, que levava consigo para um quarto vago. Queria falar com Ana quanto antes. Precisava de saber o que acontecera, mas o médico recusara-se a acelerar o processo.

— A vida de outra rapariga depende dessa decisão — ameaçou-o Santiago.

— Agora, o que importa é cuidar de Ana. E não vou correr nenhum risco.

Seria uma crueldade muito grande se Raquel recuperasse a filha para a perder em seguida. Santiago sabia que devia esperar. O testemunho de Ana viria a seu tempo. Enquanto isso, não iam ficar parados. No carro podia haver mais indícios, e queria ir à procura deles logo de manhãzinha.

— Quem encontrou o carro? — perguntou Raquel quando Santiago lhe deu o café.

— Um habitante de Posets. Regressava de Barbastro quando o fumo lhe chamou a atenção. Ao princípio, julgou que podia ser um incêndio, até que viu o carro.

— Gostaria de o conhecer... de lhe agradecer... Se não o tivesse visto...

— É melhor nem pensarmos no que poderia ter acontecido. Ana está aqui, e só isso é que interessa — sossegou-a Santiago.

O silêncio do hospital foi interrompido por uns passos lesto, quase em ritmo de corrida. Alguém se aproximava deles; dobrou a esquina do corredor e deteve-se na sala de espera, recuperando o fôlego. Raquel, atropalhada, ergueu-se quando o viu.

— Álvaro, o que estás aqui a fazer?

Há quase quatro anos que não via o marido.

Sara esticou-se na cadeira. Doíam-lhe as costas. Tinham saído de Madrid de manhã e não parara um segundo desde então. O relógio marcava as quatro da madrugada e, em cima da secretária, continuava a ter o mesmo caos de papéis: folhas cheias de anotações e sublinhados, rabiscos nas margens. Ergueu-se, pegou nas chaves que o sargento Víctor Gamero lhe entregara, voltou a apertar o cinto da pistola que deixara pendurada nas costas da cadeira e saiu para a rua.

Descia um vento frio das montanhas, um vento que lhe fez sentir a falta de mais agasalhos além da *sweatshirt* que envergava. Antes de se dirigir para a estalagem, olhou para o pinhal do outro lado da estrada. Atravessou-a e, durante um momento, teve a tentação de se embrenhar no arvoredor, embora soubesse que era absurdo. Não havia luz, não havia nada naquela mata que pudesse falar-lhe de Lucía.

Aquela rapariga era a sua prioridade. Se o homem que conduzia o carro era o mesmo que as raptara, era possível que Lucía estivesse ainda encerrada nalgum sítio: não sabia em que condições nem quanto tempo poderia aguentar sozinha.

Monteperdido estava em silêncio. O rumor do rio, o ruído de ramos agitados pelo vento e dos seus passos na estrada era tudo o que conseguia ouvir. Sabia que naquela noite não conseguiria dormir, mas um duche e algumas horas deitada na cama poderiam relaxá-la.

A estrada subia para a ponte que atravessava o rio; do outro lado do leito, encontrava-se a maior parte das casas da vila. Ia caminhando junto ao pinhal quando uns ruídos lhe chamaram a atenção. Olhou por entre as árvores. A escuridão era tão densa que parecia estar viva. Algo se mexeu, revolvendo a terra. Tentou afastar o olhar da mata, retomar o caminho para a estalagem. Procurou a segurança do punho da sua arma. Levantou a patilha de segurança e sentiu-se estúpida por sofrer aquele ataque de medo. «É do cansaço», disse para consigo. «É este lugar, pensar no que pode ter acontecido a Lucía.» «É isso», repetia, era isso que lhe causava aquele desassossego. «É isso que Santiago tenta evitar afastando-me dos interrogatórios.»

De repente, uma sombra saiu a correr do pinhal e saltou para ela. Quando Sara se virou, já o animal estava em cima dela. Num acto reflexo, puxou da pistola e disparou. O sangue voou como uma pincelada vermelha contra a noite. O cão caiu ao chão com um uivo. Ainda com a pistola na mão, Sara olhou para o cão ferido, que gemia. O disparo abrira-lhe uma ferida na ilhargia. Sara aproximou-se do animal. Era Nieve, o cão de Víctor.

— Foda-se — disse para consigo.

Os polícias que vigiavam a entrada do hospital tinham ordens para impedir a passagem a toda a gente. Mesmo a ele, a Joaquín Castán, o pai de Lucía. Sentira-se como uma fera enjaulada quando os agentes do SAF abandonaram a sua casa. Há anos que esperavam um milagre, mas não este milagre. Embora não tivesse dito nada, sabia o que a sua mulher perguntava a si própria: porquê Ana? Porque não Lucía? Deus não só não quisera curar a sua ferida como agora lhes metia o dedo na mesma, esgaravando ainda mais fundo.

— Vou ao hospital — disse-lhe então Joaquín. — Vens?

Montserrat só teve forças para negar com um leve movimento da cabeça.

— Queres que ligue ao teu irmão? — perguntou-lhe Joaquín. — Posso pedir a Rafael que passe por aqui. — Ela voltou a negar. Só queria estar sozinha. — Ficas bem? — perguntou-lhe, antes de sair.

— Como é que posso ficar bem? — murmurou Montserrat.

Joaquín falara com Víctor, mas o guarda-civil não lhe deu nenhuma solução. Não podia fazer nada, eram os agentes do SAF que estavam no comando das operações. Para que tinha ido até ao hospital de Barbastro? Ponderava regressar a Monteperdido e esperar até à manhã seguinte. Sabia que Montserrat estaria às voltas na cama, a tentar dormir sem êxito, pensando que, da próxima vez que vissem Lucía, ela já seria um cadáver.

Joaquín viu Raquel a sair do hospital. Ela sentou-se junto à porta e puxou de um maço de tabaco, mas estava vazio. Atirou-o para o chão. Pouco depois, viu o polícia que tinha ido a sua casa, o inspector Santiago Baín, e, atrás dele, Álvaro: a sua figura magra, o cabelo liso e grisalho, apesar de ser ainda jovem; sobre o rosto, uma mão a afastar a franja, como tantas vezes o tinha visto fazer. Fechou o carro, batendo a porta ao sair. Queria que reparasse na sua presença.

O inspector Baín viu aproximar-se Joaquín Castán e reparou que Álvaro se mostrava incomodado.

O pai de Ana não sabia se havia de retroceder ou ficar onde estava, à espera da chegada de Joaquín, que avançava com largas passadas; era alto, devia ter cerca de um metro e noventa, e forte. Apesar da idade e da roupa, adivinhava-se um corpo que conservava a altivez da juventude.

— Avisaram-te? — gritou-lhe Joaquín Castán antes de chegar perto deles.

— Joaquín, por favor... — tentou intervir Raquel, levantando-se.

— Como é que chegaste tão cedo? — insistiu Joaquín, agressivo.

Santiago manteve-se à margem. Tal como Sara, lera o processo na viagem, não era preciso decifrar nas entrelinhas para descobrir a aversão entre os pais das raparigas desaparecidas. Joaquín apresentara várias queixas, reclamando a detenção de Álvaro.

— Recebi um telefonema de Gaizka. Foi ele quem viu o carro... — respondeu Álvaro com firmeza. Decidira não dar um passo atrás, demonstrar a Joaquín que ele não o intimidava.

— Não devias andar por aí? Pensei que tinhas bazado da vila...

Álvaro não respondeu. Com o seu silêncio queria deixar bem vincado que não se deixaria abalar. Podia fechar portas, que Joaquín não as abria nem a pontapé. O pai de Lucía virou-se para Santiago, nervoso.

— O que disse a rapariga? — E a pergunta soou como uma reprimenda.

— Continua a dormir, sedada. Assim que haja alguma novidade, será o primeiro a saber — sossegou-o o inspector.

— Nessa altura, se calhar, já será tarde.

Pouco a pouco, a raiva de Joaquín dava lugar à dor.

— Joaquín, se Ana regressou, Lucía também poderá fazê-lo — fez-lhe ver Álvaro, dando alguns passos na sua direcção.

A contenda, mil vezes repetida no passado, tinha um claro vencedor. Um vencedor estranho, como se um pequeno animal pudesse vencer o dono da montanha. Álvaro deixou cair a sua mão no ombro de Joaquín, mais parecendo perdoar-lhe do que tentar animá-lo, mas Joaquín remexeu-se com violência e pegou na camisa de Álvaro.

— Não me toques — ameaçou-o Joaquín, erguendo o punho direito. Santiago interpôs-se, mas não foi necessário fazer mais do que isso. Joaquín soltou Álvaro com um empurrão. Respirou fundo e olhou para o polícia.

— Espero que o mantenha longe da rapariga.

— Acha que há motivos para tanto? — perguntou-lhe o inspector.

— Ana tem de contar a verdade. Ainda não sabemos o que se passou com a minha filha.

— Há-de contar — garantiu-lhe Santiago. — Contará tudo o que sabe.

Joaquín Castán virou-lhes as costas e voltou para o carro. Saiu do estacionamento do hospital. À noite, o regresso a Monteperdido podia demorar mais de duas horas. Duas horas durante as quais manteria os dentes cerrados. Não se deixaria abater. Agora não.

*

Um segurança dera um cigarro a Raquel. O fumo do tabaco confundia-se com o seu bafo. Começara a fazer frio. Santiago sentou-se ao lado de Álvaro num banco, a uns metros da sua mulher. Tinha os olhos azuis cravados no chão e ainda não o tinha visto sorrir. Os seus traços alongados, o branco-níveo do cabelo, os olhos gelados.

— Está bem? — perguntou-lhe Santiago.

— Não sei — murmurou Álvaro. — Sim, claro que sim... Já lá vão tantos anos que custa a crer que o pesadelo tenha terminado.

Álvaro tentou esboçar um sorriso, mas ficou-se por um esgar. Santiago deu-lhe umas palmadinhas na coxa e deitou-se para trás com um suspiro. Compreendia os sentimentos contraditórios dos pais de Ana; a alegria não conseguia irromper, a sua filha continuava inconsciente. O que encontrariam quando acordasse? Que histórias lhes contaria? Parecia-lhe que a madrugada nas redondezas de um hospital tinha sempre um aroma desagradável a velório.

— Esperemos que, ao longo do dia, seja possível falar com a sua filha. Precisamos de saber quem lhes fez isto... e o que se passou com Lucía.

O polícia queria mostrar-se próximo. As rugas do seu rosto eram as marcas de todas as confissões que escutara.

— Examinaram-na? — perguntou Álvaro, com medo.

— Está perfeitamente bem, se é isso que está a perguntar.

Santiago não tinha a certeza se Álvaro se sentia aliviado ou se havia algum medo escondido na sua pergunta. Medo do que pudessem descobrir nesse exame ou do que a filha pudessem contar.

A campainha despertou Víctor. Ergueu-se desorientado. Olhou pela janela: ainda era de noite. Acendeu o candeeiro da entrada e esperou uns segundos antes de abrir enquanto os seus olhos se

habitavam à luz. Voltou a ouvir-se a campainha. Víctor abriu e viu Sara com *Nieve* ao colo.

— Lamento imenso — disse-lhe.

— O que aconteceu? — perguntou Víctor.

— Atirou-se para cima de mim quando eu ia para a estalagem...

Víctor viu então o sangue que manchava as mãos de Sara. Tirou-lhe *Nieve* dos braços. O cão gemia, cansado e cheiro de dores.

— O que lhe fizeste? — gritou ele a Sara.

— Juro-te que me saltou para cima... nem sequer sabia o que era... Não teria disparado se tivesse visto que era o teu cão.

— Deste-lhe um tiro?

— Se calhar ainda se pode fazer alguma coisa — tentou desculpar-se Sara.

Víctor procurou a ferida do cão. Murmurou um «merda» entredentes e procurou o telemóvel. Marcou um número. Sara, à porta, não se decidia a entrar na casa. Ele mantinha o cão abraçado junto à *T-shirt* branca que usava como pijama, agora tingida de vermelho.

— Lamento imenso, a sério.

— Nicolás, desculpa ter-te acordado... é o Víctor — disse ao telefone. — Tens de vir a minha casa. É o *Nieve*, deram-lhe um tiro... estou a tentar estancar a hemorragia, mas despacha-te.

Víctor desligou e viu que Sara ainda estava à porta.

— Baza daqui — gritou, fechando-lhe a porta na cara.

Como é que ia conseguir dormir? Ao chegar à estalagem, Sara deteve-se na máquina de cafés da Recepção. Enfiou uma moeda e esperou que a máquina lhe preparasse o copo. À direita, uma porta dava acesso às escadas que subiam para os quartos, junto ao balcão da Recepção. À esquerda, ficava o refeitório e uma pequena sala de estar. Queimando os dedos com o café acabado de fazer, passou à sala de estar. Havia uns sofás e umas poltronas à volta de mesas baixas, e duas camilhas, junto às janelas, rodeadas de cadeiras. A polícia avançou até uma mesa situada no canto da sala. Estava às escuras e a única luz provinha da noite de Monteperdido, azul e ténue. Olhou para o seu café. Estava a ferver, quase a borbulhar. Sentiu o estômago fechar-se quando olhou para a bebida e a afastou. Até o cheiro lhe desagradava. Só lhe apetecia chorar.

Ouviu um ruído que a fez olhar para o interior da sala: o ranger da pele de um sofá. Na escuridão, conseguiu antever um vulto escuro que mudava de posição num dos sofás, como se tivesse sido descoberto numa atitude indecorosa. A sua voz, rasgada e roufenha, chegou-lhe antes da respectiva imagem.

— Insónias?

Em seguida, o vulto escuro acendeu um pequeno candeeiro que havia ao seu lado, e o abajur verde, ao iluminá-la, revelou ser uma mulher que lhe falava sentada no sofá. Andaria na casa dos sessenta, cabelo castanho ondulado, compactado num dos lados, embora agora ela enfiasse os dedos debaixo dos caracóis a ver se recuperava o volume. Tinha uma cara redonda, moldada, como se fosse de plasticina. Os seus olhos sobressaíam, enquadrados pelas sombras que o pequeno candeeiro desenhava em redor deles. A sua cara e o tom esverdeado que a luz pintava na pele fizeram-na pensar num sapo. Um sapo sábio e bondoso, como os dos contos.

— Posso? — perguntou a mulher e, com um gesto, pediu autorização para se sentar junto de Sara.

A polícia ergueu-se na cadeira e pegou no seu copo de café, como se arranjasse espaço para a mulher poder juntar-se a ela. Em pé, a sua altura era pouco maior da que tinha sentada. Arrastando os pés, atravessou a sala em direcção à mesa de Sara. Tinha as pernas e os braços extremamente curtos, como se não tivesse articulações. Nem joelhos nem cotovelos. O seu movimento, um ligeiro cambalear ao caminhar, acentuava essa sensação. Parecia estar enfiada num velho fato de mergulho. Ao chegar à mesa, deu um saltinho para subir para a cadeira. Os seus pés, que imaginava rechonchudos nos ténis pequenos, ficaram pendurados no ar. Deixou sobre a mesa uma garrafa de plástico, cheia de um líquido vermelho, que Sara não conseguiu adivinhar o que poderia ser. Bufou. Parecia que o pequeno passeio e o acto de se sentar lhe tinham exigido um grande esforço.

— Merda das insónias — lançou com voz de fumadora impenitente. — Todas as noites é a mesma treta. Visto a camisa de dormir, bebo o meu copo de leite, enfio-me na cama. Dou voltas até me começarem a doer as costas, levanto-me, visto o meu fato de treino e que se lixe. Mais um dia sem dormir. Já agora, chamo-me Caridad.

Estendeu-lhe o seu pequeno braço para lhe apertar a mão. Sara esticou o seu para alcançar a mãozinha dela do outro lado da mesa e sorriu-lhe. Entendia perfeitamente aquele medo de enfrentar as horas de sono. Foi então que reparou que a mulher envergava um fato de treino fora de moda. Restos de alguma colecção dos anos 80. Cor-de-rosa-velho e cinzento, sem forma, acolchoava ainda mais a figura de Caridad.

— Vivo ali em frente — disse Caridad, apontando com a cabeça para a janela. — Umas noites, dou uns passeios pela vila até amanhecer e, outras, venho até aqui. Os sofás são confortáveis e doem-me menos as costas. Elisa não se importa, porque, quando o primeiro hóspede se levanta, já cá não estou. E tu? Não te vais apresentar? Até parece que estou a falar com um fantasma, bolas.

— Sim, peço desculpa... — respondeu-lhe, ainda um pouco desorientada. — Sara Campos, subinspectora da Polícia.

— Eu também tenho apelido, sabes? Caridad Até Aos Ovários das Insónias. — E soltou uma gargalhada que soou como um trovão no meio do silêncio da noite. — Peço desculpa — disse a seguir, contendo o riso. — A falta de sono é que me faz dizer tantos disparates.

— Esteja descansada, não faz mal — sossegou-a Sara com um sorriso.

— Mataste alguém? Ou és tu a morta?

Caridad lançou um olhar para a *sweatshirt* de Sara, que reparou então na mancha de sangue ressequido que lhe ocupava o peito. O sangue de *Nieve*.

— Não... bom, acho que não... — disse Sara, temendo que, àquela hora, o cão já estivesse morto. — Tive um acidente.

— Estás ferida? Queres que dê uma olhadela? Sou auxiliar médica. E pedologista, mas não tens problema nenhum nos pés, pois não?

— Não estou ferida... — disse ela, tocando no sangue. Era uma massa rígida, já nem sequer manchava.

— Falta-nos ver o outro, não é? — E uma nova gargalhada de Caridad sacudiu o silêncio. Sara teve receio de que alguém acordasse com as suas risadas.

— Era um cão — murmurou Sara, esperando que, ao ouvi-la descer o tom de voz, Caridad também o fizesse.

— Ah, bom... — Caridad refestelou-se ligeiramente na cadeira, sem ocultar o tom de desprezo nas suas palavras. — Um cão. Então não há qualquer problema. Não faz mal nenhum matares um cachorro de vez em quando, é bastante relaxante.

— Já lhe disse que foi um acidente — defendeu-se Sara. — E não sei se o cão morreu ou não.

— Para quê tanta preocupação? O pobre animal deverá estar a esvair-se em sangue por esses campos fora... é muito mais humanitário.

— Levei-o para casa do dono. Porque é que acha que tenho a roupa assim? — A polícia continha a sua irritação a muito custo.

— Não fiques assim, Sara Campos. Só estamos a conversar um bocadinho. A ver se o sono vem... — disse-lhe Caridad, levantando os bracinhos como se tencionasse retirar-se da contenda. — Mas, se te incomoda falar do cão, falamos doutra coisa. Porque é que vieste para cá, foi por causa das raparigas? Que coisa mais feia, hem?

Sara olhou para Caridad, surpreendida. Passara num instante da acusação à mais absoluta cordialidade. Parecia-lhe que a falta de sono a afectava claramente, e, ainda desorientada pela súbita mudança de assunto da mulher, respondeu-lhe: — Não posso falar do caso.

— E então de que falamos, do cachorro? — respondeu Caridad como uma mola. Deitou-se para a frente, deixando cair os seios sobre a mesa, cruzou as mãos diante dela, mexendo os dedos inquietos. Parecia uma miúda mimada e enfadada que só quer brincadeira.

— Acho que já me está a dar o sono — iniciou Sara para se despedir.

— Que grande filha da puta — atalhou Caridad, e a sua voz roufenha ecoou na sala. — Vou falar sem rodeios — corrigiu-se imediatamente ao ver a cara surpreendida de Sara. — Tu vais para a caminha e eu fico aqui com a noite pela frente.

— Ainda tenho de tomar um duche — justificou-se Sara, como se tivesse alguma obrigação de lhe fazer companhia.

— Vai-te lá embora — animou-a, agitando a mãozinha no ar. — E não mates a cabeça com o cão. É que a consciência pesada é como uma sogra; quando assenta arraiais, não há quem a ponha fora. — Caridad rebuscou no bolso do casaco do fato de treino e tirou um maço de cigarros. — Fumas? — E estendeu-lhe um cigarro.

— Não, obrigada — disse-lhe, levantando-se.

— Se não me telefonou, é porque Víctor tem a situação controlada. É que, para mim, tanto faz tirar um calo como curar um cão. Nesta terra, as coisas funcionam mesmo assim. Mas deve estar com Nicolás Souto.

Sara deteve-se depois de dar o primeiro passo. Caridad acendera o seu cigarro e olhava pela janela, para as ruas desertas de Monteperdido.

— Como é que sabe que o cão é do Víctor?

A polícia não sabia se havia de rir ou de se irritar.

— Menina, isto é muito pequeno. Cedo te aperceberás disso — respondeu-lhe.

— E a que propósito fez essas perguntas todas, como se não soubesse de nada?

— Por perguntar. Já te disse. Não costumo ter companhia à noite...

O semblante de Caridad parecia expressar um pedido de desculpas. Ou estaria ainda a brincar com ela? Sara desejou-lhe boa-noite e partiu. Ao sair, ainda conseguiu ver, por mais um instante, aquela mulher pequena a dar uma passa no cigarro, sentada numa cadeira onde os pés ficavam pendurados, banhada pela luz esmeralda do único candeeiro que estava aceso, e percebeu que não ficaria admirada se, de repente, Caridad se desvanecesse naquela nuvem de fumo.

Devido ao suor, os óculos escorregavam-lhe constantemente. Enquanto trabalhava, Nicolás Souto tinha de estar sempre a largar a agulha para os pôr no sítio e, por via deste gesto, já tinha uma mancha vermelha de sangue na ponta do nariz. Víctor era incapaz de tirar os olhos do focinho de *Nieve*, anestesiado, deitado sobre a mesa da cozinha, que se convertera numa mesa de operações improvisada.

— Vais fazer queixa dela? — perguntou-lhe Nicolás enquanto cosia a ferida. — Mas como é que um guarda-civil faz queixa de alguém que pertence à Polícia nacional? Quero dizer, como qualquer um, vai ao tribunal e apresenta queixa ou tem de ir aos assuntos internos...?

Nicolás largara a agulha entre o pêlo de *Nieve*, como quem deixa a colher no prato a meio da refeição só porque outro tema requer toda a sua atenção. Pestanejou com força. Era um tique habitual em Nicolás. Os óculos tinham voltado a deslizar até à ponta do nariz. Voltou a pô-los no sítio e, desta vez, manchou a mesa de sangue.

— Sei lá, Nicolás, parece-te o momento adequado? — respondeu-lhe Víctor, incomodado.

— Não, claro — respondeu o veterinário, envergonhado, e voltou à tarefa de coser a ferida do cão. — Uma queixa a meio da investigação deste caso seria uma loucura. Com Ana no hospital e Lucía por aparecer... Uma loucura. E ainda por cima contra uma polícia que está no comando das operações. Embora seja certo que isto não vai facilitar o trabalho...

Víctor fez o possível por converter as palavras de Nicolás Souto num ruído de fundo. Não queria acabar por se irritar e explodir contra o veterinário. Estivera quase duas horas junto ao cão. Sozinho. Conseguiu estancar a hemorragia, mas receava que o disparo tivesse afectado algum órgão vital. A espera tornou-se eterna, uma noite à qual o amanhecer teima em não pôr fim. O veterinário chegou perto das cinco e meia da manhã. Entrou na casa encalorado, com as bochechas a arder e a testa e as axilas banhadas em suor. Parecia que Víctor, em vez de o ter arrancado da cama, o obrigara a abandonar uma maratona. Pediu desculpa pelo atraso e foi imediatamente ver o cão. Víctor deitara-o sobre um almofadão, tapado com uma manta; ligara o aquecimento, para o animal não perder calor. Ao princípio, o gemido de *Nieve* acompanhara-o na espera de Nicolás. O seu pranto era como o chiar das dobradiças de uma porta que nunca fecha. Até que o fez e o cão deixou de se lamentar. Ficou em silêncio. Víctor pôs a mão à frente do focinho para verificar se continuava a respirar e assim passou o resto do tempo, sentindo o bafo quente de *Nieve* entre os seus dedos.

— Bom. Não está assim tão mal — foi a primeira coisa que disse Nicolás ao destapar a ferida. — Orifício de entrada e saída. Isto não é um disparo com uma caçadeira. É um calibre pequeno, um revólver...

Foi então que Víctor lhe contou que fora Sara Campos, a polícia do SAF, que chegara à vila devido ao aparecimento de Ana, que baleara *Nieve*. Nicolás conseguiu estar calado durante uma meia hora, o tempo que demorou a anestesiá-lo, a limpar a ferida e a coser a parte interna. Agora, que a intervenção estava a acabar, a sua curiosidade já não encontrava barreiras.

— Pessoalmente, acho que deverias pagar-lhe na mesma moeda, percebes o que te estou a dizer? — continuou Nicolás. — Digamos, por exemplo, que a investigação vos leva a uma situação limite. Ela está prestes a cair num barranco. Tu pegas-lhe na mão e, no último instante, dizes-lhe: «Esta é pelo *Nieve*», assim, muito dramático, e solta-la para ela se estampar contra as pedras do fundo...

Nicolás fechou a sutura, deixou a agulha sobre a mesa e olhou para Víctor com um sorriso de orelha a orelha e as pupilas tão dilatadas como as de um gato no meio de uma brincadeira.

— Que tal? — acrescentou, orgulhoso, o veterinário.

Víctor conteve-se. Nicolás tinha o dom de o fazer passar dos carretos. Aquela conversa da treta esgotava-o, punha-o nervoso. Aquela noite era demasiado para ele. Mesmo assim, fechou os olhos por um instante, respirou fundo e perguntou-lhe: — O *Nieve* vai safar-se?

— O cão está bem — respondeu Nicolás, como se isso fosse evidente. — Perdeu algum sangue e vai sofrer durante uns dias. Não te digo que não acabe por morrer, mas com um pouco de sorte a única sequela será ficar a coxear. O disparo atingiu-lhe o músculo da pata traseira...

O guarda-civil conseguiu esboçar um sorriso. Desta vez até achou graça à forma como Nicolás se exprimia. Ele era um veterinário de campo, de cavalos e vacas; quando muito, um porco ou outro. Os cães que tratara eram animais de caça; podengos como os do irmão de Víctor, ou dogues. Os seus donos não tinham com eles a mesma relação que Víctor mantinha com *Nieve*. Eram ferramentas de

trabalho. A morte desses animais traduzia-se apenas numa perda económica. Daí o pouco tacto com que Nicolás deixava em suspenso a recuperação do seu cão.

Víctor acariciou *Nieve*, ainda adormecido pelo efeito da anestesia. Encostou a cara ao focinho do cão e beijou-o. O seu cheiro de sempre misturava-se com o do anti-séptico com que Nicolás untara a zona da ferida. *Nieve* completara sete anos há pouco tempo. O cão fora um presente da Confraria de Santa María. Para Víctor, era como se lhe tivessem lançado um salva-vidas quando se estava a afogar. Agarrara-se a *Nieve*, e o cão, aos poucos, ajudara-o a alcançar a margem. Ficaria para sempre agradecido ao animal e à vila por o resgatarem quando já não lhe restavam forças para se manter à tona.

A noite diluía-se. O céu negro que se via da janela da cozinha ficou manchado por um reflexo azul-escuro. Amanhecia. Víctor sabia que devia ir buscar Sara, mal lhe sobrava tempo para tomar duche e vestir-se.

— Podes ir descansado — disse-lhe Nicolás quando Víctor lhe perguntou se podia ficar com *Nieve*. — Ficarei por aqui até ele acordar. E a seguir acrescentou: — Mas não atires essa polícia por um barranco abaixo. Pensando bem, ias ficar em maus lençóis. Tem de ser uma vingança mais elegante.

— Tu é que és o escritor — disse-lhe Víctor, e sabia que essa era a maior lisonja que podia fazer a Nicolás: chamar-lhe «escritor».

Nicolás sorriu, orgulhoso, e depois prometeu-lhe que pensaria nalgum gesto com o qual Víctor pudesse fechar tal assunto com a polícia. Algo que não o sujasse. Víctor foi tomar duche a pensar que Nicolás já os convertera, a Sara e a ele, em personagens de um dos seus contos policiais. Não era a primeira vez que o fazia. Sabia que se inspirara nele anteriormente, o veterinário contara-lho, para um daqueles romances de mistério que escrevia e que jamais conseguira publicar. Por que razão insistia em escrevê-los em *patués*? Se já era difícil conseguir publicá-los, fazê-lo numa língua que só era falada pelos habitantes mais velhos da região não passava de uma estupidez. Às vezes pensava que os romances de Nicolás nem sequer existiam, que eram apenas a desculpa que usava para se relacionar com ele, para ter um tema de conversa ao qual se pudesse agarrar. E não pôde deixar de sentir compaixão por aquele homem de cinquenta anos que cuidava de *Nieve* na sua cozinha, que nascera na vila, mas era incapaz de se enquadrar ali, suado e com uma mancha de sangue do seu cão na ponta do nariz.

Não se conseguia ver o Sol, mas os seus raios infiltravam-se por entre os cumes, devolviam a cor ao vale. O sopé do monte Albádes, à entrada da vila, era o primeiro a recuperar o verde das suas árvores, que pareciam erguer-se com a manhã, deslocando as suas sombras, cada vez mais finas, mais alongadas, como braços a espreguiçarem-se. Os telhados de xisto preto das casas, molhados pelo orvalho, reflectiam a luz.

Prédios de dois ou três andares, quando muito, entre os quais se erguia o campanário da igreja de Santa María. As suas paredes de pedra e a sua altura, em comparação com as montanhas, o Ixeia, o monte Ármos ou a Kregüeña, faziam-na parecer uma criança toda esticada para tentar pôr-se ao nível dos mais velhos. O glaciar continuava a rachar lentamente, sem pressa, a passar de forma imperceptível de gelo a água.

13 de Julho. Na vedação da sua casa, Joaquín Castán escrevera: 1746 dias sem *lucía*.

Ao entrar em casa, Joaquín encontrou o filho a dormir no sofá. A televisão ligada, embora sem som. O cheiro a álcool. Aproximou-se dele e despertou-o com um ligeiro abanão. Quim abriu uns olhos avermelhados.

— Não sabes o que aconteceu? — perguntou-lhe Joaquín. Quim tinha a língua pastosa, era incapaz de articular uma só palavra. Seja como for, não lhe deu tempo para procurar uma desculpa. — Tresandas a álcool.

— Foi isso que aconteceu? Abre as janelas, se te incomoda — disse-lhe Quim enquanto voltava a recostar-se no sofá.

— Encontraram Ana. Está no hospital de Barbastro, mas não há rasto da irmã, caso estejas interessado em saber.

Joaquín não perdeu tempo com mais explicações. Subiu as escadas até ao seu quarto e não esperou para conhecer a reacção do filho à notícia. Decidiu tomar um duche e regressar quanto antes ao hospital de Barbastro.

Sara respirou fundo antes de sair da estalagem. Pela janela tinha visto o jipe, com a silhueta de Víctor ao volante, à sua espera. Com os olhos cravados no chão, caminhou até ao carro. Disse «bom-dia» ao abrir a porta. Ele respondeu-lhe sem olhar para ela e, quando Sara se sentou, rodou a chave e ligou o motor. «Diz alguma coisa, depressa», pensou Sara.

— Como está o teu cão? — perguntou, apertando o cinto de segurança.

— Vivo — respondeu Víctor enquanto olhava pelo espelho para verificar se não vinha ninguém

antes de sair para a estrada.

Sara queria dizer-lhe que não conseguira dormir. Que se odiava por ter cometido aquele erro. Tinha-se assustado, não tivera tempo para identificar o ser que se lançara sobre ela, era tarde, havia muito pouca luz..., mas, à medida que ordenava tantas desculpas na cabeça, estas voltavam a desmoronar-se. De que serviam? A bala saíra da sua pistola e não podia fazer nada para voltar a metê-la lá dentro. Iniciar uma ladainha de lamentos para demonstrar que estava chocada com o que sucedera a Nieve parecia-lhe uma atitude egoísta, assim de repente. Todos os argumentos que ensaiara mentalmente durante a noite eram inúteis. Pensou na forma como os familiares das vítimas escutavam os depoimentos de violadores, assassinos e raptos. O terreno comum da infância traumática, da incapacidade para controlar os seus impulsos, do arrependimento pela dor infligida. E sabia como esses discursos avivavam o ódio dos que tinham sofrido os seus actos. Qualquer desculpa é uma justificação, e a última coisa que alguém que perdeu um ente querido quer ouvir é uma justificação. Não há razão que valide a dor. Aceitar tais desculpas implica assumir que não há responsáveis. Como se o assassino equiparasse a sua desgraça à da vítima.

— Esta estrada atravessa a vila. Uns quilómetros mais acima há um desvio para Posets. É uma terra mais pequena que esta, tens uns trezentos habitantes. A maioria vive do campismo e do turismo — contou-lhe Víctor com um tom profissional. O guarda-civil percebeu a expressão de surpresa de Sara e explicou: — Vais trabalhar aqui. Não te faz mal nenhum conhecer a zona.

— Não, claro... continua — respondeu ela, sobressaltada.

«Oxalá algum dia deixes de me detestar», pensou Sara, mas não disse nada em voz alta. Deixou o sargento continuar a fazer aquela descrição fria de Monteperdido. A leste, os picos do monte Ármos, o que Sara conseguia ver do seu quarto da estalagem, e a Kregüena, atrás da qual se escondia a vila de Posets. Aquelas montanhas ficaram nas suas costas enquanto desciam a avenida que atravessava Monteperdido e em redor da qual se concentrava a maior parte das lojas, bem como os hotéis e os turistas. Um labirinto de estreitas vielas de pedra estendia-se para norte. Embora o vale fosse vasto, as casas estavam umas em cima das outras, não havendo praticamente espaço entre elas, como se procurassem abrigo nos muros vizinhos ou, talvez, protecção perante um perigo exterior. Por cima dos telhados de xisto, erguia-se o cume de Monte Perdido e, a sul, os Montes Malditos. O rio Ésera descia paralelo à estrada, torrencial, atravessado por três pontes ao longo da vila. Depois, a estrada descia para Barbastro, mas, para sair do vale, tinha de atravessar o Congosto de Fall, o desfiladeiro que tinham atravessado na noite anterior para chegar à vila. Sara reparou que Víctor não lhe falava nem de gentes nem de costumes; apenas daqueles maciços de rocha e gelo sob os quais surgira a vila e que estabeleciam os seus limites como estandartes num campo de batalha. As montanhas eram a única coisa que importava naquele lugar. A única coisa que continuaria ali quando já não restasse mais nada.

O jipe atravessou o túnel. Fez-se silêncio entre os dois. O que tinham ainda para dizer um ao outro? Sara sentiu os olhos humedecerem. O uivo do cão quando recebeu o disparo ainda se repercutia dentro dela, um eco que não se consumia.

— Importas-te de ouvir rádio? — perguntou Sara enquanto ligava o aparelho.

Víctor viu que Sara procurava virar-lhe as costas olhando através da janela, ocultando-se sob a música da rádio, mas reparou nos esforços que fazia para regularizar a sua respiração e soube que fazia os possíveis para não chorar. Agradecia que ocultasse a sua dor. Que não tentasse procurar consolo nele. Não seria capaz de lho dar.

Sessenta quilómetros a sul de Monteperdido, os serviços de emergência tinham dado início aos trabalhos de remoção do carro do barranco. Uma grua instalada na montanha ia tentar içá-lo. Alguns agentes do Grupo de Resgate em Montanha também colaboravam na operação. Víctor Gamero apresentara-a a Sanmartín, o cabo responsável do GREIM em Monteperdido; embrenharam-se numa breve conversa que Sanmartín, enquanto descrevia a situação, recheou de inúmeros termos relativos à montanha — *cumeada*, *alcantil*, *portela* —, como quem planta minas em seu redor para manter as distâncias. Enfiado num uniforme impoluto, com o cabelo cortado à escovinha, fez lembrar a Sara um daqueles soldados americanos que aparecem nos filmes, tão orgulhoso de si como ridículo, mas preferiu acautelar as suas provocações e fingir que sabia o significado de todas aquelas palavras. Nesse momento, só lhe interessava o que escondia o carro que jazia no fundo do barranco. Sara tinha consciência de que podiam demorar dias a consegui-lo. Muito antes disso, teria acesso ao corpo do condutor. Já estava deitado numa maca junto ao carro e iam içá-lo no helicóptero. Sara poderia fazer um exame preliminar antes de o transportarem para o instituto forense para efectuar a autópsia. Passeava, nervosa, pela estrada de terra da qual o carro se despenhara. Agentes da Polícia Científica estavam a tirar impressões digitais aos pneus, embora estas fossem parciais. Olhou para o fundo do barranco. Gostaria de descer e examinar aquele carro. Precisava de dar um nome ao cadáver que aparecera junto a Ana. O som do seu telemóvel

sobressaltou-a. Era Santiago Baín.

— Ana começou a ter convulsões. Agora mesmo está a dar entrada na sala de operações — disse-lhe o inspetor.

*

As paredes mexiam-se, tremiam como um papel batido pelo vento. Raquel tentava respirar, fazia verdadeiros esforços para encher os pulmões de ar, mas não lhe entrava nada. Era incapaz de focar tudo o que girava e dava voltas em seu redor: as caras das enfermeiras, os corredores e os ruídos de portas e macas. Estava a cair tão depressa por um precipício que não conseguia identificar mais do que um carrossel de manchas esbatidas em seu redor. Caía com tanta velocidade que já não fazia outra coisa senão esperar a pancada final. Conseguiu dar rédea solta a todo o seu pânico com um grito, um momento antes de cair inconsciente nos braços de um segurança.

— É preciso levá-la para uma cama — disse o funcionário do hospital.

Uma enfermeira aproximou-se deles com uma dose de calmantes. Ismael chegou ao corredor e viu como se apinhavam à volta de Raquel. Primeiro foram os seus braços esticados, as suas mãos a roçar no chão. Quando as pessoas que tentavam ajudá-la se afastaram, conseguiu ver Raquel com os olhos fechados, inconsciente, embora com o rosto contraído num esgar de dor, como se o desmaio não tivesse sido suficiente para apagar os músculos do rosto. Um segurança sustinha-a quando chegaram com uma maca. Gostaria de a ter abraçado. Gostaria de se lhe ter apresentado como seu companheiro.

Álvaro Montrell olhava por uma janela para os terrenos ermos que rodeavam o hospital. Ao longe, avistava os esqueletos de umas casas que nunca chegaram a ser construídas. «Cinco anos à espera deste dia para agora a minha filha morrer», pensou, e a ideia pareceu-lhe tão cruel que o fez sentir-se culpado.

— O que aconteceu?

Gaizka saiu do elevador e avançou para ele abrindo alas entre os médicos que iam e vinham pelo corredor. Álvaro virou-se ao ouvir a sua voz.

— Estão a operar Ana — disse-lhe.

— E é grave?

Álvaro não encontrou uma resposta e voltou a perder o olhar pela janela. No parque de estacionamento havia um bom número de carros de Monteperdido. Reconheceu o de Joaquín. Certamente, também teriam vindo Rafael e Marcial Nerín. Não conseguia ver-lhes a cara, estavam demasiado longe, mas vislumbrava-lhes as silhuetas: um grupo de pessoas indecisas no parque de estacionamento, hesitando se haviam de entrar ou não no hospital. Pareciam os convidados de um casamento a quem acabavam de dizer que a noiva fugira a correr.

O helicóptero agitou as copas das árvores ao aterrar num terreiro próximo do barranco. Sara, agachando-se para evitar o impacto do vento da hélice, avançou até à cabina. Um dos homens do Serviço de Resgate em Altura deu um salto para terra e estendeu-lhe um saco. O ruído fazia-os falar aos gritos.

— É tudo o que havia no carro — disse, sobrepondo-se ao estrépito.

— E o corpo? Quero vê-lo.

Sara aproximou-se da parte traseira. Com um gesto, pediu ao agente que ia junto da maca para abrir o saco térmico.

A cara do cadáver era-lhe desconhecida. Um homem na casa dos cinquenta, com um lenho na testa, marcada com sangue ressequido. A pele já adquirira um tom amarelado e as suas feições estavam deformadas pelo tempo que decorrera desde a morte bem como pela posição em que estivera durante todo aquele tempo, de barriga para baixo, no interior do carro. Inflamado, disforme. Tinha os olhos tão inchados que as pálpebras eram incapazes de os tapar. A polícia acabou de abrir o saco térmico para contemplar todo o corpo do cadáver. Estatura média, talvez um pouco abaixo disso. As formas arredondadas da cara repetiam-se no corpo, sem chegar a torná-lo obeso. Calças de bombazina caqui e uma camisa azul aos quadrados, manchada de sangue. O seu sangue.

— E os sapatos? — perguntou Sara ao ver-lhe os pés descalços.

— No saco — disse-lhe o agente, apontando para o saco que lhe dera antes e que Sara levava na mão. — Tinha-os perdido.

Antes de abalar, lançou uma última olhadela ao corpo. Tinha a pele morena do sol; a mudança de tom no braço, sob a manga curta da camisa, denunciava-o. Quando morreu, devia ter feito a barba há pouco tempo. A roupa que trazia vestida parecia nova ou, pelo menos, tinha sofrido poucas lavagens. Dados a que Sara não queria ainda atribuir qualquer significado antes de lhe fazerem a autópsia.

— Trazia alguma coisa nos bolsos? — perguntou.

— Estavam vazios — gritou o agente.

Sara fez um gesto, dando a entender que já podiam voltar a tapá-lo. Afastou-se do helicóptero enquanto este levantava voo novamente. A terra ergueu-se em remoinhos de areia, e ela piscou os olhos enquanto estugava o passo. A uns metros, estava o jipe de Víctor. Sara deixou cair o saco no capô do carro e abriu-o.

— Alguém conseguiu reconhecer o cadáver? — perguntou Víctor.

Sara negou enquanto punha umas luvas para manusear o que tinham tirado do carro.

— Do carro também não podemos dizer muito. Sem matrícula, um modelo demasiado comum... tiraram o número do *chassis*: vamos ver se temos sorte — informou-a Víctor.

Primeiro, deixou de fora os sapatos: uns castelhanos castanhos número 41. Um pé pequeno. Não tinham peúgas, e o cadáver também não as trazia calçadas. Um mapa de estradas antiquado e uma garrafinha de água vazia. Um jornal local de há uma semana; na capa, uma notícia sobre as expectativas de turismo da região para esse Verão: falava-se de uma taxa de ocupação hoteleira de 90 por cento. Um êxito. Tudo o que encontrava servia apenas para demonstrar que o condutor fizera o possível para garantir a impessoalidade da viatura. Não havia documentos do carro nem seguro nem recibos. Não tinha telemóvel.

— Tem de haver alguma coisa — murmurou Sara, sem ocultar a sua frustração.

Víctor ia examinando cada papel depois de Sara o fazer. O saco estava vazio. Sobre o capô estendia-se o mostruário de provas inúteis.

— O que é isto? — perguntou-lhe o guarda-civil, pegando num pequeno recibo amarrotado. Ficara entre as folhas do jornal.

— Estação de serviço La Cruz — leu Sara no cabeçalho.

— É a que fica à saída de Barbastro — disse Víctor.

Sara alisou o recibo com cuidado: trinta euros em gasolina, um pagamento com cartão. Um número que permitiria identificar o cadáver.

Santiago Baín sentou-se no gabinete do médico enquanto ele fechava a porta.

— O que é que podemos esperar?

— É difícil dar um diagnóstico. O edema não é grande, mas vamos fazer-lhe uma craniectomia descompressiva para evitar riscos. A tensão arterial estava a subir e...

— Que Ana é que vamos encontrar quando acordar? — interrompeu-o Santiago. Precisava de ser pragmático. Talvez já não fosse necessário continuar à espera do testemunho da rapariga no hospital.

— Tudo depende da forma como correr a operação.

— Perda de memória?

— É possível. Além de outro tipo de perturbações.

Santiago Baín disse que sim com a cabeça. Precisou de um instante para reunir forças antes de se levantar. A sua principal via de investigação, Ana, fechava-se. As respostas de que estava à procura ficariam bloqueadas no labirinto do seu cérebro. Enquanto isso, algures, esperava Lucía. O polícia acreditava piamente que a outra rapariga continuava viva. O seu raptor morrera no acidente de viação. Quem estava com ela? Quem lhe dava água e comida, se é que alguém o fazia?

A imagem da rapariga encerrada algures, a morrer de sede e de fome, enquanto eles a procuravam, invadiu-o. Pôs-se de pé e tentou afastar o pessimismo.

— Obrigado — disse ao médico. — Espero que não venha a arrepender-se de não me deixar falar com a rapariga quando lho pedi.

Joaquín Castán sentia-se à vontade quando estava rodeado pelos seus conterrâneos. Centro de um grupo que, ao longo do último ano, abrira brechas; alguns tinham deixado de assistir às cerimónias que organizava, às vigílias, outros tinham-no seguido até ao final, embora com pouco entusiasmo. Na última cerimónia, viu Nicolás Souto, o veterinário, a olhar para o relógio com impaciência enquanto ele falava na praça da igreja; viu também Rafael, o irmão da sua mulher, mudar de posição, umas vezes descansando o seu peso sobre a perna direita para, imediatamente, o transferir para a esquerda, como quem não aguenta nem mais um segundo em pé e só espera que lhe dêem autorização para se sentar. No estrado da praça, enquanto falava da filha, toda aquela gente lhe fazia lembrar a comunidade que assiste à missa por obrigação mas que há anos deixou de escutar as palavras do sacerdote.

Pelo menos, eles continuavam a perder as tardes na praça da igreja. Outros tinham deixado de lhe dedicar nem que fosse apenas um segundo da sua vida, como os jornalistas. Pensou em Virginia Bescos. Que seria dela agora? Onde estaria a mulher que, durante alguns anos, fora a sua maior aliada? Mas recusou-se a pensar na jornalista. O seu único exército eram os seus conterrâneos.

Não podia culpá-los por darem a guerra como perdida. Tinham passado demasiado tempo sem uma única notícia que lhes desse esperança. No entanto, naquele dia, no parque de estacionamento

do hospital, Joaquín reparou como as coisas começavam a mudar. A excitação e a urgência apareciam novamente entre os habitantes, que se debatiam entre a alegria pelo reaparecimento de Ana e o medo pelo futuro incerto de Lucía.

À chegada, tinham-lhes comunicado que Ana dera entrada no bloco operatório. Raquel sofrera um ataque de ansiedade. Eram como um grupo de formigas que se moviam, histéricas, de um lado para o outro sem saberem o que tinham de fazer, e Joaquín olhava para eles, satisfeito até certo ponto. Sentia que voltavam a estar do seu lado.

— Sabes que Álvaro está lá dentro? — perguntou-lhe Marcial ao sair do hospital.

— Viste-o? — questionou Joaquín.

— Ao longe. Os polícias evacuaram a ala onde está a rapariga.

Marcial Nerín estava no hospital quando Ana deu entrada. A sua mãe andava a fazer diálise e, devido à idade e ao seu estado de saúde, raro era o dia em que tudo corria bem e podiam voltar a Monteperdido quando o processo terminava.

— Não sei porque é que o deixam andar à vontade — protestou Marcial, que não fazia nada para ocultar a sua raiva.

— Está com Raquel? — perguntou-lhe Joaquín, segurando-lhe no braço e afastando-o alguns passos dos demais.

— Vi Ismael entrar. É o carpinteiro que trabalha com ela — disse-lhe ele, depois de negar que estivesse com Álvaro. — Uma enfermeira contou-me que tiveram de lhe dar calmantes. Álvaro estava com Gaizka, o das excursões em Posets, sabes quem é?

— Foi a primeira pessoa a ver o carro — a polícia tinha contado esse pormenor a Joaquín Castán.

— Nem uma lágrima. O filho da puta do Álvaro não verteu nem uma lágrima. Qualquer um diria que a sua filha está a morrer na sala de operações. *Ve un barbóll* — acabou por murmurou para si próprio.

— Está assim tão mal?

— Se tinha alguma coisa para contar, esquece, Joaquín.

Marcial deu-lhe uma pancadinha nas costas para o animar. Tinha as mãos grandes, a pele curtida pelo sol e pelos anos. Embora já estivesse perto dos setenta, Marcial conseguia ser mais forte do que qualquer jovem. Até Joaquín se sentia pequeno ao seu lado. O seu físico, imponente e robusto, e as suas feições, ainda mais pronunciadas com o passar do tempo e que noutra época lhe tinham dado a alcunha de «javali», conferiam-lhe uma presença sempre ameaçadora, selvagem.

— De certeza que se plantou no hospital para vigiar o que Ana dizia. E não se podia ter saído melhor — disse Marcial, cerrando os dentes.

Alguns tinham-nos esquecido. Joaquín não. Marcial também não. Álvaro Montrell saíra indemne da investigação, mas fora incapaz de dar resposta a muitas perguntas. Montserrat dissera-lhe, certa vez, que se ancorava à culpabilidade de Álvaro, porque era o único nome que tinham. A única pessoa em quem podiam descarregar o seu ódio. Quem pode fazer mal à própria filha?

— E a tua mulher, como está? — perguntou-lhe depois Marcial.

Joaquín procurou durante uns segundos a palavra justa para definir o estado de Montserrat.

— Assustada — disse-lhe.

— Já temos um nome: Simón Herrera — disse-lhe Sara do outro lado do telefone. — Localizámos a casa dele. Vive em Ordial. Já estamos a caminho...

— Envia-me o endereço. — Santiago vestiu o casaco e saiu a toda a pressa, esquivando-se ao pessoal do hospital. — Se chegares antes de mim, telefona-me na mesma.

Sara desligou, mas logo a seguir voltou a marcar um número. Víctor conduzia estrada abaixo. Ordial ficava a uns escassos dez quilómetros do sítio onde tinham encontrado o carro.

— É Sara Campos, do SAF. Preciso que investiguem tudo o que houver sobre Simón Herrera Escolano. Número de DNI, 23257552, letra K. É urgente. Quando tiverem os dados, enviem-me tudo por *e-mail*...

Saíram por um desvio, atravessaram o rio, e a estrada mostrou-lhes, ao fundo, a vila. Um pequeno núcleo de casas de pedra, apenas três ruas. O asfalto era novo; as casas, restauradas, estavam cercadas por um relvado acabado de cortar; não havia pessoas nos passeios. Sara imaginou que tinham construído tudo aquilo só como decoração para uma foto turística. Um céu limpo de nuvens ajudava a completar o quadro.

— Sabes onde fica o caminho de Plans?

— Atrás da vila — disse-lhe Víctor enquanto o jipe atravessava a rua principal de Ordial.

O recibo da estação de serviço tinha data de 10 de Julho, dois dias antes do aparecimento de Ana. Talvez lhe tivesse caído quando entrara no carro. A empresa do cartão de crédito não demorou a dar-lhes o nome e a morada do titular. Sara reparou no nervosismo de Víctor, na forma como o guarda-civil tinha conduzido com a mandíbula tensa, os olhos cravados na estrada, levado pela

esperança de que, do outro lado da porta que iam abrir, encontrassem Lucía. Como se aquela rapariga também fizesse parte da sua família.

A estrada transformou-se num caminho de terra. Subia pela montanha junto à qual se encontrava a vila. As rodas enterraram-se numa poça de lama, da qual saíram de chofre.

— É esta? — perguntou Sara quando entraram na última curva.

— Não há outra de pé por estas bandas — disse-lhe Víctor.

A casa de Simón Herrera estava rodeada por três casas velhas, à beira da ruína. Os telhados não aguentariam mais um Inverno. As pedras das paredes pareciam manter-se num equilíbrio frágil. Um reboque para transportar carros estava estacionado diante da casa de Simón. Era uma vivenda de dois andares e não mostrava muito melhor aspecto do que as casas circundantes. Umas plantas em vasos de barro colocadas à janela eram a única mostra de vida numa casa que há muitos anos precisava de obras. Janelas pequenas com caixilhos de madeira rachada, muros de pedra que tinham perdido a cor e uma entrada de terra que tentava manter afastadas as ervas daninhas e a lama que ameaçavam invadi-la.

Sara foi a primeira a descer do jipe. Deu uma olhadela pela janela do piso térreo antes de se dirigir para a porta, onde Víctor já a esperava. O guarda-civil aguardou a ordem de Sara para tocar à campainha.

— Não vi luz lá dentro — disse-lhe Sara. — Mas a casa está habitada. Aquela janela dá para uma sala...

— Ouve-se barulho — disse Víctor, e voltou a tocar à campainha, desta vez com mais insistência.

A porta abriu-se e a luz entrou na penumbra da casa. Uma mulher olhou para eles, resguardada atrás da porta.

— Olá — disse-lhes com um estremecimento de desconfiança.

— Sara Campos, Polícia Nacional — disse, mostrando-lhe a sua identificação. — Podemos entrar? Gostávamos de falar consigo.

Não foi preciso perguntarem-lhe se conhecia Simón Herrera. A mulher conduziu-os à sala, onde, sobre um aparador, se acumulavam várias fotografias de casamento. Ela, vestida de noiva, pousava junto a Simón: conseguiu identificar-lhe as feições, anteriormente escondidas sob o rosto deformado do cadáver. Víctor também viu as fotografias e deixou escapar um suspiro de decepção.

— Temos uma má notícia para lhe dar. O seu marido sofreu um acidente ontem ao início da manhã. Teve morte imediata. Até agora, não tínhamos conseguido identificá-lo — disse-lhe Sara, acelerando as palavras. Eram necessários os prolegómenos, mas o seu interesse estava em Lucía.

A mulher manteve-se estática no centro da sala. O seu olhar viajou de Sara para Víctor. Tinha os olhos pequenos e pretos, como dois botões cravados numa cara mole. Inexpressivos, pensou Sara. A idade e as rugas tinham escondido uns traços suaves de deficiência mental que eram mais evidentes nas fotografias de casamento: um rosto alongado, testa larga e uma boca com lábios proeminentes, que estava sempre aberta. Cheirava a especiarias, a louro e a tomilho; o barulho de uma caçarola com água a ferver chegava da cozinha. Tinham-na apanhado a preparar o almoço. Sara viu-a beliscar os dedos da mão antes de se atrever a dizer: — Têm a certeza?

— Receio bem que sim — disse-lhe Víctor, e aproximou-se dela para a amparar pela cintura. Com suavidade, acompanhou-a até ao sofá para a ajudar a sentar-se. Era um velho móvel de napa com tapetes de croché nos braços.

— Sei que é um momento difícil, mas temos de lhe fazer umas perguntas sobre o seu marido. Eram casados, não eram? — A mulher disse que sim com a cabeça enquanto Sara pegava numa cadeira para se sentar à frente dela. — Como é que se chama?

— Pilar — murmurou a mulher.

— Importa-se que o meu colega dê uma vista de olhos à casa enquanto falamos?

— A casa está toda desarrumada.

Pilar ergueu o olhar do chão, e os seus pequenos olhos mostraram algo pela primeira vez: constrangimento, um certo pudor.

— Não faz mal — sossegou-a Víctor.

— Ouça o que tenho para lhe dizer — interveio Sara, tentando recuperar a atenção de Pilar, que seguia Víctor com o olhar enquanto este saía da sala. — Pilar, preste atenção. É importante. Junto ao seu marido, no carro, havia outra pessoa. Uma rapariga.

— Também morreu?

— Não, ela não morreu, mas está hospitalizada. Chama-se Ana Montrell. O nome não lhe diz nada? — Pilar negou com um gesto. — É uma das raparigas que desapareceram em Monteperdido há cinco anos.

A derrocada começou nas mãos, com um tremor que se tornou incontrollável. A seguir, o corpo de Pilar estremeceu e a mulher foi incapaz de conter um grito. Tapou a cara, os olhos, que começaram

a chorar. A boca abriu-se ainda mais, num esgar tenso, mostrando os seus pequenos dentes e umas gengivas enegrecidas. Pilar encolheu-se toda. Sara ergueu-se e sentou-se ao seu lado. Cingiu-a com o braço.

— Sabe o que fazia essa rapariga com o seu marido?

Pilar negou como um cão a sacudir a água do pêlo.

— Não sei o que se passou nestes anos, mas agora pode fazer alguma coisa por essas raparigas. Tem de nos dizer tudo o que souber. A outra rapariga está nesta casa? Lucía está cá?

— Nem sei quem são essas raparigas — conseguiu dizer entre gemidos. — Coitado do meu Simón...

Sara acariciou o cabelo de Pilar; trazia-o apanhado num carrapito. Estava áspero e as cãs tinham começado a apagar o castanho natural. Ela balançava-se suavemente, abraçando-se a si própria enquanto repetia «coitado do meu Simón». Sara reparou no abismo que se abria perante Pilar. A mulher deixara de ver, ela já não estava ali, tal como a sala que as rodeava. Perante os seus olhos só havia um buraco, escuro e profundo. A polícia sentiu as suas vertigens.

— Vou dar uma vista de olhos ao piso de cima — informou-a Víctor da porta da sala.

— Fica tu com ela. Eu vou lá — disse Sara, levantando-se.

Pilar ia precisar de algum tempo para continuar a responder às suas perguntas, e ela percebeu que se devia afastar. O quarto de casal ficava no andar de cima. Dormiam em camas separadas por uma mesa-de-cabeceira. Havia um armário e uma cómoda sobre a qual descansava um espelho com moldura de ferro. As madeiras dos móveis, todas de pinho tosco, tinham diferentes tons, como se eles tivessem decorado a casa à base de retalhos, de móveis recolhidos na rua. O chão de lajes de argila estava limpo, embora estas tivessem perdido a cor, porosas e deformadas. Não imperava a desarrumação de que Pilar se envergonhara nem havia roupa ou objectos fora do lugar.

Sara abriu a gaveta da mesa-de-cabeceira: um pequeno rádio, o carregador de um telemóvel e uma caixa de ibuprofeno no seu interior. Na cómoda havia apenas roupa. Uma gaveta para Simón, as restantes para as coisas de Pilar e jogos de roupa de cama. O armário era o mostruário de um casal modesto, para não dizer pobre. Vestidos antiquados, calças e camisas baratas.

Saiu do quarto e atravessou o corredor. Em frente às escadas havia uma casa de banho. Ao fundo, outro quarto. Empurrou a porta e procurou um interruptor. As portadas estavam fechadas e mal entrava luz. Acendeu uma lâmpada que pendia de um cabo do tecto. Com uma tábua de madeira sobre uns cavaletes, tinham improvisado uma mesa. Era o espaço de Simón: os papéis acumulavam-se, facturas e folhetos de publicidade, catálogos de supermercado. Pelo chão e numa estante, distribuíam-se uns dossiês de cartão amolecidos pela humidade. Sara abriu um deles; impressos de declarações amigáveis de seguro automóvel. Cheirava mal, a mofo e aos vapores do guisado que Pilar preparava.

Não havia mais sítios onde procurar.

Quando o inspector Baín chegou, Sara estava à espera dele à porta da casa. Não foi preciso dizer nenhuma palavra. O seu gesto de decepção evidenciava que não tinham encontrado nada.

— O trabalho dela era conduzir aquele reboque — disse-lhe Sara enquanto passeavam pelas redondezas da casa. Santiago olhou para a viatura: branca e suja de lama. A rampa de ferro para levar carros oxidada. — Trabalhava para várias companhias de seguros.

— E a mulher? Não sabe de nada?

— Víctor está com ela. Tem síndrome de Williams... Uma deficiência intelectual... Ainda está a tentar processar que o marido morreu.

— Revistaste a casa?

— Uma vista de olhos preliminar. E nada que o relacione com as raparigas.

Santiago deteve-se e respirou fundo. Olhou, com um sorriso, para Sara.

— Era só o que faltava, deslindarmos isto logo depois de chegarmos — disse com sarcasmo.

— E Ana?

— Esta mulher poderá dizer-nos mais coisas do que a rapariga — respondeu Santiago com um ar de derrota enquanto se dirigia para a casa. Sara ia segui-lo quando ouviu um toque no seu telemóvel. Era uma mensagem com os dados policiais de Simón Herrera.

— Santiago! — gritou-lhe, e o polícia virou-se a meio do caminho. — Olha-me para isto — disse, estendendo-lhe o telemóvel. — Simón passou dois anos na cadeia de Martutene. Por posse de pornografia infantil.

Os ansiolíticos tinham-lhe dado dor de cabeça. Raquel sentou-se na cama com a sensação de que o seu cérebro estivera encerrado numa caixa muito pequena e que agora, libertado, tentava esticar-se. Ismael aproximou-se dela.

— Queres alguma coisa? Um copo de água?

Raquel negou e fez um esforço para olhar para ele com um sorriso: que necessidade tinha Ismael

de percorrer este caminho ao seu lado? Ele podia evitar a dor; por que razão não se ia embora? Por que motivo insistia em continuar com ela? O seu carpinteiro prestável. O seu companheiro?

— Os médicos querem falar contigo — disse-lhe Ismael. — Ana já saiu da sala de operações.

Ela respirou fundo antes de se pôr de pé.

Pilar olhou para Santiago e para Sara como uma criança com quem estivessem a falar numa língua estranha. Embora se esforçasse por se concentrar e compreender as suas perguntas, o seu pensamento voltava vezes sem conta para a morte de Simón, como um insecto que esbarra contra a luz, incapaz de se afastar.

— Não podemos desistir, Pilar. Tem de responder às nossas perguntas agora — insistiu com ela o polícia, e Pilar dizia para consigo: «Pedi-lhes que deixassem de perguntar?» — Há outra rapariga, Lucía, que não apareceu e, quanto mais tempo demorarmos a encontrá-la, menos possibilidades terá de viver...

A morte outra vez. O que era a morte? O que estaria a sentir agora mesmo o desgraçado do seu Simón? Deus e o Céu e os anjos, o sermão da missa. Sejam bonzinhos. Sê boazinha, Pilar.

— Sabia que o seu marido esteve na prisão? — perguntou-lhe Santiago, e, quando o fez, Sara viu Pilar erguer-se, como se tivesse recebido uma ligeira descarga eléctrica.

— Isso foi há muito tempo.

— E conhece o motivo da condenação? — insistiu ele. — Pornografia infantil. Ele gostava de sexo com crianças, não era? Você certamente tinha conhecimento.

— Não, o meu Simón não era assim.

— Nunca lhe contou?

— Isso aconteceu tudo antes de casarmos. Enganaram-no. Puseram-lhe coisas que não eram dele.

— Acha que ele poderia ter feito mal às raparigas?

— Ele trabalhava. Nada mais. Ia com o reboque...

— Onde estava ontem de manhã?

— Na estrada, num serviço...

— Tem a certeza?

— Sim. Ele não me mentia. Simón não mentia...

Pilar voltou a encolher-se sem deixar de murmurar que ele não lhe mentia. Sara apercebeu-se de que não iam conseguir nada se a pressionassem. Olhou para Santiago; porque recusava que fosse ela a conduzir os interrogatórios? Ele assumiu que a agressividade nas perguntas não os ia levar a lado nenhum e tentou parecer conciliador.

— Acha que poderíamos verificá-lo de alguma forma? Talvez com a empresa para a qual trabalha...

— Os papéis dele estão todos lá em cima — disse ela como se aí pudessem acabar com todas as suspeitas.

— Ou talvez tenha passado o dia com algum amigo. Se nos disser o nome ou o número de telefone das pessoas mais próximas...

Santiago abriu o seu bloco de notas. Pilar cravou o olhar na folha em branco, na esferográfica que esperava as suas palavras para começar a escrever.

— Os nossos pais morreram — disse por fim.

— Amigos? Colegas de trabalho? — perguntou Santiago.

— Ele ia sozinho com o reboque, e eu raramente vou a Ordial para fazer compras... Teresa — disse com um sorriso esperançoso. — Teresa conhece-nos bem.

— Quem é Teresa?

— A da loja da praça. Em Ordial.

— Não tinham conhecidos sem ser... os empregados da loja?

— Os nossos pais morreram — voltou a dizer Pilar.

Falar com ela era como percorrer um labirinto em que, no preciso momento em que julgamos ter encontrado a saída, damos por nós novamente no centro. Pilar esforçava-se, Sara apercebia-se disso. Sorria-lhes de cada vez que pensava que lhes estava a dar o que esperavam. Uma mulher que tentara sempre ser complacente, que tinha de agradecer constantemente que os demais lhe permitissem estar ali.

— Simón nunca saía? Sei lá... para beber um copo no bar... — perguntou-lhe Santiago.

— Não era dado à bebida. Apenas um pouco de vinho. E trabalhava muito.

— Passava muitas horas fora? — Santiago notara a insistência de Pilar no trabalho. Não quis atrapalhá-la, talvez fosse essa a ideia que ela tinha da vida do marido. — Com o reboque, a trabalhar, quero dizer... Até mesmo à noite?

— A coisa não andava lá muito bem. Ganhava só para as encomendas..., mas ele não deixava de trabalhar. Passava o dia no reboque. Dizia que era importante estar por perto. Assim, se acontecesse

alguma coisa, ligavam-lhe...

— Chegava tarde a casa?

— As estradas são más, e no Inverno é pior. Ficam cortadas por causa da neve, e ninguém faz nada. — Sara reconheceu as queixas de Simón nas palavras de Pilar, como se fosse o seu eco. — Cobram-nos por tudo e por nada e ninguém gasta um cêntimo nesta terra.

Sara sabia que Santiago terminara de interrogar Pilar. Víctor estava à espera, à porta da sala.

— Obrigado por tudo, Pilar — disse-lhe Santiago, agachando-se e pegando-lhe nas mãos. — Se precisar de alguma coisa, não hesite em telefonar-nos.

— Teremos de falar com as pessoas de Ordial. Essa tal Teresa... — disse Sara a Víctor ao passar junto dele.

Quando saíram da casa, ela lançou um olhar para trás; pela janela, avistava-se a silhueta de Pilar, ainda sentada no sofá.

— Manda o teu pessoal para aqui, eles que recolham todos os papéis que há pela casa, quero examiná-los na esquadra, e a Polícia Científica que venha recolher impressões digitais, embora não me pareça que vão encontrar seja o que for — disse a Víctor, e, antes de entrar no carro, voltou a olhar para a casa. — Podes disponibilizar um agente para ficar com ela, para a ajudar a tratar das formalidades? Nem sequer perguntou onde está o corpo do marido.

Santiago aproximou-se do carro onde estavam depois de desligar o telemóvel.

— Vou voltar para o hospital. Ana acaba de dar entrada na sala de recobro.

*

A sua irmã desapareceu em Outubro. Os primeiros Natais foram tristes; os demais, doentios. Para Quim, era como se, chegando a Dezembro, se instalassem num daqueles filmes de terror em que uma família de loucos come as uvas[2] acompanhada pelos corpos mumificados dos seus antepassados. Seria ele o único a aperceber-se do absurdo da situação? De quão ridículo e humilhante era encontrar a prendinha de Lucía junto à árvore?

As caixas envoltas em papel de embrulho acumulavam-se sobre a cama da sua irmã. Quim estivera várias vezes tentado a abri-las: o que ofereceriam a uma rapariga perdida? Eram objectos volumosos, quase de certeza caros. Um computador? Talvez o pai entendesse que, ao completar treze anos, já era tempo de Lucía ter o seu portátil. Como iria fazer os trabalhos de casa sem ele? Era essa a lógica a que a sua família se habituara.

Quim recordou a forma como o pai o acordara naquela manhã, quando ela dormia no sofá: «Encontraram Ana. Está no hospital de Barbastro, mas não há rasto da tua irmã, se é que te interessa», disse-lhe.

Depois, Joaquín virou-lhe as costas sem esperar pela resposta do filho e subiu as escadas. Quim gostaria de lhe ter dado uma lambada. O que é que o pai sabia sobre o que lhe interessava?

Na verdade, o que é que sabiam dele? Aos poucos, tinham-no posto de lado.

A ausência de Lucía tomara, gradualmente, conta de tudo. A recordação da sua irmã parecia mais real do que a sua própria presença: Quim sentia-se uma sombra naquela casa. Um fantasma que os pais nem queriam ver.

Era quase meio-dia quando a mãe o despertou. Contou-lhe que Ana piorara. Ia ao hospital, não fosse a Polícia precisar deles. Ao que parece, suspeitavam de alguém que vivia em Ordial. Montserrat tentava conter o seu entusiasmo. Contou-lhe o pouco que lhe tinham dito, e Quim preferiu não lhe responder o que pensava: que ainda estavam longe de encontrar Lucía. Há demasiado tempo que representava o papel de ave de mau agouro.

Por volta das quatro, veio o seu tio. Rafael perguntou-lhe se tinha comido e deixou-lhe um *tupperware* com arroz, para o caso de ter fome. Vinha de Ordial. Os habitantes tinham-lhe dito que os jipes da Guarda Civil passavam durante todo o dia. Falava-se de um casal que vivia num caminho de montanha.

À tarde, fumou a sua última ganza com Ximena na raia do pinhal.

— Achas que a vão encontrar? — perguntou-lhe ela.

Quim encolheu os ombros e deu uma passa. «Se a encontrarem, estará morta», pensou. Mas não o disse em voz alta.

Acompanhou Ximena à tabacaria da vila. Monteperdido parecia uma frigideira de óleo efervescente.

— Simón Herrera — disse-lhes a balconista enquanto lhes dava o troco — conduzia um reboque... era um *Volkswagen* branco; se calhar já o viram algum dia por aí... Dizem que eram um daqueles casais esquisitos que nunca saem da montanha...

Voltaram seguindo o leito do rio e evitaram a avenida de Posets. Ximena queria que ele fosse a casa dela, mas Quim não tinha vontade.

— Depois telefone-te. — E despediu-se com um beijo na face.

Já não tinha haxixe. Vasculhou os bolsos das calças que vestira na noite anterior. Também não tinha dinheiro. A mãe costumava guardar algum na cómoda, junto à roupa interior. Entrou no quarto dos pais: tinham saído sem fazer a cama. Não tinham aberto as janelas. Sentia-se o cheiro deles e na cómoda não havia dinheiro.

O quarto de Lucía já não cheirava a nada, só a produtos de limpeza. Mantinham-no tal como a irmã o deixara. A mãe varria e esfregava o aposento todos os dias, limpava o pó, mas não mudava nada de sítio. Até as bonecas que Lucía deixara espalhadas pelo chão naquela manhã continuavam no mesmo sítio. A única alteração eram as prendas de Natal e de aniversário sobre a cama.

Quim abriu o armário da irmã. Os seus vestidos engomados e limpos esperavam por ela nos cabides. Periodicamente, a mãe metia-os em água para continuarem a cheirar a amaciador. Sobre um bloco de gavetas tinha um guarda-jóias cor-de-rosa, infantil. Quim ergueu a tampa; os brincos que lhe tinham oferecido quando fizeram a primeira comunhão estavam junto a colares e pulseiras de madeira, bijuteria de raparigas. Quim pegou neles e guardou-os. Eram de ouro, prenda dos avós. Podia vendê-los quando fosse a Barbastro. Quem daria pela falta deles?

A tarde chegava ao fim. O gabinete da esquadra, praticamente sem que ela se apercebesse, caíra na penumbra. Já há algum tempo que forçava a vista para conseguir ler. Sara acendeu a luz, esperou uns segundos para se habituar à nova claridade e voltou a centrar a sua atenção nas caixas com as provas que tinham trazido da casa de Simón. No centro da mesa tinha uma prancheta com as últimas guias de trabalho do suspeito. Simón escrevera à mão moradas e quilometragem de transporte dos carros. A primeira coisa que fizeram foi verificar a veracidade desses movimentos. Com alguns telefonemas para oficinas, conseguiram confirmar os dados. No entanto, não recolhera nenhuma viatura no dia em que Ana apareceu.

— Alguma novidade? — perguntou Víctor, assomando ao gabinete.

Sara ergueu o olhar dos papéis.

— É possível — disse e virou a prancheta.

Víctor entrou e olhou para as guias que Sara lhe mostrava. Não conseguia perceber a que se referia.

— A quilometragem das guias foi martelada — disse Sara e acrescentou com um ar de impotência: — Mas não tenho bem a certeza do que isso significa.

— Como é que sabes?

Víctor pegou na prancheta e passou as folhas das guias, tentando encontrar a pista que levara Sara a chegar a essa conclusão.

— É uma questão de estatística. — Sara entregou uma folha ao guarda-civil, na qual anotara uma série de números. — São os quilómetros que Simón registou nas guias. Nesta coluna aponte os algarismos, do um ao nove. Ao lado, a quantidade de vezes que se repetem.

— O três aparece trinta por cento... o sete, cerca de cinco...

Víctor deixou a folha na mesa sem encontrar ainda sentido nos dados apresentados.

— É uma lei matemática: numa série de números, o um tem de aparecer numa proporção muito maior do que os restantes números... O nove não deveria sair mais de cerca de cinco por cento e chega quase aos dez... Simón inventou estes quilómetros.

Víctor não conseguiu ocultar um sorriso, embora tentasse dissimular o gesto, e perguntou: — Queres jantar alguma coisa? Pujante vai trazer sandes: recomendo-te a de *chiretas*. Tripa de borrego com arroz. É típico, do vale.

— Porquê esse sorriso?

— Por nada. Estou admirado... com a tua sabedoria. Apenas isso... suponho que é por essa razão que estão no comando das operações.

— O inspector Santiago Baín é o melhor especialista em desaparecimentos. Essa é a primeira razão — respondeu-lhe Sara sem se alterar. A seguir recordou o papel de desmancha-prazeres que Santiago lhe impusera. — A segunda é que vocês já andam aqui há cinco anos a demonstrar a vossa incompetência.

— E vocês vão deslindar tudo com um par de leis matemáticas...

— Nós vamos deslindar a questão. O resto da frase está a mais, sargento.

Sara mexeu-se, incomodada, na sua cadeira. Queria cortar a conversa quanto antes. Víctor e ela tinham trabalhado bem ao longo do dia na casa de Simón e, depois, na vila, perguntando aos habitantes pelo casal.

— Isso é o que todos queremos — tentou dirimir Víctor.

— Então porque é que não me ajudas em vez de jogares à defesa? És um guarda-civil, não um bancário. Ninguém te vai despedir.

— Parece-me mais útil examinarmos os testemunhos da população do que andarmos a brincar aos

números.

— O facto de ele ter martelado estes dados não te diz nada?

— Que andava a burlar a companhia de seguros para cobrar mais? Uma grande descoberta, subinspectora. De certeza que dá direito a umas palmadinhas nas costas.

— Ou que andava a encobrir os seus movimentos. Que não queria que ninguém soubesse onde andava quando recebia um aviso.

Víctor tentou ocultar a sua impotência, como uma criança obrigada a calar-se por ordem de um adulto. Perdeu o olhar pelo gabinete em busca de uma escapatória.

— Vou provar essas *chiretas* — disse Sara. — Para ver que tal está o produto da região.

— Vai ser sempre assim? — protestou Víctor antes de sair.

— Só quando estiveres enganado — respondeu Sara, para seu pesar. Não gostava de se regozijar com a sua vitória. — A vida de uma rapariga está em jogo. Não se admitem erros.

Víctor meneou a cabeça com o olhar cravado no chão e saiu do gabinete. Sara sentiu uma vaga de culpa percorrer-lhe o corpo. Fazia algum sentido virar contra si os agentes de Monteperdido? Santiago menosprezava-os, já passara por isso noutros casos. Costumava manipulá-los como peões, sem dar importância ao que pensavam. Tal como estava a fazer com ela agora. Deixara-lhe a parte mais penosa do caso: os processos, as provas. Longe do contacto com Ana ou Pilar. Tinha sido ele a conduzir todo o interrogatório com a mulher de Simón Herrera. Porquê? Sara não cometera erros no passado, e o último caso fora deslindado graças ao depoimento que conseguira arrancar a um amigo da vítima. Podia ser uma boa polícia atrás de uma secretária, mas era ainda melhor se estivesse em contacto com as testemunhas. Santiago sabia-o tão bem como ela.

E, ao pensar nisso, conseguiu entrever as razões que tinham levado Santiago a tomar essa decisão. Recordou a sua cara cheia de rugas, «grão-de-bico»; o seu olhar, sempre compreensivo, como um sacerdote, mas também distante. «Deixa-os pensar que sou um avozinho afectuoso», dissera-lhe quando chegaram a uma povoação. Mentiu-lhe. Sara sentiu então um grande vazio. De repente, via-se como uma mulher perdida no meio de uma floresta, abandonada. O que poderia ser se não fosse polícia?

Tentou afastar essa ideia da cabeça, concentrar-se nos dados do caso.

Víctor e Sara tinham chegado até à mulher de Simón e conseguiram formar uma ideia sobre o casal. Teresa, a encarregada de uma mercearia, lembrava-se de Pilar. Descreveu-a como uma mulher desgraçada, «atrasada», dissera-lhes. Sobre Simón, não se sabia quase nada, mas supunha que fazia o que queria com a mulher. Pilar tornava-se um títere nas mãos de qualquer um. Os testemunhos dos habitantes de Ordial repetiam as mesmas ideias: era Pilar quem andava pela vila e fazia as compras. As pessoas tinham pena dela devido à sua deficiência. Não se relacionavam com ninguém, embora vivessem no vale há vários anos. As suas famílias não eram dali e Simón era como uma sombra que as pessoas imaginavam mais pelo que Pilar contava do que pelo que viam. Aparentemente, só quem precisara dos seus serviços de reboque é que chegara à fala com ele. Homem de poucas palavras, mais tímido do que comedido, com um tom de voz tão baixo que era frequente terem de lhe pedir que repetisse o que dissera. Assim o descreviam. Um homem que fizera o possível para se manter à margem, fora da vida normal. O carro em que o encontraram morto era mais um pormenor; através do *chassis* tinham descoberto que era uma viatura que Simón deveria ter levado para a sucata. Não o fez, preferiu ficar com ele. Reparou-lhe o motor e tirou-lhe a matrícula. O transporte ideal para quem pretende ser um fantasma.

Víctor tinha acompanhado Sara ao longo de todas estas descobertas e ela não quis voltar a perguntar-lhe pelo cão. Nada disse em todas as ocasiões em que devia felicitá-lo. Nem sequer o fez quando o guarda-civil encontrou o recibo da estação de serviço que desencadeou tudo o resto. Ele esteve ao seu lado durante todo o dia, excepto durante alguns instantes. O primeiro, ao voltar da entrevista a Pilar; o segundo, à tarde, quando já estavam na esquadra. Sara sabia que ele aproveitava esses lapsos de tempo para ir a casa ver o cão.

— *Nieve*. — E, sem se aperceber, murmurou o nome do cão em voz alta.

Ao fazê-lo, recordou igualmente a forma como Víctor sujou a *T-shirt* de algodão com o sangue do cão ao abraçá-lo. A culpa teimava em não a abandonar. Gostaria de ter saído do gabinete, de se ter aproximado de Víctor e de lhe ter dito: «Lamento imenso, foda-se. Lamento mesmo. Não sou nada assim.»

«E és como, Sara?», interrogou-se.

«Concentra-te», disse para consigo depois. «Não te disperses.» Pegou no lápis e afastou qualquer pensamento para prestar atenção apenas aos traços que desenhava no papel. É esse o medo de Santiago, demonstra-lhe que podes controlá-lo.

Quando é que isso lhe começou a acontecer? Talvez quando não passava de uma criança e, por vezes, na solidão do seu quarto, reparava como o seu cérebro começava a funcionar a uma

velocidade excessiva. Tornava-se uma roda incontrollável, a girar cada vez mais depressa, a cuspir imagens como faíscas ao fazer atrito contra metal. Imagens e ideias que se iam amontoando sem sequer lhe darem tempo para as compreender. Uma engrenagem sob a qual asfixiava e que não sabia como deter. Até que a levava a gritar, fora de si.

O lápis desenhava um triângulo no papel; a seguir, um quadrado pegado ao triângulo. Sara sombreava-os enquanto a figura geométrica crescia nas margens de um relatório. Convertia-se numa estrutura sem sentido aparente, num labirinto em cujas linhas Sara encontrava um pretexto ao qual se podia agarrar. Uma forma de deter o carrossel do seu cérebro até voltar a sentir-se dona dos seus pensamentos.

O parque de estacionamento do hospital estava vazio. Enquanto esperava que lhe permitissem ver a filha, Álvaro Montrell tinha visto pelas janelas Joaquín Castán a discutir com o inspector Baín à entrada do edifício. Foi ao início da tarde. A seguir esteve com ele. Perguntou-lhe se o nome de Simón Herrera lhe dizia alguma coisa. Álvaro disse que não. Também lhe mostrou uma foto, mas pareceu-lhe o retrato de um homem entre muitos, uma cara impossível de recordar, por ser tão vulgar. Nada disso lhe interessava. Os médicos tinham-lhe dito que a operação correria bem. Ana estava no recobro e esperavam que saísse da anestesia ao longo da noite. Se não houvesse qualquer contratempo, abandonaria a unidade de cuidados intensivos logo no início da manhã. Sentia um calafrio cada vez que imaginava como poderia ser a rapariga que ia acordar. O que tinha de dizer. Um medo que só se atenuava quando via Raquel com aquele rapaz. Ismael, era como lhe tinham dito que se chamava. Que raio de coisa estaria o rapazola a fazer no hospital?

Frio. Tanto frio como se a sua corrente sanguínea arrastasse lascas de gelo. Ana encolheu-se e abraçou-se a si mesma. Apercebeu-se de que soluçava como uma criança apanhada num pesadelo. Não conseguia conter o pranto nem o frio. Os dentes batiam-lhe, e recordou algumas noites. As mais frias. A neve a cair pelo buraco do telhado, o vento glacial a percorrer cada recanto enquanto ela esperava, enregelada.

Entreabriu os olhos e uma luz branca a que não estava habituada infiltrou-se-sob as suas pálpebras. Viu silhuetas que não foi capaz de definir. Três palavras acudiram-lhe à mente: «Eco. Esquecimento. Nada.»

— Como estás, Ana? — disse-lhe uma voz feminina, e ela interrogou-se se pronunciara essas três palavras em voz alta.

Procurou a origem da voz, intrigada. «Onde estás, Lucía?» Aos poucos, a imagem que a circundava começou a ganhar forma: um quarto de tectos altos dos quais pendiam lâmpadas tubulares. Uma mulher de bata branca ao seu lado.

— Estou cheia de frio — disse por fim.

— É da anestesia — sossegou-a. — Às vezes dá frio, mas vais ver que passa num instante.

Então, tudo se compôs. Como um jogo de construção em que as peças vão caindo, colocando-se no devido sítio e formando uma estrutura que mais não era do que a sua vida. Uma linha que fora interrompida quando o carro saiu da estrada e se despenharam no barranco. Conseguia olhar para trás e ver com nitidez, mas não percebia o que sucedera depois.

— Onde é que estou? — perguntou.

— No hospital. Tiveste um acidente, lembras-te? — perguntou a enfermeira.

Ana olhou para ela com um sorriso. Não se apercebera, mas já não se abraçava com tanta força, já não tinha tanto frio.

A subida das águas O chão de lama desenhava um labirinto geométrico, as juntas eram avenidas e as rachas que o tempo abria nas lajes atalhos retorcidos como relâmpagos que podiam transportá-la de um lugar para outro. Tão rápido como um abrir e fechar de olhos.

Pilar estava sentada na sua cama. Estivera nessa posição durante toda a noite. Sem se aperceber, o seu corpo, cansado, foi-se encurvando, foi-se encerrando em si próprio enquanto ela percorria, vezes sem conta, os caminhos que se desenhavam no chão com o olhar. Tentava encontrar o que lhe permitiria sair do seu quarto, mas ainda não conseguira.

O silêncio da casa foi interrompido pelo estalido de um vidro.

O primeiro impulso foi gritar o seu nome. «Simón», ouviu a sua própria voz, e pôs-se de pé. Ainda deu uns passos, e foi ao sair do quarto que se lembrou de que o marido estava morto.

Um rumor de vozes subia pelas escadas. Vozes tensas como cabos prestes a partirem-se.

Eram oito da manhã e, a essa hora, ela costumava estar na cozinha a preparar o almoço. Veio-lhe o cheiro do aipo e do alho-porro cortados, da cebola. O cheiro a cebola e alho nas suas mãos. Deixaria tudo preparado antes de entrar na casa de banho para fazer a sua higiene. Depois, vestir-se-ia e viria até à vila para comprar o que lhe faltava: o pão, o vinho. Simón gostava de beber um copo de vinho às refeições. Mas a rotina de Pilar fora interrompida; sentia-se como se viajasse com um mapa antigo, em que as estradas e as ruas já não correspondiam à realidade. Um mapa que já não podia guiá-la para lugar nenhum.

«Onde está Lucía?!» O grito chegou-lhe com nitidez, embora ela não conseguisse compreender o significado das palavras. Um grupo de sombras movia-se, nervoso, atrás das janelas, como moscas encurraladas. À entrada, ao pé das escadas, havia uma pedra, e pelo chão e até à janela estavam espalhadas lascas de vidro como o rasto de um cometa. A luz, branca, queimava o buraco que a pedra abria no vidro. «Não podem estar aqui», ouviu alguém dizer, alguém que tentava sobrepor-se às restantes vozes.

«Já não há vinho», pensou, e os seus pequenos olhos pretos procuraram pela casa a forma de sair e descer à vila. Tinha de comprar vinho para o coitado do seu Simón.

Recordou o caminho de regresso da escola quando era criança. A vila onde nasceu e a voz da mãe a dizer-lhe que evitasse a praça, onde os velhos se juntavam para beber vinho. «Vai pelo caminho do Porchón. Vai por trás», dizia-lhe todos os dias quando a deixava na escola. «Porque é que se riem de mim?», perguntava-lhe ela. «Porque é que me dizem estas coisas?» E a mãe insistia, sem lhe dar mais explicações: «Vai por trás.»

Simón não dizia coisas feias enquanto bebia vinho. Sentava-se na sala de refeições, com as faces ruborizadas, calado até adormecer. Ela levantava a mesa e esfregava os pratos.

«O que fizeram às raparigas?» As sombras resistiam a retirar-se. Continuavam a esbarrar contra as paredes da sua casa.

«Não quero falar disso», disse-lhe uma vez Simón, antes de casar. «Não quero que voltes a fazer-me essa pergunta, estamos entendidos?» Simón puxou as calças para um lado, baixou as cuecas e mandou-a deitar-se. Ela tirou a roupa interior e deitou-se na cama. Simón colocou-se entre as suas pernas. «Para onde é que estás a olhar?» Pilar virou a cabeça; olhou para a colcha amarrotada, como se fossem montanhas vistas de cima, tremendo a cada investida de Simón.

Disseram-lhe que era um doente. Ela respondeu-lhes que um doente precisa de alguém que cuide dele.

Pilar afastou-se das escadas. Entrou na divisão que Simón usava como escritório. A Polícia tinha levado os papéis todos. A mesa e as estantes estavam vazias, como o esqueleto abandonado de um animal.

Tinha visto o cadáver da sua mãe. Beijara-a na face e achara o toque repugnante, pegajoso como um plástico. Um agente da Guarda Civil dissera-lhe que teria de esperar uns dias para poder enterrar o marido. Tinham de o autopsiar.

«Quem são essas raparigas? O que é que fizeste, Simón?»

«Vêm à minha procura e não sei o que lhes dizer.»

Pilar aproximou-se da janela do quarto de Simón. Através dos buracos da persiana, viu o magote

de gente que se acotovelava à volta da casa. Uns guardas-civis tentavam afastá-los da porta, mas eram só três. Não conseguiam controlá-los. Empurravam alguns, abrindo um espaço vazio, e outros encontravam forma de chegar à casa. Viu um rapaz jovem, parecia que o conhecia de vista, da vila. O rapaz agachou-se, pegou numa pedra e arremessou-a contra a casa. Estava a rir-se.

Riam-se os velhos na praça.

Riam-se porque era maluquinha.

«Enganaram-me», disse-lhe Simón um dia. «Usaram-me como se fosse um imbecil e fui parar à prisão. É o que dá acreditarmos nos outros, Pilar. Riem-se na nossa cara.»

As lágrimas queimavam-lhe os olhos. Arrastavam-se-lhe pelas faces, a ferver. As suas pernas foram cedendo e ele acabou por se sentar a um canto do quarto, com os músculos retraídos e doridos. Lá fora, continuavam as vozes. Continuavam as risadas, pelo menos era o que lhe parecia ouvir.

Risadas.

Velhos a beber vinho e a chamar-lhe idiota, aos gritos.

Ela tinha acreditado em Simón.

As mãos de Simón não cheiravam a cebola e a alho, apenas a suor acre. Como o seu corpo, sujo, viscoso, tal como o sentia após o sexo. Simón fazia-o com a pressa de quem quer acabar uma tarefa desagradável. Como quem limpa um poço obstruído.

Já outros a tinham utilizado antes. «Será que não te apercebes? Não os podes deixar fazer de ti o que quiserem», dissera-lhe a mãe.

A primeira menstruação, o sangue nas suas coxas. «Será que estou a morrer?», perguntou à mãe. «Não te laves. Não te toques», respondeu-lhe ela. «Tens de esperar que acabe de sangrar.»

«O que fizeram às raparigas?», voltavam a gritar à porta de sua casa.

Pilar viajava por aquele labirinto de recordações, afundando-se cada vez mais. Culpada e aterrorizada, incapaz de encontrar um sentido para o que se estava a passar. Mas eles queriam uma explicação. Precisavam de uma explicação. Tentava encontrá-la, mas não havia respostas na sua cabeça. Apenas passadiços que a levavam de uma recordação para outra, reafirmando uma ideia que, como um véu, tapara permanentemente a sua vida: «És uma atrasada, uma idiota. Toda a gente te mente. Toda a gente se serve de ti.»

Debaixo da mesa do quarto, havia uma pequena caixa de ferramentas. Era uma das poucas coisas que a Polícia não tinha levado. Arrastou-se sob o tampo e abriu a caixa. Ao fazê-lo, foi como se abrisse uma porta, a saída que procurava desde que os polícias chegaram a sua casa. Desde que lhe disseram quem era Simón. Sabia que eles não lhe mentiriam. Eles não. Remexeu entre chaves-inglesas e chaves de parafusos até encontrar um xis-acto. Sentiu os músculos a relaxar, as lágrimas a cessar. Pouco depois, as vozes de fora foram-se esbatendo, cada vez mais distantes, mais distantes. Até desaparecerem.

Olhou para o pulso: o sangue jorrava como se tivesse entornado um copo de vinho.

Joaquín Castán ainda não saíra do carro. Tinha estacionado num dos lados do caminho que subia para a casa de Simón Herrera. Consequia ver os guardas-civis a começar a controlar a situação. Tinham estacionado os seus jipes diante da casa, criando uma barreira de segurança, e, agora, afastavam as últimas pessoas que ainda resistiam a retirar-se dali. Marcial Nerín vinha a descer a ladeira, ainda encalorado, bufando a cada passo.

— Caraças! — disse ao abrir a porta do carro. — Não sei de que estão à espera para pôr esta mulher a falar.

— Os do SAF estão lá dentro? — perguntou-lhe Joaquín.

— Nem vê-los. Rojas e Telmo mais aquele rapaz, como é que ele se chama?

— Pujante?

— Esse mesmo. Está-se mesmo a ver em que mãos é que a deixam. Não sei que coisa tão importante têm a fazer para não estarem aqui.

A maior parte vivia em Ordial; foram-se reunindo em redor da casa desde o início, quando se confirmou o boato. Simón Herrera era o homem que aparecera junto a Ana. Alguns habitantes de Monteperdido também tinham descido à vila. Na casa estava Pilar, a mulher de Simón. Como podia não saber de nada? Tinham sido cinco anos. Demasiado tempo para, por muito atrasada que fosse, não ver nada de estranho.

— Telefona a Joaquín — pediu-lhe Montserrat.

Os nervos subiam-lhe pelo peito como enguias, até se enlaçarem à volta da garganta. Procurou um lugar onde se pudesse sentar, faltava-lhe o ar. Rafael pegou no braço da irmã e ajudou-a a dar uns passos até ao banco da sala de espera.

— Respira, mulher. São boas notícias.

— Já sei — disse-lhe Montserrat, e fechou os olhos com força.

Lutava para manter o controlo. Tentava construir uma fortaleza nos seus pensamentos. Uns muros que deixassem de fora o pânico sobre o que Ana podia contar. A operação correria bem, tal como a recuperação da rapariga. Muito em breve sairia dos cuidados intensivos. Estava consciente, dissera-lhe uma enfermeira, embora ainda um pouco desorientada. *Lucía está morta*. E se fosse isso que Ana teria para contar? *Lucía está morta*. E a ideia arrasava tudo à sua passagem.

— Tomaste alguma coisa? Queres que peça um comprimido? — O irmão mostrou-se preocupado.

Montserrat negou com um gesto enérgico. Estava decidida a sentir tudo, por muito doloroso que fosse. Quando recordasse este dia, não queria que estivesse envolto numa neblina de medicamentos.

— Telefona a Joaquín — repetiu a Rafael. — Diz-lhe que tem de vir. Conta-lhe...

*

Passaram por um gabinete. O médico sorria-lhes. Sorria-lhes demasiado, pensou Álvaro Montrell. Como se não tivesse tido nenhuma esperança e o resultado tivesse sido um milagre, algo que não tinha nada que ver com o que sucedera na sala de operações nem com a habilidade do cirurgião.

— Temos de dar graças a Deus — disselhes. — A recuperação de Ana está a ser melhor do que esperávamos.

Raquel sentou-se diante da mesa, Álvaro preferiu permanecer de pé, um tanto ou quanto afastado. Os polícias escutavam o médico, mas ele reparava que os seus olhares se desviavam para ele. O que estavam a fazer? A medir as suas reacções? Um sorriso ou a ausência de um sorriso dar-lhes-ia alguma pista. Catalogariam a sua atitude dentro de um perfil, mas quem eram eles para saber o que ele sentia? Não faziam a mínima ideia. Não tinham vivido nem um só dia daqueles cinco anos na sua pele. Álvaro queria sorrir, mas resistiu a fazê-lo. Escutou em silêncio o médico a dizer-lhes que tinham drenado o coágulo de Ana, que a sua filha saíra da anestesia e que os primeiros exames se revelavam excelentes. As suas reacções e os seus reflexos pareciam manter-se inalterados. Embora não pudesse ter a certeza absoluta, o médico acreditara que a intervenção não provocara danos secundários.

— E a memória? — perguntou o inspector Baín.

Álvaro não conseguiu evitar olhar para ele quando ouviu a sua voz e, ao fazê-lo, os seus olhares cruzaram-se. Parecia que Santiago não fizera a pergunta ao médico, mas a ele.

— Teremos de esperar mais um pouco. Está desorientada, mas isso é normal. Acontece a qualquer paciente quando sai de uma anestesia...

— Posso vê-la? — perguntou Raquel.

— Vamos levá-la para o quarto e... — começou por dizer o médico, mas Santiago interrompeu-o.

— Gostaríamos de lhe fazer umas perguntas antes disso. De certeza que vão entender.

— Quero estar presente — disse Álvaro, taxativo. — A minha filha é menor.

— Com certeza — respondeu-lhe Santiago com um sorriso que não ocultava o seu desagrado.

Para Álvaro, tudo aquilo não era um final, mas um princípio. Uma história que arrancava naquele preciso instante e da qual ele queria fazer parte. Não se ia limitar a presenciá-la como se fosse um espectador, alguém alheio que se levanta para ir à casa de banho a qualquer altura. Estava dentro e pouco lhe importava o que os polícias pensassem dele. Noutra altura, aquele sorriso do polícia tê-lo-ia dissuadido, tê-lo-ia convencido de que o melhor era dar um passo atrás. Mas ele já não se podia afastar.

Os quartos passavam de um lado e de outro como a paisagem se desloca do outro lado das janelas do comboio. Ana voltou a viver aquela sensação, a mesma que teve quando, em pequena, viajou de comboio até Barcelona. Dessa vez, na estação de Huesca, recostada no seu lugar enquanto o comboio começava a andar, sentiu que ela permanecia estática. Estava quieta, na carruagem do comboio, enquanto tudo o que havia lá fora se afastava: o cais, a estação e até o céu.

Deitada na maca, as lâmpadas fluorescentes do corredor iluminavam-lhe o rosto de forma intermitente.

— Tem vontade de ver os seus pais? — perguntou-lhe o segurança que a acompanhava ao deter-se em frente à porta de um dos quartos.

Ana recordou as mãos do pai, que a apertavam com força sob as axilas para a ajudar a descer do comboio, já em Barcelona. Deu um pequeno salto para transpor o vão entre a composição e o cais e descer da carruagem, mas nunca se sentiu sozinha. As mãos de Álvaro acompanhavam-na, guiavam-na no ar.

Pujante olhou para as escadas que davam para o segundo piso.

— Minha senhora? Está bem? — E as suas palavras não encontraram resposta.

A porta da casa estava aberta. Lá fora, Telmo acendia um cigarro, apoiado no capô do jipe. Falava com o outro agente da Guarda Civil, Rojas, e ria-se, mas não conseguia ouvir o que estavam a dizer. Ficaram ainda alguns mirones a uns cem metros da entrada. Não eram mais de cinco ou seis.

Habitantes mais velhos da vila, a quem tudo aquilo tinha dado alguma coisa que fazer naquela manhã.

Lançou uma última vista de olhos à sala antes de subir as escadas. O mais certo é que a mulher se tivesse escondido no seu quarto, assustada com os gritos, com as pedras que alguns tinham atirado. Uma lasca de vidro da janela da entrada chegara até ao primeiro degrau das escadas.

— Pode estar descansada — disse Pujante enquanto subia. — Já se foram embora, e vamos ficar aqui o tempo que for necessário. Minha senhora? Dona Pilar?

A cama estava feita; o quarto, arrumado. Tal como a cozinha, por onde passara antes. As panelas estavam todas esfregadas. Pujante imaginou a mulher a limpar e a arrumar a casa enquanto, no exterior, as pessoas perdiam o controlo. Ela prosseguia com as suas tarefas domésticas. Julgava, como os demais, que aquela mulher não podia ser assim tão ignorante. O seu marido ficara com as raparigas durante cinco anos, quem sabe o que fizera com elas, embora pudesse imaginá-lo. Não podia deixar de estar a par da situação.

Mas quem era ele para opinar? Pujante conseguira a transferência para a esquadra de Monteperdido uns meses antes. Aparentemente, só se lembravam dele para lhe pedir que fosse comprar coisas ou que trouxesse doces da pastelaria da sua mulher ou para se rirem da pêra que deixara crescer para parecer mais velho. Não se incomodava com isso. Tinha trabalho na vila onde fora criado, perto da família.

Em frente ao seu quarto havia outro aposento. Pujante atravessou o corredor e entrou. Reparou no cheiro penetrante. Um cheiro familiar, como o dos dias de matança em casa dos pais. Ficou logo incomodado. Uma recordação agradável, feliz, transformou-se de repente em algo sujo, macilento. O sangue estendia-se pelo chão, tinha-o pisado, ergueu uma bota e viu um coágulo a pender da sola. Sob a mesa, deitada, com a cara enfiada no chão, encontrava-se Pilar. O seu pulso esquerdo estava aberto. Pujante aproximou-se dela, tentou sentir-lhe a pulsação no pescoço. Antes de se erguer novamente, pensou que talvez não devesse ter tocado no corpo. Sentiu um espasmo no estômago, mas conseguiu conter o vômito.

— Uma ambulância — disse, mas as palavras mal lhe saíam do peito.

Levantou a persiana. Entrou uma brisa que arrastava o cheiro das árvores. Viu os seus colegas lá em baixo. Telmo puxou do cigarro e olhou para cima, levado pelo ruído das persianas. Pujante estava à janela, pálido, e desta vez gritou mesmo: — Chamem uma ambulância!

Levou a mão à cabeça. Até agora, não se tinha apercebido. Tinham-lhe cortado o cabelo. A sua pele, lisa, estava presa ao crânio. Percorreu-a suavemente com os dedos, não sem certa aversão. Sabia que a qualquer altura se podia deparar com a cicatriz. Na sala de recobro, o médico contara-lhe o que tiveram de lhe fazer durante a intervenção. Depois, fez-lhe algumas perguntas, o nome, a idade, e testes para comprovar que a sua visão não tinha sofrido danos. Os seus reflexos também não. Ana esteve tentada a pedir-lhe um espelho, mas não se atreveu a fazê-lo. Receou que a considerasse vaidosa, embora não conseguisse deixar de pensar no cabelo. Uma cabeleira da qual cuidava e que penteava horas a fio todos os dias. Tantas horas.

A cicatriz estava tapada com uma gaze, na parte de trás da cabeça, sobre a nuca. Olhou para a esquerda; junto à porta, havia uma janela atrás da qual se movimentavam umas sombras pouco definidas. Quem eram? Mais médicos e enfermeiras?

Desde que recuperara a consciência, aquela sensação de movimento perseguiu-a, como se tudo avançasse a um ritmo excessivo para ela. Queria deter as coisas, prendê-las, pelo menos para ganhar fôlego e conseguir alcançar a sua própria velocidade. Ver com nitidez aquelas pessoas que primeiro se deslocavam atrás do vidro e que agora entravam no quarto. Esquecer o cabelo e as viagens de comboio. Centrar-se no que tinha à frente. Quem eram?

— Meu amor — disse-lhe com um murmúrio e debruçou-se sobre a cama. Reparou nas lágrimas que lhe rolavam pelas faces. — Minha querida...

Raquel afastou-se uns centímetros de Ana para a olhar nos olhos. Aos poucos, como se descobrisse um tesouro escondido na areia, conseguiu reconhecer-lhe os traços. Mais acentuados, mais profundos. Mudara, mas ali estava.

— Sabes quem eu sou? — Raquel não conseguiu esconder o medo nas suas palavras.

— Mãe — disse Ana.

E viu a mãe sorrir, feliz, e todos os músculos da sua cara a relaxar. Era aquela a expressão com que Ana sonhara muitas noites e que, com o decorrer do tempo, se esfumara aos poucos, se perdera, mas que agora voltava a encontrar. Moveram-se outras figuras atrás da mãe. Julgou reconhecer o médico, uma mulher e um homem que procurava uma cadeira no quarto e, ao fundo, o pai. Álvaro abria alas até chegar aos pés da cama. Ao vê-lo, Ana teve a sensação de que voltava a segurá-la, a pegar nela com a segurança das suas mãos. Umas mãos que se aproximaram para lhe acariciarem o rosto. O seu cabelo branco e liso a descair sobre a testa. Os olhos azuis como água.

— Minha linda — disse, por fim, Álvaro.

Depois sentou-se na cama junto a ela e abraçou-a. Sentiu-lhe a respiração colada ao peito. Fechou os olhos e, finalmente, Ana sentiu que recuperava o controlo. O seu coração latejava ao mesmo ritmo que o dos demais.

— Temos de fazer umas perguntas a Ana. — Ouviu as palavras, em tom de desculpa, do homem que antes procurava uma cadeira. Tinha-a encontrado e estava a chegá-la à cama, à espera de que o seu pai se afastasse para poder posicioná-la.

— Não podem esperar um bocadinho? — perguntou-lhe Álvaro sem olhar para ele.

— Já esperámos muito tempo — disse-lhe o homem, firme.

— Tem calma — dizia-lhe a mãe. — Responde ao que puderes...

O pai ergueu-se e deu um passo atrás. Não gostava da situação, era notório, como quando se reprimia ao descobrir que ela, mais uma vez, deixara o quarto desarrumado.

— Chamo-me Santiago Baín — disse-lhe o homem, já sentado ao seu lado. — Sou polícia. Esta é Sara Campos e também é polícia.

Raquel sentou-se ao seu lado e pegou-lhe na mão. A mãe olhava-a. Durante um segundo, Ana pensou que não estava a olhar para ela, mas para a sua cabeça, rapada e branca.

— Queremos saber do que te lembras... como chegaste aqui, ao hospital.

Ana desviou a atenção para a mulher polícia. Ela também tinha a pele pálida. Tinha o cabelo apanhado, mas, se o soltasse, era provável que lhe caísse sobre os ombros. Não trazia fato, como o homem, mas umas calças de ganga e uma *T-shirt*. Com uma *sweatshirt* preta aberta.

— Tiveste um acidente de viação, lembras-te? — perguntou-lhe o inspector Baín ao ver que Ana não lhe prestava atenção.

Santiago esperou a resposta, que chegou com um leve gesto afirmativo da rapariga. Antes de continuar, olhou para trás, para Sara. Ela não ocultou uma expressão de discordância: queria ser ela a fazer as perguntas a Ana.

Chegaram algumas vozes do corredor.

— Importa-se de fechar a porta? — pediu Sara ao médico.

Santiago voltou a centrar a sua atenção em Ana.

— Estás a salvo, Ana. Os teus pais estão aqui. Não te vai acontecer nada de mal... por isso, não deves ter medo. Diz-nos com quem estiveste todo este tempo...

— Não sei — respondeu Ana. A resposta foi rápida, como a de um aluno que responde a uma multiplicação. A seguir procurou Sara com o olhar. — Com Lucía.

— Onde está Lucía? — perguntou Santiago.

— Ela ficou no buraco.

— Qual buraco?

— Na cave. Para onde aquele homem nos levou...

— Como era esse homem?

— Não sei.

— Era alto, baixo, já o tinhas visto alguma vez antes?

— Não sei.

Santiago fez uma pausa. Não ia pressioná-la, não queria que pensasse que ele estava contra ela. Sara chegou-lhe uma pasta e Santiago abriu-a. Lá dentro estava uma fotografia de Simón Herrera. Tirou-a e mostrou-a a Ana.

— Foi este? — perguntou-lhe.

Ana negou com um gesto. Sara viu como se soltava da mão da sua mãe. A rapariga sentou-se ligeiramente na cama.

— Não foi ele quem vos levou, a ti e à Lucía? — insistiu Santiago.

— Não.

Álvaro deu uns passos na direcção da cama, como se estivesse disposto a intervir para a proteger.

— Só lhes contas aquilo de que te lembrares — animou-a Álvaro.

— Chamava-se Simón Herrera — prosseguiu Santiago. — Era o homem que ia contigo no carro.

— Foi quem me salvou — disse Ana.

Sara procurou Santiago com o olhar. Isto mudava tudo o que tinham pensado até ao momento.

— O que queres dizer com isso? Salvou-te como? — perguntou Santiago.

— Entrou na casa... cortou as cordas e levou-me para o carro... Disse-me que me ia levar a casa...

— E o que aconteceu depois disso?

— Não sei... de certeza que nos viu... íamos muito depressa, no carro. A mim tinha-me deixado no lugar de trás... ia deitada. Tinha medo. Então senti qualquer coisa a bater-nos por trás... O carro saiu da estrada e... começou tudo às voltas, os vidros partiram-se...

Ana deteve-se bruscamente. Voltou a pegar na mão da mãe e a procurar refúgio no seu olhar.

— Tem calma, estás a sair-te muito bem — disse-lhe Raquel.

— Onde estava Lucía nessa altura? — insistiu Santiago, que viu, pelo gesto de Álvaro, que não lhe iam permitir muito mais perguntas.

— Na cave, com ele... quando descia para ficar com Lucía, levava-me a mim para cima e deixava-me amarrada...

— Sabes onde fica a tal cave? Já lá tinhas estado alguma vez antes?

— Estivemos sempre lá...

E, ao recordá-lo, Ana teve uma sensação incómoda. Sentiu medo, mas um medo que não sabia se se devia à recordação do lugar ou ao facto de estar fora daquela que tinha sido a sua casa nos últimos cinco anos.

Víctor entrou no quarto sem bater à porta.

— Santiago, Sara. — E, com um gesto, indicou-lhes que precisava de falar com eles fora do quarto.

Antes de se levantar, Sara aproximou-se de Ana. Acariciou-lhe a face.

— A tua mãe tem razão, estás a sair-te muito bem. — E a seguir acrescentou: — Ficas muito gira com a cabeça rapada. Estou a falar a sério.

Depois, seguiu Santiago e Víctor pelo corredor do hospital. O sargento deteve-se a uns metros do quarto, com a certeza de que já ninguém ouviria o que tinha para lhes contar.

— É Pilar, a mulher de Simón Herrera. Suicidou-se... quando a ambulância chegou lá, já não havia nada a fazer...

O parque de estacionamento do hospital convertera-se no local de encontro dos habitantes de Monteperdido. Lá estavam Joaquín Castán e Montserrat. Também Rafael e Marcial Nerín. Ismael juntou-se a eles quando chamaram Raquel para ir ver a filha lá dentro.

Falavam do que acontecera na casa de Simón Herrera, de como os habitantes se aglomeraram à volta da casa à procura de respostas, porque, de certa forma, a história de Ana e Lucía era a história das povoações do vale.

— Quem é que falou com ela? Foi Víctor? — perguntava Joaquín a Ismael, mas este parecia não ouvir. Raquel saíra do quarto sem o convidar a acompanhá-la, como se de repente tivesse deixado de existir. Como se não tivesse passado as últimas horas, os últimos anos, ao seu lado. No entanto, resistia a aceitar aquele sentimento de desprezo. Não era apropriado. — Ismael? Perguntava se estava Víctor, o sargento da Guarda Civil... se estava no quarto com a rapariga... — insistiu Joaquín Castán.

— Acho que sim — respondeu Ismael. — Com os dois polícias de fora.

— Se soubessem de alguma coisa, ter-vos-iam dito. — Rafael quis imprimir um tom tranquilizador ao seu discurso. Via Joaquín lançar olhares de cólera para o hospital. Estava a acumular aquela raiva que, depois, se transformaria no motor que arrastaria a sua irmã atrás dele, como se se precipitassem montanha abaixo, arrastando tudo à sua passagem. — Dá-lhes alguma margem.

Joaquín ia responder ao cunhado quando as luzes das sirenes o calaram. Um carro da Polícia e, em seguida, o jipe da Guarda Civil saíram a toda a velocidade do parque de estacionamento. Ele quis gritar, detê-los, exigir-lhes respostas, mas sabia que era absurdo, como um cão que ladra para os carros na estrada. Esperou uns segundos até reunir coragem suficiente para encarar a sua mulher. Enquanto lhe falava, tirou o telemóvel e marcou um número...

— Não vão tratar-nos como se não fôssemos ninguém... — prometeu-lhe Joaquín. — Como se fôssemos uns pobres diabos.

— Estás a ligar a quem? — E Montserrat deu uns passos na direcção do marido.

— A Víctor.

Montserrat sabia que não iam atender. Ninguém tem pressa em dar as más notícias, e ela estava convencida de que o que lhe tinham a comunicar sobre a filha, fosse o que fosse, não ia ser agradável.

*

Os mirones precipitaram-se para um dos lados do caminho quando os carros da Polícia subiram até à casa de Simón Herrera. Antes tinham visto chegar a ambulância que ainda estava estacionada junto aos jipes da Guarda Civil. Os médicos falavam, relaxados, com os agentes, formavam um círculo junto aos automóveis, à entrada da casa. Não era uma conversa tensa, pelo contrário, parecia relaxada, de somenos importância. Um dos médicos da ambulância punha a mão no ombro de um guarda-civil, dava-lhe palmadinhas de encorajamento. Já corria o rumor de que Pilar morrera e pouco demoraria a chegar a Monteperdido. «É porque sabia», diziam alguns. «Caso contrário, porque havia de se matar?»

Sara desceu do carro e cravou o olhar no chão lamacento, onde se viam as marcas deixadas pelos

pneus no caminho de ida e volta à casa. Ergueu-se, decidida a deixar para trás os remorsos que, durante todo o trajecto, ameaçaram apoderar-se dela. Como se fossem um casal após uma amarga discussão, Santiago e ela não tinham aberto a boca ao longo da viagem, a não ser para dar indicações sobre a direcção. Frases sem importância que tentavam encher o vazio.

Ela atravessou o círculo formado pelo pessoal da ambulância e pelos guardas-civis. Deixou cair um olhar em Pujante, o agente que encontrara Pilar, conforme Víctor lhe dissera. Vinte anos mal feitos e pele transparente; os olhos, aquosos, revelavam que era o primeiro cadáver com que se deparava.

Sara viu os vidros partidos à entrada, a pedra no sopé das escadas.

— Sobe! — ordenou-lhe Santiago.

Ela chegou ao corredor do segundo piso. Olhou para o quarto que Simón usava. Santiago passou à sua frente e entrou. O corpo de Pilar estava tal e qual como Pujante o encontrara. Os médicos tinham-lhe posto uma manta térmica por cima, nada mais. Víctor encarregou-se de avisar o juiz para vir fazer o levantamento do cadáver. O inspector Baín pôs-se de cócoras junto ao corpo da mulher de Simón. A sua cabeça cravada no chão e o pulso aberto. A uns centímetros da outra mão, o xis-acto manchado de sangue, com o qual se suicidara.

— Não sei como é que ela conseguiu fazer isto sem gritar... viste a ferida que fez? — disse Sara.

— Na Semana Santa, nas procissões... há gente que sai à rua descalça, fustigando-se... e alguém os ouve gritar? Julgam que merecem toda aquela dor.

Santiago ergueu-se e olhou pela janela do quarto. Lá em baixo, Víctor estava reunido com os seus colegas mas também conseguia ver, mais ao longe, o grupo de mirones da vila. Idosos, na sua maioria, mas também um ou outro adolescente.

— Não quero voltar a ver aquele imbecil à minha frente — disse Santiago, virando as costas à janela e saindo do quarto. — O que encontrou o corpo. Nem os que estavam lá fora.

Sara tentou conter-se, mas foi incapaz.

— Achas mesmo que isto foi culpa deles? Nós é que o devíamos ter evitado.

Santiago deteve-se no patamar da porta, de costas para ela. Sara viu os ombros do homem afundarem-se, cansados, e a sua cabeça também se inclinava, como se uma força invisível a empurrasse para baixo.

— A nossa obrigação era prever o que Pilar podia fazer. Pôr um guarda colado a ela — insistiu a polícia.

— Porque não te poupas a isto tudo, Sara? — respondeu-lhe Santiago, voltando-se para ela. O seu olhar, mais do que tenso, parecia derrotado.

— Sabes que tenho razão.

Ele esperou uns segundos em silêncio antes de responder: — Até que ponto importa resolvermos este caso?

E Santiago deixou de olhar para Sara. Os seus olhos repousavam sobre o cadáver de Pilar.

— Não sei o que queres que responda a isso.

— Nada — disse ele.

— Estás a pensar em afastar-me? — atreveu-se ela a perguntar.

— Julgas-te melhor do que eu.

— Não é isso, Santiago. Mas sei que posso ajudar mais se me puseres na primeira linha. Se me tivesses deixado falar com Pilar...

— O quê? — interrompeu-a ele. — O marido dela não teve nada que ver com isto. Diz-me: o que teríamos conseguido?

— Não sei — murmurou Sara. Não se atrevia a afirmar que teriam evitado a sua morte. — Estava muito assustada. Como se lhe tivéssemos tirado a terra de debaixo dos pés... percebes aonde quero chegar? Passou a vida toda à procura de segurança e, de repente, tudo de esfumou. Entramos. Dizemos-lhe que o homem que amava era um monstro...

— Pois é, Sara. Não te apercebes do que estás a fazer?

— O meu trabalho? — respondeu ela, incomodada.

O cadáver de Pilar: o seu corpo, sob a mesa; o pulso aberto. Santiago sabia que teria de fazer um esforço para esquecer a imagem logo que saísse da casa. A seguir aproximou-se de Sara e sorriu-lhe. Afastou-lhe o cabelo da cara e deixou a mão na sua face. Acariciou-a.

— Não te quero ver a ir abaixo outra vez — disse-lhe.

Sara sentiu um tremor de vergonha.

Santiago retirou a mão da cara dela. Gostaria de a ter abraçado. «Não é qualquer pessoa que pode fazer este trabalho», pensou dizer-lhe. Mas preferiu manter-se em silêncio. Não sabia exprimir todo o carinho que sentia por ela, que nada do que lhe dizia era uma reprimenda, mas um consolo. E até uma lisonja: tinha razão, ela era melhor do que ele. Por isso, não podia ser polícia. No entanto, a

única coisa que fez foi despedir-se e sair do quarto.

Sara ouviu os passos de Santiago a ressoar nas escadas, a porta a abrir-se. Pela janela viu-o a despedir-se de Víctor, a dar um abraço quase paternal a Pujante, o agente que encontrara Pilar. Sara não esperou que ele entrasse no carro. Saiu daquela divisão e entrou no quarto de Pilar. Imaginou-a sentada na cama, a ouvir os insultos dos seus conterrâneos, o coração aos saltos quando a pedra partiu o vidro. Que terá pensado aquela desgraçada? O seu Simón, o homem com quem partilhara a vida, o único que tinha querido estar ao seu lado, que casara com ela, uma atrasada, que terá sofrido o desprezo das pessoas desde a meninice, aquele homem transformara-se num monstro. Raptara duas raparigas inocentes. Que lhes fizera? Porquê? E quem era ela então? Como podia amar um homem assim? Como se deixara enganar?

Entrou na casa de banho que havia em frente às escadas. As toalhas estavam secas, a banheira também. Abriu o armário que havia sobre o lavabo: não encontrou os produtos de beleza que qualquer pessoa esperaria encontrar na casa de banho de uma mulher. Havia uma máquina de barbear de Simón e frascos de medicamentos. Uma caixa de amoxicilina, cremes para as queimaduras, outros com cortisona.

— Já chegou o juiz — ouviu Víctor dizer-lhe.

— Temos de ir falar com o médico forense. Aqui já não há nada a fazer — disse Sara, descendo as escadas.

— Mas deixamos a casa vazia? — perguntou-lhe Víctor.

Ela não lhe respondeu. Saiu da casa e entrou no carro de Víctor sem se despedir dos agentes. Olhou para a casa. Agora, que Pilar não estava, o tempo começaria a comer as paredes, a chuva enfraqueceria o telhado e, um belo dia, o edifício ficaria em ruínas, transformando-se numa casa abandonada, desmoronada, como as que a circundavam. E, então, ninguém se lembraria dos que um dia ali tinham vivido.

*

— Temos de falar. Pensar no que vamos fazer — disse-lhe Álvaro.

— A que te referes? — murmurou Raquel enquanto procurava o seu maço de cigarros.

— Quando lhe derem alta. O que é que lhe vamos dizer?

Raquel afastou-se uns passos de Álvaro. O Sol começava a pôr-se. Lembrou-se de que ainda não tinha comido. Acendeu um cigarro, e o fumo, quando o aspirou, queimou-lhe o estômago. Tinham-lhe pedido que saíssem enquanto faziam o curativo a Ana. Ela queria fumar, Álvaro quis acompanhá-la. O guarda-civil que estava com eles no quarto também saíra para fumar. Podia vê-lo a uns cem metros deles. Estava a falar ao telefone enquanto ia dando umas passas no seu cigarro. Raquel supôs que estaria a falar com a sua mulher, a dizer-lhe que estava no quarto da rapariga que tinha aparecido, de certeza que a tinha visto na televisão. Com os pais.

— O que havemos de lhe dizer? — perguntou-lhe Raquel, voltando-se para Álvaro.

— Não sei..., mas, se calhar, de momento... não é preciso dizermos nada... Ao princípio, pelo menos. Suponho que é o melhor.

— E quando chegarmos a casa e tu não estiveres?

— Gostaria de estar, Raquel.

Álvaro não tinha mudado assim tanto. Raquel sentiu certa vergonha e afastou o olhar do marido. Ela tinha envelhecido mais naqueles cinco anos. Sabia que a sua pele já não tinha o brilho de outrora, o seu corpo perdera a firmeza que Álvaro recordava. Os piropos de Ismael pareceram-lhe mentiras nas quais ela se empenhava em acreditar. O tempo não tinha passado da mesma forma para os dois, isso era evidente, dizia Raquel para consigo. E, durante um momento, imaginou como seria voltar a despir-se à frente do marido, mostrar-lhe o corpo, cinco anos mais velho, e pensou que seria incapaz de o fazer. Ele emagrecera, as suas olheiras violáceas tinham-se tornado mais evidentes, os seus traços também se tinham tornado mais marcados: o nariz, as maçãs-do-rostto, o queixo. Era como se já não tivesse nada a ocultar e se mostrasse tal como era. Os seus olhos azuis, líquidos, que, havia já tanto tempo, lhe despertaram a paixão, olhavam-na agora com uma segurança esquecida. Com a mesma determinação de há quase vinte anos, disse-lhe «amo-te» pela primeira vez. Quando o seu cabelo ainda era castanho e não se transformara naquele manto alvo que tanto lhe agradava. Agora, Álvaro exigia o seu direito a estar na casa, junto a ela, quando Ana regressasse.

— Não sei se será lá muito boa ideia — confessou-lhe Raquel. — Não devíamos mentir-lhe.

— Preciso de estar ao lado dela — pediu-lhe Álvaro. — Diz-lhe que já não estamos juntos, mas não me afastes, por favor.

— Estás a fazer de mim a má da fita.

— Isso não é verdade.

— E o que é que eu hei-de dizer a Ana? Não quero deixar que o pai dela volte para casa. Foste tu que te puseste a andar. Há quase quatro anos que não sei nada de ti.

— Isto não é sobre nós os dois, Raquel. Não vou pedir-te que tudo volte a ser como dantes. Só quero estar perto da minha filha.

— E estarás.

— Isso é um não?

— Dá-me tempo — pediu-lhe Raquel. — São demasiadas coisas... e só quero fazer o melhor para Ana...

Álvaro dirigiu o olhar para a entrada. O guarda-civil acabou de fumar o cigarro e apagou-o num cinzeiro junto à porta. Lançou-lhes um olhar indiscreto antes de voltar para o hospital.

— Fico passado por não nos deixarem estar a sós com ela — murmurou Álvaro com raiva enquanto puxava para trás o cabelo que insistia em ir-lhe para os olhos.

*

Santiago virou numa saída uns quilómetros antes de chegar a Barbastro. A sinalização anunciava uma área de serviço. A estrada conduzia a um terreiro mal pavimentado. Havia um par de camiões estacionados e, atrás da estação de serviço, um daqueles restaurantes impessoais que surgem junto às auto-estradas como ervas daninhas. Um armazém rectangular, sem mais pretensões que as de ter quatro paredes e um tecto. Umas letras pintadas na fachada, tão grandes que eram legíveis da estrada: MESÓN ERISTE, MENU 7,90€. Santiago estacionou junto à porta. Toda a grandeza daquela zona, a sua paisagem imensa, desaparecia na vulgaridade do estabelecimento, fotocópia doutros lugares que se podiam encontrar em qualquer cidade. Tectos altos, um grande balcão rodeado de banquetas vazias àquela hora da tarde, só algumas pessoas mais velhas sentadas às mesas, uma luz amarelada, quase ocre. Uma mulher na casa dos cinquenta, de cabelo ripado e semblante de tédio, aproximou-se dele e perguntou-lhe o que queria. Santiago pediu uma água com gás e uma dose de salada, tirou o casaco e deixou-o pendurado nas costas da banqueta. Cheirava a óleo queimado, a desinfetante. O som de uma telenovela, o diálogo das personagens, ressoava na sala. Santiago olhou para trás e viu a televisão, pendurada a um canto; uma adolescente com ar desconchavado, espojada sobre a cadeira, seguia com atenção o diálogo das personagens. Pareceu-lhe que estava a mascar pastilha elástica.

A empregada serviu-lhe a água e a salada e ergueu em direcção à adolescente uma voz que parecia um grasnido.

— O que aconteceu? Já lhe contou sobre a filha?

A adolescente encolheu os ombros em resposta àquela pergunta. A empregada saiu do balcão e, ao passar atrás de Santiago, deixou um suave rasto de suor e óleo. «O cheiro do cansaço», pensou o polícia. Ele bebeu um gole de água com gás e tentou controlar o coração. Sentia-o a latejar, acelerado, a bater-lhe com suavidade no peito, levemente, mas de forma incessante, como um pica-pau a esculpir com afinco o seu ninho. Estava há uma noite sem dormir, não tinha comido praticamente nada e o corpo começava a ressentir-se. Eram demasiados anos que, agora, também lhe pareciam demasiadas derrotas. Resolver um caso não significava, quase nunca, salvar as vítimas. Resolver um caso era, na maior parte das vezes, encontrar os cadáveres, fazer um relato lógico dos acontecimentos. Era o que exigiam, não só os seus superiores como também as pessoas afectadas por qualquer desaparecimento. Um relato que desse sentido à sua dor. Como se a sua vida fosse a das personagens de uma série televisiva e pudesse explicar-se por uma sucessão de reacções de causa e efeito. Tinha sido esse o seu trabalho. Dar coerência a factos aparentemente inexplicáveis.

Sara tinha razão: eram responsáveis pela morte de Pilar. A mulher de Simón tinha sido incapaz de resistir à ausência de uma história, a que ela viveu junto do marido. Limitada pela doença, imaginava-a a tentar dar sentido a todos aqueles anos e, sentindo-se incapaz, a cortar as veias. Morreu a pensar que amara um demónio, quando o tempo poderia converter Simón no herói desta história: encontrou Ana, arriscou a vida para a salvar e, embora pagando com a sua, conseguiu.

Um homem sentou-se junto a Santiago ao balcão. Aparentava ter mesma idade que ele, mais de sessenta, e ao olhar para ele teve a impressão de se encontrar em frente a um espelho.

— Você é um dos polícias, certo? Dos que vieram por causa das raparigas de Monteperdido...

Santiago disse que sim com um sorriso. Reparou que o seu coração deixara de o fustigar, que a taquicardia se dissolvia. O homem suspirou, como se percebesse o lugar em que estava o polícia e não quisesse ocupar o seu papel por nada deste mundo.

— Nestes montes é fácil não encontrar absolutamente nada — disse-lhe o homem. — Não foram feitos para gente... Isto é coisa para camurças, para corços... Eles é que sabem mexer-se por aqui.

— Fazemos o que podemos — admitiu Santiago.

— O meu cunhado perdeu-se lá para os lados do Ixeia, antes de terem iniciado a construção do túnel... e nem os sapatos encontrámos... — Mas o homem esboçou um sorriso. — Embora também não tenha deixado muitas saudades.

Santiago remexeu nos bolsos à procura de dinheiro e pediu a conta. O homem suspirou na sua banqueta: camurças e corços. Só os animais é que sabem viver na montanha. Todos os outros serão sempre forasteiros. Deixou umas moedas a tintilar sobre um prato metálico e despediu-se do homem.

— A outra... a que não apareceu... está morta, não está? — perguntou-lhe quando Santiago já estava de saída.

Víctor manteve-se a uns metros da mesa de autópsia. O médico forense ia debitando as causas da morte de Simón, a pancada na cabeça contra o painel de bordo do carro, a fractura dos ossos, a hemorragia intracraniana, terminologia médica que se perdia no cheiro anti-séptico da sala, que aos poucos ia ouvindo mais ao longe, como se se escondesse atrás das palavras de Sara, do que lhe contara quando vinham a caminho do instituto médico forense. Simón salvara Ana. A rapariga descrevera-lhes como aparecera no refúgio, o lugar onde tinham permanecido cativas todo aquele tempo e enquanto Lucía estava com o homem na cave, naquele buraco, Simón desatara as cordas e levava-a até um carro.

Cada palavra de Ana era um caminho que os guiava por perguntas para as quais até agora não tinham tido resposta. Um refúgio, cinco anos. Um homem e um buraco. Tinham estado tão perto durante todo aquele tempo? Quem era o homem? Lucía nessa cave, presa, à espera de que eles a encontrassem, como Simón fizera com Ana. Teria o raptor tido medo ao ficar a saber que Ana continuava com vida? O que estaria a fazer agora, enquanto eles ouviam as explicações dadas pelo médico forense, perante o cadáver de Simón?

Sara observava o corpo nu sobre a mesa metálica. Quem era realmente Simón? Tinha-o imaginado como um fantasma que faz verdadeiros esforços para apagar o seu rasto. Tinha um casamento que dominava, um trabalho que lhe concedia liberdade de movimentos, uma vida sem relações sociais que pudessem condenar os seus actos. Cometera um erro no passado, o que o levava à prisão. Martutene. Simón transformou-se, desde então, num homem cauto, silencioso, escondido atrás de uma fachada de vulgaridade, que levava ainda mais longe as suas perversões. Era muito metódico a eliminar o seu rasto e a manter o rapto das raparigas. Encaixava tudo com enorme facilidade e Sara deixara-se levar por aquela emoção.

Agora via a sua história de outra forma; talvez estivesse a retorcer as peças para encaixarem onde ela queria. Simón podia ser um homem que assumiu a culpa e que, envergonhado, tentou levar uma vida discreta, simples, cujo único pecado era sacar uns euros aos seguros nas suas guias.

Sara olhou pela última vez para o corpo de Simón e imaginou uma descrição algo absurda que a fez esboçar um sorriso triste: um homem sem peúgas. E olhou para os pés, manchados de erupções violáceas, agora que o sangue deixara de circular por eles.

— Tinha problemas de circulação? — perguntou ao médico forense.

— Algumas varizes, mas sem importância. Os resultados das análises são bons. Só um nível um pouco elevado de cortisona.

— Sei que não é fácil, mas pensa em Lucía. Faz isso por ela. Tenta lembrar-te — pediu-lhe o inspector Baín.

Ana sentou-se na cama, com as costas apoiadas nos almofadões. Os pais continuavam à espera no corredor; conseguia ver-lhes as silhuetas através do vidro.

— Um momento — disse Sara e, em seguida, saiu do quarto.

Santiago viu a colega aproximar-se dos pais e, pouco depois, as suas sombras do outro lado do vidro a desapareceram. Sara fechou a porta ao voltar ao quarto, para Ana não ter mais distrações. Parecia nervosa, até assustada. Sara viu essa insegurança nas suas mãos, nos dedos com os quais se tocava de forma compulsiva; arranhava a pele à volta das unhas, esgaravando como se quisesse enterrar alguma coisa. As pequenas feridas vermelhas que se desenhavam à volta das unhas fizeram-na supor que esse acto se tornara um hábito ao longo da sua clausura. Aquela insegurança e aquele medo.

— Não sei o que tenho de dizer — murmurou Ana.

— Agora só queremos falar desse buraco. Do refúgio. Como é que ele é? — perguntou-lhe Santiago e sentou-se na cama, junto dela. Sara puxou dum gravador e colocou-o sobre a mesa-de-cabeceira. Ana olhou para ele antes de responder; a luz vermelha, a piscar.

— Está em ruínas. Num dos lados, o tecto abateu. E parte de uma das paredes também — começou por dizer Ana.

— É de pedra? — perguntou Santiago, e ela respondeu com um «sim» praticamente inaudível. — O que havia nas redondezas?

— Montanhas. Montanhas e árvores.

— Tenta descrevê-las. Como eram? A folhagem das árvores... ou sabes que tipo de árvores eram? Queremos encontrar o sítio e tu és a única pessoa que nos pode levar até ele.

— Não saíamos dali... só quando ele descia, a mim deixava-me lá em cima...

— Amarrava-te e passavas horas sozinha — insistiu Santiago. — Uma parede ruída. De certeza que fazia muito frio.

— Bastante — confirmou Ana.

— O que vias através desse muro?

— A montanha, embora durante quase todo o ano estivesse coberta de neve. Nos dias de muito vento, a neve também entrava por ali dentro. E pelo tecto, claro... tinha uma manta, mas nalgumas noites não conseguia dormir por causa do frio.

— Mas agora estamos no Verão. — Santiago tentava guiá-la, mas Ana parecia perder-se de cada vez que lançava o olhar para trás. — A montanha não tem neve ou ainda tem alguma?

— Só no cume.

— Vias mais alguma coisa na montanha? Um rio, outro refúgio, a estrada...? — Mas, a cada palavra de Santiago, Ana respondia com uma negação.

— Só a montanha. Agora, no Verão, as árvores estão cheias de folhas até acima... Não sei o que são... os troncos não são muito grossos... e as folhas...

— Alongadas, arredondadas?

— Como corações... Corações verdes, era o que me pareciam... Eu chamava-lhes mentirosas, às árvores. — Ana sorriu ao recordar aquela brincadeira privada. — Por vezes, faziam-me acreditar que estava a chover, mas era só o barulho que as folhas faziam por causa do vento... parecia mesmo chuva.

Santiago fez uma pausa. O seu olhar deslizou para o gravador, cujo contador digital avançava, apesar do seu silêncio. Os segundos sucediam-se e o polícia não conseguia encontrar uma fresta que lhe permitisse entrar na memória de Ana e obter uma visão definitiva do lugar onde tinham estado presas.

— Houve algumas noites em que ficaste lá em cima, não houve? Do sítio onde estavas, conseguias ver o pôr-do-sol?

— Não. Aos poucos, a luz ia-se apagando... No Inverno era raro... porque se via o céu preto e a neve continuava a brilhar... como se funcionasse sozinha... ligada ou uma coisa assim... — Durante um momento, deixara-se enlevar, mas depois Ana conteve-se e voltou à sua atitude esquiva. — É um disparate...

— Nada é um disparate — interveio pela primeira vez Sara. — Cada coisa que dizes ajuda-nos, Ana. Nem sabes quanto. E se te parecia que a neve tinha... esse esplendor... fazes bem em contar-nos.

— Sabemos que não nos vais dar uma descrição exacta. Ninguém seria capaz. Só queremos saber o que te parecia esse lugar — prosseguiu Santiago.

— Um buraco — disse Ana, convicta. — Não interessa se ficava lá em baixo, na cave ou no refúgio... parecia que estava tudo rebaixado. Por vezes, tinha a impressão de que a montanha e as árvores nos iam cair em cima...

— Quando chovia muito, o sítio ficava inundado? — perguntou Santiago.

— Às vezes ficava, e a água arrastava ramos das árvores e coisas assim... lá em baixo, na cave, havia infiltrações... parecia que estávamos num submarino e... — Ana apagou o sorriso que se lhe abria no rosto, envergonhada, como se recordar com carinho um só minuto do seu rapto fosse grotesco.

— E o homem que estava convosco limpava o refúgio?

— Não sei. Se calhar.

— Mas era um homem forte, poderia tê-lo feito. Tal como podia ter reparado as paredes ou o tecto...

— Não sei se era assim tão forte...

— Tirava-te à força da cave. Tinha de ser um homem forte, se oferecias resistência...

— Não oferecia resistência, porque haveria de o fazer?

— É normal que, depois de tanto tempo, se tornassem amigos. Não é preciso teres vergonha disso... o que haverias de fazer?

— Eu não era amiga dele. Nunca falava com ele.

— Ana. Passaram cinco anos. Nunca falaste com ele? — Santiago olhou fixamente para a rapariga; eliminara toda a simpatia do rosto. Já não fingia ser um homem compreensivo. Queria deixar claro que a sua paciência se estava a esgotar. — Porque é que nos estás a mentir?

— Não estou a mentir, não estou mesmo.

E Ana procurou em Sara a cumplicidade, mas Santiago pegou-lhe suavemente no queixo e obrigou-a a olhá-lo nos olhos.

— Quem é? — perguntou-lhe. — Vamos ficar do teu lado. Prometo-te que não te vai fazer mal. Por isso, já chega de parvoíces, por favor. Ou será que não te importas com o que possa acontecer a Lucía? Tu estás aqui, com os teus pais, irás para casa... mas, se não começares a ajudar-nos, quando encontrarmos Lucía, estará morta. É isso que pretendes?

A cara de Ana tremia na mão de Santiago. Era uma rapariga enregelada de frio, sozinha a meio da noite. As lágrimas brotavam-lhe dos olhos e escorriam-lhe pelas faces até à mão de Santiago, que continuava a segurá-la com firmeza. Era a primeira vez que a viam chorar.

— Punha uma máscara... sempre... — disse por fim com um gemido.

Santiago procurou um lenço e secou-lhe as lágrimas. Olhou para ela, novamente amável e carinhoso.

— Perdoa-me, Ana, mas tenho de fazer estas coisas.

Ela deixou-se descair ligeiramente na cama. Queria que os polícias se fossem embora, enroscar-se debaixo dos lençóis e dormir. Esquecer até que tudo passasse. Ser eco. Esquecimento. Nada.

Mentia. O inspector Baín e Sara sabiam-no. O ser humano é capaz de normalizar qualquer situação. De se adaptar a ela. A vida e a rotina encontram sempre um caminho, por muito hostil que seja o ambiente. Uma guerra. Um rapto. Passado um tempo de adaptação, aquilo que nos fere ao princípio passa a fazer parte da paisagem, torna-se quotidiano. As bombas a explodirem à nossa volta só nos fazem lembrar que nos devemos pôr a salvo. O homem a descer através do alçapão também. Por que razão eram tão confusas as recordações de Ana? Tinham de procurar o motivo no acidente de viação, na operação a que fora sujeita? Cinco anos de uma vida não se podem tornar uma mancha difusa.

Gaizka subiu da cafetaria com umas sanduíches embrulhadas em plástico e umas latas de refrigerantes. Álvaro tinha o olhar perdido na outra ponta do corredor, onde Raquel e Ismael falavam. Ela evitava o olhar de Ismael e abraçava-se a si mesma, como se defendesse o seu espaço, como se resistisse a mostrar uma intimidade com o rapaz que, para Álvaro, já era evidente.

— O jantar — disse-lhe Gaizka, e Álvaro virou-se para ele com um movimento brusco com que tentou apagar toda a desconfiança que havia no seu rosto. — Se quiseres, a seguir vou lá abaixo buscar um café. Os de máquina não te tiram o sono e, ainda por cima, dão-te cabo da barriga...

— Não é preciso ficares — agradeceu-lhe Álvaro. — Vai para casa. Amanhã ligo-te para me levares à estação.

— Não te preocupes, já estou habituado a fazer directas — gracejou Gaizka. — Não é uma noite a menos que me vai fazer mal...

— Mas é que aqui já não há nada a fazer — insistiu Álvaro.

— Janta — disse-lhe Gaizka. — A seguir já vemos o que eu vou fazer.

Eram dez da noite. Num par de horas, Gaizka podia estar em Posets, em casa. Estava a pensar em deitar-se no sofá logo que chegasse, enrolar umas ganzas e deixar que o haxixe e o cansaço o empurrassem para o sono. Tinham sido uns dias muito longos.

Quando viu a nuvem de fumo a subir do barranco e deteve o carro, teve a tentação de dar meia-volta e de se pôr a milhas. Nesse momento pesavam-lhe as pernas, como se lhe corresse chumbo nas veias. Sentia as primeiras descargas subirem-lhe pela nuca acima, os raios que antecedem a trovoadas, a dor de cabeça. Sabia que em Monteperdido a única coisa que fariam seria desviar o aviso para Barbastro, o GREIM da vila não tinha helicóptero, por isso chamou o Serviço de Resgate em Altura da cidade. Descreveu-lhes o que vira: um carro acidentado no fundo de um barranco indicou-lhes em que quilómetro da estrada se encontrava. Depois procurou no porta-luvas um ibuprofeno que, pelo menos, acalmasse a dor que já se lhe instalara no cérebro. As pontadas com que acordava devido ao efeito das drogas. Não encontrou nenhum e teve de esperar até ao momento em que prestou depoimento na esquadra para pedir um comprimido aos polícias. Recordou que, na altura, tal como agora no hospital, só pensava numa coisa: chegar a casa e fumar umas ganzas até adormecer. Não pôde fazê-lo. Identificaram Ana, pediram-lhe que não se fosse embora, pois talvez fosse necessário voltar a prestar depoimento. Foi à casa de banho e ligou a Álvaro. «Tens de vir», disse-lhe. «É a tua filha. Encontraram-na. Viva.» E, depois, dormitou num banco desconfortável, alheio à azáfama de polícias, de telefones e portas a abrir e a fechar. Só nessa noite é que lhe deram autorização para se ir embora. Antes repetiu o que tinha visto a Santiago e Sara, os agentes do SAF. Não pensou na reacção de Álvaro até que se encontraram no hospital, mais tarde. Já era de noite. Gaizka recordou o silêncio que se seguiu às suas palavras. «Encontraram-na. Viva.» Era incapaz de imaginar o seu semblante, e, como ele não dizia nada, perguntou: «Estás aí?». Álvaro demorou ainda mais uns segundos antes de perguntar: «Onde é que ela está?». «No hospital de Barbastro», respondeu Gaizka. E acrescentou: «Parabéns», mas Álvaro já desligara.

— Se calhar vou até casa, nem que seja só para tomar um duche. Devo cheirar a cão — disse Gaizka enquanto Álvaro bebia um gole do seu refrigerante.

— E vê se dormes um bocado. Eu fico bem.

— Queres que te traga alguma coisa do armazém?

— Amanhã. Antes de lhe darem alta, têm de lhe fazer uns exames... mais uma TAC... Vou até lá.

— Eu telefono-te e venho ter contigo.

Álvaro deu-lhe uma palmadinha na coxa e murmurou um «obrigado». A seguir, mordeu a sanduíche, com fome.

Gaizka julgava que, no hospital, se ia deparar com um homem abatido. Depois de tantos anos de pressão, depois de tudo o que tinham dito dele, a tensão desvanecia-se. Sempre julgou que era por causa dessa tensão que Álvaro nunca relaxava, mantendo-se permanentemente alerta e rígido. Nem sequer quando bebiam demasiado deixava de controlar as suas palavras, os seus gestos. Gaizka tinha a certeza de que, no hospital, ia descobrir outro Álvaro; porém, quando o viu num corredor e se abraçou a ele, continuava a ser o mesmo bloco de gelo.

O pinhal onde as raparigas desapareceram erguia-se do outro lado da estrada da escola, em frente à esquadra. Sara olhou para as árvores e pensou num pelotão de soldados, firmes, prontos para passar revista. Atravessou a estrada e penetrou na mata. As copas frondosas dos pinheiros mal filtravam o luar. Precisava de estar sozinha. Passear sem rumo até encontrar algum caminho pelo qual pudesse voltar a avançar com um destino claro.

Não era a primeira vez que se sentia assim perdida. Era o trabalho que evitava que regressasse a essa sensação de desamparo, de vazio. As vidas dos desaparecidos, das suas famílias, eram também a sua existência. Que lhe restaria se o perdesse?

Era um vampiro a alimentar-se da vida dos demais. Por muito mal que lhe fizesse o sangue dos outros, sempre seria mais doce do que o seu.

Sabia que era isso que Santiago pretendia mudar. Que deixasse de se centrar tanto nas investigações para olhar para si própria e tentasse fechar as feridas que continuavam abertas. Controlar aqueles medos que a tornavam tão frágil.

Pensou na sua casa. No apartamento de Almería onde vivera durante a infância. No seu quarto repleto de pósteres infantis. Na sua cama, onde se deitava toda encolhida, mais desesperada do que assustada, à procura de uma explicação para o comportamento dos pais, interrogando-se por que motivo não podia ser melhor, por que razão a olhavam dessa forma, o que devia mudar para ser a filha que eles esperavam que fosse. Nas tardes em que o seu cérebro perdia o controlo e disparava um milhão de ideias ao mesmo tempo: um milhão de variações daquela rapariga, uma que não cometesse erros. Mas nunca deu com essa Sara que os seus pais desejavam, em nenhuma das versões que tentou de si própria. E, quando pensou que o conseguira, perdeu-os definitivamente. Converteu-se numa espécie de Gretel, abandonada no meio da floresta.

— Sara Campos. — Ouvir o seu nome devolveu-a à realidade. — A dar um passeio ou à procura de provas?

Caridad aproximou-se dela, atravessando um carreiro de terra que serpenteava entre as árvores, saracoteando-se de tal forma ao caminhar que parecia não ter articulações. Envergava o mesmo fato de treino cor-de-rosa e cinzento que trazia na noite em que a conheceu na salinha da estalagem, com insónias.

— À procura de provas, é evidente — respondeu Caridad a si própria. — Foi aqui mesmo que Ana e Lucía desapareceram. Foi ali que encontraram a mochila de uma delas, no chão. — E apontou para uma árvore que, na base do tronco, se alargava com verrugas de madeira.

Sara olhou para a árvore e reparou no sítio aonde a conduzira o seu passeio.

— Marcial queria transplantá-la. Parece-te normal? Não sei quanto iam gastar para arrancar a árvore daqui e plantá-la à frente da igreja. Como se fosse um monumento em memória das raparigas... fizeram uma colecta e tudo na Confraria — continuou a explicar Caridad enquanto se sentava na base da árvore. — Mas este pinheiro tem fungos, ou lá o que é, não percebo nada de árvores... ora, se o tirassem da terra, matavam-no.

— E o que fizeram com a colecta? — perguntou Sara com um sorriso. Divertia-a a forma como Caridad resmungava, roufenha, para dentro, como uma daquelas personagens de desenhos animados a quem tudo corre mal.

— Camisolas para a equipa de futebol cá do sítio. — E, após uma gargalhada seca, Caridad acrescentou: — É que isto não é só tristezas, porra. Também temos futebol.

Sara deu-lhe razão com um sorriso. Passeou até se encostar à árvore que se erguia em frente a Caridad. Trazia novamente aquela garrafa de plástico com um líquido vermelho. Caridad abriu a garrafa, bebeu um gole e deixou-a a seus pés. Depois, procurou o maço de tabaco.

— Nesta terra deve haver mais alguma coisa sem ser o futebol — disse-lhe Sara.

— Andarem aos tiros pelo monte — respondeu-lhe ela. — Sabes alguma coisa do cão?

— Está vivo.

— Mas vai ficar coxo, não é?

— Dá ideia que sabe mais do que eu.

— Não há muito que fazer em Monteperdido, além de andarmos na coscuvilhice. Estive com Nicolás, o veterinário, na loja, e ele contou-me... Um dia tens de falar com ele; diz que escreve romances policiais.

— Diga-me o nome dele, e eu compro um — afirmou Sara.

Caridad soltou uma gargalhada estridente que lhe abanou o corpo todo. Nicolás nunca conseguira publicar um daqueles livros, os quais, aliás, eram escritos em *patués*.

— Chato como é, era preciso leres as histórias dele — escarneceu. — Melhor ainda, esquece o que te disse: não te aproximes dele — acrescentou.

— O melhor era fazer-me uma lista das pessoas cá da terra com quem tenho de falar e com quem não devo falar — gracejou Sara.

— Uma lista? — Caridad ficou um segundo em silêncio, a olhar, pensativa, para a floresta, como se lhe tivesse parecido uma boa ideia. — Conheces a família de Joaquín? Já falaste com os avós de Lucía?

— Ainda não.

— A mãe de Joaquín, Aína, é daquelas avós para quem tirar as meias para mostrar os pés já parece indecente. E o pai é um arrogante. Criam gado e têm terras. Fazendo bem as contas, meio vale é deles, mas são forretas como a mãe que os pariu. O filho não vê um cêntimo. Diz-se que não lhe perdoam o facto de se ter afastado do negócio familiar. Das vaquinhas.

— Joaquín tem uma empresa de transportes — disse Sara, recordando o processo.

— Transportes Castán: quatro camiões a cair aos bocados. Dava para mais. Mas, depois do que aconteceu à filha, ele já não trata do negócio. E estão nisto.

— Que eu saiba, não fechou.

— É Rafael, o irmão de Montserrat, quem trata de tudo. O desgraçado era camionista, não tem unhas para tomar conta da empresa. Fica aflito quando vê o que tem aos ombros. Que a família, agora, depende dele.

Caridad deu uma longa passa no cigarro. Sara pensou em voltar para a esquadra. Durante um instante, ao olhar em seu redor e ao ver-se cercada de árvores, receou não dar com o caminho de regresso.

— O que encontraste? — Caridad reparou que Sara não percebera a pergunta e explicou: — No pinhal. Que provas encontraste?

— Nenhuma. Já passou demasiado tempo para ficar alguma coisa...

— Então, o que andavas aqui a fazer?

— E você?

— A esticar as pernas. Ando uma hora todos os dias antes de ir para casa. A ver se o cansaço me tira as insónias.

— E dá resultado?

— Para ser sincera, não. Agora tenho insónias e dores.

Sara afastou-se uns passos de Caridad. Entre umas árvores, viu o caminho de terra pelo qual chegara àquele sítio. A certa distância, conseguia entrever a estrada.

— Sara Campos — disse Caridad. — Falar dos outros é contigo, mas sobre a tua pessoa, moita. A única coisa que sei sobre ti é que tens o dedo leve no gatilho.

Caridad continuava sentada na base da árvore. Apontava para ela com um dedo rechonchudo e piscava um olho, como se tivesse descoberto o seu segredo.

— Eu não sou importante — respondeu-lhe Sara com a sensação de que aquela mulherzinha estava a fazer pouco dela. Como na noite anterior, era difícil avaliar as suas intenções.

Sara despediu-se de Caridad e seguiu pelo mesmo caminho de regresso à estrada. Antes de se perder entre as árvores, olhou para trás, mas a mulher já não estava lá. Apenas a árvore doente que se alargava na base, capaz de aparentar ser mais uma no pinhal, mas que morreria se um dia a arrancassem daquela terra.

Tinha consciência de que Santiago não ia gostar da sua decisão, mas, a partir daquele momento, agiria sem imposturas. Tinha de pagar um preço por fazer bem o seu trabalho, era ela quem decidia assumi-lo.

— Agora mesmo, a única coisa que podemos dizer-lhes é que, quando Ana conseguiu escapar, Lucía estava com ela. E estava bem.

Santiago Baín decidira ir a casa de Joaquín Castán antes de ir para o seu quarto na estalagem. O pai de Lucía estivera a ligar para a esquadra durante todo o dia, e também para o sargento Víctor

Gamero. Exigia informações. Sentados no sofá, escutavam as explicações de Santiago; um relato, por força, incompleto. Sentia-se incomodado por ter de fazer aquilo. Embora tentasse evitá-lo, abria portas à esperança de que talvez no dia seguinte tivesse de a fechar de repente. Conseguia ver essa ilusão na cara de Montserrat; Joaquín, porém, tentava aparentar um profissionalismo quase policial. Como se a história de Lucía não fosse a da sua própria filha.

— Têm alguma ideia de como é o sítio onde elas estavam? — perguntou-lhe.

— A descrição de Ana é muito vaga... Perto. Na montanha. Mas não sabemos mais...

— Estas montanhas foram passadas a pente fino milhares de vezes. A Guarda Civil, o GREIM... batidas, com helicópteros. Até as percorremos com a Confraria. Não há um centímetro de monte onde não tivéssemos estado — protestou Joaquín.

O rangido dos degraus fez Santiago virar-se para as escadas. Quim parara a meio do lanço e olhava admirado para os pais.

— Simón Herrera enfrentou o homem que as tinha? — insistiu Joaquín, ignorando a presença do filho.

— Não. Encontrou Ana amarrada. Não viu Lucía. Certamente, nem sequer sabia que estava lá.

Quando Santiago voltou a olhar para as escadas, Quim já se fora embora. Montserrat começou a murmurar algo que, ao princípio, lhe pareceu incompreensível. O polícia virou-se para ela e pediu-lhe que lhe repetisse o que perguntara. Mas Montserrat detinha-se a cada palavra, não porque não soubesse o que queria dizer, mas porque procurava a forma menos dolorosa de o fazer. Joaquín cingiu-a com um braço e disse aquilo que a sua mulher não se atrevia a afirmar.

— É possível que, sabendo que Ana escapou, tenha decidido fazer alguma coisa a Lucía... Ou que vá fazê-lo...

— Temos poucas certezas — admitiu Santiago. — Mas o risco é evidente. Estamos a tentar agir o mais rapidamente que podemos, porque o tempo não joga a nosso favor, e acho que temos consciência disso.

Pôs-se de pé. Teve a tentação de acrescentar mais alguma coisa: os telefonemas de Joaquín, os seus pedidos de informação ou mesmo a sua presença nas redondezas da casa de Simón não passavam de obstáculos. Eram minutos subtraídos à investigação. Oportunidades que estava a tirar à própria filha. No entanto, o polícia preferiu despedir-se dos dois com um abraço. Também lhes perguntou como é que o filho estava a encarar tudo isto. Joaquín respondeu-lhe com um «bem» ausente, como quem responde para colmatar uma lacuna. Reparou que Joaquín não dedicara nem um segundo a falar com o filho. Não fazia a mínima ideia do que estava a passar pela cabeça daquele adolescente que agora se escondia no piso de cima.

— Se precisarem de alguma coisa, já sabem como nos podem localizar — despediu-se o inspector Baín.

*

Era a terceira vez que Víctor e Sara escutavam a gravação do último interrogatório de Ana: fazia uma descrição mal-amanhada do refúgio. Víctor esforçava-se por centrar a sua atenção nas palavras da rapariga e ignorar as perguntas do inspector Baín, algumas contundentes, como se Ana fosse culpada de alguma coisa. No entanto, entendia as razões pelas quais o polícia agira desta forma. As possibilidades de Lucía continuar viva esgotavam-se a cada hora que passava, se é que aquele homem escondido atrás de uma máscara já não a matara.

No gabinete, Sara pegara num mapa do vale de Monteperdido. «O vale secreto», como lhe chamavam os forasteiros. A zona urbana da vila, naquelas cartografias, sempre lhe fizera lembrar uma folha de bétula inclinada para oeste. Pontaguda à saída do desfiladeiro de Fall, que dava acesso a Monteperdido através do túnel do monte Albádes, e a seguir, alargando-se em forma de losango escalonado até leste, onde a estalagem La Renclusa marcava a delimitação da vila e a estrada subia como um caule delgado, entre o monte Albádes e, mais acima, à sua direita, a Kregüena, a montanha atrás da qual se ocultava a vila de Posets, para morrer nos limites do parque nacional da Maladeta, junto ao hotel de La Guardia, o mais alto lugar habitado de toda a região.

No entanto, o barranco onde tinham encontrado Ana e Simón ficava mais a sul, antes de se chegar ao desfiladeiro, na estrada de Barbastro. Nesse ponto do mapa, Sara espetara um piónes amarelo.

— De que montanha é que Ana fala na gravação? — perguntou-lhe Sara sem deixar de olhar para o mapa.

— Pode ser qualquer uma — respondeu Víctor, frustrado.

A estrada serpenteava paralela ao leito do Ésera, deixando nas margens pequenas povoações, como Ordial ou Val de Sacs, que pareciam sementes abandonadas à sua passagem para, depois, poderem encontrar o caminho de regresso. Inúmeros carreiros e caminhos florestais nasciam da

estrada, um emaranhado de vias que penetrava nos montes. Nem todos apareciam naquele mapa. O «caminho para França», por exemplo, não estava assinalado. A rota até ao monte Ixeia, onde tinham começado a construir um túnel para abrir uma via de comunicação entre Monteperdido e o outro lado dos Pirenéus. Um túnel cuja construção nunca foi concluída, convertido agora num buraco negro no sopé da montanha.

Víctor voltou a pôr a gravação do princípio.

«Está em ruínas. Num dos lados, o tecto abateu. E parte de umas das paredes também.» Mas então os seus pensamentos desviaram-se do caso e levaram-no até Nuria, como uma onda conduz até à praia o resto de um naufrágio.

— Quantos refúgios como aquele há na montanha? — A pergunta de Sara afastou dos seus pensamentos Nuria, a mulher com quem planeava uma vida.

— Sei lá... muitos. — E não ocultou certa raiva nas palavras, não pela pergunta da polícia, mas por se ter deixado arrastar para longe daquele gabinete. — Alguns estão abandonados, em ruínas... Nos caminhos que já não se usam...

— Há alguém nesta terra que conheça a montanha melhor do que tu?

— Não me parece — respondeu Víctor, incomodado.

— Escuta lá. Neste momento, não quero saber dessas vaidadezinhas para nada. Se houver alguém que conheça todos os refúgios até ao último, traz-me essa pessoa.

Víctor ergueu-se. Aproximou-se do mapa na parede e, com um marcador vermelho, foi assinalando o que dizia, como se sublinhasse as suas palavras.

— As árvores de que Ana fala são choupos-tremedores. Aqui chamam-lhes *trémols*. Crescem a uns mil e oitocentos metros de altitude. Há muitos no parque, embora não em grande extensão. Se partirmos do lugar onde o carro se despenhou, podemos chegar pelo menos a cinco matas de *trémols*. As suas folhas são como ela as descreve; consegue ver-se a forma de um coração... e, com o vento, fazem aquele barulho da chuva. Quanto à montanha, parece evidente que fica a nordeste. O Sol não se põe nas suas costas, mas reflecte a luz do ocaso. Era de certeza a isso que ela se referia quando dizia que, ao cair da noite, brilhava... Esta serra, sobre a zona do acidente, tem essa orientação. O cume mais alto é o Ixeia, mas não foi necessariamente esse que Ana viu. Poderá ter sido qualquer outro. Debaixo da serra há vários vales... e era por isso que o refúgio se inundava. Mas, de modo geral, estamos a falar de uma área de mais de cinco mil hectares, de difícil acesso, embora haja alguns caminhos... demoraríamos uma semana a percorrê-la toda, talvez mais.

Víctor virou-se então para Sara e lançou o marcador sobre a mesa. Sara viu-o rodar até chocar contra uma pasta. A seguir, ergueu o olhar para Víctor. Nas suas costas, o mapa ficara marcado com linhas e círculos vermelhos, e veio-lhe à cabeça a cara de uma rapariga que tinha estado a brincar com o batom da mãe.

— De que é que estás à espera? — perguntou-lhe Sara. — De um aplauso? Ou de um chocolate? — Viu a cara de Víctor empalidecer e tentou conter-se, mas não conseguiu. Soltou uma gargalhada que, num instante, se transformou num riso nervoso que a fazia piscar os olhos. — Peço desculpa — disse, por fim. — Estou de rastos... é isso... Tudo o que disseste... está muito bem, está mesmo. É do caraças. — Mas continuava a não conseguir conter o riso.

Ele olhou para a rapariga, confuso, e sentiu que o contagiava. Tinha de fazer um esforço para não desatar a rir também.

— Vou considerar isso como um elogio — disse Víctor por fim, ao mesmo tempo que virava as costas a Sara para ela não o ver também a sorrir.

— Estou a falar a sério. És uma mina de informações. Temos de encontrar uma forma de delimitar as buscas... Mas... deixaste-me siderada. — E o riso que abafara voltou a transformar-se em gargalhada. — É que foi tão... espectacular... não estava nada à espera...

— Então é melhor dormires um pouco — respondeu-lhe Víctor enquanto voltava aos seus apontamentos. — Vou buscar-te de manhã cedo à estalagem?

— Por favor — disse ela, tentando recuperar a serenidade.

Sara tinha as faces a ferver, ruborizadas, os seus olhos verdes estavam húmidos da risota. O corpo, quando se levantou da cadeira para se despedir dele, parecia-lhe mais solto, sem a rigidez que exibira desde a sua chegada. Como se se tivesse libertado de correntes invisíveis e, por fim, conseguisse mover-se com liberdade.

— Até amanhã — despediu-se o sargento da Guarda Civil.

Nieve continuava deitado no seu almofadão. O cão mal se mexera desde a última vez que o tinha visto. Víctor sentou-se ao seu lado e acariciou-o debaixo do pescoço. Em cada uma das visitas que lhe fizera ao longo do dia, em breves escapadelas da esquadra, recebeu encontrá-lo frio e sem pulso. Embora fraco, Nieve continuava a lutar. Verificou a tigela de água que deixara ao seu lado. Molhou os dedos e humedeceu-lhe a boca, o focinho. Antes de tomar banho, mudar-lhe-ia a compressa e

limpar-lhe-ia a ferida. Nicolás Souto voltaria no dia seguinte para o ver, deixara-lhe as chaves de casa, para o veterinário poder entrar e observar o cão. Víctor estava cansado e teve a tentação de se recostar junto a Nieve e fechar os olhos, mas ergueu-se, foi à cozinha e pegou nas gazes, no anti-séptico. A imagem da mulher de Simón Herrera, morta sobre uma poça de sangue, veio-lhe à memória. Sentiu vertigens, como se de repente o chão se inclinasse e ele pudesse cair aos reboles, deparando-se no caminho com mais cadáveres. O de Nieve. O de Lucía. Fechou os olhos e tentou relaxar, recuperar o controlo. Era responsável pelo posto da Guarda Civil. Não se podia deixar levar pelo medo.

Santiago viu uma fresta de luz debaixo da porta de Sara. Ainda estava acordada. Na Recepção, a rapariga dissera-lhe qual era o seu quarto, mas, antes de entrar, bateu à porta de Sara. Ela assomou do outro lado. Ainda de calças de ganga e com aquela *T-shirt* cinzenta. Atrás dela, a cama estava pejada de papéis.

— Que tal correu com os pais de Lucía? — perguntou-lhe Sara, afastando-se da porta, convidando-o a entrar.

— Não vai ser fácil lidar com eles, sobretudo com o pai — explicou Santiago, e a seguir, a olhar para a cama, perguntou-lhe: — Vais dormir no meio da papelada?

— Queria dar-lhes uma última vista de olhos — murmurou Sara com algum pejo e, em seguida, começou a pôr ordem naquela confusão.

— Vai-te deitar. Vê se dormes. Não há ninguém que consiga pensar com clareza sem descansar o suficiente.

Santiago sentou-se com um suspiro numa cadeira junto à pequena mesa que, além da cama, constituía todo o mobiliário do quarto.

— Os refúgios de montanha não têm cave. — Sara continuou a falar enquanto desistia de arrumar os papéis, limitando-se a formar uma montanha com eles sobre a mesa-de-cabeceira. — Preparou tudo. Não sei durante quanto tempo. Alguns meses, de certeza. — A seguir sentou-se aos pés da cama, em frente a Santiago. — Víctor delimitou uma zona de busca, o ideal seria tentar uma reconstituição com Ana, mas não me parece que ela esteja em condições... Deveríamos voltar a falar com ela amanhã bem cedo.

— Já jantaste? — perguntou-lhe o polícia.

— Não.

— E tens fome? — Sara encolheu os ombros. — Eu tenho. Ainda nos dão alguma coisa para comer ou é demasiado tarde?

— Posso ligar para a Recepção e perguntar.

— De certeza que já fecharam a cozinha.

E, com um gesto, Santiago convidou Sara a esquecer a proposta. A seguir, sem ocultar o seu cansaço, sentou-se na cama.

— Santiago, sei o que andas a tentar fazer — murmurou Sara, agradecida. — Mas não é preciso continuares a proteger-me. Deixa-me falar com a rapariga.

— Será que me estás a querer dizer que eu não sei conduzir um interrogatório? — Santiago evitava, com um tom jocoso, o fundo da conversa.

— Não te faças de desentendido, porque eu sei que gostas de mim — disse-lhe Sara. — E tens medo de que isto me afecte demasiado. Confia em mim. Eu consigo controlar isto.

Sara tentou parecer o mais convincente possível. Santiago pôs-se de pé, incomodado. Há quanto tempo se conheciam? Vinte anos? Talvez mais? Veio-lhe à memória a imagem de Sara a entrar na esquadra. Uma adolescente tão magra como o fio de uma faca, fingindo uma segurança que não passava de tristeza e medo. Recordou como a levava até ao seu gabinete e a primeira vez que ouvira a sua voz. «Sou Sara Campos. Andam à minha procura», disse a Santiago. E como ela tentou que os seus olhos verdes não se partissem em mil pedaços quando ele lhe respondeu: «Ninguém anda à tua procura.»

Santiago não era um homem protector, costumava manter-se à margem dos casos que lhe atribuíam, mas foi incapaz de se distanciar daquela adolescente perdida. Sem lho propor, Sara tornou-se responsabilidade sua. Descobriu-o telefonando-lhe dias depois para saber como estava. Aconselhando-a sobre o curso que deveria seguir, num restaurante, enquanto a obrigava a provar a carne mal passada, como ele gostava. Convidando-a a viver em sua casa.

Conhecia as suas fraquezas melhor do que ninguém. As mesmas que a tinham convertido numa boa polícia.

— Um dia, não estarei ao teu lado para apanhar os bocados — avisou-a Santiago.

— Ainda falta muito até chegarmos a esse dia — respondeu-lhe Sara com um sorriso. Sabia que, apesar da advertência, acedia aos seus pedidos. — Vamos ver se consigo que te façam *chiretas*. Vais gostar.

As enfermeiras entraram com o pequeno-almoço, mas, a um gesto de Sara, um guarda-civil impediu-lhes a passagem e fechou a porta do quarto. Santiago já tinha feito a barba, e a sua pele estava luzidia como se tivesse tido doze horas de sono. Ela, porém, não conseguia dissimular a noite em branco.

Trocaram os papéis. Agora era Santiago quem escutava, sentado ao fundo do quarto, e Sara quem fazia as perguntas. Os médicos disseram-lhes que Ana tinha passado mal a noite. A cicatriz na cabeça incomodava-a e acordara com pesadelos várias vezes. Estava desorientada. Não era fácil tentar percorrer, de memória, o caminho que fizera no carro de Simón Herrera.

— Sabemos que não consegues dizer-nos por onde andaste. Mas tenta lembrar-te de algum pormenor. Pode servir-nos de ajuda. Quais eram as tuas sensações? Estavam a descer ou a subir a montanha? — perguntava-lhe Sara como quem penetra, cautelosa, numa casa desconhecida.

Ana esforçava-se por encontrar as respostas que a polícia procurava, mas aquele trajecto de carro, do buraco para o acidente no barranco, era um caos de imagens e barulho. Breve e, ao mesmo tempo, eterno.

— Não procures a lógica, minha querida — disse-lhe Sara, sentando-se na borda da cama e pegando-lhe na mão. — Não é necessário. Quero ser tu. Estar dentro desse carro. Se houver alguma resposta, sou eu quem tem de a encontrar.

As palavras da polícia conseguiram relaxá-la. Ana abriu as janelas da memória e Sara entrou através delas. Conseguiu imaginá-la deitada no lugar de trás do carro, com uma mão a agarrar-se ao lugar do piloto para evitar que os vaivéns do automóvel, num piso instável, cheio de desníveis, acabassem por atirá-la para o chão do carro.

A figura de Simón Herrera, tapada pelo assento, aferrava-se com força ao volante.

As árvores eram numa mancha difusa do outro lado das janelas.

O medo de ser livre.

E, de repente, uma pancada na parte de trás do carro e a queda pelo barranco abaixo. As pedras que estilhaçaram os vidros e a angústia de perceber que era este o fim da fuga.

— Antes de isso acontecer — Sara tentou dirigi-la —, lembras-te de quando ainda estavas no refúgio, quando chegou Simón?

A parede meio ruída do refúgio deixava ver um fragmento de céu e montanhas. Os choupos-tremedores faziam a sua representação da chuva. «Mentirosos.»

A dor nas articulações deixara de ser um incómodo, habituada como estava a que ele a amarrasse de costas à viga. «Não grites.» E a voz de Simón soou como um sussurro na memória de Ana. «Não grites. Vou tirar-te daqui.»

A rotina da clausura voou pelos ares, olhou em redor, à procura do sítio por onde entrara aquele homem, mas ele já estava a cortar-lhe as cordas com uma navalha. As pernas falharam-lhe quando se pôs de pé, mais assustadas do que fracas. Ele puxava-a, e Ana hesitava se havia de chamar Lucía ou sair a correr.

O alçapão do buraco, no meio do chão, fechado e a olhar para ela, como se a estivesse a acusar de alguma coisa. A urgência de Simón e uns barulhos, lá em baixo, como o rugido do ventre daquele refúgio.

Deixou-se arrastar lá para fora. A paisagem, imensa em seu redor, causou-lhe tonturas. Demasiado espaço, demasiada distância, teve medo de perder o equilíbrio e cair ao chão, mas o homem pegou-lhe num braço quando reparou que estava a desfalecer. «Vamos», disse-lhe.

As árvores aproximavam-se deles, tal como o barulho que faziam. Antes tiveram de descer por uma pequena parede de pedra, e escorregou. Sentiu o impacto frio da pedra contra um cotovelo e a seguir o calor do sangue.

Continuaram a correr.

Ele sempre à frente, lançando-lhe olhares para verificar se continuava ali.

O buraco ficou para trás, desapareceu quando desceram pela parede de pedra e penetraram no arvoredo. O barulho das folhas parecia-lhes ensurdecedor. Não era chuva. Era um enxame de abelhas gigantesco à volta dela.

Simón abriu a porta de trás do carro. «Entra», disse-lhe. Agradeceu voltar a um lugar fechado, pequeno, em que podia tocar com as mãos os seus limites, não o vazio que tinham atravessado. Arrancou e virou-se para ela para dizer uma coisa que ela não ouviu.

Demasiado barulho.

O rádio, quando o motor arrancou, ficou ligado com um volume ensurdecedor. Enterrou a cara no assento. Alguém cantava, uma rapariga, mas não percebia o que ela dizia. Após cinco anos «no buraco», sussurrando junto a Lucía, presa num ritual repetitivo: esperar que o alçapão se abrisse, a sombra do homem a descer as escadas, o capacete preto, os *tupperwares* com comida, os presentes para Lucía, o bacio onde faziam as necessidades e as promessas cruzadas entre elas de não olharem

nesse momento, garrafas de água, livros e bonecas, as noites em que o homem a levava para cima para a amarrar junto à viga, as estrelas do céu preto de Monteperdido enquanto ele ficava com Lucía. Cinco anos de repetições e, de repente, uma descarga de estímulos desconhecidos: a velocidade do carro e o barulho da música. O espaço aberto que quase lhe fazia mal.

— Tiveste muita coragem ao sair daquele buraco — disse-lhe Sara. Enquanto Ana recordava, sentiu-a a apertar-lhe a mão com mais força. Para ela, o mais difícil tinha sido sair dali para fora, quebrar aquela barreira. Olhou para a carne à volta das unhas, mordida. — Agora quero que penses noutro momento. Mais tarde. Depois de caírem pelo barranco abaixo.

Abriu os olhos, e um fio de sangue desprende-se da cabeça de Simón. Procurou um apoio e reparou no vidro espetado na palma da sua mão. O cabelo enredado na cara.

— O rádio continuava a tocar? — perguntou-lhe Sara.

Um apito instalara-se-lhe no interior da cabeça. Um assobio agudo sob o qual se escondia a música do rádio. A mesma rapariga a cantar numa língua que ela não entendia para, depois, dar lugar à voz de um locutor num tom insignificante, que até a incomodou.

— Obrigada, Ana — disse-lhe Sara.

— Lamento imenso, mas é que... não consigo lembrar-me de mais nada — desculpou-se a rapariga.

— De momento, acho que chega o que temos — sossegou-a a polícia.

Sara ergueu-se da cama. Santiago olhava-a, preocupado, e ela fez um sorriso forçado. Não queria que reparasse que a agorafobia de Ana lhe oprimira o peito. A ponto de lhe doer. Conseguira o que procurava. Isso era a única coisa que lhes devia importar.

Uma grua içou o carro que jazia no fundo do barranco. Os operários, lá em baixo, afastaram-se quando o cabo de aço engatado na parte de baixo do carro puxou por ele. O sargento Víctor Gamero, à margem do que sucedia na viatura, organizava a batida. Distribuía os seus homens em grupos, centrando-se, em primeiro lugar, nas matas de *trémols* que havia na zona. Sara desceu do carro e, com um gesto da mão, pediu-lhe que se aproximasse. Sobre o capô do jipe, estendeu um mapa da serra.

— Quando Ana entrou para o carro, estava a passar uma canção na rádio — explicou Sara quando Víctor se colocou ao seu lado. — Quando caíram pelo barranco, ainda conseguiu ouvir mais uns segundos daquela canção. Não sabemos se conseguiu ouvi-la toda, mas, supondo que uma canção dura, em média, três minutos, ela terá estado no carro dois minutos e meio, talvez um pouco mais. Também diz que iam muito depressa. Por estes caminhos, essa sensação de velocidade poderá equivaler a uns sessenta quilómetros por hora. Se nos basearmos nestes cálculos, tiveram de percorrer uma distância de dois quilómetros e meio, talvez três... Que mata destes choupos é que há neste rio?

Víctor assinalou uma pequena mancha verde no mapa.

O caminho serpenteava pela montanha, paralelo a uma abertura, à sua direita, que se ia tornando cada vez mais profunda conforme subiam. O jipe, por vezes, enterrava as rodas em depressões do terreno, Sara segurou-se na pega, sacudida como se fosse um boneco. Víctor avançava com segurança. Atrás deles, mais dois carros da Guarda Civil. Sara avisou Santiago por telefone. Acabara de sair do hospital. Estivera com Ana, tentando desenterrar mais recordações antes que os médicos lhe fizessem os exames que poderiam ditar a sua alta.

Chegaram à zona que tinham marcado no mapa e viram Víctor sair do carro e olhar em seu redor com um gesto de raiva. Nas últimas curvas, o caminho tinha deixado o atalho e penetrava numa zona florestal, flanqueado por aquelas árvores que tremiam com o vento e pareciam imitar o som da chuva. Sara olhou para elas e pareceu-lhe que estavam mais vivas do que qualquer outra árvore que tivesse visto na vida. Como se estivessem conscientes do som que as suas folhas produziam.

— E agora? — disse Víctor, abrindo os braços, como se quisesse abarcar tudo o que os rodeava.

O caminho continuava pela floresta e tinha uma bifurcação uns metros mais adiante. Sabiam que o refúgio tinha de estar por perto. Víctor tentou controlar a tensão, mas, desde que entrara no jipe, não conseguira afastar da cabeça a imagem de Lucía, presa naquele buraco. Estava à espera deles. E ele insistia em pensar que estava viva.

Viu Sara a deambular entre as árvores, à procura de alguma pista que lhe indicasse por onde deveriam prosseguir. Os outros carros da Guarda Civil chegaram ao sítio onde eles se encontravam. Pujante saiu de um deles, disposto a juntar-se a Víctor.

— Por onde prosseguimos? — perguntou.

Com um gesto brusco, Víctor exigiu-lhe silêncio. Procurou Sara. Esperava que ela lhe dissesse alguma coisa. Penetrara no choupal, mas agora regressava, murmurando «merda» de cada vez que olhava para o telemóvel.

— Não tenho rede. — E olhou prontamente para Víctor. — Tu tens?

Víctor procurou o seu telemóvel e deu-lho. Na montanha era preciso recorrer a telefones com ligação via satélite. Nenhuma empresa fornecia serviços lá em cima. Sara tirou-lhe o telefone das mãos...

— Preciso do número de telefone do médico de serviço em Ordial... Tens esse número?

Miguel Sedró estava a auscultar um paciente quando a enfermeira entrou no consultório.

— É da Polícia, Miguel. Dizem que precisam de falar consigo, que é importante. — E só então se apercebeu do homem meio nu que estava na marquesa. — Peço desculpa..., mas nota-se que eles têm muita urgência.

Miguel atendeu a chamada na Recepção do centro de saúde. As interferências impediram-no de entender o que a mulher lhe pedia. A sua voz tinha um timbre metálico. Só reteve um nome: Simón Herrera.

— Foi meu paciente, sim... Porquê?

— Tinha problemas de alergias, não tinha? Receitou-lhe pomadas de cortisona...

— É verdade... Com quem estou a falar?

Sara ergueu a voz, mas, embora falasse aos gritos, isso não tornava a conversa mais fácil.

— Está com interrupções... Desligo e volta a ligar? — perguntou o médico.

— Não! — gritou-lhe ela. — Essa alergia era a quê?

— É difícil precisar... Não fizemos testes... Mas tinha problemas sobretudo nos pés... Disse-lhe para usar outro tipo de calçado... que não usasse peúgas... Não sei que importância pode ter tudo isto...

— É possível que fosse alergia a alguma planta?

*

Sara devolveu o telefone a Víctor. Olhou por entre as árvores, para os pés daqueles troncos cinzentos. Não encontrou flores.

— O que é uma «orelha-de-urso»? — perguntou-lhe, sem deixar de a procurar.

— É uma planta — respondeu Víctor, confuso.

— Isso eu já sei. O que eu queria saber é como é que ela é, onde cresce...

Víctor pediu-lhe que a seguisse, entre os *trémols*, enquanto Sara se explicava.

— O médico diz que ele podia ter alergia a essa planta... Ou a outras, mas que no vale é a mais comum... O corpo dele... os pés cheios de eczema, lembraste? Como se tivesse havido contacto recente... É possível que se tivesse metido por alguma zona onde havia esse tipo de plantas...

— Cresce na rocha — disse Víctor sem deixar de caminhar. Uns metros mais atrás, os restantes agentes seguiam-nos.

Saíram da floresta e, diante deles, encontraram uma parede de pedra. Entre as fendas cresciam umas pequenas flores roxas. Caules grossos, carnudos, revestidos de pêlos transparentes.

— Aí as tens — disse-lhe Víctor.

Sara começou a trepar pela parede de pedra. Lembrou-se de que Ana resvalara por um sítio assim, recordou a pancada no cotovelo e a ferida, mesmo antes de chegar à mata de *trémols*. Sara tinha de se agachar e procurar apoios com as mãos para não cair. O seu pé esquerdo escorregou, rebolaram pequenas pedras, e ela agarrou-se ao caule de uma daquelas plantas, o suficiente para se segurar, conseguir recuperar o equilíbrio e ganhar impulso para subir mais ainda. A planta de flores agora desfeitas ficou atrás, com as raízes expostas à intempérie.

A parede não era muito alta, uns seis metros de desnível, e, quando venceu essa distância, Sara avistou um pequeno vale, no sopé das montanhas. Enterrado nele, estava o refúgio. Quatro paredes de pedra que pareciam sustentar a muito custo um telhado, também ele, meio derrocado.

Logo que chegou junto de Sara, Víctor dispôs os seus agentes em semicírculo à volta do refúgio. Não havia nenhum ruído além da imitação de chuva dos choupos. Sara sacou da pistola, mas, enquanto dava uns passos em direcção ao refúgio, baixou o braço e a arma, que agora acompanhavam o ritmo dos seus passos como um pêndulo.

— Chegámos tarde de mais — maldisse a polícia.

Víctor, atrás dela, também relaxou a sua atitude, antes encurvada, tensa. Ergueu-se e olhou para o sítio do qual Sara se aproximava. A parede nordeste do refúgio, parcialmente derrocada, com as pedras que a constituíam convertidas em gravilha, e, lá dentro, o chão enegrecido, os restos carbonizados de alguma madeira. Sara deteve-se antes de entrar no refúgio, olhou para o chão; o fogo extinguiu-se antes de chegar à erva e só algumas folhas estavam queimadas. Lá dentro, o panorama era bem diferente. O chão do refúgio tinha abatido e o buraco onde Lucía e Ana tinham estado presas abria-se como uma velha panela chamuscada.

— Pegou fogo a isto tudo — disse Sara quando reparou em Víctor ao seu lado.

Os restos do que tinham sido os pilares que sustentavam a estrutura da cave, partidos, alguns

deles vencidos pelo abatimento do chão, erguiam-se como estacas entre um amontoado de pedras, terra e madeira queimada. Os ferros retorcidos do que tinha sido, talvez, um *sommier* estavam semienterrados sob os escombros, pretos.

— Só espero que Lucía não esteja por aqui — murmurou Víctor enquanto dava um passo para dentro do refúgio.

— Não entres aí — deteve-o Sara. — Temos de o escorar antes de entrar. O que ainda resta do chão pode ruir...

*

As folhas dos choupos não se cansavam, insistiam, agitando-se ao sabor do vento, e, na sua vibração, imitavam o barulho de uma chuva inexistente, a fustigar o campo.

— Não sei como é que ela não ficou maluca com este barulho — disse Santiago Baín, olhando para as árvores.

— De momento, não há rasto de Lucía — informou-o Sara. — Mas também não me parece que possamos tirar alguma coisa daqui.

— Quando é que ele fez isto? Quando é que lhe pegou fogo?

— Temos de esperar pela Polícia Científica, mas não me parece que tenham passado mais de vinte e quatro horas.

— Enquanto seguíamos como idiotas a pista de Simón — murmurou ele e, depois, olhou para o refúgio. Tinham trazido escoras para sustentar o peso do chão e poderem descer à cave. Uma equipa da Polícia Científica fotografava o refúgio. Que encontrariam naquele monte de lixo queimado? Não havia impressões digitais, fibras... ardera tudo, pensou Santiago. — O que lhe terá feito?

Sara também olhou para os homens que trabalhavam no refúgio.

— Está viva — disse com segurança. — Se quisesse matá-la, tê-la-ia deixado arder com o resto.

Santiago queria acreditar no que dizia, mas a sensação de que, como acontecera tantas outras vezes, no final só teriam entre as mãos o monstro e não a sua vítima, enterrada, morta, impregnava cada um dos seus pensamentos como um cheiro viciado.

— O que é que Ana te disse? — perguntou-lhe Sara. — Conseguiste falar com ela outra vez?

— É incapaz de nos dizer seja o que for sobre o homem que as tinha... Trazia sempre aquela máscara posta. — Santiago virou-se de costas para o refúgio, passeou pelo vale onde se encontravam. — Uma espécie de capacete preto com uma viseira de plástico... devia ser plástico polarizado, porque não se via nada através dele...

— Como um capacete de mota?

— Uma coisa assim...

Com o olhar, Santiago percorreu as montanhas, a serra que escondia o refúgio. A nordeste erguia-se o Ixeia, a montanha nevada sobre a qual Ana via o entardecer. Não fazia frio, apesar do vento. Também não tinha a sensação de estar num lugar escondido. Pelo contrário, a paisagem, vasta, profunda, fazia-o sentir-se exposto. Durante todo aquele tempo, tinham estado tão perto...

Álvaro Montrell deitou-se vestido na sua cama. Olhou para o tecto, para a racha que por vezes lhe fazia lembrar o perfil recortado das montanhas. Os exames tinham corrido bem. Mais um dia e Ana voltaria para casa. Qual devia ser o seu papel? Por que motivo tinha de aceitar as condições da mulher, como se a rapariga lhe pertencesse e como se fosse um gesto de boa-vontade deixá-lo aproximar-se dela? Ana também lhe pertencia. Ou era ele que pertencia à sua filha, pouco lhe importava a forma de exprimir a ideia. O que sentia não era uma ânsia de posse, mas de pertença.

Estava a ser injusto, disse para consigo. Estava a ir demasiado depressa. Tinha de se pôr na pele de Raquel. Ele soubera sempre onde ela estava. Para Raquel, pelo contrário, Álvaro era uma recordação remota. Talvez tivesse culpas no cartório. Quase quatro anos depois de ele ter desaparecido. Há motivos, há sempre motivos e culpados. Toda a gente precisa deles, disse para consigo. Embora a nossa versão da história não tenha nada que ver com a dos demais.

Ao recordá-la, assustada, nos corredores do hospital, Raquel pareceu-lhe ainda mais bonita do que quando se fora embora. A beleza de uma mulher ferida, como os circos glaciares^[3] das montanhas entre as quais tinham vivido. O circo dos Infernos, o de Tempestades, no monte Ármos. Paredes de granito que o gelo dos glaciares moldara em forma de anfiteatros de pedra; paredes verticais, escalonadas, que se erguiam sobre o vale. O calor e o degelo descobriram aquelas enormes cicatrizes nas montanhas, que não pareciam envergonhar-se delas, exibindo-as orgulhosamente. Como Raquel, do alto dos seus olhos pretos e da sua cabeleira castanha, olhava para os demais sem tapar a marca de sofrimento daqueles cinco anos.

Abriu o armário e tirou roupa lavada. Mudou de vestimenta. A seguir, saiu do quarto. Da sua toca, como lhe chamava Gaizka. Lá em cima, na estação de Posets, na empresa de excursões gerida por

Gaizka, andou a esconder-se como um animal assustado. Era uma casinhota na estrada que dava acesso à vila. Gaizka guardava aí o material para as excursões: trenós e ferramentas para as descidas, canoas, pistolas de brincar para as batalhas de *paintball*. Álvaro devolvia-lhe o favor do alojamento, encarregando-se de manter o material arrumado. Preparando-o para os guias que levavam os turistas para os barrancos, para os lagos.

Era absurdo conceder tempo a Raquel. Não perdera já tempo suficiente? Não queria esperar. Não ia separar-se de Ana, pensou enquanto atravessava o armazém.

Não houve testemunhas da decisão de Álvaro. Só as fiadas de capacetes pretos que usavam para as batalhas de *paintball* e que se estendiam pela parede do armazém. Presas a ganchos metálicos, olhavam-no em silêncio, como cabeças de animais sacrificados.

A dança dos homens

— Tínhamo-nos zangado — começou por contar Ana.

O director do hospital cedera-lhes um quarto para os polícias poderem interrogá-la. Já tivera alta e Raquel insistia em levá-la para casa. Não podiam impedi-lo, embora a tivessem mantido sob vigilância naqueles primeiros dias. O inspector Baín proibiu qualquer contacto com ela. Nem sequer os pais, Raquel e Álvaro, tinham conseguido estar a sós com a filha. Eram sempre acompanhados por um guarda-civil.

— Já estavam no pinhal? — perguntou-lhe Sara, e Ana negou com a cabeça.

Lançava o olhar para trás, para um passado que já enterrara e onde agora, pela mão de Sara, voltava a rebuscar entre aquelas recordações, como se esgaravatasse a terra onde escondera velhos ossos. Ximena Souto, a filha de Nicolás, o veterinário: o que seria feito dela? A «colombiana», como lhe chamavam. A terceira rapariga. Quem pode resumir cinco anos em escassas palavras?

— Tens de tentar — pediu-lhe Sara.

A tua vida como um relato. «Um conto», pensou Ana. E tentou fazer o exercício.

Lucía e Ana tinham a mesma idade que Ximena. No entanto, a ligação que havia entre elas, que se entendiam com um simples olhar, era um muro para Ximena. Embora também fosse vizinha das raparigas, pois vivia do outro lado da rua, diante das suas vivendas geminadas, e reclamasse diariamente a sua atenção, pois pretendia fazer parte daquela amizade, Ximena, a «colombiana», não o conseguia. Tal frustração fazia, por vezes, os seus encontros acabarem com uma zanga entre elas.

Tinham saído da escola com as mochilas às costas e o vento frio de Outubro a bater-lhes na cara. Ximena falava de Quim, o irmão mais velho de Lucía. Vira-o nos corredores da escola, tinha cortado o cabelo. «Porquê? Ficava-lhe tão bem comprido.» «Coisas da minha mãe», dizia-lhe Lucía, e, imediatamente, quando Ximena voltou a falar de Quim, começou a chacota. Uma brincadeira habitual entre Ana e Lucía, que envergonhava Ximena. «A colombiana está apaixonada. Queres que o meu irmão te dê um beijo?», dizia Lucía perante os silêncios ruborizados de Ximena. «Posso falar com ele.»

Costumavam separar-se nesse ponto da estrada da escola. Ana e Ximena tinham de ir para a vila, tinham aulas de piano num rés-do-chão da avenida de Posets. Lucía atravessaria sozinha o pinhal para chegar à sua urbanização. «Odeio piano», dizia Ana para consigo, quando Ximena, farta das piadas de Lucía, a empurrou. A amiga tropeçou e caiu ao chão. Não teve tempo de a ajudar a levantar-se. Lucía pegou numa pedra e, ainda no chão, arremessou-a a Ximena. Só conseguiu vê-la levar as mãos à cara e gritar-lhe: «Idiota!». Fizera-lhe sangue?

Ximena foi a correr para a escola. «Vais ver como é», gritou. Lucía ergueu-se e fugiu para o pinhal, temendo, talvez, uma reprimenda dos professores. Ana, entre as duas raparigas, não sabia o que fazer. Acabou por decidir seguir Lucía. «O que aconteceu?», mas a pergunta de Ana perdeu-se entre as árvores da floresta.

«Lucía!», gritou. Quanto tempo estive à procura dela? O tempo dilata-se e contrai-se caprichosamente na memória. Começaram a cair umas gotas de chuva. Batiam-lhe no anoraque, escurecendo-o, de fúcsia para vermelho. Os pinheiros ameaçavam perdê-la caso saísse do caminho e reparou no cheiro húmido e metálico que anuncia a trovoadas. «Lucía», repetia Ana, e a sua voz perdia-se na floresta sem resposta. A luz escasseava sob as copas das árvores naquela tarde de Outubro. «A mãe vai ficar chateada se eu chegar tarde à aula de piano», pensava quando viu um jipe cinzento, ou seria castanho? Tinha lama nas rodas e na carroçaria, disso tinha a certeza. «O que estás a fazer, Lucía?», mas não chegou a pronunciar as palavras, pensou-as apenas. A sua amiga estava sentada no lugar do co-piloto, com a cabeça apoiada na janela, os olhos fechados. «Estará a dormir?», interrogou-se.

Quando Ana ia a aproximar-se do carro, uma mão tapou-lhe a boca, sentiu uma picada no pescoço e um sabor amargo no fundo da garganta. O efeito foi imediato. À sua volta, tudo perdeu nitidez. As árvores sobrepunham-se, como se se transformassem numa parede de madeira. A luz apagou-se. Olhou para o chão. A terra e as folhas abriam-se, deixando à vista um buraco negro e profundo pelo qual teve a sensação de cair.

— Quando abri os olhos, já estava lá dentro — disse Ana.

Respirou devagar, demorou uns segundos a encher os pulmões, como se, ao abrandar a respiração, pudesse igualmente deter o tempo. Sara percebeu que preferia ficar naquela escuridão, a salvo, a voltar para o refúgio onde passara os últimos cinco anos. A polícia sentia-lhe o mesmo medo, como quem está perante a porta de uma cave onde sabe que há fantasmas à espera, entre as sombras, para lhe fazer mal. Mas tinham de transpor o patamar. Sara acompanhava-a.

— Não havia luz — continuou Ana. — A primeira coisa que me veio à cabeça é que estava morta... — E Ana retomou o relato da sua vida.

Na escuridão, Ana reconheceu algumas formas. Um vulto deitado num colchão. Lucía. Aproximou-se dela, abraçou-a e sossegou ao sentir-lhe a respiração. A amiga soluçava. Estava frio. Muito frio. O chão, as paredes estavam molhados. «Isto é uma gruta?», interrogou-se. «Como é que cheguei aqui?» Pelo corpo ainda lhe corria uma coisa estranha, densa, como uma pequena serpente que se deslocava pelas suas veias. Deu-lhe vontade de vomitar, mas conseguiu aguentar. Faltava-lhe o ar e começou a sentir claustrofobia. Enclausurada num buraco em que parecia que as paredes lhe caíam em cima. Lucía continuava a chorar em silêncio.

Um quadrado de luz abriu-se em cima, no tecto, e então caiu uma escada. Alguém desceu, tapou a luz que entrava por aquele alçapão. Ana olhou em seu redor, à procura de um sítio por onde pudesse escapar, mas a única coisa que conseguia fazer era encolher-se, a tiritar, contra um canto. A roupa ficou húmida quando se colou à parede. Sentiu um calafrio. Não conseguiu reconhecer os seus traços. Não passava de uma silhueta que aumentava à medida que se aproximava dela. Imensa. «Porquê a mim?», pensou. Segurou-lhe num braço, os dedos dele magoaram-na quando se enterraram na sua carne. Obrigou-a a sentar-se e pôs-lhe uma coisa na cabeça. Um saco de serapilheira.

A escuridão voltou.

Aos repêlões, tirou-a do refúgio. Estava desorientada, a cabeça metida naquele saco que a impedia de ver fosse o que fosse. Que inchava e desinchava com a sua respiração, cada vez mais entrecortada. Mais apressada. Sentiu-se asfixiar, reparou que o ar que conseguia meter dentro do corpo era cada vez mais escasso, mais quente, mais viciado.

Sentiu o contacto de um objecto metálico e depois uma pancada seca. Os sons abrandaram. Um motor fazia vibrar o sítio onde estava. Não conseguia esticar os braços, não havia espaço suficiente. As pernas também não.

Não conseguia lembrar-se de quanto tempo depois o motor parou, e também o movimento. Desta vez, após o som metálico, chegou-lhe uma lufada de ar fresco que atravessou o saco que lhe tapava a cabeça. O homem obrigou-a a sair, a pôr-se de pé. Ela não foi capaz de manter o equilíbrio, as pernas não respondiam. Estatelou-se no chão e sentiu a terra nas mãos. Ele ergueu-a com um puxão.

O homem arrancou-lhe o saco. Ana abriu a boca como quem sai da água com os pulmões vazios. Demorou uns segundos a voltar a habituar os olhos à luz. Ele estava em frente dela. Trazia aquele capacete preto e uma caçadeira nas mãos. Pensou em correr, mas as pernas tremiam-lhe, e deixou-se cair no chão, de joelhos. O homem armou a espingarda e apoiou a boca do canhão na testa de Ana.

Qual o limite de uma rapariga de onze anos? Até onde pode suportar a dor, o pânico? Sara percorria ao seu lado aqueles momentos, fundia o seu olhar no dela, para sentir aquela mesma ansiedade e procurar nos traços daquele homem que a arrastava para o inferno alguma pista que lhe permitisse dar-lhe uma identidade. Poderia Sara suportar tais maus-tratos? Sabia que a ingenuidade infantil é o maior escudo. Vivera essa experiência. Ao crescer, o adulto pensa inevitavelmente no que virá depois. Pancadaria. Uma violação. A morte. A imaginação da rapariga, porém, agarra-se ao presente.

— Esteve muito tempo assim, com a espingarda na minha cabeça. Eu fechei os olhos com tanta força que me doíam — disse Ana. Tentava mostrar-se forte ao relatar o que tinha acontecido. — Urinei na roupa e fiquei cheia de vergonha. — Ana ergueu o olhar para os polícias. — Disse-lhe que lamentava imenso, que não tinha conseguido evitar.

— E ele disse-te alguma coisa? — perguntou-lhe Sara.

— «Um dia ainda te mato.» Foi o que me disse. «Quando menos esperares, mato-te.» Depois, baixou a espingarda e voltou a pôr-me o saco na cabeça.

Desde aquele momento, Sara sentiu Ana a afastá-la das suas recordações. Sentira ao seu lado cada instante do dia do rapto, até as suas palavras começarem a descrever os anos em que estivera encerrada no buraco.

— Confia em mim — disse-lhe Sara quando percebeu que a estava a afastar. — Só queremos encontrar o homem que te fez mal.

Ana não deixava de falar, mas as suas palavras eram como uma visita rápida por um museu, sem

se deter junto a nenhum quadro. Antes de Sara conseguir entrar nos pormenores, passava para o seguinte, com pressa de chegar à próxima sala.

Dava uma descrição errática do homem que as detivera. Não surgiam traços característicos que permitissem dar início a uma busca. O capacete tapava-lhe a cabeça toda. Não conseguiam saber como era o seu cabelo, nem sequer eram capazes de descrever o tom da sua pele ou se tinha pêlos. Umás vezes, Ana dizia que era bastante alto; outras, da sua estatura. Corpulento nalguns momentos, com peso a mais noutros. O homem era uma figura mutável; Ana transformara-o numa besta imaginária que adoptava diferentes formas, embora fosse sempre o mesmo. Uma figura fantástica para se convencer de que o que vivera não era real. A única coisa a que se podiam agarrar era àquela máscara que Ana descrevera e da qual não tinham encontrado qualquer rasto no refúgio.

— Eu mal o via — justificava-se Ana. Podia ver a decepção no olhar dos polícias. — Não me ligava nenhuma.

— Porquê? — perguntou Sara. — Não te tratava a ti e a Lucía da mesma forma?

— Depois daquele dia da espingarda, voltou ao buraco. Não tinha passado muito tempo. Pôs-me outra vez o saco e levou-me para cima, mas não me transportou para nenhum sítio. Amarrou-me a uma viga e deixou-me ali sozinha tanto tempo que acabei por adormecer. Quando me voltou a soltar e me levou novamente para a cave, Lucía disse-me que tinha estado com ele.

— Contou-te o que lhe tinha feito? — perguntou-lhe Sara.

— Eu não teria percebido — disse Ana, triste. — Éramos muito novas. Lucía parecia mais velha, mas tínhamos poucos meses de diferença de idade.

— Porque falas no passado? — atalhou Sara, admirada. — O que é que mudou?

— Agora, é ela quem parece mais nova — murmurou Ana.

Como se os cinco anos não tivessem passado de uns dias, Ana só falava dessa rotina que descrevera: de tanto em tanto tempo, o homem entrava na cave, tirava Ana e ficava a sós com Lucía. Por vezes, o homem passava mais tempo sem vir. Ou só abria o alçapão para lhes entregar *tupperwares* com comida. A explicação que dava para aquela alteração de comportamento era que discutia com Lucía, zangava-se com a amiga e aquela era a sua forma de lho demonstrar.

Cheirava mal no buraco. Sobretudo no início. Depois, habituaram-se àquele ambiente, fechado e húmido, sem mais nenhuma ventilação além do alçapão. Por vezes, os seus excrementos ficavam vários dias no bacio até o homem os recolher. Paredes de pedra geladas, chão de tábuas corridas, afagado. Um colchão em que Ana e Lucía dormiam abraçadas, sob o qual, tempos depois, houve também um *sommier*. Dias sem luz que se tornavam simultaneamente eternos e difusos. Confundiam-se entre eles, perdendo a referência do sol.

Sara procurava o pormenor. A boneca estendida no chão, meio vestida, Lucía sentada na cama, os braços à volta das pernas encolhidas, a olhar para um canto da cave e a sonhar em voz alta que tinha uma televisão. «Aí ficava bem. Podíamos ver desenhos animados.» Ana, de pé, a uns passos da amiga, com um velho livro entre as mãos, do qual, por mero enfado, memorizara alguns poemas: «Sou o que ninguém é, o que não foi uma espada na guerra. Sou eco, esquecimento, nada.» E, depois, entregava-se a uma dança sem música, ao ritmo de uma melodia que soava na sua cabeça. Incapazes de saber se era de dia ou de noite. Passara uma semana ou um ano. «Quem é?», perguntou Ana a Lucía. «É melhor que não saibas», disse-lhe ela, e, imediatamente, Lucía deu um salto da cama e ajoelhou-se junto à boneca; desenhara-lhe um enorme sorriso com um marcador vermelho. «Menina, chega muito atrasada ao seu encontro», disse com uma voz absurda, emprestando a voz do brinquedo. «O que é que ele te faz?», voltou a perguntar-lhe Ana, e, perante o silêncio da amiga, concentrada na boneca, decidiu voltar também à sua brincadeira, à dança.

— Teve relações sexuais contigo? — perguntou-lhe Sara.

Ana disse que não com a cabeça e a seguir cravou o seu olhar em Santiago, sentado durante todo aquele tempo ao fundo do quarto. O gesto da rapariga foi firme, como se reparasse que o polícia duvidava das suas palavras.

Sara acariciou a mão de Ana, os seus dedos comidos à volta das unhas, quase em carne viva. A polícia sentia-se decepcionada. Esperava muito mais daquele encontro.

— Deves estar cansada, Ana — disse Santiago, pondo-se de pé, com um sorriso que tentava apagar toda a desconfiança anterior. — Por agora chega. Apetece-te voltar para casa?

— Claro. — Ana forçou um sorriso.

*

Santiago abriu a porta do quarto. Do outro lado esperava o guarda-civil que tinha de acompanhar Ana até junto da mãe. Uma vez a sós, Santiago aproximou-se da janela do quarto e olhou para o descampado que circundava o hospital.

— Está a mentir-nos — sentenciou Santiago quando já estavam a sós.

— Não me parece que seja isso... — murmurou Sara, pensativa. — Tenta manter-nos de fora... Não sei se tem medo de nós ou se é ela que não se atreve a recordar-se.

Santiago sentiu-se culpado por ter utilizado Sara. Por vezes, imaginava-a como um médico que sofre na própria pele as doenças dos seus pacientes. Algo que lhe dava vantagem sobre os demais, mas que, ao mesmo tempo, a convertia numa doente.

— Eu levo Ana a casa. Passa pelo posto de Monteperdido e organiza a recolha de depoimentos — ordenou-lhe Santiago.

A notícia abriu todos os noticiários. Era impossível escapar aos repórteres que tinham chegado a Monteperdido, aos peritos criminalistas que opinavam na televisão. Quim conseguia imaginá-los a tomar um café, sentados à mesa das suas cozinhas enquanto procuravam umas férias de luxo na Internet. Um fim-de-semana em Bali, era isso que lhes ia dar o aparecimento de Ana. Só precisavam de um par de semanas em todos os debates, a falar de perfis, de *stress* pós-traumático e essa treta toda. A seguir, a história perderia força e deixariam de lhes telefonar. Pouco importa, pois eles, todos os peritos criminalistas da televisão, já estariam bêbados em Bali.

Quim não queria saber da televisão para nada.

Tinha-se levantado tarde. Acordara com o som da televisão que o pai deixara ligada. Estavam a dar o telejornal. Bebeu um copo de leite e sentou-se ao computador com os auscultadores postos, para jogar. Na sua cabeça ressoavam os disparos e explosões do jogo. Não queria saber de nada, embora, inevitavelmente, o seu pensamento se desviasse por vezes para os jornalistas, para as perguntas que os seus conterrâneos voltariam a fazer-lhe: Sabem alguma coisa da tua irmã? Achas que está viva? O que é que aquele filho da puta lhes fez? Não tencionava responder-lhes, era preferível evitá-los, em vez de os mandar todos àquela parte. Disparava sem cessar, nem sequer apontava, limitava-se a esvaziar o carregador da sua arma. Estava habituado a jogar *online*, e o seu *nickname* era «Desaparecida2009». Sabia que, se o pai descobrisse o nome que usava, não ia achar graça nenhuma, mas ele achava.

«Agora é que andam atrás de mim», pensou Joaquín Castán enquanto verificava as chamadas não atendidas. «Toda a gente quer falar comigo.» Há uns dias, ninguém lhe devolvia os telefonemas. Ninguém quis participar na cerimónia em memória das raparigas. Era absurdo puxar pelo orgulho. De que serviria? Sabia que os órgãos de comunicação social eram necessários para manter viva a esperança. No telemóvel também tinha uma mensagem de Virginia Bescos. A jornalista estava numa estalagem perto de Val de Sacs e queria falar com ele. Passados quase dois anos, queria voltar a falar com ele.

Não deixara de olhar pela janela durante todo o trajecto. Os olhos de Ana eram as janelas recentemente abertas de uma casa que estivera fechada durante todo o Inverno. O ar fresco atravessava-as e expulsava as sombras, os odores viciados que tinham aderido às suas paredes como gordura. Mal tinham falado uma com a outra. Raquel, sentada ao seu lado, continuava a segurar-lhe a mão esquerda com suavidade, como pólen prestes a esvoaçar dali para fora. Podia ver a cara de Ana reflectida no vidro. Ainda lhe custava reconhecer a filha com aquelas novas feições. Estava diferente, e aquela sensação de decepção por a filha já não ser a mesma rapariga que perdera fazia-a sentir-se culpada, egoísta.

— Estás bem? Nervosa? — perguntou Santiago, ao volante. — Queres que vá mais devagar?

— Está bem assim — murmurou Ana sem deixar de olhar para a paisagem.

Ana tentava recordar as viagens de carro para Barbastro com os pais. Quando desciam à cidade para comprar roupa ou, simplesmente, como dizia o pai, para descansar de Monteperdido. «Somos como três soldados de folga», gracejava Álvaro. No entanto, a floresta não lhe parecia a de então. As curvas da estrada já não eram tão fechadas. Queria reconhecer alguma coisa; uma árvore, o perfil de um monte contra esse céu tão azul ou a suavidade das mãos da mãe. Algo que lhe fizesse sentir que estava a chegar ao lar.

— Quanto é que falta? — perguntou Ana.

— Pouco. Dentro de vinte minutos, estamos em casa — sossegou-a Raquel.

— E o pai?

Acordara com o telemóvel a tocar. Gaizka tomou um duche rápido e meteu-se no carro. Quando o pôs a trabalhar, o rádio soou com um volume insuportável para a sua ressaca. Desligou-o e conduziu até ao estabelecimento. O grupo já lá estava, à sua espera. O guia também. Ligara a Álvaro, mas este tinha o telefone desligado. Não quis insistir. Gaizka sabia que já não podia contar com ele. O sol, filtrando-se por entre os cumes do maciço, a Kregüeña, dava-lhe de frente e obrigou-o a piscar os olhos. Dormira pouquíssimas horas. Sentia ainda o sabor do gim no fundo da garganta. Acendeu um cigarro. Abriu a janela. À esquerda da estrada, abria-se o barranco de Oscuros del Balced, local de atracção turística. Olhou-se ao espelho retrovisor; a sua pele baça, amarelada, como os seus olhos, e o cabelo preto, ainda húmido, feito de um emaranhado de pequenos caracóis: tinha de o

cortar algum dia. Tinha de o rapar.

Assim que chegou, pediu desculpa pelo atraso.

— Não avisaste Álvaro de que tínhamos um grupo? — perguntou-lhe o guia.

Gaizka devolveu-lhe um olhar agastado enquanto procurava as chaves do estabelecimento. Noguera, o guia, não fazia a mínima ideia de quem era Álvaro. Vivia quase todo o ano em Huesca e só vinha a Monteperdido na época de Verão, quando se podiam fazer as descidas aos barrancos. Alugava um quarto numa estalagem de montanha, mais perto do local, em Posets, e não sabia nada da vida da vila. Para Noguera, Álvaro não passava de um drogado que vivia no estabelecimento, sendo responsável pelo armazém de material da empresa de Gaizka. Um comentário sobre o tempo, uma ou outra piada sobre as excursões, era tudo o que Noguera ouvira de Álvaro. Para Gaizka, Noguera parecia um idiota, mas isso era algo que, com o tempo, descobrira ser um mal comum em todos os guias. Pouco importava que fossem de montanha ou de barrancos. Os guias pareciam ter sido presenteados com aquele gene da estupidez.

— Liguei-lhe pelo menos vinte vezes, mas nada. Deve ter o telemóvel desligado — continuava a protestar Noguera.

— E foi preciso ligares vinte vezes para perceberes isso?

Gaizka entrou no estabelecimento. Acendeu as luzes. Atrás de um pequeno balcão encontrava-se o armazém. Noguera, seguindo-o, entrou para recolher o material de que precisava.

— Não foste tu que tiveste de aturar aqueles imbecis a protestarem durante meia-hora — disse Noguera, apontando lá para fora, para o terreiro onde o aguardavam os cinco turistas que se tinham inscrito para a descida.

— Não julgues que me livro de todos os imbecis só por ser o chefe.

Noguera parecia prestes a responder-lhe, ofendido, mas acabou por desfazer aquela expressão de orgulho do seu semblante como um cavalo mexe a cauda para afugentar uma mosca.

— Se me chatearem muito a cabeça, ainda mando um deles pelo barranco abaixo — murmurou o guia ao sair do local.

Gaizka sentiu-se aliviado ao desembaraçar-se de Noguera. Entrou no armazém. Abriu um armário, interrogando-se se Álvaro guardaria aí os medicamentos: a sua dor de cabeça estava a pedir desesperadamente um calmante. Porque é que nunca levava nenhum lá para cima, se andava sempre com dores de cabeça? O armário estava vazio. Ao fundo do armazém, havia uma porta que dava para um quarto de quatro metros quadrados, que tinha sido habitado por Álvaro.

Gaizka estivera ali mais vezes, noutras noites. Na toca de Álvaro. Naquela cama incómoda rodeada de paredes nuas. Álvaro nunca trouxe objectos pessoais para aquele quarto. Era tudo provisório; desde a proposta que Gaizka lhe fizera para ficar ali uns dias até ao trabalho que executara a seguir. Tudo aquilo terminaria a qualquer altura. Gaizka nunca pensou que o final seria o regresso de Ana. Para dizer a verdade, sempre julgou que um dia Álvaro se cansaria de continuar à espera naquele quarto. Aperceber-se-ia de que a única coisa que estava a fazer era perder também a sua vida e, uma manhã, pura e simplesmente, já não o encontraria ali.

Gaizka sentou-se na cama e enrolou um cigarro. Antes de o fechar, pegou num doseador e misturou uma linha fina de cocaína com o tabaco. A seguir acendeu-o e exalou o fumo. Deixou-se cair na cama, fechou os olhos. «Merda dos calmantes», pensou.

Sempre fora um forasteiro naquele vale. Tal como Álvaro, embora, no caso dele, fingissem tê-lo integrado na comunidade; dava aulas de História de Arte no instituto; Ana praticamente tinha nascido lá, Raquel montara um negócio de restauros, de certeza que até os convidavam para os jantares da Confraria de Santa María de Laude. Até lhes tinham oferecido o raio de um *pin* com o emblema da Confraria. Mas, depois do desaparecimento de Ana, Monteperdido precisava de um culpado. Então, Álvaro voltou a ser o estrangeiro. O desconhecido que ninguém sabe realmente quem é.

— Nesta terra, quando não sabem como se chama o teu avô e como é que ele bebia o café, é como se fosses um estranho. Gostam muito das pessoas que vão e vêm e, pelo caminho, deixam as notas em Monteperdido. Mas os que chegam e ficam por cá, a esses já não acham tanta graça. — Gaizka recordou o que dissera a Álvaro numa daquelas noites em que ficava no estabelecimento com o seu amigo e uma garrafa de gim.

— Porque não fazem a mínima ideia de quem seja o teu avô.

— Claro, não podem dizer «vai ali Gaizka, o do Sebastián» ou outra coisa qualquer...

Álvaro ria-se, mas não entrava na brincadeira. Puxava a franja branca para cima, desanuviava o semblante e guardava silêncio. Preferia não falar de Monteperdido nem dos seus habitantes. Por vezes, Gaizka punha-se a pensar que, de certa forma, se sentia culpado pelo desaparecimento da filha dele. Que o castigo dos seus conterrâneos fora justo.

— Acho que vou despedir Noguera — disse a Álvaro noutra noite.

— Tanto faz. O guia que contratares será tão estúpido como ele ou ainda pior.

— Porque é que têm de ser assim? — perguntou Gaizka com uma risada. — Será que não há um único guia normal no mundo? Se calhar ainda vou ter de trazer um xerpa dos Himalaias... Se não falar espanhol, não nos dará tanta chatice...

— Eu acho que é por causa do trabalho deles... Por causa de serem «guias», sabes? Eles é que sabem «os sítios aonde se deve ir».

— Aos Oscuros de Balced. Ou ao circo de Tempestades. Bolas, também não é nada do outro mundo.

— Mas vêm com aquela lengalenga transcendental. «Conhecemos o caminho» — disse Álvaro, emprestando a voz.

— No teu caso, não sei. Eu cá prefiro atestar o copo de gim.

Gaizka saiu do quarto de Álvaro a dar as últimas passas na ganza. Em poucos minutos saíra da ressaca e estava novamente a flutuar. Diante dele, tinha a estante onde estavam pendurados os capacetes de *paintball*. Filas de máscaras pretas. Algumas estavam manchadas de vermelho com tinta do jogo. O vidro opaco das viseiras, todas viradas para ele, como se estivessem à espera de uma resposta que só ele tinha.

— Se querem saber alguma coisa, perguntem ao raio do guia — murmurou.

Sara olhou para a zona comum da esquadra. A uma secretária do gabinete estava sentado Burgos.

— Ele pode fazer o primeiro turno — disse Víctor.

Burgos era baixo e rechonchudo. Tinha um bigode farfalhudo que lhe ocultava o lábio superior e, ao falar, parecia um boneco de ventríloquo.

— Que experiência é que ele tem? — duvidou Sara.

— Foi campeão regional de tiro aos pombos há cerca de dez anos. Não sei se isso te servirá como currículo.

— Estás a fazer pouco de mim?

— Estou a ser franco. Não querias colaboração? — Víctor sorriu-lhe.

— Tem de vigiar uma testemunha, não de caçar pombos... — protestou Sara, sem demasiada convicção.

Foram interrompidos por uns aplausos e apitos. Sara inclinou-se ligeiramente e avistou Pujante. Entrava na sala onde se encontravam os demais agentes com dois tabuleiros de bolos. Burgos erguera-se e gritava «Bravo!», mas não era o único, parecia que os guardas-civis competiam entre si a ver quem era o mais escandaloso. Víctor olhava para eles com um sorriso na boca.

— São os bolos para Ana — explicou-lhe ao ver que Sara não estava a entender o que se passava.

Pujante pôs um tabuleiro sobre a mesa e fez sinal para se juntarem a eles.

— A minha mulher fez um *candimus* para nós — convidou-os o jovem agente.

Víctor adivinhou o que Sara estava a pensar e, antes de ela ponderar sequer protestar, disse-lhe: — Temos uma coisa para festejar. Há cinco anos que andamos à procura das raparigas, e hoje Ana está de regresso a casa.

Com um gesto, Sara indicou-lhe que se podia juntar aos seus colegas.

— Cinco minutos — admitiu. — Temos de sair para ir a casa de Ana.

— Não te juntas a nós? — convidou-a Víctor.

Mas Sara disse que não com a cabeça e justificou-se: — A festa é vossa.

Quando Víctor saiu, Sara ficou a dar uma vista de olhos a uns papéis. Simulava rever um processo, embora, na verdade, a sua atenção se perdesse naquele grupo de agentes da Guarda Civil a comerem pão-de-ló e a servirem-se de vinho. Riam e gracejavam entre cotoveladas. Víctor era mais um naquela família.

Como ia alimentar a desconfiança num grupo tão unido? Havia laços entre todos os habitantes de Monteperdido. Padrinhos dos seus filhos, colegas de carteira na escola, irmãs e amigas que tinham criado juntas os filhos, horas de passeio, festas e Invernos incomunicáveis em que tinham ficado sem luz, ou mesmo sem televisão, sem outra companhia a não ser a dos seus conterrâneos, as montanhas e os animais que estas escondiam. Veados, javalis e corços. Víctor falara-lhe deles. Também umas quantas raposas. Viviam nas matas do monte Ármos, o Ixeia. Amados e caçados ao mesmo tempo. Animais, homens e mulheres cujas vidas se entrecruzavam. Convertiam-se numa única vida. A de Monteperdido.

Um desses homens, sob aquele capacete preto, raptara as raparigas.

Sara estava convencida de que desta vez tinham reagido a tempo, ao contrário do que acontecera há cinco anos.

Cortaram a estrada de acesso, lidaram bem com o aparecimento de Ana. Chegaram tarde ao local onde tinham estado enclausuradas as raparigas, mas o mais provável é que o raptor não tivesse tido

tempo de sair da zona. Por isso mesmo, era urgente a recolha de testemunhos entre todos os habitantes. Verificar os álibis de todos eles à hora a que supostamente se dera a fuga de Ana. Era um trabalho fastidioso, aparentemente inútil, sobre o qual construiriam o resto da investigação.

Era igualmente um trabalho que não ia cair bem entre as gentes daquela terra. Víctor não se sentia à vontade para pôr em xeque os seus conterrâneos. Os outros agentes também não. Tinha a certeza de que cada recolha de depoimento se iniciaria com um pedido de desculpas: «São os do Serviço de Apoio à Família. Se fosse por mim, nem vinha ter consigo.»

Enquanto pensava, Sara rabiscou de forma inconsciente um desenho na margem de um relatório. Ao ver a acumulação de figuras geométricas que acabavam por fazer lembrar um labirinto, recordou-se do que dissera um psicólogo acerca desse hábito. Santiago insistiu que o consultasse quando descobriu os seus terrores nocturnos. «Está a representar a sua necessidade de se enclausurar», disse o psicólogo sobre os seus rabiscos. «Estou a representar a minha necessidade de me proteger», foi o que Sara pensou então responder-lhe. Mas não o fez.

Ao recordar o simbolismo daquele rabisco feito a lápis, interrogou-se por que razão Ana não contava tudo o que vivera. «Quando menos esperares, mato-te», dissera-lhe o seu raptor. Não podiam deixá-la sozinha. Como é que o raptor podia saber que Ana não lhes ia entregar nenhuma pista que denunciasse a sua identidade? Não ia fazer nada para o impedir?

Sara tentou pôr-se na pele daquele homem. Assustado com o cerco policial, arrastando Lucía para um novo esconderijo, fingindo normalidade nas ruas da vila. «Olá, o calor está a começar a apertar», dizia ao merceeiro.

Qual seria o seu passo seguinte?

Na imaginação de Ximena Souto, a costa de Almería era um paraíso à mão de semear. Via-se sob um sol abrasador que queimava o horizonte, a banhar-se despida numa daquelas praias de nudistas de que Rafael Grau, o irmão de Montserrat, lhes falara. Sentindo o sal a secar na pele e a retesá-la.

Nada a unia mais a Almería do que aquela fantasia. E, embora nunca tivesse visitado as praias com que sonhava, sentia que tinha mais que ver com aquela terra do que com o vale encerrado entre montanhas onde vivia.

Era uma extraterrestre em Monteperdido.

Morena-azeviche, com um cabelo encaracolado com o qual tinha de lutar todos os dias para o alisar. Pele escura, embora não preta, também herdada da mãe. Tal como os lábios, os olhos. Reconhecia os seus próprios traços nas poucas fotografias que conservava dela. As que Nicolás lhe tirara antes de se ir embora. Ninguém se referia à sua mãe pelo nome, toda a gente dizia «a colombiana», e Ximena, além de herdar os seus traços físicos, herdara também a alcunha.

A colombiana de Monteperdido.

Quim era dos poucos que lhe chamava Ximena. Pronunciado com um «x», e não com um «j».

Vestiu-se. Calçou umas botas de couro, pôs uma minissaia. Uma *T-shirt* que lhe deixava o umbigo à mostra. Na sala, Nicolás dormitava no sofá em frente ao televisor ligado. Com a boca aberta, os óculos tortos. Babara o almofadão sobre o qual apoiava a cabeça.

«Que merda de cartas me calharam», dizia Ximena para com os seus botões.

Saiu de casa. Passeou pela urbanização até chegar ao pinhal e atravessou a estrada da escola. Por baixo do rio havia algumas casas. A vila crescera sobretudo do outro lado do leito, para norte. Rafael Grau tinha uma casa modesta naquela zona menos povoada.

Quando Ana e Lucía foram raptadas, Ximena viveu um misto de sentimentos contraditórios que demorou a assimilar. Por um lado, não podia evitar alegrar-se de forma infantil. As duas raparigas que continuamente a punham de parte tinham recebido o devido castigo. Por outro lado, no seu íntimo, lamentava não ter desaparecido juntamente com elas. Era como se fosse a última demonstração de rejeição.

Entrou na casa de Rafael sem tocar à porta. Quim e ele estavam na cozinha. Cheirava a café e a torradas. A mulher que vinha fazer as limpezas, Conchica, estava a aspirar a sala com as janelas abertas. Havia uma corrente de ar frio. Na cozinha, Rafael pediu-lhe que fechasse a porta por causa do barulho do aspirador.

Porque é que a sua mãe não o escolheu a ele em vez de Nicolás?

Tinha a resposta: o veterinário era um idiota. Comprovara-o todos os dias desde os seus dezasseis anos. Ridículo, nervoso, o eterno boneco de feira daquela terra. Quem teria arcado com a filha de uma desconhecida? No fundo, a sua mãe tinha pensado em Ximena antes de se ir embora.

Quim chegou-lhe um banquinho e Ximena sentou-se junto a ele enquanto Rafael punha as torradas sobre a mesa e perguntava ao sobrinho se ficava para comer. Este aceitou a oferta.

Rafael era um homem de poucas palavras, ao contrário de Nicolás, que, quando começava a falar, sobretudo daqueles estúpidos romances que escrevia, não havia quem o conseguisse calar. «Será que não se fartava de si próprio?», interrogava-se Ximena quando via Nicolás aborrecido, fazendo

perder a cabeça a qualquer pessoa que se aproximasse para ouvir as suas histórias.

Julgava-se escritor. *El follét del albarósa*, era esse o título do romance que estava a escrever agora. Em *patués*, como os anteriores. Ximena sempre se recusara a aprender uma só palavra daquela língua estúpida, de aldeãos.

Rafael pediu-lhes para meterem a louça na máquina de lavar quando acabassem de tomar o pequeno-almoço. Tinha de ir trabalhar. Ximena gostaria que ele ficasse um pouco mais para lhes contar alguma das suas viagens. Algum episódio engraçado daquela época em que era uma espécie de vagabundo ao volante do seu camião. Estivera em todos aqueles lugares aonde eles gostariam de ir. Falava-lhes dos países escandinavos. Da Ásia. Durante uns tempos, também viveu na América Latina. Percorreu-a de Norte a Sul. Quando estava em Espanha, trabalhava para o pai de Quim nos Transportes Castán.

Ximena sentiu a mão de Quim sobre a sua coxa nua. Os seus dedos deslizaram sob a minissaia enquanto dava uma dentada na torrada. Ela não o deixou avançar e, a seguir, encarou-o com um sorriso nos lábios. Supunha que estava a sofrer mais do que ninguém com o regresso de Ana. Sabia perfeitamente o inferno que era a casa dele. A obsessão de Joaquín e Montserrat.

Ambos tinham planeado fugir um dia. Ximena falava-lhe da costa de Almería. Para Quim, o destino era indiferente, desde que fosse longe daqueles montes. Bastava-lhe um lugar onde não houvesse um único corço ou javali.

Rafael vestiu um casaco e deixou quarenta euros sobre a mesa. Pediu-lhes para os darem à senhora das limpezas quando esta terminasse as suas tarefas. Afagou o cabelo a Quim antes de sair. «Não façam nenhum disparate», disse a Ximena com uma seriedade teatral.

— O que é que fazemos? — perguntou-lhe Quim quando se encontraram a sós.

Ximena encolheu os ombros. Ela sabia que ele precisava de se afastar de casa, da proximidade de Ana. Esteve prestes a perguntar-lhe se a tinha visto, mas, em vez disso, propôs-lhe verem um filme na Internet. Ficarem na sala de Rafael deitados. Ele deixava-os usar a casa como se fosse deles.

Ximena era apenas uma criança quando tudo aconteceu. Mas depressa cresceu. Procurou a companhia de Quim e, por fim, conseguiu o que tanto desejava. Dois anos depois de as amigas terem desaparecido, quando ela acabava de completar treze anos e Quim tinha dezasseis, ele beijou-a.

Era Verão e tinham ido banhar-se no Ésera. A água estava fria. Riam-se com a brincadeira, a ver quem aguentava mais tempo sem sair. Quim obrigou-a a mergulhar a cabeça, e, ao voltar à superfície, Ximena abraçou-o para ele não voltar a fazer o mesmo. Sentiu-lhe o corpo, colado ao seu. Mais do que excitação sexual, sentiu-se amparada. Quim beijou-a e, nessa noite, Ximena não conseguiu dormir.

Nunca falavam do que eram. Namorados. Casalinho. Amigos. Ximena sentia, por vezes, que ele não se entregava tanto como ela, mas não estava disposta a deixá-lo escapar. Tentava convencer-se de que a rispidez com que a tratava, os repentinos afastamentos eram mera consequência da forma como o tratavam em casa. Da relação que tinha com os pais.

Mas o medo de que, um dia, Quim deixasse de estar ao seu lado era uma presença cada vez mais real.

O carro da Polícia deteve-se à porta da casa. Quase ao mesmo tempo, chegou Víctor; do jipe da Guarda Civil também saíram Burgos e a outra polícia do SAF, Sara Campos. Montserrat viu-os esperar na rua que Raquel e Ana saíssem do seu carro. A Guarda Civil cortara as ruas para evitar que os jornalistas entrassem na urbanização. Estavam de quarentena, como uns infectados. Na vila reinava um silêncio estranho. Um silêncio que lhe recordava os dias que se seguiram ao desaparecimento da filha. E aquele silêncio tornava-se ensurdecedor. Montserrat não precisava de que ninguém lho dissesse, como não precisou então. Sabia o que havia nas suas cabeças. Na Sociedade de Caçadores ou na Confraria de Santa María de Laude. Lucía está morta, era o que pensavam. Se Ana conseguira escapar, o raptor não teria hesitado. Ter-se-ia desfeito da sua filha. Montserrat esforçava-se por negar aquela ideia. Há cinco anos que o fazia, mas tal tarefa tornava-se cada vez mais difícil.

A cabeça de Ana, rapada, dava-lhe um aspecto duro, longe da inocência que havia na sua cabeleira curta com franja de rapariga. Agora estava tão alta como a mãe e, sob a roupa, adivinhavam-se as formas de uma mulher. O seu passo não era fraco; tinha-a imaginado como a doente que regressa a casa depois de um período de convalescença no hospital. Mas Ana caminhava com segurança, sem pegar no braço da mãe. Montserrat sentiu um calafrio ao ver-lhe a cara, com os olhos pretos, entre os polícias que a rodeavam a caminho de casa. Pareceu-lhe vê-la sorrir e não conseguiu conter as lágrimas ao interrogar-se que rosto teria agora Lucía.

Fechou o cortinado e encostou-se à parede. Joaquín aproximou-se e abraçou-a.

— Queres falar com ela? — perguntou-lhe.

Mas Montserrat disse que não, nervosa. Soltou-se do abraço do marido e subiu as escadas. Desde

que perdera Lucía, deixara-se arrastar. Como se tivesse caído ao rio que atravessava o vale, e a água, pura e simplesmente, a levasse montanha abaixo. Agora, a torrente acelerara e parecia disposta a lançá-la contra as pedras. A enlouquecê-la com os seus remoinhos.

De manhã bem cedo, antes de cortarem as ruas, Álvaro Montrell rondava a casa como um ladrão. Evitara a casa de Joaquín; temia que ele estivesse atrás dos cortinados, a vigiar a rua.

A sua chave já não abria a porta. Álvaro tentara entrar, mas Raquel mudara a fechadura. Talvez não tivesse sido com medo dele. Apenas com medo. Da solidão. De que algo horrível voltasse a acontecer. O demónio entrara um dia na sua vida, porque não haveria de o fazer uma segunda vez? Álvaro sabia disso; viu esse pânico no semblante de Raquel quando foi buscar a sua roupa. Não pensou nela. Naquele momento, só podia pensar em si próprio. Toda a vila se voltara para ele. Estava sinalizado. Sentia-se asfixiado, cercado, como uma raposa farta de fugir após um longo dia de caça. O círculo de caçadores fechava-se em seu redor. A qualquer altura, algum deles ia disparar. Lançavam acusações de abuso de menores, gritavam-lhe «Mentiroso». O que é que fizeste às nossas filhas na escola? O que é que fizeste à tua própria filha? Teve uma oportunidade de escapar e aproveitou-a. Quando entrou no carro, não olhou pelo retrovisor. Não quis olhar para as ruas de Monteperdido, para a sua casa, para a sua mulher, enquanto se afastava. Tornando-se cada vez mais pequenas.

Entrou pela porta do pátio das traseiras. Raquel deixara-a aberta. Imaginou os nervos que a sua mulher terá sentido quando a Polícia chegou a sua casa, a desorientação. A sensação de que tudo poderia ser um erro, até que, no hospital, pôde ver e tocar em Ana. Agora estavam aqui, no jardim da frente. Ouvira o barulho dos carros. A porta de casa a abrir-se. Álvaro esperou no seu antigo quarto, com as persianas corridas, às escuras. E, por fim, os seus olhos azuis, líquidos, derramaram umas lágrimas.

Ana subiu as escadas enquanto tentava reconhecer um cheiro familiar entre aquelas paredes. Deteve-se a meio do caminho e olhou para baixo; a sua mãe e o agente da Guarda Civil tinham deixado de a seguir. Recordou quando, antes de tudo aquilo acontecer, andava de bicicleta pelas ruas da urbanização. Tinha medo de tirar as rodinhas que equilibravam os seus vaivéns, até que um dia, sem aviso prévio, o pai as desmontou e as deitou no lixo. Aquelas primeiras pedaladas sem nada que lhe desse estabilidade foram como os passos que agora dava. Degrau a degraú. Rumo à sua nova vida. Aspirava o ar como se percorresse um velho caminho, como um animal perdido que só quer voltar para casa. No entanto, todos os aromas lhe pareciam estranhos. Vestígios do perfume que Raquel usava agora, de refeições que não fazia quando era criança, de produtos de limpeza que tinham apagado aquele cheiro enjoativo que a envolvia quando entrava no seu quarto. Ao chegar ao segundo piso, sorriu. O seu coração, inquieto até esse momento, sossegou. Sob todos aqueles odores alheios, havia um leve aroma que conseguia identificar, que persistia apesar dos anos. Cheirava a bicicleta, a suor depois do jogo, às longas sestas de Inverno.

*

— Será que não consegue perceber que nos está a fazer perder tempo? — acabou por explodir Sara perante as contínuas exigências de Joaquín Castán. — Julguei que tinha sido clara quando lhe disse que, caso houvesse alguma coisa importante, o chamaríamos para o informar...

— Estiveram toda a manhã a falar com a rapariga; não têm mesmo nada para me dizer? — insistia o pai de Lucía.

Abordou-os à porta da casa de Raquel. Víctor tentava mediar, sossegar Joaquín, mas não conseguia fazê-lo baixar o tom de voz. Forte e tenso, como um homem habituado a impor-se, sem parar para ouvir o que o guarda-civil tinha para lhe dizer. Joaquín procurava respostas em Sara e em Santiago.

— Não são os primeiros polícias que se encarregam do caso... — acusou-os. — Já passou por muitas mãos. As únicas pessoas que estiveram sempre aqui fomos nós, a família...

— A rapariga não consegue identificar o homem que as levou — cedeu, por fim, Santiago. — Mas estamos a investigar outras vias...

— Porque não consegue identificá-lo?

— Joaquín, temos de usar com cuidado a informação que temos — interveio Sara, embora o seu olhar deixasse de se centrar nele e se deslocasse para Burgos e Raquel, que, naquele momento, saíam da casa.

— Esse zelo policial... não serve para nada... Porque é que não estão a dizer nada nos noticiários? Porque é que não mostram já uma imagem da minha filha em todas as televisões? Ou será que Ana também não pode falar de Lucía?

No entanto, Sara virara as costas a Joaquín, e a sua voz ia-se perdendo à medida que se aproximava de Burgos.

- E Ana? — perguntou-lhe, assustada.
- Está lá dentro — respondeu-lhe Burgos com um sorriso despreocupado sob o bigode.
- Queria estar um segundo a sós — explicou-lhe Raquel.

Sara entrou a correr. Gritou o nome dela, mas foi o silêncio que lhe respondeu. Galgou rapidamente as escadas enquanto Víctor e Santiago entravam na casa, interrogando-se sobre o que sucedera. O nome de Ana repetia-se pela residência como um eco sem resposta. («Eco. Esquecimento. Nada», pensou Sara.) As paredes e os móveis olhavam-nos em silêncio, testemunhas inúteis do que sucedera durante aqueles instantes em que tinham deixado a rapariga sozinha. Para que pedira um agente? Mas Sara tentava conter a sua raiva, agora não lhe era útil. No segundo piso abriu uma porta, atrás da qual havia uma casa de banho; outra, um gabinete... Deixara de chamar por ela, mas lá em baixo, no piso térreo, ainda soava o seu nome.

— Tenha calma — ouviu alguém dizer-lhe, e Sara virou-se com a pistola na mão. Álvaro levantava ligeiramente os braços, como se tentasse acalmá-la, e sorria-lhe, apesar de as lágrimas que lhe molhavam a cara e os olhos, um mar em bonança, mostrarem uma estranha paz.

— Onde é que ela está? — perguntou Sara, ainda com a pistola na mão, embora não se decidisse a levantá-la e a apontar-lha.

Álvaro afastou-se da entrada do quarto e, com um gesto, deu-lhe a entender que olhasse lá para dentro. Sara deu uns passos para a frente e, a seguir, olhando pelo vão das escadas, gritou: — Está aqui. Está bem.

Guardou a pistola no coldre e olhou para Ana, sentada na borda da cama dos seus pais.

— Estás bem, não estás?

Ana deixou cair suavemente a cabeça para confirmar. Álvaro pediu desculpa e afastou-se para a casa de banho. Sara escutava os passos de Raquel nas escadas, os dos seus colegas. Sentada na cama, com as mãos sobre as coxas e o semblante tranquilo, Ana aguardava que subissem. Ao encará-la na penumbra daquele quarto, com as persianas corridas, percebeu que Ana estava a construir um dique para manter afastado todo o passado. Queria começar do zero. Agora era uma mulher que queimara todas as suas fraquezas no caminho e sob a sua pele só havia uma armação de ferro. Indestrutível. Regressara a casa.

Santiago cortou a carne em partes ainda mais pequenas. Girava o prato à procura do melhor ângulo, em vez de recolocar as postas de carne de camurça, banhadas no molho de verduras, acastanhado. Tinha sido Elisa, a rapariga da estalagem La Renclusa, a recomendar-lhes aquele prato: *ixarso*. Um estufado de carne de camurça, ou *sarrio*, como lhe chamavam na região. Macerado em tomilho, alecrim, alho e louro. Outro dos hábitos do inspector Baín: provar os pratos locais, tal como visitar as igrejas das povoações aonde iam. Hábitos que Sara conhecia bem depois de tantos anos ao seu lado. O ritual da refeição: Santiago preferia primeiro cortar tudo o que tinha no prato, a seguir punha o guardanapo sobre uma perna e só então pegava no garfo e começava a comer e a falar.

Sara puxou o seu prato para o lado para arranjar sítio para o bloco de notas. A caminho do restaurante da estalagem, tinham falado dos próximos passos. Enquanto a Polícia Científica analisava os restos do refúgio, donde não esperavam obter praticamente nada, dado o estado em que aquele tinha ficado, teriam de fazer o que Joaquín pedia. Já tinham solicitado a presença de um especialista em retratos-robô em Monteperdido. Se tudo corresse bem, estaria lá no dia seguinte. Esperavam que a descrição de Ana lhes servisse para fazerem uma imagem actualizada de Lucía. No entanto, Santiago hesitava em enviar essa imagem aos órgãos de comunicação social.

— Não podemos esquecer-nos de que Lucía ainda está com ele. Não fazemos a menor ideia da forma como pode reagir — dissera-lhe enquanto Elisa os guiava para uma mesa no refeitório.

Durante cinco anos, aquele homem sentira-se livre. Agora, as coisas tinham mudado. Uma das suas raparigas escapara. A Polícia não podia ocultar-se, mas, se aumentassem a pressão sobre ele, se publicassem a imagem de Lucía, poderia deixar-se levar pelo medo. Não quisera matá-la no refúgio. Levou-a para outro sítio, mas, caso transformassem o seu rosto numa ameaça, Lucía tornar-se-ia um empecilho. O mais lógico seria que se desfizesse dela.

Elisa aproximou-se da mesa e deixou-lhes um cesto de pão depois de perguntar: «Tudo bem? O *ixarso* não está do seu agrado?» Sara olhou para o prato, ainda intacto, e disse-lhe que não tinha muita fome. Ao olhar para Elisa, reparou que os seus olhos a evitavam, como se fossem dois pequenos pássaros saltando de ramo em ramo. Trazia o cabelo apanhado com um gancho feito de feltro.

- Que bonito — disse-lhe Sara, apontando para o gancho.
- Obrigada. Sou eu que os faço — respondeu Elisa, ruborizada.
- Um dia destes, tens de me oferecer um.
- Com certeza.

Elisa permaneceu mais um segundo junto à mesa, como se ainda lhe faltasse dizer alguma coisa, mas, aparentemente, arrependeu-se. Tímida, virou-lhes costas e afastou-se.

A sala de refeições da estalagem era modesta. Oito ou nove mesas repartidas por um espaço de paredes de pedra decorado com objectos típicos da zona. Desde velhas raquetes de neve a armas, a imagem de uma Virgem num quadro pendurado no único pilar que surgia no centro da sala. Além de um casal de turistas franceses reformados, eles eram os únicos convivas. Estavam sentados junto a uma janela, e Sara desviou o olhar para a rua da vila. Por trás do vidro estava um dia luminoso. Um céu sem nuvens, limpo. Poucos transeuntes nos passeios, caminhando sem pressa. Como um charco de água lisa, tão imóvel que parece gelada, mas quem sabe o que se está a passar no fundo?

— Assim é que eu gostava de estar — disse Santiago depois da primeira dentada, e, quando Sara olhou para ele, fez um gesto a indicar o casal de franceses com quem partilhavam a sala de refeições.

— Ainda te falta muito para a reforma.

— Porquê? Já estou quase na idade. As manias de velho — disse, apontando para o seu prato. — E a atitude. Agora mesmo poderia parecer um pensionista que gastou as suas poupanças numa miúda bonita.

— E apontou para ele com o garfo e com um sorriso.

— Espero que, pelo menos, te tenha custado o salário de dois meses.

— Já vai estando na hora — queixou-se.

— De te reformares e andares no putedo?

— Não era mal pensado, pois não? — gracejou Santiago.

Sara, distraída, cravou o seu garfo no prato. Tinha o estômago fechado. Santiago levou um naco de *ixarso* à boca. O molho, terroso, sujou-lhe os lábios e os dentes, mirrados com a idade. Mastigou a carne e ficou com um fio entalado entre os incisivos, como uma fina pastilha elástica esticada pelo movimento da sua mandíbula. Pegou no guardanapo de pano e limpou a boca. «Está tenrinha», disse, incitando-a a comer. Ela arrastou a carne de camurça pelo prato, abrindo caminho por entre o molho, mas acabou por voltar a abandonar o garfo no mesmo sítio. Imaginou o interior da boca de Santiago, a saliva a misturar-se com a comida, levando-a até ao estômago e, depois, digerindo-a.

A decepção e a tristeza arrastavam-se no íntimo de Sara como um vírus, enfraquecendo-a. Compreendia o que Santiago queria dizer; por vezes, aquele trabalho tornava-se esgotante. Não tanto pelo número de horas que implicava ou por os obrigar a viajar continuamente, ocupando sempre os ambientes dos desaparecidos, como se fossem impostores. Era a condição humana que o tornava desalentador.

— Porque é que nos terá mentido? — perguntou Sara, sem deixar de olhar pela janela.

Santiago demorou alguns segundos a responder. Voltou a encher o copo de vinho antes de dizer: — Talvez fosse por vergonha. É a única explicação que me vem à cabeça.

Ana disselhes no hospital que o homem não lhe tinha tocado. Que, ao longo daqueles anos, a desprezara, como se fosse um empecilho, um objecto incómodo. O boletim clínico, porém, revelava outra coisa. Ana mantivera relações sexuais e, embora fosse impossível determinar o seu número ou frequência, podiam afirmar que perdera a virgindade pelo menos há dois anos.

— Achas que também está a mentir quando diz que nunca lhe viu a cara? — perguntou-lhe Sara.

Agora, todo o seu testemunho lhes parecia frágil. Podiam imaginar qualquer justificação para as suas mentiras, da vergonha ao bloqueio, talvez a sua memória tivesse tentado eliminar tudo o que lhe fazia mal. Tinham deparado com reacções semelhantes noutros casos. Mas havia neste alguma coisa que o diferenciava dos outros: Ana não estivera sozinha e, enquanto conseguira a liberdade e tentava assumir o seu passado, Lucía continuava presa. Cada mentira de Ana para se proteger era uma pazada de terra na sepultura de Lucía.

— Sei que pode parecer uma loucura, mas... e se Ana não quer que encontremos Lucía? — interrogou-se Sara em voz alta.

Santiago estava a acabar o seu prato, enquanto Sara mal começara.

— Come e deixa mas é de fazer rabiscos no bloco de notas — ordenou-lhe. — Uma carne como esta não se pode deitar fora.

Sara olhou para o bloco de notas; mais uma vez, as figuras cresciam nas margens como uma trepadeira geométrica. Contrafeita, voltou a espetar um naco de *ixarso*.

— Lucía e Ana viveram juntas durante cinco anos em... quantos? Vinte metros quadrados? Não são amigas. São irmãs. Eram uma família... E, como sabes, numa família há quase tantos rancores como amores... — sentenciou Santiago.

— Posso voltar a falar com Ana?

— Deixa-me ser eu a falar desta vez — atalhou Santiago.

Sara olhou para Santiago, incomodada; afastava-a, mais uma vez. Ele respondeu ao seu olhar

com um sorriso. Os seus olhos escondiam-se sob as montanhas que as rugas formavam no rosto redondo.

— E tu? Qual é o rancor que me guardas, a mim? — perguntou-lhe Santiago.

— Que não sejas meu pai, Grão-de-Bico — provocou-o Sara, com um tom meloso.

— Vai à merda. Às vezes, Sara, és tão branda que me metes medo. Nem sei porque é que não arranjei um colega com um par de tomates.

Santiago ergueu-se e saiu da sala de refeições. Sara viu-o atravessar a rua e caminhar com um ar relaxado pela estrada de Monteperdido. Divertia-a ser carinhosa com o homem afastado de qualquer sentimentalismo que Santiago pretendia ser. Passava-se dos carretos quando lhe chamava «Grão-de-Bico». Todos nós arrastamos feridas, e ele não era uma excepção. Da mesma forma que o homem tentava sarar as suas, Sara esperava, um dia, devolver-lhe o favor.

Fechou-se na casa de banho. Apoiada no lavabo, Raquel exteriorizou o seu ódio a Ismael; porque é que tiveste de te aproximar de mim?, porque é que me fizeste acreditar que havia outro futuro para mim? Tapou a boca, não queria que a ouvissem, sobretudo Álvaro. Se tivesse tido algum tempo, como é que não se lembrou das horas que esteve no hospital? Viajava da justificação para a culpa como um vento mutável. Sentia-se enjoada. Sentada na sanita, baixou a cabeça e o cabelo tapou-lhe a cara. Levou as mãos à testa, mas não o afastou. Tentava normalizar a respiração pela sombra que o cabelo projectava. Respirou fundo.

Antes de deixarem o local, os polícias informaram-nos de que Burgos, o agente da Guarda Civil, ficaria com eles. Queriam manter Ana sob vigilância permanente. À noite, viria outro agente rendê-lo. Álvaro mostrou-lhes o seu desagrado: não percebia por que motivo tinham de perder a sua intimidade. Não chegava um carro à porta? Mas Sara tinha sido peremptória. A única alternativa era levar Ana para a esquadra. Assim não perderiam intimidade, atreveu-se a dizer-lhes. Raquel viveu todas aquelas conversas como se não pudesse participar nelas. Como se os demais fossem sombras chinesas projectadas na sua sala. Olhava para a filha, para o marido, e tinha medo de se ver reflectida no espelho do corredor: o que estaria a sentir?, não deveria haver nela uma felicidade absoluta, marmórea?, por que razão apareciam aquelas brechas?

Tinha ido à cozinha beber um copo de água quando a filha e Álvaro subiram novamente as escadas. Iam absortos numa conversa que não conseguiu ouvir. Os seus medos eram um barulho que tapava tudo em seu redor. Ninguém é capaz de viver sem um futuro, sem uma ideia do que acontecerá no dia seguinte. Outros pensavam que ela perdera esse amanhã no dia em que Ana desapareceu. Não era assim. Foi mais tarde, quando a sua confiança em Álvaro começou a ficar abalada. Ela tentava fazer ouvidos de mercador ao que contavam, ao que diziam que ele fizera a Elisa, mas que não conseguira continuar a fazer quando o detiveram. Seria o seu marido o homem que levou as raparigas?

Quando o puseram em liberdade, Álvaro foi-se embora. Raquel também não teria sido capaz de o reter ao seu lado. Foi um trabalho lento e doloroso. Precisava de apagar tudo o que sentia por Álvaro para voltar a encontrar um caminho que a levasse a algum sítio. A uma nova família.

Saiu de repente daquelas recordações e deixou cair o copo no lava-louças. Não olhou para ver se o vidro se partira ao chocar contra o alumínio. Correu escadas acima. Burgos estava no *hall* do segundo piso e escondeu o olhar quando a viu chegar. Não era capaz de ocultar o que pensava de Raquel naquele momento. Álvaro e Ana estavam à porta do que tinha sido o quarto da filha. Ana virou-se para olhar para ela, e a sua voz pareceu-lhe ingénua.

— Esvaziaste o meu quarto? — perguntou-lhe a filha.

Raquel deu uns passos e, atrás de Ana, viu a secretária, as estantes que Ismael e ela tinham ido comprar a Barbastro num sábado pela manhã. Porque é que me convenceste a fazê-lo, Ismael?

— Onde estão as minhas coisas? Tiraram-nas? — disse Ana enquanto entrava no quarto e procurava entre todo aquele material de escritório alguma coisa que fizesse parte da sua infância.

— Eu... não... na cave há algumas caixas — balbuciou Raquel.

Ana olhou para a mãe e, nos seus olhos, Raquel quis ler uma pergunta: sou um empecilho?, se calhar, preferiam que eu nunca mais voltasse!

— Passaram muitos anos, Ana — interveio Álvaro. — É um milagre estares aqui, quando já não nos restava qualquer esperança... estás a perceber? O facto de não estarem aqui as tuas coisas não significa que te tivéssemos esquecido... nem um segundo.

Álvaro aproximou-se da filha. Segurou-lhe o rosto entre as mãos e, enquanto falava com ela, olhava-a, olhos nos olhos. Os seus olhos azuis contra os olhos pretos da rapariga. Como fazia quando era pequena e acordava assustada com um pesadelo. «Era só um sonho mau», dizia-lhe, segurando-lhe na cara, olhando-a nos olhos. Ele encontrava sempre as palavras que escapavam a Raquel.

Sentia-lhe o peito a tremer, a ameaçar partir-se em mil pedaços. Foi por isso que se fechou na casa de banho. Porque é que se deixou levar por Ismael? Porque é que pegou em tudo o que tinha da

filha e entregou a instituições de beneficência?

Ergueu-se quando ouviu bater à porta. Penteou-se desajeitadamente com os dedos, enxugou as lágrimas.

— Já saio — disse quando teve a certeza de que as suas palavras soariam firmes.

— É o Álvaro. Podemos falar um bocadinho?

Raquel entreabriu a porta da casa de banho depois de se olhar ao espelho. Precisava de um pouco mais de tempo para fingir que tudo estava bem.

— Já saio, já disse. Diz à Ana que não se passa nada. É só a emoção de a ter aqui novamente...

— Posso entrar? — insistiu Álvaro. — Por favor.

Escondeu-se atrás da porta um instante antes de a abrir completamente. Álvaro entrou na casa de banho e, antes de fechar a porta, deparou-se com o olhar de Burgos.

— Vigie a minha filha. É isso que tem de fazer — disse-lhe Álvaro enquanto o agente tentava dissimular que estava mesmo era de olho neles.

Depois de entrar, Álvaro procurou em seu redor um sítio onde se pudesse sentar. Era uma casa de banho pequena: Raquel estava de pé, apoiada contra a parede onde estavam penduradas umas toalhas. Por fim, sentou-se na borda da banheira e, ao fazê-lo, deixou escapar um sorriso. Raquel olhou para ele quase ofendida.

— Peço desculpa — disse Álvaro. — Estava a lembrar-me... deixa lá... é um disparate.

— Estavas a lembrar-te de quê? — insistiu ela.

— Do fim-de-semana em que fomos a Barcelona conhecer os teus pais. — Raquel era incapaz de reconhecer o caminho por onde a levava. — Não te lembras? Fechámo-nos numa casa de banho para dar uma queca... Não havia maneira. Ainda era mais pequena do que esta... E, ainda por cima, quando começámos, a tua mãe pôs-se a bater à porta...

Álvaro deixou aquela recordação como um gato abandona aos pés do dono o pássaro morto que caçou. Foi estranho e agradável. Raquel sorriu ao recordar como foram a correr abrir a água do duche para enganar a sua mãe. Pareciam dois adolescentes, embora ela já estivesse grávida de Ana. Álvaro já tinha o cabelo tão branco como a neve e haviam planeado mudar-se para Monteperdido. Como se escorregasse por um talude, Raquel passou daquele dia na casa dos pais para o presente, na casa de banho.

— Não tens de te sentir culpada — disse-lhe Álvaro. — Quem pode dizer o que está bem e o que está mal quando lhe acontece o que nos aconteceu a nós?

— Não devia ter tirado as coisas dela, mas é que precisava do espaço para a empresa e...

— Deixa lá, Raquel. Não tens de te justificar. Pelo menos comigo — sossegou-a Álvaro. — A tua filha está lá fora. Não importa o que terá passado nestes cinco anos. A única coisa que ela quer é que a abrace.

Apetecia-lhe aproximar-se dele e deixar-se cingir pelos seus braços. No entanto, a única coisa que lhe saiu foi uma reprimenda.

— Porque é que nunca me disseste onde estavas?

— Julgava que não querias saber. Se calhar também me enganei. — A seguir, ergueu um olhar triste para Raquel. — Posso passar aqui a noite?

— O sofá abre. Transforma-se numa cama de casal... Eu trago-te cobertores lá de cima.

Víctor trouxe para cima os arquivos do caso. Quatro caixas que estavam a ganhar pó na cave da esquadra. Depois, levou-a de carro para a estalagem La Renclusa. Sara queria examinar toda aquela documentação, a ver se havia material diferente daquele que ela já consultara, mas preferia fazê-lo no seu quarto. As primeiras horas tinham-se esfumado, aquelas em que poderiam ter dado um final a esta história. Regressava ao seu quarto com trabalho, embora ainda não fosse muito tarde. Depressa se tornaria um hábito. E os dias continuariam a prolongar-se. Nalgumas noites iria para a cama sem ter avançado nada. Surgiriam aqueles espaços em que, quase sem se aperceber, deixaria de pensar em Lucía. Espaços em branco pelos quais se infiltraria outro vazio, o da sua própria vida. Aquele medo que rastejava do fundo de um barranco, ameaçando sempre vir à superfície, mas que ela tentava evitar. Pensa no trabalho, dizia para consigo. E as noites convertiam-se em metódicas revisões de relatórios que lera um milhão de vezes para pôr de lado os pesadelos.

Fizeram a viagem para a estalagem em silêncio. Ela, com o olhar perdido nos pensamentos e nas montanhas, cada vez mais escuras, que rodeavam a vila e a levavam para a noite, como se deixassem cair um lençol negro sobre as casas. Ele, incomodado, ruminando ainda a discussão que tivera com Sara por Burgos ter deixado Ana sozinha. «As coisas nesta terra são assim. Ninguém se esquece da tarte, mas sim de fazer o seu trabalho», concluía Sara. «O que é que ela sabe sobre esta terra?», interrogou-se Víctor enquanto estacionava à porta da estalagem. Depois, despediram-se com frieza.

Sara deixou as caixas com os arquivos sobre a cama quando ouviu umas risadas. Deixara a porta

do quarto aberta e, antes de a fechar, assomou novamente ao corredor. Ao fundo, junto às escadas, abriu-se um quarto. Ouviu umas palavras em francês que não conseguiu entender e, a seguir, viu sair Elisa. Lobrigou também uns braços a puxá-la, a tentar metê-la novamente no quarto, mas a rapariga resistia, entre risadas. «Já chega», disselhes. Havia mais de um homem dentro daquele quarto. Um grupo de rapazes com quem se cruzara ao pequeno-almoço. Elisa voltou a pôr o casaco de malha e tapou o ombro que ficara nu. Apanhou o cabelo com um gancho de feltro. «Saíram-me cá uns depravados», disselhes. Era como um insecto feliz a esvoaçar à volta de uma flor. Brincalhona e empertigada, até que lhes virou as costas e a porta se fechou. Então, o seu olhar voltou a cravar-se no tapete do chão. O corpo encolheu-se, como se, de repente, tivesse frio, e abalou, escadas abaixo, sem fazer barulho.

Noite em Monteperdido. Ana já não podia ouvir a chuva das árvores. Aquelas gotas falsas que a tinham acompanhado durante tantas noites. Agora, a respiração da mãe marcava-lhe o ritmo. Estava sentada numa poltrona, a um canto do quarto. Convenceu-a a dormir na sua cama. Raquel insistiu em deixar uma luz acesa. Ana também não quis contrariá-la. A verdade é que se habituara à escuridão, e era a luz que a inquietava. Tentou fechar os olhos.

A janela da casa de banho dava para o jardim das traseiras. Sobre a erva desenhava-se um quadrado amarelado: a luz projectada do quarto de Raquel. Montserrat olhou para aquele quadrado como um mendigo olha para as luzes das decorações de Natal de uma casa e sentiu-se suja e odiou-se. Fechou a janela e foi remexer os medicamentos do armário, onde se acumulavam as caixas de fármacos para doenças das quais talvez nunca viessem a sofrer, mas havia esse hábito em Monteperdido. No Inverno, com as estradas cortadas pela neve, era impossível ter acesso à farmácia de Barbastro e o dispensário da vila não tinha praticamente nada. Além de Joaquín, quase toda a gente fazia viagens a Andorra para se abastecer de medicamentos para o Inverno. Comprimidos e xaropes que muitas vezes perdiam a validade antes de alguém os abrir. Montserrat sentiu a raiva apoderar-se do seu peito e, de forma atabalhoada e apressada, começou a procurar os ansiolíticos. Lembrou-se dos gemidos de Raquel. Sabia que tinha um caso com Ismael Calella, o carpinteiro que a ajudara a andar para a frente com o negócio de remodelações. Uma semana antes, enquanto limpava o quarto de Lucía, ouvira Raquel a ter um orgasmo. O quarto da rapariga confinava com o dela. Ouvira-a a fazer amor com Ismael. E agora não podia tirar da cabeça a sua felicidade. Na manhã seguinte, Joaquín escreveria no quadro do jardim: 1748 DIAS SEM LUCÍA.

Nieve dormia. Víctor limpou-lhe a ferida, mudou-lhe a compressa e obrigou-o a beber um pouco de água. O cão estava melhor, mas ainda não tinha forças para manter a cabeça erguida, pelo que Víctor se vira obrigado a segurá-la para o animal conseguir lambe a água da malga. Depois adormeceu com as suas carícias, como se tivesse regressado de uma excursão ao alto do Ixeia. Ficou a olhar para o seu peito a mexer-se ao ritmo de uma respiração cansada, penosa, e não conseguiu evitar as recordações. Nuria na cama do hospital, na semana que se seguiu à inundação. Ele, sentado numa cadeira desconfortável, ao seu lado, à espera de que acordasse. As máquinas que obrigavam os seus pulmões a continuarem a funcionar.

Não queria ficar em casa a olhar para Nieve e absorto em recordações. Precisava de falar com alguém, para o bulício de uma conversa o impedir de continuar a pensar. Pegou nas chaves e, antes de sair, aproximou-se da mesa. Deixara sobre ela o dossiê que separara dos arquivos do caso. Não conseguiu deixar de pensar nele enquanto acompanhava Sara à estalagem. Quase conseguia ver aqueles papéis, calados, no seu porta-bagagens. Separou-os antes de entregar à Polícia as caixas com toda a documentação do caso. Era melhor não os ler.

Quando Víctor chegou à Sociedade de Caçadores, esta estava cheia. O seu irmão, Román, andava das mesas para o balcão sem parar e só teve tempo para o cumprimentar com um gesto quando o viu entrar.

— Viste o boletim meteorológico? — perguntou-lhe Marcial, sentado a uma mesa sobre a qual se espalhavam as fichas do dominó. — Dizem que vem aí chuva.

Víctor não tivera tempo. Teve a sensação de ser uma rede com a malha mal cosida, incapaz de apanhar um único peixe.

— Vou ver isso de manhã bem cedo — acabou por dizer, para se desculpar.

— Não parece grande coisa. Trovoadas, mas ligeiras — admitiu Marcial enquanto voltava a concentrar-se no dominó, levantando as fichas que lhe tinham calhado. A seguir, olhou para o seu colega de jogo. Nicolás ainda observava fixamente as suas, como se estivessem escritas numa linguagem que não era capaz de decifrar. — Nicolás, estamos para o que for preciso?

— Estamos, Marcial, estamos.

E Nicolás disfarçou mal o seu nervosismo. Ajeitou os óculos e fez um sorriso mal-amanhado. Era o menino trapalhão que, desta vez, tinham escolhido para jogar futebol.

Víctor virou-se de costas para a mesa quando Román se aproximou dele.

— Uma coca-cola? — perguntou-lhe o irmão, embora já tivesse a garrafa entre as mãos e o abrelatas a levantar a carga.

— Viste o boletim meteorológico?

A possibilidade de aguaceiros ficara a rondar a cabeça de Víctor como uma mosca que se recusa a abandonar um quarto.

— Não te preocupes. O mais provável é que não passem de Posets. Tu agora tens de estar noutra.

— É que não tenho tido nem um minuto.

— Essa polícia é que parece um camafeu.

Víctor preferiu sorrir e omitir o que pensava de Sara, embora, na verdade, também não soubesse muito bem o que dizer. Por vezes, incomodava-o a forma como dirigia a investigação, mas, noutras ocasiões, parecia-lhe uma mulher que precisava de mais ajuda do que a que podia dar. Sorveu um gole da sua coca-cola.

— Por que carga de água é que estão a perguntar a toda a gente onde estávamos quando a rapariga apareceu?

— É rotina, Román. Não lhe dê importância.

— Pujante veio perguntar-me, só que eu mandei-o à merda. E, se me perguntar de novo, vai ver o que lhe acontece.

— Não lhe faça isso, que a seguir o desgraçado tem de dar explicações aos do SAF, não a mim. Vais metê-lo em apuros.

— Mas onde é que eu haveria de estar? Na Confraria, como metade da vila, com Joaquín, a preparar as coisas para a cerimónia. Aliás, até ele me viu lá e esteve a perguntar-me como estavam os javalis este ano... Se eu ia levar os cães para a batida.

— E o que é que te custava dizer-lhe isso mesmo?

— Fico lixado, Víctor. Já sofremos bastante nesta terra para uns espertalhões virem cá tratar-nos como se fôssemos delinquentes...

Román tinha mais sete anos do que Víctor. Estava na casa dos cinquenta, uma idade que Víctor tinha dificuldade em atribuir ao irmão, tal como tinha dificuldade em aceitar que já passara dos quarenta. Lembrava-se de quando eram apenas duas crianças que percorriam as redondezas de Monteperdido à procura de caminhos novos, lugares que ninguém tivesse pisado. Román sempre à cabeça, tenaz, obstinado, mesmo quando a exploração os levava a zonas sem saída e ele se empenhava em continuar. Víctor, arrastado pelo irmão mais velho, acabava por não entender o fascínio que Román sentia por cada pedra e cada árvore daquela terra. Era como se aquele universo de barrancos e montanhas, glaciares e lagos, de animais escondidos na floresta, também fizesse parte dele. Víctor nunca sentiu tanta ligação com a terra. Se escolheu como destino Monteperdido, não foi pelo apego à vila, mas por causa de Nuria.

Estava apaixonado por ela. Iam casar. Que vida teriam tido? Víctor fazia essa pergunta muitas vezes a si próprio, mas o Ésera levou a resposta sob as suas águas. Tinham passado já sete anos desde a inundação. A vila fora arrasada pela subida das águas do rio, tal como a sua vida. Os planos que traçara converteram-se num lamaçal. Morreram sete pessoas. Entre elas, Nuria. Durante muito tempo, ele desejou com todas as suas forças que a água lhe tirasse também a vida.

Enquanto via o seu Román a servir às mesas com desembaraço e a manter breves diálogos com os clientes, Víctor admirou a segurança do irmão. A facilidade com que levava a vida para a frente. Mal saíra de Monteperdido, nem tivera necessidade de o fazer. Começou a trabalhar muito novo; o seu domínio do ambiente e dos costumes dos animais tornaram-no um dos melhores guias de campo da vila. Era Román quem tinha a incumbência de organizar as batidas de javalis — em meados de Agosto faria uma —, e foi assim desde que se tornou mordomo da Confraria. Levava os cães pela trela, uns podengos brancos capazes de encontrar as camas dos javalis em qualquer floresta. Também não demorou muito a casar com Ondina, o que aconteceu quando ainda não completara vinte e seis anos. Pouco depois, com o dinheiro da herança dos pais, montou a Sociedade de Caçadores; um bar, mas, sobretudo, um clube privado a que só tinham acesso os seus conterrâneos. Víctor recordava-se de lhe ter dito que lhe parecia uma estupidez virar as costas a todos os turistas que chegavam ao vale. «É aí que está o negócio.» Pelo menos, era o que Víctor pensava. O tempo encarregou-se de lhe mostrar que estava enganado. Os habitantes de Monteperdido precisavam de se proteger daquela invasão de forasteiros. Queriam ter um sítio onde pudessem encontrar-se. Um lugar repleto de rostos familiares. Román alugou um estabelecimento no centro da vila: paredes de pedra e revestimentos de madeiras nobres. Troféus de caça pendurados nas paredes, com um lugar especial para o primeiro animal que abateu: um veado que recebia os visitantes à entrada do estabelecimento; o taxidermista conseguiu manter-lhe o semblante desafiador, que, de acordo com Román, o animal tinha quando o caçou.

— Eu não sei porque jogo, pois fico sempre escaldado — disse-lhe Nicolás Souto, sentando-se

junto a Víctor ao balcão.

— Já terminaste? — perguntou o guarda-civil, admirado.

— Não sei contar. Começo bem, mas atrapalho-me e não sei quantos cinco é que há na mesa... Marcial começa a fazer-me caretas estranhas, dão-me cá uns suores...

Da mesa, chegava-lhes a voz de Marcial.

— Estou a dizer-te que eles vão a cinco, Nicolás. Estou a dizer-te, parecez parvo.

Nicolás cabeceou, dando-lhe razão, e sorriu-lhe; só desejava que Marcial se calasse quanto antes, virar-lhe as costas e pedir um gim tónico.

— Quando é que vais perceber, de uma vez por todas, que o dominó é uma coisa séria? — gracejou Víctor.

— Faltava-lhes uma pessoa para jogar e... — Nicolás não terminou a frase. Pediu o seu copo a Román e voltou a ajeitar os óculos que persistiam em escorregar-lhe pelo nariz. Pestanejou um par de vezes antes de lhe perguntar: — Como está *Nieve*?

— Limpei-lhe a ferida, pareceu-me um pouco melhor.

— Amanhã, se tiver um bocadinho, vou lá vê-lo... o importante é vigiares-lhe a febre.

— Não posso estar todo o dia com ele.

— Queres que o internemos em Barbastro?

Víctor não queria separar-se dele. Preferia estar ao seu lado, aproveitar pausas ao longo do dia para ir ver o cão e verificar se estava bem. Não queria que morresse longe dele. Quem quer morrer longe do lar?

— Agora não terás muito tempo — disse-lhe Nicolás com inépcia. Os seus olhos mexeram-se, curiosos, atrás dos óculos, denunciando-o. Tentou parecer compreensivo, mas, na verdade, só queria que Víctor lhe desse pormenores da investigação. — Pelo menos, encontraram imensas pistas no tal sítio onde estiveram as raparigas...

— Nem por isso!

— O tipo limpou tudo, não foi? Dizem que pegou fogo àquilo.

— Já sabes que não posso falar disso — respondeu Víctor, tentando encerrar a questão.

Nicolás deitou-se para trás na sua banquetta e ergueu as mãos, teatral, como se não fizesse tenção de tirar mais nabos da púcara. Fingiu uma seriedade que imediatamente interrompeu com um sorriso maroto.

— Não me digas nomes, não é preciso... mas de certeza que já têm alguma coisa em mãos. O que parece evidente é que o tal Simón não teve nada que ver com aquilo... — respondeu Víctor a Nicolás com um olhar seco. Algo que qualquer um entenderia como um sinal para dar a conversa por encerrada. Mas Nicolás não o fez. — Álvaro? Não me digas nada, faz-me só um gesto se eu tiver razão. Bebe um gole de coca-cola para indicar que vou pelo caminho certo.

— Vim aqui para tomar um copo, não para falar contigo sobre o caso.

— Se for Álvaro, a coisa é séria, não é? Com a rapariga em casa... sabes se está outra vez com Raquel?

— Nicolás, por favor. O que é que queres? Que te mande à merda?

Víctor levantou a voz, e alguns olhares dirigiram-se para eles, sentados ao balcão. Percebeu que tinha sido má ideia vir à Sociedade e trouxe um pouco da sua coca-cola.

— Bebeste, e isso significa alguma coisa ou não? — murmurou-lhe Nicolás ao ouvido antes de abalar.

Víctor suspirou; conhecia Nicolás desde criança, contactara com ele muitas vezes, por ser o único veterinário de Monteperdido, e ainda o fazia passar dos carretos. Sabia que não tivera uma vida fácil e que se vira obrigado a lidar com o desprezo de alguns conterrâneos. No entanto, ganhara o seu próprio espaço na comunidade graças à profissão. Era um bom veterinário, e no vale ainda havia algumas famílias que viviam do gado, os pais de Joaquín, por exemplo. Uma actividade que, no passado, tinha sido o principal motor da economia mas que acabara por ser gradualmente relegada para segundo plano, quando o turismo invadiu a região.

— Como vai essa história com a polícia? — A pergunta de Nicolás apanhou-o de surpresa. O veterinário voltara para trás e estava novamente ao seu lado. — Ainda continuo a matutar no assunto.

— Por mim, podes esquecê-lo — disse-lhe Víctor.

— Ela dá um tiro no teu cão e tu perdoa-la? — indignou-se Nicolás. — Pediu desculpa?

— Mais ou menos.

Nicolás sentou-se de novo na sua banquetta junto ao sargento da Guarda Civil.

— *El follét del albarósa* — disse-lhe em tom de confiança Nicolás. — Que tal?

— Que tal o quê? — respondeu Víctor, sem perceber. — Isso é o quê?

— O título do livro que estou a escrever — esclareceu Nicolás.

— Não sei — escusou-se. — Sabes que, praticamente, não falo *patués*.

— Mas *albarosa* sabes o que é. Uma mata de bétulas — disse-lhe o veterinário, quase irritado.

— Sim, isso sei. E *follét*?

Nicolás ergueu-se com orgulho e voltou a encavalitar os óculos no nariz. Era precisamente isso que queria contar ao guarda-civil desde o princípio.

— O *follét* é um duende. Um diabinho que vive na floresta e que, por vezes, se esconde nas crinas dos cavalos e os enlouquece. Começam a encabritar. Não é propriamente mau, mas brincalhão. Nunca te contaram histórias do *follét* destes montes?

— Acho que és a única pessoa que conhece essas histórias em Monteperdido.

— Alguém tem de manter as tradições — respondeu-lhe, ufano, Nicolás. — Mas eu faço um trocadilho. O *follét*, o duende da floresta... é o que chamam também aos corços. E, no livro, tudo começa com um corço morto.

— E, não me digas mais, umas raparigas desaparecidas e uma polícia que dá um tiro a um cão.

— Também tem disso — reconheceu Nicolás.

— Se escrevesse em castelhano, se calhar um dia ainda o podia ler — disse Víctor, levantando-se e deixando umas moedas sobre o balcão.

— O título também tem outra leitura — acrescentou Nicolás quando Víctor já saía da Sociedade. — O *follét* por Ken Follet. Ou seja, eu. O Ken Follet da mata de bétulas. — E a gargalhada que Nicolás soltou ao contar a sua própria piada pareceu a Víctor mais um grito de socorro do que um riso.

Foi procurá-la. Sara também não conseguia dormir e, enquanto dava voltas na cama, pensou em Caridad. Estaria àquela hora na salinha da estalagem? Fingiu que punha um café na máquina enquanto dava uma vista de olhos entre os sofás e as cadeiras da sala contígua. A voz de Caridad chegou-lhe das sombras.

— Sim, *filla*, sim. Estou aqui. — Foi então que viu a sua pequena figura, a sentar-se no sofá onde estivera deitada. — Para mim, todas as noites são iguais.

Sara e Caridad sentaram-se à mesma mesa onde tinham falado da primeira vez. Sara com o seu café efervescente; Caridad, passado um momento, a avançar com aquele passo pendular, a garrafa de líquido vermelho nas mãos.

— É sangue — disse-lhe quando Sara lhe perguntou o que estava a beber. — Tenho uma catrefada de raparigas na cave de casa e sangro-as um bocadinho todos os dias. É por isso que continuo jovem.

Caridad puxou a pele, fingindo um *lifting* e um sorriso de manequim.

— Não me vais prender por causa disso — rogou-lhe exageradamente.

— Vou pensar no assunto — gracejou Sara.

Caridad rebuscou nos bolsos do seu fato de treino, tirou um baralho, misturou-o com destreza, pousou-o sobre a mesa e, depois de o partir, perguntou-lhe: — Vai uma bisca?

Antes de Sara ter tempo para responder, já estava a distribuir as cartas.

— O naipe são copas.

Caridad escondeu-se atrás das suas três cartas, analisando-as cuidadosamente, e, sem levantar o olhar, disse-lhe: — Podes começar.

— Hoje também foi passear no pinhal? — perguntou-lhe Sara, e colocou um quatro de ouros sobre a mesa.

— Duas horas. A seguir dei uma voltinha pela vila. — Caridad tirou um valete de ouros e ficou com as cartas. — As pessoas andam esquisitas.

«Olha quem fala...», pensou Sara, mas preferiu ficar calada e lançar um dois de paus para responder ao seis de ouros que Caridad jogara.

— Ana regressou a casa, mas ainda não sabemos nada de Lucía — disse-lhe Sara, tentando mostrar-se compreensiva para com os habitantes da vila.

— Merda de Polícia — murmurou Caridad, pondo um três de espadas sobre a mesa. — E se a minha sobrinha fosse jornalista? Imagina que amanhã lias esta manchete no jornal: «Não sabemos nada.»

— Tem uma sobrinha jornalista? — perguntou Sara, deitando uma carta da mão e ganhando os pontos.

— Não tenho nenhuma sobrinha. — E depois olhou-a com desconfiança. — O que foi? Estudaste o meu processo ou coisa assim?

— Acho que, de momento, não está na lista de suspeitos.

— Tem calma, em Monteperdido não te vão faltar suspeitos. — Sara voltara a ganhar pontos na última jogada e Caridad olhou para ela, picada. — Estás a dar-me música só para me poderes ganhar.

— Posso ser uma merda como polícia, mas na bisca não me saio nada mal. — E pôs um ás de copas sobre a mesa.

— É tudo teu — rendeu-se Caridad, deitando ainda mais pontos.

O montão de cartas de Sara crescia enquanto o de Caridad estancara. A mulher pegava com raiva nas cartas cada vez que tinha de roubar e suspirava ao virá-las.

— Acha que há assim tantos candidatos nesta terra? — perguntou-lhe Sara.

— As pessoas pensam que foi obra de Álvaro Montrell. Mas isto é uma terra onde pensam pouco. Ou melhor, onde pensam o que os outros dizem. Na Confraria, por exemplo.

— Essa Confraria é o quê?

— São uns beatos que mandam mais do que o presidente da Câmara. — Caridad lançou finalmente uma carta vencedora e ganhou os pontos que havia em jogo. Sorriu triunfante para Sara, mas o seu semblante denotou desconfiança. — Será que me estás a deixar ganhar?

— É que as cartas que me calharam não prestam para nada — desculpou-se Sara.

— Vamos ver, mostra-mas lá...

Caridad trepou sobre a mesa e tentou tirar as cartas a Sara, mas a polícia escondeu-as.

— Continue a jogar e conte-me mais coisas sobre essa Confraria — disse-lhe Sara.

— Tem uma história de longos anos. Ao princípio, era uma coisa religiosa, mas já há algum tempo que não tem nada que ver com a Igreja. Organizam as festas, encarregam-se de limpar estradas quando neva... esse género de coisas... — respondeu-lhe Caridad apressadamente. Estava a ganhar o jogo e não queria perder o ritmo.

— Quem é que está nessa Confraria? — perguntou-lhe Sara.

— Toda a gente. O prior, e é ele quem manda, é Marcial Nerín, o pai de Elisa. Conheces? Tem uma loja de armas na praça do Município.

— Ainda não.

— Estás à espera de quê, criatura? É Marcial que põe e dispõe. Eu, na verdade, acho que, mais do que um santo, é um bisbilhoteiro. Sempre a meter-se na vida alheia. Precisas que tirem a neve da porta? Aí está Marcial e a sua Confraria. Estás sem dinheiro para pagar a prestação da casa? Emprestamos-te dinheiro. Estás triste? Toma lá um cão para te livrar de angústias.

— Mexem-se bem na Confraria.

— Estou a dar-te uma seca — respondeu-lhe Caridad com presunção enquanto ficava ainda com mais cartas. — Não te disse que são eles que mandam?

Sara olhou para as suas cartas. Podia ganhar a última mão, mas estava a matutar numa coisa que Caridad lhe dissera. Pôs as suas cartas de lado.

— O cão de Víctor, foi a Confraria que lho ofereceu?

— Aqui ajudamo-nos uns aos outros quando é preciso, mas não é caso para tanto. O desgraçado estava a passar um mau bocado. A namorada dele morreu durante a inundação de há sete anos. Não dava uma para a caixa. Além disso, passava-se um bocado com o... — E Caridad fez o gesto exagerado de quem bebe. Depois recuperou a compostura e continuou a falar: — O cão fez-lhe bem. Era uma responsabilidade. Tinha de o passear, dar-lhe de comer... até tu lhe dares um tiro, está claro.

— Obrigada por me recordar isso — respondeu-lhe Sara, incomodada.

— Também não é uma coisa que tenhas de esquecer — justificou-se Caridad. Depois, a expressão alterou-se, como se tivesse descoberto alguma coisa. — É que agora tem de lhe curar a ferida e andar em cima dele todo o dia para ele não morrer. Isso aumenta o grau de responsabilidade.

Sara deitou a sua última carta sobre a mesa. Foi mais uma que Caridad ganhou. Os seus pequenos dedos começaram a passar cartas para contar os pontos que fizera.

— Setenta e dois. Nem vale a pena contar as tuas — disse-lhe.

A polícia tinha a sensação de que devia estar frio fora da salinha. Naquela terra que agora dormia.

— Porque não vais para casa e lhe dizes «lamento imenso»? — perguntou-lhe Caridad enquanto guardava o baralho no bolso. — Se calhar, ainda levas uma chapada. Ou não. Mas, porra, se é o que te apetece fazer, o que é que interessa o que ele pensa?

De certa forma, Caridad fazia Sara lembrar-se de si própria. Resmungona e maldizente, parecia ter a capacidade de ler sob o seu olhar. O que é que interessa o que ele pensa? Vivera toda a vida bloqueada pelo que os outros pensavam. Lembrou-se de quando era uma criança, na mesa da cozinha, enquanto a mãe estava ao fogão e a descobria a olhar. Que diziam os seus olhos? Que significava a expressão da sua mãe? Vergonha? Ódio? Ficava atrapalhada por a filha a ver assim? Imediatamente ocultava a cara marcada pela tarefa que o pai da criança lhe dava, para deixar de olhar para ela.

— O que foi? — perguntou-lhe Caridad com um sorriso curioso. — Estás a pensar em quê?

— Acho que a Caridad devia entrar nessa Confraria. Se são bisbilhoteiros, está nas suas sete quintas — gracejou Sara.

— Sou a tesoureira há oito anos — disse-lhe Caridad enquanto bebia um gole do seu líquido vermelho.

Ajoelhou-se no último banco da igreja. O inspector Santiago Baín não se lembrava de quando começara esse hábito de visitar as igrejas das terras aonde o trabalho os levava. A de Monteperdido era uma construção de origem românica, evocação do antigo esplendor de uma terra que, agora, com o turismo, parecia renascer. Séculos de frio e neve entre essas duas épocas. A primeira, quando alguns senhores escolheram aquele vale, talvez pela sua situação fronteiriça, e ergueram palácios e igrejas. Fascinados pela magia que envolvia as montanhas, que eram também o seu muro de protecção. Talvez imaginassem deuses, lá em cima, nos cumes da Kregüeña ou dos montes Malditos. Nos gelos eternos. Deuses violentos que descarregavam a sua ira em trovoadas. Quem vos deu autorização para invadirem o nosso paraíso? Santiago quase conseguia ver nos bancos de madeira aqueles primeiros habitantes de Monteperdido, refugiando-se, atemorizados, entre as paredes de pedra da igreja, rezando a um deus mais benévolo. A uma Virgem como a que se elevava no fresco da capela, em plena Assunção, com rosto arrebatado, enquanto atravessava as nuvens rodeada de anjos.

Depois de se benzer, pôs-se de pé. Os seus passos ecoaram na pedra. A luz da manhã atravessava uma pequena janela na cabeceira e iluminava o fresco. Nas partes laterais da nave principal, abriam-se pequenas capelas, escuras. Numa delas, viu uma imagem talhada em madeira da Virgem de Laude, vestida com um manto branco bordado a ouro e o menino Jesus ao colo, ambos com coroas douradas. Um fogo intermitente, um calor protector. Uma idosa vestida de luto movia-se entre as sombras da capela, retocando o arranjo floral que a decorava. Ouvira certamente os seus passos, pois virou-se para ele e Santiago respondeu ao seu olhar com um sorriso. A mulher não lhe dedicou nem um segundo de atenção e, imediatamente, voltou às suas flores.

O inspector Baín ergueu o olhar para a abóbada. Fazia frio no interior da igreja. Os bancos não tinham permitido que o calor daqueles primeiros dias de Julho entrasse no templo, como se ainda tivesse de demonstrar que não estava ali de passagem, mas que pretendia ficar durante todo o Verão. Abotoou o casaco e saiu.

Sara esperava-o encostada ao muro que circundava a praça. Entediada, percorria com a ponta dos ténis as linhas que uniam as pedras do chão. Supunha que ela estaria impaciente, e o seu passo apressado quando o viu confirmou-lho, bem como o tom de voz.

— Já rezaste tudo o que sabes? — perguntou-lhe enquanto se dirigia para a saída da praça. Santiago seguiu-a. — Não sei como consegues ir à igreja, depois de tudo o que vimos.

Santiago sorriu. Não é que a instituição eclesiástica tivesse desempenhado um bom papel nos casos de menores em que tinham trabalhado. Também não seria ele a defendê-la. Sentiu um calafrio ao notar a mudança de temperatura relativamente ao exterior, muito mais cálido.

— Eu tenho fé em Deus, não nos homens — disse a Sara.

— E achas que o teu Deus nos vai ajudar em alguma coisa? — perguntou-lhe ela, embora não esperasse resposta.

O muro que circundava a igreja formava uma praça interior. Toda aquela vila parecia construída para dentro, de costas para o mundo, para as montanhas, para os olhares dos forasteiros. Subiram por uma rua empedrada até à avenida de Posets, a única na qual os carros podiam circular em ambos os sentidos.

— Sabes qual é o problema das pessoas da tua geração? — perguntou-lhe Santiago. — É que não acreditam em nada. Olha para os colegas da tua idade. Sofreram todos uma crise de ansiedade antes de chegarem aos quarenta.

— Se calhar levamos demasiado a sério o nosso trabalho — defendeu-se Sara.

— Ou se calhar vocês não têm fé em nada. Ouve o que te digo: o agnosticismo acabará com o mundo — disse-lhe Santiago enquanto atravessava a avenida.

Do outro lado, várias ruas, estreitas e tortas, entre as casas de pedra, penetravam na zona mais povoada de Monteperdido. Cerca de mil habitantes, era o que indicava o censo do Verão. Santiago teve a sensação de que escolhiam uma rua ao acaso, mas preferiu não mostrar as suas dúvidas e caminhou atrás de Sara, que avançava, decidida.

— Na verdade, vocês não passam de crentes desesperados — pensou Santiago em voz alta. — Como essa gente que passa do Catolicismo para o Budismo e a seguir para o Judaísmo ou para uma seita ortodoxa qualquer. Andam à procura de um deus que os convença. Só que, em vez de uma divindade, é uma pessoa. Mas não existe nenhuma pessoa tão perfeita como um deus.

— É reconfortante ouvir-te falar do género humano — gracejou Sara.

— De certeza que, quando eras nova, compravas sempre prendinhas no dia de São Valentim — riu-se Santiago.

— E, agora, ainda me vais dizer que o amor está sobrevalorizado — disse Sara com o desespero de quem repete uma coisa que já ouviu vezes sem conta. — Não me admira nada que vás a caminho da reforma e continues solteiro.

Algumas casas pareciam convertidas em pensões. Os turistas ocupavam as ruas em pequenos grupos familiares. Não era difícil distingui-los; enquanto eles perdiam constantemente o olhar na Natureza que os rodeava, surpreendidos em cada esquina com as perspectivas que as ruas lhes propiciavam, os habitantes da vila movimentavam-se alheios a tais maravilhas, ocupados em afazeres quotidianos: trabalhar, fazer compras, levar as crianças a passear.

A ruela que tinham escolhido desembocava numa praça dominada pelo edifício da Câmara Municipal. Nas arcadas laterais havia alguns estabelecimentos comerciais: a loja de armas Nerín, uma mercearia, uma loja de roupa. E também o bar da Sociedade de Caçadores de Monteperdido. Decidiram tomar um café.

Quando entraram, foram recebidos pela cabeça de um veado empalhado. A pelagem vermelha, as hastes e o olhar de cera eram um estranho simulacro de vida e ferocidade. Pendurado no corredor que dava acesso à Sociedade, o veado era a vitória dos vizinhos da vila sobre a Natureza, domesticada, convertida em troféu. Os polícias notaram que o murmúrio de uma conversa se desvaneceu quando entraram. Os olhares dos poucos clientes que havia na Sociedade fixaram-se neles, fazendo-os sentir como os adultos que entram no quarto de brincar das crianças sem bater à porta. Havia um ambiente ocre, uma cor de terra. As janelas, de vidros amarelados, mal deixavam ver o exterior. Em cima do balcão havia um bolo de chocolate com recheio de doce de morango a transbordar. Tinha uma vela cravada no centro. O sargento Víctor Gamero, vestido de uniforme, acabara de a acender.

— Não queremos interromper nada — desculpou-se o inspetor Baín. — Vínhamos só tomar um café.

— A Sociedade é só para a gente da terra — disselhes com um tom de forçada cordialidade um homem dos seus quarenta anos, corpulento, que estava atrás do balcão e parecia o dono do estabelecimento.

— De certeza que lhes podes servir um café, Román — atalhou Víctor. — É o meu irmão. O inspetor Santiago Baín e a subinspectora Sara Campos — disse à laia de apresentação, dirigindo-se a todos os que se encontravam na Sociedade.

— O que estão a festejar? — perguntou Santiago, referindo-se ao bolo, enquanto se acomodava numa banqueta.

— É o aniversário do Rafael.

Víctor apontou para uma mesa. Rafael Grau esperava a sua fatia de bolo, sentado e com as mãos cruzadas sobre as coxas; como os demais, já passava dos quarenta anos. A sua cabeça, como um tijolo inclinado sobre o peito, mal deixava entrever o pescoço, se é que o tinha; corara ou era efeito da luz que pairava na Sociedade? O seu olhar fugidio fez lembrar a Santiago o único convidado sóbrio num baile de máscaras ridículo. Ao seu lado, com uma mão sobre o ombro de Rafael, estava Joaquín Castán. Cumprimentou os polícias com um «bom-dia» brusco. Não pretendia dissimular que a sua presença não era desejada ali.

— Rafael é o irmão de Montserrat — explicou-lhes Víctor enquanto punha o bolo sobre a mesa onde estava Rafael.

— Foi a minha mulher que o fez — acrescentou Joaquín. — O bolo.

Um homem magro, de movimentos nervosos, arrastou uma banqueta até se pôr perto dos polícias. Apresentou-se dando um aperto de mão a Santiago Baín.

— Nicolás Souto. Sou o veterinário cá da terra.

A seguir, inclinou a cabeça para um dos lados, como um animalzinho curioso, e procurou os olhos de Sara por cima do ombro de Santiago.

— Estão-se a dar bem por cá? — perguntou-lhe com um sorriso e ajeitou uns óculos que tinham deslizado pela cana do nariz.

— Isto é muito bonito — respondeu-lhe Sara.

— E as montanhas? Já devem ter tido oportunidade de dar um passeio por lá.

— Eu não lhe chamaria um «passeio» — rectificou-o Santiago com um sorriso.

Román deixou os cafés sobre o balcão. Os copos de vidro tremelicaram sobre os pratos de porcelana. O inspetor Baín virou o prato para ver o desenho que tinham: uma estrela de oito pontas.

— É o símbolo de Santa María de Laude, a padroeira cá da terra. E da Confraria — esclareceu o dono da Sociedade.

— A Confraria é uma espécie de associação de moradores — interveio Víctor.

O sargento esticou o braço e abrangeu com o gesto os conterrâneos que se encontravam na Sociedade: Joaquín Castán e Rafael Grau; Nicolás Souto; Román Gamero, o irmão do guarda-civil.

— Marcial Nerín é o prior da Confraria — disse, pedindo a Marcial, com um gesto, que se aproximasse deles. — Tem uma loja de armas ali em frente.

Marcial caminhou com passos curtos. Era mais velho do que os outros. Já passava certamente dos sessenta, embora a miríade de pequenas rugas que se estendiam sobre o seu rosto, como uma fina rede de linhas escuras, tornasse difícil imaginar a sua idade exacta. Estendeu a ambos uma mão forte, grossa. O formato do rosto conferia-lhe um ar agressivo: uma mandíbula proeminente, o nariz achatado, olhos pequenos ocultos sob o osso da testa, o seu perfil desenhava uma curva quase impossível. A Santiago pareceu-lhe um animal, quando lhe apertou a mão. Desconfiado e perigoso como uma daquelas cabeças empalhadas que decoravam as paredes da Sociedade de Caçadores.

— Não deveriam andar a fazer outra coisa em vez de tomar cafés? — perguntou-lhes.

— Temos o mau hábito de comer e beber — respondeu-lhe Santiago sem desfazer o sorriso.

Sara viu a vela do bolo de chocolate a consumir-se. A cera deslizava por ela e começava a espalhar-se pela superfície do bolo. Nicolás Souto desceu da banquetta onde se sentara e a madeira rangeu no chão quando a chegou para trás. Parecia que o veterinário queria desanuviar a situação e, com a conversa, tentou afugentar a reprovação que se desenhava nos olhares de Marcial Nerín e de Joaquín Castán.

— Quando tudo isto acabar, têm de subir aos montes Malditos — disse. — Ou ao circo de Tempestades. Nesta época, são um espectáculo...

— Não me parece que esses nomes sejam muito convidativos — gracejou o inspector Baín.

Nicolás contou algo sobre as lendas que deram origem a tais nomes, enquanto se aproximava da mesa onde Rafael Grau esperava o momento certo para apagar a vela. Sentou-se ao seu lado e incitou os demais a cantar os parabéns. Só Víctor é que acompanhou o canto, que foi esmorecendo aos poucos, até que, com um coro de palmas frouxas, Rafael soprou a vela com o gesto de alívio de quem conclui uma tarefa vergonhosa. Os seus pequenos olhos perderam-se no chão de pedra da Sociedade enquanto recebia os parabéns dos amigos. Santiago e, depois, Sara também se levantaram para o fazer.

— Quarenta e cinco anos — disselhes quando lhe perguntaram quantos fazia —, tenho mais dois que a minha irmã.

Joaquín Castán enterrou uma faca no bolo para cortar as fatias, e o doce manchou a folha como se fosse sangue. O irmão de Víctor saiu do balcão com pratos e colheres, mas Santiago e Sara declinaram a oferta de comer o que quer que fosse.

— *Non fé kuérpo ta nós* — murmurou Marcial Nerín.

Santiago viu o homem caminhar para a saída. «O corpo não está para festas», dissera, mas preferiu fingir que não entendera. Despediu-se e saiu da Sociedade com Sara. Ao pisar a rua, procurou os óculos de sol no casaco, ofuscado pela luz. Em Monteperdido, falavam uma língua estranha, própria. Com origem no *patués*, comum a toda a região, naquela terra adquirira traços próprios. Tinha influências de catalão, basco, castelhano e francês, mas o resultado era uma linguagem única. Um idioma que só era utilizado pela gente daquela terra; ao levantar novamente o olhar para as montanhas que o rodeavam, pensou nos séculos de isolamento ao longo dos quais se tinham desenvolvido aquelas ruas, aquelas casas.

Sem comunicação com o resto do mundo, acabaram por falar uma língua que só eles entendiam, tal como cresceram à sombra de lendas que já poucos conheciam. Enquanto caminhavam em silêncio para a esquadra da Guarda Civil, recordou o que Nicolás Souto lhes contara sobre os montes Malditos que se erguiam a sul da vila, no final do caminho que a ligava à esquadra e à escola. No passado, aquelas montanhas de três mil metros de altura eram um prado verde em que um pastor alimentava fartos rebanhos, até que um estranho ser subiu àquelas planícies e lhe pediu para partilhar a sua fortuna com ele. Perante a recusa do pastor, o homem lançou uma maldição sobre ele e também sobre aquele éden entre as nuvens: converteu-os em pedra e gelo. Fez deles os montes Malditos.

Cumes que escondiam maldições, lendas que mostravam o terror de uma população exposta à violência da Natureza. Como o homem de gelo que vive no alto da Kregüena. Um gigante gelado que descia à vila para roubar animais, a comida.

Um homem de gelo que ainda tinha Lucía como cativa, pensou Santiago quando chegou à esquadra e viu a silhueta da Kregüena a norte, contra um céu de Verão que insistia em fingir que tudo estava a correr bem.

Ana tinha roupa nova vestida.

— É minha — esclareceu Raquel. — Já usamos praticamente o mesmo tamanho.

Mas não lhe contou que fora ideia de Álvaro. Quando se levantou de manhã, com o corpo dorido depois de passar a noite na poltrona do seu quarto, encontrou a filha na cozinha com o marido. Álvaro disse-lhe que tinha de sair para tratar de uns assuntos e certamente reparou no medo que Raquel tinha de ficar a sós com Ana, porque se aproximou dela e disse: «Porque não vais ver se a tua roupa lhe serve? Se não servir, temos de ir comprar qualquer coisa.» Até Burgos achou que era boa ideia. Junto a eles estava mais um polícia, vestido à paisana. Tinha um bloco de notas e, na folha, estava desenhado um esboço, um rosto ainda sem traços, de acordo com as indicações que Ana lhe ia dando.

— Gostaria de falar a sós com ela — disse Santiago a Raquel enquanto puxava uma cadeira da secretária e se sentava em frente à cama onde Ana estava sentada. — Não se importa, pois não?

Raquel respirou fundo antes de falar, como quem dá um passo atrás antes de saltar, mas depois arrependeu-se, não chegou a articular as palavras e fechou a porta ao sair. Santiago virou-se então para Ana; apagara qualquer indício de amabilidade do seu rosto.

— Achas que o retrato-robô que estamos a fazer é parecido com Lucía actualmente?

— O desenhador está a seguir as minhas instruções...

— Isso não é resposta.

— Sim, claro que é parecido — respondeu, algo incomodada.

Santiago deitou-se para trás na cadeira e observou-a. As reservas de Ana incomodavam-no. Participara em vários casos de raptos e, embora a vítima pudesse ter uma atitude errática, era estranho encontrar tantas respostas evasivas e contradições no relato de Ana. Será que cinco anos de cativeiro tinham deixado uma marca tão leve?

— Não tens medo de que ele venha atrás de ti? — perguntou-lhe como se fosse um disparo, medindo a reacção de Ana.

— Não sei, devia ter?

— Claro que não. É para isso que nós cá estamos. Para te proteger — sossegou-a Santiago ao entrever o medo real que a acometia.

A passagem do tempo era caótica no relato que Ana fazia do rapto. Enclausurada durante longos períodos numa cave longe da luz, submetida a uma rotina diária, era normal que lhe custasse estabelecer uma cronologia dos anos que estivera sem liberdade. Santiago queria conhecê-la melhor e orientou a conversa de forma a tentar encontrar alguma recordação de Ana que tivesse uma referência temporal. No entanto, era difícil para ela. Reconheceu que, por vezes, ficava admirada: julgava estar no Verão e, quando o raptor a levava para o primeiro piso, olhava pela parede desmoronada do refúgio e via os montes cobertos de neve. Então invadia-a a sensação de ter passado meses a dormir, numa espécie de letargia.

— Lembras-te da última vez que ouviste chover? Da neve?

— Não sei — respondeu, sobressaltada. Parecia fazer verdadeiras tentativas para recordar, mas era como se andasse às apalpadelas num quarto às escuras.

— Viste animais perto do refúgio? Num dia de muito vento...

Ela disse que não a cada pergunta de Santiago. O seu semblante ficou tenso de repente, como se tivesse visto um clarão nas trevas.

— Se calhar é um disparate — disse-lhe. — Lembro-me de uma noite, há algum tempo... Não estava frio. Eu tinha um casaco de malha vestido, e era suficiente. Estava lá em cima. Ele tinha ficado no buraco com Lucía.

— Foi a última vez que estive calor?

— É possível.

— Aconteceu mais alguma coisa nessa noite?

— O tecto do refúgio tinha um buraco. Quando me deixava lá, tentava pôr-me de costas para ele, entrava muito vento. Mas nessa noite o céu estava limpo e fazia calor.

— Continua — incitou-a Santiago. Colocou o gravador sobre as pernas, para registar com clareza a voz de Ana. — Viste a Lua?

— Não. Do sítio onde estava, não conseguia vê-la... Mas vi várias estrelas cadentes. Dantes... deitava-me com o meu pai no jardim a olhar para o céu, ele dizia que podia pedir um desejo se visse uma a passar.

Santiago deitou-se para trás na cadeira; tentou dissimular a sua frustração. Esperava que Ana lhe referisse mais alguma coisa, além das saudades que tivera do pai durante o cativeiro.

— Pedi montes de desejos... e nenhum deles era sair dali. — Ana olhou-o com os seus olhos pretos como túneis. — Julgava que isso nunca aconteceria.

Santiago sorriu-lhe. O seu sentimento em relação a Ana oscilava entre o carinho e a desconfiança; umas vezes, mostrava-se muito segura; outras, tão indefesa como um animal ferido.

— Porque nos andas a mentir? — perguntou-lhe. — Estás a tentar protegê-lo?

Ana acariciou o seu crânio rapado; a cicatriz da operação já estava à vista. Um ziguezague de pontos unia a sua pele no sítio onde a tinham aberto. Os seus olhos pretos contrastavam com a palidez da pele, depois de tanto tempo longe do sol. A cor da íris era tão densa como o ónix e confundia-se com a pupila. O inspector não afastava o seu olhar daqueles orifícios, profundos e escuros. Queria descobrir o que havia lá no fundo, acender uma tocha que iluminasse a sua verdadeira história.

— Não percebo porque me está a dizer isso — murmurou Ana, trémula.

— Vou pensar durante um segundo que estás com medo. Que tens vergonha de recordar tudo o que se passou ali. Vou dar-te essa oportunidade. Mas não podes voltar a mentir-me.

— Estou a tentar lembrar-me de tudo... Se calhar, a história das estrelas cadentes é um disparate, mas aconteceu mesmo...

— Quero lá saber das estrelas, Ana. É dele que te estou a falar.

— Já lhe disse que nunca consegui vê-lo. Aquele capacete...

— E também me disseste que nunca te tocou.

Com um movimento instintivo, Ana abraçou-se. A camisola da mãe ainda lhe ficava um pouco grande, e parecia que o seu corpo se escondia dentro dela. Desviou o olhar, nervosa, para o chão, como se, a qualquer altura, pudesse sair um monstro de debaixo da cama.

— Talvez não saibas — continuou Santiago —, mas no hospital fizeram-te muitos testes, análises, examinaram-te, lembras-te? Podemos saber muitas coisas com esses exames. Por exemplo, que tiveste relações sexuais.

Ao dar-lhe aquela explicação, Santiago recordou que Ana era uma rapariga de onze anos quando foi raptada. O que vivera durante aquele tempo?, o que aprendera?, quantas coisas que para os outros eram pão-nosso-de-cada-dia eram estranhas para ela? A sua voz surgiu primeiro como um murmúrio ininteligível. Santiago teve de lhe pedir que repetisse o que dissera.

— Foi só uma vez — disse ela.

— Tens a certeza? — insistiu Santiago.

As lágrimas impediram-na de responder. Ele sabia que Ana estaria mais à vontade com Sara, por isso preferira ser ele a fazer este interrogatório. Não queria que tratassem Ana com pinças, precisava de saber como é que ela reagia quando não estava rodeada de compreensão e carícias.

— Percebo que isto seja difícil. Estás assustada, a chorar... Mas estás aqui, Ana. Lucía não teve a mesma sorte que tu. Se calhar, até preferes assim...

— Isso não é verdade! — gritou Ana. Os seus olhos deixaram de se esconder para se cravarem, firmes, em Santiago. — Foi só uma vez, há muito tempo.

A porta do quarto abriu-se. Raquel entrou, assustada.

— Estás bem? — perguntou, e a seguir olhou para Santiago. — O que se passa aqui?

— Por favor... — disse o polícia.

Com um gesto, ordenou a Burgos, que estava atrás de Raquel, que tirasse a mãe do quarto e fechasse a porta. Raquel mostrou resistência quando o agente lhe pegou no braço.

— Porque é que ela está a chorar? — protestou Raquel enquanto Burgos a obrigava a sair. As suas vozes desvaneceram-se quando fecharam a porta.

Ana continuava a chorar. Tinha as faces húmidas. Uma gota deslizava-lhe para os lábios, mas não perdera segurança no semblante. Quando Santiago se virou para ela, descobriu que ainda estava a olhar para ele.

— Chateou-se com Lucía. Foi por isso que, um dia, a levou a ela lá para cima. Não gostava de estar comigo. Não me suportava. Só Lucía é que lhe interessava. Foi para lhe fazer mal. Deitou-me na cama. Mandou-me despir. Ao princípio, não se aproximou. Queria que eu fizesse carícias a mim própria... Em todo o corpo. Foi então que se despiu também. Obrigou-me a pôr-me de joelhos, de costas para ele. Eu queria sair dali... Não queria estar naquela cama. Tinha medo e vergonha, como se estivesse imensa gente a olhar para nós... e eu tivesse culpa. Sabia que nunca conseguiria apagar isso.

Santiago escutara Ana sem a interromper. Ela é que, durante o seu relato, chegara a um precipício e não se atrevia a saltar.

— Fez-me mal — acrescentou, olhando para o vazio.

— E não voltou a acontecer?

— Não. Quando ele se foi embora, Lucía desceu... pediu-me desculpa. Ela. Lucía disse-me que lamentava imenso, que não voltaria a acontecer...

— Lembras-te de algum traço físico dele? Da altura em que isso se passou.

— Fechei os olhos. Fechei-os quando ele me obrigou a pôr-me de joelhos...

Santiago tamborilou sobre o gravador. O contador digital avançava. No cartão de memória tinham ficado gravadas as palavras de Ana; oxalá, pensou, a máquina pudesse igualmente arrancar-

lhe as recordações. Que esquecesse aqueles dias para sempre. Ao fazê-lo, Santiago apercebeu-se de que acreditava nela.

— Lamento imenso — disse-lhe. — É certamente... muito difícil falar disso. Mas eu precisava de saber.

Ela não lhe respondeu, mas relaxou o semblante; os seus músculos descansaram, o seu olhar também. Santiago ergueu-se para sair.

— Vai contar isto ao meu pai? — perguntou Ana antes de ele sair.

A cave do refúgio, enegrecida pelo fogo, era como uma mordidela no chão. Uma dentada selvagem.

O Verão trouxera a vegetação e a cor verde a Monteperdido, escondida durante a maior parte do ano sob um manto branco de neve. Esta exibição de vida só era permitida durante poucos meses. Árvores e outras plantas de cores garridas, a sensação de que os animais corriam livres dos ramos para o chão, entre as moitas, e também para a montanha. Veados e javalis. Centenas de aves. Testemunhas bárbaras do que sucedera, pensava Sara. Eles sabiam quem era a besta que cravara as suas presas naquela terra.

O seu rasto estava entre os restos daquele buraco, agora nas mãos da Polícia Científica, que vasculhava o refúgio em busca de alguma prova. O fogo começara a deflagrar na cave fechada. As chamas alcançaram altas temperaturas antes de queimarem por completo os pilares de madeira e provocarem a derrocada do chão. O contacto do fogo com uma maior quantidade de oxigénio atçou o incêndio. As paredes de pedra do refúgio evitaram que se propagasse às árvores vizinhas. Serviram de fosso. No entanto, tudo o que havia lá dentro ficou calcinado. Reduzido a cinzas que nada lhes podiam contar sobre o que sucedera lá dentro. Cinco anos apagados para sempre. Era esse o relatório preliminar da Polícia Científica.

Sara pensou num corpo cremado. Nos familiares a abrirem a urna num despenhadeiro e a espalharem as suas cinzas ao vento. A memória do morto perdia-se no ar. Deixava de contar uma história, enquanto um cadáver conservava o relato de uma vida. Os seus ossos, os seus pequenos acidentes como marcas em cada uma das fracturas. Que alimentação ou que hábitos tinha. Tudo ficava registado nos seus restos, escrito numa linguagem secreta que agora a Ciência podia decifrar. O cadáver, sob a terra, estava sempre à espera de contar a sua história. Sara pensou que, quando chegasse a altura certa, também ela gostaria de arder. De desaparecer completamente e apagar a sua história.

Erguera-se com um sabor amargo na garganta. Não se lembrava de quantos cafés bebera ao longo da noite, enquanto lia os relatórios da Guarda Civil de Monteperdido. Demasiados. Quando Víctor veio buscá-la para a levar à estalagem, sentiu-se demasiado leve. Como se caminhasse num sonho. Não dormira mais de uma hora. Não era o cansaço que a deprimia, mas a ausência de adrenalina. O seu corpo deixara de a gerar. Já não via urgência nem ansiedade nos gestos dos que a rodeavam. Víctor entregou-lhe os depoimentos que os seus agentes tinham recolhido na vila e leu-os a caminho do refúgio. Uma quotidianidade desesperante. Na rua principal da vila, um homem bocejava enquanto levantava a persiana do seu estabelecimento. Santiago e ela começavam a confundir-se com a paisagem.

— Vais ficar por aqui muito tempo? Posso vir buscar-te mais tarde — disse-lhe Víctor quando já estavam há quase uma hora no refúgio.

Sara deu uma última vista de olhos ao buraco antes de se dirigir para o jipe de Víctor.

— Podes levar-me a Posets? — perguntou-lhe enquanto entrava no carro.

O grosso da informação que Víctor lhe facultara falava de Álvaro Montrell. Durante meses, foi o principal suspeito da investigação. A imprensa da época dava a sua detenção como um facto consumado. Alguns jornalistas tinham-se interrogado sobre o que levaria um pai a matar a própria filha. E faziam tenção de elaborar uma análise escrupulosa sob tal manchete, quando nem sequer tinham encontrado o cadáver de Ana nem existia qualquer prova que incriminasse Álvaro. Apenas uma longa série de testemunhos circunstanciais que nada podiam afirmar, a não ser que o pai de Ana mentira à Polícia nos seus primeiros depoimentos.

Declarou que, quando a filha desapareceu, ele estava no seu gabinete, na escola Valle del Ésera de Monteperdido. Mentiu. Porquê? É possível que, ao princípio, pensasse que tudo não passava de uma travessura e que, a qualquer altura, a rapariga entraria pela porta dentro. Mas Álvaro Montrell manteve a sua mentira. Quando Ana e Lucía desapareceram, insistiu, estava no seu gabinete. A primeira reconstrução dos factos levou a Polícia a falar com Ximena, que naquela terra era conhecida por «a colombiana». A rapariga saíra da escola com Ana e Lucía. Tinham-se separado dos outros alunos à entrada da floresta. Contou a discussão que teve com Lucía. Ao que parece, esta fazia pouco de Ximena porque estava apaixonada pelo irmão mais velho dela, Quim. Zangaram-se. Lucía atirou-lhe uma pedra e atingiu Ximena na cabeça. Enxofrada, com uma pequena racha na

testa, voltou a correr para a escola. A sua raiva também tinha Ana como alvo, pois esta nada fizera para a defender. Atravessou os corredores a correr até ao gabinete de Álvaro. Queria contar ao pai de Ana o que sucedera, para castigarem aquelas duas gaitas. O gabinete estava vazio. Procurou Álvaro pela escola, mas não conseguiu encontrá-lo. O auxiliar sossegou Ximena, tratou-lhe do ferimento e levou-a a casa.

Quando a Polícia pôs sobre a mesa o depoimento de Ximena, Álvaro tentou manter a sua mentira. Tinha saído para dar uma volta e depois voltou à escola, mas a rapariga já não se encontrava lá. Nesse dia, regressou a casa mais tarde do que era habitual. Quando estacionou o carro e entrou, Raquel já chamara a Polícia. Antes tentara falar com Álvaro, mas ele não atendera o telemóvel. Disse que se esquecera dele na escola.

Deixaram de acreditar nele. Desde as cinco, hora a que as raparigas saíram da escola, até às dez e meia, quando regressou a casa, Álvaro Montrell não tinha álibi. Foi nessa altura que Raquel começou a duvidar do marido. Contou a um polícia que, quando Álvaro chegou a casa, estava de mau humor. Tenso. Disse-lhe que não ia jantar. Que queria tomar um duche e meter-se na cama. Mal ouvira o que Raquel lhe contava: que Ana desaparecera. Depois, quando interiorizou que não se tratava de um simples atraso, também se assustou. Pelo menos, era o que Raquel pensava. Mas a suspeita infiltrara-se por debaixo da porta.

Enquanto o investigavam, a Polícia tentou fazer uma ideia da relação que mantinha com a filha e com Lucía. A outra rapariga era a melhor amiga de Ana, além de sua vizinha. Tudo parecia normal. Álvaro dava-se bem com a filha, ninguém presenciara comportamentos estranhos com Lucía. Estavam a pensar detê-lo e submetê-lo a um interrogatório mais intenso quando, ao verificarem a lista das suas chamadas telefónicas, descobriram que, pouco depois das cinco naquele dia, recebera um telefonema. Durou pouco, apenas um minuto. Identificaram o telefone donde recebera a chamada. Era o de Elisa Nerín.

Sara recordou que, essa noite, enquanto lia os relatórios no seu quarto de La Renclusa, fez uma pausa na leitura. Tentou imaginar o rosto de Elisa, a rapariga tímida que atendia os clientes na estalagem, cinco anos antes, quando tinha apenas dezasseis anos. Ao voltar a página, encontrou uma foto no relatório. Era Elisa e, ao mesmo tempo, era uma pessoa diferente. Supõe-se que, conforme crescemos, os nossos traços se tornam mais rígidos, desenha-se com maior nitidez a nossa personalidade na pele. A Elisa, parecia ter sucedido o contrário. A rapariga de dezasseis anos que aparecia na foto tinha um olhar matreiro, quase provocador, um leve sorriso de suficiência, muito segura da sua força. Mas o seu rosto esbatera-se com o andar dos anos, agora era a rapariga esquiva que trabalhava na estalagem. Só conseguira distinguir uma sombra daquela expressão na noite em que a tinha visto sair do quarto dos turistas no corredor onde se encontrava.

Desde que apareceu o telefonema de Elisa Nerín, todos os olhares se voltaram para Álvaro. Não só os da Polícia, também os de todos os habitantes de Monteperdido. No relatório havia referências a vários pedidos de Joaquín Castán a exigir a sua detenção. O testemunho de Elisa deixou Álvaro ainda em piores lençóis. Acompanhada pelo pai, Marcial Nerín, Elisa prestou depoimento na esquadra de Monteperdido. No arquivo que Víctor lhe entregara, encontrou uma transcrição: — *Estiveste com Álvaro naquele dia à tarde?*

— *Não. Telefonei-lhe, mas ele não veio ter comigo.*

— *Elisa, tu não tens culpa. Não fizeste nada de mal. Limita-te a contar-nos a verdade.*

Sara não conseguiu evitar um gesto de enfado enquanto lia. O polícia que conduzia o interrogatório isentava Elisa de qualquer culpa, mas dava como facto consumado que Álvaro cometera um delito, alguma coisa «de mal». Dirigia Elisa para onde queria. Não estava a descobrir a verdade. Mais adiante, no mesmo interrogatório, leu: — *Que relação é que tinhas com Álvaro?*

— *É o meu professor de História da Arte.*

— *E além disso?*

A depoente demora uns segundos a responder.

— *Vou reformular a pergunta: alguma vez ele foi ter contigo fora do horário escolar?*

— *Sim.*

— *E foi simpático contigo, não foi?*

— *Álvaro é simpático.*

— *Já não te pode fazer nada, Elisa. Tens medo de quê? Estás com o teu pai, e já nos conhecemos, não conhecemos? Estás calma?*

— *Sim.*

— *Então, diz-nos que tipo de relação tinhas com Álvaro.*

— *Estamos apaixonados.*

— *Foi isso que ele te disse?*

— *Sim.*

— *Alguma vez tiveram relações sexuais?*

Em folhas posteriores, havia um relatório médico no qual constava que Elisa tivera relações sexuais. Sara estava desagrada com o facto de aquele interrogatório ter sido uma oportunidade desaproveitada. Elisa declarava que tinha uma relação sentimental com o seu professor, diante do pai, orientada por um polícia que, entre linhas, se limitava a afirmar que aquele homem tinha feito mal a Ana e Lucía. Que valor real tinham as palavras de Elisa? Não mais do que teriam se tivessem sido escritas pela própria Polícia.

As interrupções do pai de Elisa tornaram-se constantes a partir daquele ponto do interrogatório. «Porque é que não vão atrás desse filho da puta? Se o deixarem manobrar à vontade, juro-lhe que não respondo por mim.» «Marcial, por favor, deixe-nos terminar.» «De que precisam mais?» «Se está mal, espere por nós lá fora.»

O prior da Confraria, Marcial Nerín. Sara lembrava-se dele por causa do dia na Sociedade de Caçadores. Pujante, num relatório, também o localizara nas redondezas da casa de Simón Herrera. Foi um dos instigadores que provocaram o suicídio da mulher de Simón, Pilar.

Cinco anos antes, quando a Polícia interrogou a filha, a sua presença fez o relato de Elisa ser interrompido e ficar incompleto. A rapariga contou que a família tinha uma casa velha mais abaixo, perto de Val de Sacs. Mais do que uma aldeia, Val de Sacs era um pequeno aglomerado de casas sobre a estrada que ia de Monteperdido a Barbastro. Deslavadas, parecia que tinham surgido como moitas e mal tinham notado o impacto do turismo na zona. Nada que ver com a bela vila que, nas suas ruas principais, era Ordial. Ninguém usava aquela casa, e Elisa e Álvaro tinham-na convertido no cenário furtivo dos seus encontros.

No dia do desaparecimento das raparigas, Elisa telefonou-lhe daquela casa ao início da tarde. Faltara às aulas para apanhar o autocarro que todas as manhãs descia para Val de Sacs. Esperou por ele toda a tarde, até que, por volta das oito, convencida de que Álvaro já não iria ter com ela, foi-se embora para conseguir apanhar a tempo o último autocarro e voltar para casa. O testemunho de Elisa deixava Álvaro Montrell sem álibi. Lançava-o numa nebulosa de mais de quatro horas nas quais ninguém esteve com ele nem o viu. Quatro horas durante as quais pôde fazer qualquer coisa às raparigas.

Foi detido. Interrogado. Quis emendar as mentiras iniciais dizendo que estivera mesmo com Elisa e que não contara isso antes porque a rapariga bebera demasiado, não se encontrava em condições de voltar para casa e tinha medo de que o pai a descobrisse. Tentou proteger a sua aluna. Referia-se a ela sempre desta forma. «A sua aluna», como se, com aquelas palavras, estendesse os braços e a afastasse de si. O homem que conduziu aquele interrogatório não acreditava nele. Continuou sem acreditar quando Álvaro negou que tivesse tido relações sexuais com Elisa. Passou dois dias nos calabouços de Monteperdido.

No entanto, não tinham provas suficientes para o processar. Nem impressões digitais nem vestígios de ADN no pinhal onde as raparigas se esfumaram. Nada que o envolvesse directamente no desaparecimento. Tiveram de o pôr em liberdade, e Monteperdido estremeceu, como um animal gravemente ferido. Lançou-se sobre quem julgava ser o culpado: Álvaro. Nos relatórios, apenas três dias após a sua libertação, Álvaro denunciou à Guarda Civil uma agressão. Joaquín Castán enfrentara-o. Bateu-lhe e ameaçou-o de morte. A intervenção das respectivas mulheres evitou tal desfecho. Mas a situação era insustentável. Raquel teve uma reunião com o encarregado da investigação. Pediu-lhe que lhe garantisse que Álvaro não fizera nada à sua filha nem a Lucía. O guarda-civil não pôde fazê-lo. Estava frustrado por não ser capaz de encontrar aquela chave que lhe permitiria levar Álvaro para a prisão. Recomendou a Raquel que não continuassem a viver na mesma casa.

Passados alguns dias, Álvaro foi despedido da escola onde trabalhava. Em seguida, deixou a vila. O encarregado da investigação foi substituído meses mais tarde. O seu sucessor verificou que todos os esforços se tinham centrado no pai de Ana, deixando de lado outras vias. A teoria de que fora obra de um forasteiro foi ganhando força. Uma pessoa estranha ao vale, possivelmente ligada a alguma rede criminosa, poderia ser o responsável. Era uma resposta menos dolorosa, pensou Sara: o lobo vem de fora, o lobo não é da família.

— Porque é que nunca houve uma denúncia de abusos de menores contra Álvaro Montrell? — perguntou Sara a Víctor enquanto percorriam a estrada para Posets.

O sargento da Guarda Civil olhou-a por um instante, surpreendido pela pergunta; tinham passado toda a viagem em silêncio.

— Estás a referir-te a Elisa Nerín?

— Houve mais raparigas relacionadas com Álvaro?

— Não, só Elisa. Investigou-se na escola, mas...

— Já sei. Não teve nenhum relacionamento especial com mais nenhuma. Só com Elisa.

Tinham deixado Monteperdido para trás. A estrada escalava as montanhas com esforço, retorcia-se fazendo curvas para encontrar o trilho de subida. O jipe reduzia a velocidade cada vez que as encostas se tornavam mais pronunciadas. Uma fenda abria-se à direita da estrada, um estreito canhão que mergulhava até o seu fundo se perder na escuridão. À sua volta, tudo parecia terra firme, os picos das montanhas, que antes se erguiam no céu, agora tinham-se transformado numa linha baixa de horizonte, como se fosse possível alcançá-los. No entanto, aquela fenda junto à estrada fazia-lhes lembrar a altura a que estavam. Sara tinha a sensação de estar sobre uma ilha flutuante. Um enorme pedaço de terra e montanhas suspenso no ar.

— É o barranco de Oscuros de Balced — disse-lhe Víctor ao reparar na polícia a olhar para aquela racha que mergulhava no chão. — No Verão, muitos turistas vêm descer por aqui... No fundo corre um riacho que desemboca no Ésera...

A explicação de Víctor pareceu-lhe reconfortante. A terra onde estavam agora encontrava-se ligada ao que já conhecia, ao rio, ao vale.

— Só que este Verão está a ser estranho; cancelaram a maior parte das reservas hoteleiras — continuou a explicar-lhe o guarda-civil. — Suponho que sair nas notícias não é boa publicidade... — Meteram por uma ponte que atravessava o rio. — Em dez minutos, estamos em Posets — informou-a Víctor. — A casinhota onde Gaizka tem o estabelecimento fica ligeiramente antes da entrada na vila.

As árvores tinham desaparecido. O manto verde que nascia agora de um lado e do outro da estrada era como a pele do camaleão que tenta camuflar a sua verdadeira natureza. Era uma terra fria e crua, que tornava quase impossível a vida àquela altitude.

— Elisa Nerín entrou em depressão — contou-lhe Víctor quando saíram da estrada por um caminho sem asfalto. — Não sei se terás falado muito com ela na estalagem. Mas aquilo afectou-a mesmo. Nem sequer conseguiu acabar o ano lectivo e deixou a escola. O pai dela não quis piorar ainda mais as coisas e poupou-a ao sofrimento de um julgamento.

— Talvez porque também não houvesse provas suficientes para condenar Álvaro.

— Ou talvez porque quisesse o melhor para a filha — fez-lhe ver Víctor.

Deteve o jipe. Tinham chegado ao estabelecimento de Gaizka. Era uma pequena casa de madeira pré-fabricada. Um cartaz descolorido em que se podia ler AVENTURA EM POSETS estava cravado na porta.

— Tenho de voltar para Monteperdido. Queres que mande alguém vir-te buscar a seguir?

— Dentro de uma hora ou duas — pediu-lhe Sara.

O ar entrava-lhe, frio, nos pulmões, limpo, como se fosse um líquido que pudesse fazer-lhe mal por ser tão puro. Ouviu as rodas do jipe de Víctor a pisar a gravilha do caminho, a afastar-se. Junto à porta da casinhota estava estacionado outro carro: uma *Nissan* de caixa aberta 4×4. Suja de lama até às janelas, com a chapa de um castanho-esverdeado nos sítios onde conseguia ver-se; a porta do piloto era branca, talvez a tivesse encontrado na sucata e substituído a original. O estabelecimento de Gaizka estava aberto. Sara caminhou para o seu interior.

Quando Álvaro Montrell deixou Monteperdido, também interrompeu qualquer contacto com os seus habitantes. Nem sequer Raquel sabia para onde ele tinha ido. Entre as muitas queixas que Joaquín Castán lançou contra a Polícia estava o facto de o único suspeito do rapto não se encontrar localizável. Agora sabiam que, na realidade, não estivera assim tão longe. Como as raparigas, Álvaro tinha continuado perto de Monteperdido. Veio-lhe à cabeça a imagem de um cão amarrado a um poste do jardim de casa. Ladra e tenta escapar, mas, quando a corda estica, aperta-lhe o pescoço, asfixia-o. Resignado, deita-se no chão, à distância que a corda lhe permite. Respira ruidosamente, frustrado.

Ao entrar no estabelecimento, viu um rapaz que estava a carregar uma mochila. Havia capacetes e cordas espalhadas sobre o balcão, argolas de metal. Dava a impressão de que tinha enchido e esvaziado cem vezes a mochila e ainda não encontrara a forma de caber tudo lá dentro. Ao ouvir os passos de Sara, ergueu o olhar por um instante para voltar a centrar-se na sua tarefa.

— Anda à procura de alguém? Pergunto isto porque estamos fechados — disse-lhe.

— Sou polícia.

Sara mostrou a sua identificação. Ele não lhe prestou atenção, limitou-se a dizer que sim com a cabeça enquanto tentava enfiar um arnês à força dentro da mochila.

— Muito bem — disse-lhe, continuando a debater-se com a mochila. — Tenho de ir, sabe? Combinei encontrar-me com um grupo dentro de dez minutos e já estou atrasado...

Era como um eremita ou um lenhador solitário da floresta. Forte e esquivo, com o cabelo comprido, enredado numa barba espessa. Pelo menos, era o que Noguera queria deixar transparecer. No entanto, a escassa pele que o seu cabelo deixava à vista, ainda lisa, sem manchas, e a sua fingida teimosia com a mochila levaram-na a pensar que não passava de um disfarce. Ainda não completara trinta anos e trabalhava como guia para Gaizka nas descidas. Só no Verão, precisou.

«Durante o resto do ano, ele que vá levar no cu», foram as suas palavras, textualmente. Noguera estava a convidá-la a dizer mal de Gaizka, e ela sentou-se e escutou, como se fosse uma donzela educada à hora do chá.

— É um caos, e um dia ainda apanhamos um susto valente. Está a ver o material? — perguntou, erguendo uns cabos. — Os cabos têm cem anos, não sei que raio de nós lhes fizemos... os mosquetões, porra... é que nem nos fechos nos podemos fiar...

— Não lhe disse isso a ele?

— Ele quer lá saber. Se não percebe nada de barrancos... — disse com desprezo.

— Se calhar devia deixar de trabalhar aqui. Se houver um problema, será você o responsável.

— Disso pode ter a certeza. Nem vale a pena ligar para ele, que ninguém lhe põe a vista em cima. Aparece quando lhe dá na real gana, quando aparece. E é fazer figas para ele estar sóbrio. Quando há algum sarilho com os clientes, é para esquecer. — Com um suspiro, Noguera deixou cair um gancho metálico no balcão. — Não consigo perceber como é que Álvaro enfiava esta tralha toda na mochila.

— Já cá não está?

Um sorriso maroto apareceu entre a espessa barba de Noguera. Olhou para Sara com o brilho de uma criança que descobriu o truque do mágico.

— Você veio cá à procura dele — murmurou.

Sara fingiu que a descobrira. Também desceu o seu tom de voz, convidando-o a entrar no campo das confidências.

— Não trago nenhum mandado de busca nem nada disso, mas importa-se se eu der uma vista de olhos aí dentro?

— É um tipo estranho, este Álvaro. Nunca o vi fora do estabelecimento — sussurrou Noguera. No olhar de Sara lia-se «o que é que me diz? posso proceder à busca?». — Um fio vermelho liga aqueles que estão destinados a encontrar-se...

Sara viu Noguera franzir ligeiramente o sobrolho, como se, com aquela frase, tivesse deixado clara a sua intenção. Depois carregou a mochila e enfiou num saco tudo o que não conseguira guardar.

— Se você chegou e a porta estava aberta, não é problema meu — acrescentou enquanto saía.

Esperou que o guia saísse do estabelecimento. Havia pessoas que odiavam a polícia, que a repeliam sem razão, e outras que gostavam de participar no trabalho de investigação daquela forma tangencial, como se as suas palavras ou acções se convertessem em chaves que permitissem desvendar mistérios. «Às vezes via-o tirar dois e três sacos de lixo por dia», disse-lhe uma vizinha acerca de um homem que investigara há alguns anos. A senhora, tal como Noguera, também franziu ligeiramente o sobrolho e desceu o tom de voz para lhe fazer aquela confissão. «A minha sobrinha diz que fazia desenhos esquisitos. Um tanto ou quanto satânicos», confessou-lhe um homem no caso do desaparecimento de um adolescente. Não a incomodava a estupidez, mas aquela aparente bondade dos que querem fazer mal.

Pareceu-lhe que Noguera, de alguma forma, esperava vingar-se de Gaizka quando passou para o outro lado do balcão. O que é que queria que Sara encontrasse? Uma porta lateral dava acesso ao armazém do estabelecimento. Acendeu a luz. Lâmpadas fluorescentes iluminaram velhas canoas, material de escalada; estavam uns trenós amontoados a um canto, sujos de terra. Ao fundo, uma porta aberta deixava ver os pés de uma cama. Sara supôs que aquele fosse o quarto onde Álvaro vivera. Atravessou o armazém. À sua esquerda, na parede, estendia-se uma fiada de capacetes pretos pendurados por ganchos.

— Fora de minha casa! — gritou-lhe Montserrat. Raquel deu um passo atrás, tropeçou no degrau da porta e quase caiu ao chão. Sentiu o calor da vergonha nas orelhas. — O que é que veio cá fazer?! — continuava a gritar-lhe, presa nos braços de Joaquín, que tentava contê-la.

Raquel tentou explicar-lhe que queria saber como estavam, mas da sua boca só saiu um gaguejo desconexo. No jardim da sua casa estava Burgos, que hesitava se devia aproximar-se dela ou seguir Ana, que já regressara ao interior.

— Diga-lhe que fale!! — voltou-lhe a gritar Montserrat enquanto conseguia soltar uma mão do marido e dirigi-la para o sítio onde antes estava Ana.

«Estúpida», disse para consigo. «Como é que esperavas que te recebesse?» Pensava que faria bem a Montserrat falar com Ana. Como se agora a sua filha pudesse ser o bálsamo que a sua amiga tinha sido durante tanto tempo. «Somos a tua família», chegara a dizer-lhe nos dias mais difíceis. Olhou para Montserrat e pareceu-lhe uma estranha; deixou de escutar as suas palavras, praticamente num pranto. Enovelada entre os braços de Joaquín, que lhe pedia para os deixar a sós.

— Sabes que ele não devia estar aqui — dizia-lhe também.

Raquel não encontrava as palavras que lhe permitissem explicar o que sentia. Algo se quebrara.

Uma confiança no olhar da outra. Uma paz ao ver-se reflectida nos seus olhos. Isso já não existia. Ouviu o toque do telefone, a melodia ascendente da sua casa.

— Quer que atenda? — perguntou-lhe Burgos, ainda à porta.

Ela sacudiu a cabeça dizendo que não. Virou as costas para a casa de Montserrat. O telefone tocava cada vez com mais força.

— Sabes que não deverias ter sido tu — conseguiu ouvir antes de sair do jardim.

Uma mulher egoísta, ingrata, era essa a Raquel que tinha visto no olhar de Montserrat. Porquê tal transformação? Que responsabilidade tinha ela sobre o destino? Mas também não quis enganar-se a si própria. Começara a entrever aquela imagem antes de Ana regressar. Quando ela começou a passar mais tempo com Ismael, quando se foi afastando da Fundação. Como se Montserrat a criticasse por querer viver.

— Está bem? — perguntou-lhe Burgos ao entrar na casa dela.

— Sim — respondeu, e só então se apercebeu de que o telefone deixara de tocar. — E Ana?

— Está lá em cima — disse Burgos enquanto subia as escadas.

O desenhador da Polícia saiu da cozinha.

— Bebi um copo de água, espero que não se importe — disse-lhe enquanto se dirigia à sala para recolher as suas coisas.

Raquel viu o bloco sobre o aparador da entrada. O desenhador fizera um retrato de Lucía seguindo as indicações de Ana. No entanto, para Raquel, os traços do lápis retratavam uma desconhecida. O desenho — um emaranhado de linhas que procuravam encontrar a forma correcta do seu queixo, a inclinação dos olhos, a sua expressão — tinha um halo fantasmagórico. Mais uma aparição do que realidade. Pegou no telemóvel e tirou-lhe uma fotografia. O desenhador ainda estava na sala quando o telefone começou a tocar novamente.

Quim já não sabia onde procurar refúgio. Os gritos perseguiam-no como línguas de fogo. Fechou a porta do quarto, mas ainda conseguia ouvi-los. A sua mãe lamentava-se. O seu pai fazia promessas, de quê? Pouco importava. Quim tentava não lhes prestar atenção. Eram dois doentes da derrota. Viciados naquela miséria. Estava convencido de que preferiam que fosse Ana que tivesse regressado. Assim poderiam continuar a regozijar-se nas suas lágrimas, como porcos na lama. Abriu a janela do quarto. A menos de um metro, via-se o tecto do alpendre que havia no pátio das traseiras. Saltou e, depois, desceu dali para o chão. Era a sua porta das traseiras. Houve tempos em que a usava para sair sem ser descoberto. Agora, ninguém o procurava. Nem precisava de se preocupar com a eventualidade de os pais irem ao seu quarto e o encontrarem vazio. Sabia que não o fariam.

— És um acrobata. — E a voz apanhou-o de surpresa.

Olhou em seu redor, mas não encontrou ninguém. A seguir, ouviu apenas «pst!». Desta vez conseguiu identificar a origem e procurou lá em cima, no segundo piso. Ana assomara à janela e sorria-lhe enquanto percorria com uma mão a cabeça rapada. Sentiu um leve tremor, nervos, disse para si, e irritou-se consigo mesmo. Por que razão tinha de sentir aquilo? Por que motivo tinha de sentir o que quer que fosse? Era-lhe indiferente que tivesse regressado. «Sinto muito», pensou, «mas pouco me importa que tenhas saído de entre os mortos.» No entanto, não disse nada. Virou-lhe as costas e saiu de casa sem lhe responder. Conteve a passada, embora lhe apetecesse correr.

Ana ficou uns segundos à janela e viu Quim virar à esquerda logo depois de sair do pátio. Conseguiu ver-lhe a silhueta entre as madeiras da barreira, intermitente, escura, até desaparecer. Não queria virar-se. Sabia que, à porta, estava aquele guarda-civil a olhar para ela. A vigiá-la. E interrogou-se sobre o que mudara na sua vida. Se é que o fizera. As sirenes da Polícia obrigaram-na a virar-se.

Gaizka tinha os olhos inchados, dois globos avermelhados que flutuavam sobre umas bolsas dilatadas por líquidos. A pele só ficava esticada junto às maçãs-do-rostro e caía sem força no resto da cara. Estava faminto. Os braços pendiam da camisa de manga curta como dois ramos secos. Mexia-se balançando-se de tal forma que, por vezes, parecia que ia parar ao chão. Inclina a cabeça para o lado ou erguia os braços à procura de equilíbrio. Apesar de ter completado trinta anos há pouco tempo, parecia mais velho. «Castigado», pensou Sara, «por demasiadas noites como esta.» Conheceu-o no primeiro dia, na esquadra de Barbastro, mas então Gaizka estava sóbrio. Esta manhã, depois de entrar no seu estabelecimento, a polícia localizou-o e trouxe-o até ali. Não cheirava a álcool. Só a fumo.

— Está bem? Pode responder a umas perguntas? — perguntou-lhe Sara, acompanhando-o ao interior.

Gaizka apoiou-se com as duas mãos no balcão, como se, por fim, tivesse chegado a terra firme. Murmurou um «sim, claro» e, ao levantar a cabeça, esboçou um sorriso idiota. Ele próprio certamente se apercebeu do absurdo do seu gesto e, imediatamente, desatou a rir.

- Peço desculpa... é que... devia dormir um bocado ou... tomar um duche, cheiro mal?
- Não me demoro nada. Que tal entrarmos no armazém?
- Se não houver outro remédio...

Tentou erguer-se e seguir Sara, mas o efeito da ganza ainda pairava na sua cabeça. Viu-se a atravessar uma nebulosa, a afastar teias de aranha do seu caminho. Apesar de tudo, não queria sair. Preferia continuar ali escondido. Longe da realidade.

- Quem é que tem estado à frente deste armazém? — ouviu Sara a perguntar-lhe.
- Álvaro... mas, claro... agora... acho que se despediu.

E riu-se da sua própria piada. O que é que Álvaro interessava agora?

- Quando vim, estava aberto e, ao passar, reparei naqueles capacetes...

Gaizka ergueu o olhar para o sítio que Sara lhe indicava. Os capacetes que sempre lhe pareceram cabeças decapitadas.

- São de *paintball*... para andarem aos tiros com tinta — explicou Gaizka.

- Há quanto tempo é que os tem?

— Sei lá... desde que comecei... foi das primeiras coisas que fiz. O *paintball* e os passeios de trenó... mas a seguir apercebi-me de que era preciso aguentar os cães no Verão e descontinuí os passeios...

Sara anotou qualquer coisa num bloco de notas e saiu do armazém. Gaizka sentiu o vento à sua passagem, o seu perfume a afastar-se. E, de repente, sentiu-se frágil. Isolado. Olhou para a polícia, assustado.

— Para já, ficamos por aqui. Não sei se teremos de fazer uma busca mais a fundo — disse Sara sem olhar para ele.

Álvaro passeara por Monteperdido durante a manhã. Olhava para o chão e imaginava que os seus pés voltavam a enterrar-se nas marcas que deixara quatro anos antes. Sentia-se à vontade nas ruas que não haviam passado de uma decoração desfocada enquanto ali viveu. Recordou quando, na meninice, passava o Verão numa povoação de Castellón. Quando chegava o mês de Setembro, voltava para Saragoça. Entrava em casa, e o corredor, a cozinha e o seu quarto pareciam-lhe simultaneamente novos e familiares. Sabia que regressara a casa, embora tudo lhe parecesse estranho. Essa mesma sensação de segurança, de estar no lugar a que pertencia, acompanhava-o agora, enquanto percorria Monteperdido. Comprou uns *croissants* na pastelaria da avenida de Posets e, sem se aperceber, deu por si a assobiar uma canção. A mesma que lhe veio à cabeça quando pisou pela primeira vez aquela vila sob um manto de neve: *Fox in the snow*, de Belle & Sebastian. Desceu a rua que ladeava o adro da igreja e lembrou-se da letra: «*Fox in the snow, where do you go to find something you can eat?*» Ao chegar ao arco que dava acesso àquela praça interior, decidiu entrar. Queria voltar a ver os muros da igreja. Enquanto isso, traduzia para si próprio a letra da canção: «*Raposa na neve. Até onde és capaz de ir para encontrar comida?*» Quantas vezes se sentira assim? Esfomeado, uma raposa na neve, disposta a fazer fosse o que fosse para comer, para não ficar gelada.

Em cada ano lectivo, recordou, fazia uma visita com os seus alunos à igreja de Santa María de Laude. Sobre a portada havia vários relevos. Um cão de cinco patas era o que costumava provocar mais comentários na turma. O animal estava entre flores e parecia seguir uma cadela. Álvaro deixava os alunos especularem sobre o seu significado. Ouvia o que alguns diziam: «É o Diabo, é um símbolo de fertilidade, de certeza que isso são cinco patas? Para mim, o que está pendurado é outra coisa.» E, em seguida, sucediam-se as risadas enquanto ele se afastava. À esquerda do portal havia um cristograma. Um criptograma típico do vale em que as letras gregas X-P simbolizavam o nome de Cristo. Nas aulas, explicava a origem desta simbologia, que remontava ao imperador romano Constantino e a uma visão que teve, na qual, sob essas duas letras, leu o lema: «Com este signo, vencerás.»

«Com este signo, vencerás», dizia Álvaro para consigo, deixando a igreja já para trás. Atravessou a ponte velha. A água do Ésera descia, tranquila, das montanhas. Estava a recuperar o controlo. Não só da situação, mas da sua vida. E desta vez não ia perdê-lo. Até agora, não desfrutara do presente. Obcecado com o futuro quando era jovem, marcado pelo passado mais tarde. Sempre esfomeado. O «hoje» não existira nunca para ele. Foi-se afastando da vila. O troço de estrada que levava à sua urbanização estava povoado pela imprensa, pelo que preferiu entrar no pinhal onde desaparecera Ana, pelo atalho que usavam para regressar a casa quando vinham da escola. Só lhe apetecia chegar e juntar-se a Raquel e Ana à volta da mesa da cozinha. Partilhar os *croissants*, ainda quentes. A luz tingia-se de verde sob os ramos das árvores. Levantou o olhar para um céu que as copas tapavam. Pareceu-lhe bonita, aquela floresta.

Quando Sara chegou à esquadra, Santiago já dera início ao interrogatório. Antes de entrar, viu o rosto de Álvaro Montrell através do espelho. Estava tenso, mas não parecia derrotado. Sobre a mesa havia fotos dos capacetes de *paintball*, um desenho que se fizera do capacete do raptor de acordo com a descrição de Ana. A coincidência era absoluta. Víctor estava sentado em frente ao espelho de dupla face. Tinha sido ele a encarregar-se de algemar Álvaro à porta da casa deste. À frente dele havia um saco de pastelaria com *croissants*.

— Reconheceu alguma coisa? — perguntou Sara.

— Nada — disse-lhe Víctor, sem afastar o olhar da sala contígua.

Sara entrou, pegou numa cadeira e sentou-se junto a Santiago. Álvaro nem sequer se mexeu para olhar para ela. Continuava com o olhar perdido num ponto indeterminado do aposento, como se estivesse a rever mentalmente o que ia dizer em seguida.

— Se nos ajudar, será tudo mais fácil — avisou-o Santiago. — A sua filha está a salvo, mas não sabemos qual é a situação de Lucía. Como é que ela se encontra.

— Eu não sou a única pessoa que tem acesso a esses capacetes — disse Álvaro como se o tivesse repetido já um milhão de vezes.

— Está à frente do armazém, deu pela falta de algum deles?

— Comecei a trabalhar lá há quatro anos. Nessa altura, quem quer que o tenha feito já teria certamente obtido o capacete.

— Mas já tinha entrado antes no estabelecimento de Gaizka — interveio Sara. — Já eram amigos.

— Vale a pena eu dizer alguma coisa? — E, desta vez, Álvaro olhou Sara nos olhos. — Parece que já me consideram culpado.

— O que parece é que não quer deixar de o ser — atalhou Santiago. — Porque não me diz onde estava no dia em que a sua filha apareceu?

— No meu quarto, em Posets. Nesse dia, não havia excursões. Ninguém apareceu por lá. Estamos bem, não é? O meu álibi é uma merda. — A frustração começava a despontar no depoimento de Álvaro.

— Como soube que ela estava no hospital de Barbastro?

— Foi Gaizka que me telefonou.

— Porque é que não tinha contado a ninguém que continuava no vale?

— Ainda é preciso explicar? Toda essa gente ficou com a ideia de que eu tinha raptado as raparigas. Não me sobraram muitos amigos...

— E porque é que não fugiu?

Álvaro olhou para Santiago. Respirou profundamente e murmurou: — Não era capaz de me afastar... por causa de Ana...

— Voltemos cinco anos atrás — disse Santiago, rebuscando num relatório que tinha sobre a mesa. — O dia do desaparecimento. Já nessa altura não arranjou forma de justificar onde se encontrava...

Por um momento, Álvaro voltou a recordar o cão talhado na igreja. As alusões sexuais que os seus alunos imaginavam. Ele sabia que essa interpretação não estava correcta. O cão era um símbolo de caça. O principal meio de subsistência no vale. A caça estava no sangue daquela gente. E ele era a presa.

— Disse que tinha estado com uma aluna, Elisa Nerín... No entanto...

— Ela inventou uma data de tretas — interrompeu-o Álvaro. — Vamos insistir nisso?

— Não se apercebe da sua situação? — Santiago afastou os papéis da mesa. — É incapaz de dizer onde estava no momento do rapto e agora, quando Ana voltou. Tinha esses capacetes à sua disposição... deixe lá de se fazer de vítima, senão vai-lhe ser muito difícil sair daqui.

— Naquele dia, fui ter com ela — declarou Álvaro. — Elisa tinha estado toda a noite na borgia. Tinha tomado umas pastilhas e ainda estava pedrada... tinha medo de que o pai dela a visse naquele estado. Não sei se conhecem Marcial... Eu só tentei protegê-la.

— Devido à relação que tinham?

— Essa história de andarmos enrolados foi ela que a inventou — respondeu Álvaro com desprezo.

Sara deixava que fosse Santiago a conduzir o interrogatório. Entre as suas mãos, debaixo da mesa, tinha o saco. Esperava o momento adequado.

— Porque havia de inventar uma história de abusos? — perguntou Santiago. — Se o pai era tão severo, não parece que fosse a atitude mais inteligente...

— E quem lhe disse que temos sempre a atitude mais inteligente?

— Ou seja, na sua opinião, Elisa queria prejudicá-lo.

— É possível — murmurou Álvaro.

— Então deveríamos esquecer o testemunho de Elisa. Ela mentiu quando contou que tinha uma relação consigo e que não o viu no dia em que as raparigas desapareceram.

— Isso mesmo.

Álvaro olhou para os polícias; julgou ver confiança nas suas palavras. Seria a primeira vez que alguém admitia a sua história?

— Nunca manteve uma relação com Elisa Nerín. Nem antes nem depois — disse Sara como se, com isso, quisesse arrumar a questão.

— Claro que não — insistiu Álvaro e sentiu o corpo começar a relaxar.

— Então porque será que encontrei isto no seu quarto em Posets?

Sara puxou então do saco de plástico selado. Dentro havia um gancho de cabelo com um pássaro violeta de feltro. Pousou-o sobre a mesa e empurrou-o na direcção de Álvaro.

— Elisa faz este tipo de ganchos. São mesmo bonitos — acrescentou enquanto analisava a reacção de Álvaro.

— Há algum tempo... — balbuciou Álvaro. — Há um ano, mais ou menos... Elisa apareceu lá no estabelecimento. Não sei como teve conhecimento de que eu estava lá... falámos um bocado. Disse-lhe que não queria voltar a vê-la... quando se foi embora, reparei que tinha deixado lá esse gancho, se calhar, deixou-o cair...

— E, durante essa conversa — continuou Sara —, não lhe pediu desculpa por ter mentido no seu depoimento?

— Sim — disse Álvaro, consciente da trapalhada em que aparentemente se metera.

— Que oportuno. — Sara sorriu. — Então não haverá problema se falarmos com ela. Se, desta vez, confirmar a sua história, terá aí o seu álibi.

Álvaro ficou tenso. Estava cansado daquela perseguição. As mesmas suspeitas, o mesmo cinismo de há cinco anos. Outra vez sobre ele. Cravando-se como lanças no seu corpo.

— Vou ficar detido? — perguntou.

Raquel deixou-se cair no sofá com o olhar perdido no chão. Tinha um vazio no estômago que a fazia sentir-se enjoada. Burgos aproximou-se dela, pegou-lhe na mão. Gostaria de se soltar com brusquidão, mas não tinha forças. Era um pulso de pano, desfiado. Na sua cabeça, ainda soava o eco das sirenes da Polícia. Sabia que o seu dever era ir para a cozinha, ficar ao lado da filha. Porque não se atrevia a fazer-lhe a pergunta directamente? Foi o teu pai que vos fez mal?

*

Ana ergueu-se, irritada, e, ao fazê-lo, atirou o prato ao chão. A fatia de *candimus* espalhou-se pelo chão, o leite-creme deixou um rasto aguado. A porcelana do prato bailou sobre as lajes com um barulho agudo até ficar deitada.

— É assim que vão encontrar Lucía?! — gritou. — A deter o meu pai?

Burgos saiu atrás da rapariga que corria escadas acima.

— Só tinham de lhe fazer umas perguntas, Ana — disse-lhe o guarda-civil. — Não ficou detido.

— Mas não o deixam vir ver-me! — gritou ela outra vez.

Abriu a porta da casa de banho e entrou. Burgos deteve-se quando ela bateu com a porta.

— Deixe-me respirar — ouviu a rapariga a dizer do outro lado da porta.

Esteve prestes a sair da estrada. As rodas pisaram a berma estreita de terra. À sua direita, protegido por pequenas guardas de segurança, abria-se um barranco. Gaizka fez o possível por se concentrar na estrada. Tinha de reprimir os seus medos. Não havia trânsito. As medidas de controlo da Polícia tinham estancado o fluxo de turistas. A maioria ficara na parte baixa do vale, em Ordial ou em Val de Sacs. Eram poucos os que mantinham as suas reservas em Monteperdido. Em comparação com o Verão anterior, o negócio corria muito mal. Noguera telefonara-lhe a queixar-se. O guia trabalhava à comissão. «Que se foda», pensou Gaizka. Estava a chegar ao hotel de La Guardia. A estrada ia-se estreitando à medida que subia, competindo com o cume da Kregüeña, para, após a última curva, deixar entrever o hotel no sopé da montanha e dar lugar a um caminho de terra que terminava num terreiro que fazia as vezes de parque de estacionamento. Era o lugar habitado mais alto do vale. Velha paragem de peregrinos, Serna convertera-o num hotel de luxo.

Gaizka encontrou-se com Serna no miradouro. A uns duzentos metros do hotel, o despenhadeiro da montanha tornava-se um lugar privilegiado para contemplar o vale das alturas. Lá em baixo estavam espalhados os pequenos núcleos urbanos: Posets, Monteperdido, Ordial... O rio Ésera era um fecho-éclair serpenteante que unia cada um dos pontos.

— A Polícia anda de porta em porta. Tenho de fazer alguma coisa — disse-lhe Gaizka à laia de cumprimento. Serna olhou-o com um gesto de surpresa. — Dispensó cumprimentos e comentários de merda sobre a beleza desta paisagem. Estou mesmo entalado, Serna.

— E o que é que queres que eu faça?

— Preciso de sair do vale. Até a coisa acalmar. Tens uns armazéns em Barbastro... deixa-me usar um...

— Sempre foste um desastre a negociar, Gaizka — disse-lhe Serna. — É nestas alturas que me

interrogo sobre o que eu ganho em ajudar-te... quero lá saber que estejas acagaçado...

Gaizka apoiou-se na varanda do miradouro. A verdade é que a vista o fazia sentir-se poderoso. Como se pudesse prender num punho toda aquela gente que se movimentava pelo vale.

— Acho que perdeste isto — disse-lhe Sara, chegando-lhe o saco com o gancho.

Elisa pegou no saco e olhou com toda a atenção para o pássaro violeta. Olhos grandes, como se fossem ovos, asas esticadas. Bico rosado. Quando fez o gesto de abrir o fecho hermético, Sara deteve-a.

— Ainda não to posso devolver.

— Porquê? — perguntou Elisa. Olhava por cima dos ombros de Sara, na Recepção da estalagem, como se temesse que alguém entrasse e pudesse dar com elas.

— Desde quando é que sabias que Álvaro Montrell estava em Posets?

Elisa encolheu-se, escondeu as mãos nos punhos da camisola e olhou para os lados, fechada atrás do balcão, à procura de uma saída.

— Eu não tenho nada que ver com ele.

— Tem calma, Elisa — disse-lhe Sara, pegando-lhe na mão. — Só quero saber se foste lá acima ter com ele.

Era como uma erva fustigada pelo vento. A ponto de quebrar, pensou Sara, mas também flexível. Capaz de suportar as investidas.

— Uns turistas que foram fazer uma excursão falaram-me dele. Há coisa de um ano. Eles não sabiam quem era — disse Elisa. — Fui ter com ele uma noite.

— Porquê?

— Sabe o que é que ele me fez?

E os olhos esquivos de Elisa cravaram-se em Sara. Não havia ira, havia segurança. A que se esfumara das suas imagens de adolescente.

— O que se passou por lá?

— Disse-lhe que saísse do vale. Que, se não o fizesse, contaria a toda a gente onde é que ele estava.

— Mas não o fizeste. Porquê?

— Tive medo.

A fragilidade voltava a dominá-la. Sara teve a impressão de que duas mulheres diferentes se alternavam sob a pele de Elisa. Prevalencia a rapariga fraca e dócil. Mas, por vezes, a outra Elisa deixava-se ver. Embora as suas aparições fossem como relâmpagos, parecia estar no comando. Parecia ser capaz de conduzir Elisa, dócil, aonde quisesse.

— E agora? Voltas a ter medo? — perguntou-lhe Sara.

A loja de armas Nerín ficava no rés-do-chão de um prédio de três andares que fazia esquina com a praça do Município. O tilintar de umas campainhas penduradas sobre a porta espalhou-se pelo estabelecimento quando Santiago entrou. As estantes das janelas, onde estavam expostas as armas, impediam a entrada de luz natural, e a loja estava imersa numa penumbra apenas atenuada por uma lâmpada fluorescente amarelada que pendia sobre o balcão.

— Está alguém? — perguntou Santiago, aproximando-se do balcão. Ficou à espera de resposta, mas ninguém lha deu.

Olhou em redor e não tardou a aperceber-se de que aquele estabelecimento vivia os seus últimos dias. As armas e os apetrechos de caça que enchiam as estantes pareciam ter sido recentemente retirados de velhos baús, como se tivessem entrado num leilão. De repente, sentiu-se pouco à vontade: no final do balcão, uma idosa em cadeira de rodas fitava-o. Santiago sorriu, nervoso.

— Olá... Marcial Nerín está?

A mulher não respondeu. Os seus olhos continuavam cravados nele, embora agora tivesse a impressão de que o seu olhar o atravessava, perdendo-se mais além. Deu uns passos para um lado, afastando-se da linha traçada pelos olhos da mulher, mas esta não reagiu; permaneceu imóvel na cadeira de rodas. Santiago supôs que talvez fosse cega, mas a intervenção de Marcial mostrou-lhe que estava enganado.

— É como se cá não estivesse — disse, saindo de um pequeno aposento situado atrás do balcão.

— Tem Alzheimer há três anos. Passados alguns meses, começou a esquecer coisas, a não reconhecer as pessoas... e ficou neste estado. Ainda faz o *disná*...

— «A comida». — Santiago traduziu o regionalismo. — Lamento imenso. É a sua mãe?

Marcial disse que sim com a cabeça, sentindo-se algo incomodado por Santiago entender o *patués*.

— *Charré prou mal el patués* — disse-lhe o inspector. — Preferia que falássemos em castelhano.

Marcial Nerín aproximou-se da mãe, para lhe voltar a tapar as pernas com uma manta. Ao ver como se movia, Santiago voltou a pensar num animal, um javali, a andar entre as árvores da

floresta. Tratava a mãe com delicadeza, uma besta que tenta não magoar um bebê com os seus dedos desajeitados.

— Estamos a fazer uma série de perguntas de rotina a todos os habitantes, como sabe. — Marcial disse que sim com a cabeça, olhando desconfiado para o polícia, como se tivesse de fazer um esforço para calar o que pensava daquela decisão. — É o protocolo. Caso se lembre, preciso de que me diga onde estava quando as raparigas desapareceram e, também, no dia em que Ana apareceu.

— Já disse à polícia que estive aqui há cinco anos onde é que eu estava.

— E importava-se de o repetir?

— Aqui, na loja de armas. Estava a trabalhar.

Santiago apontou num bloco de notas e sorriu-lhe, como se aqueles dados não tivessem a mínima importância.

— Há muita caça em Monteperdido?

— Corços, camurças, veados, javalis... Não nos podemos queixar.

— É uma fonte de receitas para a vila. As licenças de caça, as armas — disse-lhe Santiago, apontando para as estantes da loja.

Marcial percebeu aonde é que o polícia queria chegar e, enquanto arrumava uma caixa de cartuchos que estava sobre o balcão, viu-se obrigado a reconhecer que não beneficiava por aí além daquele auge da caça. A maioria dos caçadores comprava na cidade, em lojas especializadas, com as quais ele já não podia competir.

— Se conseguir trespassar a loja, largo o negócio, que já ando há muitos anos nisto — concluiu Marcial.

— A sua filha não tem interesse em dar continuidade? — O semblante desconfiado de Marcial encontrou o sorriso de Santiago, que insistiu em aparentar que desviara o assunto para encetar uma conversa banal. — A minha colega e eu estamos hospedados na estalagem La Renclusa... onde trabalha Elisa... suponho que trabalhar neste ramo é melhor do que andar a limpar quartos.

— Os filhos querem fazer seja o que for, desde que não seja o mesmo que os pais — respondeu Marcial, secamente.

— O meu pai era advogado, e posso garantir-lhe que não há nada de que eu goste menos do que de um advogado — gracejou Santiago, e, a seguir, sem perder aquele ar de camaradagem, acrescentou: — Ainda bem que não levei nenhuma lambada por não ter dado continuidade ao escritório dele.

— Eram outros tempos — atalhou Marcial, com secura.

Marcial deixou de arrumar coisas atrás do balcão e fixou o seu olhar em Santiago. Sério, sem se esconder, como se o estivesse a desafiar a fazer-lhe a pergunta que o polícia tinha na cabeça. As sombras e as rugas finas da sua pele formavam um estranho desenho no seu rosto animal.

— Isto não tem nada que ver com o protocolo, não é verdade? — disse, por fim, Marcial, rompendo o silêncio.

— Não deve ter sido nada fácil criar uma filha sozinho.

— Nunca é fácil criar uma filha.

Santiago anuiu, compreensivo. Depois de pigarrear, como se lhe custasse falar do assunto, quando, na verdade, não lhe custava absolutamente nada, disse: — Estamos a rever os arquivos da investigação, e, entre essas diligências, a relação que havia entre Álvaro Montrell e a filha.

— Esse malvado aproveitou-se de uma rapariga. Não sei o que lhe posso dizer mais. Que não gosto de o ver outra vez a andar pela vila, tal como qualquer outro pai que tivesse vivido o que eu vivi também não gostaria.

— Mas não houve provas suficientes para o levar a tribunal; refiro-me à relação com a sua filha: não ficou provada.

— Uma coisa são as leis, outra coisa é a vida. Não me diga que não sabe.

— De cor e salteado — admitiu. — Mas é para isso que cá estamos: para as leis se parecerem o mais possível com a vida...

— Hei-de acreditar nisso quando vir Álvaro na prisão.

Não podia culpá-lo pelo seu rancor. Santiago passara muitas vezes por isso: pais que vêem com impotência como os monstros que fizeram mal aos seus filhos conseguiam escapar graças aos labirintos judiciais. O polícia admitiu uma vitória a Marcial com o seu silêncio, mas, antes de sair, acrescentou: — Ia-me esquecendo; também preciso de que me diga onde estava no dia em que encontrámos Ana.

— Estava em Barbastro. No hospital. A minha mãe anda a fazer diálise e tenho de vir à povoação todas as semanas, dois dias.

Santiago olhou para a mãe de Marcial; consumida pelas doenças, na cadeira de rodas, resistindo à morte como o culpado que insiste na sua inocência quando todas as provas estão contra ele.

O telemóvel tocou, mas não lhe prestou atenção. Montserrat continuava perdida numa espiral de sentimentos que detestava. Não conseguia desprender-se deles: inveja, rancor, raiva... e uma sensação de superioridade que tentava afastar. Joaquín falava ao telefone sem cessar. Ligava para a Polícia e, quando não o atendiam, marcava o número dos agentes da esquadra, um por um, até que soube que Álvaro tinha sido posto em liberdade. Eram dois estúpidos a exigir o seu trono. Montserrat tentava convencer-se disso. Pegou no telemóvel para subir para o seu quarto e dormir. Usava o telemóvel como despertador. Foi então que viu a mensagem. Pensou que se tratasse de um pedido de desculpas de Raquel. Hesitou em abri-la. Uma fotografia ocupou o visor do telemóvel. Um desenho a lápis. «É a tua filha», escrevera-lhe Raquel. «De certeza que vais poder abraçá-la em breve.»

Ao princípio, Montserrat foi incapaz de agrupar os traços do retrato. Saíam disparados, desligados. Os cabelos compridos e lisos caíam-lhe sobre os ombros e pareciam prender-lhe a cara. Os olhos achinesados, ligeiramente descaídos nas pontas; um nariz forte, que lhe fez lembrar o de Joaquín, como o queixo, algo proeminente; os lábios arqueados num sorriso suave que interpretou como uma liberdade do desenhador: que motivo tinha Lucía para sorrir? Montserrat agarrou-se ao corrimão das escadas enquanto todos aqueles elementos lhe andavam às voltas na cabeça e ela procurava forma de os encaixar.

— Joaquín — disse —, é Lucía.

E estendeu-lhe o telemóvel, para que visse a fotografia.

As paredes da casa estavam povoadas de retratos de Lucía, os seus sonhos também. Como iria substituir a imagem da filha por aquele fantasma a lápis?

Estava a anoitecer. Quim estava descalço, com os pés à beira-rio. A corrente fazia-lhe cócegas na planta dos pés. Deu uma passa na sua ganza e entregou-a a Ximena.

— Viste-a? — perguntou-lhe ela, depois de dar uma passa com força.

— De relance — disse-lhe Quim sem afastar o olhar da água.

— Como é que é?

Quim encolheu os ombros. Pensou em Ana, que assomara à janela do quarto. «És um acrobata», dissera-lhe. Ao recordar aquela palavra, esboçou um sorriso. Acrobata. Quem é que diz uma coisa dessas? Era uma palavra absurda para uma rapariga que tinha sido raptada aos onze anos. Como é que a aprendera? Talvez a tivesse imaginado como uma pequena selvagem. Com uma enorme cabeleira desgrenhada, a falar por grunhidos. A comer com as mãos e com a pele suja de terra. Um animal da floresta.

— Eh — Ximena deu-lhe uma cotovelada —, ainda apanhas uma moca — disse-lhe com um sorriso.

— Bolas, é deste haxixe. Não sei onde é que Gaizka o foi buscar, mas nem queiras saber como bate...

— E como é Ana? — insistiu Ximena.

— Sei lá. Normal.

Ximena soltou uma gargalhada. Quim olhou para ela sem compreender o seu riso.

— Esteve cinco anos sequestrada, e ainda dizes que é normal — disse por fim Ximena, quando conseguiu conter o riso.

A Recepção estava vazia. Tocou à campainha várias vezes e o som espalhou-se pela estalagem La Renclusa como uma corrente eléctrica silenciosa. Ficou à espera, até que ouviu uns passos a descer as escadas. Elisa ficou parada ao entrar na Recepção.

— Álvaro — murmurou —, o que fazes por aqui?

— Não me deixam voltar para casa. Preciso de um quarto.

Tu é que vais ter o controlo, disse Álvaro para consigo. Desta vez, ninguém te vai tirar o que te pertence. Numa caçada, a presa tem duas opções: fugir ou matar o caçador. Já tentara fugir e verificara que não servia de nada. Fugir uma vez obriga-nos a continuar a fugir sempre. Em Monteperdido sentia-se mais seguro. Conhecia os hábitos dos outros animais. Podia combatê-los.

Subiram em silêncio ao segundo piso. Elisa caminhava à frente. Ele levava às costas uma pequena mochila com roupa. Ficou à espera de que Elisa abrisse a porta do quarto.

— Em que piso é que estão os polícias? — perguntou Álvaro.

— No terceiro — disse-lhe Elisa, evitando o seu olhar. — O pequeno-almoço é das oito às...

— Porque não entras? — perguntou-lhe Álvaro, segurando-lhe no braço. — Gostava de falar contigo.

Elisa estremeceu. A pressão da mão de Álvaro no seu braço irradiava uma onda de calor por todo o seu corpo. Sentiu-se suja quando se apercebeu de que estava excitada.

— Entra — insistiu Álvaro.

E empurrou-a suavemente para o interior. Entrou atrás dela, fechou a porta nas suas costas e não

acendeu a luz. O clarão de uma Lua amarelada, tapada por nuvens, era toda a iluminação que havia.

— A Polícia andou a fazer perguntas sobre nós — disse-lhe Álvaro.

— Também falaram comigo — murmurou Elisa. Álvaro aproximou-se dela. Elisa conseguia sentir-lhe a respiração quente.

— E o que é que lhes disseste?

— Que me metes medo.

Elisa ergueu a cabeça e o seu olhar cravou-se em Álvaro. Nos seus olhos azuis e no seu cabelo branco, que lhe caía sobre a testa como a espuma de uma onda. A seguir, Elisa sorriu.

— E é verdade — disse-lhe ela.

— Tens de lhes contar a verdade. — Álvaro não queria que parecesse uma súplica.

— E qual é a verdade?

— Elisa, por favor: não te parece que a brincadeira já durou tempo suficiente?

— A mim, ainda me diverte — respondeu-lhe.

Álvaro afastou-se de Elisa. Deu uns passos, cabisbaixo, e sentou-se na cama.

— Não me deixam aproximar-me de Ana — disse com a cabeça mergulhada entre as mãos. — Não posso tocar na minha filha nem falar com ela. E ela precisa de mim, será que não percebes?

Quando Álvaro ergueu a cabeça, tinha os olhos banhados em lágrimas, e Elisa pensou na forma como o Verão desfazia os glaciares da montanha.

— Não chores, por favor. — Custava-lhe vê-lo assim.

Elisa aproximou-se dele, pôs-se de cócoras, com as mãos sobre os joelhos de Álvaro.

— Grande merda — deixou escapar Álvaro, tentando enxugar as lágrimas. — Ajuda-me!

Elisa acariciou-lhe o rosto. Álvaro pôs a sua mão sobre a dela. Suavemente, conduziu-a até ao seu peito. Quando a soltou, Elisa desceu com uma carícia até ao seu ventre. Ele pegou-lhe no queixo, ergueu-lhe a cara e aproximou a sua boca. Sentiu a respiração entrecortada de Elisa ao beijá-la. Tremia como uma rapariga assustada. Ao separar os seus lábios dos dela, viu que estava a chorar.

— Estás assustada? — perguntou-lhe.

— Estou feliz — disse ela.

Álvaro deitou Elisa na cama. Sem deixar de a olhar nos olhos, desabotoou-lhe o casaco de malha, tirou-lhe a *T-shirt* e depois, o sutiã. Beijou a pele por baixo dos seus seios. Ela suspirou. Uma fina chuva sarapintava o vidro da janela. Uma chuva silenciosa.

O pára-brisas oscilava com vastos intervalos. Não deixara de chover desde a noite anterior. Uma chuva invisível, que humedecia o chão e os vidros mas que mal molhava quem caminhasse debaixo dela. Sara tomou conhecimento da decisão de Víctor quando, de manhã, Telmo foi buscá-la à estalagem em vez dele.

— É que ele está no rio com o pessoal da Confraria — informou-a o agente.

Enquanto perdia o olhar pela janela, Telmo contava por que motivo Víctor requisitara todos os efectivos da Guarda Civil para limpar o rio. De momento, a chuva era suave, mas, de acordo com as previsões, haveria trovoadas nos próximos dias.

— E só a Guarda Civil é que pode fazer isso? — perguntou-lhe Sara.

— Também está lá a Confraria. Aqui, toda a gente mete a mão na massa — acrescentou, orgulhoso.

Era estranho falar com Telmo. O seu físico, extremadamente comum, não combinava com a sua voz profunda e grave, como a de um locutor radiofónico, e Sara, de cada vez que o escutava, olhava-o perplexa, como se estivesse à espera de descobrir o truque a qualquer momento; o homem que realmente tinha aquela voz e que se escondia atrás do agente da Guarda Civil.

Deixaram à direita o desvio para Posets. Continuaram a subir pela estrada até apanharem um caminho de terra que os levava à margem do rio. Atravessaram uma mata de bétulas. «Aqui, se não formos nós a fazer isto, ninguém vem cá fazer», dissera-lhe Telmo.

— Agora, está tudo verdinho e muito agradável, mas nem sabes como é difícil viver nesta vila no Inverno. Há dois ou três metros de neve. A estrada cortada. Por vezes, nem conseguimos abrir a porta de casa... Ou alguém nos ajuda ou passamos um mau bocado.

Deteve o carro junto ao rio. Uns metros mais acima, umas trinta pessoas trabalhavam em ambas as margens. Conforme se aproximava, o barulho das roçadoras tornava-se ensurdecedor. Sacos de lixo repletos de ramos e silvas acumulavam-se na parte de trás de uma camioneta da Confraria. Tinha um escudo pintado na porta, uma estrela de oito pontas sob a qual se lia SANTA MARÍA DE LAUDE. Lembrou-se do símbolo dos pires para café da Sociedade de Caçadores. Pouco depois, viu o jipe de Víctor. Marcial Nerín, junto a outros, esforçava-se por tirar pedras do rio. Estavam tapados pelas árvores, e a chuva só era perceptível na superfície do rio, arranhada pelas gotas. Teve de gritar para se fazer ouvir. Marcial, com um gesto, indicou-lhe um ponto ligeiramente mais acima, onde o rio estreitava sob a pressão da vegetação. «Víctor, anda por ali», disse-lhe depois. Viu Rafael Grau, o

irmão de Montserrat, tal como outras caras com as quais se tinha familiarizado através dos relatórios. Todos os agentes da Guarda Civil estavam a trabalhar na limpeza do rio. Víctor esforçava-se por roçar a ribeira e não ocultou um gesto de surpresa quando viu Sara aproximar-se.

— Vens dar uma ajudinha? — perguntou-lhe, esboçando um sorriso.

— Telefonei-te várias vezes — respondeu-lhe Sara.

Víctor, em vez de responder, preferiu prosseguir com a sua tarefa. Meteu-se no rio. A água chegava-lhe à cintura. Sara fazia o possível por convencê-lo.

— Se precisam de limpar isto, ótimo. Chamem o SEPRONA^[4] ou quem for responsável pelo rio. Mas não podes fazer desaparecer todos os agentes.

— Burgos continua de plantão na casa de Ana — respondeu-lhe Víctor enquanto tirava seixos rolados do leito do rio, que outros se encarregavam de levar para longe.

Sara decidira não criar mais tensão além da necessária, mas custava-lhe controlar a raiva. Até agora, tinham mantido a vila sob um controlo estrito. Um controlo que se esfumara com uma chuva absurda.

— Manda a tua gente daqui para fora. Preciso deles lá em baixo, na vila, a recolher depoimentos, a processar as provas do refúgio. E a estrada de acesso à vila? Quem está no posto de controlo?

— Neste momento, ninguém — disse-lhe o sargento.

— Que raio de brincadeira é esta, Víctor? Não és assim tão parvo, pois não? Queres que te suspendam ou coisa do género? É isso?

Víctor continuava entre as águas do rio. O seu impermeável estava escuro por causa da água. A seguir, deixou o olhar perder-se rio abaixo.

— Não fazes a mínima ideia dos estragos que este rio pode causar. O que a ti parece uma estupidez é o que nos mantém vivos no vale.

O guarda-civil saiu do rio, arrastando água até à margem.

— E tu? — perguntou-lhe Sara. — Sabes que, graças a ti, é possível que nunca venhamos a encontrar Lucía?

— O que ninguém quer é encontrá-la morta, Sara. As chuvas vão intensificar-se. Se não limparmos o rio, ele galgará as margens. Aqui, sabemos muito bem o que isso significa. E não queremos que volte a acontecer. Se quiseres, liga para os teus superiores. Ou para o ministro da Defesa. Para mim, é igual ao litro. Eu não vou sair daqui enquanto a vila não estiver segura...

Víctor afastou-se sem esperar a sua resposta. Misturou-se com os circunstantes, homens da Guarda Civil e da Confraria. Só algumas mulheres. Entre elas, Sara reconheceu Caridad. Primeiro ficou admirada quando a viu rodeada pelas gentes da vila, mas depois ficou mais sossegada. Chegara a pensar que aquela mulherzinha com quem por vezes se encontrava e falava era um fantasma. E, agora, ali estava ela, empenhada e a trabalhar juntamente com os demais, como se fizesse parte da colmeia.

*

Quando voltou à esquadra, Elisa esperava-a no seu gabinete. Viu-a sentada, de costas para a porta. Brincava com uma esferográfica, tamborilando sobre a secretária, e interrogou-se que rosto da rapariga veria hoje.

— Elisa? — disse-lhe Sara ao entrar.

— Peço desculpa por ter entrado — respondeu Elisa. — Mas como não havia ninguém na esquadra...

— Não faz mal. — Sara deitou uma vista de olhos à secretária. O caos de papéis impossibilitava-a de decifrar se a rapariga mexera neles. — Aconteceu alguma coisa?

— Quero contar a verdade — disse-lhe ela.

Sara deixou-se cair na sua cadeira. Fingiu-se surpreendida e sorriu-lhe.

— Já não me tinhas contado?

— Tudo o que disse sobre Álvaro era um chorrilho de mentiras.

— Importas-te? — perguntou Sara, ligando o seu gravador.

Elisa ficou a olhar para o aparelho um instante antes de continuar a falar.

— Claro que não — disse-lhe, saindo daquela breve abstracção.

Trazia uma camisola de alças justa. Apanhara o cabelo atrás com aqueles ganchos artesanais que ela própria fabricava. O rosto descoberto. Os olhos escuros. A dúvida desaparecera. Elisa assumira o comando de Elisa.

— Por onde queres começar? — perguntou-lhe Sara.

— Quando Ana e Lucía desapareceram, Álvaro estava comigo — disse-lhe sem vacilar.

Sara preferiu guardar silêncio durante uns segundos. Esperar. Deixar que um ruído branco cercasse Elisa. Queria pôr à prova aquela aparente segurança.

— Não foi isso que me contaste até ontem — disse-lhe Sara.

— Foi a Sara que me fez ver que não podia continuar assim.

— Obrigada, mas não sei se sou digna de tanto mérito.

— É verdade. Devo-lho a si.

— Podes então contar-me o que se passou naquele dia?

— Tinha saído nessa noite. Estive primeiro em Monteperdido e, a seguir, vim até Val de Sacs. Estive a beber e também tomei umas pastilhas. Duas ou três, acho eu. Quando amanheceu, ainda estava na borgia e, a seguir, continuei. Lá para as três da tarde, ou coisa assim, comecei a sentir-me agoniada, porque a moca não passava. O meu pai tinha pernoitado em Barbastro por causa de uma questão qualquer com a minha avó, por isso é que pude sair... mas já devia ter regressado à vila. E eu também. Tive medo de voltar para casa... estava demasiado pedrada... foi por isso que liguei a Álvaro. Para ele me vir buscar à minha casa de Val de Sacs e me ajudar a recompor-me...

— E, segundo dizes, ele foi mesmo ter contigo.

— Esteve comigo umas duas horas. Até que começámos a discutir. Deixou-me na paragem do autocarro e foi-se embora...

— O que se passou nessas duas horas?

Elisa Nerín escondeu o olhar, mas não era um gesto de vergonha por se ver obrigada a contar uma coisa pouco clara, mas o semblante maroto de uma adolescente que se diverte com a sua mentira.

— Eu queria ir para a cama com ele — acabou por dizer. — Estava apaixonada por Álvaro desde que ele chegara ao instituto. Não o conseguia tirar da cabeça. Com tudo o que tinha tomado naquela noite, perdi todo o recato... insisti demasiado... até que ele se chateou e me levou ao autocarro.

— Nunca tiveste nada com ele?

— Quem me dera. — Os seus olhos brilharam com a ilusão do impossível. — Quando tive conhecimento de que continuava aqui, em Posets, fui ter com ele... pedi-lhe desculpa por todas as mentiras que tinha dito. Eu só queria que ele me amasse... mas... cheguei a pensar que me odiava. E não voltei a ir lá...

— Prejudicaste-o bastante.

Elisa encolheu os ombros. Estava sentada, direita, e começara a olhar para o gabinete, como se a conversa já a entediasse.

— Dava-me imensa raiva sentir-me rejeitada por ele... e pensei: agora é que vais ver. Era uma chavala. — Mas nem ela acreditou naquela justificação.

— Muito bem. Eras uma chavala — admitiu Sara. — E, se calhar, as coisas foram mais longe do que estavas à espera. As raparigas não apareciam, toda a gente se voltava contra Álvaro... e mesmo assim não te passou pela cabeça contares a verdade?

— Conhece o meu pai? — perguntou-lhe Elisa. Voltara a concentrar-se em Sara. Não era capaz de falar de Marcial com aquela aparente irrelevância. — Não podia voltar atrás.

— Continuas a estar apaixonada por Álvaro?

— O que é que isso interessa? — Sara guardou silêncio. Deixou que Elisa se visse obrigada a continuar a falar. Apercebera-se de que, quando se mostrava assim, decidida e brincalhona, o silêncio a incomodava, como se fosse um buraco no qual se pudesse afundar, reaparecendo com a sua outra personalidade, frágil e aterrorizada. — Sim, ainda gosto dele. E suponho que será assim para sempre — acrescentou, com pressa de tapar o vazio.

Sara ergueu-se e aproximou-se da janela do seu gabinete. Dali podia ver o pinhal onde tinham raptado as raparigas. A chuva parecia mais intensa. Estavam a formar-se alguns charcos na terra que circundava a esquadra. Se não parasse depressa, iria ficar um lamaçal.

— Já me posso ir embora? — perguntou Elisa. — Tenho de voltar para a estalagem.

— Claro — disse-lhe Sara sem se virar para ela. Uma sensação incómoda estava a apoderar-se da polícia. Pegajosa. Como se estivesse a andar sobre alguma coisa suja, putrefacta. Acompanhou Elisa até à saída. — Obrigada por me teres contado isto tudo.

— Não queria que Álvaro voltasse a passar pelo mesmo — disse-lhe ela, levantando-se.

— Fizeste bem, mas não sei se será suficiente.

Elisa deteve-se no patamar da porta. A mão de Sara nas costas convidava-a a sair, mas ela resistia.

— Como é que não será suficiente? — perguntou-lhe.

— Mudas o teu depoimento passados cinco anos. É muito tempo. De repente, é idêntico ao de Álvaro. Um homem por quem estás apaixonada. Como posso ter a certeza de que o que me estás a dizer agora não é mentira? Acredito em ti, mas não sou a única nesta investigação...

— Pergunte a Gaizka. Fale com ele.

— O que é que ele tem que ver com isto? Deu trabalho a Álvaro durante estes anos...

— Naquela noite... estive com ele. Com Gaizka. Foi-se embora um pouco antes de Álvaro chegar, mas sabia que ele viria... a seguir, da janela, vi que o carro dele continuava estacionado à frente da casa... de certeza que viu Álvaro.

A chuva convertera-se num pano esbranquiçado que envolvia Monteperdido e, embora ainda não tivesse anoitecido, dava à vila um ar espectral, como se estivesse sob uma noite ártica. Estrada abaixo, a chuva tornava-se menos intensa. Pela janela da pensão, Joaquín Castán olhava para a água a bater no capô do seu carro. Imaginava o barulho, mas dentro do quarto só havia silêncio.

— Queres tomar alguma coisa? — perguntou-lhe Virginia Bescos, abrindo o minibar. — Não há vinho. Só gim e uísque.

— Não quero nada — respondeu-lhe Joaquín sem se afastar da janela. — Tenho de voltar para casa.

Engordara, embora continuasse magra. Trazia uma *T-shirt* com o desenho de uma borboleta no peito. Joaquín lembrava-se de já a ter visto com ela vestida e pareceu-lhe que dantes lhe ficava melhor. Virginia pintara o cabelo de louro, talvez para tentar reter uma juventude que se lhe escapava por entre os dedos. As raízes pretas tinham-se tornado evidentes. «Dantes, era mais vaidosa», pensou Joaquín. Quando se conheceram, Virginia não se teria apresentado sem passar pelo cabeleireiro, sem estrear uma roupa.

— Há quanto tempo? — perguntou Joaquín. — Dois anos?

— Vamos perder o tempo com recriminações? — respondeu-lhe ela, sentada na cama.

— O que temos mais para dizer um ao outro, além de recriminações?

— Diz-me tu — respondeu a jornalista. — Escrevi-te a mensagem, mas estava convencida de que não me querias ver.

— Deixaste-me pendurado.

— Não és o centro do Universo, Joaquín — disse-lhe ela. — As outras pessoas também têm os seus problemas.

— Já alguma vez perdeste uma filha? — perguntou ele, agastado.

— Só o trabalho — respondeu-lhe Virginia. — Fizeram um *downsizing* lá no jornal. Fomos para o olho da rua com uma indemnização de caca. Ando há dois anos a dar voltas à cabeça para pagar a prestação da casa... Se calhar, devia ter-te telefonado, mas o que é que tinha para te oferecer?

Não se viam há apenas dois anos, mas ela tinha a sensação de que haviam passado muitos mais. Por um momento, pareceu-lhe que os cinco anos decorridos após o rapto da filha o tinham afectado fisicamente. Será que também se transformara noutra pessoa?

— Estou há dois anos sem publicar uma notícia. Já tenho quarenta e seis anos. Se o jornalismo está uma desgraça, no caso de uma pessoa com a minha idade, nem se fala.

Há uns tempos, quando Joaquín se apercebeu de que o trabalho da Polícia não era suficiente para encontrar Lucía, recorreu à imprensa. Deu entrevistas, fez reportagens em casa, publicou fotos de família. Foi nessas andanças que conheceu Virginia Bescos. Trabalhava num jornal, mas também tinha amigos na televisão. Foi ela quem lhe deu acesso aos estúdios. Incitou-o a criar a Fundação. A tornar o nome da filha na bandeira de todas as raparigas desaparecidas.

— E a televisão? — perguntou-lhe Joaquín.

— Devem achar-me demasiado velha. Preferem que a repórter não tenha as mamas descaídas...

Foram tempos estranhos. Durante uns anos, Joaquín foi alguém importante. Reclamavam a sua presença em cerimónias, em debates, e até os políticos se reuniam com ele. Era a voz de uma dor que toda a gente compreendia. Alguém autorizado pela desgraça a dar a sua opinião. Virginia estava ao seu lado, quase como uma representante. Aconselhava-o aonde é que devia ou não devia ir. Controlava as suas decisões como se faz com a carreira de um artista. Encontravam-se frequentemente nos hotéis das cidades às quais Joaquín rumava durante uma digressão de cujo motivo, por vezes, se esquecia. Era feliz a espaços. De forma cruel, porém, apercebeu-se de que, como qualquer estrela pré-fabricada, era uma moda passageira. Não houve um momento concreto, uma hora ou um dia. Deixou de ocupar o centro das mesas redondas, passando a sentar-se numa das pontas. A Fundação reunia cada vez menos gente. E, um dia, foi ele quem teve de telefonar à televisão para se fazer convidado.

Ao princípio, Virginia continuou ao seu lado. Publicava com frequência notícias sobre o desaparecimento das raparigas, embora o jornal as relegasse para páginas interiores e as reduzisse até as converter numa breve coluna para caber na página.

— Porque vieste? — perguntou-lhe Joaquín. — De certeza que não foi por uma questão de amizade.

— Agora preciso que sejas tu a fazer-me um favor — disse-lhe Virginia, e as suas palavras fizeram-lhe lembrar alguém que vai pela primeira vez a uma cantina social.

Ela deixou de atender os seus telefonemas. Joaquín resistiu a incluí-la naquele regimento de

oportunistas que durante uns tempos o tinha acompanhado. Virginia não é como eles, disse para consigo. Mas a sua ausência persistia em contrariá-lo.

— Não sei por que razão haveria de o fazer — respondeu-lhe Joaquín, recordando aqueles dias.

— Ninguém te está a obrigar — respondeu-lhe ela. — Mas pensa nisso, por favor. Dá-me qualquer coisa. Uma entrevista, uma fotografia de Ana... qualquer coisa que eu possa colocar num jornal nacional. Preciso do dinheiro.

Joaquín olhou para Virginia e percebeu por que razão se hospedara numa pensão de Val de Sacs. Não podia permitir-se um quarto em Ordial nem em Monteperdido. Nem no hotel de La Guardia, onde costumava ficar quando vinha visitá-lo.

— Fazes isso por mim? — suplicou-lhe ela. — Vais pensar no assunto?

Joaquín meteu a mão ao bolso e acariciou o telemóvel. Pensou no retrato-robô da filha que estava à espera na memória do telefone.

O dia escapara-se com o sigilo de um intruso infiltrado numa festa. Pela porta de trás, sem se despedir de ninguém, para dar lugar à noite. Sara acendeu a luz de um candeeiro de mesa para continuar a trabalhar nos relatórios. Santiago comprara umas sanduíches e, embora ela não as tivesse provado, ele estava a dar as últimas dentadas na sua enquanto a tentava convencer a comer antes que arrefecesse. Estava sentado em frente a Sara, com os pés em cima de uma cadeira.

— Amanhã, bem cedo, vou falar com Gaizka — murmurou Sara enquanto escrevinhava qualquer coisa na margem do relatório.

— Como é que consegues trabalhar com a secretária assim? — E Santiago apontou para o móvel sobre o qual se misturavam pastas, restos de comida, fotografias. — O que tens a fazer é arrumar este caos.

— Eu cá me entendo — respondeu-lhe Sara, abrindo os braços para abarcar a secretária, como se fosse o seu território.

— Já te disse para a arrumares — insistiu Santiago, paternal. Acabara de jantar. Fez uma bola com o papel da sanduíche e atirou-o a Sara. — Bem podias transferir um pouco do teu perfeccionismo para este gabinete.

— É assim que me ajudas? — respondeu-lhe ela, divertida, mas Santiago já se acomodara na cadeira e fechara os olhos.

A chuva persistia. O cheiro a terra molhada infiltrara-se na esquadra, como o guisado da cozinha impregna uma casa de alto a baixo. Depois de falar com Elisa, reviu os depoimentos prestados por Álvaro. Perante a sua insistência, a Guarda Civil viu-se obrigada a verificar o álibi do pai de Ana. Há cinco anos, ninguém o tinha visto nas imediações da casa de Elisa em Val de Sacs. No entanto, os testemunhos falavam de um *Nissan 4x4*, um modelo de caixa aberta castanho-esverdeado, com uma amolgadela na porta do pendura. Ao ler a descrição, Sara soube que se tratava do carro de Gaizka, o mesmo que o seu guia agora usava, embora lhe tivesse substituído a porta. Era absurdo manter as restrições a Álvaro. Falou com Raquel, contou-lhe que tinham deixado de considerar o seu marido como suspeito. Depois, foi ela própria quem disse a Álvaro que podia voltar para casa.

A investigação era como um rio que voltava ao seu leito depois de ter transbordado. Santiago Baín respirava pausadamente, com os olhos fechados, uma soneca após um dia de trabalho duro. Recostado na cadeira, tinha uma presença pétrea, um gigante nas sombras. Ao seu lado, Sara sentia-se segura. Quando a realidade se convertia num mundo inexplicável, ele era capaz de lhe dar sentido com palavras escassas. Embora a ciência tivesse invadido o seu trabalho como uma espécie de Deus verdadeiro, a matéria das investigações eram sempre os seres humanos. Os seus comportamentos, contraditórios, suicidas, egoístas, marcavam o ritmo.

Depois de Santiago ouvir o testemunho de Elisa, falou-lhe de Marcial Nerín. Tinha ido à loja de armas para falarem. Estava lá a mãe dele, a avó de Elisa. Silenciosa, perdida no Alzheimer. «Famílias», dissera Santiago. Como o simulacro que era a união de Raquel e Álvaro perante a filha. Ou o ambiente autodestrutivo que se instalara na casa da família de Lucía.

Os laços, por vezes doentios, que se tecem nesses círculos familiares.

«O animal mais perigoso é um homem só, porque nem ele próprio sabe quem é.» Era a ladainha que Santiago costumava repetir.

«Não há ninguém que conte a sua história», explicava-se em seguida. Sara não podia evitar pensar em si própria: quem poderia contar a sua história?

«Quando ninguém olha, quem é que somos?», dizia Santiago. «Ninguém... ou o que quisermos ser.»

Para Santiago, o luto, quando morria algum familiar, não deixava de ter um componente egoísta. Quando perdemos o pai, a mãe, um amigo, perdemos também uma parte da nossa própria vida: aquela da qual foi testemunha. Aquela vida que decorreu ao seu lado e que só a pessoa que morre poderia contar.

«Precisamos de viver rodeados de uma família. Os outros animais fazem-no por uma questão de protecção, porque em manada são uma presa mais difícil. A nossa maior diferença em relação a eles é que o ser humano é capaz de contar a sua própria vida. A sua história. Mas não pode fazê-lo se estiver sozinho.»

Sara tinha consciência de que, quando Santiago punha sobre a mesa aquela visão do mundo, também lhe estava a dar uma justificação do seu próprio comportamento. Estava a dizer-lhe: usa-a, como se fosse tua. Deixa de te sentir culpada.

Naquela noite, Sara foi-se embora cedo. Caminhou à chuva até chegar à estalagem La Renclusa. Tomou um duche e, ainda molhada, pousou uma toalha sobre a cama e deitou-se nua. Estava cansada.

Julgou que conciliara o sono, mas abriu os olhos pouco depois. Há meses que não lhe acontecia e, ao princípio, custou-lhe compreender o que estava a viver. Estava deitada na cama, imóvel. Olhava para um lado e para outro, mas era incapaz de mexer um músculo. Era como se o seu corpo tivesse deixado de lhe pertencer, transformado numa armadura sob a qual se escondia, através da qual os seus olhos assomavam. Tentou levantar um braço, uma perna, mas não conseguiu.

Percebeu que alguém entrara no quarto. A sua sombra projectava-se sobre a cama. Tinha de se levantar. Tinha de alcançar a pistola: deixara-a na mesa-de-cabeceira. E, porém, continuava paralisada.

Não ouvia os passos, mas sabia que se aproximava.

Foi então que se lembrou de que estava nua. Quis tapar-se, mas o seu corpo continuava dormente.

Estava um homem aos pés da sua cama. Também ele estava nu. Ao princípio, julgou que era um efeito das sombras, mas, quando ele se sentou numa cadeira junto à cama, viu que a sua cara não tinha traços. Era uma mancha de carne lisa. Não havia olhos nem nariz. Nem boca. Só um pequeno buraco, como um formigueiro, no centro daquele rosto sem feições.

Estava aterrada. Queria gritar. Queria saltar da cama.

Um telefone começou a tocar, e Sara fez um esforço. Disse a si própria: acorda!

A chuva batia no vidro do gabinete. Víctor, esgotado após um dia eterno a limpar o rio, esperava que a tarefa tivesse sido suficiente. O rio aumentava o seu caudal. A água das chuvas misturava-se com o gelo do glaciér e ameaçava transbordar o leito do Ésera.

Ouviu alguém a bater à porta, embora esta estivesse aberta. Quando se virou, viu Santiago Baín.

— Pareces um cão assustado com a trovoada — disse-lhe o polícia.

— Não sabia que ainda estavas na esquadra — respondeu-lhe o sargento, incomodado.

Afastou-se da janela e pegou no impermeável.

— Eu vou para casa — despediu-se Víctor. — Queres que te leve à estalagem?

— Quero rever uns relatórios — disse-lhe Santiago.

Ao chegar à soleira da porta, o inspector, com o braço, barrou a passagem a Víctor.

— Há alguma coisa que não me tenhas contado? — perguntou-lhe.

— Que estou com sono? — respondeu-lhe Víctor, cínico.

— Por vezes, dá-me a sensação de que, nesta vila, é mais importante defenderem-se dos de fora do que encontrarem Lucía.

— Somos uma família. E a coisa mais importante para nós é encontrarmos essa rapariga.

— Então porque é que levaste tanta gente hoje? Sabes muito bem que a força das chuvas não é suficiente para fazer o rio transbordar. Viste a meteorologia.

— Aqui, a Natureza faz o que lhe dá na real gana. Tem o mau hábito de não ler os boletins meteorológicos.

Víctor, irritado com a atitude do polícia, afastou-lhe o braço e saiu do gabinete.

Ardia-lhe o nariz. Gaizka snifara duas linhas de coca antes de pegar no carro e descer até Monteperdido. No lugar do pendura levava uma mochila com os últimos pertences de Álvaro. A chuva impedia-o de ver nitidamente a estrada. Não se apercebera, mas pusera a música demasiado alta. Um ritmo de baixo e bateria, repetitivo, constante. Uma pancada do pára-brisas, que não conseguia afastar a água. Gaizka aspirou com força, esfregou o nariz. Estava convencido de que tinham ficado partículas brancas pegadas aos orifícios. Uma pancada do pára-brisas. Vamos. O carro deu um esticão ao deter-se. Desceu, curvado, protegendo-se do aguaceiro. As gotas de chuva eram como agulhas. Magoavam-no nas costas. Álvaro veio recebê-lo ao jardim, sem guarda-chuva nem impermeável. Aspirou. Estava com pressa.

— A tua roupa — disse-lhe Gaizka.

Álvaro respondeu-lhe com um murro. Gaizka escorregou no relvado, caiu para trás.

— És parvo ou quê?! — gritou-lhe do chão.

Álvaro deu-lhe um pontapé. Pôs-se de joelhos em cima dele. Pegou-lhe no peitilho.

— Viste-me com Elisa!

Soltou-o com um empurrão. Gaizka sentiu a cabeça a bater no chão, mas não reparou na dor. A chuva e a música do carro misturavam-se. Deixara a porta aberta.

— Filho da puta! — gritou Álvaro com raiva. Outro pontapé. — Calaste-te que nem um rato enquanto eu dava comigo em doido!

Gaizka, no chão, virou-se de costas para ele. O sabor da erva na boca. Continuava a chover. Pensou nas minhocas que vêm à superfície quando a terra fica molhada. «Não me dêis mais nenhum pontapé», pensou.

— Quatro anos a agradecer-te, porra! — A voz de Álvaro não conseguia impor-se à chuva nem à música do carro. A canção não acabava. O mesmo ritmo.

Álvaro dobrou a perna para o pontapear novamente. Gaizka remexeu-se, pegou-lhe no pé e desequilibrou-o. Atirou-se para cima de Álvaro. Pôs-lhe uma mão ao pescoço, asfixiando-o, e ergueu a outra, com o punho fechado, baixando-a repetidamente sobre a sua cara.

— Deixa-me em paz! — gritava-lhe Gaizka sem deixar de lhe bater.

Ouviu o estalido do septo nasal de Álvaro ao partir-se. O sangue dissolvia-se sob a água. Aspirou. Não ia parar. O seu punho golpeava vezes sem conta. Não estava cansado. Pela cabeça passaram-lhe explicações que não chegou a dar. Tinha dado umas quecas com Elisa, uma menor; se contasse tudo, iria parar à prisão, já lá estivera e não ia voltar; deu-lhe um sítio para viver, um trabalho, perdeu noites ao seu lado a beber gim tónico, na toca.

Sentiu um puxão para trás. Gaizka caiu ao chão.

— Deixa-o!

E, depois da voz, viu Burgos.

Ergueu-se. O guarda-civil tentou segurá-lo, mas Gaizka evitou-o. Enquanto Burgos ajudava Álvaro a sentar-se, ele meteu-se no carro. Arrancou. Tinha mudado a canção ou continuava a tocar a mesma? Quanto tempo podia durar uma canção? Os espelhos estavam embaciados, não viu Álvaro a soltar-se de Burgos, a recusar-se a entrar em casa. Quando ele se afastou debaixo de chuva, Gaizka já estava longe. O coração batia-lhe com força. Sabia que teria de enfrentar a Guarda Civil. «Amanhã», pensou. «Só preciso de chegar a amanhã.»

*

Elisa viajava no banco de trás. O pai obrigava-a a estar ao lado da avó, embora ela sentisse repugnância. Cada vez que roçava nela, tinha a sensação de estar a tocar num cadáver. Normalmente, quando Marcial vinha até Barbastro com a avó, ela ficava sozinha em casa. Gostava daqueles dias em que podia passear nua pela sala. Fumava na cama e via televisão até adormecer. O pai saía à tardinha, passava a noite em Barbastro e levava a mãe dele à diálise na manhã seguinte. No outro dia, à tarde, já estavam de regresso. Elisa esforçava-se por fazer coincidir os seus dias de folga na estalagem com os dias em que a casa ficava à sua disposição. Desta vez, Marcial não lhe deixou opção.

— Mete-te no carro e cala-me essa boca. — Tinham sido estas as suas únicas palavras.

Com um empurrão, meteu-a no banco de trás, junto à avó. Já tinha conhecimento do que Elisa declarara à Polícia, mas ela não queria saber. Noutra altura teria chorado durante toda a viagem, até chegar ao apartamento de Barbastro. Sabia que ali lhe daria uma tarefa. «Bate-me, se quiseres», repetia para consigo no banco de trás.

A chuva convertera a estrada num túnel sem luzes, apenas linhas difusas no asfalto. Pouco depois de deixar Ordial para trás, Marcial guinou o volante. O carro foi aos solavancos sobre um caminho sem asfalto. Sentiu as rodas afundarem-se nas covas.

— Aonde é que vamos? — perguntou-lhe Elisa.

Viu o rosto do pai reflectido no espelho retrovisor, reparou na forma como cerrava os dentes. Os seus dentes podres.

— Está a chover a potes. O rio vai transbordar — disse-lhe Marcial.

— Por onde é que te estás a meter?

— Há um sítio onde podemos ficar à espera que amaine um pouco... antes de voltarmos...

Elisa ficou mais calma. Olhou para a avó. Mexia-se ao ritmo das sacudidelas do carro como se fosse uma boneca de pano. O cinto de segurança evitava que se esparramasse. Mal tinha força no pescoço para manter a cabeça direita.

Os faróis do carro iluminavam o caminho, que se retorcia entre árvores e arbustos até ir dar a um terreiro. Diante deles erguia-se o Ixeia e, no sopé, como uma enorme boca preta, o túnel de França. A via de comunicação que, durante anos, foi o sonho de Monteperdido, a estrada que ia cruzar os Pirenéus e poria fim ao seu isolamento. À sua pobreza. No entanto, as obras nunca foram concluídas. O túnel jamais chegou a atravessar o Ixeia, e aquele projecto deixou apenas uma gruta

escura na montanha.

Marcial parou o carro, desceu e abriu a porta de trás.

— Ajuda-me a tirar a avó — gritou-lhe debaixo de chuva. — Aqui, estamos nas alturas; se o Ésera transbordar, não chegará até nós...

Elisa tirou o cinto e, ao sair, olhou para a abertura do túnel. Abandonado. A vegetação invadira-o, os arbustos, os ramos das árvores que penetravam na abóbada de pedra, o chão levantado pela força das raízes e coberto de relva, como se a Natureza se esforçasse por cauterizar aquela ferida aberta na sua pele.

— O rio não está limpo? — perguntou-lhe Elisa enquanto metia o ombro sob o braço lânguido da avó.

— Vai buscar a cadeira ao porta-bagagens — respondeu-lhe o pai.

Marcial carregou com a mãe e arrastou-a para o túnel. Elisa abriu o porta-bagagens. Tirou a cadeira dobrada. A chuva, incessante, convertera o chão em lama mole. As rodas da cadeira atascavam, enterravam-se, e, por muito que ela empurrasse, não avançava. O pai desaparecera dentro da montanha. Ela arrancou a cadeira do chão como se fosse uma raiz. A lama salpicou-lhe o vestido. Estava encharcada. Apercebeu-se de que só poderia transportá-la se a levantasse em peso. Marcial reapareceu de entre as sombras do túnel para ajudar a filha. Elisa, impotente, deixou cair a cadeira ao chão.

— O que é que estás a fazer? — gritou-lhe Marcial.

Marcial ergueu a cadeira, cheia de lama. Olhou para a filha, debaixo de chuva, com o vestido colado à pele. Não trazia sutiã, e a água e o frio faziam sobressair os mamilos.

— És uma vergonha.

Foi a única coisa que Marcial disse antes de soltar o braço. Elisa não teve tempo de se defender e recebeu o impacto na cara. Caiu ao chão. Marcial deixou a cadeira de lado. Deu uns passos em direcção a ela. Elisa enterrou as mãos na lama para se levantar.

— Não tenho culpa de seres um recalcado, porra.

Sabia que isso significava mais tarefa. Não queria saber. Marcial pegou-lhe no braço e levantou-a do chão.

— O que é que vou fazer contigo? — gritou-lhe, encostando o seu rosto ao de Elisa.

Elisa cuspiu-lhe na boca. A sua saliva misturou-se com a água. Enojado, Marcial esfregou os lábios com as costas da mão. Ela deu-lhe uma joelhada no ventre. Marcial encolheu-se com dores e largou a filha. Elisa não ficou à espera de que ele reagisse. Desatou a correr, escorregando entre a lama e as pedras molhadas, em direcção a uma mata que nascia à direita da montanha. Marcial seguiu-a com passos lentos. Sabia que, fosse de que maneira fosse, ia acabar por apanhá-la. Elisa já estava a começar a perder-se entre as árvores. A ele pouco lhe importava que ela tivesse algum avanço. Conhecia aquelas paragens melhor do que ninguém. Antes de começar a correr, olhou para o buraco negro que era o túnel de França. Para a gruta onde deixara a mãe.

*

Sara reuniu-se com o agente da Polícia Científica na sala da estalagem. «Quando é que esta chuva vai parar?», interrogava-se. Elisa estava de folga naquela noite. Sara foi tirar um café à máquina e sentou-se diante dele, à mesma mesa onde jogara às cartas com Caridad. Ainda tentava afastar o pesadelo que a assaltara no seu quarto. Na rua, não havia mais do que escuridão. Os candeeiros eram pequenas luas amareladas, difusas. O agente da Polícia Científica pousou um saco de provas sobre a mesa.

— Encontrámos isto durante a análise dos restos do refúgio onde estiveram as raparigas. É de ouro. Foi por isso que se salvou. Aguentou a temperatura do fogo...

Sara pegou no saco. Examinou o seu conteúdo.

— Tens ideia do que possa ser isto? — perguntou-lhe o agente.

Era uma pequena insígnia. Um broche, embora a agulha estivesse retorcida pelo fogo. Tinha a forma de uma estrela de oito pontas. A Confraria de Santa María de Laude. O telemóvel tocou antes de conseguir responder.

— Santiago — disse-lhe —, aqui há gato.

— Vai a casa de Ana. — A voz de Santiago soava entrecortada. Conseguia ouvir o barulho da chuva. — Estás a ouvir-me? Falei com Burgos. Diz que não encontra a rapariga... que saiu da casa...

— Tu, onde é que estás? — perguntou Sara, tapando o outro ouvido com a mão.

— Acho que tens razão. Aqui há gato.

Quim fez um desvio para chegar a casa. Tinha passado a tarde com Ximena. O pai dela, Nicolás, devido à chuvada, não conseguira regressar de uma quinta que tinha ido visitar. Deram uma queca na cama de Nicolás e, a seguir, ele adormeceu. Quando acordou, já era de noite. Da janela da sala,

viu as sirenes da Guarda Civil, a piscar, embaciadas. Ximena emprestou-lhe um impermeável do pai e saiu pelas traseiras. Contornaria a rua, atravessando o pinhal, para entrar na sua casa pelo pátio das traseiras. Avançava sob o peso da chuva. O raio da chuva de Monteperdido. Quando cessasse, a vila ficaria transformada numa lixeira. As ruas arrasadas pela lama; o rio a cuspir toda a merda que arrastava montanha abaixo. O verdadeiro Monteperdido, pensava Quim. Como aquele filme de terror, *Shining*. O louco abraçado a uma mulher bonita que sai da banheira e acaba por descobrir, no espelho, que o que tem entre os braços, o que deseja, é um cadáver putrefacto.

As árvores da floresta formavam uma clareira. Ali estava ela. Os braços abertos em cruz, a boca escancarada, virada para o céu. A água a escorrer-lhe dos lábios. A *T-shirt*, encharcada, confundia-se com a sua pele. Estava a rir? Quim deteve-se a uns metros de distância. Ficou a olhar para ela, como se tivesse descoberto um animal esquivo em plena excursão nocturna. Tinha a sensação de que não devia intervir. Quem era ele para a interromper? Via o seu peito erguer-se com a respiração, como se quisesse engolir toda a noite, encerrá-la dentro dos pulmões.

— Ana — disse, por fim.

Ela virou-se para Quim. Um tanto ou quanto tímida, como se a tivesse descoberto nua no rio. A água escorria-lhe pela cara como uma cascata. Circundava os seus olhos pretos.

— Há montes de guardas-civis à porta de tua casa. — Quim aproximou-se dela com cautela. — Estão à tua procura, não estão?

Ana olhou para o céu mais uma vez antes de responder.

— Sabes há quanto tempo é que não me molhava com a chuva? — disse-lhe ela.

*

A mãe de Marcial estava sentada numa pedra, no centro do túnel escavado na montanha. A chuva fustigava as árvores que havia à entrada. Um tamborilar constante, uma metralhadora sem fim. Tinha as mãos sobre as coxas e a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, como se olhasse para alguma coisa com curiosidade. Mas os seus olhos, perdidos na escuridão do túnel, não olhavam para nada. Estavam mergulhados numa furna aonde não chegava qualquer luz.

Algo se mexeu entre as sombras no final do túnel, onde a parede de granito do Ixeia permanecia intacta. Uma ratazana, um animal que se abrigara da chuva. A mãe de Marcial continuava alheia àqueles pequenos ruídos, aos movimentos ocultos, envolta na escuridão do túnel. Enquanto isso, algo tentava escapar sem saber que não era necessário o sigilo.

Um barulho de passos na terra nas costas da mãe de Marcial. A escuridão que se tornava mais densa e acabava por formar uma silhueta humana aproximava-se dela. Tentava que as suas botas não fizessem barulho ao pisar o chão. Não se apercebeu da forma como ele se colocava nas suas costas. Depois ergueu a espingarda e encostou-lhe o canhão à nuca. A idosa continuava imóvel. Um coração a bombar sangue. Uns pulmões. Nada mais do que um mecanismo feito de carne e líquidos. O que restava daquela mulher sob a sua pele? Ele engatilhou a arma.

— Não faças isso. É como se cá não estivesse.

A sua voz soou num sussurro, como se temesse enganar-se. Da mesma forma, saiu das sombras, das profundezas da montanha.

— Ela viu-te — disse ele.

Lucía ergueu-se perante a mãe de Marcial. Tinha o cabelo seco, apanhado num rabo-de-cavalo que ia até meio das costas. Um casaco de malha azul envolvia-lhe o corpo. Estava-lhe grande e acentuava-lhe a magreza. Lucía inclinou a cabeça como se fosse o reflexo da mãe de Marcial. Os seus olhos procuraram os dela. Mas os da idosa estavam apagados, como os olhos de uma boneca. Sem vida.

Lucía na montanha, como um duende secreto escondido no Ixeia, aquele túnel morto que os homens tinham escavado nela, a toca das sombras de Monteperdido. Lucía não era um fantasma a lápis, também já não era a rapariga perdida no pinhal. Era gelo e medo. Um glaciar de paredes de *bergschrund*,^[5] rachadas por cinco anos de cativeiro. Pálida como a neve vermelha, o deserto dos cumes. Uma boneca abandonada.

Ele acomodou novamente a espingarda no ombro, o dedo no gatilho.

— Não dispares — insistiu ela.

Lucía foi a correr afastar o canhão da nuca da mulher. Ele reagiu, violento, batendo-lhe com a coronha da espingarda. Caiu ao chão. Um fio de sangue brotou do seu lábio inferior.

— Desculpa — disse-lhe, envergonhado.

Recolheu o sangue da boca com um dedo e ficou admirada por, dentro dela, ainda ficar alguma coisa viva: o sangue. Sentiu o ardor da ferida. Lucía sentou-se de cócoras diante da mãe de Marcial. Pegou na mão da idosa.

— És um bom homem — disse Lucía enquanto se perdia no olhar da mãe de Marcial, tão escuro

como o túnel onde se tinham escondido. — Ela não nos fará mal nenhum.

O homem, ao ver a mulher imóvel na cadeira, recordou os museus de cera que visitara. A seguir, estendeu a mão a Lucía para a ajudar a levantar-se.

— Temos de sair daqui — disse-lhe.

Quando abalaram, um vento frio fustigou a cara da mãe de Marcial, mas não lhe alterou a atitude. Petrificada, alheia à realidade, com a cabeça de lado e os olhos abertos, sem olhar fosse para o que fosse, sozinha no túnel. A sua mão direita, sobre a coxa, encolheu-se. Uma gota de sangue deslizava entre os seus dedos, e ela fechou a mão num punho, como se quisesse prendê-la.

À entrada de Monteperdido, pouco depois da estação de serviço onde Santiago conhecera Víctor, havia um desvio que levava à empresa de transportes de Joaquín. Não existia qualquer cerca à volta do armazém. O inspector Baín estacionou o carro à porta e caminhou sob uma sacada do edifício para evitar a chuva.

Tentava centrar-se no que tinha vindo procurar, mas havia algo que não lhe saía da cabeça, como um sonâmbulo que resiste ao sono.

Estava convencido de que era o melhor para Sara.

Contou quatro camiões estacionados. Viu a luz de uma lanterna por entre a chuva, atrás do último camião, e supôs que devia ser ele.

Qualquer investigação avançava abrindo caminhos à sua passagem. Vias que se afastam da principal e que é necessário saber abandonar para não nos perdermos. Outras vezes, esses caminhos que parece não irem dar a lado nenhum convertem-se no principal, e é preciso voltar para trás para escolher a rota certa.

— Olá! — gritou Santiago.

Pareceu-lhe ver umas pernas mexerem-se por baixo do camião, na parte de trás. A luz da lanterna que, de forma intermitente, o guiara apagou-se. Ladeou o camião, mas não teve tempo de o ver. O disparo soou seco, como uma garrafa à qual tiram a rolha. O impacto, no peito, deitou-o ao chão. Não fora uma bala normal. Já tinha sido ferido outras vezes, mas desta feita era diferente. O projectil atravessou-lhe o peito e, partindo-lhe as costelas, expandiu-se. Uma onda de fogo queimou-lhe os pulmões, o coração. Conseguia sentir o sabor daquele fogo. Era incapaz de se mexer. Deixou de sentir as pernas, os braços. Ao calor, seguiu-se um frio insuportável. A sua última imagem foi a daquela Sara famélica que se apresentara na esquadra, há tanto tempo. Aquela adolescente a quem teve de dizer «Não anda ninguém à tua procura». Santiago tinha os olhos abertos, olhava para o céu negro de Monteperdido. Para a chuva que caía sobre ele.

Quando Gaizka se aproximou dele, o inspector Baín já estava morto. A palidez imediata da sua pele contrastava com o vulcão de sangue em que se convertera o seu peito, sobre o qual caía a chuva. A espingarda tremia na mão de Gaizka. Viu as luzes de uma casa próxima acenderem-se. Teriam ouvido o disparo?

Apesar da chuva, estava a suar.

Oscuros de Balced

Sara sentiu uma pressão forte nos ouvidos. A mesma dor que sofrera quando, já adolescente, andou pela primeira vez de avião; aquela força invisível que avançava milímetro a milímetro através dos seus ouvidos à medida que o avião ia subindo. Ameaçava alcançar os tímpanos e rebentá-los à sua passagem. O que viria depois? O sangue a escorrer-lhe pelo lobo da orelha? Naquele voo, a pressão nunca fez os seus ouvidos rebentarem, mas também não abrandou. Continuou a massacrar-lhe os canais auditivos, lançando intermitentes relâmpagos de dor que se transmitiam de um ouvido ao outro através do cérebro. Sentiu-se no limite das suas forças e, enquanto sobrevoava um oceano remoto e cinzento, chegou a convencer-se de que nunca acabaria. Aquela mão fantasmagórica que aprisionava o seu cérebro num punho fechado continuaria a fazê-lo para o resto da sua vida, exercendo uma pressão constante até, um dia, acabar com a resistência mole e moldável do seu cérebro e fazê-lo rebentar, como quem espreme uma ameixa cujo suco escuro se espalha entre os dedos. O fim da dor não chegava nunca e, ao mesmo tempo, causava-lhe pânico imaginá-lo. O que ficaria dela quando terminasse?

«O que haverá depois de ti, Santiago?», interrogava-se.

«Grão-de-Bico», chamava-o por vezes. «Gosto de ti», queria dizer-lhe.

Em Monteperdido continuava a chover sobre o seu cadáver.

O seu sangue diluía-se debaixo de chuva e o vermelho-escuro, quase negro, aclarava-se e tornava-se cor-de-rosa no charco que se formara à volta do seu corpo.

Ouvia vozes, talvez fosse Víctor que lhe falasse, mas ela não conseguia afastar o olhar do vulcão que se abria no peito de Santiago. A chuva também não conseguia apagar o vermelho candente da sua carne nas bordas. Parecia transbordar de lava.

Sentiu a mão quente de Víctor sobre o seu ombro, mas não se virou para o encarar.

O corpo não lhe respondia. O seu cérebro tentava escapar da dor. Gritava em silêncio que se pusera em andamento. Vamos, Sara, delimita a zona. Envia um mandado de busca contra Marcial. Mas os gritos soavam ainda muito longe, mergulhados num buraco dentro de si, mas ela estava, na verdade, mais ocupada em erguer diques contra a dor. Contra aquela pressão que a sufocava.

«Acaba de uma vez por todas», disse para consigo. «Rebenta comigo. Desfaz-me em mil pedaços.»

As luzes dos carros da Guarda Civil piscavam, difusas, na noite, embaciadas pela chuva. Os agentes afastavam os mirones que se tinham agrupado em redor da empresa de transportes de Joaquín. Pujante, escondido num impermeável verde, murmurava mais do que falava. Empurrava, sem força, as pessoas para abrir um perímetro de segurança à volta do corpo de Santiago. Tanto ele como os restantes agentes tinham sido ultrapassados pela situação; mexiam-se, pesados, arrastando os pés, sonâmbulos.

Gaizka estava transido de frio. Encharcado, abrigara-se sob o guarda-chuva de um dos vizinhos que tinham acudido ao armazém. Quinze, vinte pessoas. Refugiou-se entre aquele grupo de mirones que se juntou pelo alerta das sirenes da ambulância, da Guarda Civil. Trémulo, custava-lhe fixar a visão. Pôs a mão gelada sobre o ombro do tipo que sustinha o guarda-chuva. «Está tudo bem?», inquiriu este ao reparar na sua palidez, nos seus olhos febris. «Quem era?», interrogou-se Gaizka, a sua cara parecia-lhe familiar. Um rosto quadrado, a mandíbula e a testa sobressaíam nos cantos, formando ângulos perfeitos, e as partes laterais da cabeça pareciam cortadas com uma guilhotina. Estava convencido de o ter visto pela vila, talvez até tivesse falado mais de uma vez com ele, mas o homem com cabeça de cubo depressa se esfumou dos seus pensamentos, e a sua atenção transferiu-se para os polícias que deambulavam à volta do cadáver. Para os camiões que havia atrás deles. Testemunhas mudas de tudo o que sucedera.

Tinham-no alvejado com uma caçadeira. Com uma bala de calibre 30.06 *Remington Core-Lokt* de ponta expansiva que, ao romper-lhe o peito, se abria em quatro. Destroçou-lhe os pulmões, o coração. Era o calibre mais usado na zona. Cento e cinquenta gramas. Ideal para abater javalis, camurças. A mais de cem metros, podia atravessar a pele destes animais e transpor o seu escudo de gordura.

Com um gesto, Sara pediu que o tapassem com uma manta térmica. O cheiro a chuva e a terra

mascarava o cheiro a morte que emanava do seu corpo. Atrás de si, o grupo de pessoas que acudira ao armazém formava um semicírculo, como espectadores que tomam posições num anfiteatro. «Para onde é que estão a olhar, porra?», teve vontade de lhes gritar.

— Localiza Marcial — ordenou Sara a Víctor.

«Acho que tens razão. Aqui há gato», tinham sido as últimas palavras de Santiago ao telefone.

«Porque é que há gato? O que vieste procurar a este sítio?», interrogava-se Sara.

E as perguntas transformavam-se imediatamente em recriminações. Porque tiveste de vir?

Fechou as pálpebras com força. A dor de ouvidos era insuportável. Tinha os olhos secos. A chuva batia-lhe na cara. As gotas eram demasiado densas, pegajosas; em vez de caírem do céu, parecia que surgiam de um ralo. A pressão continuava a avançar, a comprimir-lhe o cérebro.

«O que vais fazer quando eu não estiver?», perguntara-lhe uma vez Santiago.

«Caminhar», tinha sido a resposta de Sara. Caminhar, sim. Mas para onde?

Desviou-se quando viu um jipe da Guarda Civil sair do armazém. Joaquín conduziu pelo caminho que ele próprio asfaltara e que tinha de retocar no final de cada Inverno, quando a Primavera mostrava as suas rachas provocadas pelas baixas temperaturas. No terreiro onde estacionavam os camiões, juntara-se um grupo de pessoas. Não conseguia saber quantas, ocultas sob um mar de guarda-chuvas pretos. Atrás deles, três carros da Guarda Civil, uma ambulância.

Deteve o carro à porta e saiu. «Joaquín», disse alguém. «Andavam à tua procura.»

Puxou do telemóvel e verificou que não tinha chamadas perdidas. «Onde é que andavam à minha procura?», interrogou-se.

Atrás da fita policial, os agentes mexiam-se com uma parcimónia que não era cansaço, mas desespero. Pujante, o mais novo da esquadra, descansava apoiado no capô do jipe e olhava para as botas, sujas de lama. Paralisado, como se aquela lama fossem mãos que o retinham e ele não soubesse de que forma soltar-se; acariciava a pêra. Depois viu Sara Campos. A polícia não trazia guarda-chuva nem impermeável. O cabelo, preto e brilhante, encharcado, pegava-se-lhe à cara. Iluminada pelas luzes intermitentes das sirenes que giravam mudas, o seu rosto era marcado por sombras: umas vezes vermelhas, outras vezes âmbar.

Os sapatos sujos de terra e sangue do cadáver assomavam sob a manta térmica.

«Mataram o polícia», disse alguém.

Viu Sara cambalear, prestes a cair ao chão. Víctor deu duas passadas largas para chegar até ela e segurar-lhe no braço antes que ela se estatelasse.

«Agora, sabes o que se sente», pensou Joaquín. «Agora, entendes a dor.»

As caras dos mirones, ocultas na sombra dos guarda-chuvas, giravam à volta dela. Pareceu-lhe ver dezenas de olhos brilhantes, como gatos de Alice. Riam. O tempo tornou-se, de repente, um brinquedo partido, espalhado pelo chão, com todas as peças fora do sítio.

Sara recordou a primeira vez que, de noite, entrou em Monteperdido. As casas que se erguiam à sua passagem como acidentes geográficos. Imaginou os olhares dos habitantes escondidos atrás das janelas, tentando adivinhar o que estava oculto naquele carro da Polícia. As suas caras então desconhecidas.

Caras e mais caras. Agora eram espectadoras da sua dor: quem estava ali? Quem tinha ido ao armazém de camiões presenciar o espectáculo? Riam e murmuravam entre eles?

Sara viu Joaquín. Chegara ao limite imposto pela fita policial e, com um gesto, chamava a atenção de Pujante para o deixar passar. Quem é que ela julgava que era?

Víctor segurava-a por um braço e, cingindo-lhe a cintura, conseguiu que se erguesse. «Acompanho-te à estalagem?», pareceu-lhe que lhe perguntava, e, naquela noite chuvosa, julgou ver novamente o sangue do cão dele a pairar no ar. A voar como um pássaro vermelho.

Gaizka também estava lá. Molhado, embora estivesse abrigado debaixo de um guarda-chuva. Era ele, não era? Os seus olhos reflectiam as sirenes, ou era sangue o que os enquadrava? Olhos presos numa teia de veias como no dia em que falou com ele perante aquele pelotão de capacetes pretos?

Santiago dormia há escassas horas na cadeira do gabinete. Pareceu-lhe eterno.

«Andam à minha procura», disse-lhe Sara quando se conheceram. «Ninguém anda à tua procura», respondeu-lhe ele.

Virara as costas ao seu corpo e resistia a voltar-se para olhar para ele. Não precisava disso. A imagem do cadáver de Santiago, deitado na lama, com o peito aberto, os braços estendidos em cruz e o seu olhar morto cravado no céu preto de Monteperdido ficaram gravados na sua memória. Quase conseguia sentir o desenho queimar-lhe parte do cérebro como se fosse ferro fundido.

«Quem és tu, quando não há ninguém que conte a tua história?», dissera-lhe Santiago.

Sara, quem és tu agora?, quem poderá contar a tua história?

Víctor arrastou Sara para os escritórios do armazém. O corpo da polícia escorregava-lhe entre os braços, em parte devido à chuva, em parte porque ela parecia não ter forças para o sustentar.

— Vamos, Sara — tentava animá-la. E, ao mesmo tempo, tinha a sensação de que ela, na verdade, não estava ali, sob aquela pele.

Conseguiram abrigar-se da chuva debaixo da consola do edifício. Sara encostou-se à parede.

— Dá-me só um segundo — pediu-lhe, e, aos poucos, as suas pernas dobraram-se até ela ficar sentada no chão encharcado.

A humidade que Sara, sentada no cimento, sentia fez-lhe lembrar o rio onde tinha visto Víctor a trabalhar. As máquinas que arrancavam silvas. As gentes da vila a trabalhar em conjunto quando começaram a cair as primeiras gotas.

As primeiras gotas da tempestade que viria depois.

O símbolo da Confraria serigrafado num dos carros que havia no rio. A estrela de oito pontas. O mesmo símbolo que tinha o *pin* que a Polícia Científica encontrara entre os restos do refúgio.

Ainda no chão, Sara ergueu o olhar para Víctor.

— Já localizaram Marcial Nerín?

Ele respondeu-lhe que ia tentar saber.

A árvore junto à qual desapareceram as raparigas. A árvore de raízes doentes que morreria se alguém tentasse transplantá-la.

Sara sentiu-se enjoada ao imaginar que aquelas raízes putrefactas se estendiam no solo de Monteperdido, uns centímetros abaixo do sítio onde ela estava, sob os pés de todos aqueles mirones. Que aquelas raízes estavam sob o corpo de Santiago, à espera de o abraçar quando fosse enterrado.

Olhou para o céu. Continuava a chover e, então, apercebeu-se de que aquele era o único som que conseguia ouvir. O da chuva a bater no chão, contra o tecto dos jipes, contra as folhas e a rama dos pinheiros que circundavam a empresa. Parecia que a chuva era um predador e os outros sons tinham ido a correr esconder-se como pequenos animais assustados.

Os agentes da Guarda Civil abriram um caminho para o carro funerário que entrava no armazém. Gaizka afastou-se, empurrado pelos agentes, misturou-se entre os circunstantes, esperando o momento certo.

O barulho do disparo ainda ecoava na sua cabeça, como um eco encerrado numa garrafa de vidro. O calor do gatilho no seu indicador. Como se pudesse denunciá-lo, escondeu a sua mão direita no bolso das calças.

Demasiada gente. Demasiados guardas-civis.

Quando tudo aconteceu, deixou a lanterna no porta-bagagens do carro. Depois conduziu estrada abaixo, até à bomba de gasolina, e atestou o depósito, embora mal coubessem mais uns litros.

Não sabia se teria de iniciar uma longa viagem.

Esperou que chegasse a Guarda Civil, a ambulância. Viu alguns conterrâneos a descer de carro ou mesmo a andar à chuva. Então saiu do carro e subiu ao armazém de Joaquín.

Logo que entrou deu com um homem a falar com Víctor. Teria uns sessenta anos e trazia um gorro de plástico enfiado até às sobrancelhas. «Raio dos velhos com sono leve», pensou. Sob um impermeável verde-escuro que lhe chegava às coxas, viu-lhe as calças do pijama: quadrados azuis e riscas vermelhas. Gaizka não trouxera guarda-chuva e procurou abrigar-se entre os que tinham, sem deixar de olhar para aquele homem. Estava a prestar depoimento e, com a mão levantada, apontava para a casa que se erguia a uns cem metros do armazém.

Gaizka não precisou de ouvir as suas palavras para saber o que dizia. O disparo de uma espingarda sobressaltara-o. Pôs o gorro e o impermeável, depois saiu de casa. Não lhe parecia normal que houvesse caçadores com aquela chuva àquela hora. Quando chegou ao armazém, deu com o cadáver do polícia atrás de um dos camiões. Já não era possível fazer nada por ele.

Não viu mais nada. Diz que não viste mais nada, filho da puta, pensava Gaizka, com os dentes cerrados, o olhar cravado naquele velho.

A calma com que Víctor se despediu da testemunha deu-lhe a entender que não desvelara nada de importante.

«Se não tivesse sido tão imbecil», dizia Gaizka com os seus botões.

Não procurava justificações para o seu acto. Não era o homicídio que o preocupava, mas a forma como reagira ao mesmo. Nervoso, quase histérico. Dando passeios absurdos à volta do corpo do polícia, detendo-se mais um segundo para olhar para as artérias rebentadas a cuspir sangue. E, enquanto isso, a espingarda continuava a pender-lhe da mão.

Consumira demasiada coca, e isso fez o seu cérebro desatar a conceber planos absurdos em vez de arranjar um álibi seguro. Pensou em cortar o corpo aos pedaços, espalhá-los pelos montes da vila, mas colocando-os de tal forma que, se o Google Earth os fotografasse, formariam um grande ponto de interrogação. Um grande «?».

Até se riu com a ideia.

E o tempo passava. O tempo foi-lhe ganhando terreno a toda a força.

Pensou em meter o corpo no carro, conduzir até Oscuros de Balced e deixá-lo cair pelo barranco, para se espatifar no fundo, contra as rochas que sobressaíam, pontiagudas, do rio Grist.

Abandoná-lo no sopé do monte Ármos, entregá-lo aos javalis e esperar que eles fizessem desaparecer aquele homem até ao último osso.

Estavam realmente a vir-lhe à cabeça todas aquelas ideias ou limitava-se a copiá-las de filmes que tinha visto?

Até que o tempo se esgotou. Ouviu as palavras daquele homem que acabava de falar com Víctor. O vizinho que se assustara ao ouvir um disparo. «Está aí alguém?», perguntava, e, debaixo do camião, Gaizka lobrigava a sua sombra a alongar-se tanto que quase conseguia tocar-lhe. A parte de baixo das calças do pijama metida no cano de umas galochas.

Olhou para as suas mãos. A lanterna na esquerda, a espingarda na direita, envolta num leve vapor que se formava sob o efeito refrescante da chuva. Tomou decisões porventura equivocadas, mas que ainda lhe davam uma última oportunidade.

Apagou a lanterna e meteu a espingarda entre os ferros da parte de baixo de um camião: quem iria encontrá-la ali?

Correu em silêncio até alcançar a parte traseira do armazém e, depois, atravessando o pinhal, chegou ao seu carro. Deixara-o estacionado entre umas árvores, fora da estrada. Ninguém o devia ter visto.

Agachado à entrada, esperou que o vizinho saísse do armazém, para regressar e recuperar a sua *Browning*. No entanto, o raio do velho tinha um telemóvel. Ligou para a Guarda Civil e ficou à espera deles, sentado junto ao cadáver do polícia.

Agora, os agentes erguiam esse mesmo cadáver, metendo-o no carro da funerária. Gaizka olhou para o camião onde escondera a espingarda. Um velho *Pegaso* azul que praticamente perdera a cor com o passar dos anos. Gostaria de ter levado um dedo aos lábios e, com um «chiu», pedir-lhe silêncio. Dizer-lhe: «Espera que todos se vão embora.»

Quim estava na casa de banho, envolto na toalha, abraçado a si próprio. A água quente do duche enchera o compartimento de vapor. Mal conseguia ver o seu reflexo no espelho embaciado. Não deu muitas explicações à mãe quando chegou. Apenas disse que se esquecera de levar um guarda-chuva e que, no caminho, se encontrara com Ana a meio da floresta e lhe emprestara o seu impermeável.

Montserrat perseguiu-o escadas acima, precisava de saber como estava Ana; a Polícia andara à sua procura, por que razão se teria ido embora sem contar a ninguém? Mas Quim não se sentia com forças para responder. «Não sei», foi a única coisa que lhe conseguiu dizer.

Fechou-se na casa de banho. Abriu o chuveiro.

Ao meter-se nu debaixo do jacto de água, recordou o corpo de Ana. Tão encharcado como se acabasse de sair de um dos lagos da montanha. A sua boca aberta, a beber a água do céu, como ele fazia agora no duche, com o líquido a escorrer dos lábios e a descer-lhe pelo pescoço, pelo peito.

O seu sorriso ao vê-lo: «Sabes há quanto tempo não apanhava uma molha?»

Quim percebeu o que queria dizer: sabes há quanto tempo é que não me sentia viva?

E, enquanto tomava duche, ele também sorriu. A felicidade de Ana era contagiosa. Pela primeira vez em tanto tempo, Quim tinha visto alguma coisa que queria possuir: aquela urgência de viver.

Montserrat saiu de casa e, sem levantar o olhar do chão, sentindo a chuva bater-lhe na cabeça e nas costas, atravessou o seu jardim, entrou no lote de Raquel e avançou até à porta. Esperava que fosse ela a abrir, mas, do outro lado da porta, apareceu Burgos. O guarda-civil estava a falar ao telemóvel enquanto olhava para ela e lhe pedia, com um gesto, que explicasse ao que vinha.

Montserrat ouviu frases soltas daquela conversa: «Tenho de ficar?» «Como é que ela está? Quando saiu, fiquei preocupada.» «Sim, aqui está tudo sob controlo.»

Perante um novo olhar de Burgos, Montserrat viu-se obrigada a explicar-se: — Só queria saber se Ana está bem.

— Sim, pode ficar descansada. Não foi nada — disse-lhe Burgos enquanto fechava a porta.

Montserrat lançou um olhar para o interior. Na sala, Ana estava sentada no sofá, envolta num roupão. A mãe secava-lhe o cabelo com uma toalha e, então, os seus olhares cruzaram-se. Montserrat receou que ela afastasse os olhos por causa da forma como a tratara, aos gritos, histérica, ruim. Mas Raquel esboçou um sorriso. Montserrat pronunciou um agradecimento mudo, com a esperança de que ela conseguisse ler-lhe os lábios, mas Burgos já fechara a porta.

Porque tinha cometido a estupidez de culpar a sua amiga por ter sido a sua filha e não Lucía a regressar com vida? Que responsabilidade tinha ela pela desdita?

Montserrat já estava a regressar a casa quando ouviu a porta de Raquel a abrir.

— Agradece ao Quim da minha parte — disse-lhe a sua amiga —, por ter encontrado Ana.

Montserrat virou-se para Raquel e prometeu-lhe que o faria.

— Raquel — começou por dizer, mas, de repente, as palavras não lhe pareciam suficientes para

exprimir uma desculpa. — Não era preciso mandares-me a fotografia daquele desenho... eu... Não sei como pedir-te perdão... — tartamudeou, pouco à vontade.

— Vem cá um dia destes, Montse, falar com Ana, que ela conta-te coisas de Lucía...

Montserrat disse que sim com a cabeça. Raquel tinha razão; aquele retrato-robô policial de Lucía fizera-a ver algo que lhe parecia impossível. O rosto da sua filha convertida numa adolescente de dezasseis anos.

Até esse momento, Lucía ficara petrificada na sua memória como uma rapariga de onze anos. Uma estátua de sal. Agora, sabia que crescera, que tinha continuado a viver. O facto de Ana lhe contar pormenores sobre Lucía, de repetir o que a sua filha lhe dizia, seria como dotar aquele desenho de movimento e de voz. De vida.

*

«És tu que tens a obrigação de encontrar a minha filha?», dizia Joaquín para consigo ao ver Víctor acompanhar Sara até ao carro. A polícia era uma boneca de pano nos seus braços. Por um momento, conseguiu ver-lhe os olhos. Sara olhava para ele, para os mirones que tinham chegado, para o céu donde continuava a precipitar-se a chuva. Podia olhar para qualquer sítio e não ver nada. Na sua retina estava gravado o cadáver do seu colega estendido na lama. Uma imagem que se sobrepunha a todas as outras.

Será que ia começar novamente a dança de polícias responsáveis pela investigação? Um novo começo para quem chegasse. Voltar a rever processos, relatórios, entrevistas com as famílias. Os demais podiam regressar à estaca zero quando lhes desse na real gana. Para Joaquín, era impossível. Era longo o caminho já percorrido, e recusava-se a aceitar que os seus passos não estivessem a conduzi-lo a um sítio qualquer.

— Rafael está por aqui? — perguntou a Pujante.

— Telefonámos-lhe há bocado. Deve estar prestes a chegar — disse-lhe o agente, que estava pálido. Demasiado jovem para o que lhe calhara em sorte.

O regresso era inviável, pensou Joaquín. Olhou para o seu estabelecimento: aquele armazém de camiões, que, há uns anos, era pequeno de mais para ele. Transportes Castán. Os planos que fizera. O dinheiro que investira. As noites de sábado, quando, em família, iam jantar a Barbastro e ele falava do futuro com Montserrat, com Quim e Lucía. Recordava aquelas noites de Verão. «O pai vai comprar cem camiões», dizia a sua filha com a boca cheia de hambúrguer. Um Verão luminoso ao qual já não podia voltar. O último que vivera antes de a sua vida se transformar naquela fuga para a frente.

*

— Onde é que te meteste? — perguntou-lhe Raquel quando passou atrás dele rumo à cozinha. — Ninguém te põe a vista em cima.

Álvaro negou com um gesto e deixou-se cair numa das cadeiras que havia junto à mesa. Estava esgotado. O cabelo, pastoso devido à chuva, ainda gotejava. A seus pés, as pegadas de lama e água dos ténis. Apoiou-se nos cotovelos e levou as mãos à testa, puxou o cabelo para trás. Tinha sangue ressequido nos orifícios do nariz e a ponta arroxeadas, possivelmente partida. Uma sombra violácea sob os seus olhos, acentuada pelas lâmpadas de halogéneo do tecto da cozinha. Raquel teve a impressão de que estivera a chorar.

— Tira-me essa roupa — ordenou-lhe Raquel, maternal.

Ele pediu-lhe que esperasse um momento, levantando uma mão, como o doente que precisa de uma pausa depois de vomitar. A seguir, encarou a sua mulher. Ou devia chamar-lhe ex-mulher? Raquel trazia uma *T-shirt* de algodão cinzenta e umas calças largas, brancas, também de algodão. Soltara o cabelo, que lhe caía sobre os ombros. De um castanho que, conforme a luz, parecia feito de mel. Vieram-lhe à cabeça imagens fora de contexto: os cepos de uma lareira a arder ou uma manta, o calor do bafo de Raquel. Voltou a dizer para consigo que tinha sido um imbecil: cinco anos encafudado naquela toca, no alto da montanha. O seu suposto salvador também tinha sido o seu carcereiro. Agora sabia que umas palavras de Gaizka lhe teriam devolvido o lar, a mulher. Seria já demasiado tarde?

Raquel insistiu que ele devia tomar um duche. Acompanhou-o escadas acima. Ana dormia, disse-lhe. Burgos fora embora e outro guarda-civil vigiava o sono da sua filha. Preferiu não lhe contar que Ana fugira de casa pouco depois da sua zanga com Gaizka. Sabia o que Álvaro ia dizer: que a filha saíra de uma clausura para cair noutra. Que precisava de liberdade depois de tudo o que sucedera.

Entraram na casa de banho. Álvaro sentou-se na borda da banheira. Raquel agachou-se ao seu lado para abrir a água. Ele apercebeu-se de que não cheirava a nenhum perfume. Não havia nada de artificial nela. Só aquele cheiro junto do qual adormecera tantas noites e que, secretamente, o incomodava quando desaparecia sob perfumes artificiais, alheios.

Há quantos anos é que Raquel e Álvaro se conheciam? Uma noite, em Barcelona, quando estava a acabar o curso, num bar. Ela tinha ido com umas amigas que afinal eram comuns. O que se passou com aquelas amigas? O que é que importa? Com o passar do tempo, tudo o que envolvia a sua relação com Raquel lhe parecia acessório. Os rostos dos que foram o seu círculo de amigos em Barcelona, os bares, os apartamentos onde viveram. Tudo se esbatia. No entanto, a recordação do seu corpo nu colado ao dele continuava bem presente, como se tivessem passado escassos segundos desde que tinham feito amor pela última vez. A sua pele e a sua boca.

O vapor do duche começou a pairar na casa de banho. Raquel dizia para ele se despir, para tirar aquelas vestes, que ela ia procurar roupa seca. Álvaro sentiu-se egoísta por um instante. Deveria estar a pensar em Ana, na forma de conseguir que a filha retomassem uma vida normal. Mas a seguir disse para consigo que eles, os pais, também teriam de fazer parte dessa vida normal. Tinham a obrigação de resolver os seus problemas. O que se passava com o rapaz que acompanhara Raquel ao hospital? Esse tal Ismael. Gaizka contara-lhe que trabalhava como carpinteiro com Raquel. E, ao recordar aquela conversa com Gaizka, sentiu uma raiva transbordante contra quem considerara seu amigo. Gostaria de lhe bater novamente: qual o grau de verdade e de mentira na relação que tinham tido?

Raquel pôs-se de cócoras diante de Álvaro. Sentiu-se à vontade no azul dos seus olhos, como um lago frio que a acolhia.

— Sabes uma coisa? — disse ela. — Pouco me importa como chegámos até aqui. A única coisa que me importa é onde estamos.

Álvaro demorou uns segundos a responder.

— Amo-te — disse-lhe ele.

Ela escondeu o olhar num acto reflexo, envergonhada como uma adolescente. Ele supôs que tinha corado. Raquel tinha as mãos apoiadas nos joelhos e, instintivamente, afastou-as.

— Apetece-me comer-te — ouviu Álvaro dizer-lhe, mas não se atreveu a levantar os olhos.

Ele pegou-lhe no pulso e pôs-se de pé, fazendo-a levantar-se também. Colou-se a Raquel, encostando-a ao lavatório. Ela sentiu a sua *T-shirt* a molhar-se ao roçar com a roupa de Álvaro, encharcada da chuva. Uma torrente de imagens deslizaram-lhe pela memória: desde que vira o carro de Álvaro a afastar-se de sua casa, há quatro anos, até à noite em que se deitou pela primeira vez com Ismael. O que tinha sido a sua vida naquele intervalo? Queria sair daquela casa de banho e, ao mesmo tempo, queria ficar. Tirar a roupa e sentir Álvaro dentro dela.

Precisava de sentir o prazer.

Álvaro pôs uma mão na base do pescoço de Raquel e ela inclinou a cabeça para esse mesmo lado, como um gato que se retorce ao sentir a carícia. A água batia com insistência na banheira, num batuque metálico que a ela parecia marcar o ritmo do seu próprio coração.

Foi ela quem agarrou Álvaro com força pela cintura para o colar ao seu sexo. Abriu a boca e beijou-o.

*

As árvores, os montes, do outro lado da janela do carro, arrastavam-se para trás, como uma tela pintalgada puxada por uma mão invisível, difusos devido à noite, à chuva e ao vidro embaciado. A cabeça de Sara tremelicava suavemente contra o assento. Recusara-se a voltar para a estalagem. Sabia que discutira com Víctor, mas agora mal se lembrava do que tinham dito um ao outro. Alguém, talvez outro agente da Guarda Civil, lhes contara, quando já tinham entrado no carro, que Marcial Nerín estava em Barbastro. Uma pessoa da vila — sabe-se lá quem — tinha-o visto sair com a mãe. «Deve estar no hospital», disse-lhe Víctor, «a fazer diálise.» Sara queria falar com Marcial quanto antes. Talvez fosse por isso que discutiram. Víctor dissera-lhe que não estava em condições de continuar a trabalhar? O que é que ele sabia? É possível que ela tivesse levantado a voz mais do que era necessário. Talvez até o tivesse insultado. Fez que ligasse para a estalagem La Renclusa e verificasse se Elisa estava a trabalhar. A filha de Marcial tinha o dia livre e não a tinham visto por aquelas bandas.

Desceram pela estrada do vale. Atravessaram o túnel do desfiladeiro de Fall. Durante uns segundos, cessou o barulho da chuva, a escuridão envolveu-os. E continuaram a descer naquela caixa metálica chamada jipe, sem outra luz além da dos faróis do carro, que iluminavam um triângulo do asfalto.

A fazer a descida vinha também o caixão de Santiago Baín, uns quilómetros atrás deles, no carro da funerária.

Quase conseguia ver Santiago fechado, a sua pele branca e flácida. Os olhos abertos, sem vida e cravados na tampa de pinho do caixão.

Sara e Víctor faziam a viagem em silêncio. Ela com a cabeça virada para a janela, embora sem

olhar para o que havia do outro lado do vidro. Estava ali, naquele carro, a caminho de Barbastro, e, ao mesmo tempo, estava bem longe.

Noutro tempo, noutro lugar.

Tinha a sensação de estar a comandar o seu corpo de forma remota. Do passado. Do quarto do apartamento ao qual Santiago a levou tempo depois de se conhecerem na esquadra. Sara apresentara-se no gabinete de Santiago com a certeza de que os pais andavam à procura dela, quando a verdade era que a sua ausência significara para eles um alívio. Santiago deve ter sentido pena. Embora, ao princípio, Sara o confundisse com desejo. Ela era uma jovem atraente; ele era um polícia solitário de cinquenta anos. Ficou com o seu número de telefone e ligou-lhe passados uns dias. Queria saber como é que as coisas estavam a correr, como conseguia sobreviver. Encontraram-se numa cafetaria, e foi ali que Sara lhe contou que estava a dormir na rua. Ele levou-a para sua casa. Comprou-lhe roupa nova. Deu-lhe de comer. Como nos contos, Sara esperava que, a qualquer altura, o adorável idoso se transformasse num demónio.

Essa transformação nunca veio a acontecer.

Sara ficou a viver em sua casa.

Pouco tempo depois de se estabelecer ali, Sara teve um pesadelo. Uma daquelas viagens entre a vigília e o sono, em que se sentia presa no seu corpo. Imobilizada. Olhava para as paredes de um quarto ao qual ainda não se habituara e, entre as sombras, surgiu o habitual desfile de estranhas criaturas. Não lhe faziam nada. Não lhe falavam. Só se sentavam aos pés da cama a olhar para ela. Homens e mulheres sem traços, como invólucros de seres humanos, a observá-la. Analisando-a durante horas, que ela sabia que se estenderiam até ao amanhecer.

Naquele dia sentiu o toque de uma mão. Alguém a abanava segurando-lhe num ombro. As criaturas esfumaram-se e Sara recuperou o domínio do seu corpo. Sentado, ao seu lado, reconheceu Santiago, o seu rosto excessivamente redondo, a pele cheia de dobras impossíveis. «Estavas a tremer», disse-lhe. Ela não encontrou palavras para lhe dar uma explicação. Santiago não insistiu. Limitou-se a abraçá-la.

Era a primeira vez que Sara despertava de um pesadelo com um abraço.

Era naquela cama, a sentir o calor protector de Santiago, que Sara queria estar. Dali dirigia o seu corpo, que agora estava sentado junto a Víctor no jipe da Guarda Civil. Como se o que lhe estivesse a acontecer naquele momento não fosse real, mas uma projecção que fazia do futuro deitada naquela cama, no passado, amparada por Santiago.

Nunca quis pôr a hipótese de Santiago ter de morrer um dia.

Nunca quis voltar a sentir a solidão em que nadava antes de o encontrar.

Amanhecia quando chegou a Barbastro. O Sol deixou um céu limpo a descoberto. As nuvens tinham-se extinguido e, quando saíram do carro, caíam apenas umas gotas de chuva extemporâneas. Um véu acinzentado caía sobre a fachada do hospital e os trabalhadores que iniciavam o seu turno avançavam indolentes pelas redondezas, arrastando ainda as redes do sono. Os ruídos dos carros, as conversas dos acompanhantes dos pacientes hospitalizados, que esticavam as pernas à entrada após uma noite desconfortável, chegavam até ela em surdina, como se tivesse os ouvidos tapados.

Ao transpor a porta do hospital, Sara fez um esforço para voltar a agarrar-se à realidade. Tinha de o fazer, se queria dar com o homem que matara Santiago.

Os mirones tinham perdido o interesse. Muitos tinham regressado a casa de manhã cedo. Só os que viviam por perto continuavam a cirandar junto ao estabelecimento de Joaquín, mas já distraídos em conversas que nada tinham que ver com o que sucedera ali. A fita policial, empurrada pelo vento, arrastava-se sobre a lama. Depois de levantarem o cadáver, a maior parte dos guardas-civis partira, só tendo ficado dois, como os últimos clientes de um bar, renitentes em abandonar o local, apesar de já terem acendido as luzes. Pujante e Telmo, cheios de olheiras e sem nada para dizer um ao outro, deixavam cair olhares perdidos em direcção à marca que o cadáver do inspector Baín deixara no chão. A lama avermelhada pelo sangue.

«Não repararam? Baixaram a persiana. Já não há música», queria gritar-lhes Gaizka.

Mas, em vez de o fazer, Gaizka afastou-se do lugar onde estava o cadáver para que o seu excessivo interesse não chamasse a atenção. Deixou-se levar pelo vizinho que dera o alarme. Disse-lhe que se chamava Moisés. A caminho de casa, Gaizka viu a parte de baixo do pijama sair do cano da galocha. Estava sujo de lama, que lhe pareceu merda.

Ao chegar a casa, Moisés acompanhou-o até à cozinha enquanto, disse-lhe, ele mudava de roupa. A sua mulher, uma senhora roliça envolta num roupão roxo, ofereceu-lhe um café, e Gaizka aceitou-o. Sentou-se junto a uma janela donde conseguia ver o armazém dos Transportes Castán. Não afastou o olhar dali, do camião que escondia a espingarda, enquanto a mulher de Moisés preparava o café e deixava escapar um ror de queixas: «O que é que se passa com esta vila? Minha Nossa Senhora, já nem sei que mais desgraças é que nos podem acontecer»; também não ouviu o relato

que Moisés iniciou quando regressou, já vestido com um fato-macaco: «Estava acordado, preocupado com os algerozes, que ficam sempre entupidos quando chove, com as folhas dos pinheiros que há nas traseiras, quando o ouvi.» Moisés tirara o gorro de plástico e Gaizka verificou que tinha o cabelo preto e encaracolado, pastoso, oleoso.

Perguntou pela casa de banho e pediu desculpa por um momento. Vomitou ao mesmo tempo que puxava o autoclismo para abafar o barulho do vômito. Tinha medo de que, quando abrisse a porta, estivessem uns guardas à sua espera para o deter. Levou a mão à testa e sentiu-a a arder, febril.

Ao voltar para a cozinha, reparou que o armazém ficara vazio. Já lá estavam aqueles dois guardas-civis. Despediu-se de Moisés e da sua mulher sem provar o café e saiu tentando aparentar normalidade ao dirigir-se à estrada. A seguir, subiu pela berma em direcção à vila, deixando a um lado o armazém, até que chegou à zona onde começava o pinhal. Certificou-se de que não havia ninguém na estrada antes de se embrenhar entre as árvores. Estava a fazer o mesmo caminho que percorrera na noite anterior para fugir da empresa de Joaquín.

Uma noite que agora lhe parecia distante. Como se fosse uma vaga recordação de há um milhão de anos.

O chão estava encharcado, as folhas dos pinheiros gotejavam a chuva que tinham retido. A luz da aurora coava-se por entre as copas espessas, tingindo-se de verde. Dos dois guardas-civis que continuavam a vigiar a cena, só conhecia Pujante. Era ligeiramente mais novo do que ele e, antes de ingressar na Polícia, tinham-se encontrado numa noite de copos. Lembrava-se de uma bebedeira, talvez num bar de Posets, quando os dois estavam a cantar abraçados, aos gritos, a música que estava a tocar no estabelecimento. Depois, os galões de autoridade tê-lo-ão afastado das festas. Ou teria casado? Tanto faz, disse para consigo.

Quando chegou à raia do pinhal, abrigado atrás de um tronco, à sombra, Gaizka conseguiu vê-los. O outro guarda tentava meter conversa com Pujante, que estava apoiado no capô do seu jipe. Talvez falassem de futebol. Ou da época de caça. Seja como for, apesar da conversa, Pujante continuava mal-encarado. Sorria contrafeito e mal intervinha. De vez em quando, o seu olhar mergulhava na lama onde estivera o corpo de Santiago.

Gaizka fez um esforço para apagar aquele nome da cabeça: Santiago. Preferia chamar-lhe «o polícia».

Não queria ficar a pensar nele nem no buraco que lhe abrira no peito com a espingarda. Tentou ser optimista: conseguira escapar de uma situação difícil. Era como um daqueles actores cómicos, a cambalear durante mais tempo do que o normal, a ameaçar cair para, no final, recuperar o equilíbrio.

Pegou no telemóvel e procurou nos contactos o número dos Transportes Castán. O telefone começou a tocar no escritório do armazém. Os guardas não ouviram os primeiros toques, mas depois Pujante reagiu e olhou para trás; a porta estava aberta e a melodia do telefone escapava-se na sua direcção. Deu uns passos para ir atender, mas o outro guarda deve ter-lhe dito que tratava do assunto. Viu-o afastar-se na direcção do armazém. Pujante ladeou o seu carro até que só conseguiu ver-lhe parte do boné que levava enfiado.

A uns metros dele, estava o camião. Um *Pegaso* azul, desbotado, que, assim visto à luz do dia, lhe pareceu um idoso cansado, farto de trabalhar. Gaizka agachou-se, mas, do sítio onde estava, não conseguia ver se a espingarda continuava encaixada na parte de baixo do camião. Desligou. Esperou uns segundos e, então, voltou a telefonar.

Certificou-se de que o guarda-civil continuava no interior do armazém. Pujante também não conseguiria vê-lo se saísse do pinhal; o jipe cortava-lhe a visão. Gaizka inspirou e correu curvado para o camião. Sentiu-se ridículo. A personagem de um mau filme de espões acompanhada, na sua aventura, por uma melodia ao estilo de *A Pantera Cor-de-Rosa*. Colou-se à cabina do camião. Olhou por debaixo da parte inferior da viatura e viu as pernas de Pujante e do outro guarda; já saíra do armazém. Ficou admirado quando ouviu nitidamente o que estavam a dizer um ao outro: «Não há ninguém» e, depois, «Sim?». Só então se apercebeu de que tinham atendido o telefone e que estava a ouvi-los através do seu próprio telemóvel. Tirou-o do bolso e desligou-o. Fechou os olhos, nervoso. Sentiu a ansiedade trepar-lhe pelo peito e tentou contê-la com uma respiração pausada.

Tinha de o fazer agora.

Pôs-se de cócoras e, entre os eixos do camião, viu a sua *Browning*. Atirou-se para o chão e arrastou-se em direcção a ela.

O barulho de um motor a aproximar-se paralisou-o. Viu um carro entrar no armazém e deter-se junto à fita policial. Os guardas-civis aproximaram-se para falar com o condutor. Gaizka pegou na empunhadura de carvalho da espingarda.

Alguém saiu do carro; trazia umas botas de borracha e as calças de ganga enrugavam-se sobre elas. O coração batia-lhe com tanta força que chegava a doer-lhe. De repente, teve medo de que

toda a coca que consumira acabasse por lhe rebentar alguma artéria. Como ia sair dali agora? Quem era aquele homem?

Achou que podia ser alguém da Polícia Científica. E se trazia cães? Pisteiros que, pelo olfacto, acabariam por dar com ele, petrificado como um idiota sob aquele camião. Quantos cartuchos restavam na espingarda? Abriu-a com um estalido que julgou poder denunciá-lo. Dois, um na câmara. Seriam suficientes, caso o descobrissem?

Continuavam os três parados à frente do carro; as suas pernas formavam um triângulo. Um dos guardas-civis pisou a fita policial para o homem passar e, a seguir, avançaram para o camião. Gaizka apoiou a arma no ombro. Deitado no chão, apontou para eles: sobre quem devia disparar primeiro? Pensou em Pujante. E lembrou-se dele a cantar, bêbado, quando ainda se encontravam nos bares. O que estiveram a cantar juntos?

Mantém a cabeça fria, disse para consigo.

«Dispara primeiro sobre o outro. Pujante está todo fodido. Com sorte, ainda consegue correr daqui para fora.»

Pararam os três a escassos metros do camião. Conseguia ouvir o murmúrio das suas vozes, embora o teor da conversa fosse ininteligível para ele.

Gaizka arrastou-se até ficar atrás de uma das rodas. Pôs a cabeça de fora, à procura de uma posição que lhe permitisse ver quem estava com os guardas-civis.

Respirou algo aliviado ao ver que era Rafael, o cunhado de Joaquín. Gesticulava, apontando para um lado e para o outro do armazém. Dava-lhes explicações sobre qualquer coisa. A seguir, virou-se e caminhou para o escritório. Os guardas seguiram-no.

Gaizka certificou-se de que estavam de costas para ele e que se afastavam.

Saiu da parte de baixo do camião. Correu até se perder novamente entre as árvores. Olhou para a espingarda que tinha na mão e riu-se enquanto recuperava o fôlego. Já não tinham nada contra ele.

Sara sentou-se junto à mãe de Marcial. A idosa estava recostada numa cadeira demasiado grande para ela. Tinha o braço esquerdo virado para cima, apoiado num vasto encosto. Dois tubos penetravam uma pele transparente que deixava ver as veias como se fossem os rios que se retorciam entre as montanhas do vale. O sangue saía e, depois de limpo, voltava a entrar-lhe no corpo. A mulher olhava para o vazio, alheia a um processo que parecia não lhe produzir qualquer sensação, com a boca meio aberta, o lábio inferior pendente, flácido. Procurou naquela pequena mulher os traços de Elisa ou de Marcial. A fina teia de rugas que se estendia sobre a pele de Marcial repetia-se nela, embora as covas fossem ainda mais profundas. A mandíbula proeminente, que no filho se mostrava agressiva, também podia encontrar-se no seu rosto, mas já se tornara um peso difícil de sustentar, e dava a impressão de que María de Laude — assim se chamava, conforme lhe dissera a enfermeira — investia as suas escassas forças para fixar aquela mandíbula, tentando que não se desprendesse da sua cara. O seu perfil desenhava o mesmo escorrega que tinha visto em Marcial e, na parte mais côncava, os seus olhos vidrados, de um cinzento-claro que talvez tivesse sido azul no passado, navegavam à deriva.

Víctor tinha ido à procura de Marcial Nerín. Uma enfermeira dissera-lhes que fora embora depois de trazer a mãe para fazer diálise. Tinha sido de manhã bem cedo, um pouco antes de eles chegarem ao hospital. Marcial devia estar no apartamento que arrendara em Barbastro. Tinham tentado localizá-lo por telefone, mas não atendera a chamada.

Embora contrafeito, Víctor deixou Sara sozinha no hospital para ir à procura dele. Nem queria perceber a urgência da polícia em falar com Marcial. Ela contara-lhe a descoberta da Polícia Científica no refúgio: o *pin* da Confraria, a estrela de oito pontas, que resistira ao fogo. Marcial Nerín era o chefe daquela organização. «O que é que tem?», perguntara-lhe Víctor. «Toda a vila está na Confraria. Qualquer um pode ter um desses *pins*. Até eu já tive um.»

Sara sabia o que incomodava Víctor: a descoberta da insígnia deitava por terra qualquer teoria de que o rapto tivesse sido obra de estrangeiros. Nem sequer tinha sido alguém das povoações vizinhas.

O homem que raptara as raparigas era de Monteperdido.

Um amigo, um conterrâneo. Alguém com quem Víctor, porventura, se cruzava todos os dias, alguém que ele cumprimentava com um sorriso. Alguém com quem trabalhava lado a lado para limpar o Ésera. Certamente tinham tomado um café, comido um bolo, nas reuniões da Confraria junto à igreja da vila. «Como está?», podia ter-lhe perguntado, um dia, Víctor. «Vamos andando.», podia ele ter respondido.

Não estava zangado com Sara. Estava zangado com a realidade.

Enquanto esperava que Víctor regressasse, Sara ficou a olhar para o sangue de María de Laude a percorrer os tubos em direcção à máquina de diálise. Fervilhante, quase preto.

Gostaria de ter cuidado de Santiago quando fosse idoso. Quando o corpo já não lhe respondesse.

Teria estado sentada ao seu lado no quarto de algum hospital. Comentando as notícias dos jornais. Matando o tempo. Aliviando a sua dor.

A mãe de Marcial trazia um vestido preto que mais parecia uma bata. As suas pernas, magras, assomavam sob a manta de hospital que a tapava até ao regaço e pendiam do assento sem chegar a tocar no chão. O cabelo branco, algo oleoso, fez Sara pensar que o filho não a levava ao cabeleireiro quando lhe competia. Indefesa, dependia de Marcial não só para as necessidades mais básicas — comer, ir à casa de banho — mas também para aquelas que parecem acessórias, mera vaidade: andar limpa, cheirar a perfume, trazer um vestido bonito, ir ao cabeleireiro.

Quando toda essa fachada se desmorona, o que importa o que está para trás? Aos olhos dos outros, uma mulher já está condenada. O seu corpo já deixou de ser um lugar habitável.

A enfermeira voltou para verificar se a máquina estava a funcionar correctamente.

«Tem Alzheimer», disse-lhe quando Sara lhe perguntou por ela. Santiago tinha-lhe contado. «Além dos problemas com os rins, claro.»

Sara gostaria de ter perguntado a María de Laude onde estivera na noite anterior, desde que saiu de Monteperdido até que chegou ao hospital. Demasiadas horas de viagem, mesmo para uma noite de chuva. Deixaram a vila por volta das dez, e ela só deu entrada no hospital naquela manhã.

Quem poderia contar-lhe o que sucedera?

A noite de trovoadas abriu poços que Sara precisava de iluminar. Não só a viagem de Marcial mas também a ausência de Elisa e, igualmente, Santiago. Sobretudo, Santiago.

Por que motivo tinha ido ao estabelecimento de Joaquín? O que estaria a fazer nos Transportes Castán?

A empresa atravessava tempos difíceis. Há uns meses, Rafael deixara de pagar o sistema de vigilância. As câmaras penduradas nos cantos do escritório já não emitiam para nenhum sítio. O vigilante responsável pela ronda nocturna também tinha sido despedido, há quase um ano, pois não conseguiam pagar-lhe o vencimento. Os camiões, parados durante a maior parte dos dias, envelheciam e transformavam-se em problemas acrescidos, como se fossem idosos cheios de achaques.

«Acho que aqui há gato», dissera-lhe Santiago.

A enfermeira voltou a pôr no sítio a almofada sobre a qual descansava a cabeça da mãe de Marcial. A mulher deixava que lhe mexessem, lânguida, sem opor resistência.

Ao levantar o cobertor para o esticar, Sara viu o braço direito da idosa, até agora oculto debaixo dele. Tinha-o dobrado sobre o ventre. A mão direita estava fechada num punho, com força. Uma tensão que não existia em nenhuma outra parte do seu corpo.

— Dói? — perguntou Sara, e, perante o olhar da enfermeira, explicou. — A diálise, todo este processo, pode causar-lhe dor?

— Não me parece — respondeu-lhe a enfermeira enquanto ajeitava o cobertor e voltava a tapá-la. — Ou, pelo menos, não dói mais do que uma recolha de sangue vulgar.

— Importa-se? — disse-lhe Sara, levantando novamente o cobertor e destapando aquela mão que a idosa mantinha fechada.

— Isso não é nada — a enfermeira sossegou-a.

Víctor entrou no quarto.

— Marcial Nerín está lá fora. Queres falar com ele? — perguntou-lhe.

Sara voltou a tapar a mulher. Saiu do quarto e seguiu Víctor por um corredor até um quarto vazio. Marcial estava à espera, de pé, junto à janela. Um guarda-civil franqueou-lhes a entrada e a seguir fechou a porta.

— Mas o que vem a ser isto? — disse-lhe Marcial ao vê-la, fazendo um esforço para não levantar a voz. — Vêm a minha casa como se eu fosse um delinquente.

— Onde é que estava ontem à noite? Desde as dez, hora a que saiu de Monteperdido, até chegar ao hospital, de manhãzinha — conteve-se Sara.

— Na estrada — respondeu ele. — Foi para isto que me tirou da cama?

— Deve ter sido viagem bem longa — insistiu Sara, embora comesse a notar que era incapaz de se concentrar no diálogo com Marcial. A sua cabeça começara a caminhar noutra direcção.

— Marcial, porque é não nos deixamos de disparates? — interveio Víctor. — Fiz-lhe uma pergunta; que tal dizer-me a verdade? E não me diga que demorou nove horas a chegar a Barbastro...

Marcial olhou assarapantado para Víctor. Notara azedume nas palavras do guarda-civil. O enfado de quem se vê obrigado a falar com um imbecil. Levantou ligeiramente a cabeça e olhou para o sargento da Guarda Civil com altivez; um olhar que lhe escorregou dos olhos e desceu pela encosta do rosto até sair disparado pelo trampolim da sua mandíbula em direcção a Víctor, como se fosse uma cuspidela.

— Também vai começar com parvoíces? — acrescentou Marcial com desprezo.

— Foda-se — murmurou Víctor, e, depois de bufar, agarrou Marcial pelo peitilho e atirou-o contra a parede, que ressoou com o choque. — Esta noite mataram um polícia. Vai fazer-me perder tempo? Está a falar a sério?

A surpresa na expressão de Marcial parecia genuína. Tartamudeou, perguntou quem é que tinha morrido, alguém da vila?, e não disfarçou o alívio ao saber que o cadáver pertencia ao inspector Baín, mas Víctor obrigou-o a voltar à noite anterior. Àquela viagem que parecia eterna.

— Estava a chover imenso — começou Marcial por explicar. — Eu não me fiava no rio; sabe que não tivemos tempo de o limpar como deve ser. Saí da estrada, no sítio onde fica a estrada de França. O túnel do Ixeia fica a grande altitude, pareceu-me um local seguro. Tem uma zona dentro da montanha, abrigada da chuva, e esperei ali com a minha mãe a ver se abrandava um pouco.

Sara virou-se de costas para Marcial; alguma coisa começava a tomar forma na sua cabeça. Era uma ideia construída com base na intuição, em sensações. Tentava moldá-la para conseguir exprimi-la, mas continuava a faltar uma peça. Algo que a impedia de descobrir, naquela amálgama de estímulos, uma figura reconhecível.

— Quando cheguei a Barbastro, passei primeiro por minha casa — continuou Marcial a justificar-se. — Pode perguntar aos vizinhos. Se calhar houve algum deles que nos ouviu chegar. Cuidei um pouco da higiene da minha mãe antes de a trazer para o hospital.

Víctor soltou-o. Sabia que não havia mais nada para esgaravatar. Procurou em Sara uma ordem que lhe dissesse por onde continuar.

— Onde está Elisa? — perguntou Sara, sem olhar para Marcial.

— Sei lá. Em casa, suponho. — Mas a sua voz denotou um tremor de indecisão.

— Saiu consigo de Monteperdido — insistiu Sara. — Onde é que ela está agora?

Marcial procurou protecção no olhar de Víctor, mas ele não lha deu. Esperava uma resposta com a mesma urgência que Sara. Marcial alisou a camisa, enrugada após a investida de Víctor, e percorreu com uma mão a cabeça rapada. As asas do seu nariz incharam quando inspirou, alargando-o ainda mais.

— Tivemos uma discussão. — E Marcial tentou apoiar-se novamente em Víctor. — Já sabe como é a minha filha. Nunca se recompôs e... agora, ainda por cima, intercede a favor de Álvaro. Como é que quer que eu reaja? Foi aquele filho da puta que lhe desgraçou a vida...

— Onde está Elisa? — interrompeu-o Víctor, tenso.

— Já lhe disse que não sei! — gritou Marcial, frustrado. Os seus gestos denotavam impotência, agora que parecia tomar consciência de todos os seus erros. — Discutimos e ela voltou-me as costas e pôs-se a andar para a vila... Deve estar em casa ou... sei lá! Metida na cama com um desses turistas...

Víctor conteve a sua raiva. Na vila, todos sabiam o que havia entre Marcial e a filha; era como uma daquelas verdades que, se ninguém as diz em voz alta, todos acham que é como se não existissem. O que fizera Monteperdido por Elisa? Virar a cabeça, olhar para outro lado enquanto ela se consumia ao lado de Marcial. Quem quisesa ver a realidade? E, como uma descoberta que tivesse estado sempre diante dos seus olhos mas que ele tivesse sempre negado ver, assumiu que a vila também construíra uma fábula desde a altura em que as raparigas desapareceram. Uma história em que, primeiro, tinham culpado Álvaro e, depois, qualquer estrangeiro, alguém que não fizesse parte daquela terra. Um relato que lhes permitisse sentirem-se à vontade. Inocentes.

Monteperdido comportara-se de igual forma com Elisa: quem queria reconhecer que sabia o que se passava entre ela e o pai? Uma pontada de vergonha cravou-se-lhe no estômago. Pensou nos olhares que Elisa encontrara na gente da vila quando se virara para eles à procura de ajuda. Olhares que a reflectiam como uma desequilibrada, como uma rapariga marcada pela relação com Álvaro. E, nesse espelho, Elisa não podia encontrar consolo.

Sara quebrou o silêncio do quarto ao sair, decidida, deixando a porta bater atrás de si. Percorreu o corredor no sentido contrário. Víctor seguiu-a, perguntando-lhe o que se passava, mas a polícia não lhe deu qualquer resposta. Ela entrou no quarto onde a mãe de Marcial recebia diálise e, ao entrar, Víctor viu-se obrigado a parar. O seu telemóvel começou a tocar; era uma chamada da esquadra, e preferiu atendê-la no corredor.

No quarto, Sara aproximou-se de María de Laude. A idosa ainda estava a receber o tratamento. Sara ergueu o cobertor que lhe tapava as pernas e o braço que mantinha dobrado sobre o regaço. Pegou no punho que a idosa mantinha apertado. Olhou-a naqueles olhos que pareciam um naufrágio e perguntou-lhe: — O que está a esconder?

Nalgum lugar perdido do seu cérebro havia uma réstia de luz, uma ligeira consciência de que estava a lançar sinais daquele orifício. Sara desfez o punho, dedo a dedo, como se fosse um nó, até lhe expor a palma da mão. Guardava rastos de sujidade e uma mancha pardacenta, de um vermelho-

apagado. Era sangue.

— Tem alguma ferida? — perguntou à enfermeira que tratava dela.

— Que eu saiba, não — disse-lhe ela.

— Preciso de uma análise deste sangue. Se não for dela... — Sara deixou a sua frase a meio, a pairar no ar, enquanto a completava só para si própria: de quem será?

Víctor entrou no quarto. Estava a desligar o telemóvel quando Sara começara a dar ordens a um agente que mandara entrar no quarto.

— Quero que o comparem com alguma amostra de Elisa ou, se não houver nada, com o de Marcial — dizia-lhe Sara, que, ao ver Víctor aproximar-se, reparou na sua perplexidade. — Aconteceu alguma coisa?

— Rafael disse a Pujante que faltava um camiã. De certeza que saiu pouco antes de o inspector Baín chegar ao armazém. Vai a caminho de Barcelona. É um camiã frigorífico, com carne de vitela. Falaram com o condutor e ele diz que não viu nada.

— Mas... — disse-lhe Sara, aproximando-se dele. — Porque há um mas, não há?

— O condutor disse que, antes de sair, esteve com Gaizka; pediu-lhe que levasse umas caixas a uma zona industrial daqui, de Barbastro. Eu disse a todos os agentes que, agora mesmo, a prioridade é localizar Gaizka.

— Onde fica essa zona industrial? — perguntou-lhe Sara, e, embora tentasse centrar-se naquela nova suspeita, Gaizka, alguma coisa a levava a desconfiar. Como se aquela porta que se abria no labirinto fosse uma armadilha, um isco para a obrigar a desviar-se do caminho certo. Apesar dessa sensação, Sara sabia que, enquanto não transpusesse o limiar, não teria a certeza.

A estrada que atravessava a vila, a avenida de Posets, estava praticamente deserta. Era estranho encontrá-la assim num dia de trabalho de Julho. O normal teria sido cruzarem-se com os carros de aluguer dos turistas, um engarrafamento no semáforo do adro da igreja, um autocarro de excursionistas. Gaizka tamborilava sobre o volante e não deixava de olhar para o ponteiro da velocidade, estabilizando-o em cerca de cinquenta quilómetros por hora.

Um Verão estranho. A presença policial afugentara o turismo como uma mão que sacode as moscas. Mau negócio.

Respira, dizia para consigo. Queres saber da porra do negócio para quê?

No porta-bagagens viajava a espingarda. Que ia fazer com ela?

Reduziu a velocidade ao atravessar um charco e reparou que uma das rodas dianteiras se afundava ligeiramente nele.

Os passeios também estavam despovoados. À porta de uma loja de roupa, uma empregada acendia um cigarro com um gesto de tédio. A cafetaria La Corza Blanca, na esquina do caminho para a ponte da escola, mostrava umas mesas vazias através da montra. Com os cotovelos apoiados no balcão, outra empregada passava as folhas do jornal com ar indolente.

Monteperdido parecia uma vila sacudida por alguma desgraça, na sequência da qual os seus habitantes ficaram sem forças para pisar a rua.

Veio-lhe à cabeça uma notícia do telejornal: um autocarro com estudantes despenhara-se ao regressar de uma excursão. Não se lembrava de quantas crianças tinham morrido nem onde tinha acontecido, mas supôs que o ambiente daquela povoação nos dias de luto devia ser parecido com aquele que agora reinava em Monteperdido.

Pensou: desmontar a espingarda e enterrá-la por partes nalguma montanha. No sopé da Kregüena. Era essa uma das possibilidades a considerar.

Restava-lhe alguma coca em casa? Julgava que sim. Decidiu ir até lá antes de fazer fosse o que fosse. A necessidade de dar um *sniff* toldava-lhe o pensamento, impedia-o de raciocinar com clareza.

Sentiu a perna esquerda mexer-se, histérica, no chão do carro. Pousou a mão sobre a coxa, tentando contê-la. Atirar a espingarda ao rio era outra possibilidade. Ou talvez conduzir até ao hotel de La Guardia, assomar ao miradouro e deixá-la cair, para se partir em mil pedaços.

Quem seria capaz de reconstruir aquele quebra-cabeças?

O final estava ao virar da esquina. Sabia que os polícias dariam com o armazém na zona industrial, e então? O condutor do camiã, como é que se chamava?, agora não era capaz de se lembrar, não poderia dizer nada que ele não pudesse defender.

Teve um arrebatamento de prosápia, como quem sai do seu esconderijo de peito descoberto para enfrentar um animal selvagem. Vamos lá, estou à vossa espera.

Mas tinha de sossegar, e, para o efeito, precisava de uma linha. Talvez duas.

Deixou Monteperdido para trás e continuou a subir a estrada que levava a Posets.

Montserrat estava à espera no jardim das traseiras da casa de Raquel. Olhou para a sua casa; àquela hora da manhã, o sol batia com força nos quartos. Em breve teriam de ligar o ar condicionado para poder atrasar, preguiçosa, a hora de sair da cama aos domingos e feriados.

Após os aguaceiros, levantara-se um dia de céu limpo. O casaco de malha que trazia já lhe fazia calor. Ou talvez fosse do nervosismo.

Que esperava daquela conversa? Não sabia encontrar uma resposta. Era uma necessidade instintiva, como a da mãe que, a meio da noite, acorda e tem de ir ao quarto dos filhos para verificar se estão bem. Se ainda respiram.

Tal necessidade surgira quando viu o desenho da filha no telemóvel. Algo se transformara dentro de Montserrat nesse momento. Sempre a temer o pior, sempre à espera de um desenlace trágico para a filha, tinha agora a sensação de que o seu olhar mudara.

Ana entrou no jardim seguindo a mãe. Trazia um boné preto e a pala escondia-lhe os olhos. O vestido, estampado de flores, realçava-lhe a brancura da pele. Montserrat esboçou um pedido de desculpas à rapariga, que Raquel interrompeu.

— Já passou à história — garantiu-lhe.

Ninguém lhe guardava rancor pela sua reacção quando foram visitá-la a casa dela.

Sentaram-se à volta da mesa de teca que Raquel punha no jardim quando estava bom tempo. Montserrat recusou com um sorriso o café que Raquel lhe ofereceu. Por onde começar? Qual devia ser a primeira pergunta? Conteve a vontade de saber se Lucía falava muito dela. Não era uma inquietação egoísta, mas a necessidade de saber que o vínculo que a unia à filha era recíproco. Teria Lucía tantas saudades da mãe como Montserrat tinha dela?

— Lucía estava sempre a contar-me coisas sobre si — disse-lhe Ana, como se lhe tivesse lido o pensamento. — Os bolos de chocolate com doce de morango que faziam aos domingos, que gostava muito de estar consigo na cozinha, com o calorzinho do forno, quando nevava lá fora.

Montserrat sentia o lábio superior tremer quando sorria. Decidira não chorar, ou, pelo menos, não demasiado, mas agora dava-lhe a impressão de que não seria fácil conter-se.

— E que lhe cantasse — acrescentou Ana. — Ao princípio, quando íamos dormir, cantarolava sempre uma canção de embalar que lhe ensinou. Uma sobre uns barcos piratas, lembra-se?

Montserrat recordou a melodia e, com ela, as noites à beira da cama da filha, a acariciar-lhe o cabelo castanho enquanto ela se deixava arrastar para o sono: *«Barcos piratas p'la tua janela virão navegar e às estrelas te hão-de levar. Não tenhas medo. Quando acordares, irás encontrar-me, a dormir ao teu lado, na areia da praia.»*

— Não sei o que hei-de perguntar-te — confessou-lhe Montserrat. Como reconstruir a vida da filha só com umas perguntas?

— O que quiser — disse-lhe Ana.

— Porque não lhe contas o que Lucía gosta de fazer? — interveio Raquel. — Como é que passavam os dias?

Ana encolheu os ombros e olhou de soslaio para o pinhal que se abria atrás da urbanização.

— Isso é complicado — reconheceu Ana com a preocupação infantil de uma rapariga que se vê confrontada com uma pergunta de exame. — Inventávamos canções. Ouvíamos rádio. Durante uns tempos, tivemos uma televisão assim, muito pequenina. — Ana afastou as mãos, indicando o tamanho do aparelho, que não era maior do que um livro. — Via-se muito mal. Lucía gostava muito de Hannah Montana, uma série...

— É bastante famosa — reconheceu Montserrat.

— Também líamos. Bom, sobretudo eu. Trazia-nos livros velhos, e Lucía gostava que eu lhes lesse. Por vezes, adormecia, e, a seguir, se eu continuava a ler, tinha de voltar ao sítio onde ela adormecera...

— Qual foi o livro que lhe agradou mais? — quis saber Montserrat.

— Também não tínhamos muito por onde escolher. Os de poemas, esses é que não. Achava-os uma seca. — A cara de Ana iluminou-se ao recordar, ergueu o queixo, e o sol reflectiu-se-lhe na pele, nos olhos pretos que tinham estado escondidos sob a pala do boné até esse momento. — *Os jogos da fome*. Gostou imenso desse. — Depois, queixando-se a brincar, acrescentou: — Ria-se um bocado de mim. Fazia uma voz pesada e dizia: «Esse tecto tranquilo, campo de pombas, palpita entre os pinheiros e as sepulturas.» Um poema que eu tinha decorado — explicou e continuou, quase com um riso: — Ficava doida por eu decorar poemas.

— Decoraste poemas? — perguntou Raquel com um sorriso, e, durante um momento, sentiu-se tentada a comentar como era difícil fazer as raparigas lerem alguma coisa quando andavam na escola. Preferiu ficar calada. A normalidade que regressara à sua casa ainda não surgira na de Montserrat.

Uma nuvem tapou o Sol e o jardim mergulhou na escuridão enquanto Ana continuava a contar episódios desgarrados. Alguns dos primeiros meses misturavam-se com os de uma época em que já tinham assumido que aquela clausura ia ser para o resto da vida. Tinham crescido a olhar uma para a outra, imitando modelos da rádio e da televisão, dos livros que lhes tinham caído nas mãos. O

tempo que qualquer adolescente vive com ansiedade fora para elas uma espécie de charco estagnado no qual submergiram durante cinco anos. Montserrat aconchegou-se no seu casaco de malha, um vento fraco arrastou o frio das montanhas. Levantou o olhar para o céu — campo de pombas, pensou —, para a nuvem avermelhada que se deslocara perante o Sol, e viu-a despedaçar-se suavemente, embora continuasse a projectar a sua sombra sobre elas.

— Aquilo de que Lucía mais gostava era das Barbies — recordou Ana. — Passava imenso tempo a brincar com elas, a vesti-las, a inventar parvoíces... Às vezes, com um marcador vermelho, desenhava-lhes caras; um sorriso, lágrimas, *blush*... Ele trazia-lhe os vestidos e as bonecas... Chegou a ter mais de vinte.

«Ele trazia-lhe...» Como um convidado que vem pé ante pé, aquele homem infiltrara-se na memória de Ana. Montserrat imaginou a filha ajoelhada no refúgio, com os joelhos cravados no chão de madeira, a mexer nas bonecas enquanto fingia as suas vozes e, atrás dela, a silhueta daquele monstro. A desfrutar da tortura.

O peso daquela sombra levou Montserrat a esconder o olhar, como se uma mão invisível lhe tivesse pegado na nuca e obrigado a baixar a cabeça. Sentiu o contacto de Raquel. A amiga pegara-lhe na mão, segurava-lha, tentava impedir que se precipitasse por um barranco cheio, outra vez, de medo e raiva. A filha estava viva. Isso era a única coisa que importava. Podia sentir aquela vida nas palavras de Ana.

— Até que um dia se fartou das bonecas — disse Ana. — Lucía era assim. Um pouco... — Ana demorou uns segundos a encontrar a palavra adequada. — Um pouco caprichosa. Tão depressa se virava para uma coisa e passava horas a fio com isso, como se esquecia...

O calor do sol voltou a aquecer-lhe a pele. A nuvem desfizera-se e o céu estava limpo. Montserrat não viu na descrição de Ana qualquer desprezo. Não sentiu a ligeira recriminação que, como um ladrão de luva branca, se infiltrara na sua entoação. Reconhecia Lucía naquele comportamento. A mesma rapariga que corra pelos corredores da sua casa, que a perseguia a exigir uns patins para, logo depois de os conseguir, os deixar esquecidos num armário. A rapariga que, pela mão de Joaquín, percorria as lojas de brinquedos apontando com o dedo para um lado e para o outro. Para tudo o que queria e que quase sempre conseguia.

Os defeitos da filha, em vez de a preocuparem, faziam-na agora senti-la mais próxima. Tinha a sensação de que, se um dia voltasse a abraçar Lucía, poderia encontrar a mesma rapariga que se perdera na floresta. Mimada. E de quem era a culpa? Deles. Dos pais. Mas também risonha e sempre pronta para a brincadeira. Beijoqueira, fofinha como um bebé, embora, na altura do desaparecimento, já comesse a ser crescida. Casmurra e exigente, incapaz de aceitar qualquer nega. Embora fisicamente se parecesse mais com ela, morena e de olhos amendoados, uma pele fina, ligeiramente dourada, os mesmos lábios delgados que Montserrat sempre detestara na sua própria boca, a herança de Joaquín era uma bandeira cravada em terra alheia que lhe outorgava propriedade: o seu nariz forte, direito. O seu carácter.

Montserrat apercebeu-se de que o tempo passara quando o alpendre da sua casa começou a projectar sombra no jardim das traseiras. Àquela hora, ela costumava tomar um aperitivo. Pouco antes de almoçar. A consola de madeira que Joaquín erguera protegia-os do sol e, no Verão, do calor. Vinha para o jardim com uma cerveja fria, alguma coisa para petiscar, e sentava-se a ver o cume da Kregüña, que se erguia sobre o pinhal circundante. Aquele telhado de madeira foi das primeiras coisas que Joaquín fez ao mudar-se para a urbanização Los Corzos. Não precisavam dele, mal havia dois meses por ano de verdadeiro calor, e Montserrat sempre pensou que o marido insistira em construí-lo mais para a sua casa se distinguir das restantes, todas idênticas, do que por uma questão de necessidade.

Ana estivera a falar de Lucía durante toda a manhã, interrompida a espaços por Montserrat e Raquel, mas parecia que começava a aparentar cansaço. Montserrat foi a primeira a erguer-se e abraçou Ana.

— Obrigadíssima — sussurrou-lhe.

Raquel acompanhou-a à porta. Antes de se despedir, Montserrat disse-lhe que gostaria de resolver as coisas.

— Com Álvaro também — acrescentou. — Sei que o prejudicámos muito.

— Teremos tempo — sossegou-a Raquel.

Montserrat entrou em casa. Joaquín estava à espera dela na sala. Ela esquecera-o. Ao princípio, sentira-se insegura, como se a qualquer momento pudessem descobri-la, mas, depois, conforme penetrava nas recordações de Ana e começava a ver com mais clareza a sua própria filha, pura e simplesmente deixara de ocupar um espaço na sua cabeça. Agora sentia-se culpada. Uma aldrabona.

— Dá-mo cá — disse-lhe Joaquín aproximando-se dela. — Vamos ver o que gravou.

Montserrat procurou no bolso, puxou do telemóvel e desbloqueou-o. No visor, continuava activo o

gravador de voz que pusera antes de Ana chegar ao jardim, enquanto olhava para o sol a bater na parede dos seus quartos.

— Não me parece bem, Joaquín — tentou resistir.

— Tu não viste como está a Polícia. Achas mesmo que vão conseguir alguma coisa? Era Baín que estava à frente de tudo. O que queres? Ficar de braços cruzados até mandarem outro inspector?

— Abriram-me a porta de casa... e nós... Se pelo menos lhe contássemos antes.

— Para Álvaro dizer que não? — respondeu-lhe Joaquín, pegando no telemóvel. Parou a gravação. Pô-la no princípio e verificou se toda a conversa com Ana ficara registada no telemóvel. — Querida, se não formos nós a fazer alguma coisa, não haverá ninguém que faça.

Joaquín deu um beijo na face a Montserrat, um beijo fugaz, de compromisso. A seguir saiu da casa. Ela olhou para as paredes da sala. As fotografias de Lucía quando era criança, como um altar em memória de um morto, e, pela primeira vez, teve vontade de as arrancar. Lucía não estava morta. Vivia muito perto deles. Brincava e ria-se, zangava-se e continuava a franzir o nariz como fazia quando lhe ralhavam. Não era um cadáver.

Sara e Víctor seguiram o vigilante pelo corredor de um vasto armazém na zona industrial La Portellada, a sul de Barbastro, na estrada de Huesca. De ambos os lados do corredor estendiam-se filas de compartimentos, fechados por persianas metálicas que subiam até ao tecto do armazém. Uma luz amarelada coava-se através dos vidros foscos do tecto e dava à pele extremamente branca do vigilante um matiz doentio, como se sofresse de cirrose. Esperara por eles à entrada da zona industrial e, de mota, guiou-os até ao armazém onde o camionista da empresa de Joaquín deixara umas caixas ao princípio da noite. O vigilante acabara de pegar no turno.

— Era o número trinta e sete — informou-os o vigilante enquanto procurava a chave num molho de pequenas chaves de segurança que lhe pendiam do cinto.

Víctor adiantou-se uns passos, expectante perante o que aquela persiana podia desvendar. Sara deixava-se levar pela lógica da investigação e, apesar de sentir que o rumo que tinham tomado não era o correcto, permanecia ali, como um nó no estômago. Mas para onde é que tinha de se virar? Em que momento devia sair daquela linha? Olhou para o armazém, repleto de portas fechadas. Qual devia abrir?

O vigilante agachou-se e as calças deixaram à mostra o início de um rabo tão branco como a pele da sua cara. Zacarías, com este nome se apresentara quando se encontraram à entrada da zona industrial. Víctor cumprimentou-o então com uma familiaridade forçada, da mesma forma que apertamos a mão a alguém cujo nome esquecemos ou, talvez, nunca tenhamos chegado a memorizar. Zacarías tratou-o pelo nome próprio, Víctor, e quis saber de que andavam à procura nos «seus domínios». Foi assim que se referiu à zona industrial, com um sorriso aparvalhado, ao mesmo tempo que abria o braço em direcção aos armazéns que se repetiam, idênticos, pelas suas ruas. Com uma lamúria, Zacarías ergueu a persiana. O barulho metálico do mecanismo provocou um eco agudo no armazém. Algo parecido com um grito que se ia perdendo à distância.

Víctor entrou no compartimento e localizou as duas caixas de madeira que o camionista deixara. Procurou uma alavanca para as abrir, uma vez que estavam fechadas com pregos.

— Não sei se isto é legal — disse o vigilante, embora também não parecesse muito preocupado com a eventualidade de não o ser.

Enquanto Víctor se esforçava para abrir as caixas, o vigilante afastou-se dele e encostou-se a uma parede. Sara reparou que ele olhava com indiferença para o trabalho do guarda-civil. A seguir, tirou um maço de tabaco amarrotado do bolso e acendeu um cigarro.

— O que é que isto tem que ver com as raparigas desaparecidas? — perguntou-lhes.

Víctor olhou-o por um instante, incomodado, e continuou às turras com a caixa, em silêncio. O que é que tinha que ver?, interrogava-se também Sara. Teria sido Gaizka a levá-las? O que havia naquelas caixas? Zacarías fechou a boca para conter um arrote, mas não conseguiu ocultar o barulho das suas tripas e um cheiro a café e tabaco misturou-se com o do pó e da humidade do compartimento. Um leve tremor sacudiu-lhe as bochechas.

Víctor ergueu a tampa, atirou-a ao chão e meteu a mão na caixa. Com um gesto de decepção, tirou um capacete preto manchado de tinta vermelha e amarela. O que esperavam encontrar lá dentro? Sara aproximou-se para olhar para o interior da caixa. Apenas capacetes de *paintball*. Sabia que a outra teria o mesmo conteúdo.

— Que porra é esta? — perguntou-lhes Zacarías depois de deixar escapar uma nuvem de fumo pela boca.

Víctor deixou cair o capacete ao chão. Pegou na alavanca e pôs-se a abrir a segunda caixa.

— Viu como o condutor do camião descarregava estas caixas? — perguntou Sara a Zacarías.

— Fui eu que as descarreguei — respondeu-lhe o vigilante. — Juan, o motorista, tem uma hérnia e não pode pegar em pesos...

Dentro da segunda caixa, idêntica carga: mais capacetes de *paintball*.

— Em que nome está o compartimento? — perguntou Sara.

Pela primeira vez desde que se tinham encontrado com ele, o vigilante mostrou-se incomodado. Começou a resmungar, dizendo não ter autorização para prestar aquela informação. Atirou o cigarro ao chão e pisou-o até o desfazer. Ajeitou as calças, que começavam a escorregar por uma cintura que desaparecera sob uma barriga mole, pendente. Víctor sentou-se na beira da caixa e disse-lhe que, se preferisse, podiam ficar ali até ele conseguir um mandado.

— Isto é de Vicente Serna — acabou por reconhecer Zacarías. — Todo o armazém.

Sara olhou para Víctor à procura de uma explicação para aquele nome. O sargento da Guarda Civil ergueu-se e arrastou o pó do chão com a biqueira da bota. A seguir esticou-se no seu uniforme e tentou fingir que se tratava de um dado sem importância. Enquanto apanhava o capacete de *paintball* do chão e o lançava para dentro da palete, disse-lhe: — É o dono do hotel de La Guardia. Fica no final da estrada. Na montanha.

O barulho do capacete a bater nos que estavam na caixa ressoou no compartimento.

O seu telemóvel tocou. No visor viu o nome de Noguera, o sacana do guia das descidas. Desligou-lhe a chamada, mas Gaizka sabia que voltaria a ligar, por isso decidiu também tirar o som ao telefone. No bolso de umas calças de ganga estendidas aos pés da sua cama, encontrara um pouco mais de um grama. Preparou um par de filas na mesa de vidro da sala. Entorpeceram-se-lhe as gengivas e começou a sentir-se mais calmo. Tomara uma decisão. Pegou nas chaves do carro e deu uma vista de olhos à sua casa.

Gaizka tinha um pequeno apartamento em Posets, com uma área não superior a sessenta metros quadrados. Gostava de se sentir modesto. O dinheiro acumulava-se em caixas de sapatos no armário. Era a única coisa que tinha realmente arrumada. O resto da casa era uma pocilga. A roupa suja espalhada pelo quarto, em cima da cama, no chão, como se fossem as consequências de uma acalorada discussão conjugal. De que casal?, interrogou-se Gaizka. O cheiro a ténis e a suor impregnava cada canto. Na cozinha, as sobras de comida colada a uns pratos que se erguiam no lava-louças formando uma pilha que parecia estar a chegar ao seu limite. Abriu a janela da sala e o ar limpo invadiu a casa.

Talvez tivesse chegado o momento de parar. De fechar aquela casa e abalar do vale.

Quanto dinheiro poupava? O suficiente para começar noutro sítio. Poderia passar uns anos sem trabalhar.

Por vezes, via-se como um asceta, um monge que levava uma vida austera e dedicada à meditação na montanha.

O monge cocainómano. Riu-se.

Saiu de casa e entrou no carro. Arrancou. A espingarda continuava a dormir no seu porta-bagagens.

Conduziria até à ponte e, ali, viraria à direita. Seguiria montanha acima, deixando Monteperdido para trás, até ao hotel de La Guardia. Deixaria cair a espingarda pelo miradouro. O barranco era inacessível e constituía uma das primeiras zonas onde se acumulava a neve quando chegava o Inverno. O seu segredo ficaria oculto.

Lembrou-se de um refrão que muita gente repetia no vale: «*Dios mos libre de la néu polvina y de la mala vecina.*» Quem sou eu?, interrogou-se. «Deus nos livre da neve em pó e da má vizinhança.»

Neve em pó ou má vizinhança?

Tinha de esperar um par de dias. A seguir, meteria o dinheiro no porta-bagagens e iria embora do vale.

Conduziu pela estrada para Monteperdido fantasiando sobre o lugar para onde se mudaria. Estava farto do frio, dos Invernos cheios de neve, eternos. Procuraria um sítio quente. Talvez nas Canárias.

Deixou para trás o caminho que levava à sua empresa de excursões. Aventura em Posets. Bela aventura, disse para consigo. Atravessou o rio, e o carro foi aos solavancos sobre o revestimento de pedra da ponte. Ao chegar à estrada de Monteperdido, virou à direita. Ainda ficava longe, o hotel de La Guardia, escondido entre as montanhas. Se admirava alguém, era Serna. O rei de um território inóspito, satisfeito com os seus domínios. Seguro de si, como o veado que passeia entre penhascos inatingíveis.

As luzes intermitentes de um carro da Guarda Civil reflectiram-se no retrovisor. Não os vira aproximar-se. Estavam a fazer-lhe sinal para encostar à berma.

Sentiu os nervos formarem nós à volta da garganta, deixando apenas um estreito canal, pelo qual lhe custava respirar. Pensou em pisar o acelerador e fugir, mas conteve-se: o que tinham contra ele? Nada. Planeava uma resposta para cada pergunta. Além disso, aonde é que poderia ir? Estava a subir uma estrada que terminava uns quilómetros depois. Não tinha escapatória.

Demorou demasiado tempo a reduzir a velocidade; apercebeu-se disso quando, além das luzes, os guardas-civis ligaram a sirene.

Foi então que Gaizka abrandou, acendeu os médios e, lentamente, estacionou o carro numa berma estreita. À sua direita, para lá das barreiras de segurança, a montanha quebrava-se e mergulhava num barranco. Mais um. Pela primeira vez, pensou naquela terra como num rosto marcado de cicatrizes. Viu o jipe da Guarda Civil parar também, atrás dele. Pelo espelho, reconheceu Pujante. Saíra da viatura e dirigia-se para o seu carro. Abriu o vidro.

Respira, disse para consigo.

— Peço desculpa, ia com a cabeça no ar e não tinha visto as luzes — desculpou-se quando Pujante chegou ao pé dele.

— Como vai isso, Gaizka? Tenho de o levar até à esquadra. Víctor quer falar consigo.

— Tem de ser agora? — perguntou Gaizka.

— Sim. Agora mesmo. — Pujante quis imprimir firmeza ao seu tom de voz. Gaizka deixou escapar um sorriso nervoso. Tentou desfazê-lo e coçou o nariz com um gesto que já era um tique.

— Está bem, vou atrás de si — disse-lhe Gaizka. — Faz alguma ideia do que seja?

— Peço desculpa, mas não sei de nada — respondeu-lhe Pujante, virando-se para regressar ao jipe.

Gaizka ergueu o olhar para a estrada que subia até La Guardia. Começou a fazer a inversão de marcha. Pujante, no meio da estrada, vigiava para ver se vinha algum carro a fazer a subida, enquanto Gaizka se atravessava no meio do asfalto para fazer a descida para Monteperdido. Estivera tão perto de terminar tudo que cada pequeno atraso desde que recuperou a espingarda lhe caiu na memória como uma avalanche de recriminações. A necessidade de dar um *sniff*, os segundos em que se deteve em casa antes de sair, a olhar para o caos que era o seu apartamento. Se tivesse evitado apenas um daqueles momentos, Pujante não o teria mandado parar.

Ao começar a percorrer a estrada, agora em direcção a Monteperdido, lembrou-se do telefonema. Aproximou o seu carro do jipe da Guarda Civil; Pujante começava a fazer a mesma manobra que ele elaborara antes. Apenas um par de quilómetros mais abaixo, logo a seguir à ponte de Posets, ficava o barranco de Oscuros de Balced. Gaizka meteu a cabeça fora da janela.

— Pujante! — gritou-lhe. O guarda deixou de olhar para a estrada para centrar nele a sua atenção. — Não se importa se pararmos antes um bocadinho em Oscuros? É que recebi um telefonema de Noguera. Está com uns turistas e tenho de lhe dar umas coisas que trago aqui no carro. Fazem-lhe falta para a descida...

Pujante pensou um instante antes de lhe dizer que sim.

*

Álvaro aproveitou a manhã para visitar o médico de Monteperdido. Alinhou-lhe o septo e pôs-lhe uma venda nasal. O inchaço sob os olhos tornara-se mais evidente com o decorrer das horas. A dor também era mais aguda e, apesar dos calmantes, continuava a senti-la, como se fossem agulhas que iam do osso do nariz à parte posterior dos olhos. No entanto, não se encontrava mal.

Não reparou que as ruas estavam meio vazias nem que ela estava a segui-lo.

O rio, sujo após as chuvadas, engrossara o seu caudal, mas descia suavemente, sem que as correntes alterassem a sua superfície. Lisa, plana.

Ainda permaneciam algumas carrinhas da imprensa à entrada da urbanização. Tinham estabelecido o lugar como ponto de encontro. No entanto, já praticamente todos os jornalistas haviam abandonado o local.

Hoje, a notícia era a morte do inspector Baín.

Quanto tempo demorariam a esquecer completamente a sua filha?

Parecia-lhe cínico pensar que a paz de Ana dependia de um número concreto de mortes, de uma desgraça ainda maior. Que tragédia podia fazer que aqueles jornalistas pegassem nas suas coisas e se fossem embora do vale atrás de um cheiro mais intenso?

Atravessou a ponte da esquadra e, ao fundo da estrada, reconheceu a silhueta da escola. Sabia que não voltaria a trabalhar ali, mas o futuro deixara de o inquietar. Passara a vida inteira a olhar para trás e para a frente, para o passado e para o futuro, sem reparar no sítio onde estava, no presente.

Ela chamou-o quando atravessou a estrada para se embrenhar no pinhal. Álvaro virou-se, surpreendido, quando ouviu o seu nome. Não reconhecera a voz dela. Elisa avançou, decidida, até ele e tentou abraçá-lo. Álvaro sentiu a sua cara colada ao peito e teve nojo. Afastou-a com um empurrão.

— O que estás prái a fazer? — disse-lhe sem dissimular o seu desprezo.

Os olhos de Elisa encararam-nos, baralhados. Estava com má cara, como se tivesse passado a

noite em branco. A roupa suja, com manchas de lama seca, fragmentada, pegava-se-lhe ao corpo. Ela não sabia o que fazer com os braços, com as mãos, afastadas de repente do corpo de Álvaro.

— Tive uma noite desgraçada. — Quase lhe implorou. — Preciso de que me abrace. Aqui ninguém nos vê.

— Quero lá saber que me veja a vila inteira. — Álvaro apontou para ela com um dedo que continha a raiva de toda a mão. — Não quero que te voltes a aproximar de mim.

— Que mal é que eu fiz? — murmurou Elisa.

— És uma puta doida.

O insulto de Álvaro fê-la recuar uns passos, como se as palavras a empurrassem. Ele virou-se e afastou-se entre as árvores do pinhal.

— Álvaro, não me voltes as costas — murmurou-lhe. — Amo-te.

Mas ele não se virou. Continuou a avançar, tornando-se cada vez mais pequeno.

Elisa sentiu cada uma das pancadas nas costas a arder. Teve a sensação de que as feridas voltavam a abrir-se. A sangrar.

— Fui eu que te salvei, filho da puta! — gritou-lhe, já a chorar. — Vou ter com eles e dizer-lhes que era tudo mentira. Que és um cabrão e que me violaste!!

Álvaro deteve-se antes de desaparecer entre as árvores.

— Faz o que quiseres. Já ninguém acredita numa palavra do que dizes.

E, depois, continuou a caminhar em direcção à floresta, rumo a casa. Uns pássaros pretos levantaram voo sacudindo as folhas das árvores, porventura assustados com os gritos. Perderam-se no céu como partículas de cinza arrastadas pelo vento.

*

Estavam a fazer a subida para Monteperdido quando o telefone tocou. Víctor pôs em mãos-livres para atender. A voz de Pujante era imperceptível. Sara fechou a sua janela para evitar o barulho do vento.

— Estou com Gaizka — repetiu a voz metálica de Pujante em alta-voz.

— Vemo-nos na esquadra — respondeu-lhe Víctor. — Ouviste o que eu disse?

— Sim, na esquadra — confirmou Pujante. — Parámos por um instante em Oscuros de Balced, que ele tinha de dar não sei o quê ao guia, e saímos. Dentro de dez minutos, estamos aí.

Víctor despediu-se de Pujante e desligou o telefone. Sara virou a cabeça para as montanhas que, aos poucos, se iam fechando sobre a estrada. Albádes e o pico de Paderna; recordou o momento em que percorreu aquela mesma estrada junto a Santiago. Na altura, não sabia o nome daqueles montes.

— Onde é que conhecias o vigilante? — perguntou a Víctor.

— Zacarías? Acho que trabalhou durante uns tempos na empresa de Joaquín.

O carro continuava a avançar, introduzindo-se no funil formado pelas montanhas, em direcção ao túnel que dava passagem para o Valle Escondido. Sentia-se um pouco enjoada, incapaz de fixar a visão em qualquer ponto. Mais do que embrenhar-se na montanha, tinha a sensação de que estavam a passar por um sumidouro, a cair numa espiral, cada vez mais depressa. Fechou os olhos.

Desde a morte de Santiago, tudo o que a rodeava adquirira aquela indefinição própria dos sonhos.

Lembrou-se do guia, que dava pelo nome de Noguera. Voltou a vê-lo, a tentar guardar numa mochila todos os apetrechos necessários para fazer a descida de barrancos, frustrado. A deixar a porta aberta para Sara encontrar alguma coisa que prejudicasse Gaizka.

Sentiu um vazio nos ouvidos. Deviam estar dentro do túnel.

«Nem vale a pena ligar para ele, que ninguém lhe põe a vista em cima», dissera-lhe Noguera naquele dia.

Ao abrir os olhos, já tinham deixado para trás o túnel e o desfiladeiro de Fall. O vale abria-se perante eles. Incomodou-a o esplendor daquela terra no Verão: desejou com todas as forças que fosse Inverno, não aquele Julho resplandecente, como se cada traço de cor, cada folha e cada animal fossem um insulto a Santiago. Quis ver os ramos nus, a vida enterrada sob a neve.

— Telefona-lhe — disse Sara, e, depois, repetiu com mais firmeza. — Telefona a Pujante. Diz-lhe que não se afaste de Gaizka nem um centímetro. Vamos para o barranco.

Víctor aumentou a velocidade, a urgência de Sara parecia tê-lo levado a carregar no acelerador. Não fez perguntas. Começava a conhecê-la e sabia que, quando ela arrumasse as ideias, acabaria por lhas transmitir.

Sara endireitou-se ligeiramente no seu lugar. Certificou-se de que tinha a arma no cinto. Levou uma mão ao cabelo, afastou-o da cara e apertou o elástico que o segurava num rabo-de-cavalo. Gestos automáticos enquanto se interrogava: o que levava Gaizka a ir ter com o seu guia?

Precisamente quando a Guarda Civil o escoltava a caminho da esquadra. Não parecia ser a melhor altura para se apresentar junto dos clientes que alugavam os serviços da sua empresa.

«Nem vale a pena ligar para ele, que ninguém lhe põe a vista em cima», recordou novamente.

*

Gaizka abriu o porta-bagagens. Debaixo de uma manta vermelha, puída, estava a espingarda. Envolveu-a na manta e espreitou por cima do capô. Pujante, passeando em pequenos círculos despreocupados junto ao jipe, falava ao telemóvel. Gaizka teve a sensação de que o vigiava com um olhar de soslaio.

Atrás de Gaizka, encontrava-se o barranco de Oscuros de Balced. Pujante seguira-o até ao cruzamento de Posets e, a partir daí, tinham metido por um caminho de terra que desembocava na fenda; uma fenda que se abria no chão, uma fina linha que, ao princípio, parecia uma sombra desenhada no chão e que, depois, ia alargando para leste, expondo a sua verdadeira profundidade, mais de cem metros. No fundo, o rio Grist corria, ruidoso, em direcção ao Ésera e as suas águas ecoavam nas paredes do canhão, suaves como uma pele de criança devido à erosão, com veios das cores de terra, por vezes calcário, outras de tons impossíveis, esverdeados, resultado dos reflexos da água e do sol ao coar-se pelo seu interior.

Noguera estava a uns quarenta metros dele, a preparar a descida. Um grupo de cinco turistas franceses esperava o momento entre risadas. Onde eles estavam já se conseguia intuir o rio, embora as paredes do barranco, curvas como escorregas, chegassem a roçar uma na outra nalguns pontos, banhando o fundo de sombras. Noguera costumava escolher aquela zona onde, a meio da descida, se podia saltar para os charcos formados pelo Grist. Noguera era um idiota, mas conhecia bem a área; sabia onde é que o rio escondia rochas que podiam matar quem se aventurasse a descer, a que horas as paredes se transformavam naquele arco-íris de pedra.

Os forasteiros acorriam ao barranco de Oscuros de Balced como se fossem exploradores chegados a uma terra desconhecida.

Monteperdido era um lugar repleto de segredos aparentes. Os turistas percorriam as paragens que circundavam a vila com a sensação de que poderiam descobrir algo de novo. Que poderiam pôr o pé num lugar que nunca fora pisado pelo Homem.

Como aquele rio que descia entre as sombras do barranco.

Há algum tempo que todos os segredos de Monteperdido tinham vindo a lume. Eram os próprios habitantes que os tinham envolto numa aura de mistério, como a criança que, a jogar às escondidas, leva o indicador aos lábios a pedir silêncio quando a descobrem agachada atrás de uma esquina: «Não digas a ninguém que estou aqui!»

Logo que desceu do carro, Gaizka aproximou-se de Noguera e pediu-lhe, com um murmúrio, que não fizesse um escândalo. O guia esperava que tivesse trazido arneses novos. Recusava-se a continuar a trabalhar com aquele material e, embora estivesse admirado por Gaizka ter respondido ao seu apelo, não ia deixar passar a oportunidade de os exigir.

— Está bem — disse-lhe Gaizka. — Vou ver no porta-bagagens; acho que tenho lá alguns.

O carro estava estacionado com a parte da frente virada para o jipe da Guarda Civil. Ao levantar o porta-bagagens, Pujante não podia vê-lo. Olhou uma última vez por cima da porta para o agente, que abriu o seu carro para ligar o telemóvel ao carregador.

Gaizka puxou da espingarda envolta na manta com delicadeza, como quem mexe num objecto extremadamente frágil. Deixou o porta-bagagens levantado, para se poder ocultar atrás dele, como se fosse um parapeito. Diante dele, Oscuros de Balced. Olhou um instante para trás e conseguiu ver as botas de Pujante; aproximava-se do seu carro, em direcção a ele.

— Gaizka — disse-lhe o guarda-civil —, vai ter de esperar no meu carro até Víctor chegar...

A apenas dois metros dele, estava a fenda. Dando alguns passos, poderia chegar à borda e deixar cair a espingarda; as paredes da montanha prendê-la-iam como os dentes de um cão agarrados a um osso.

— Isso é que são os arneses? — gritou-lhe Noguera quando o viu com a manta ao colo, a envolver alguma coisa.

Gaizka teve vontade de lhe dar um tiro. Rebentar-lhe aquela bocarra estúpida.

Pujante descrevia uma curva no seu percurso para poder ver Gaizka. Para evitar o carro, a porta da bagageira, que lhe estorvava a visão.

— Não... — respondeu a Noguera. Gaizka ficou praticamente sem palavras. — É... lixo.

Porque não se tinha livrado antes da espingarda?

— O que leva aí? — perguntou-lhe Pujante. O guarda-civil já conseguia vê-lo, ridículo, com a manta ao colo, à beira do barranco.

Gaizka virou-se para o agente e sorriu-lhe. Um sorriso nervoso, aparvalhado. Depois deu mais um

passo em direcção a Oscuros de Balced. E se a atirasse, sem mais nem menos? A estreita abertura da terra parecia pedir-lhe que o fizesse.

— Não seja porcalhão — gritou-lhe Noguera. — Não atire lixo para o barranco...

Meu Deus, como lhe apetecia ver a cabeça dele a explodir em mil pedaços.

As risadas dos turistas franceses dispersaram-se pela montanha. Gaizka olhou-os, desorientado: estariam a rir-se dele? As suas bocas abertas a lançar aquelas gargalhadas. Estavam a rir-se de quê, porra?

Do outro lado do barranco, erguia-se a Kregüeña. Ao olhar para a montanha, pareceu-lhe ver um professor que fixava sobre ele um olhar recriminatório, com os óculos pendurados na ponta do nariz. Imbecil, imaginou a montanha a pensar.

Gaizka percebeu que, a partir daquele momento, só lhe restava uma alternativa: correr.

Puxou pela manta, e a espingarda caiu ao chão.

— Quietos! — gritou-lhe Pujante, mas Gaizka não se virou para olhar para ele.

Viu a cara de idiota de Noguera.

Agachou-se para pegar na espingarda, destravou-a e, sem apontar para nenhum sítio, puxou o gatilho.

O disparo soou como um tiro de canhão, amplificado pela proximidade do barranco.

Os franceses deixaram de rir e agitaram-se sem rumo, como abelhas assustadas.

Noguera levou as mãos à nuca e, agachado, correu à procura de abrigo.

O eco do disparo ainda ressoava quando Gaizka deixou cair a espingarda pelo barranco; ficou só a ver a arma bater nas paredes de pedra. Sabia que não chegaria ao fundo.

Mas não tinha tempo de ficar a ver onde acabava.

Quando chegou ao seu carro e abriu a porta, conseguiu ver a sombra de Pujante; ia a correr para se abrigar atrás do jipe enquanto procurava a pistola no cinto.

Arrancou em primeira e saiu a derrapar em direcção ao caminho de terra e, a seguir, os pneus saltaram para o asfalto. Uns cem metros mais adiante, ficava a ponte sobre o rio Ésera e, então, chegaria ao cruzamento. Só havia um sentido possível para escapar: vale abaixo, através de Monteperdido.

O guia, os franceses e o agente da Guarda Civil desapareceram do seu espelho retrovisor.

Víctor não desligou a sirene ao sair de Monteperdido. Tinham atravessado a vila a toda a velocidade, sob o olhar inquieto de alguns habitantes e os olhares curiosos dos jornalistas.

A estrada de Posets estava deserta.

Sara tinha o olhar cravado no caminho em frente: o asfalto desaparecia sob as rodas a toda a velocidade. O carro roçava as barreiras de segurança, que pareciam inúteis perante o vazio que começava a tornar-se cada vez mais profundo à direita da estrada.

A voz de Pujante fez-se ouvir no rádio interno, avisando da fuga de Gaizka.

— Vamos encontrá-lo — disse Víctor com uma calma que surpreendeu Sara.

Ela fechou os olhos e voltou a ver o corpo de Santiago morto sob a chuva de Monteperdido.

«O animal mais perigoso é um homem só.»

A sensação de velocidade não desaparecia, apesar de não ver mais do que a escuridão das suas pálpebras.

Fizeram uma curva com um forte desnível a demasiada velocidade. O ruído metálico da carroçaria do carro contra as guardas de segurança cravou-se-lhe nos ouvidos como um miar agudo e eterno.

Continuava a resistir a abrir os olhos.

A escuridão era interrompida com repentinos relâmpagos de cor: verdes, vermelhos. A realidade exterior tentava abrir alas.

Viu a mão da mãe de Marcial, María de Laude, a abrir-se como uma flor que estende as suas pétalas: o rasto de sangue na palma da sua mão.

Aquela imagem abstracta que lhe povoara a imaginação durante todo o dia começou a ganhar forma.

Abriu os olhos quando faziam uma nova curva. Diante deles projectava-se uma recta que, a meio, fazia um desnível, donde surgiu o carro de Gaizka, como se se erguesse de uma trincheira. Ia direito a eles.

À direita da estrada havia um despenhadeiro. À esquerda, erguia-se o monte Ármos. Não havia berma, só duas faixas estreitas, que davam à justa para a passagem das viaturas.

Gaizka não reduziu a velocidade.

Sara viu Víctor apoiar a mão direita na alavanca das mudanças sem afastar o olhar da estrada. Encolheu as pernas e verificou o cinto, preparando-se para o embate.

Víctor fez uma travagem brusca e guinou o volante para a direita, deixando o lado do condutor

exposto ao choque contra o carro de Gaizka. Meteu marcha-atrás e levou as mãos à nuca enquanto virava as costas para a janela.

Gaizka não teve tempo para corrigir a trajetória. Também não o podia evitar. Só guinou levemente para a direita, esperando que o carro coubesse no pequeno espaço que Víctor deixara entre a parte traseira do jipe e a montanha.

A parte da frente do carro de Gaizka investiu contra a porta traseira do jipe e, desviado pelo impacto, lançou-se contra a montanha. Enquanto o jipe de Víctor girava no meio da estrada devido ao choque, o carro de Gaizka subiu pelo sopé do monte Ármos até as rodas dianteiras ficarem no ar, a girar, sem nada onde se agarrar, e caiu de lado sobre a estrada, com o estrépito da chapa e dos vidros a partirem-se.

Sara sentiu o corpo de Víctor dobrado sobre o seu. Teve a tentação de o agarrar, mas pensou que seria ainda pior. O carro roçava a sua parte traseira contra as guardas de segurança. Imaginou as fagulhas a saltarem com o contacto.

O despenhadeiro, a estrada e a montanha e, novamente, a estrada e o despenhadeiro. Tudo às voltas numa espécie de carrossel fora de controlo.

Por um instante, quis que nunca parasse. Ou, talvez, que acabasse por romper a barreira que os separava do despenhadeiro e caísse.

Uma queda limpa no vazio.

Mas, aos poucos, o carro foi-se detendo. A inércia era menor, já não sentia a sua pressão.

Víctor tinha sido atingido na testa, e uma fina linha vermelha descia lentamente entre o olho e o nariz. Como uma lágrima de sangue. Ficou contente quando o ouviu perguntar: — Estás bem?

A casa dos seus pais ficava a meia hora de Monteperdido, do outro lado do desfiladeiro de Fall, por um caminho que se perdia entre os montes que circundavam o Ixeia: longe de tudo e de todos. O rumor do Forau de Aigualluts começava a ouvir-se quando se entrevia a velha casa dos Castán. Há quase um ano que Joaquín não ia visitá-los. Eles também não tinham vindo à vila. Viviam encerrados entre as montanhas, como se aquela casa fosse um fortim que tinham de defender. Quando saiu do carro, a água do Aigualluts tornou-se mais presente. O vento do Norte arrastava o som, embora da casa fosse impossível ver a água a cair. Era um dos lugares mais visitados pelos forasteiros. A ele, porém, nunca lhe agradara.

A água do glaciár convertia-se numa cascata que, depois, desaparecia no Forau. Um sumidouro. Uma cloaca. Aquela mesma água voltava a aparecer no leito do rio Ésera, arrastando-se por canais subterrâneos.

Toda a sua infância a crescer ao lado de um enorme esgoto.

Os seus pais, amarrados àquelas terras, dois velhos a arrastar a sua soberba pelas redondezas do castelo enquanto olhavam com displicência para a vila, para os seus habitantes, para o próprio filho.

Quando Lucía desapareceu, tentaram assenhorar-se da sua vida. Insistiam em festejar a noite de Natal ou os aniversários ali, na casa da montanha. Nos dois primeiros anos após o desaparecimento de Lucía, não conseguiu recusar e acudiu ao casarão para festejar os aniversários da filha.

Porque tinham de os arrastar até ali? Porque não aceitavam que eles quisessem ficar na sua casa, perto da mobília, do quarto onde Lucía vivera?

Usaram o desaparecimento da neta para restabelecer os laços dos quais ele conseguira libertar-se. Era uma das pequenas misérias que se tinha visto obrigado a assumir ao longo daquele tempo: o egoísmo dos pais.

Concessões, favores, dívidas que Joaquín ia acumulando e tapando com a esperança de, um dia, ter força para enfrentar tudo isso.

Rafael também era uma dívida. O irmão mais novo de Montserrat renunciou à vida errante que levava para se encarregar da empresa de transportes. Joaquín tinha consciência de que ele preferia estar ao volante de um camião, fazer quilómetros e não ter nada que o retivesse. Quando Lucía desapareceu, tinha vindo trabalhar uns meses com ele para poupar uns cobres.

Ninguém teve de lhe pedir para ficar. Rafael assumiu as suas responsabilidades, como quem atira um peso para cima das costas sem reconhecer que mal pode com ele. Encarregou-se de manter o negócio a salvo, quando Joaquín era incapaz de lhe dedicar um segundo que fosse, todas as noites passava por casa para lhes perguntar se precisavam de alguma coisa. Montserrat encontrou no seu carinho o abrigo de que precisava na altura em que Joaquín começou a viajar pelo país para manter a memória do caso.

No entanto, Rafael não soube tomar conta do negócio como Joaquín: com o tempo, foram perdendo clientes, a crise também os afectou e tiveram de se desfazer de vários camiões. Já não sonhava com a continuação da expansão do negócio. Na verdade, Joaquín já não sonhava com nada. Bastava-lhe sobreviver.

O dinheiro. A porcaria do dinheiro começou a ganhar minutos, horas, nos seus pensamentos,

como um cancro que se vai assenhorando de todos os órgãos.

As dívidas, a necessidade de continuar a gastar na Fundação, obrigaram Joaquín a olhar para onde não queria. Para o casarão à sombra do Ixeia. Para os velhos que viviam junto ao sumidouro. Para os pais.

Quando viu que não conseguia pagar as facturas, foi ter com eles. Intuiu um sorriso na mãe quando lhe confessou que precisava de ajuda para se aguentar.

Só Montserrat é que sabia como lhe custara pôr de lado o seu orgulho para pedir dinheiro aos pais. Um dinheiro que eles bem sabiam transformar em esmola.

Agora, Aína, a mãe, estava sentada ao lado da cavaliça onde pastava o seu cavalo favorito. Uma égua branca que tratava com um carinho que Joaquín nunca a tinha visto dedicar a um ser humano; nem ao pai nem a ele nem sequer aos netos.

Cumprimentou-a à distância, e a mãe mal se virou para olhar para ela. Enquanto se aproximava da cavaliça, recordou o momento em que Aína pediu aos filhos que dessem um nome à égua que acabara de comprar. «Estela», disse Lucía. «Izazu» ou uma coisa do género, gritou Quim. Aína olhou para eles sem dissimular a sua decepção e sentenciou: «Vai chamar-se Verónica.» Joaquín viu a frustração dos filhos e sentiu raiva. Gostaria de ter dito alguma coisa à mãe, mas raramente era capaz de encontrar as palavras, já para não falar da coragem. Montserrat tentou amenizar a situação: «Já sabes como é», disse-lhe naquela noite, na cama, enquanto ele a maldizia ao recordar o episódio.

Sentou-se ao seu lado numa daquelas cadeiras de ferro que, por muitas almofadas que lhes pusesse, continuavam a ser desconfortáveis.

— O que é que a Polícia te disse sobre a rapariga? — perguntou-lhe a mãe sem deixar de olhar para a égua. «Quando é que o raio da égua bate a bota?», pensou Joaquín ao vê-la pastar.

— Pouca coisa. Já sabes o que aconteceu ontem à noite? Mataram o polícia que conduzia a investigação.

— Vi na televisão — disse-lhe ela sem ligar grande importância.

Joaquín olhou em seu redor, para aquelas terras onde tinha sido criado. A enorme casa de pedra, com doze quartos, o telhado de xisto de duas águas e as madeiras nobres, as poltronas de couro. O cheiro a vaca e a estrume que nem o fogo da lareira disfarçava. O barulho constante, misturado com o do vento, da água do Forau, quando começava o degelo.

— E o pai? — perguntou.

— Foi ver as vacas. Já lhe disse uma centena de vezes que há outras pessoas para fazer esta tarefa, mas ele, como não ouve, continua a levantar-se todos os dias às cinco da manhã.

Com o pai, esta conversa também não teria sido mais fácil. Nunca soubera ter dinheiro. Dava a impressão de que o guardava como se, a qualquer altura, pudesse aparecer o seu legítimo dono a reclamá-lo. Sempre que Joaquín necessitara de ajuda financeira, ele recusara-se a entregar-lhe o dinheiro em mãos. Perguntava-lhe quanto devia, onde é que era preciso pagar. E o pai ia ao banco ou à loja saldar as dívidas do filho com um maço de notas no bolso. O velho Castán, incapaz de aceitar que o esplendor da sua juventude, quando ficou com todas aquelas cabeças de gado, se estava a apagar. A carne de Monteperdido, que se tornara um prato típico do menu para os forasteiros, já não era o negócio que os enriquecera. Ou talvez o pai se tivesse apercebido disso e, consequentemente, administrasse aquela pequena fortuna feita de terras e animais como se fosse o seu guardião e não o seu proprietário.

— Preciso de dinheiro. — Joaquín decidiu dizer à mãe. — O que puderem. Uns vinte mil euros.

— Para que queres tanto dinheiro? — perguntou-lhe Aína, como quem repreende uma criança que exige que lhe satisfaçam um capricho.

Joaquín passara pelo banco. Na conta da empresa, sobravam apenas sete mil euros. Era um dinheiro destinado a pagar facturas, mas, fosse como fosse, esvaziou a conta. Mesmo assim, sabia que não era suficiente.

— Preciso do dinheiro para encontrar Lucía — disse-lhe Joaquín. — Não vai ajudar-me a encontrar a sua neta?

Imaginara muitas vezes que os pais morriam. Ambos já passavam dos setenta. Não era de admirar se falecessem. O coração do pai começava a falhar e a mãe tinha flutuações do nível de açúcar.

Teria sido tão fácil se tivesse conseguido enterrá-los.

— Um dia ainda te vou ver entrar por aquela porta, e não será para pedires dinheiro — respondeu-lhe Aína, cravando-lhe um olhar recriminatório, mas Joaquín não fez caso. Combinara encontrar-se com Virginia dentro de umas horas. A jornalista estava à espera dele em Val de Sacs, e só queria pegar no cheque e sair daquela casa quanto antes.

O cheiro a estrume tornou-se, de repente, mais penetrante. Uma mudança no sentido do vento. A

beleza também é podridão. A égua caminhou, altiva, e, debaixo da cauda, deixou cair um monte de merda. Joaquín viu-lhe os dentes sujos ao relinchar. Aína ergueu-se da cadeira e deixou no encosto a manta com que estivera a agasalhar as pernas. As suas pernas varicosas que se entreviam sob o vestido. Enquanto caminhava para o casarão, Joaquín voltou a pensar na cloaca que tragava as águas do glaciário. Sumidouro para ele, água limpa e pura para o estrangeiro. Ergueu-se e pensou que a primeira coisa que faria quando os pais morressem seria sacrificar o raio da égua.

Quim saiu pela sua janela e ficou por um instante no telhado do jardim das traseiras. Estava a escassos metros do quarto de Ana. Pensou em pegar numa pedra e arremessá-la contra os vidros da janela. Sorriu ao imaginar que a janela pudesse estar aberta e a pedra acabasse por atingir a cabeça de Ana. O sorriso, por pouco, não acabou em gargalhada. O vizinho brincalhão assassina a rapariga ressuscitada.

Estava de cócoras, prestes a saltar para o relvado, quando Ana lhe fez «pst!». Quase perdeu o equilíbrio, paralisado pelo «pst!» a meio do impulso.

— Cuidado! — ouviu Ana a dizer.

Agarrou-se com uma mão à beirada do telhado e viu os quatro metros que o separavam do chão. Teria sido uma queda e pêras. Quando recuperou a estabilidade, olhou para Ana, que assomava à janela. Trazia um boné preto enfiado até ao sobrolho.

— E esse boné? — perguntou-lhe ele.

— O cabelo já está a começar a despontar, e fico horrível — disse ela, baixando a pala até à ponta do nariz.

— És loura, de certeza que nem se vê.

— Lembras-te? — E pareceu-lhe que os olhos pretos de Ana se iluminavam.

Quim esteve prestes a dizer-lhe que era impossível esquecer-lhe. O pai dela inundara a vila com aquela fotografia desde que desaparecera. Desdentada e com uma franja loura a acariciar-lhe a testa; os olhos escuros, em que mal se distinguia a íris da pupila. Mas não disse nada. Achou que Ana já devia estar farta de falar do rapto, do que sucedera em Monteperdido enquanto ela não estava.

— O que tens feito? — perguntou-lhe, em vez disso. Ana encolheu ligeiramente os ombros.

— Morro de tédio — respondeu-lhe.

Quim sorriu. Depois de estar cinco anos presa num buraco de dez metros quadrados, morria de tédio.

— E o que é que gostavas de fazer? — perguntou-lhe, sentando-se no telhado do alpendre.

Ana abriu a boca, mas o que pensava dizer não chegou a sair-lhe dos lábios. Arrependeu-se e olhou para a floresta que se erguia atrás da casa. E também mais além, para as montanhas que se elevavam no horizonte, atrás da escola. Os Montes Malditos que se cravavam no céu como uma serra dentada.

— Quero aprender a nadar — disse por fim.

Víctor tinha fitas adesivas na testa. Sara não sofrera qualquer ferimento, embora ainda arrastasse uma sensação de enjoo.

Caminhou atrás de Víctor pelo corredor da esquadra, em direcção à sala de interrogatórios. Com a mão direita, roçava suavemente a parede, à procura de um ponto de apoio. Algo estável que detivesse o turbilhão de imagens e sensações em que a realidade se convertera.

Uma ambulância socorreu-os na estrada. Gaizka também não sofrera ferimentos graves. Tinham-lhe imobilizado um braço, tratado um ou outro corte na cara. Nada que o impedisse de falar.

Víctor abriu a porta da sala e esperou que Sara entrasse antes de a fechar. Ela pegou numa cadeira e sentou-se diante de Gaizka. Ele mexia insistentemente a perna direita; conseguia vê-la debaixo da mesa, apoiada apenas sobre a ponta do pé. Sara examinou-lhe o semblante antes de começar a falar: aquela pele acinzentada, como uma mortalha sobre os ossos, sem a tensão que deveria exhibir alguém da sua idade e que lhe chamara a atenção quando falou com Gaizka no estabelecimento de Posets. Os seus braços esqueléticos, o esquerdo cruzado sobre o peito, envolto numa ligadura; o outro, sobre a mesa. Metia os lábios dentro da boca de forma compulsiva para os molhar com a língua. Inspirou ruidosamente e, depois, esfregou o nariz ao mesmo tempo que deixava escapar um suspiro.

— Você conduz mal como o raio, Gaizka — disse-lhe Sara.

Ele deixou escapar uma risadinha, incapaz de encontrar resposta para aquele comentário.

«Isto é mesmo absurdo», pensou Sara. Não tinha vontade de estar naquela sala, naquele interrogatório. A voz de Gaizka dava-lhe vômitos, o seu cheiro a suor e a medo. Mais uma vez, tudo o que a cercava se encontrava envolto num véu irreal. Estava rodeada de presenças fantasmagóricas. Punha-se de pé e caminhava, seria capaz de atravessar a mesa, o corpo de Gaizka, as paredes. Sair daquela sala e voltar para o quarto da casa de Santiago. Aconchegar-se no seu

regaço e murmurar-lhe um «obrigada» por tirá-la do pesadelo. Os seus dedos conseguiam sentir o tacto da mão do polícia melhor que a madeira da mesa.

Tentou concentrar-se. Acabar quanto antes.

— O que é que atirou pelo barranco? — perguntou-lhe.

— Uma espingarda. Deixei-a cair, disparou sozinha e assustei-me — disse sem pestanejar. Estivera certamente a pensar naquela resposta desde que o carro chocou contra o de Víctor. A Sara pareceu-lhe que, para o tempo que tivera, a resposta era mesmo uma merda. Não queria saber. Preferiu não insistir.

— Ontem à noite, por volta das dez, encarregou um camionista da empresa de Joaquín de lhe levar umas caixas para um arrumo em Barbastro, na zona industrial La Portellada.

— Eram máscaras de *paintball* — disse-lhe Gaizka. — Depois de toda a história das raparigas, achei que era má onda tê-las no estabelecimento. Queria livrar-me delas.

— Era droga — respondeu-lhe Sara sem olhar para ele. — Quanto pagou a Zacarías para as mudar para outro depósito?

Foi então que ergueu o olhar. Supôs que Gaizka não esperava que fosse tão fácil desmascará-lo. Talvez estivesse convencido de que aquela parte do seu plano estava bem montada e interrogava-se: será que Zacarías dera com a língua nos dentes? O que fizera mal?

— Tanto faz — continuou Sara com desprezo. A polícia deitou-se para trás na cadeira. Olhou em seu redor: as paredes da sala provocavam-lhe claustrofobia. — Você é um parvalhão. Um cabrão. Teve Álvaro cinco anos ao seu lado e nunca lhe disse que o tinha visto com Elisa.

— Não tenho culpa de esta vila de merda ter embirrado com ele — defendeu-se Gaizka. Não sabia se era consequência do acidente, mas não tinha pedalada para a polícia. Mal tinha tempo de tapar um buraco e já ela estava a abrir o seguinte.

— Não o estou a culpar de nada — disse-lhe Sara sem alterar o tom de voz. — A única coisa que digo é que você é um parvalhão e um cabrão.

— Elisa está louca. Já na altura estava. Bem me tramou. Meteu-me na cama e acagacei-me; conheço o pai dela, e era capaz de me acusar de violação ou uma merda qualquer do género. Víctor — dirigiu-se ao guarda-civil procurando apoio —, você conhece Marcial.

— E você não queria voltar para a prisão — disse-lhe Sara, apresentando um relatório a Gaizka. Ele nem sequer olhou para o documento. — Oito meses na prisão de Teixeira por tráfico de drogas. Terão sido assim tão maus?

Gaizka cerrou os dentes, tenso. O seu olhar vidrado cravou-se na polícia. Tinha um pequeno derrame num olho. Um mar de sangue sobre o qual flutuava a sua pupila.

— O que foi agora? Tinha medo de que o apanhássemos com uns gramas de coca? — Mas Sara nem sequer esperou por uma resposta. Pôs-se de pé, virou-lhe as costas. — Abre a porta, por favor — pediu a Víctor. Faltava-lhe o ar e os pulmões doíam-lhe como uns pés cansados.

Víctor abriu-a e Sara respirou uma lufada de ar frio. Caminhou até à parede e deixou cair a cabeça várias vezes contra ela; a sua testa ressaltava suavemente contra o gesso. «Sara», ouviu Víctor interpelá-la, preocupado. Mas a polícia continuou a dar com a testa na parede, com a pele cada vez mais quente. Tinha de se concentrar no aqui e agora.

— Sabe alguma coisa das raparigas? Ou não faz a mínima ideia de onde é que elas estão? — perguntou Sara, e as suas palavras foram-se encrespando com a raiva, proferidas apressadamente, como alguém que afasta as pessoas enquanto procura um sítio onde vomitar.

— Não, não... — respondeu Gaizka, nervoso. — Não me façam arcar com isso. Eu encontrei Ana. Alguém na porcaria desta vila devia agradecer-me.

Sara deu duas passadas largas, agarrou Gaizka pela *T-shirt* e empurrou-o. Caiu para trás, virando a cadeira. Gritou de dor quando ela lhe cravou um joelho sobre o braço fracturado, enterrando-o contra o peito. Depois agarrou-lhe o pescoço com as duas mãos.

— És um cobarde de merda — murmurou Sara entredentes.

Víctor foi a correr separá-los, mas Sara resistia a soltar-lhe o pescoço. Tinha os dedos enterrados na sua carne pegajosa e suja. Queria continuar a apertar; abrir-lhe a pele e escarafunchar dentro dele com a ponta dos dedos, arrancar-lhe as vísceras como farrapos que atiramos para trás das costas quando remexemos num baú. Víctor, aos gritos, pedia-lhe que parasse, mas teve de esperar pela ajuda de outro agente para o conseguir. Telmo, que seguira o interrogatório na sala contígua, agarrou Sara por um braço, Víctor pelo outro. Os seus músculos, tensos, resistiam a soltar a presa, mas eles eram mais fortes do que ela e, por fim, conseguiram separá-la.

Já de pé, Sara afastou os agentes. Perdeu o equilíbrio quando se soltou e cambaleou até à parede.

No chão, Gaizka deixou escapar um fio de bÍlis ao recuperar a respiração.

— Ainda não me acusaram de nada — murmurou. — Porque é que estou detido?

— É mesmo preciso dizer-lhe porquê? — gritou-lhe Víctor, levantando-o do chão. — Temos a

droga da zona industrial. Sara tinha razão. Zacarías meteu-a naquele compartimento à frente do camionista, mas a seguir, quando você lhe telefonou, passou-a para outro. Já temos os registos das chamadas. Donde conhecia o vigilante? Desde quando é que trabalhava para Joaquín?

Sara ouviu Gaizka murmurar algo ininteligível. Dissera que sim? Queria lá saber. Recordou quando, à saída da zona industrial, perguntou a Víctor donde conhecia o vigilante. Lembrava-se também de que, durante todo o trajecto através de Monteperdido, quando estavam a fazer a subida à procura de Gaizka, ela não queria estar ali.

A mão aberta e manchada de sangue de María de Laude estava desenhada na sua retina e fê-la sentir-se culpada. «Santiago, perdoa-me», disse então para consigo, porque outra ideia insistia em abrir caminho nos seus pensamentos.

— O guia conseguiu descer pelo barranco e recuperar a espingarda. — Víctor continuou a acusar Gaizka. — Ficou entalada entre umas rochas a pouca altura. Não tiveste sorte. Sabemos que, quando a compararmos com a arma que matou Santiago, coincidirá com ela.

Sara tinha de sair daquela sala.

Que ridículo lhe parecia tudo.

Quantos anos passara Santiago na polícia? Quantos casos enfrentara?

No fim, um camelo atravessara-se no seu caminho.

Matará-o sem nenhum outro motivo a não ser medo.

Enquanto se afastava pelo corredor, conseguia ouvir os gemidos de Gaizka.

— Eu não queria matá-lo — murmurava. — Sou toxicodependente... É a coca... dá-me a volta à cabeça... só preciso de ajuda.

Sara tapou os ouvidos. Os lamentos de Gaizka irritavam-na.

A ajuda que pedia e que não ia encontrar na prisão. De que forma a consolava aquela ideia? De nenhuma. Gaizka, fraco e assustadiço, não seria capaz de sobreviver num território hostil.

Ao chegar à zona comum da esquadra, viu Elisa. Discutia com um agente. O cabo Sanmartín, do GREIM, tentava convencê-la de que agora era impossível falar com a subinspectora Campos. Sanmartín agarrou Elisa pelo braço e arrastou-a para a saída. Ao roçar as costas no marco da porta, Elisa remexeu-se, como se tivesse sentido uma descarga eléctrica, e soltou-se dele com violência. Gritava, nervosa; a sua voz aguda ecoava nas paredes da esquadra. Rojas ergueu-se da sua secretária e, atravessando-se-lhe no caminho, ameaçou-a de que avisaria o pai caso não se acalmasse.

«Bem-dita Humanidade», pensou Sara.

Sara virou-se antes de entrar no seu gabinete. Aproximou-se de Elisa e, pela mão, levou-a para os lavabos da esquadra. Pediu a um agente que estava a lavar as mãos que saísse. Não queria que ninguém as interrompesse.

— É mentira — disse-lhe Elisa. — Tudo o que lhe contei, que estava com Álvaro. É mentira. Não o vi, mas sei que foi ele que raptou a filha e a outra rapariga. É um grandessíssimo filho da puta.

Elisa tinha a roupa suja de lama já seca. O seu corpo parecia mais magro do que nunca, e agitava-se, curvada, de um lado para o outro, como um pássaro a esvoaçar convulsivamente num quarto sem janelas. Estava fora de si.

— Já chega — disse-lhe Sara, agarrando-a pelos braços.

— Tem de metê-lo na prisão — implorou-lhe Elisa.

Sara abraçou-a e esperou que o calor do seu corpo a acalmasse. Sentia-lhe os seios colados a ela, a tremer, transidos de frio e de medo. «Já chega», repetiu-lhe ao ouvido. Baixou as mãos pelas costas de Elisa até chegar à parte de baixo da *T-shirt*. Com cuidado, começou a levantá-la. A *T-shirt*, coberta de lama seca, estalou ao enrugar-se. Aos poucos, as costas de Elisa ficaram à mostra, reflectidas no espelho da casa de banho.

— Olha para ti — pediu-lhe Sara.

Elisa recusava-se a fazê-lo. Os seus gritos, os seus protestos tinham desaparecido sob uma respiração nervosa que mais parecia um gemido.

— Ele é que devia estar na prisão — insistiu a polícia.

Sara obrigou Elisa a torcer a cabeça e a ver as suas costas no espelho. As marcas das vergastadas do pai cruzavam-lhe a pele, como rabiscos pretos. Nenhuma voltara a sangrar, como Elisa temera quando enfrentou Álvaro. Os olhos de Elisa percorriam as cicatrizes como um hamster avança pelo seu labirinto. Perdiam-se nos cruzamentos e voltava a tentar, mas não conseguia sair dele.

— És tu — disse-lhe Sara. Era aquela a resposta à pergunta que Elisa estava a fazer a si própria: «Quem é aquela mulher ao espelho?» Então, afastou o olhar e mergulhou a cara no ombro de Sara, a chorar.

— Tenho medo — disse entre soluços.

— Não podes continuar ao lado de alguém que te trata assim. — Sara abraçou-a e teve a sensação de que Elisa se desfazia entre os seus braços. Que se convertia em água. — Aonde é que te levou ontem à noite? — perguntou-lhe Sara.

— Saímos da estrada no sítio onde fica a estrada de França. Fomos para o túnel do Ixeia. Meteu a minha avó lá dentro, mas... a seguir... discutimos. Eu saí a correr.

Sara conseguiu que Elisa compassasse a respiração com a sua, mais calma, enquanto a acompanhava na recordação da sua fuga através do arvoredado que circundava o sopé do Ixeia. Sentiu a coragem que primeiro a dominou e que a seguir deu lugar ao medo. A chuva e a escuridão que a levavam a escorregar e a cair continuamente. A roçar-se nas árvores. A estatelar-se num solo encharcado. Até chegar a um despenhadeiro e, em seguida, ver-se obrigada a voltar para trás, desorientada, sem saber muito bem onde estava a estrada ou se seria boa ideia regressar à mesma. O medo de que o rio transbordasse. O mesmo rio que lhe levava a mãe há sete anos. Muitas vezes fantasiara aquela possibilidade; mergulhar no Ésera e desaparecer. Naquela noite, não. Confiava em Álvaro, em tudo o que lhe prometera. Só tinha de encontrar forças para voltar para junto dele. Para a cama da estalagem onde tinham feito amor.

Viu o pai quando já era demasiado tarde. Marcial acossou-a como se fosse um animal estúpido. Não queria explicações, apenas descarregar toda a sua impotência. Tirou-lhe a *T-shirt* e deixou-a nua. Elisa tapou os seios, envergonhada. Marcial tirou o cinto. Não era a primeira vez. Ela chegara a pensar que aquela forma de lhe impor castigo o excitava de alguma forma, e isso fazia-a sentir-se ainda pior, como se fosse responsável por aquela atracção espúria. Marcial descarregou-lhe várias vergastadas sobre as costas. Gritou, mas quem conseguiria ouvi-la? A chuva abafava-lhe a voz e também lavava o sangue que lhe brotava do dorso.

Elisa encolheu-se toda e fechou os olhos, agarrando-se à ideia de que, mais tarde, poderia lambe as feridas junto a Álvaro.

Mas ele também a enganara.

Usara-a.

Agora, parte da culpa daquelas feridas que lhe atravessavam as costas era de Álvaro.

— Não é verdade — disse-lhe Sara, ainda abraçada a ela. — Não era ele que levantava o cinto.

Elisa afastou-se do ombro de Sara. As suas lágrimas tinham molhado a *T-shirt* da polícia.

— É o meu pai. Porque há-de fazer-me tanto mal? Porque é que não gosta de mim? — murmurou Elisa, embora não esperasse qualquer resposta.

Sara teve de se conter para não desatar a chorar.

Sabia que o amor não se podia exigir como se fosse um prato de comida. Quantas vezes os seus próprios pais lhe tinham atirado isso à cara?

Quando saiu do gabinete, pediu a Rojas que acompanhasse Elisa à estalagem La Renclusa e a acomodasse num dos quartos. Queria que ficasse ao seu lado até nova ordem.

— Telefona a quem estiver a fazer a patrulha — acrescentou Sara. — Detenham Marcial Nerín e tragam-no à esquadra. Vai passar a noite nos calabouços.

Depois foi à procura de Víctor. Queria ir ao sítio onde se supunha que Marcial tivesse passado a noite. Aquele túnel inacabado no sopé do Ixeia.

Virginia Bescos estava a tomar um café num bar junto à sua pensão de Val de Sacs. O dono, um homem de movimentos cadenciados, tinha os cotovelos em cima da outra ponta do balcão, com o olhar cravado num televisor desligado. A jornalista estava convencida de que, embora tivesse os olhos abertos, o homem estava a dormir uma sesta. O seu semblante nervoso, como se o despertassem de um sono ligeiro, quando ouviu a porta do bar, confirmou-lhe que assim era. Joaquín caminhou para ela e disse que não ia tomar nada ao dono do bar, o qual, lentamente, se deslocara do seu canto no balcão até ao sítio onde estava Virginia. À jornalista não lhe apetecia levantar-se da sua banqueta; eram os únicos clientes e estavam a recusar ao homem um pouco de entretenimento. Ela procurou o porta-moedas, mas Joaquín adiantou-se e pagou o que devia. A seguir, pediu-lhe para subirem ao seu quarto.

— Não me obrigues a fazer isso — pediu-lhe Virginia quando Joaquín lhe explicou o que queria que publicasse.

Ele sentara-se numa velha cadeira junto à janela do seu quarto, que dava para uma estreita rua da vila e que não permitia ver a paisagem que os rodeava.

— Estou a dar-te uma notícia que te vai render muito dinheiro. Tens o retrato-robô da minha filha e depoimentos de Ana a contar o rapto. Não podes dizer-me que não — disse-lhe Joaquín, e as suas palavras não deixavam transparecer um pedido, mas uma ordem.

Virginia deixou de recolher a roupa suja que fora acumulando no quarto. A mala, aberta sobre uma pequena mesa, também estava a abarrotar de vestidos, calças e roupa interior, e interrogou-se como conseguira meter tudo aquilo lá dentro. Sentou-se na beira da cama, em frente a Joaquín.

— Não te parece suficiente? — tentou fazer-lhe ver Virginia. — Eu ponho a recompensa que estás a oferecer. Queres que publique o teu número de telefone? Terás montes de drogados a ligar para ti a toda a hora, mas isso é contigo. Só te peço que não me faças contar uma mentira.

— Viste aquela polícia? É uma chavala. Não está em condições de conduzir a investigação. Quanto mais depressa a afastarem, melhor para todos.

— Quem vai comprovar que aquela mulher teve um ataque de pânico ao ver o seu colega morto? Ou que submeteu o detido a maus-tratos? São colegas: vão todos perceber que lhe tenha acontecido uma coisa destas. Não sei quem te poderá ter contado aquela história, mas podes ter a certeza de que não a repetirá diante de ninguém...

— Queres o dinheiro ou não, Virginia? — perguntou-lhe Joaquín.

— Não te reconheço — murmurou a jornalista, deixando transparecer a sua decepção.

— Todos mudamos.

Joaquín pôs-se de pé. Lançou um olhar por aquela janela através da qual não se via mais do que um muro de pedra. Ela pensou que, muitas vezes, noutros quartos de hotel, tinha visto Joaquín dessa forma. Como aquelas pedras que havia do outro lado, uma estátua imperturbável a ver passar o tempo a seus pés. Terá chegado a gostar dele? Ou foi só desejo? Recordou a noite que passaram num hotel de Madrid, depois de participarem numa manifestação. Joaquín estivera à frente do desfile, sustendo uma faixa a reivindicar uma coisa qualquer. Depois beberam, talvez de mais, no bar do hotel, e ela insistiu para beberem o último copo no seu quarto. Deram uma queca. Mal dada. Frustrante. Nenhum dos dois podia obter do outro o que realmente queria.

Virginia ergueu-se para acompanhar Joaquín à porta. Sim, gostara dele. Chegara a amar aquele homem que se erguia por cima de uma tempestade a clamar justiça. O que restava daquele Joaquín?

— Se não quiseses publicá-lo, eu ligo a outra jornalista — disse-lhe Joaquín antes de se retirar.

— Já sabes que vais prejudicar a miúda — avisou-o Virginia, mas ele esperava outra resposta. — Preciso do dinheiro — disse ela, admitindo a sua derrota.

— Obrigado.

Joaquín afastou-se pelo corredor da pensão. «Numa história como esta», pensou Virginia, «não pode haver vencedores.» O pai de Lucía resistira mais do que ninguém, mas, no final, como todos os que tinham sido afectados pelo desaparecimento das raparigas, desabara. Já não era aquela estátua. Não passava de um monte de pedras, uma ruína do que fora outrora.

Assim que fechou a porta do seu quarto, Virginia começou a fazer a mala. Não queria permanecer em Monteperdido quando a notícia fosse publicada.

O túnel abria-se como uma boca enorme no sopé da montanha. Ainda conseguiam reconhecer as marcas da cadeira de rodas no solo da entrada do túnel. Também havia pegadas. Mais do que um tipo de sapatos. Algumas de um número mais pequeno, talvez um trinta e cinco.

Sara iluminou o interior da montanha com uma lanterna. O feixe de luz parecia ridículo no meio daquela escuridão. Pouco mais do que um pirilampo perdido.

Tinham feito a viagem em silêncio, contristados. Víctor desviou-se pouco depois do desfiladeiro de Fall e meteu pela estrada de França, que, na verdade, era um velho caminho de terra cheio de depressões e ameaçado pelo musgo que crescia aos pés das faias que estendiam os seus ramos sobre eles. Estrada de França, um nome que, mais do que pomposo, pareceu enternecedor a Sara, um pequeno caminho de terra que sonhou ser estrada e atravessar os Pirenéus.

Depois, o faial desaparecia e, diante deles, erguia-se o Ixeia. Outra das montanhas que chegavam aos três mil metros de altura, rematada por uma crista de cumes avermelhados. Um muro intransponível, que os habitantes do vale tinham querido atravessar para romper o seu isolamento. Uma via que os ligasse ao resto do mundo, a França, ao outro lado das montanhas, e que lhes desse esperança numa época em que as povoações da região agonizavam, envelhecidas e sem esperança no futuro.

Um túnel através do qual poderiam continuar a viver. As três horas de viagem necessárias para atravessar a fronteira por estradas que muitas vezes ficavam cortadas pela neve podiam transformar-se em algo menos de uma hora. No entanto, o projecto ficou parado pouco depois de ter tido início, quase vinte anos antes. A boca escavada na montanha tornou-se um símbolo do que nunca foi.

A entrada do túnel estava reforçada por estruturas metálicas, para evitar aluimentos, explicou-lhe Víctor. Sara viu uma malha estendida sobre a montanha, por cima da abertura. O arco perfeito que aparecia à distância afigurava-se irregular a quem se aproximava. Voltou a iluminar o interior com a lanterna e, depois, dirigiu o foco para o chão.

Deu um passo para o interior, verificando com a luz se estava limpo. Lá dentro, teve a sensação de se ter infiltrado num castelo de areia onde a entrada era uma fenda feita à mão. Um bocado arrancado à terra. Víctor iluminou o tecto, onde a mesma malha metálica que tinha visto no exterior

sustinha a terra.

Por que razão pensara em castelos de areia? Seria por causa da humidade que se respirava no interior da montanha?

Levantou a lanterna e procurou o final do túnel: até onde chegava? A cada passo, o silêncio tornava-se mais patente. O vazio. «Uns trinta metros», ouviu Víctor dizer. «Foi só isso que escavaram.»

Sara dirigiu o foco da lanterna para o chão e viu uma linha de sangue: uma mancha pardacenta misturada com a terra. Como se alguém a tivesse cuspido, a linha interrompia-se e continuava com um par de gotas só uns centímetros depois.

Olhou para trás, e a luz do exterior cegou-a.

Pensou no cinto de Marcial, mas descartou essa hipótese imediatamente. Era impossível, atendendo à chuva e à distância que mediava entre o túnel e o sítio até onde perseguira Elisa. Não teria ficado tanto sangue colado a ele.

Uma pancada. Um murro.

— A Polícia Científica tem de vir aqui — disse a Víctor, e reparou que a sua voz ecoava nas paredes do túnel e se perdia no seu interior até morrer contra aquela parede cega que não conseguia ver.

Quem estivera ali na noite passada?

Saiu do túnel e piscou os olhos, protegendo-se de um sol que agora lhe parecia mais feroz do que nunca, avermelhado à hora do ocaso. Percorreu o caminho até ao jipe, estacionado no fim daquela estrada de França que se perdia entre as faias. Estavam a um quilómetro da estrada que descia do vale.

À sua esquerda, Sara viu uma mata: seriam faias ou cerquinhos? Supôs que Elisa teria fugido naquela direcção e que, atrás das árvores, se escondia o despenhadeiro que a obrigara a voltar para trás.

À direita, um campo aberto, atapetado com as flores rosadas dos rododendros e que ondeava em direcção ao horizonte até mergulhar num pequeno vale. O Sol caía atrás de umas montanhas distantes, nos limites do parque de Ordesa, e os seus últimos raios coavam-se por entre os cumes, feixes perfeitamente definidos, como facas afiadas, que se cravavam no chão, entre as flores, ainda mais vermelhas quando aquela luz se roçava nelas. Sara imaginou que, para lá daquelas montanhas, se escondia um lançador de facas que, com os olhos vendados, atirava punhais à volta da sua silhueta. Um público invisível aplaudia a gesta e o medo de Sara.

Um barulho de ramos e passos levou-a a virar-se para a mata que deixara para trás. Primeiro, uma figura escura e, depois, ao abandonar as sombras, o animal ficou quieto, como se a luz do sol-poente o tivesse detido. Teve a impressão de que os seus olhos pretos mergulhavam nela com a indignação do dono que descobre um ladrão a invadir as suas terras. Levantou a cabeça, mostrando um pescoço orgulhoso.

— É uma camurça velha — ouviu Víctor a dizer-lhe, mas ela não conseguia afastar os olhos do animal. — Os jovens não andam sozinhos.

O reflexo do sol fazia o pêlo da camurça, acobreado, quase preto em duas franjas nas partes laterais da sua cabeça bovina, tingir-se de um carmim intenso como o sangue. Os raios do ocaso, de um vermelho-vivo, filtravam-se por entre o seu pêlo, suaves torrentes de lava que se arrastavam densas, plúmbeas; parecia que a camurça poderia gotejar luz. «Um animal banhado em sangue», pensou Sara. A seguir, recordou a boca de Santiago, no restaurante da estalagem La Renclusa, a mastigar a carne do *ixarso*. Carne de camurça a tisonar-lhe os dentes, fibras de carne que se lhe prendiam entre os incisivos. O molho, cuja cor lhe parecia agora tão intensa como a da camurça que tinha à sua frente, sujava-lhe os lábios, e ele procurou o guardanapo para se limpar. Para apagar o sangue.

— Não te vai fazer nada — disse Víctor. Será que tinha reparado no seu medo?

A camurça inclinou ligeiramente a cabeça para a direita. A Sara, o gesto pareceu-lhe infantil, e teve a sensação de que o animal recuperava a inocência. Não era tão grandioso como lhe parecera ao princípio. Pouco mais do que uma cabra. Os cornos, finos e pretos, com uns dez centímetros de comprimento, curvavam-se para trás, como duas orelhas descaídas. Deu mais uns passos e afastou-se da luz do Sol, procurou abrigo na sombra da montanha e, antes de desaparecer novamente na mata, torceu o seu focinho branco, enquadrado por aquelas manchas de pêlo escuro, virando-o para o vale que havia do outro lado, como se um aroma estranho lhe tivesse chamado a atenção. Depois saltou entre as árvores, e a polícia já só conseguiu ouvir os seus passos a afastar-se.

Sara voltou a olhar para o campo atapetado de rododendros. O que chamara a atenção da camurça?

A polícia afastou-se naquela direcção sem fazer caso das perguntas que Víctor contivera até ao

momento: o que é que tinham ido procurar ao túnel?, continuava a suspeitar de Marcial Nerín? Se a história que Elisa contara era verdadeira, porque havia sangue no interior do armazém? Quem estivera dentro da montanha?

O punho da idosa a abrir-se e a mostrar-lhe uma história desenhada numa mancha escura voltou à mente de Sara. Era o último esforço de uma consciência prestes a extinguir-se.

Viu-o preso a umas moitas, num talude que descia para um pequeno terreiro. Calçou as luvas para o examinar. Era um casaco de malha azul. Na manga, junto ao punho, conseguiu ver vestígios de sangue. Tamanho XS. Na etiqueta, o nome de uma loja francesa: pimkie.

Quando Víctor se aproximou, Sara perguntou-lhe: — Temos alguma amostra do ADN de Lucía?

— Sim, claro — respondeu-lhe Víctor, perplexo.

— Comparem-no com o casaco de malha e com o sangue que há no chão do armazém. Liga para o laboratório; o sangue que havia na mão da mãe de Marcial. Também quero que o comparem.

— Achas que pode ser dela? De Lucía?

Sara não respondeu. Examinou atentamente a etiqueta que havia na gola do casaco de malha. Era de tecido. Ao tocar-lhe, sentiu que tinha dentro uma pequena peça magnética. Um golpe de sorte? Ela trabalhara antes com etiquetas daquele tipo. RFID, era o nome técnico que tinham. Pequenos *chips* incrustados na roupa, que guardavam toda a informação da vida da peça em questão. Desde o momento em que foi fabricada até ao instante em que foi vendida. Dia, hora e local. Identidade do comprador, caso o pagamento fosse feito com cartão de crédito.

Estava cansada e, porém, resistia a fechar os olhos. Anoitecera. Do outro lado da janela do carro, onde Sara insistia em fixar a sua visão, a montanha era uma mancha escura e indefinida. As pálpebras pesavam-lhe e, como se o silêncio as empurrasse, desciam cada vez mais um pouco. Os seus músculos pareciam incapazes de as manter abertas.

Mas não queria dormir.

O ronronar dos pneus no asfalto era uma canção de embalar à qual lhe custava resistir.

«Não quero dormir», dizia para consigo.

Sentia-se como uma rapariga embalada por uma mãe cândida que, quando conseguisse mergulhar o bebé no sono, se transformaria em bruxa. Aproveitaria o facto de estar indefesa para lhe fazer mal.

Quanto mais doer, melhor.

As luzes amareladas dos candeeiros de Monteperdido piscaram à passagem do jipe.

— Conta-me alguma coisa, seja o que for — pediu a Víctor.

Ele olhou-a por um instante; estava de costas para ele, virada no lugar do pendura. Voltou a centrar a sua atenção na estrada e pensou no que poderia contar-lhe. Como sossegá-la.

«Porque é que não gosta de mim?», perguntara Elisa a Sara, e recordar a sua pergunta foi como voltar a sentir o sabor de um doce da infância. «Diz qualquer coisa, Víctor», pensou.

Sabia que estava a deslizar por uma vertente e que, lá em baixo, não a esperava nada de bom.

— Quando era pequeno, sei lá, aos sete anos ou coisa assim, perdi-me na montanha. — A voz de Víctor foi como aquela mão a que podia agarrar-se antes de se afundar de vez.

— Continua — disse-lhe Sara.

— Tinha saído com o meu irmão, Román, já o conheces. Ele adorava subir à montanha. Nem te passa pela cabeça como ele gostava daquilo. Mas eu... acho que ficava intimidado. Sentia-me demasiado pequeno lá em cima. Diante daquelas rochas, das árvores... Tudo era do tamanho de um gigante, sabes o que quero dizer? Dava-me a impressão de que, a qualquer momento, poderia desaparecer no meio daquilo tudo.

Sara virou-se no lugar para olhar Víctor enquanto falava. Ele olhou-a de soslaio antes de prosseguir o seu relato.

— Não me lembro do que aconteceu. O meu irmão adiantou-se ou, se calhar, fui eu que me desorientei. Só sei que, de repente, estava a subir uma parede de rocha, completamente sozinho. Com o despenhadeiro do Cajigal a meus pés e um choupal do outro lado.

O carro avançou por Monteperdido até ao cruzamento da estrada da esquadra. Os faróis iluminaram o asfalto e desenharam uma curva ao virar para a ponte sobre o Ésera.

— Não estava frio, acho eu, lembrava-me se tivesse sido no Inverno. Mas começou a anoitecer. Eu sabia que não tinha de sair do sítio. O meu irmão tinha-me dito isso vezes sem conta, mas a verdade é que também não sabia para onde ir. Fiquei calado, queria ouvir Román a chamar-me, mas só se ouvia o vento e o barulho dos animais entre as árvores. Não sei, se calhar imaginei os passos dos javalis, mas nesse momento até me pareceu vê-los.

Entraram no parque de estacionamento da esquadra. Víctor desligou o motor e tirou as chaves. O interior iluminou-se com uma pequena luz cor de laranja.

— Quem é que te encontrou? — perguntou-lhe Sara.

— O meu irmão, Román. Eu estava a chorar, mas ele ria-se. Disse-me que não era caso para tanto. Que tínhamos estado separados só uma hora... Juro-te que a mim me pareceu um dia inteiro... — Sara sorriu e recolheu as suas coisas para sair do carro. — Quando estava lá em cima, sozinho, não sei porquê, convenci-me de que ninguém viria à minha procura. É estúpido, como é que não haviam de ir à minha procura? Mas era pequeno... suponho que todos temos essas inseguranças... pensava que me tinham deixado ali de propósito. Olhei para o despenhadeiro do Cajigal... e...

Víctor virou-se no seu lugar para Sara; houve um instante de dúvida antes de lhe confessar que, naquele dia, esteve prestes a saltar para o vazio. Por um momento, pareceu-lhe a única saída, ou mesmo uma forma de escapar cheia de lógica.

— Não podemos fiar-nos a cem por cem em tudo o que pensamos — disse-lhe o guarda-civil. — Por vezes, temos ideias realmente estúpidas.

— Serias capaz de fazer isso? — perguntou-lhe Sara. — Se não te tivessem encontrado e se tivesse caído a noite, terias saltado?

— O meu irmão andava à minha procura, Sara. Há sempre alguém à nossa procura — acrescentou enquanto saía do carro. Sara seguiu-o um segundo depois.

Na sala comum da esquadra, encontraram-se com Burgos. Passara um momento a cumprimentar os colegas ao terminar o turno em casa de Ana. Mostrara-lhe a fotografia do casaco de malha que haviam descoberto, e a rapariga confirmara que Lucía tinha um igual.

Agora tinham a certeza de que Lucía estava por perto. E viva.

«O seu sangue no chão», pensou Sara. O resultado das análises de ADN tardaria a chegar, mas tinha a certeza de que aquele sangue era de Lucía.

— Temos os dados do casaco de malha — disse-lhe Rojas, atravessando a sala quando a viu entrar. — A empresa acaba de os enviar. Foi comprado numa loja da Pimkie em França, em Perpignan, mas o pagamento foi feito em numerário.

— Pediste o registo das câmaras de segurança?

— Sim, mas não vai haver nada. A compra foi quase há um ano.

— Em que data? — perguntou Sara.

— Dia 11 de Agosto. Às 18:34.

Víctor pegou no *e-mail* que o cabo Rojas levava nas mãos com um gesto de decepção. Lucía voltava a esfumar-se, como um perfume que se extingue.

— Queres que te leve à estalagem? — perguntou-lhe Víctor, mas Sara já se estava a afastar rumo ao seu gabinete.

Fechou a porta e acendeu a luz. O brilho da Lua reflectia-se sobre o tampo branco da sua mesa e, ao princípio, não se apercebeu.

Não havia nada a fazer.

Sara passara o dia a saltar de um lado para o outro, como se atravessasse um rio pulando de pedra em pedra.

Marcial, Gaizka, Elisa e, novamente, Marcial, Lucía.

Acabaram-se as pedras.

Não tinha forças para alcançar a margem.

Ao ver a sua secretária, sentiu-se a cair ao rio e a ser levada pela corrente.

«Arruma essa bagunça de uma vez por todas», dissera-lhe Santiago, apontando para a montanha de papéis que se acumulava na secretária.

Agora, a sua secretária estava meticulosamente arrumada. Os relatórios metidos em pastas etiquetadas. As fotografias das pessoas envolvidas no caso coladas em quadriculas na parede, junto ao mapa de Monteperdido que Sara um dia afixou; outras, classificadas num arquivador. Os marcadores e esferográficas tinham deixado de estar espalhados pela mesa e pelo chão e reuniam-se num copo metálico. Os cartões de memória das gravações de interrogatórios estavam dentro de um álbum, marcados e a salvo dentro de micas de plástico.

Quase conseguiu voltar a ver Santiago entre as sombras do seu gabinete.

Sentado na sua cadeira, a colocar cada papel no seu lugar, cada fotografia na sua mica. Mexendo-se com um misto de tédio e satisfação, como um pai que põe ordem no quarto da filha.

Toda a dor que tentara manter no fundo do estômago lhe subiu pelo corpo com uma onda de calor. Teve de se apoiar na secretária.

«O que farás quando eu não estiver?», perguntara-lhe Santiago.

Sara sentiu as lágrimas, já incontrolláveis, percorrerem-lhe, ardentes, as faces. Falharam-lhe as pernas. Aos poucos, deixou-se cair ao chão, até ficar ajoelhada, com a cabeça mergulhada no chão, a chorar. «Queres que reze?», interrogou-se com raiva, perguntando a Santiago.

Abraçou-se a si própria e tentou fingir que os seus braços não lhe pertenciam e eram os de Santiago, que a cingiam. O mesmo abraço em que despertou de um pesadelo. «Porque não me

deixaste um pouco da tua absurda fé?»

Ao morrer Santiago, ela também estava a morrer.

Uma parte da sua vida dormia no caixão ao lado do cadáver dele. Todos aqueles anos que viveu sob a sua protecção; ele fora a única testemunha da adolescente que ficara na rua, repudiada pelos pais, a história de Sara até conseguir tomar as rédeas da sua vida. Estudar. Ter um trabalho.

Quem poderia contar como era Sara, agora que Santiago morrera? Só existira no seu olhar, e o seu olhar já não existia.

Ouviu bater à porta do gabinete e, contendo um grito, pediu que não a incomodassem.

Endireitou-se, mas continuou sentada no chão. Não conseguia deixar de chorar. Olhou para a mesa que Santiago deixara arrumada antes de sair para o armazém de Joaquín.

Sabia o que Santiago teria dito: «A verdade é que não choramos pelos mortos. Choramos sempre pelos que ficam vivos.»

Ela não podia evitar sentir aquele desamparo. Era tão forte que doía.

Pegou no álbum onde Santiago guardara os cartões de memória dos interrogatórios. Procurou a última entrevista que fizera a Ana. Sara não estivera presente.

Introduziu-o no computador. O ecrã iluminou-se com um reprodutor, e Sara premiu o *play*.

— *Não tens medo de que ele venha à tua procura?* — A voz de Santiago a interrogar Ana ressoou, grave e incandescente, no gabinete.

— *Não sei, devia ter?* — respondia-lhe Ana.

Sara sentou-se na sua cadeira. Deitou-se para trás e fechou os olhos. Mal prestava atenção às palavras de Ana. Só queria que a voz de Santiago lhe desse o amparo de que precisava. Queria imaginar que ele estava ali mesmo, do outro lado da mesa, a falar com ela.

— *Claro que não. É para isso que estamos aqui. Para te proteger* — prosseguia ele.

Os olhos tinham começado a arder-lhe de tanto enxugar as lágrimas. Apertava a mandíbula, para os seus gemidos não abafarem a voz de Santiago.

— *O que aconteceu mais naquela noite?*

A textura da gravação mudou. Ele deve ter aproximado o gravador de Ana para se ouvir melhor a voz dela. A de Santiago, agora, soava mais distante. Sara não gostou do facto de as palavras dela terem ganho presença.

— *... vi várias estrelas cadentes. Dantes... deitava-me com o meu pai no jardim a olhar para o céu, ele dizia que podia pedir um desejo se visse uma a passar.*

Não lhe interessava o que Ana dizia. Era como se, de repente, Santiago tivesse deixado de lhe prestar atenção a ela para se dirigir a outra pessoa.

Deteve a reprodução. Retrocedeu uns segundos e voltou a pô-la a funcionar. A voz de Ana voltou a impor-se, mas, desta vez, Sara dedicou-lhe toda a sua atenção.

— *Não. Do sítio onde estava não conseguia vê-la... Mas vi várias estrelas cadentes. Dantes... deitava-me com o meu pai no jardim a olhar para o céu, ele dizia que podia pedir um desejo se visse uma a passar. Pedi montes de desejos... e nenhum deles era sair dali. Julgava que isso nunca aconteceria* — dizia Ana, pouco depois.

Sara voltou a rebobinar a gravação. Desta vez, um pouco mais. Para a ouvir de novo.

— *Lembro-me de uma noite, há algum tempo... Não estava frio. Eu tinha um casaco de malha vestido, e era suficiente. Estava lá em cima. Ele tinha ficado no buraco com Lucía.*

— *Foi a última vez que esteve calor?*

— *É possível.*

Sara ergueu-se e saiu do gabinete. Lá dentro, a gravação continuava a fazer-se ouvir. A maior parte dos agentes tinham ido embora. Víctor estava a tomar café junto ao cabo Rojas.

— Em que dia é que foi comprado o casaco de malha? — perguntou-lhes Sara.

Víctor e Rojas olharam para ela, confusos. «A 11 de Agosto do ano passado», recordaram-lhe. Sara deteve-se com um gesto de frustração a meio caminho. Olhou em seu redor, a sala vazia da esquadra, e, com raiva, arrastou para o chão tudo o que havia sobre uma mesa. O ecrã do computador estatelou-se no chão e, sobre ele, caíram papéis, pastas.

— Merda! — gritou. — Estamos a conduzir isto mal desde o início.

Víctor foi a correr contê-la.

— O que se passa? — perguntou-lhe, agarrando-lhe os braços.

— São dois — disse-lhe ela. — Não percebes? Foram dois homens que raptaram as raparigas... — Sara soltou-se das mãos de Víctor, que ainda não conseguia entender como chegara àquela conclusão. — A compra foi feita a 11 de Agosto do Verão passado, numa vila de França, do outro lado dos Pirenéus. A que distância ficará de Monteperdido?

— Perpignan fica a umas seis horas de carro — calculou Rojas.

— Dia 11 de Agosto é a noite das Lágrimas de São Lourenço. A chuva de estrelas. Ana falou

daquele dia num interrogatório com Santiago. No Verão que passou — prosseguiu Sara.

Víctor começava a encaixar as peças. Agora percebia a forma como Sara chegara lá.

— Ana estava lá em cima, a olhar para o céu, a pedir desejos às estrelas. Um dos homens que as raptou estava no buraco com Lucía. Enquanto isso, o outro estava em Perpignan a comprar roupa para as raparigas. Se a compra foi feita às sete da tarde, é impossível que estivesse de volta na mesma noite... Era por isso que Ana era tão contraditória quando falava do homem que as raptou. Não é que tentasse ocultar-nos a verdade. Ela não tinha consciência, mas estava a descrever dois homens diferentes.

O lago

Quando as chamas queimaram o caixão, Sara fechou os olhos e tentou encontrar paz, a mesma que desejava para Santiago, imaginando-o a transformar-se em cinzas que se elevavam com o vento, como a bailarina ergue os braços e finge que as mãos são pássaros e se perdem no céu.

Pouca gente assistiu ao enterro em Saragoça: um ou outro familiar distante, um par de colegas que se deslocaram de Madrid.

Trataram-na como se ela fosse o estandarte do luto.

Pêsames e abraços.

Miguel Ángel Figueroa aproximou-se de Sara quando saiu do enterro.

— Vamos dar uma volta? — perguntou-lhe.

A seguir, indicou uma cafeteria próxima. Não parecia muito acolhedora, mas era, sem dúvida, melhor do que a do crematório.

Procuraram uma mesa um pouco afastada, embora o estabelecimento estivesse praticamente vazio. Só um homem com um fato-macaco azul ao balcão e uma mulher de cabelo ripado e violáceo noutra mesa, com o olhar perdido no nada enquanto o café e as torradas arrefeciam à frente dela.

— O que é que vais tomar? — perguntou-lhe Figueroa, mas ela recusou fosse o que fosse com um gesto ligeiro, como se o mero facto de fazer uma escolha naquele momento a incomodasse. Ele aproximou-se do balcão, onde uma latino-americana lhe disse que lhe levaria o uísque à mesa.

Evitou qualquer recordação de Santiago Baín. Nada de «era um bom homem» nem histórias do tempo em que eram colegas de brigada. Figueroa trepara no organigrama até chegar ao Comando da Polícia. Não sabia se era um político ou se chegara àquele posto por mérito próprio, mal o conhecia. Só o cumprimentara um par de vezes. Tinha-lhe sido apresentado por Santiago.

Haviam passado quase duas semanas desde a sua morte.

A autópsia e a papelada tinham impedido que o funeral se realizasse antes.

Enquanto isso, a investigação convertera-se num animal que não conseguia domar. Talvez não fosse assim tão bravio, ela é que talvez fosse fraca.

A empregada deixou o uísque sobre a mesa e Figueroa acrescentou um «linda» ao seu agradecimento. A rapariga sorriu-lhe e regressou ao balcão. Figueroa tinha menos dois anos do que Santiago. Era um homem barrigudo, que se mexia com desconforto no fato que tinha de envergar diariamente e que, nas ocasiões em que o tinha visto, estava sempre amarrotado, com a camisa mal metida numas calças que se via obrigado a ajeitar continuamente sobre a barriga. Empenhado em parecer cordial, apesar de, certamente, já não se lembrar nada da vila onde nascera. Cheirava a *aftershave*.

— Quero que tenhas confiança em mim, Sara — disse-lhe. — Eu e tu vamos resolver as coisas. Não nos faz falta nenhum gabinete nem políticos a rondar por aqui.

Tirou o casaco do fato, deixou-o pendurado de qualquer maneira nas costas da cadeira e arregaçou as mangas da camisa. A seguir, afastou o seu uísque e pôs os cotovelos sobre o balcão, numa posição despreocupada, como se acabasse de terminar o seu dia de trabalho e estivesse em amena cavaqueira com uma amiga.

— Quem foi o filho da puta que deixou passar o retrato-robô e os depoimentos da rapariga para os jornais? — perguntou-lhe, como se esperasse um nome para, de imediato, ir ter com a pessoa em causa e lhe dar uma tarefa.

Sara não tinha dúvidas: Joaquín. O pai de Lucía tinha sido um elemento discordante desde o início da investigação. As explicações da Polícia sempre lhe tinham parecido insuficientes e também não parecia satisfeito com as suas decisões. Dava a impressão de que tinha as suas próprias ideias e, passado o período de graça, decidira pô-las em prática. A jornalista que publicara a informação, Virginia Bescos, fora uma colaboradora habitual de Joaquín no passado. Quando o caso estava no auge, todos os órgãos de comunicação contactavam Virginia para convidar o pai de Lucía. Agora, pouco antes de aquelas notícias começarem a vir a lume, ela saíra do vale, deixara o quarto que tinha numa pensão de Val de Sacs. Os pais de Ana tinham negado terem transmitido a Joaquín o que se publicava, mas Sara não acreditava neles: sabia que se sentiam em dívida para com a família de Lucía, incomodados com o seu papel de bafejados pela sorte. De certeza que lhe tinham feito chegar

o retrato-robô de Lucía e os depoimentos de Ana.

No entanto, Figueroa parecia não dar demasiada importância a nada disto. Era uma bela merda, disso não tinha dúvidas. A televisão e os jornais tinham repetido até à exaustão a imagem de Lucía. Tinham examinado até à última vírgula a descrição que Ana fazia do rapto. Poucos dias depois, a mesma Virginia publicou uma notícia em que anunciava a oferta de uma recompensa de trinta mil euros a quem desse algum tipo de informação que ajudasse a encontrar Lucía. Desta vez, Joaquín não se escondia. Era ele quem oferecia essa maquia, «dada a falta de resposta da Polícia», acrescentava.

— Isto só à porrada — suspirou Figueroa. — A seguir, se o louco que tem a filha dele decidir dar-lhe um tiro, a culpa será nossa. — Deu um trago no seu uísque e sorriu para Sara. — Deus nos livre desta gente doida.

As últimas notícias do caso também falavam de Sara Campos. Diziam que a agente do SAF não conseguira superar a morte do colega. Num tom condescendente, descreviam-na como uma rapariga que ficara órfã e da qual os serviços sociais deveriam ocupar-se. Umas vezes, paralisada; outras, fora de controlo. Gaizka acusava-a de ter sofrido maus-tratos na esquadra de Monteperdido. A jornalista acrescentava que, se não fosse a intervenção dos seus colegas, a subinspectora não teria parado, traumatizada pelo homicídio do inspector Baín. Mais do que dizia, Sara sentia-se incomodada por aquele ar de falsa compaixão quando estavam literalmente a fazer-lhe a cama.

— Que tal são os guardas-civis lá do sítio? — perguntou Figueroa. — Muito toscos?

Sara falou-lhe bem dos agentes e também de Víctor. Tinham-se posto à sua disposição desde que chegou. Nenhuma queixa. Figueroa supunha que eles não corroborariam nem uma palavra daquela notícia. Acabavam de matar um polícia. Que gente era aquela que a acusava de faltar às suas obrigações numa situação destas? O tal Gaizka bem merecera aquelas bofetadas.

— É um camelo, sem tirar nem pôr, não é? — perguntou depois Figueroa. — Não tem nada que ver com a história das raparigas...

Ela achava que não, mas já tinha poucas certezas. As análises de ADN confirmaram que o sangue que encontraram no chão do túnel e no casaco de malha pertencia a Lucía. Estivera naquele buraco escavado no Ixeia na noite da trovoada, naquele túnel que não levava a sítio nenhum, certamente junto do raptor. Ele tinha-lhe batido. A mãe de Marcial, María de Laude, estivera diante dela. Chegaram a tocar-se; a idosa guardara aquela gota de sangue no punho. No entanto, não podia dar-lhes mais nenhuma informação. Tudo o que tinha visto estava enterrado no fundo de uma consciência apagada pelo Alzheimer.

Sara contou-lhe por que motivo orientava agora a investigação doutra forma: a sua teoria dos dois raptos. É possível que um deles tivesse sido a personalidade líder e o outro se tivesse deixado levar. Falou-lhe da noite das Perseidas, das Lágrimas de São Lourenço e da compra do casaco de malha. Consultara o boletim meteorológico; a única noite em que as estrelas cadentes tinham sido visíveis no céu de Monteperdido foi naquele onze de Agosto.

— Um louco e o seu lacaios — resumiu Figueroa. — Tudo isto foi depois do que aconteceu a Santiago, não foi?

Ela disse que sim com um leve gesto. Esta nova perspectiva também os obrigava a reformular toda a investigação. Tinham ido descartando suspeitos quando estes possuíam álibi para os dois momentos fundamentais do rapto: o dia em que levaram as raparigas e o dia em que apareceu Ana. No entanto, se fosse tudo obra de duas pessoas, esse método não tinha qualquer validade. Um deles podia ter levado as raparigas enquanto o outro podia estar no refúgio no dia em que Ana escapou.

Álvaro, Marcial ou o próprio Gaizka continuavam a estar debaixo de olho na investigação.

— Que raio de coisa é que Santiago foi procurar naquele armazém de camiões? — perguntou Figueroa depois de esvaziar de um trago o seu copo de uísque.

Também não tinha uma resposta para isso. Talvez soubesse alguma coisa de Gaizka e, pensando que tinha que ver com o rapto, se tivesse apresentado ali. Talvez tivesse que ver com Joaquín: por vezes, tinha a sensação de que o pai de Lucía fazia tudo o que estava ao seu alcance para estorvar o seu trabalho. Sara perguntara à sua mulher: Montserrat confessou-lhe que, naquela noite, Joaquín não estava em casa. Ele disse que tinha ido beber alguma coisa a Val de Sacs. Se calhar, encontrara-se com a jornalista, embora Joaquín não quisesse confirmá-lo.

— E a rapariga? Regressou avariada da cabeça ou o que se passa com ela?

A pergunta de Figueroa não esperava resposta. Lera os interrogatórios feitos a Ana, sabia perfeitamente que não adiantara praticamente nada. A sua pergunta era mais um lamento.

— Tens a certeza de que não queres tomar nada? — perguntou antes de se levantar para ir buscar outro uísque.

Sara viu-o atravessar o bar. Dava passos arrastados, como se não estivesse habituado a caminhar. O homem com o fato-macaco azul deixou umas moedas sobre o balcão e saiu do estabelecimento.

Figueroa deve ter dito uma graça à empregada, porque a rapariga riu-se enquanto procurava a garrafa no armário. Viu-o, depois, fazer-lhe um gesto a pedir que lhe enchesse um pouco mais o copo. Antes de voltar, virou-se para olhar para ela do balcão: Figueroa estava sério. Embora fizesse o possível para ocultar o seu estado de espírito, o enterro de Santiago afectara-o. Aqueles copos de uísque não eram tão habituais como queria fazer parecer.

Sentou-se à frente de Sara e disse-lhe que ela também devia beber qualquer coisa. Uma água tônica, caso não gostasse de álcool. Nem sequer tinha um copo para brindar, e a ele apetecia-lhe fazê-lo com ela.

— Em que país é que atiram os copos para o chão? Ou são os pratos?

— É na Grécia — disse-lhe Sara.

— Não sabes a vontade que me está a dar de rebentar com eles. — Já não estava a gracejar. Só havia amargura nas suas palavras. — Dois dias antes de... bem... de esse cabrão lhe dar um tiro, Santiago mandou-me este relatório.

Figueroa rebuscou numa pasta que deixara a seus pés. Pôs o relatório sobre a mesa e aproximou-o de Sara.

— Eu faço-te um resumo — disse Figueroa depois de inspirar, entediado, como quem não quer participar na conversa. — Queria que te enviássemos para outra brigada. Que te retirássemos do trabalho de campo. Um gabinete bonito, no Sul, com bom tempo e uma pilha de papéis para carimbar...

Sara não conseguiu evitar um sorriso ao ler parte do relatório. Tentou perceber em que altura é que Santiago o poderia ter escrito. De certeza que tinha sido após o interrogatório a Ana. «Parvalhão», pensou.

— Diz que, emocionalmente, não estás capacitada para enfrentar casos destes. Que és muito esperta e estás bem preparada, mas que, se continuasses metida nisto, ainda começavas a bater mal...

— Essa é que era a definição científica dele? A bater mal? — perguntou Sara, olhando-o nos olhos com um sorriso. Até que ponto acreditava no que dizia esse relatório?

— Depressão. Insónias. Alucinações hipnagógicas... Enfim, um quadro.

Porque é que Santiago tivera de contar tudo aquilo?

— Gosto de tudo em pratos limpos, Sara — disse-lhe Figueroa, e pigarreou para limpar a voz e tentar vincar a sua franqueza. — Falei com os agentes que trabalharam com vocês noutros casos. E liguei a Víctor Gamero, o sargento do posto de Monteperdido. Todos dizem que és porreira. Porreiríssima. E não me lembro de ninguém melhor do que tu para tomar conta deste caso. Então porque é que Santiago me mandou esta merda de relatório?

Ela tinha o papel entre as mãos e voltou a olhar para ele antes de responder a Figueroa, como se entre as suas linhas conseguisse voltar a ver o rosto enrugado de Santiago, o seu semblante de sacerdote beatífico.

— Porque gostava de mim — respondeu. — E tinha medo de que me acontecesse alguma coisa.

— E o que é que eu hei-de fazer? — perguntou-lhe Figueroa depois. — Pego neste papel e meto-o no lixo ou mando-te para as Canárias fazer fotocópias?

Sara reflectiu durante um segundo.

— Posso dar-te uma resposta quando encontrar Lucía?

Figueroa sorriu-lhe. Ela sabia que era isso que ele queria ouvir.

O telemóvel tocava umas dez vezes por dia desde que Virginia publicara o tal artigo. Joaquín começara a recusar algumas chamadas, farto de oportunistas e lunáticos que juravam ter visto Lucía em sonhos. Ficou particularmente incomodado com o telefonema de uma mulher que falava com sotaque da Europa de Leste. Jurava-lhe que estivera com a filha dele e que esta pedira que lhe transmitisse uma mensagem. Não queria o dinheiro, só reproduzir as palavras de Lucía: «Pára de andar à minha procura.» Joaquín não teve resposta para ela e, após uns segundos em silêncio, desligou o telefone.

No entanto, esse «pára de andar à minha procura» ficou dentro dele como uma espinha cravada na garganta. Que necessidade levava toda aquela gente a ligar-lhe? Pensou numa crueldade gratuita ou, talvez, numa ânsia de notoriedade. A Polícia avisara-o de que recorrer a uma recompensa não era boa ideia. A única coisa que ia conseguir era um monte de histórias absurdas para alimentar a sua ansiedade.

«Pára de andar à minha procura.» A frase começara a soar com a voz de Lucía na sua cabeça. Não falara com ninguém sobre aquela chamada, nem sequer com Montserrat. De alguma forma, temia o olhar da sua mulher, se o fizesse. Um «tem razão», um «não vês o que te está a fazer?».

Combinara encontrar-se com Rafael no escritório. O rádio do carro estava ligado, mas a voz do locutor pouco passava de um ruído de fundo, de um rumor como o do mar. Passou junto à ponte da

escola, reconstruída após a inundação, e recordou aqueles dias, sete anos antes. Quando ele era o homem que decidira ser.

A subida das águas do rio surpreendeu-os de madrugada. A vila estava instalada na rotina de um dia de início de Junho. As crianças na escola, os adultos nos seus locais de trabalho, as mulheres a arrumar as casas, impregnadas ainda com o aroma a café do pequeno-almoço.

O Ésera, com o seu leito sujo e nutrido pelo degelo do glaciário, transbordou. A chuva tornou-se mais intensa, parecia espicaçá-lo. Joaquín estava na empresa quando Montserrat lhe ligou a contar que o rio começara a transbordar junto à ponte do Posets.

Não hesitou. Cada um dos seus passos, a partir daquele momento, foi firme, seguro. Não se interrogou sobre o que devia ou não devia fazer, sobre o que era mais conveniente. Conduziu até à vila e ligou para a escola. A sala da turma da sua filha tinha sido evacuada e estavam a levar os alunos para um ponto mais alto na vila. Receavam que a escola, situada numa depressão, acabasse por inundar. Tinham de atravessar o rio para o fazer, e Joaquín viu a fila de crianças a avançar à chuva, rumo à ponte. Ninguém imaginava que a força da água conseguisse derrubar a estrutura de pedra. Junto à professora, Lucía encabeçava a fila.

A água começava a infiltrar-se por entre os pilares; a corrente era um martelar contínuo, e percebeu que, a qualquer momento, poderia derrubar a ponte. Joaquín parou o carro na outra ponta e gritou-lhes que voltassem para trás. O barulho do rio e a chuva abafaram-lhe a voz. A professora pisou a ponte; instigava as crianças a correr, consciente do perigo, embora alheia ao facto de os estar a conduzir para a morte.

Um dos pilares cravados no leito do rio rebentou, como se lhe tivessem posto uma bomba. Só tinham chegado à ponte as primeiras crianças, e Joaquín nem pensou duas vezes. Correu sobre o chão de pedra, que nesse momento lhe parecia oscilar a cada passo. A professora pegou num par de crianças e tentou retroceder. Lucía estava paralisada. Joaquín pegou-lhe pela cintura quando chegou ao pé dela e deitou-a sobre um ombro. Sentiu a respiração agitada da filha: estava a chorar. Empurrou para trás a professora e as outras crianças antes de a ponte desabar sobre o rio.

Não quis olhar para trás. A histeria apoderara-se da professora e das crianças. Gritou-lhes para se afastarem do Ésera e guiou-as em direcção a uma casa situada a sul do rio. Sabia que, vencida a ponte, o transbordamento do rio era iminente.

Correu todo o tempo com a filha ao colo, e só quando já se encontravam no interior da casa é que a pôs no chão. Olhou para a cara de Lucía, encharcada da chuva e banhada em lágrimas. Disse-lhe «calma, querida» e abraçou-a. Tinha nove anos na altura.

O medo que contivera com a urgência do momento e que lhe golpeará o peito, como um animal encerrado numa cave, desapareceu. Joaquín deixou-se cair ao chão e respirou, tranquilo e feliz. Fechou os olhos e pensou que Montserrat, ao dar à luz, deveria ter sentido algo semelhante. Quando a dor do parto já não importava, porque a sua bebé chorava deitada sobre o seu peito.

«Pára de andar à minha procura», dissera-lhe aquela mulher ao telefone. Como é que ia deixar de procurar a filha? Quem seria capaz de esquecer sem mais nem menos?

Estacionou o carro em frente ao escritório. A porta do armazém estava aberto. Os camiões estacionados no exterior. Não tinham voltado a ter trabalho desde que aparecera o cadáver do polícia nas suas instalações. Os três *Pegasos* e o *Volkswagen*, descoloridos, pareciam idosos em estado terminal, a observarem através dos olhos vidrados pelas janelas de um hospital que sabiam que nunca abandonariam pelo próprio pé.

Tentava não pensar demasiado. Apenas avançar. Tinha consciência de que, se parasse e olhasse para o espelho, não ia gostar da imagem. Por vezes, Joaquín tivera a sensação de sair do seu corpo e olhar para si próprio como se fosse outra pessoa; nesses breves relâmpagos, tinha-se visto como um avião em chamas, a cair a pique. Atirava tudo pela janela: malas e assentos, passageiros. Aliviando o peso para se manter no ar de forma desesperada. No entanto, no fundo, sabia que nada poderia evitar que se despenhasse.

— Vou encerrar a empresa — disse a Rafael quando se sentou junto dele no escritório. — Venderei os camiões e, com o que renderem, pagarei algumas dívidas e o que te dever, claro.

Rafael nem sequer olhou para ele. Os primeiros anos de ajuda incondicional tinham-se transformado num ressentimento mudo pela forma como conduzia o negócio, pela forma como arrastava a sua irmã e virava as costas a Quim.

— Tu é que sabes — foi a única coisa que Rafael lhe disse.

— Não será de um dia para outro, mas as instalações também vão render algum dinheiro. Já não há ninguém que consiga levantar isto — acrescentou Joaquín como se tivesse de justificar a decisão perante o cunhado.

Sabia que não era verdade, nem pouco mais ou menos. O dinheiro que juntara para a indemnização também poderia tê-lo destinado para viabilizar a empresa. Aqueles camiões eram o

símbolo de uma independência que tivera de conquistar a pulso. Os pais tinham tentado que ele ficasse com o negócio de gado da família, mas ele lutou para sair da sua sombra. E tinha conseguido fazê-lo. Fundou uma pequena empresa de transportes que foi crescendo até quase se tornar o seu próprio império, com mais de vinte camiões a fazerem rotas pelos Pirenéus. O que ficava de tudo aquilo? «Pouco importa», disse para consigo, apagando pensamentos que só podiam prejudicá-lo. A sua filha desaparecera.

— O que queres que eu faça? — perguntou-lhe Rafael. — Queres que trate da papelada para o encerramento?

— É melhor deixarmos isso para um advogado.

Como é que havia de deixar Joaquín organizar o encerramento, se naqueles cinco anos ele não conseguira fazer a tempo uma única declaração trimestral de impostos? Rafael ergueu-se e pegou no casaco. Olhou durante mais um segundo em seu redor e perguntou a Joaquín se era preciso voltar no dia seguinte.

— Depois aviso-te se precisar de alguma coisa — disse-lhe Joaquín.

Ele disse que sim com a cabeça e saiu, como se tivesse estado a dirigir aquela empresa durante umas escassas horas, enquanto Joaquín fazia uns recados. Quantos agradecimentos é que Joaquín devia ao seu cunhado? Quantas vezes aceitara com parcimónia o que ele lhe pedira? Trata de Quim enquanto Montse e eu vamos a uma cerimónia; passa lá por casa no dia do aniversário de Lucía, que eu não quero que a minha mulher esteja sozinha; deixa a estrada e trata do negócio. Adia a tua vida por nós. E Rafael cederá a tudo sem dizer praticamente nada.

Mas será que ele lhe tinha mesmo pedido ou lhe tinha exigido? Como a toda a gente que o rodeara: nunca pôs a hipótese de alguém lhe dar uma nega. Tinham de estar tão envolvidos como ele na busca da sua filha.

Mais tarde ou mais cedo, precisava de chegar o momento em que ficaria completamente só.

O telemóvel tocou e Joaquín demorou um pouco a reagir. Pegou no aparelho e olhou para o número: não estava na sua lista. Atendeu, mais para afastar as ideias que lhe pairavam na cabeça, hienas que passeavam em círculos em seu redor à espera do momento certo para se lançarem sobre ele. Não esperava nada daquela chamada.

— Tenho uma coisa para lhe contar sobre a sua filha. — Era a voz de uma mulher de timbre rachado pela idade. Um sotaque próximo, talvez dos Pirenéus catalães. — Mas, antes de mais nada, quero o dinheiro.

Joaquín julgou que se tratava de mais uma que o tomava por imbecil.

Era a primeira vez que Montserrat punha os pés no centro comercial de Barbastro. Tinha sido inaugurado há três anos, mas, como se a possível diversão da visita lhe estivesse vedada, ela evitara-o. Percorreu as lojas, buliçosas e repletas de cores e luzes que tentavam prender-lhe a atenção. Carregava um par de sacos com roupa. Tirando umas camisas para Quim, era tudo para ela. Tivera um certo receio de encontrar algum vizinho enquanto percorria os cabides da loja para escolher vestidos e calças.

Que explicação lhes teria dado?

Sentia-se à vontade a passear entre os estranhos que atafulhavam os corredores e pensou em tomar um café antes de voltar ao carro e a Monteperdido, quando, junto à escada rolante, viu uma loja de brinquedos. Entrou sem saber porquê nem o que ia procurar. Quase sem se aperceber, deteve-se diante de uma estante que ia até ao tecto; as bonecas acumulavam-se, umas junto às outras, em caixas que lhe fizeram pensar em caixões, e sentiu um calafrio. Teve vontade de chorar ao ver as Barbies, com aqueles sorrisos gelados, vestidas de namorada ou para um piquenique. Seria disto que andava à procura? De uma Barbie para Lucía?

— Essa é bonita.

Uma voz familiar levou-a a virar-se. Nas suas costas, Nicolás Souto indicava-lhe uma Barbie numa caixa preta, uma edição de colecionador com um vestido vermelho dos anos 50 e uma cabeleira escura e ondulada que lhe caía sobre os ombros. Montserrat ficou sem palavras, envergonhada. Ele esticou o pescoço e, com os seus olhos miúdos e franzindo ligeiramente o sobrolho, voltou a indicar a boneca. Ela sorriu; o gesto de Nicolás, que levantava a cabeça por cima dela e dirigia um olhar cómico para as bonecas, levou-a a pensar nas marmotas que corriam pelas montanhas, assomando atrás de uma rocha com aquele gesto de curiosidade para a seguir voltarem a fugir para longe de qualquer olhar. Mas Nicolás continuou atrás dela, não se escapuliu por entre os corredores do centro comercial. Deixara crescer um fino bigode que lhe dava um ar um tanto ou quanto ridículo. Quase imberbe, parecia um daqueles adolescentes que passam a máquina de barbear pela cara antes de aqueles escassos pêlos pretos e lisos crescerem acima dos lábios.

— Chamei-te antes de entrares — justificou-se, nervoso, o veterinário. — Com esta música em altos berros, é normal que não me tenhas ouvido... — Nicolás reparou no olhar de Montserrat,

cravado no seu bigode, e, cofiando-o como um cavalheiro do século XIX perguntou-lhe: — Gostas?

— Sim, bom... não sei... És a primeira pessoa que parece mais nova com bigode.

Nicolás disfarçou um esgar de desagrado; é evidente que não tinha sido aquela a sua intenção ao deixar crescer aqueles pêlos ralos a que ele chamava bigode. Deixou de o cofiar e, sem saber o que fazer com a mão, pegou numa boneca ao acaso. Uma Barbie médica, vestida de branco e com uns óculos cor-de-rosa que, supunha ele, pretendiam torná-la mais inteligente, embora, depois de dizer a Montserrat que aquela também não lhe parecia mal, achasse que a boneca, vestida daquela forma, mais parecia uma atriz porno. Montserrat disse-lhe que não ia comprar nada, nem sequer devia ter entrado na loja de brinquedos. O veterinário deixou a boneca no armário e pegou na primeira que lhe tinha indicado, aquela que estava vestida como uma estrela dos anos 50.

— Gosto mais desta... Não te importas se for eu a comprá-la? — acabou por lhe dizer Nicolás.

Montserrat sabia que ele não queria incomodá-la e, aos poucos, foi relaxando, perdendo o medo de reconhecer os seus sentimentos. Montserrat disse-lhe que pensara noutra boneca, numa com fato-de-banho e o cabelo louro com rabo-de-cavalo. Ele gostava da expressão daquela Barbie.

Decidiram comprar as duas bonecas e, depois, Nicolás convidou-a para tomar alguma coisa numa esplanada que havia no segundo piso do centro comercial.

Abrigaram-se sob um guarda-sol, naquela manhã soalheira de princípios de Agosto. Estava a ser um Verão quente.

— Achas que é um disparate eu comprar-lhe uma boneca? — perguntou-lhe Montserrat depois de os servirem.

— Porque é que havia de achar uma coisa dessas? — respondeu-lhe Nicolás com um sorriso.

Tinha a camisa alagada em suor, e ele encolhia-se ligeiramente, esperando que ela não reparasse nas nódoas que se estendiam sob as axilas.

— Não faz muito sentido — reconheceu Montserrat. — Ana disse que já não gostava destas bonecas. Mas...

Montserrat não encontrou as palavras com que tentava descrever o que sentia.

— É como se a sentisses mais perto, não é? — ajudou-a Nicolás.

Ela sorriu-lhe, dando a entender que acertara. Conheciam-se desde crianças. Na escola, quando Nicolás era o rapaz desajeitado e tímido com quem todos gozavam, Montserrat era a única rapariga com quem se relacionava. Sabia que ele se estava a apaixonar. Oferecia-lhe aqueles contos que, depois, se via obrigada a ler, apesar de os achar extremamente enfadonhos. Mas eram a forma que Nicolás encontrava para se declarar, e parecia-lhe que não os ler equivalia a fechar-lhe a janela a meio de uma serenata.

Montserrat sabia que ele nunca tivera verdadeiras aspirações em relação a ela. Nicolás sentia-se vencido antes de iniciar qualquer disputa. Já na altura era tão nervoso e inconveniente como agora. Quando Montserrat começou a sair com Joaquín, aceitou a sua derrota sem tugar nem mugir. Afastou-se e deixou de lhe oferecer os textos.

— Estou a escrever mais um livro — disse-lhe Nicolás. — *El follét del albarósa*. Do Ken Follet de Monteperdido. — Nicolás riu-se da sua piada, duas gargalhadas secas que interrompeu de repente ao ver Montserrat fugir com o olhar, incapaz de rir. — Não, não é por Ken Follet. É pelos *follets*, já sabes, os duendes da floresta — explicou o veterinário. — Baseia-se um pouco em tudo o que está a acontecer na vila... Mas na minha história encontraram Lucía — acrescentou, como se isso pudesse sossegá-la.

Ela sorriu. Sabia que, na sua inépcia, Nicolás só pretendia agradar. As últimas semanas tinham sido complicadas lá em casa. Joaquín tinha-se encerrado mais do que nunca na sua obsessão e afastava-a cada vez que ela insinuava alguma coisa que não lhe agradava, como se fosse ela que o estivesse a abandonar. Quim era um estranho; o seu filho passava a maior parte do dia fora e, quando estava em casa, mal lhe dirigia a palavra. Não podia culpá-lo. Tinha-lhe virado as costas durante demasiado tempo e, agora, teria de reconquistar a sua confiança. Por isso mesmo, agradeceu o interesse de Nicolás em reconfortá-la sem esperar nada em troca.

A recordação de uma noite, quando eram adolescentes no instituto, veio-lhe à memória. Deram uma festa para angariar dinheiro e pagar uma viagem de estudo. Joaquín e ela discutiram. Tinham-se tornado o eterno casal da vila e ninguém supunha que aquela relação pudesse terminar. Ela via com desagrado o facto de a sua vida ser tão previsível. Saiu do bar e encontrou-se com Nicolás. Ele ouviu-lhe as queixas. Ela bebera de mais. Beijou-o, para demonstrar a si própria que, na sua vida, podia haver outras pessoas além de Joaquín Castán.

No dia seguinte, Joaquín e ela reconciliaram-se e o casal voltou a ser tão forte e tão previsível como dantes. Nicolás jamais falou com ela do que sucedera naquela noite.

— De quantos meses é que estás? — perguntou-lhe Nicolás enquanto rebuscava no bolso para pagar a conta que tinham deixado sobre a mesa.

Montserrat sorriu-lhe, incomodada. Como é que tinha reparado?

— No outro dia, no dispensário, lembras-te de que nos vimos? — recordou-lhe o veterinário num tom tranquilizador. Queria demonstrar-lhe que a informação que tinha não sairia daquela mesa. — Foste buscar uns comprimidos e pareceu-me estranho. Joaquín costumava comprar por atacado em Andorra... Eram de ferro e ácido fólico.

Ela inspirou antes de confessar.

— De dois meses. Ao princípio, pensei que era um atraso... apenas isso... Mas depois fiz um teste e deu positivo...

Montserrat queria banhar as suas palavras de preocupação, mas foi incapaz de disfarçar um sorriso. Era a primeira pessoa a quem dizia que estava grávida.

— Parabéns, posso...? — Nicolás endireitou-se e abriu os braços, pedindo-lhe um abraço. Ela deixou-o abraçá-la e sentiu-se bem. Queria festejar a ocasião. Queria usufruir daquela nova vida e que toda a gente comungasse da sua felicidade. — Já contaste a Joaquín?

— Ainda não — reconheceu ela. Como havia de lhe dizer que iam ter mais um filho? Sabia que ele encararia isso quase como uma traição.

— Se precisarem de alguma coisa — ofereceu-se Nicolás —, não sou médico, mas já ajudei umas tantas vacas a parir...

Ela agradeceu-lhe com uma risada. Como é que Nicolás podia dar um bom escritor se escolhia sempre as piores palavras?

Joaquín Castán esvaziara a conta da empresa. Estava a desmantelá-la. Sara ordenara que o vigiassem e conseguiu um mandado judicial para pôr o seu telefone sob escuta. Sabia que o pai de Lucía não partilharia nenhuma informação, caso a oferta de recompensa que publicara nos órgãos de comunicação social resultasse em algo mais do que chamadas de gente doida. Sara não suspeitava propriamente dele: tinha a sensação de que Joaquín decidira imolar-se no seu papel de pai-coragem e não podia fazer nada para o impedir, embora não lhe agradasse o facto de a atitude do pai de Lucía lhes retirar recursos e tempo que poderiam ser dedicados a outras coisas que lhe pareciam mais importantes.

O desenhador da Polícia voltara a ver Ana. Sara queria que tentassem diferenciar os traços com que a rapariga descrevia o seu raptor, os quais, na verdade, pertenciam a duas pessoas diferentes. O resultado não era conclusivo: como podiam ter a certeza das características que correspondiam a cada uma das pessoas que se tinham alternado no rapto?

— Que tal correu com os chefes? — perguntou-lhe Víctor ao ver que Sara estava de regresso ao gabinete.

— Nada de novo — murmurou Sara.

Ela tinha o olhar perdido na mesa. Começava a anoitecer e a maior parte dos agentes já tinha ido para casa. Víctor sugeriu-lhe, como em todas as últimas noites, que fosse com ele jantar alguma coisa na Sociedade de Caçadores. E, também como sempre, ela recusou a oferta. Não quis insistir e foi embora sem se despedir. Sara ficou a olhar para a secretária: não tocara em nada desde que a descobriu assim, arrumada por Santiago. O que havia naquela secretária que o tivesse levado a ir aos Transportes Castán?

Mais uma noite, pegou no processo do caso. Consultou relatório após relatório enquanto a luz se apagava. O pinhal, do outro lado da janela, mudava de cor com a luz do crepúsculo e as folhas das árvores tornavam-se quase vermelhas, convertendo-o em algo irreal, uma pintura, mais do que uma floresta feita de madeira e erva. O amanhecer ia encontrar Sara no mesmo sítio, imersa numa leitura que parecia não a levar a lado nenhum. Passaria a noite a lutar contra as suas pálpebras cansadas e contra o sono, contra os pesadelos que se repetiam desde a morte de Santiago.

Aqueles homens sem traços, com um pequeno buraco preto no centro do rosto, um diminuto remoinho que parecia absorver-lhes a própria pele.

«Alucinações hipnagógicas», foi o que Figueroa chamou àqueles pesadelos. Um médico a que Santiago a levou descreveu pela primeira vez com esse termo o que lhe estava a acontecer. Sara não recordava quando tinham começado; desde que tinha memória, aquelas visões eram recorrentes, assediavam-na todas as noites. Uma disfunção dos instantes entre a vigília e o sono que, se fosse caso disso, podia prolongar-se durante horas. Noites inteiras. O cérebro entrava de forma anómala na fase REM, paralisava-lhe o corpo, mas ela estava ainda acordada; conseguia ver, ouvir, sentir. A sua mente lançava imagens, presenças e sensações que ela percebia como reais. No entanto, não conseguia mexer-se. Sentia-se presa no próprio corpo. Paralisia do sono, dissera-lhe também aquele médico. Receitou-lhe antidepressivos para inibir a fase REM, Trofanil, mas aqueles comprimidos também a apagavam durante o dia. Convertia-se numa sombra de si própria, incapaz de fazer funcionar o cérebro, difusa. Recusou-se a continuar a tomá-los.

A estabilidade que Santiago lhe deu ajudou-a a controlar os pesadelos. A distância em relação aos

pais, o facto de viver numa casa que, aos poucos, Sara começou a sentir como um lar, os estudos e, depois, o trabalho serviram-lhe para refrear tais episódios. Converteram-se em algo excepcional.

Mas tinham regressado há uns anos. E fizeram-no com a mesma intensidade de quando era criança. Igualmente aterradores.

Trabalhavam no desaparecimento de uma adolescente numa vila costeira, em Almería, perto do sítio onde crescera. O *stress*, a ansiedade derrubaram os muros que Sara tinha construído ao longo da sua vida. Os homens que rodeavam a sua cama voltaram. Santiago viu Sara a decair dia após dia, incapaz de descansar, nervosa quando caía o Sol e se aproximava a hora de dormir. Insistiu que devia voltar a tomar a medicação, mas ela recusou. Sabia que, se tomasse os antidepressivos, não conseguiria continuar a trabalhar.

Tentou demonstrar a Santiago que era capaz de resistir e ele quis acreditar nela, até que se apercebeu de que era uma batalha perdida. Por isso enviara aquele relatório a Figueroa; sabia que Sara estava a desfazer-se, como uma casa abandonada num território inóspito, à mercê do vento e das trovoadas, até os alicerces não aguantarem mais e, em silêncio, ela vir abaixo, convertendo-se num amontoado de tijolo e cimento, irreconhecível, ruínas que ninguém conseguiria recompor.

Sara tentou afastar aquelas recordações, o relatório que Santiago entregara a Figueroa, e centrar-se nos processos do caso. Era uma forma de fugir.

A meio da noite, enquanto revia os testemunhos recolhidos cinco anos antes, quando as raparigas desapareceram, houve uma coisa que lhe chamou a atenção. Tinha-lhe passado ao lado até esse momento. No depoimento de José Alberto Mencía, um trabalhador da estação de serviço à entrada de Monteperdido, falava-se do seu colega: Fulgencio Heras. Numa nota de rodapé fazia-se referência ao depoimento do tal Fulgencio: «Relatório 24/10/10.» Sara procurou entre as caixas, sem sucesso. Desceu ao arquivo. Talvez esse relatório se tivesse extraviado quando pediu toda a documentação a Víctor. No entanto, no arquivo também não conseguiu dar com ele.

Burgos mantinha-se a certa distância, a cerca de cem metros. Era a intimidade que Álvaro ganhara para a filha depois de discutir com a Polícia. Quim e Ana tinham-se adiantado uns passos. Quase sem se aperceberem, enquanto falavam, haviam deixado Ximena para trás.

— Estão drogados ou quê? Vão cá com um *speed* — protestou Ximena.

Quim e Ana voltaram-se, interrompendo a conversa, e viram Ximena a socorrer-se de um pau em jeito de bengala para conseguir subir a ladeira da montanha. Mais abaixo, Burgos tornara-se uma pequena mancha na paisagem.

— Lembras-te do que me disste? — perguntou Quim a Ana com um olhar matreiro. — Que gostarias de aprender a nadar. Confias neste professor?

— Se te entregares nas mãos dele, acabas afogada, Ana — tentou gracejar Ximena.

No entanto, Quim e Ana nem sequer olharam para ela. Ana, com a cara à sombra daquele boné preto, disse-lhe que gostaria imenso, mas que não via nenhuma praia na montanha. A manhã despontara banhada em calma, o vento mal soprava. Encontraram-se na rua da urbanização, de manhã cedo. «O que fazemos?», perguntou Ximena, rompendo o silêncio incómodo que se instalara entre os três depois dos cumprimentos da praxe, como um grupo de amigos que, de repente, se apercebe de que, afinal, não passam de desconhecidos. Apoiado na vedação da casa de Ana, Burgos observava-os. «Vamos dar uma volta pela montanha?», propôs Quim. Que outra coisa se podia fazer em Monteperdido? Saíram da urbanização Los Corzos e atravessaram a ponte sobre o Ésera. Diante deles erguia-se o monte Ármos, do outro lado da estrada do Posets. Uma frondosa mata de *trémols* nascia a seus pés, envolvendo-o numa faixa verde sobre a qual, mais acima, se descobria a montanha, pálida, erguendo-se até aos seus dois mil metros de altitude, arranhando um céu anil com um cume arredondado como a garupa de um animal. Ana seguiu-os em silêncio, e nem Quim nem Ximena repararam no esforço que fazia para conter a ansiedade ao embrenhar-se na floresta. Olhava de soslaio para as folhas dos choupos, temendo que, a qualquer altura, comessem a agitar-se, a gritar, alarmadas por descobrirem Ana. No entanto, os *trémols* permaneceram mudos. Não iniciaram o redobre com que a tinham acompanhado nos anos de clausura no buraco. «Mentirosos», lembrava-se Ana de lhes ter chamado. Agora, erguiam-se para o céu, entrelaçando os seus ramos, ocultando o céu e a montanha.

— Cuidado com os poios de javalis — avisou-as Quim, afastando-se, teatral, do caminho que tinham seguido e apontando para o chão.

— Sabes aonde vamos? — perguntou Ximena, tão perdida no labirinto de árvores como Ana.

— Isto ainda vai acabar mal — avisou-os Burgos uns metros atrás, bufando, cansado, enquanto os seguia montanha acima.

Mas Quim conhecia o caminho de cor e salteado. Apontava para um lado e para o outro, indicando lugares que as árvores não deixavam ver, mas que ele sabia estarem lá: o despenhadeiro de La Camera a leste, onde normalmente se situavam alguns caçadores nas batidas; as zonas onde

os javalis pernoitavam, a oeste, enquanto ele continuava a embrenhar-se por aquela floresta interminável. Avançaram durante quase uma hora entre os *trémols* até saírem da floresta, numa ladeira em que os rododendros em flor desenhavam um caminho rosado em direcção ao cume. Foi pouco depois que Quim propôs a Ana ensiná-la a nadar. No monte Ármos não havia praias, mas havia lagos.

— Vamos ao lago das Tempestades — disse Quim. — A ver se esse polícia nos consegue apanhar.

Quim desatou a correr e, atrás dele, Ana. Ximena seguiu-os, ofegante, enquanto lançava um olhar para trás. Burgos estava demasiado longe para se aperceber de que eles iam a fugir.

— Nem sequer temos fato-de-banho — tentou protestar, mas eles pareciam não a ouvir.

Subiram por um carreiro pedregoso. Ximena reparou que Quim lançava continuamente olhares a Ana, sobretudo nos troços em que o carreiro se estreitava. Estendeu-lhe uma mão, para Ana ganhar balanço e subir um degrau pronunciado. À sua direita, o despenhadeiro de La Camera mergulhava cada vez mais junto à montanha. Ximena seguia-os e, a cada passo, sentia-se menos convidada para a excursão.

Tempestades era o primeiro lago de quatro que havia no monte Ármos. Depois de um par de horas por estreitos caminhos que desprendiam calhaus sob os seus pés, chegaram a um vale e, a escassos trezentos metros, viram o lago, enquadrado pelo circo de Tempestades. Um «U» escavado na montanha que o circundava como um abraço de pedra. Quantas vezes fizera Quim aquele percurso? O pai levava-o todos os fins-de-semana à montanha. Mais tarde, Lucía passou a acompanhá-los. O despenhadeiro de La Camera, o circo e a neve vermelha, os lagos, os choupais e as matas de pinheiro-negro. Corços, marmotas e javalis. As flores de rododendro no Verão. Os usos medicinais das plantas. Resumia-se a isso a diversão que podia encontrar em Monteperdido, da qual se fartou quando entrou na adolescência.

A grandiloquência da Natureza parecia-lhe tão ridícula como as histórias do pai. As aventuras de Joaquín, infladas com a perspectiva do tempo, as suas viagens à montanha ou os seus êxitos de juventude, narrados como grandes epopeias, embora não passassem da história de um aldeão que casara com a namorada de sempre e fundara uma empresa de camionagem. Que épica podia haver em tudo aquilo?

E, assim, olhara para a paisagem que circundava Monteperdido. Enquanto os demais abriam os olhos, impressionados, e ficavam sem palavras, ele só via pedras e árvores, água e animais assustados.

No entanto, naquele dia, quando levou Ana até ao lago e a viu fascinada com o circo de Tempestades, foi como se pudesse olhar através dos seus olhos. O seu olhar a escalar a parede de granito até ao glaciar.

— Porque é que a neve é vermelha? — perguntou Ana.

— Dizem que é o vento sariano. Do deserto. A areia chega até aqui, embora pareça incrível, e fica colada ao gelo — explicou-lhe Quim.

No Inverno, o lago era uma placa de gelo. No Verão, enchia-se com a água do degelo do glaciar. Água doce e cristalina. Água eterna. Um espelho em que se reflectiam os escassos pinheiros, a montanha, ferida pelas glaciações, e o céu, desenhando um arco-íris impossível na sua superfície. Anil, verde e vermelho. Uma opala multicolor.

Ana adiantou-se quando chegaram à beira do lago. Tirou o boné e Quim reparou que o seu cabelo louro começara a nascer novamente, numa suave camada que, ao sol, brilhou, dourada. Parecia-lhe tão perfeita que não devia tocar-lhe.

Quim sentou-se junto ao lago. Não havia vento e mal se ouvia um barulho. Apenas um farfalhar ao longe, que imaginou ser produto das marmotas que, tímidas e curiosas ao mesmo tempo, se escondiam atrás das árvores e das pedras. Encheu os pulmões com aquele ar puro.

Pôs-se a pensar que, quando detiveram Gaizka, conseguir haxixe na vila se tornou uma tarefa impossível, tivera medo da abstinência. No entanto, só sofreu algumas noites de insónias. Não o incomodaram. Saía pela janela do quarto, sentava-se no telhado do alpendre e falava com Ana, que assomava à janela do seu quarto, até o sono os calar.

Nunca disseram nada um ao outro sobre o rapto. Sobre Lucía também não. E, apesar de tudo, não considerava aquele tema um tabu. É que, quando a via, vinham-lhe outras coisas à cabeça. Quase sempre planos de futuro. Ele sonhava viajar, ela não tinha tanta pressa. Os seus desejos eram mais corriqueiros: deitar-se no sofá, tapada com uma manta, enquanto nevava lá fora e ela ficava ao calor de uma lareira. Aprender a cozinhar como a mãe. Conduzir. Ir ao cinema. Ouvir música. Ter um cão.

Quim via-a como um pequeno gato que passou demasiado tempo sozinho na rua. Enfiada num canto, agarrada aos pais ou a ele. A lamber o prato de leite.

— 'bora, vamos à água — disse-lhe Quim tirando a *T-shirt*. — Não tenhas medo. Tens pé à

entrada...

Foi deixando para trás os ténis e as calças. Em cuecas, deu um salto para a água e, ao romper a superfície, o desenho reflectido pelo lago desfez-se em ondas que, aos poucos, voltaram ao sítio, precisamente quando Quim pôs a cabeça de fora e sacudi o cabelo, uns metros além do sítio onde desaparecera.

— Estás à espera de quê? — gritou a Ana.

Ela estava nervosa. Tinha uma recordação muito remota da altura em que os pais a tinham levado ao mar. Quantos anos teria então? Quatro, cinco? A água do lago era, ao mesmo tempo, tentação e armadilha. Tinha a certeza de que o seu corpo a afundaria inapelavelmente logo que entrasse na água. Ximena tinha tirado os sapatos e molhou um pé na água.

— Com a dificuldade que tiveste para os teu pais te deixarem sair, não vão achar graça nenhuma quando souberem disto — disse-lhe sem deixar de olhar para Quim.

A verdade é que tinha sido a mãe a fazer mais reparos. Álvaro mostrara-se compreensivo quando lhes perguntou se poderia ir dar um passeio um dia com Quim e Ximena. Ele entendia melhor do que ninguém a sua necessidade de liberdade.

No lago, Quim nadava ruidosamente de um lado para o outro. Ximena virou-se para Ana e tirou a *T-shirt*. Não trazia sutiã, e Ana sentiu-se pouco à vontade quando lhe viu os seios. Firmes e morenos, como o seu ventre. A seguir, tirou as calças de ganga e ficou só com uma tanga. Ana viu o corpo cor de mel da colombiana, perfeito, altivo, e não pôde deixar de o comparar com o seu: branco como a neve, com formas não tão definidas, vestígios da rapariga que tinha sido.

Ximena virou-lhe as costas e meteu-se na água. Mergulhou de cabeça e nadou em direcção a Quim. Ana viu-lhe a cabeleira sob a superfície, a sombra de um peixe.

— 'bora, Ana, não querias aprender a nadar? — insistia Quim.

Ela fechou os olhos e desejou que o vento lhe levasse a vergonha. Virou as costas ao lago. «Se eu não consigo vê-los, eles também não me conseguem ver», pensou. O circo de Tempestades abrigava-a, a parede da montanha, mordida pelo tempo, tão fustigada e, ao mesmo tempo, tão bela. A neve vermelha mais acima. Uma mancha pardacenta a escassos metros dela chamou-lhe a atenção. Estava ao pé de uma parede vertical, no centro do semicírculo formado pelo circo. Não conseguiu perceber o que era até dar uns passos na direcção dele e, então, ficou paralisada. «O que foi?», ouviu Quim, ainda na água, a perguntar-lhe. Ana não conseguia afastar a vista do animal; ao princípio, parecera-lhe que estava a dormir, mas a putrefacção começara a fazer-lhe mocha na pele, nos olhos. A morte, preta, saía de dentro do corço, como uma epidemia enterrada, embora não visse nenhum rasto de sangue. A cabeça do corço descansava sobre o chão. Tinha um chifre partido, mas o outro ainda mostrava as três pontas e fez-lhe lembrar uma bandeira espetada num campo de batalha onde já só restam cadáveres. Por que razão pensara que estava a dormir? A posição das patas, retorcidas em ângulos impossíveis, evidenciava que o animal caíra de grande altura. Ana ergueu o olhar para o circo, para a parede da montanha que se estendia a mais de quarenta metros acima deles, e a Natureza que antes lhe parecera de grande beleza afigurava-se-lhe agora cruel.

— Deve ter sido arrastado por uma avalanche — aventava Quim, ainda na água. Aproximara-se da beira do lago ao ver que Ana continuava parada, de costas voltadas para eles. — É normal, no Inverno. As avalanches arrastam os veados e os corços montanha abaixo. E ficam enterrados sob a neve até chegar o degelo. É por isso que ainda está assim.

Ana lembrou-se dos versos de um poema: «Este tecto tranquilo — campo de pombas — palpita entre os pinheiros e as sepulturas.»

Ana virou-se de repente, tentando apagar da memória a visão do corço morto. Tirou as calças, mas deixou-se ficar com a *T-shirt*. Caminhou até à beira do lago sentindo as pedras espetarem-se nas plantas dos pés. Entrou aos poucos na água; estava gelada, e o frio percorreu-lhe o corpo com um tremor. O fundo do lago estava escorregadio, e pareceu-lhe ver girinos a rondar-lhe as pernas. Estava paralisada, com a água pela cintura, incapaz de dar mais um passo que fosse. Quim segurou-lhe numa mão e fê-la avançar até à água lhe dar pelo pescoço. Ana ergueu o queixo, olhou para o céu, tentando manter-se à tona. Ximena estava a olhar para eles, mas depois mergulhou e desapareceu debaixo de água, talvez para ocultar a sua raiva.

— Deita-te para a frente — disse-lhe Quim.

Ana fez o que ele lhe ordenava e deitou-se na água. Sentiu-se de tal forma leve que, durante um instante, se assustou. Até que reparou na mão de Quim a agarrá-la pelo estômago.

— Põe-te de barriga para cima. Faz de morto; embora aqui não haja sal, é fácil. — Quim ajudou-a a virar-se na água.

Ana sentiu a água fria nos ouvidos, na cicatriz sobre a nuca. A mão dele, agora no pescoço, evitava que se afundasse. A seguir, Quim pôs-lhe outra mão nas costas e balançou-a, como se fosse empurrada por ondas inexistentes. O sol aquecia-lhe a cara. Ana fechou os olhos. A imagem do corço

morto surgiu como uma mão a tapar-lhe a visão, mas afastou-a imediatamente. «Palpita entre os pinheiros e as sepulturas», disse para consigo e, depois, murmurou: — Oxalá pudesse estar sempre assim.

Ximena saíra do lago. Fingia secar-se ao sol enquanto procurava alguma coisa nas calças. Virou-se para o lago antes de marcar o número de telefone de Burgos. Quim jamais a vira assim. Quando o guarda-civil atendeu, disse-lhe que estavam no circo de Tempestades.

Enquanto isso, eles continuavam a aprender a nadar no lago.

A mulher com a voz quebrada voltou a ligar-lhe passados uns dias. Joaquín Castán estava a vestir-se quando viu o número dela. Só pusera as calças e tinha o cabelo molhado. Sentou-se na cama e atendeu.

— Quero o dinheiro. Dê-mo primeiro e a seguir falamos — insistiu a mulher do outro lado da linha.

— Como é que hei-de saber se o que tem para me dizer me vai ajudar a encontrar a minha filha? — respondeu-lhe ele.

— A sua filha, não sei. Mas o homem que a levou, sim — foi o que ela lhe disse.

Desta vez, Joaquín prestou mais atenção. Atrás da voz da mulher, que teria uns sessenta anos, com um timbre sujo do tabaco, ouviu o som de uma televisão. Anúncios.

— Porque é que não me diz o que tem a dizer? Juro-lhe que receberá o dinheiro se for uma pista válida...

Ela guardou silêncio. O som da televisão tornou-se mais evidente.

— Não confio — respondeu a mulher antes de desligar.

Joaquín guardou o telefone. «Mulher Dinheiro», escreveu na lista de contactos. Não era o primeiro telefonema ao qual dava crédito. Também tinha guardado nos contactos o «Homem Sussurros» e a «Latino-americana», mas de nenhum obtivera fosse o que fosse a que pudesse agarrar-se.

Olhou-se no espelho que havia na porta do armário. Viu-se sentado sobre a cama, com os ombros descaídos e a barriga dobrada sobre a cintura. A pele manchada nos braços, por falta de pigmentação. Os pêlos do peito tinham começado a branquear; um penacho fazia um remoinho no centro e, por vezes, assomava pelo colarinho das camisas. Sentiu-se velho, uma caricatura de si mesmo. Um animal solitário da montanha abandonado pelo grupo, que anda a rapinar pelos penhascos à espera de que chegue a sua hora. Onde ficara o corpo do qual ainda há poucos dias se sentia orgulhoso? Teve a impressão de que, na última semana, lhe tinham caído vinte anos em cima.

Ergueu-se, fechou a porta do armário para esconder o seu reflexo e vestiu uma camisa. Ainda a estava a abotoar quando chegou à cozinha. Rafael tomava o pequeno-almoço com Montserrat. O cunhado cumprimentou-o com um olhar esquivo. Montserrat estava a esfregar umas chávenas e perguntou-lhe se queria um café. Pareceu-lhe vê-la sorrir, e desagradou-lhe a forma como se mexia, ligeira, quase feliz. Disse que tinha coisas para fazer, que tomaria um café mais tarde, e despediu-se.

Quando Joaquín saiu, Montserrat sentou-se junto ao irmão. Rafael pôs a sua mão sobre a dela.

— Não vais ficar sozinha — disse-lhe.

Montserrat olhou-o, agradecida. Sabia que Rafael era uma rocha à qual se podia agarrar sempre que precisasse. Inalterável, firme, continuara ao seu lado todos aqueles anos. Atento a tudo o que eles tinham abandonado. Sobretudo, ao seu filho.

— Podes falar com Quim? — pediu-lhe Montserrat. — Sei que ele está melhor desde que começou a encontrar-se com Ana... mas... não sei se consigo contar-lhe...

— É uma boa notícia — apoiou-a Rafael. — As boas notícias são sempre fáceis de contar.

Rafael tinha razão. O problema nunca seria Quim. O problema era o marido.

Os dias e as noites caíam sobre as costas de Sara, em catadupa, como objectos inúteis numa arrecadação. Cada pequeno passo que dava na investigação depressa se revelava inútil.

Contou a Víctor que não conseguira encontrar o relatório 24/10. Aquele em que se encontrava o testemunho de Fulgencio Heras. Víctor vasculhou no armazém da esquadra, sem sucesso. Não se lembrava em que é que consistia aquele depoimento, mas também não lhe deu maior importância. Praticamente toda a vila tinha prestado depoimento ao longo do processo.

Sara localizou Fulgencio Heras; estava reformado e vivia em Val de Sacs, numa velha casa que, agora, que tinha tempo, ele próprio tentava reabilitar. Aproveitou o facto de ter de fazer uma viagem a Barbastro para passar por casa dele e conversar. Sanmartín, o cabo do GREIM, oferecera-se para a levar. Durante a viagem, contou-lhe que era um Verão estranho para ele, habituado como estava a atender dezenas de avisos quando o bom tempo se instalava no vale. Os forasteiros desatavam a percorrer as montanhas que circundavam a vila, os dois parques nacionais entre os quais estava encaixada. «São como gatos a subir às árvores», disse-lhe Sanmartín. «A seguir é necessário trazê-los para baixo.» Sara imaginou o cabo do GREIM como um professor farto dos seus alunos. Enfiado

no seu uniforme verde, avançando com um esgar de enfado entre barrancos e caminhos florestais para pegar no montanhista de cidade pela *T-shirt* e levantá-lo em peso, como se fosse um bebé que se atirou para a lama a brincar e esperneia no ar. Sanmartín — como é que se chamava, alguém lhe dissera o seu nome de baptismo? — tinha cerca de um metro e noventa de altura, o cabelo cortado à escovinha, quase esculpido, como todo o seu corpo, que a roupa desenhava como uma segunda pele. Apesar do desprezo com que falava dos turistas, parecia ter saudades deles. As notícias que saíam de Monteperdido não eram propriamente um convite para passar umas férias no vale. A maior parte das reservas tinha sido anulada. Chegavam-lhe as queixas dos donos de restaurantes e hotéis, mas ela tentava fazer ouvidos de mercador. Tal como no caso de Sanmartín: ela tinha alguma culpa do que se estava a passar?

A casa de Fulgencio Heras ficava à entrada de Val de Sacs. A aldeia, umas poucas casas à beira da estrada e outras espalhadas pela ladeira da montanha, era a irmã pobre do vale. O dinheiro dos forasteiros parecia ter passado ao largo.

Sanmartín preferiu esperar por ela no carro enquanto Sara falava com o antigo trabalhador da estação de serviço. Fulgencio recebeu-a sob um alpendre ainda inacabado que, caso a construção não andasse mais depressa, desabaria com o peso dos primeiros nevões. Já completara sessenta e cinco anos, mas mantinha-se forte e ágil, como se gabava, embora parecesse ter bastante dificuldade cada vez que se sentava ou se levantava de uma velha cadeira de madeira que colocara em frente a Sara.

Fulgencio contou-lhe que, na altura em que as raparigas desapareceram, ele trabalhava na estação de serviço da vila com José Alberto Mencía. «Saiu-me cá uma peça, esse Mencía», recordou, convidando a polícia a entrar na sua memória. Sara, porém, perguntou-lhe pelo depoimento que prestara. Fulgencio sorriu e, como quem fecha um livro, esqueceu Mencía e disse-lhe que, a seu tempo, contou à Guarda Civil que tinha visto passar um carro preto de gama alta, um *Audi*. Entrou a mais de cem quilómetros por hora pela estrada da vila, quando o limite era cinquenta. Fulgencio ainda se indignava ao recordá-lo: os forasteiros atravessavam Monteperdido como se fosse uma vila deserta, a toda a velocidade, sem pensarem nas crianças ou nas outras pessoas que podiam encontrar à sua passagem. A sua própria família sofrera as consequências, por isso é que se queixava com tanta insistência. O sobrinho tinha sido atropelado quando tinha oito anos e estava a jogar à bola perto da estrada de Posets. Coitado do rapaz, acabara numa cadeira de rodas. Sara perguntou-lhe se se lembrava da matrícula daquele *Audi*, mas ele disse que não. Como é que se ia lembrar de uns números passados cinco anos? «Disse-os aos guardas. Devem tê-los anotado nalgum sítio.»

Sara agradeceu-lhe a colaboração, desejou-lhe boa sorte com as obras e regressou ao carro para junto de Sanmartín.

Fulgencio não passava de mais um beco sem saída.

Chegaram a Barbastro ao final da manhã. Sara tinha de prestar depoimento na audiência prévia do julgamento de Gaizka.

Estava há escassas semanas na prisão, mas o seu olhar apagara-se. Gaizka entrou cabisbaixo e, curvado, assistiu a todo o processo como se não fosse nada com ele. Pela sua forma nasalada de falar ao juiz, a arrastar as palavras, Sara deduziu que, na prisão, consumira heroína. Em breve seria mais um viciado, fotocópia desses *zombies* que povoam as prisões, conscientes de que a morte chegará antes de cumprirem a pena.

Sentiu-se mal, porque dentro dela não havia qualquer espécie de compaixão por Gaizka.

Não queria saber.

Tal como ele não quisera saber quando estoirou o peito a Santiago.

Ao voltar a Monteperdido, Sanmartín reduziu a velocidade logo que começou a atravessar o túnel do desfiladeiro de Fall, e o carro tremeu sobre as lombas da estrada. Sara pensou em Fulgencio, imaginou-o a entrar na Câmara Municipal e a exigir que instalassem aquelas lombas.

Quando caiu outra vez a noite, Sara fechou-se no seu gabinete. Nos últimos dias, só tinha ido à estalagem para tomar duche e mudar de roupa. Quanto às noites, costumava passá-las na esquadra, fugindo a um sonho que temia.

Acabou por pagar a factura por tantas horas de insónias.

Quando se sentou na sua cadeira e apoiou a cabeça no encosto, adormeceu, embora lhe parecesse que não passava de um pestanejar.

Olhou em seu redor, para o gabinete convertido num *puzzle* de sombras que se recortavam pelo chão e pelas paredes, que projectavam uma figura de arlequim sobre as estantes. Losangos pretos e cinzentos. Dentro daquela escuridão, havia alguém. Sara tentou endireitar-se e então apercebeu-se de que caíra no sono. O seu corpo não reagia a nenhum estímulo: estava presa dentro de si própria. O homem avançou, saindo da sombra, nu. Sentou-se na cadeira que havia do outro lado da mesa, e

então conseguiu ver-lhe o rosto sem traços. Pele lisa, excepto aquele pequeno montículo no centro que se abria como a boca de um diminuto funil que absorvia lentamente o que o circundava, partículas da sua própria pele que se infiltravam dentro dele, em espiral. Sara quis gritar, levantar-se e correr, mas era incapaz de o fazer. O homem olhava para ela, não precisava de olhos para o fazer. Mal se mexia. O seu peito nu e glabro inchava e contraía-se ligeiramente com a respiração. Sara reparou que a sua garganta se convertia num canal estreito e irritado, que continha um pranto que não chegava a explodir.

Não podia escapar.

O homem sem rosto ficaria a olhar para ela durante toda a noite, a julgá-la, e Sara sentir-se-ia cada vez mais assustada e mais insignificante. Cada um dos seus erros, a vergonha e o desprezo por si própria iriam despontando como o suor.

Uma sacudidela despertou-a com violência e, desorientada, deu consigo a gritar. A luz do gabinete estava acesa, e ela, de pé junto à sua mesa, nauseada, olhou em redor, tentando encontrar uma explicação. O homem sem rosto desaparecera e, ao seu lado, conseguiu ver Víctor, que tentou abraçá-la.

Ela afastou-se, envergonhada.

— Estavas a gritar — disse-lhe Víctor. — Assustaste-me.

Sara encostou-se à parede e conteve o vômito. Saíra demasiado depressa do sono e ainda não era capaz de controlar o corpo. Os joelhos falharam-lhe e esteve prestes a ir ao chão, mas recompôs-se a tempo, retesando com força todos os seus músculos.

— Não podes continuar assim, Sara. — E a voz de Víctor pareceu-lhe denotar sincera preocupação.

— Estou bem — disse, por fim. — Foi só um pesadelo.

Elisa bebeu um gole do seu copo e, bêbeda, olhou em volta. A escuridão do bar, tenuemente iluminado, e o álcool convertiam as caras das pessoas numa mancha difusa, praticamente descolorida. Ouvia-se uma canção que não conhecia, mas que lhe fazia lembrar robôs a bailar, mecanicamente programados. Não sabia se havia de se levantar da banquetta e ir dançar. E se acabasse a rebolar pelo chão? Mas queria colar-se a alguém. Sentir o bafo de qualquer pessoa.

Uns dias antes, tinham chegado uns valencianos à estalagem. Três rapazes que foram à vila para fazer *rafting*. Naquela noite, antes de ir parar àquele bar, tinha ido para a cama com os três, mas não queria voltar sozinha para casa.

«Toda a gente tem algum sítio aonde pode voltar», murmurou para consigo, com inveja. Será que tinha falado em voz alta?

Sentiu uma mão agarrar-lhe no braço e virou-se, melosa, para o homem que evitara que ela caísse da banquetta.

— É um truque — disse-lhe Elisa. — E funciona sempre, não achas, meu lindo?

— Elisa, queres que te acompanhe a casa?

A voz dele não soou como um convite para uma noite de sexo. Apesar de tudo, deixou-se levar. Saíram do bar e o frio da noite em Monteperdido desanuviou-a um pouco. Ele estava a acender um cigarro, e então apercebeu-se de que era Ismael, o rapaz que trabalhava com a mãe de Ana. Também se lembrava do seu apelido: Casella. Ismael Casella. Quando chegou a Monteperdido, ficou umas semanas em La Renclusa. Ela começara a fazer umas horas à tarde. Era bonito. Talvez demasiado bonito, mas gostava do seu cabelo ondulado, preto e espesso, preso num pequeno rabo-de-cavalo. Andaria enrolado com Raquel? Não, de certeza que não, pensou e sorriu. Agora, Álvaro ocupara o seu lugar.

Elisa ia esbarrando com os seus pensamentos, como se descesse umas escadas, tropeçando a cada degrau, galgando alguns, até que teve a sensação de chegar a um patamar, terra firme, e esticou o corpo magro, o pescoço, e ergueu a cabeça para olhar em seu redor, como um pássaro atento, a ver se alguém o está a observar.

— Olá, carpinteiro, estás aí há muito tempo? — perguntou-lhe então Elisa.

— O tempo suficiente para me ter dado vontade de me ir embora e deixar-te regressar sozinha a casa — disse-lhe ele.

— Disse alguma coisa desagradável?

— Não vou ligar a isso.

— Mas, pelo menos, conta-me o que eu disse. Para eu não voltar a meter a pata na poça...

Ismael bufou e evitou responder. Meteu-lhe a mão na cintura e, juntos, começaram a descer a rua. O bar ficava a uns dez minutos da casa de Elisa, e ela encostou a cabeça ao ombro de Ismael enquanto caminhavam, como se fossem um casalinho.

O que lhe dissera que o incomodasse assim tanto? Ela gostava da forma como ele lhe metia a mão à cintura, do seu cheiro, e sonhou em dormir e acordar ao seu lado.

— São coisas da Raquel — murmurou Elisa. — Alguma coisa te disse que te caiu mal. Um disparate qualquer sobre a Raquel, não é? — Elisa reparou que Ismael se afastava ligeiramente, mas ela resistiu, agarrando-se-lhe ao braço. — Não vou dizer mais nada, juro-te...

Continuaram em silêncio ao longo de mais algumas ruas. Quando chagaram à porta da casa dela, Ismael despediu-se. Recomendou-lhe que tomasse um ibuprofeno antes de ir para a cama, caso não quisesse acordar com uma tremenda ressaca. Elisa olhou para a sua casa vazia.

— Estão bem um para o outro — disse a Ismael, que já começara a afastar-se. — Esquece-te dela. Deixa-a ficar com o porco do marido.

— Elisa, devias ter mais juízo — repreendeu-a Ismael. — A vila inteira fala de ti.

— Vão mas é levar no cu — respondeu com raiva. — Não fazem outra coisa senão falar dos outros.

— Tu também lhes estás a dar motivos para isso.

— Não mais do que os outros — protestou Elisa. — Agora o meu pai é um demónio, e Álvaro um santo. Ninguém se importa que esse cabrão me desse uma queca cada vez que punha os pés na vila... Que me tivesse usado para a Polícia o deixar em paz. Com isso, ao que parece, já ninguém se importa.

— Que história é essa de Álvaro ter feito isso para o deixarem em paz? — Ismael voltara para trás e estava agora a escassos centímetros de Elisa.

— Sabes mesmo o que se passa nesta vila? A vergonha come-lhes a língua. Têm a boca muito grande, mas, na hora da verdade, são uns badamecos...

Ismael sentiu pena ao vê-la perder o controlo, a cambalear pela rua, aos gritos, a insultar os vizinhos. Chamava-os pelos nomes, Mariángeles, Nieus, «onde é que vocês estavam?», vociferava. «Isso mesmo, fecham a porcaria das janelas.» Acusava-os de fazerem ouvidos de mercador quando o pai lhe batia. Agora, a Guarda Civil actuara de ofício, apesar de ela se ter recusado a denunciar os maus-tratos. O juiz impusera, como medida cautelar, o afastamento do arguido, e Marcial não podia pôr os pés em Monteperdido. Tinham-lhe contado que estava a viver no seu apartamento de Barbastro, com a mãe.

Elisa acabou por se sentar à porta de casa, a chorar.

— Não posso continuar aqui — disse. — Naquela casa...

— Porque não tentas começar do zero? — disse Ismael para a animar.

Elisa guardou silêncio e, depois, retorceu-se com um espasmo e vomitou aos seus pés. Um líquido vermelho como sangue escorreu pelo chão. Ismael ajudou-a a afastar as pernas, para não se sujar. Estava fria, a suar. Elisa ergueu a cabeça e fechou os olhos. Um fio de baba ainda lhe pendia da comissura dos lábios. Ismael pegou num lenço de papel e limpou-lhos.

— Obrigada — murmurou ela e, quando abriu os olhos, estavam banhados em lágrimas, mas também contristados. De rastos. — Vou para Barbastro, com o meu pai... — disse.

Ismael acompanhou-a até casa. Levou-a para o seu quarto e deitou-a. No fundo, Elisa continuava a ser uma rapariga que só queria ter alguém que cuidasse dela, mas ele não podia ficar ao seu lado.

Ao regressar a casa, Ismael pensou que, para ele, também não ia ser fácil começar do zero. Instalou-se em Monteperdido para estar perto de Raquel. Toda a sua vida girava em torno dela: o trabalho da empresa de remodelações e a reconstrução da própria Raquel. Sentiu ciúmes ao pensar que Álvaro desfrutaria de todo o seu esforço. Que sentido fazia continuar naquela vila? Os seus últimos anos tinham-se esfumado por culpa de um milagre: o regresso de Ana; sentiu então um ataque de ódio: oxalá conseguisse voltar a encerrá-la naquele buraco.

Os rabiscos invadiam as margens dos relatórios. Sara Campos passava horas a fio diante deles, vagueando por nomes de habitantes da vila e depoimentos de Ana enquanto o carvão do lápis desenhava de forma automática figuras geométricas que se iam acumulando, umas em cima das outras, crescendo como trepadeiras. Triângulos, hexágonos, linhas partidas e sombreadas que simulavam escadas para, a seguir, se converterem em caminhos fechados e, de um lado e de outro, rectângulos que se estendiam até criarem composições que, da parte lateral de cada página, colonizavam todas as folhas, cercavam os textos, as fotografias. Sara «Mandala», era a alcunha que lhe dera um colega da faculdade quando viu os seus apontamentos, tão rabiscados como estavam agora os relatórios do caso. Santiago ficava sobremaneira desesperado com aquela mania. Com que cara iam apresentar aqueles documentos num tribunal, aos seus superiores? Parecia o bloco de notas de um estudante. «Isto ajuda-me a pensar», respondia-lhe sempre Sara. «Não são mandalas», dissera há anos ao tal colega da faculdade. «Não vês que não há um único círculo?» Mas esse matiz não foi suficiente para o rapaz esquecer a alcunha. Se não eram mandalas, o que eram? Sara descrevia-os com uma palavra inglesa: *maze*. Labirintos, mas tão complexos que era quase impossível encontrar a saída.

Ao percorrer o pinhal que havia atrás da urbanização Los Corzos, Sara pensou naqueles rabiscos. Os carreiros da floresta eram tão confusos como os seus desenhos. Ao seu lado, Ana cheirou as

mãos; os seus dedos ainda estavam impregnados do aroma a ovos mexidos, a açúcar e a baunilha. Quando Sara foi buscá-la a casa, encontrara-a na cozinha a fazer um pão-de-ló com a mãe. Agora estava a cheirar as mãos, como se aquele cheiro pudesse transportá-la novamente ao lar.

— Que tal vão as tuas aulas de natação? — perguntou-lhe Sara enquanto passeavam pelo pinhal.

— Pareço um cão, mas pelo menos já não vou ao fundo — respondeu-lhe com um sorriso. Provavelmente, era a melhor coisa que lhe acontecera desde que saíra do buraco.

Burgos ficou furioso quando os rapazes fugiram no monte Ármos. Ligou a Víctor, e estavam prestes a organizar uma batida pela mata de *trémols* quando receberam o telefonema de Ximena. De regresso a casa, Sara pediu a Ana que não voltasse a fazer o mesmo; davam-lhe total liberdade para andar pela vila, para fazer o que quisesse. Prometeu-lhe intimidade. Burgos não contaria nada a ninguém, a não ser que julgasse haver alguma coisa relevante para o caso.

— A única coisa que queremos é proteger-te — disse-lhe Sara.

Desde a morte de Santiago, Sara ia todas as tardes a casa de Ana para falar com ela. Ao princípio, ficavam na sala ou no jardim, recordando pormenores dos anos do rapto e a falar também sobre o modo como Ana se estava a integrar naquela nova vida. Mas cedo deixaram de falar em casa, e as duas passaram a conversar enquanto passeavam por Monteperdido. Umaz vezes deixavam para trás a urbanização Los Corzos e, atravessando novamente a ponte, entravam na zona histórica da vila. Percorriam o adro da igreja de Santa María de Laude ou as arcadas da Câmara Municipal. Evitavam quase sempre a avenida de Posets; embora fosse um Verão praticamente sem forasteiros; os poucos que havia amontoavam-se nas lojas e nos bares da rua principal da vila.

Aos poucos, os jornalistas também tinham deixado a vila. Já há alguns dias que tinham entrado no mês de Agosto. Muitos estavam de férias e as redacções ficavam despovoadas. A notícia do regresso de Ana já não despertava tanta atenção, pelo que não fazia sentido manter correspondentes. A 14 de Agosto, já não havia enviados especiais.

— Quando é que vão à montanha ver do corço? — perguntou-lhe Ana certo dia.

Contara-lhe a história do animal morto que tinham encontrado ao pé do circo de Tempestades. Um corço que, provavelmente, tinha sido arrastado por uma avalanche e que se mantivera intacto sob a neve. O degelo destapara-o e, agora, os necrófagos, corvos e abutres-do-egipto, banqueteavam-se. Ninguém iria recolher o cadáver. Os agentes do SEPRONA de Ordesa tinham decidido que a Natureza seguiria o seu curso.

— «Entre os pinheiros e as sepulturas» — murmurou Ana quando Sara lhe comunicou essa decisão.

— O que é isso?

— Um verso.

Costumavam escolher a última hora de luz para passear, quando as sombras do monte Albádes e o pico de Paderna se desenhavam sobre as fachadas dos edifícios de pedra e o vento da montanha refrescava o ambiente, carregado do calor das tardes de Agosto.

Ana passara dias a ler no buraco e, praticamente, memorizara os livros de poemas. Muitas vezes deixava escapar versos que lera nessas obras, em *O Cemitério Marinho*, de Paul Valéry, e em *A Rosa Profunda*, de Borges. Apareceram um dia junto a outros livros velhos, em segunda mão, que os seus raptos deixaram cair no buraco. Como se se tivessem extraviado entre *Os Jogos da Fome*, *A Firma* ou *O Código Da Vinci*. Livros com as folhas gastas do uso, amareladas nas margens. A capa d'*O Cemitério Marinho* era azul; o rosto de Paul Valéry, sombreado, misturava-se com um fundo de mar, um barco e umas gaivotas. *A Rosa Profunda* tinha a capa vermelha, atravessada por linhas horizontais, paralelas. O título estava escrito em grandes letras brancas. Não havia anotações, carimbos ou marcas nos livros que permitissem a Sara determinar a sua origem. Talvez os tivessem comprado numa feira qualquer. «Sou eco, esquecimento, nada», era um verso de Borges que Ana por vezes recordava.

Ao longo daqueles passeios por Monteperdido, Sara tentava viajar para os anos em que Ana estivera no buraco. Do medo das primeiras semanas à surpreendente adaptação a uma rotina doentia: duas raparigas presas numa cave, a comerem em *tupperwares* que o raptor lhes trazia, a fazerem as necessidades em bacios que, por vezes, ficavam vários dias sem ser despejados, à procura de diversão em brincadeiras absurdas, a discutirem por tudo e por nada e, sobretudo, a morrerem de tédio. Ana admitia-o com um certo sentimento de culpa; o tédio era o sentimento mais profundo que recordava daqueles cinco anos. A abulia com que o tempo se escoava enquanto elas cresciam. Os seus corpos a transformarem-nas em pequenas mulheres. Ana lia todos os livros que caíam no buraco, exigia a Lucía que pedisse ao raptor para lhe trazer mais. Mas a sua amiga não crescia ao mesmo ritmo que ela: Lucía refugiou-se num mundo infantil, como se quisesse reter a inocência com que tinham chegado àquela situação. Os livros não lhe interessavam, reagia com desagrado ao sexo e recusava-se a explorar o próprio corpo como Ana fez. Lucía preferia as bonecas

e, quando se fartou delas, a roupa. Traziam-lhes catálogos de lojas, e Lucía escolhia vestidos para ela e para Ana, como se, a partir daquele momento, elas fossem as bonecas que era necessário vestir.

Conforme decorria o tempo, Ana parecia impor certa distância às suas recordações. Tentava deixar para trás aquela época, dissociar a Ana que agora passeava junto a Sara da que estava presa com Lucía. Duas pessoas diferentes. Quem não teria tentado criar aquela barreira de protecção?

Sara detivera-se junto à árvore onde tinham encontrado a mochila de Ana. Contou-lhe que tinham planeado transplantá-la para a praça da igreja, mas que tinha sido impossível, por ter as raízes doentes.

— Tinha ciúmes de Lucía — reconheceu Ana de repente. — A mim não me ligava nenhuma. Ela, pelo menos, passava noites com ele. Falavam. Mas eu era um empecilho. Ia ficar ali até se fartarem de mim. Tinha receio de que Lucía se cansasse e lhe dissesse que já não queria estar comigo... — Ana fez uma pausa antes de lhe confessar uma coisa que sabia ser difícil de compreender. — Teria preferido que ele gostasse um bocadinho de mim...

Sara recordou as palavras que um dos raptos disse a Ana quando tudo começou: «Quando menos esperares, mato-te.» A ameaça, o desprezo, tinham-na perseguido como a sua sombra em cada minuto daqueles cinco anos.

Anoitecia. Decidiram regressar a casa. Ana recuperara um lar, voltava a sentir-se alguém, reflectida no olhar dos pais, tal como no de Quim; alguém que queria mesmo ser. Aquelas conversas alteravam-na, e chegava sempre um momento em que ficava com pressa de voltar a estar com Raquel, com Álvaro, com Quim. Viu-a cheirar novamente as mãos ao sair do pinhal, mas talvez já não restasse nelas qualquer resquício do aroma que antes as banhara.

Sara chegara à conclusão de que os dois homens que as retiveram se alternavam a tomar conta das raparigas, mas um deles mal contactava com elas. O homem que as prendeu na floresta era o mesmo que ameaçara matá-la. Era o que trazia Ana para cima, para o refúgio, e a deixava amarrada a uma viga enquanto ele ficava na cave com Lucía. O outro era o que lhes comprava a roupa. O que lhes trazia comida para baixo e se encarregava delas quando o primeiro não estava. Segundo a interpretação de Ana e Lucía, o raptor fartava-se delas e, por isso, deixava de se encontrar com Lucía. Sara julgava que o que acontecia mesmo era que, fosse pelo que fosse — talvez devido ao trabalho! —, naqueles dias o raptor não podia ir ao refúgio, e era o outro que se encarregava de tomar conta delas. Um segundo homem a quem estava vedado o contacto com as raparigas.

Sara deteve-se numa loja antes de chegar à urbanização de Ana. Comprou uma garrafa de vinho. A rapariga da loja recomendou-lhe um branco, casta Gewürztraminer, de umas vinhas de Barbastro. Vinho de gelo. Feito com uvas apanhadas às primeiras geadas do ano. Víctor insistira que fosse jantar a sua casa. Organizara um churrasco, ao qual também iria o seu irmão e a sua família, e desta vez não aceitou qualquer nega de Sara: o guarda-civil estava preocupado com ela, sobretudo desde que a encontrou a meio daquele pesadelo.

Sara e Ana despediram-se a escassos metros da entrada da casa da rapariga. A polícia viu-a abrir a cerca do jardim e fazer um gesto que lhe chamou a atenção: Ana forçou a compostura para não olhar para a casa de Joaquín Castán. A vivenda geminada com a dela. Ao princípio, Sara julgou tratar-se de vergonha própria de uma adolescente. Quim saía naquele preciso momento da casa com Nicolás Souto, o veterinário. Sabia que entre os dois jovens começava a haver uma relação e imaginou que ela evitava o olhar para que ninguém notasse que gostava dele. E se estivesse a evitar o olhar do veterinário?

Outro dos motivos dos passeios de Sara e Ana pela vila era precisamente esse; a polícia não descartara a ideia de que Ana não lhes estivesse a contar toda a verdade. Talvez soubesse a identidade dos seus raptos, mas o medo a impedisse de falar. O medo e a proximidade. Se esses homens moravam em Monteperdido, Ana tê-los-ia visto. No hospital, quando a vila em peso foi visitá-la, nas ruas da localidade, na altura em que Ana regressou a casa.

Sara analisava a atitude de Ana quando esta se aproximava das pessoas da vila. Que lugares evitava? Onde é que parecia sentir-se pouco à vontade? Achava que o normal seria ela afastar-se dos espaços onde podiam andar os seus raptos, se é que sabia quem eram e estavam entre eles.

Até àquela tarde, Sara não notara que Ana agisse de forma peculiar em nenhum sítio. Algo se passava na casa de Joaquín. A seriedade no semblante do veterinário, tal como no de Quim. A conversa em voz baixa que ambos mantinham enquanto o rapaz acompanhava Nicolás à rua, pois vivia numa das casas em frente. As luzes do segundo piso estavam acesas e à rua chegava o carro de Rafael Grau, o irmão de Montserrat. Enquanto isso, Ana virava as costas à casa dos Castán e caminhava depressa para a sua, como se precisasse de se pôr a salvo de alguma coisa. Os candeeiros da rua acenderam-se, iluminando uma avenida que a noite enchera de sombras. Rafael deteve-se a falar com Nicolás e com Quim antes de caminhar com passo firme para o interior da

casa. Pareceu-lhe ver a silhueta de Joaquín na sala, através de uma das janelas que davam para o jardim.

Ana já entrara em casa e fechara a porta.

Montserrat tinha o olhar cravado no tecto. O candeeiro do seu quarto, aceso, cegava-a. Via um halo difuso à volta dela, ou seriam as lágrimas? Nicolás dissera-lhe para não sair da cama. Repouso absoluto, pelo menos durante quarenta e oito horas, até parar a hemorragia.

O que é que estava a perder? Uma vida? Um futuro?

Ficou assustada quando, à tarde, ao ir à casa de banho, descobriu que tinha uma pequena mancha de sangue na roupa interior. Ligou a Nicolás. O veterinário acudiu, solícito, e examinou-a. Estava a sofrer uma ameaça de aborto. Era algo habitual nos três primeiros meses de gravidez, enquanto o feto assentava. Quim deu com eles no quarto.

— Não quero perdê-lo — disse ao filho quando este percebeu o que se estava a passar.

— Vais ver que vai correr tudo bem. — E as palavras de Quim pareceram-lhe reconfortantes, adultas.

Deram as mãos, e Quim sorriu-lhe.

— Não vais tratar esse bebé como me trataste a mim — disse-lhe Quim num tom de falsa ameaça.

— Peço desculpa, meu querido — foi tudo o que Montserrat conseguiu responder.

Nicolás deixara-os a sós. Estava lá em baixo, na sala, quando Joaquín chegou a casa.

— Liga a Rafael — pediu Montserrat ao filho ao ouvir o barulho da porta. O seu marido estava em casa. — Diz-lhe para vir.

Quim percebeu a necessidade de a mãe se sentir protegida e foi ao quarto buscar o telemóvel para ligar ao tio. Da sala chegaram os primeiros sinais da presença de Joaquín. Os seus passos, a ressoar nas escadas, como se quisesse trilhar os degraus. Montserrat respirou profundamente e fechou os olhos ao sentir a presença do marido no patamar. A seguir deu com ele aos pés da cama; tinha o semblante alterado, como se a tivesse descoberto deitada com outro homem. Montserrat, com um nó no estômago, endireitou-se ligeiramente na cama.

— Eu não tinha planeado nada, juro — disse-lhe e, depois, interrogou-se por que motivo tinha de se desculpar. Desejava aquele filho que começava a crescer no seu ventre. — Mas quero tê-lo.

— E de que é que estavas à espera para me contar? — respondeu-lhe Joaquín, contendo a fúria.

— Tinha medo, Joaquín... Oxalá tivesse sido de outra forma, mas comecei a sangrar e...

Joaquín virou-lhe as costas; não queria ouvir as suas explicações. Não ia deixar que ela tornasse aquela gravidez uma realidade contando-lhe os pormenores.

— Já te cansaste de a procurar? — E cada palavra de Joaquín era como um punhal a espetar-se dentro de Montserrat. — O que queres? Ocupar o quarto dela? Preencher o vazio?

Ela quis encontrar uma resposta para as acusações de Joaquín, mas Quim adiantou-se-lhe.

— Se Lucía estiver morta, isso não significa que nós também tenhamos de morrer. — O filho, firme, assumira aquela realidade muito antes deles.

Joaquín olhou para Quim e, sem pensar duas vezes, deu-lhe uma bofetada que o fez vacilar. Nicolás vinha a subir as escadas a correr e pediu a Joaquín que se acalmasse.

— Tu, nesta casa, não és perdido nem achado! Vai-te embora de uma vez por todas, porra! — gritou-lhe ele.

Montserrat ia levantar-se da cama, mas Nicolás pediu-lhe que não o fizesse.

— Vou-me embora, mas se precisares de alguma coisa... Liga-me, por favor... Tens de continuar com o repouso... — disse-lhe o veterinário.

Nicolás desceu as escadas e Quim seguiu-o. Ouviu-o dar conselhos ao filho: «Vão ver que amanhã já vêem as coisas de outra forma», «é uma questão de tempo», «não tentem resolver nada hoje»... até que a sua voz se perdeu no piso térreo.

Montserrat voltou a deitar-se e olhou para o tecto, para o candeeiro aceso que a cegava.

Soube que ia perder alguma coisa. O futuro filho ou o marido. Mas, na manhã seguinte, nada seria igual ao que era quando aquele dia teve início.

O que é que podia doer-lhe mais? E, então, apercebeu-se de que há muito tempo que começara a perder o marido. Que essa era uma dor à qual já se habituara.

Quim voltou a casa acompanhado por Rafael. O seu tio deteve-se à entrada ao ver Joaquín a passear nervoso pela sala, a olhar para as fotos de Lucía que revestiam as paredes. O pai do rapaz virou-se ao ouvi-lo entrar.

— Quem é que te chamou? Foi a tua irmã? — perguntou-lhe sem dissimular que não gostava de o ver por ali.

Rafael, silencioso como sempre, não lhe respondeu e encaminhou-se para as escadas. Joaquín não conseguiu conter a raiva: sentia que estavam todos contra ele e, com duas passadas largas, alcançou-o e agarrou-o pela camisa.

— Larga-o! — gritou-lhe Quim.

— Esta é a minha família — disse Joaquín a Rafael, como se não tivesse ouvido o filho.

— Se tocares num cabelo da minha irmã, dou cabo de ti — respondeu-lhe Rafael sem se alterar. Pegou na mão de Joaquín que o agarrava e, com firmeza, afastou-a.

— Sou o único que gosta mesmo de Lucía... — murmurou Joaquín com raiva. — Para vocês, sempre foi igual ao litro...

— Gostas de Lucía? — disse-lhe Quim, e depois subiu as escadas a correr.

Joaquín deixou Rafael subir também. O seu cunhado ia pedir a Quim que se acalmasse, mas o rapaz não lhe dava ouvidos. Tinham sido demasiados anos. Demasiado tempo enterrados sob a frustração do pai. Sabia que não lhe doía tanto o facto de a filha não estar ali como o facto de não ter sido capaz de a encontrar. Enquanto entrava no quarto da irmã, vinham-lhe à cabeça recordações das vezes que ouvira o pai a contar como salvara a vida à sua irmã no dia da inundação. A sua façanha.

Sobre a cama amontoavam-se os presentes que os seus pais foram deixando para Lucía em cada Natal e em cada aniversário. Pegou no mais volumoso, um rectângulo embrulhado em papel cor-de-rosa que também era pesado, e carregou-o para fora do quarto. Ergueu-o e deixou-o cair pelo vão das escadas. O embrulho estatelou-se com um estrépito metálico ao chegar ao chão.

— Isto é tudo o que resta da Lucía!! — gritou Quim.

Joaquín tivera de se afastar para o embrulho não o atingir. A caixa abrira-se sobre o chão da sala e o conteúdo espalhava-se como vísceras de um robô: era uma torre de computador. Joaquín recordou o dia em que foi comprá-la a uma loja de informática de Barbastro: «Qual é o melhor computador para uma rapariga de catorze anos?», perguntou ao empregado.

Quim apareceu novamente no patamar do primeiro piso com dois embrulhos. Arremessou-os igualmente pelo vão das escadas. O pai, aos gritos, mandava-o estar quieto. Rafael tentava detê-lo, mas Quim soltou-se dos seus braços e continuou a atirar todos aqueles presentes absurdos. A despedaçá-los. Um caiu sobre a mesa de vidro da sala e deu cabo do embrulho.

— Vai-te embora com essa merda toda e deixa-nos continuar a viver!! — gritou-lhe Quim, já sem forças, a chorar, enquanto o tio tentava contê-lo num abraço.

Joaquín olhou para a sala. Os presentes que comprara com a ilusão de que, um dia, quando regressasse a casa, Lucía pudesse abri-los e ficasse a saber que eles nunca tinham deixado de pensar nela. Computadores, jogos de mesa, patins, bonecas... Ao ver tudo aquilo espalhado pelo chão, tudo partido, também lhe pareceram ridículos.

No entanto, resistiu a aceitar aquela sensação. Era a sua filha. Tinha de a encontrar. Mesmo que mais ninguém quisesse continuar ao seu lado.

Pegou nas chaves do carro e saiu da casa.

Joaquín entrou no carro e conduziu sem rumo durante algum tempo, com o olhar cravado no asfalto, nas linhas da estrada, engolidas sob as rodas. Ao chegar ao túnel do desfiladeiro de Fall, deteve-se na berma. Procurou o seu telemóvel. Na lista de contactos, um nome: «Mulher Dinheiro». Não ia esperar por mais chamadas. Ia dar-lhe o que fosse necessário para ela lhe contar o que dizia saber.

Ao abrir a porta, Sara viu atrás de Víctor o seu cão. *Nieve* observava-a, recostado num cesto de vime.

— Vinho da terra? — disse-lhe Víctor ao ver a garrafa que Sara trazia, mas imediatamente se apercebeu de que ela não conseguia afastar os olhos de *Nieve*. — Podes entrar, sem problemas. Não te vai fazer mal nenhum.

— De certeza? Se me tivessem dado um tiro, estaria à espera de uma oportunidade para me vingar.

Víctor puxou-a pelo braço para ela transpor a soleira da porta e aproximou-a do sítio onde estava *Nieve*. A casa cheirava a brasas e a carvão. Um calor que, logo que entrou, lhe pareceu acolhedor, macio como um almofadão de penas. Sara avançava com passos curtos, resistindo à euforia de Víctor, que lhe dizia que felizmente o cão recuperara bem do acidente. «Que pormenor», pensou ela, «chamar-lhe acidente.» Um coxear ligeiro numa das patas traseiras era a única sequela que apresentava.

Enquanto eles avançavam, o cão continuava recostado no seu cesto. O pêlo, longo e branco, estremecia como ondas batidas por uma suave corrente de ar.

— Anda, faz-lhe uma festinha — instigou-a Víctor, pegando-lhe na mão.

Sara, ainda a segurar a garrafa de vinho, aproximou uns dedos trémulos, e o cão começou a rosnar, exibindo os caninos num dos lados da boca.

— Vês? — disse Sara, retirando a mão. — Odeia-me.

— Sente o teu medo — disse-lhe Víctor.

- Pouco importa, a sério. É a casa dele e eu sou uma mata-cães. Tem o direito de me odiar.
- Porque estás tão tensa?
- Se calhar porque lhe vi os caninos?
- Não te vai morder.
- Como é que sabes? — resistiu Sara.
- Porque o conheço. É o meu cão.

— Sabes o que é que isso me faz lembrar? Quando encontram um tipo que comeu a família toda e os vizinhos dizem que era um amor de pessoa. — Sara afastara-se de *Nieve* e olhava em seu redor com a garrafa de vinho na mão. — Isto é para se beber frio: onde fica a cozinha?

Víctor fez que sim com a cabeça e decidiu deixar de insistir em reconciliar Sara com *Nieve*. Com um gesto, guiou-a em direcção à cozinha e abriu o congelador. Meteu a garrafa lá dentro. Reparou que Sara não deixava de olhar para a sala para se certificar de que *Nieve* não saía do cesto.

— Jantamos no pátio de trás — sossegou-a Víctor. — Vais conseguir comer alguma coisa ou é preciso eu prender o cão?

- Não gozes comigo, por favor — pediu-lhe Sara com um sorriso envergonhado.
- É por causa de *Nieve* ou és assim com todos os cães?
- Acho que é com todos.
- Algum deles te mordeu quando eras pequena?
- Não, não é isso.

Sara consultou um relógio na parede da cozinha. Eram dez horas e o irmão de Víctor ainda não aparecera. Por um instante, pensou que a trouxera para casa à má fila e que iam ficar a sós durante toda a noite. Quase sem se aperceber, começou a pensar em pretextos para se afastar dali. Não sabia do que poderia falar com Víctor fora do trabalho.

— O meu irmão chega sempre tarde — disse-lhe Víctor, como se lhe tivesse lido os pensamentos. — Com as duas crianças, tem pouca liberdade de movimentos...

Deu-lhe um copo e encheu-lho com vinho de uma garrafa que tinha em cima da bancada.

— Os animais não fazem mais do que devolver-nos o que lhes damos — disse-lhe Víctor. — Se lhes dermos medo, tratar-nos-ão com medo...

— A mim, parece-me mais fácil entender-me com pessoas — confessou-lhe Sara.

Víctor saiu da cozinha e Sara seguiu-o até ao pátio das traseiras. Não era muito grande, um relvado com cerca de vinte metros quadrados. No centro havia uma mesa de madeira já posta para o jantar. Num dos lados, o churrasco, já aceso, donde provinha o cheiro e o calor que Sara sentiu ao entrar.

- De certeza? — perguntou-lhe Víctor. — Entendes todos os filhos da puta com quem já lidaste?
- Acho que sim — respondeu-lhe Sara, bebendo um gole de vinho. — Tu não bebes?
- Sou o cozinheiro. Se me embebedar, ainda pego fogo à casa...

Mas a piada de Víctor não conseguiu ocultar as verdadeiras razões para não provar o álcool, e ambos se aperceberam disso. Sara arrependeu-se de lhe ter feito a pergunta, mas, naquele silêncio incómodo, ouvira o motor do carro do irmão de Víctor. Sorriram de alívio ao perceberem que não iam continuar sozinhos.

Román era um pouco mais velho do que Víctor; simpático e, felizmente para Sara, muito falador. Como Ondina, a sua mulher; acabava de completar quarenta anos, confessou a Sara. De pele branca e lisa, habituada a um papel secundário na sombra de Román e mais preocupada com as crianças, Ondina era uma daquelas pessoas que se sentem à vontade a falar horas e horas sobre temas corriqueiros, desde o tempo até ao último episódio engraçado de um dos filhos. Sara invejava aquela capacidade; ela era incapaz de transformar em conversa coisas que, supunha, não interessavam a ninguém. Mas gostava daquele tipo de pessoas, como Ondina, que com as suas histórias era capaz de preparar um terreno sobre o qual autênticos desconhecidos como eles se mexiam sem problemas.

Enquanto Víctor preparava a carne, e os filhos de Román, dois rapazes de sete e cinco anos, jogavam à bola no pátio — como se chamavam? Seria Nonilo, o nome de um deles? —, o casal monopolizou a conversa. Disseram que o Verão parecia interminável, com filhos e sem escola; falaram das próximas festas de Monteperdido, em inícios de Setembro. Contaram-lhe a tradição da dança dos homens, executada apenas pela população masculina da Confraria diante da imagem da Virgem de Santa María de Laude. Na brincadeira, recordaram a altura em que Víctor participara naquela dança e não conseguira dar um único passo como deve ser.

— Em minha defesa, tenho a dizer que vinha de uma noite muito longa — gracejou ele, junto ao churrasco.

— Nem te passa pela cabeça o que as pessoas bebem nas festas da vila — acrescentou Ondina entre risadas.

Sara sorriu, embora não conseguisse evitar estar mais preocupada com os pontapés que as

crianças davam na bola, a qual, tinha a certeza, acabaria a qualquer momento no churrasco.

— Vais passar pela Sociedade de Caçadores amanhã? — perguntou Román a Víctor quando começaram a jantar. — Vão sortear os postos para a batida.

— Este ano acho que não vou — respondeu-lhe Víctor. — És tu que organizas?

— Na ausência de Marcial...

Mas Román deixou a frase no ar, como se, ao nomear Marcial, tivesse pisado sem querer um terreno pantanoso e retirado o pé o mais depressa que podia. Sara olhou para a mesa enquanto levava um naco de vitela à boca e sentiu-se observada por todos.

— Nunca consegui perceber — disselhes — como é possível gostarem ao mesmo tempo de animais e de caça.

— Não dizias que conseguias entender toda a gente? — gracejou Víctor. — Tenta então perceber-nos. Porque é que gostamos de caçar?

Sara olhou para Víctor, esboçando um sorriso. Sabia que a estava a desafiar.

— É o momento em que se podem comportar como eles, como os animais — arriscou Sara. — Vivem rodeados por eles, nessas montanhas. Não têm hipotecas para pagar nem filhos repetentes na escola. Só têm de encontrar comida e sobreviver. Quando vão caçar, sentem que estão ao mesmo nível. Que são animais no meio de Monteperdido...

Román desatou a rir às gargalhadas com a descrição dos motivos que Sara lhe atribuíra.

— Vai dizer isso a Rafael. Ou a José María. — Só quando conseguiu conter o riso é que acrescentou: — Caçamos porque gostamos de ir à montanha. E, depois, na Sociedade, comemos o que caçamos... É assim que nos entretemos aqui. Apenas isso. Não é preciso procurares explicações tão rebuscadas.

Sara ergueu os braços num gesto que admitia a sua rendição.

— Além disso, por esses montes não há predadores — disse Román enquanto levava um naco de carne à boca. — Quem é que ia controlar a população de javalis? Ou a dos veados. Não têm quem os cace. Só nós.

Román voltou a encher os copos de vinho e propôs um brinde: pelo equilíbrio de Monteperdido. Todos beberam, menos Víctor, que mal molhou os lábios. Román voltou a falar da batida que inaugurava a temporada de caça e que tinha de organizar. Contou-lhe como funcionava: um grupo de bateadores reduzia o terreno para os animais abandonarem os lugares onde dormiam durante o dia. Os bateadores caminhavam sempre a favor do vento, para este empurrar o seu cheiro e os animais terem medo da sua chegada. Aos poucos, iam-nos levando para a zona onde os atiradores os esperavam. «Parece fácil», acrescentou Román, «mas juro-te que estes javalis sabem mais do que nós todos juntos.»

Estava uma noite cálida. Normalmente, na vila, o vento da montanha fazia baixar a temperatura. No pátio das traseiras de Víctor, ao abrigo das correntes atrás de um muro revestido com uma trepadeira, fazia calor. As brasas do churrasco, ainda incandescentes, tingiam-lhe o rosto com um matiz avermelhado e Sara viu o guarda-civil relaxado, recostado na sua cadeira, enquanto escutava as histórias do irmão ou a jogar com os sobrinhos, que lhe pediam insistentemente para fazer de guarda-redes enquanto eles rematavam.

Sara bebeu mais um copo de vinho e, quase sem se aperceber, começou a abstrair-se. O álcool e o cansaço acumulado eram uma mistura que o seu corpo aguentava a muito custo. Deveria ter pedido desculpa, interrompido o jantar e voltado para a estalagem, mas sentia-se bem. Protegida.

Imaginou os habitantes da vila como pequenos rios. Uns, caudalosos e agitados; outros, retorcidos, sibilantes, enquanto alguns eram suaves extensões, mansas e cristalinas. Todos, vistos de cima, como se ela fosse um pássaro a sobrevoar a vila, acabavam por desembocar num mar que afinal era Monteperdido.

A imagem levou-a a pensar também nos seus rabiscos. Nas suas labirínticas formas geométricas.

O toque de um telemóvel devolveu-a à realidade. Era o de Víctor, que saiu do pátio para atender a chamada. Román ofereceu-lhe mais vinho. Ela não teve tempo de recusar. Já lhe atestara o copo.

— Estás com um ar cansado — disse-lhe Ondina.

— Já vou ter tempo para dormir — respondeu-lhe Sara, tentando mostrar segurança.

Ela era um rio que não desembocava em nenhum mar. Ziguezagueava à procura de algum onde pudesse descansar, mas nunca chegava até ele.

Víctor chamou-a da sala. Sara ergueu-se e, temendo que a sua forma de andar evidenciasse que bebera em demasia, caminhou com o olhar cravado em Víctor, para manter um ponto fixo.

— Era da Polícia de Barbastro — disse-lhe. — Marcial ligou-lhes, porque a filha está lá e não queria meter-se em apuros. Elisa insiste em ficar com o pai...

— O que lhes disseste? — perguntou-lhe Sara. Sentiu a imagem de Elisa a pedir perdão a Marcial a começar a formar-se na sua cabeça. Ajoelhada diante de um deus cruel.

— Que lhes ligava mais tarde... Não fazia a mínima ideia do que havia de lhes dizer — reconheceu o guarda-civil.

«Todos precisamos de um lugar para onde ir», pensou Sara. «Mesmo que esse lugar nos seja prejudicial. Mesmo que o mar que nos espera seja um mar morto.»

— Diz-lhes para porem um carro-patrolha à porta da casa, mas para os deixarem estar juntos — respondeu-lhe Sara.

— Tens a certeza? — perguntou Víctor, mas Sara já virara as costas e afastava-se em direcção à sala.

«Quem poderá oferecer a Elisa aquilo de que ela precisa?», pensava Sara. A vila tentara dar-lhe o amparo que procurava desde que tinham afastado Marcial do seu lado, mas isso não era suficiente para ela. O calor de Monteperdido era um simulacro para Elisa.

Marcial era pai dela. O mar morto que ela queria que a banhasse.

Ao passar junto a *Nieve*, recordou as palavras de Víctor: «Eles dão-nos o que nós lhes damos.» Oxalá fosse tão fácil com as pessoas. Amor por amor.

Não se apercebeu de que estava a chorar até Víctor lhe perguntar se estava bem. Sara levou as mãos ao rosto e tentou deitar as culpas para cima do vinho. Ele sentou-a na cozinha e preparou um café.

Ouviu-o desculpá-la perante o seu irmão, e a família, agitada, abandonou a casa de Víctor. As vozes das crianças apagaram-se quando entraram para o carro e ouviu o motor a afastar-se pela estrada.

Sentiu-se estúpida ao ver-se sentada na cozinha, a chorar, e quis ir embora antes que Víctor regressasse. O café começou a ferver.

— Esta noite não vais a lado nenhum — disse-lhe ele, e, com um café quente entre as mãos, levou-a até à sala. Sentaram-se no sofá. — Estás assim por causa de Elisa?

Sara encolheu os ombros. A tristeza convertera-se num vírus que acabara por infectar tudo. Era Elisa e era Santiago. Era o fracasso de Joaquín e a ausência de Lucía. Era o medo de Ana e a sombra daqueles raptos que andavam pela vila e que ela não conseguia ver.

Era a sua própria vida.

— Confia em mim — ofereceu-se Víctor. — Gostava de te ajudar.

— Porquê?

E a pergunta de Sara encerrava toda a sua insegurança: por que razão é que alguém havia de se preocupar com ela? Víctor pegou-lhe na chávena de café e deixou-a sobre a mesa da sala. A seguir, sentou-se ao seu lado e pôs-lhe uma mão na base do pescoço. Ela reparou que ele dava cada passo temendo uma nega, mas, cada vez que o sentia mais perto, ela também se tornava mais forte. Como se Víctor fosse a armadura na qual sempre procurara refugiar-se.

Foi ela quem aproximou os seus lábios dos dele e os acariciou, húmidos. Sabiam-lhe a terra molhada, a madeira queimada numa lareira. Depois entregou-se aos seus braços. Víctor beijou-lhe as faces, as lágrimas que tinham secado na sua pele.

Fizeram amor no quarto dele e, depois, entre os lençóis e as sombras, ele murmurou-lhe: — Andava à tua procura há tanto tempo; pensava que já não seria capaz de te encontrar.

Ela aconchegou-se no seu abraço. Recordou o último rabisco que fizera num relatório; o labirinto impossível, e, como se voltasse a desenhar sobre ele, imaginou uma linha vermelha que avançava pelas suas curvas até encontrar uma saída.

— Há sempre alguém que anda à nossa procura — recordou ela.

Resistiram ao sono entre confissões. Ela falou-lhe de Santiago, dos pais. Da relação tóxica que havia na sua família, como a que vivia Elisa. O pai batia na mãe, e ela era uma rapariga que vivia nesse espaço de tensão, tentando ganhar o carinho de uns pais tão obcecados com a sua própria relação que não tinham olhos para ela. Foi boa e má estudante, foi uma filha disposta a tudo e outra que procurava a atenção com os seus contínuos confrontos. Escolheu gostar do pai e, depois, da mãe. Quando já tinha dezasseis anos, apresentou-se na Polícia e denunciou os maus-tratos do pai. A Polícia deteve-o, mas, no julgamento, a mãe testemunhou que Sara inventara tudo. Acusou-a de ser uma rapariga ciumenta, que maquinara aquela mentira para acabar com o casamento dos pais. O pai foi absolvido e voltou para casa. Ela estava a mais, mas recusava-se a aceitar tal facto. Um dia decidiu fugir, pregar-lhes um susto e desaparecer durante uns tempos. Mais tarde, quando se apresentou na esquadra, conheceu Santiago e descobriu que os pais não tinham feito absolutamente nada para a encontrar.

Tinham-na abandonado no meio de uma floresta, como se fosse Gretel. No entanto, depois de ter tentado tantas versões de si própria, a verdade é que já nem sabia quem era.

Foram em vão todos os seus esforços para tentar compreender os pais e ser a pessoa que eles esperavam que ela fosse.

Não somos ninguém quando ninguém olha para nós, e nunca ninguém tinha olhado para ela.

Víctor evitou as promessas; não era necessário dizer-lhe que, a partir daquela noite, ela poderia saber sempre quem era olhando-o nos olhos.

Adormeceram quando já começava a amanhecer.

Sara acordou com uma carícia na polpa dos dedos, como se alguém roçasse neles uma pena. Entreabriu os olhos e viu que, sob a mão que pendia da cama, se passeava *Nieve*. O cão estava a roçar-se na mão dela.

Sara apoiou com suavidade os dedos entre o pêlo do animal, que, ao sentir o seu toque, se deteve.

— Perdoas-me, *Nieve*? — sussurrou-lhe Sara.

Vestiu a *T-shirt* e ergueu-se. Antes de sair do quarto, olhou para a cama onde Víctor ainda dormia.

Ao chegar à sala, ouviu o seu telemóvel a tocar. Era uma chamada da esquadra, mas, quando Sara atendeu, o telefone desligou-se, sem bateria. Olhou em seu redor à procura de um carregador. Não queria acordar Víctor e pôs-se a abrir gavetas ao acaso, até que, num aparador à entrada, encontrou um.

Antes de fechar a gaveta, houve uma coisa que lhe chamou a atenção: uma pasta da esquadra. Tirou-a da gaveta e, no canto inferior esquerdo, leu o nome do relatório: 24/10/10. O mesmo de que andara à procura e cujo paradeiro Víctor declarara desconhecer.

Sentiu o estômago revolver-se e, momentaneamente descontrolada, apoiou-se no aparador para não perder o equilíbrio. Sentiu o cérebro, indomável, a começar a lançar-se em mil direcções. O que estava a fazer na casa dele, meio despida? Quanta verdade havia na noite que tinham passado juntos? Quem era Víctor?

Sara escondeu o relatório quando Víctor saía do quarto, estremunhado. Disse-lhe que tinham ligado da esquadra.

— É por causa de uma escuta de Joaquín Castán. Ouviram-no a combinar um encontro com uma mulher para lhe dar a recompensa... Intervimos?

Tinha ido trabalhar como acontecia todas as manhãs, às nove, embora naquele dia se tivesse levantado com a esperança de ser a sua última manhã. Aspirou a sala e, depois, tirou a roupa da máquina e estendeu-a. A casa estava vazia. Sentou-se junto à janela da cozinha para fumar um cigarro. Descalçou-se e olhou para os pés; ficavam sempre inchados com o calor do Verão. Estavam arroxeados. Mas tinha de continuar a trabalhar, quatro horas por dia a limpar a casa. Era pouco. O que lhe pagava nunca chegava ao fim do mês. A neta habituara-se a acordar sozinha em casa e a preparar o pequeno-almoço. Ela voltava por volta das quatro e, então, preparava-lhe o almoço. Costumava encontrá-la de pijama, deitada no sofá, a ver desenhos animados. Desta vez, deixara-lhe em cima da bancada um *tupperware* com macarrão. À noite disse-lhe que voltaria ligeiramente mais tarde mas que teria uma surpresa para ela.

Embora tentasse negá-lo, estava nervosa. Olhava continuamente para o relógio, à espera de que chegasse a hora de se ir embora, à uma. Tinha de estar às duas na estação de serviço da vila, onde Joaquín Castán, de acordo com as suas instruções, deveria deixar o dinheiro. A seguir, iria ao seu armazém para falar com ele e contar-lhe tudo o que sabia.

Não planeava roubá-lo, só queria certificar-se de que aquela recompensa não era um isco para atrair mulheres estúpidas como ela.

Ficou admirada quando o próprio Joaquín lhe ligou na noite anterior. Estava convencida de que teria de lhe pedir à cabeça apenas uma parte da recompensa, mas o pai de Lucía não levantou qualquer obstáculo a entregar-lho todo. Aceitou as suas condições. Pareceu-lhe desesperado.

Tinha a incumbência de limpar as casas de banho, mas naquela manhã mostrava-se demasiado renitente em ajoelhar-se junto à sanita e esfregar a porcelana. Sabia que a casa ficaria vazia durante toda a manhã. Embora Joaquín tivesse encerrado a empresa, Rafael não gostava de ficar em casa enquanto ela limpava. À sexta-feira, deixava-lhe o dinheiro da semana na mesa da cozinha e saía logo que ela chegava. Nalguns dias, tinha de aguentar a presença de Quim e de Ximena pela casa, onde deixavam cinzeiros cheios de beatas e não se importavam de desarrumar tudo o que ela arrumava. Era o seu trabalho. Desde que fecharam a empresa de madeiras, não arranjava mais nenhum a não ser limpar as casas dos outros. No início, conseguira aguentar-se bem, mas agora só lhe restava a casa de Rafael Grau. Tinha de tomar conta de uma neta de oito anos; «Que mal é que eu fiz à minha filha?», interrogava-se de cada vez que olhava para a rapariga.

Tinha sido uma trabalhadora durante toda a vida, julgava ter-lhe transmitido a importância da abnegação e da família, mas a filha, porventura, tomara-a apenas por uma idiota que se carregava de trabalho como uma mula para não ter nada. Nem um segundo para a sua própria vida.

Quem pergunta pela vida de uma mulher que limpa casas? Quem é que quer saber?

Ligou a televisão e ficou a ver um programa de celebridades até à hora de sair.

Como não tinha carro, era obrigada a ir a pé. Pôs-se a pensar que passaria sem parar ao chegar à estação de serviço, caso visse Joaquín Castán a rondar por ali.

Queria o dinheiro. Precisava dele. E, ao parar na estrada antes de atravessar, olhou para os carros que saíam de Monteperdido e desapareciam no túnel do desfiladeiro de Fall. Pôs-se a pensar que a primeira coisa que faria seria comprar um carro. Atravessar aquele túnel. Era um suplício viver no vale sem ter carro. Subir ladeiras e caminhar horas de casa até à vila, até à casa de Rafael. E, então, apercebeu-se de que já não teria de voltar a limpar aquela casa. Era a última vez que aspirava a sala.

Caminhou pela berma da estrada. Sentiu o pulso a acelerar quando avistou a estação de serviço.

Será que o que tinha para lhe dizer era assim tão importante que justificasse ficar com aquele dinheiro todo?

Lembrou-se daqueles filmes que passavam na televisão à hora da sesta. Histórias de *suspense* e de amor.

Na sua vida, o romance já só fazia parte dos filmes. Sentia-se tão velha que lhe custava recordar quando fizera parte da sua própria vida.

Olhou disfarçadamente para a bomba de gasolina. Dissera a Joaquín para deixar o dinheiro ao pé dos contentores que havia atrás da bomba. Só os homens do lixo é que olhavam para ali, e era só uma vez por semana. Na estação de serviço, desde que tinham instalado um sistema de pagamento com cartão, também não havia ninguém a trabalhar.

Passaram dois carros antes de se decidir a atravessar. Olhou por entre as árvores atrás da estação de serviço, não fosse Joaquín estar escondido entre elas. Não viu ninguém. Acendeu outro cigarro e caminhou até às bombas de gasolina, esquecendo a proibição de fumar dentro da estação de serviço. Pela estrada, um jipe aproximava-se na subida, mas, quando se afastou dentro da vila, o único barulho que conseguia ouvir era o do vento a agitar as árvores.

Viu os contentores e, debaixo de um deles, uma mochila preta. Pegou nela e abriu-a: o dinheiro estava lá dentro. Havia mais do que tinha visto em toda a sua vida.

Teve vontade de gritar de alegria. De pegar na neta e levá-la ao centro comercial e deixá-la comprar todos os brinquedos que quisesse. Conteve-se. Atirou o cigarro para o chão e apagou-o com o sapato. Se calhar não era assim tão estúpida.

E se se fosse embora? Se se afastasse dali sem mais nem menos? Poderia contar-lhe o que sabia por telefone ou enviar-lhe uma carta. Para quê meter-se em mais sarilhos? E se ele fosse à Polícia e ela acabasse por perder aquele dinheiro?

Ficou assustada com as sirenes. Teve a tentação de correr e foi o que fez por um breve momento em direcção a nenhures, mas doíam-lhe os pés. De onde tinham saído aqueles carros? Tinham entrado dois jipes na estação de serviço, tapando-lhe a saída. Olhou para as árvores. «Onde é que te vais esconder, velha idiota?», disse para consigo.

Olhou para o saco com o dinheiro e percebeu que jamais seria seu.

Um guarda-civil aproximou-se dela com uma pistola na mão. Dizia-lhe para não se mexer. Estava presa.

— Mantenha as mãos à vista.

Também ouvira aquelas palavras nos filmes que davam à tarde.

Sara ficou dentro do jipe enquanto Víctor detinha a mulher. Sessenta e nove anos. Concepción Bartolomé, natural de Vall de Valira, uma localidade pirenaica da província de Lérida. O que teria para contar a Joaquín? Aquela mulher não lhe parecia a típica oportunista que se tenta aproveitar de uma situação daquelas. No entanto, não tinha a certeza de que o que ela lhes viesse eventualmente a relatar servisse para alguma coisa.

A Polícia ficou com o relatório que trouxera da casa de Víctor e ligou para o Comando da Polícia. Entre os dados do relatório constava a matrícula do carro que atravessara Monteperdido a toda a velocidade no dia em que as raparigas desapareceram. A tal matrícula que, agora, Fulgencio era incapaz de recordar. Pediu que a investigassem; precisava de saber quem era o seu proprietário.

O barulho das sirenes fê-lo temer o pior. Joaquín saiu a correr do armazém e chegou à estrada quando os carros ainda se encontravam na estação de serviço. Tinham desligado as sirenes, mas as luzes continuavam a girar, iluminando o asfalto. Viu um agente carregar o saco preto que deixara debaixo dos contentores. Víctor levava Concha pelo braço: seria ela a mulher com quem estivera a falar? A mesma que fazia a limpeza da casa de Rafael? O que é que ela saberia?

A sua ira acabou por dissipar as dúvidas; a Polícia interviu extemporaneamente.

— Vocês são mesmo idiotas! — gritou-lhes. Temia que agora Concha se fechasse em copas.

Lucía recostou-se no colchão e olhou pela pequena janela que havia no fim da parede, quase resvés com o tecto. Entrava um feixe de luz que iluminava o pó, como se fossem pequenos flocos de neve em suspensão. Estava calor, demasiado calor. Tinha fome, mas também sono. Quantas horas

chegava a dormir por dia? Pedira-lhe um relógio, mas ele nunca lho trouxera. Chegara a irritar-se com os pretextos que alegava, tão absurdos que eram. Talvez temesse que lhe desse para calcular o tempo de vida que lhe restava. Durante os últimos dias — ou seriam semanas? —, tinha a sensação de que esse tempo se estava a esgotar. A partir do momento em que Ana deixou de estar com ela, nada voltou a ser igual. Ele mudara. Ou teria sido ela a transformar-se noutra pessoa? Agora, de cada vez que ele vinha trazer-lhe comida e água, metia-lhe medo. Pensou em Ana. Na irmã que dormira a seu lado durante os últimos cinco anos. Na silhueta que passeava pelo buraco. «Não te odeio, Ana», murmurou no silêncio daquele cubículo.

6

A batida

— Quanto tempo poderá demorar? Duas horas? — perguntou Sara ao telefone, firme, e ficou à espera da resposta. Depois, ordenou ao agente da central com quem estava a falar: — Não quero saber, preciso que mo tragas à vila. Tenho de falar com ele.

Desligou quando Víctor estava a chegar à porta do gabinete.

— Concha está preparada. Levo-a para a sala de interrogatórios? — perguntou-lhe ele, alheio a todas as diligências que Sara encetara nas suas costas.

Concha deu por si a olhar para o espelho que havia numa das paredes da sala e a pensar que estava mesmo a precisar de que alguém lhe passasse um pano. Estava um nojo; marcas de dedos e pó. «Já que não serves para mais nada, Conchica», disse para consigo. E a seguir pôs-se a pensar nos maços de notas que tinha visto no saco e nos quais jamais poderia tocar.

— Concepción Bartolomé — disse-lhe Sara quando se sentou diante dela. — Tem consciência de que ocultar informação relevante para uma investigação é um delito?

— Vão mandar-me para a cadeia? — respondeu-lhe Concha, embora não fosse essa a preocupação que tinha na cabeça.

— Espero que não seja necessário; porque vai colaborar, não vai?

— E a minha neta? Está sozinha em casa e vai ficar assustada quando vir que eu não chego.

— Estão uns agentes da Guarda Civil com ela. — Sara deitou-se para trás na sua cadeira e examinou a mulher: mãos grossas, pele engelhada. Um cansaço próprio de alguém que não se pôde dar ao luxo de deixar de trabalhar um único dia da sua vida. Olhar de derrota e de falta de fé. — O que ia contar ao pai de Lucía?

Concha olhou para a sala antes de responder, para o espelho atrás do qual estava Víctor a seguir o interrogatório. O seu rosto, velho e cansado. Feia.

— Quando li a entrevista a Ana no jornal, houve uma coisa que me chamou a atenção. Aquelas bonecas que ela dizia que lhes ofereciam. As Barbies com que Lucía brincava. — Concha encontrou o olhar de Sara e, após um suspiro, com o qual renunciava a qualquer possibilidade de ganhar algum dinheiro com o que sabia, disse-lhe: — Agora é a minha neta que as tem.

— O que é que a leva a dizer que são as mesmas?

— Na entrevista dizia que lhes pintalgava a cara. E estas estavam assim até eu as limpar.

— Onde é que a sua neta arranjou essas bonecas?

— Ofereceram-mas.

— Quem?

Joaquín viu dois carros da Guarda Civil saírem da esquadra a toda a velocidade. Com as sirenes ligadas, a uivar como cães numa batida. Arrancou e foi atrás deles. Ele tinha-lhes dado Concha, não tinham o direito de o pôr de parte.

Subiram pela estrada da escola e, ao chegar à de Posets, viraram à direita. Montanha acima. Aonde é que iam? À vila? Mais adiante, ao hotel de La Guardia?

Sentiu o coração aos pulos quando os carros se desviaram em direcção à sua urbanização. Estaria assim tão perto, o homem que lhe arrebatara a filha?

Avançaram pela sua rua. Foram deixando para trás casas de vizinhos, famílias que tinham estado nas cerimónias da Fundação, ao seu lado, e que, por segundos, também se tornaram suspeitas para ele. Até que viu os carros deterem-se diante da sua própria casa.

Víctor e Sara desceram de um jipe. Outros agentes da Guarda Civil, de pistola em punho, acompanhavam-nos. As luzes das sirenes continuavam a girar e, talvez, também a tocar, mas Joaquín deixara de ouvir. Dentro dele havia um silêncio quase absoluto.

Álvaro. A casa de Ana. Será que iam à procura dele? Pensar que sempre tivera razão trouxe-lhe um misto de raiva e de orgulho.

Nem teve tempo de vestir as calças. Acabara de tomar um duche e estava só de cuecas e meias. Enfiava as calças de ganga quando irromperam no seu quarto.

Nicolás Souto pôs-se de pé e, assustado, com as calças pela barriga da perna, tropeçou e caiu ao chão. Víctor lançou-se sobre ele e imobilizou-o. O veterinário tentava encontrar uma explicação para o que se estava a passar.

— O que é que eu fiz? — gritou-lhes. — O que é que se passa?

— É melhor ficar quieto, Nicolás. — disse-lhe Víctor enquanto o algemava.

Sara deu uma vista de olhos ao quarto enquanto Víctor punha Nicolás de pé e o ajudava a acabar de vestir as calças. Uma cama de casal no centro, duas mesinhas-de-cabeceira, uma de cada lado. Um roupeiro encastrado com portas de nogueira. Paredes brancas e um quadro de um veado detido no meio de um campo coberto de neve sobre a cabeceira da cama. Minimalismo, ordem, esmero. Cheiro a produtos de higiene pessoal e a vapor de água a atravessar a porta da casa de banho que dava para o quarto.

Umás gotas de suor resvalavam pelas axilas de Nicolás, enquanto Víctor o levava para a porta, com as mãos algemadas atrás das costas. Sara julgou ver um olhar de desorientação no veterinário, que percorreu com olhos nervosos, esticando ligeiramente o pescoço, o próprio quarto, como se quisesse certificar-se de que não deixara nada impróprio à vista. Ao sair do quarto, viu Ximena ao pé das escadas. Havia mais vergonha do que temor nos seus olhos.

Lucía arrastou uma caixa de madeira, que fazia as vezes de mesinha-de-cabeceira, para comer. Subiu à mesinha e tentou olhar através da janelinha, como um cão fareja o vento na janela do carro. Só conseguia ver um límpido céu azul. Desceu e, irritada, deu um pontapé na porta, que se limitou a estremecer. Não era a escassez de espaço que lhe provocava aquela ansiedade. Era o silêncio. «Vem de uma vez por todas», disse em voz alta, mais para combater aquele silêncio que a cercava e a asfixiava, como um abraço invisível, do que por desejar realmente que ele voltasse. Quanto tempo passara desde que ele estivera ali pela última vez? Tinha sede e fome. O coração latejava-lhe, arritmico, dentro do peito. Nunca estivera sozinha. Ana era a sua sombra, e só entendia a solidão na sua companhia, como se Ana fosse uma extensão de si própria e, agora, lha tivessem arrancado. Ana prejudicara-a muito, com as suas acusações, a sua chacota, como uma consciência cruel, sempre a julgá-la e a considerá-la culpada. Passeou pelo cubículo até que se sentou, encolhida, a um canto. Fechou os olhos. Tentou controlar o medo. Imaginou que Ana estava com ela a passear enquanto recitava em voz alta aqueles estúpidos poemas. Que lhe cuspiu. Mas a ficção não funcionou. Estava mesmo ciente de que, agora, se encontrava sozinha.

Raquel subiu as escadas da casa dos Castán galgando alguns degraus. Quim ficou lá em baixo, ao pé das escadas, e olhou para a rua da urbanização: a Guarda Civil abandonara o local. Já não se ouviam as sirenes e tinham deixado para trás um silêncio carregado de ruídos, como quem fica num quarto após uma discussão.

Ao entrar no quarto, Raquel encontrou Montserrat sentada na cama, com a cabeça mergulhada nas mãos, a chorar.

— Achas que poderá ter sido ele? — perguntou-lhe Montserrat com medo, e Raquel percebeu que a amiga esperava, ao mesmo tempo, um «sim» e um «não» como resposta.

— Não te sintas culpada — foi tudo o que Raquel conseguiu dizer.

Pôs-se de cócoras diante de Montserrat e abraçou-a. Percebia que ela se sentisse completamente estúpida: teria dado toda a confiança do mundo ao homem que lhe roubara a filha?

Nicolás Souto era um homem estranho, Raquel nunca o entendera bem. Fustigado pela chacota dos seus conterrâneos, pela sua insegurança, pela relação que tivera com a mãe de Ximena, uma rapariga que nunca conseguira controlar, parecia viver com indiferença todos aqueles problemas, como uma marmota que corre de um ramo para o outro e, quando chega o frio, se esconde para dormir.

— Estás melhor? — perguntou-lhe, acariciando o ventre de Montserrat. — Foi o teu filho quem me contou — explicou-lhe a seguir.

— Já deixei de sangrar — respondeu-lhe Montserrat, enxugando as lágrimas.

Raquel sentiu a vibração do seu telemóvel no bolso. «Atende», incitou-a Montserrat. No visor viu o nome de Ismael Casella. O carpinteiro da sua empresa de remodelações, o rapaz que a tinha incitado a voltar à vida, o mesmo com quem se deitara e planeara um futuro. Estivera a adiar o momento em que teria de o enfrentar, mas tinha consciência de que já não podia continuar a fazê-lo.

Quim saiu de casa. No jardim, olhou para a casa de Ana. Ela estava do outro lado da janela da sala. Olhava para a casa de Nicolás: como suportara a proximidade do monstro?, ou será que não soubera reconhecê-lo? Ana desapareceu atrás das cortinas, e ele atravessou a rua. Supunha que Ximena precisasse dele ao seu lado.

Sara saiu da esquadra e, no parque de estacionamento, encontrou-se com o agente da central. Pedira-lhe que esperasse por ela ali. Abriu a porta de trás do carro e sentou-se junto ao homem que fizera vir à vila. Era o dono de uma empresa de carros de aluguer. A matrícula da viatura que atravessara a vila a toda a velocidade cinco anos antes correspondia a um dos carros da sua frota: um Audi 8 de gama alta.

— Também alugamos carros com condutor — explicou-lhe o homem depois de se mostrar

agastado pelo tratamento que estava a receber da Polícia, por ter sido obrigado a deslocar-se àquela vila praticamente sem qualquer explicação.

— A quem foi alugado aquele carro? — perguntou-lhe Sara.

— Isso é privado — resistiu. — Não podemos divulgar os dados dos nossos clientes...

— É preciso um mandado judicial? — respondeu-lhe Sara em tom ameaçador. — Prefere ver-nos a vasculhar a sua papelada?

— Não sei quem ia nesse carro — cedeu. — E acho que não tenho o registo. Foi há muito tempo. Mas fazemos muitas viagens a Monteperdido.

— Porquê?

O dono da empresa de carros mordeu o lábio inferior e, depois de uma respiração ruidosa, respondeu sem olhar para os olhos da polícia.

— O hotel de La Guardia contrata-me — disse, por fim, consciente de que as suas palavras abririam uma caixa que deveria continuar fechada. — Trazemos-lhe clientes. Não pedimos dados sobre essa gente e recebemos tudo por baixo do pano. É uma das condições que Serna, o dono do hotel, nos impôs.

— Porquê tanta precaução em não deixar rasto?

Encolheu os ombros; era evidente que queria afastar-se do que acontecia no hotel depois de deixar os seus passageiros.

— Discrição, suponho — tentava medir as suas palavras; satisfazer a polícia sem se comprometer.

— Também nos exigiam carros com vidros fumados.

Joaquín entrou em casa. Atirou as chaves do carro para cima do aparador da entrada e subiu as escadas. A porta do quarto estava aberta, mas a sua mulher não se encontrava na cama.

— Montse! — gritou, mas não obteve qualquer resposta.

Nicolás passara a vida atrás deles como um cãozinho de colo, desde as brincadeiras de infância até agora. Sempre que discutia com Montserrat, ele estava ao virar da esquina, pronto para se compadecer dela, para a animar. Como é que não se apercebera antes? Quando soube que, no instituto, se tinham beijado, quando Nicolás comprou uma casa em frente à sua, quando olhava para Lucía a brincar no jardim...

— Dissete milhares de vezes que não o queria cá em casa — acusou Joaquín a mulher quando a encontrou na casa de banho. — E tu continuaste a abrir-lhe a porta. Foda-se, há dois dias até abriste as pernas à frente dele...

Montserrat não encontrou palavras para lhe responder. Apoiou-se no lavatório, e a imagem de Nicolás a atendê-la na sua casa, na sua cama, quando reparou na primeira hemorragia, abalou-a. Sentiu-se suja e culpada, como se fosse uma mulher que tivesse incitado o seu agressor a uma violação.

— Lamento imenso — foi tudo o que Montserrat conseguiu dizer.

Joaquín reparou que a mulher tremia, tentando conter o pranto. Talvez devesse ter entrado na casa de banho para a acalmar e dizer-lhe que agora nada disso importava, que só deviam pensar que a Polícia seria capaz de dar com Lucía antes que fosse tarde. Mas, em vez de o fazer, ficou à porta. Sentia-se forte outra vez, inundado por uma onda de razão. Uma onda que, durante muito tempo, todos lhe tinham dito que abandonara. A sua mulher também.

Virou-lhe as costas e foi-se embora.

Sara olhou pelo vidro espelhado da sala de interrogatórios. Nicolás Souto já estava preparado; curvado na sua cadeira, com as mãos escondidas entre as coxas e a olhar de soslaio para o espelho através do qual sabia estar a ser observado. Tinha um bigode ralo, quase uma sombra cinzenta sob o nariz.

— Não queres entrar já? — perguntou-lhe Víctor quando viu Sara sentar-se.

— Quero que sejas tu a fazer o interrogatório — disse-lhe ela, e reparou no seu olhar furtivo. — Desta vez, prefiro ficar de fora.

Víctor avançou para a porta da sala de interrogatórios e apercebeu-se do seu nervosismo quando pegou na maçaneta. Temia que Sara analisasse não só as respostas de Nicolás mas também as suas perguntas.

— Estás chateada comigo? — perguntou-lhe Víctor antes de abrir a porta.

Ela olhou para ele pela primeira vez. Reparara que o evitara durante todo o dia, que abrira um fosso que, ao princípio, quis interpretar como pudor pela noite que tinham passado juntos.

— Revê os álibis dele: tanto o de há cinco anos como o de agora, quando Ana apareceu. E não o trates como se já tivéssemos a certeza de que é culpado — foi tudo o que Sara lhe disse.

O que tinha acontecido para que ela agora o olhasse como um desconhecido? Aqueles olhos não eram os mesmos que tinha visto na cama, os que lhe tinham confessado todos os seus medos. Sara transformara-se. Na noite anterior, era uma mulher que ele podia proteger. Agora, parecia uma

ameaça.

Ximena pegou numa jarra de porcelana e atirou-a para o chão. Ao partir-se, os pedaços saíram disparados em todas as direcções. Nervosa, pisou um deles e ouviu um estalido sob as botas.

— Oxalá estivesse morto! — gritou.

Quim tentava contê-la, mas, de cada vez que se aproximava dela, respondia com um empurrão, afastando-o.

— Devias tomar alguma coisa para te acalmares — tentou convencê-la Quim.

— O que eu devia fazer era ir-me embora desta terra de merda. Eu não sou daqui! Não estás a ver? — E virou-se para ele, mostrando-lhe a pele morena. — Não tenho nada que ver com Monteperdido. Aquele parvalhão não é meu pai. — Como se já tivesse tomado a decisão, subiu as escadas da casa e chegou ao seu quarto. Quim seguiu-a, mantendo as distâncias. — Aqui ninguém me liga nenhuma — murmurou Ximena enquanto abria o armário e lançava uma mala sobre a cama.

— O que estás a fazer? — disse-lhe Quim, voltando a fechar a mala. — Aonde é que vais?

— O que é que isso te interessa, porra? Vai mas é ter com Ana e dá-lhe uma queca: ela é que te mete pena...

— Ximena, estás a passar-te...

— Será? — Ximena encarou-o. — Diz-me lá que não lhe queres saltar para cima. Coitadinha, mete tanta pena, não é? Já merecia levar uma queca...

— Não é o momento para falarmos disso. — Quim tentou evitá-la.

— Porquê? Tu e eu não vamos ter mais momentos, Quim. E para ti é igual ao litro. Nunca me levaste a sério. — Ximena não conseguiu conter-se mais e desatou a chorar. Quim quis abraçá-la, mas ela afastou-se. Queria deitar tudo cá para fora, embora cada palavra lhe rasgasse a garganta. — Dei-te um jeitão quando andavas aos caídos... Engoli toda aquela treta de os teus pais não quererem saber de ti, de não quererem viver... de eles preferirem que tivesses sido tu e não Lucía a desaparecer...

— Eu também gostava que a nossa relação tivesse acabado de outra maneira — tentou desculpar-se Quim.

— Deixa-te de mentiras! Foda-se, Quim... Vai-te embora, por favor... Deixa-me em paz...

Empurrou Quim até à saída do quarto e fechou a porta. Quando se viu sozinha, Ximena deixou-se cair ao chão. Estava assustada. Tinha tanto medo que era incapaz de se mexer. Sempre tivera consciência de que, um dia, Quim lhe viraria as costas. Nunca gostara dela. Não da forma como ela estivera apaixonada por ele. E, quase sem se aperceber, pensou que, naquele momento, gostaria de ter Nicolás junto de si para a consolar. Para sentir o seu abraço, sempre trapalhão, como se não soubesse onde pôr as mãos, as suas palavras desajeitadas a dizer-lhe que era uma boa rapariga, que era bonita e que teria tudo o que desejasse.

— Onde é que estavas no dia em que desapareceram as raparigas? — perguntou Víctor sem levantar o olhar do relatório onde constavam os depoimentos que Nicolás prestara à Polícia desde o início do caso.

— Em Linsoles, tinha ido ver o gado da herdade de Cuéllar... Acabei tarde, por volta das quatro, e cheguei à vila à noite.

— Estavas sozinho na herdade.

— Deixam-me sempre sozinho, como sabes, Víctor. Tinha de recolher umas amostras de gado. Para que é que tinha de ter alguém comigo?

— E quando Ana apareceu? — Víctor mudou de assunto. Não queria que Nicolás se enredasse em explicações eternas. Precisava de que fosse concreto.

— Na praça da Igreja. Estávamos lá todos, na cerimónia da Fundação. Já sabes que Joaquín faz a chamada, e quem não estiver... — Nicolás interrompeu o que estava a dizer; não era o momento de ensaiar uma das suas piadas. Tinha de parecer firme.

Víctor deixou de ouvir Nicolás enquanto o veterinário se perdia em justificações, como quem dá voltas e mais voltas para despistar o seu perseguidor. O veterinário passava a partir daquele dia na praça da Igreja para outras cerimónias da Fundação nas quais não pudera marcar presença por causa do trabalho e, daí, às reprimendas que Joaquín lhe fizera na Sociedade de Caçadores.

— O que é que andaste a fazer naquela noite? — interrompeu-o Víctor ao recordá-la.

— De que noite é que estás a falar? — respondeu Nicolás, aturdido.

— No dia em que Ana apareceu. À noite. Onde é que estavas?

— Contigo, Víctor. Na tua casa. Não te lembras? Fui ver *Nieve*... A polícia...

Nicolás desviou um olhar para o espelho da sala. Sabia que ela estava do outro lado e, de repente, ficou sem palavras.

— Telefonei-te por volta das três — continuou Víctor, metendo os cotovelos em cima da mesa que os separava. — Mas não chegaste antes das cinco. Duas horas é muito tempo para ires da tua casa à

minha.

— Estava a dormir — murmurou Nicolás. — Enquanto me levantava e me vestia...

— Não é verdade — disse com firmeza Víctor.

— A sério, estão a ficar malucos... Eu não sei o que vos deu na cabeça para me deterem, mas... como é que eu seria capaz de fazer mal às raparigas? Vi-as crescer. À frente da minha casa. Acham mesmo que sou capaz de fazer uma coisa destas?

— Onde é que estavas quando te liguei, Nicolás? Sei muito bem que não te tirei da cama.

Nicolás olhou, nervoso, para o espelho e para Víctor. O suor sombreava-lhe as ilhargas da camisa e acariciava-lhe os pêlos finos do bigode. Pôs as mãos sobre a mesa: continuava algemado.

— Não tem nada que ver com as raparigas. — E, ao dizer isso, Nicolás reconheceu que Víctor tinha razão nas suas acusações.

— Quanto a isso, deixa-me ser eu a decidir — disse-lhe ele.

— Tenho testemunhas, Víctor. — As suas palavras deixavam transparecer uma ameaça que não se atrevia a formular. — Não vale a pena irmos por aí. Seria uma perda de tempo.

— Vais contar-me ou não? — insistiu Víctor.

— Há coisas que nos envergonham se as contamos — murmurou Nicolás, à procura do olhar de Víctor.

Sara deitou-se para a frente na sala contígua: o que é que o veterinário estaria a dizer a Víctor? Os seus olhos não se afastaram em nenhum momento do guarda-civil, que agora voltava a mergulhar o seu olhar no relatório que tinha sobre a mesa. O silêncio começava a durar demasiado, e Víctor não encontrava a forma natural de prosseguir com o interrogatório.

— Não vou continuar a falar enquanto não me disserem o que têm contra mim — disse Nicolás e, com essas palavras, percebeu que o veterinário estava a oferecer uma saída a Víctor.

— Conheces Concha, não conheces? — perguntou o guarda-civil, contrafeito.

— Ajudou-me em casa até Ximena ser crescida — reconheceu Nicolás.

— Ofereceste-lhe umas bonecas para a neta dela. Umas Barbies, lembras-te?

Nicolás balbuciou um «sim, claro» ao mesmo tempo que os seus olhos deixavam de piscar e a boca ficava aberta e muda. Era a surpresa de saber que tinha sido descoberto ou de se aperceber de alguma coisa que estivesse à frente do nariz e que não fosse capaz de ver?

— Já verificámos com Ana. São as mesmas bonecas que Lucía tinha no refúgio — acrescentou Víctor, esperando uma explicação.

— Há quanto tempo foi isso? Há três anos? Já me tinha esquecido, juro... Encontrei-as abandonadas no monte. Numa vala ao lado da estrada... Sabia que a neta de Concha não tinha brinquedos... e Ximena já era demasiado crescida para isso...

— E não percebeste que podiam ser as mesmas bonecas que Ana referia na entrevista que publicaram?

— Sou um escritor de merda... — respondeu Nicolás com um riso nervoso. Parecia aliviado ao saber que era aquela a causa da sua detenção.

— Isso não é suficiente para evitar a prisão — avisou-o Víctor.

Sara esperava o momento em que Víctor se visse obrigado a voltar a perguntar pelo local onde Nicolás passara a noite no dia do aparecimento de Ana. Por enquanto, deixava o veterinário falar longamente do dia em que encontrara as bonecas. Metidas num saco de plástico transparente, sujas de lama e abandonadas junto à estrada de Barbastro, perto do sítio onde Ana aparecera. Algumas estavam nuas, outras pintalgadas. Pensou que alguém tivesse feito uma limpeza em casa e deitado fora os brinquedos de uma rapariga. Apagou tal facto da memória assim que deu as bonecas a Concha.

«Porque é que o estás a evitar, Víctor?», interrogava-se Sara. «Não sejas imbecil e pergunta-lho. Sabes que estou aqui, a ouvir-te. Dá-me uma boa explicação.»

— No dia em que as raparigas desapareceram, ninguém tem a certeza do sítio onde estavas — recapitulou Víctor. — Costumas passar vários dias fora da vila.

— É por causa do meu trabalho — acrescentou o veterinário.

— Seja pelo que for, Nicolás. Passas vários dias fora. Ximena janta metade dos dias em casa de Rafael, com Quim...

Nicolás afastou o olhar. Sabia onde acabaria a resenha de Víctor.

— Na noite em que Ana apareceu, também estavas fora. Sabemos que quem raptou as raparigas teve de ir naquela noite ao refúgio. Tirou Lucía de lá e pegou-lhe fogo.

— Já sabes a importância que Montserrat tem para mim — confessou Nicolás. — Jamais lhe faria mal.

— Onde é que estavas?

Nicolás olhou para o espelho antes de responder. Víctor não o pressionara com a pergunta,

apenas o convidara a reconhecê-lo.

— No hotel — acabou por dizer Nicolás. — Passo duas ou três noites por semana em La Guardia... Pergunte às raparigas. Elena pode atestar que estive lá...

Sara apercebeu-se de que, desta forma, terminara o interrogatório. Nicolás ficara calado, um silêncio que poderia interpretar-se como vergonha. Víctor começara a recolher os seus papéis. Reparou que preferia sair daquela sala, da esquadra, sem ter de se cruzar com ela, mas ergueu o olhar e observou-a através do espelho. Estaria a pedir-lhe perdão?

Nunca pensara em suicidar-se. Talvez devesse tê-lo feito antes, quando tudo aquilo não passava de uma fantasia. Chegara a acreditar que aquele momento nunca chegaria. Idiota. Cinco anos fechado naquela redoma. A rotina convencera-o de que era normal. Pensou em Lucía — quando é que deixava de o fazer? — e não conseguiu evitar preocupar-se. Há quantos dias é que estava sozinha? A sua pequena Lucía. O seu animalzinho selvagem.

Recordou quando olhava para a floresta do alpendre do refúgio. Os trémols e os pinheiros, os cerquinhos, a circundar as montanhas, verdes e esplêndidos no Verão, sobre tapetes de rododendros rosados. Pensou em tudo o que escondiam aqueles ramos e folhas e flores: javalis, camurças, veados... Não gostava de caçar em batida. Preferia fazê-lo sozinho. À espreita. Enfrentar o desafio cara a cara com o troféu, ser mais esperto do que ele. De todos os animais de Monteperdido, ele preferia o corço: o mais pequeno dos cervídeos, esquivo, rápido, apenas uma sombra impossível de apanhar. O duende da floresta, como lhe chamavam.

*

Víctor deu as chaves do jipe a Pujante. Ao sair da sala de interrogatórios, Sara já não estava lá. Telmo veio ter com ele e disse-lhe que ela os mandara ir ao hotel de La Guardia em dois carros. Ela iria com Pujante e Víctor com ele.

— O que vamos fazer lá acima? — perguntou-lhe Telmo, perplexo. Víctor não tinha resposta para lhe dar.

Quando Raquel chegou à cafetaria, Ismael já estava sentado. Esperava numa mesa junto à janela. Tinham mudado a montra; foi Raquel quem escolheu aquela madeira escura, quase preta, e Ismael fizera um bom trabalho com os adornos do tecto. Além disso, na viga que se erguia a um canto do balcão, talhara em madeira a cabeça de um corço. A cornadura rematada em três pontas, como os ramos de uma árvore no Inverno, projectava a sua sombra no chão. La Corza Blanca, assim se chamava a cafetaria, e aquela pequena talha de Ismael tornara-se o seu símbolo.

A remodelação de La Corza Blanca foi um dos primeiros trabalhos que fizeram juntos. Raquel recordou como ficara surpreendida com a habilidade de Ismael para esculpir, como dava vida a uma madeira informe. Na altura, era assim que Raquel se sentia: como um tronco cortado, morto, e deixou que Ismael talhasse nela uma mulher nova.

Endireitou-se ligeiramente quando ela chegou à mesa e lhe perguntou o que queria tomar. Raquel pediu uma coca-cola, embora soubesse que não chegaria a tocar-lhe. Esperava que fosse rápido, limpo, como um corte de cirurgião. Fixou-se nas suas mãos, marcadas pelas feridas que fazia quando talhava.

— Fica descansada, que não te vou fazer uma cena — disse-lhe Ismael pouco depois, ao vê-la mexer-se no seu lugar, incomodada. — Sei que terminou.

Embora fosse mais novo, Ismael sempre lhe parecera mais adulto do que ela. Dois passos para a frente, a abrir-lhe o carro, a pegar na cadeira para ela se sentar, a estender um tapete para Raquel caminhar com segurança, longe dos seus medos.

— Não quero que interpretes isto como um ataque de ciúmes... — Ismael fez uma pausa enquanto a empregada deixava sobre a mesa o que tinham pedido.

A rapariga disselhes que ficava contente de os voltar a ver por ali e, a seguir, olhando para Raquel, confessou que também compreendia que ultimamente tivesse vindo menos.

— Este Verão está a ser muito fraco — reconheceu a empregada enquanto olhava para um bar praticamente vazio. — Mas é uma questão de esperarmos que passe e rezarmos para o Inverno ser melhor — disse antes de se afastar, com um optimismo forçado.

— Vou-me embora de Monteperdido — continuou Ismael quando ficaram a sós.

— Vais para onde?

— Se calhar para o Sul. Ou para Portugal. Ainda não decidi.

— Teremos de fazer contas. Devo-te dinheiro... — Mas Ismael interrompeu-a. Não era de dinheiro que queria falar.

— Tens a certeza do que estás a fazer? — perguntou-lhe Ismael. — Estar com Álvaro... Achas que podes confiar nele?

Tinha sido tudo tão rápido que Raquel evitara fazer determinadas perguntas a si própria. A sua

filha estava em casa. Álvaro também. Fazia uma retrospectiva e recordava os dias que passara ao lado de Ismael; parecia-lhe a vida de outra pessoa, não a sua.

— Sei que agi bastante mal — começou Raquel a desculpar-se.

— Há uns dias — interrompeu-a Ismael enquanto levantava a mão num gesto com o qual queria deixar claro que o que procurava não era uma desculpa —, encontrei-me com Elisa... Sei que aquela rapariga não está bem, mas... Contou-me uma coisa sobre Álvaro...

Raquel sentiu-se ruborizada, como se Ismael acabasse de entrar num quarto sujo e desarrumado, embora ela preferisse que ele se mantivesse na parte esmerada, limpa.

— É injusto para ti — disse-lhe Raquel, evitando que prosseguisse. — Mas Álvaro e eu vamos tentar esquecer-nos destes cinco anos. Como se começássemos a viver a partir de hoje.

Ele deitou-se para trás na cadeira; decidira manter-se à margem da vida de Raquel. Queria assumir a sua derrota, mas não conseguia retirar-se assim, sem mais nem menos.

— Usou Elisa para se livrar da Polícia — acabou por dizer. — Dormiu com ela...

— Ele contou-me — respondeu-lhe ela, tensa. — Não foi ele que mentiu, mas Elisa... Não quero saber se o pai dela lhe batia. Sabes o mal que nos fez?

Raquel tentara conter a sua raiva, não levantar a voz. Apesar de tudo, as suas palavras tinham saído como um soco no estômago. «Nos fez», dissera-lhe. Álvaro e ela voltavam a ser um, e Ismael não podia fazer parte daquele círculo.

— Estou preocupado contigo, é só isso — acabou por confessar Ismael em tom de desculpa.

— Vou ficar bem, tenho a certeza — sossegou-o Raquel, tentando que a sua voz, desta vez, parecesse conciliadora.

Instalou-se um silêncio incómodo entre os dois. Raquel queria levantar-se, voltar para casa, para junto da família. Precisava de deixar para trás a pessoa que tinha sido enquanto Ana não estava ali. Ismael voltara a suscitar as dúvidas que ela preferia ter desfeito depois de dormir com Álvaro. Esse temor de não conhecer minimamente o seu marido, de ser incapaz de prever os seus actos, as suas decisões.

— Quando é que estás a prever ir-te embora? — perguntou-lhe Raquel, para quebrar o silêncio, para se afastar daqueles pensamentos.

— Depois da batida. Comprei um posto e não quero desperdiçar o dinheiro — respondeu-lhe com um sorriso, com o qual prometia não voltar a tocar no tema de Álvaro.

Ismael olhou para a cabeça do corço que se erguia sobre o balcão da cafetaria. Disse-lhe que aquela seria a marca que deixaria em Monteperdido. Uma marca que se tornaria anónima com o passar do tempo. Quem talhou esse animal?, interrogar-se-iam as pessoas, e ninguém saberia responder. Disse a Raquel que viria despedir-se dela antes de deixar a vila. Tinha consciência de que ela desejava sair da cafetaria.

Quando Raquel saiu do bar e disse adeus a Ismael através da montra, soube que aquela seria última vez que o via. Quem era aquele rapaz que investira cinco anos da sua vida nela? Estivera tão centrada em si própria que mal se interessara por ele. Quem era, na verdade? Como chegara a Monteperdido? Por que razão se fixara nela? Era demasiado tarde para dar resposta a tantas perguntas.

Raquel afastou-se por uma rua quase deserta, rumo a casa, com a sensação de que, por muito que fingisse o contrário, em certa medida, todos somos estranhos. Uma imagem abandonada há algum tempo voltou-lhe à memória: uma manhã de Inverno, num parque infantil coberto de neve, sentada ao lado de Montserrat enquanto Lucía e Ana atiravam bolas de neve uma à outra. Aquele veado que passou ao seu lado e lhe fez sentir, com o seu bafo, que fazia parte de alguma coisa. Que era mais uma peça encaixada no *puzzle* de Monteperdido.

Precisava de voltar a sentir aquele bafo do veado.

*

Subiram até ao sítio onde a estrada terminava. O asfalto transformava-se num caminho de terra que se abria num terreiro onde havia alguns carros estacionados. Sara viu que eram todos de gama alta. *Mercedes*, *Audis*, um *Jaguar*. O hotel de La Guardia era um edifício rectangular de dois andares. No telhado de xisto preto, de duas águas, sobressaía uma fila de janelinhas; quartos em águas-furtadas no terceiro piso, supôs Sara. O hotel parecia transparecer um luxo contido, sem ostentação. Só aqueles carros caros no parque de estacionamento destoavam do edifício de paredes de pedra, que, de resto, se integrava sem espalhato entre as montanhas. Nunca vira os cumes tão perto. Estavam tão altos que dava a sensação de que conseguiria tocar no céu com os dedos.

— O que tens a dizer-me de Serna? — perguntou Sara a Pujante antes de descer do carro.

— O dono do hotel? — disse o guarda-civil enquanto desligava o motor e, antes de responder, olhou uns segundos para o edifício, pensando numa descrição acertada. — Acho que é de Castellón.

Vai e vem do vale e quase não pára em Monteperdido. Cinquenta anos, solteiro, mal o conheço. — Pujante pensou que conseguira responder de forma profissional. — Dizem que tem muito dinheiro. Um quarto aqui custa uma pipa de massa. São quatro estrelas, e olha para isto: acho que haverá poucos hotéis situados num sítio tão bonito...

Ao descer do jipe, Sara olhou em seu redor: estavam rodeados pela última mata de pinheiro-negro; as montanhas, cobertas de um manto verde, estabeleciam os limites do vale e os seus cumes atravessavam as poucas nuvens que havia sob um céu que se curvava sobre eles como uma cúpula. A cerca de duzentos metros, um miradouro donde se podia contemplar o curso do rio a percorrer as povoações, como um escorrega que mergulhava à distância. O monte Ármos, que, apesar dos seus dois mil metros, parecia mais baixo.

Víctor seguiu Sara em silêncio até ao interior do hotel. Ao atravessar a Recepção, ficou com a mesma sensação de modesto esplendor que tivera ao ver o exterior do edifício. A madeira impunha-se à pedra dentro do hotel: no chão e nos tectos atravessados por vigas. Serna demorou uns segundos a juntar-se-lhes quando perguntaram por ele. Estendeu uma mão forte e segura a Sara e disse-lhe: — Lamento imenso o que se passou com o seu colega. — E, a ela, as condolências pareceram sinceras.

Seguiram-no até ao seu gabinete. Sara sentia os olhos de Víctor cravados nela, temendo os seus movimentos. Serna trazia roupa informal: calças de ganga e uma camisa azul às risquinhas. Embora tentasse parecer como os demais, Sara sabia que aquela roupa, aquele relógio de pulso e os sapatos eram coisas que praticamente ninguém se podia permitir.

— Precisamos de falar com Elena — disse-lhe Víctor quando chegaram ao gabinete. — Nicolás diz que esteve com ela na noite em que Ana apareceu, e temos de o comprovar.

— Quer que a mande chamar? — respondeu-lhe Serna, solícito. Já pegara no telefone que estava em cima da sua secretária.

— Por favor — incentivou-o Víctor.

— Sou eu — disse Serna ao auricular. — Podes avisar Elena para passar pelo meu gabinete? Obrigado. — E depois desligou.

Sara aproximou-se da janela do gabinete; dava para as traseiras do hotel. Via-se uma parte da montanha em que não havia nenhum sinal da intervenção do Homem na Natureza. Quando é que ia parar com aquela farsa? Ouviu Serna e Víctor entretidos numa conversa insubstancial sobre os poucos turistas que tinham chegado ao vale naquele Verão. O contínuo gotejar de notícias sobre o rapto das raparigas, o homicídio do polícia, as medidas de segurança impostas... Tudo aquilo se convertera em obstáculos à vinda de pessoas a um lugar onde, sobretudo, procuravam paz. Repouso. Afastar-se do mundo.

Elena tinha vinte sete anos. Vinha vestida com a farda do hotel. Serna apresentou-a como encarregada do bar. Era bonita; pele suave, grandes olhos castanhos e o cabelo tingido de louro apanhado num rabo-de-cavalo. Falou com as mãos cruzadas atrás das costas, como se quisesse destacar a sua formalidade.

— Esteve aqui, sim senhor — disse quando lhe perguntaram por Nicolás. — Lembro-me de termos falado que tinham encontrado Ana...

— Há câmaras de segurança no hotel que nos permitam comprovar o que está a dizer-nos? — perguntou Sara.

— É necessário? — respondeu Serna, incomodado. — Naquela noite, de certeza que havia mais gente no bar, não havia, Elena? Podemos chamá-los e pedir-lhes que confirmem...

— Tem algum problema em dar-nos acesso a essas câmaras? — insistiu Sara, cada vez mais tensa.

— Só estou a dizer que talvez não seja necessário... — tentou defender-se Serna.

— E se me deixasse decidir o que é necessário ou desnecessário? — Sara viu Víctor inclinar a cabeça e olhar para o chão. — Por exemplo, esta pantomima com Elena, para mim, é totalmente desnecessária.

— Estamos a colaborar em tudo o que nos pediu. — Serna tinha cada vez maior dificuldade em conter a sua raiva: não parecia um homem habituado a ficar entre a espada e a parede.

— Sendo assim, Elena não se importará de nos dizer quantas raparigas se prostituem neste hotel. Nicolás era um bom cliente? Ao que parece, tinha predilecção por si...

Elena afastou o olhar de Sara, que se aproximara dela. Procurou uma escapatória em Serna enquanto balbuciava que não sabia do que ela estava a falar.

— Quanto é que custa passar uma noite com uma das suas meninas? — perguntou Sara, virando-se para Serna. — Com Elena, por exemplo. Quatrocentos? Mais? Isto não é uma casa de putas de estrada...

— Se vai acusar-me de alguma coisa, será melhor fazê-lo já. — Serna deixara de interpretar o

papel de bom vizinho. Sentou-se atrás da sua secretária e cruzou as pernas; agora era o homem habituado a que todos estivessem ao seu serviço. — Gostaria de ter colaborado de outra forma na investigação, mas parece que é impossível.

— Não quero saber do putedo para nada — disse Sara, olhando para Elena. — Pode sair. Já sei que Nicolás esteve consigo. — E foi ela própria quem lhe abriu a porta do gabinete. Elena, depois de receber a autorização de Serna, saiu. Sara fechou a porta novamente e olhou para Víctor e para Serna antes de lhes dizer: — Quero o registo de clientes dos últimos cinco anos. E o acesso às gravações das câmaras de segurança. É desta forma que pode colaborar.

— Não posso fazer isso — respondeu-lhe com aparente tranquilidade o dono do hotel. — Iria contra a privacidade dos meus clientes...

— Amanhã venho cá com um mandado de busca — ameaçou-o Sara.

— Isso será amanhã — atalhou Serna.

Sara saiu do gabinete e deixou a porta aberta atrás de si. Estava cheia de raiva: tinha vontade de ignorar todas as proibições e entrar no computador da Recepção, percorrer todos os quartos daquele hotel. Mas sabia que, se o fizesse, apenas entravaria o processo, atrasaria qualquer autorização. Serna iria ganhar vinte e quatro horas: o suficiente para se desfazer de tudo aquilo que pudesse incriminá-lo em qualquer delito.

«Imbecis», disse para consigo Sara. «Estão a brincar a quê?» Chegou ao miradouro e viu o vale a seus pés. Teve vontade de gritar, impotente. Porque é que insistiam em proteger-se daquela forma? Será que ninguém no raio daquela terra queria encontrar Lucía?

Víctor chamou-a e, quando se virou, viu-o aproximar-se dela, acompanhado por Elena.

— Ela quer falar contigo — disse-lhe o guarda-civil.

Sara sabia que estavam a dar-lhe uma colherada para ela não pedir o prato completo.

— As meninas estão aqui porque querem — começou por lhe confessar Elena. — Serna não é nenhum chulo...

— O que é que ele lhe disse mais para me contar? — respondeu-lhe Sara, céptica.

— Temos cama, mesa e roupa lavada a troco de uma percentagem de cada serviço. Os homens que vêm a La Guardia pagam bem — continuou a dizer Elena, tentando acautelar o cinismo com que a polícia olhava para ela. — Nicolás vem duas vezes por semana e, é verdade, fica quase sempre comigo. Na noite em que apareceu a rapariga, por exemplo. Estávamos no quarto, mas alguém lhe telefonou e teve de se ir embora.

— Perfeito — disse-lhe Sara. — Bate tudo certo, não bate, Víctor?

Os olhos de Sara cravaram-se no guarda-civil. Ele teve a sensação de que era a primeira vez que o olhava durante todo o dia e lembrou-se daquele momento, já há muitas semanas, quando Sara chegou a Monteperdido e teve a mesma impressão à porta da casa de Ana: os olhos de Sara a olharem para ele pela primeira vez, a infiltrarem-se nele e a remexerem tudo.

— Obrigado, Elena — disse Víctor. — Importa-se de nos deixar a sós por um momento?

Elena virou-lhes as costas e regressou ao hotel. O barulho dos seus passos na gravilha foi-se perdendo enquanto eles continuavam a olhar-se em silêncio.

— Vais dizer o que se passa, de uma vez por todas? — perguntou-lhe o guarda-civil.

— És um imbecil. — Sara não conseguia ocultar a dor ao enfrentar Víctor. — Achavas mesmo que eu não viria a saber?

— Não tem nada que ver com a investigação — tentou defender-se.

— Como é que sabes?! Como podes ter tanta certeza?! — Sara ergueu a voz, e os seus gritos ressoaram nas paredes da montanha, perderam-se no eco, vale abaixo. «Eco. Esquecimento. Nada», pensou Sara.

— Porque, na altura, o verifiquei — respondeu-lhe Víctor contendo a voz, tentando que a conversa não se tornasse uma sucessão de gritos.

— Ainda não te apercebeste de que não passas de um guarda-civil de província? Dedicar-te ao que sabes fazer: limpar o rio, comprar bolos e dar passeios com o teu cão... Deixa-me fazer o meu trabalho...

— Estás a descarregar em mim porque não tens nada, Sara. — Víctor fazia o possível para se controlar, mas o menosprezo com que ela o tratava irritava-o. — Andas às cegas, e não é assim que vais encontrar Lucía.

— Achas mesmo? — Sara respirou profundamente. Deu uns passos em direcção a Víctor e, palavra a palavra, começou a enterrá-lo na sua vergonha. — Diz-me em que é que estou enganada: Serna instalou um bordel de luxo aqui em cima. Miúdas giras e jovens, disponíveis. Nada de putas de rua. E não está aberto a qualquer um. Só funciona a convite de Serna. A maior parte é gente endinheirada de fora do vale. Tem um serviço de táxis que os traz ao hotel: não deixam marca. Não há registo de clientes nem pagamentos que se possam rastrear. É um dos luxos deste hotel: a

privacidade. É por isso que é tão caro. Só abre algumas exceções, como Nicolás. Há cinco anos, quando as raparigas desapareceram, um homem que trabalhava na estação de serviço denunciou um carro que atravessou a vila em excesso de velocidade. Um *Audi 8*. Foste tu que fizeste esse interrogatório. E foste tu que te encarregaste de o enterrar. Encontrei-o em tua casa, por acaso. Suponho que Serna não queria que a investigação das raparigas lhe fodesse o negócio, não é? Disseste que, no seu hotel, não havia nada. Que os seus clientes estavam limpos. Quanto é que te pagou? O suficiente para poderes comprar aquela casa? Ou tens estado a soldo dele desde então?

— Não recebi nem um cêntimo — murmurou Víctor.

— Nesse caso, o que hei-de pensar? Que és um idiota, pura e simplesmente?

— Localizei o homem que ia no tal táxi — reconheceu Víctor, incapaz de enfrentar o olhar de Sara. — Era um empresário de Saragoça com família e filhos. Vigiei-o durante mais de um mês, e nem saiu de casa. Sei que não teve nada que ver com o rapto.

— Por amor de Deus, Víctor: e as outras pessoas que têm entrado e saído daquele hotel? O que sabes sobre eles?! — Sara tentou acalmar-se. Olhou para os carros; Pujante e Telmo tentaram dissimular que estavam atentos à sua discussão. — Este sítio é uma porcaria de um buraco negro. Sabes o tempo que já perdemos por tua culpa?

— Vi-me obrigado a fazê-lo.

— Não quero saber dos teus motivos — disse-lhe Sara com tristeza, e Víctor sentiu que aquelas palavras eram uma despedida.

O vento das montanhas levantava o cabelo de Sara. Ela soltou o rabo-de-cavalo que trazia e voltou a fazê-lo. Fechou o fecho-éclair da *sweatshirt*. Víctor sentia-a agora tão distante que, embora tivessem estado juntos na noite anterior, nus na sua cama, a recordação lhe parecia perder-se no tempo, converter-se em algo que acontecera há muito e que era difícil de definir, como um sonho que, aos poucos, se torna difuso quando despertamos.

— Estás fora da investigação — disse Sara quando, depois de dar uns passos, se dirigia para o seu carro. — Apresentarei um relatório e solicitarei que te suspendam de forma cautelar por estorvares o meu trabalho.

Víctor não disse nada. Assumia que Sara não podia fazer outra coisa. Não se atreveu a olhar para ela a afastar-se em direcção ao carro, a ver como a perdia. Apoiou-se no miradouro: perante ele abria-se o vale, o seu lar. Aquele lugar devolveu-lhe a vida quando perdeu a vontade de lutar. Seria isso uma desculpa? Os erros que cometemos quando somos fracos podem ser perdoados? Pensou nas famílias das raparigas: o que lhes interessava como estava Víctor quando tudo aconteceu? Se tivesse sido menos egoísta, ter-se-ia afastado sem mais nem menos. Teria aceitado a sua derrota, para que outro ocupasse o seu lugar.

Ao mesmo tempo, sentiu uma estranha libertação ao pensar que talvez não tivesse de voltar a envergar a farda que então vestia.

O carro-patrolha deteve-se à porta de sua casa. Nicolás já sabia que teria sido melhor pernoitar na estalagem naquela noite. Mas também devia uma explicação a Ximena. Não queria que a filha ficasse obcecada com ideias erradas depois do que sucedera. «A sua filha», pensou. Só se atrevia a chamar-lhe assim nos seus pensamentos. Ela proibira-lho há muitos anos. «Se tiveres de me chamar de alguma forma, que seja pelo meu nome: Ximena», disse após uma discussão.

— Vou ficar a fazer uma ronda pela urbanização — disse-lhe o agente que o trouxera quando viu que Nicolás não se decidia a abrir a porta do carro.

A Polícia deixara-o em liberdade sem qualquer acusação, mas continuava a sentir-se culpado. Sujo e desprezível. Quase conseguia cheirar o sexo daquelas noites no hotel. Via-se a si próprio, ridículo, a gemer ao lado de alguém que talvez não o suportasse.

Agradeceu ao agente e desceu do carro.

Joaquín, espreitando pela janela do quarto, viu o carro chegar. Tomara um duche, vestira roupa lavada, estava convencido de se encontrar no princípio do fim e, enquanto se penteava ao espelho, chegou a pensar que camisa havia de escolher, qual agradaria mais a Lucía, como se já estivesse a preparar a sua vestimenta para o encontro.

Evitara a mulher. Montserrat e Quim esquivavam-se pelos cantos da casa, arrependidos por não terem estado permanentemente ao seu lado, pensou. Até que viu aquele carro da Guarda Civil. Parara à porta da casa de Nicolás. Viu-o descer e despedir-se do agente através da janela. O que estaria ali a fazer?

Desceu as escadas a correr, atravessou a sala e saiu à rua. Com um grito, mandou Nicolás parar antes de entrar em casa. O veterinário virou a cabeça de lado para olhar para ele e encolheu o corpo, como se tentasse abrigar-se nele. Procurava atabalhoadamente as chaves no bolso.

— Filho da puta — disse-lhe Joaquín enquanto saía do seu jardim. — Como te atreves a vir aqui?

Joaquín não se apercebeu, mas, da casa de Ana, saiu Burgos. Tinha-o visto deixar para trás o

jardim de sua casa e atravessar a estrada que o separava da casa de Nicolás. Com um grito, mandou-o parar e ordenou-lhe que não fizesse nenhum disparate, mas Joaquín não o ouviu.

Nicolás, nervoso, tentou enfiar a chave na fechadura, mas as mãos tremiam-lhe e o porta-chaves acabou por cair ao chão. Agachou-se para o apanhar: porque é que Ximena não lhe abria porta? Estivera a tocar à campainha ao mesmo tempo. De joelhos no chão, teve tempo de ver Joaquín entrar no seu lote. Corria para ele. Burgos estava demasiado longe, ainda a atravessar a estrada, tal como o carro-patrolha que o trouxera, embora este tivesse começado a fazer inversão de marcha.

— Não fiz nada à tua filha — foi tudo o que Nicolás foi capaz de dizer enquanto tentava pôr-se de pé.

Joaquín contraiu os músculos; toda a raiva acumulada ao longo de cinco anos o pressionava. Empurrava-o. Nicolás ainda estava de cócoras e, ao chegar ao seu lado, Joaquín deu-lhe um pontapé na mandíbula. Nicolás foi projectado para trás com a pancada e esbarrou contra a porta de sua casa. Joaquín não se deteve. Puxou-o pelo cabelo e ergueu-o ligeiramente do chão.

— Onde está Lucía?! — gritou-lhe.

Mas não esperou resposta. Joaquín apertou o cabelo de Nicolás e lançou-lhe a cabeça contra a porta outra vez. Uma mancha de sangue ficou colada à madeira quando o veterinário, aturdido, se separou dela.

— Se eles não te obrigam a falar, obrigo-te eu — disse-lhe Joaquín. — Sabes que não vou parar. Onde está Lucía?

Nicolás tentou balbuciar qualquer coisa, mas só conseguiu entreabrir a boca, mostrar os dentes tingidos de sangue. Joaquín voltou a ganhar balanço para lançar Nicolás contra a porta, mas, ao armar o braço, sentiu alguém a agarrá-lo. Fez força para vencer aquela resistência, mas, ao ver-se incapaz, soltou Nicolás; o veterinário estatelou-se no chão, meio inconsciente.

— Perdeu a cabeça? — dizia-lhe Burgos nas suas costas, agarrando-lhe os braços. — Ainda o mata...

— Deixe-me! — gritou-lhe Joaquín, soltando-se com violência. O guarda-civil quase caiu com o impulso. — Faço-lhes a papa toda e vocês não são capazes de fazer nada!

Joaquín saiu do jardim de Nicolás quando o carro-patrolha se detinha diante dele. O agente que o conduzia saiu e tentou retê-lo, mas ele afastou-o com um empurrão. Sentia-se capaz fosse do que fosse, um gigante a espezinhar um jardim infantil. Inúteis. O que fizera a Polícia pela sua filha durante todo aquele tempo? Nada. Ele tinha sido o único a lutar realmente.

Estava decidido e nem sequer olhou para trás para ver se Nicolás se levantava do chão. Também não viu Burgos a acudir para o socorrer e a pedir a outro agente que chamasse uma ambulância.

Ter-lhe-ia metido nojo se o tivesse visto.

De que valia a vida de alguém como Nicolás? Por que razão o tratavam como se fosse igual aos outros? Era um porco. Um animal. Um grandessíssimo filho da puta. Deviam deixá-lo esvair-se em sangue. Se queriam mesmo encontrar Lucía, tinham de o fazer sofrer até ele não aguentar mais.

Atravessou a sala sem prestar atenção ao que Quim e Montserrat tinham para lhe dizer.

«Continuem assim», disse para consigo. «Continuem a acreditar que os outros é que vos vão trazer a filha, a irmã. Ou será que já não querem que ela regresse?»

Subiu as escadas, galgando os degraus. Entrou no seu quarto e abriu o armário. Vasculhou na parte de cima até apalpar a espingarda e pegou nela. Sobre a cama de casal, tirou-a do coldre.

Ninguém nos vai trazer Lucía se não fizermos alguma coisa.

Ninguém a vai trazer de volta.

Abriu a espingarda. Na gaveta da cómoda, tinha balas. Carregou-a.

«Ninguém vai trazer Lucía, porque ela está morta», disse para consigo. E sentiu a adrenalina que lhe percorrera o corpo começar a diluir-se. Nunca dissera nada semelhante a si próprio. Não se permitira fazê-lo.

Olhou para a casa de Nicolás e viu Burgos e o outro agente a ajudarem o veterinário a endireitar-se.

Engatilhou a espingarda. Era um bom atirador, mas dali não tinha a certeza de conseguir acertar. O disparo poderia ferir os guardas-civis.

Tinha de ser Nicolás. Não podia ser outro. Quem teria raptado as raparigas senão ele?

A dúvida começou a tornar-se mais forte no seu íntimo. Como uma ténia que crescia e lhe ia colonizando o corpo. E se não tivesse sido Nicolás? Sentiu as forças a abandoná-lo. O que faria amanhã? E depois de amanhã? Onde prosseguiria as buscas?

Baixou a espingarda e olhou para o buraco preto do canhão. Rende-te, pareceu dizer-lhe.

Sentiu os olhos humedecerem. Os seus músculos relaxaram perante a perspectiva de um fim. Do seu fim.

Aguentara até à última gota de sangue. Estava vazio. Preferia desaparecer a ouvir alguém dizer-

lhe um dia que tinham encontrado o cadáver de Lucía.

Deu uns passos atrás. Sentou-se na borda da cama, com a espingarda entre as pernas e a coronha apoiada no chão. Baixou uma mão pelo aço da arma até encontrar o gatilho. Depois apoiou o queixo no canhão.

A bala estoirar-lhe-ia cabeça. Fechou os olhos; as lágrimas ardiam-lhe e escorregavam-lhe pela cara sem controlo, como se estivessem retidas há anos e, por fim, tivessem rebentado com o dique que as impedia de avançar.

— Joaquín, por favor — ouviu a voz de Montserrat, mas não abriu os olhos. Não afastou o dedo do gatilho. — Não faças isso.

O que poderia oferecer à criança que começava a formar-se no ventre da sua mulher? Que pai poderia ser?

— Tens de viver — insistia ela.

— Para quê? — disse, por fim, Joaquín. — Vai-te embora. Não quero que assistas a isto — rogou-lhe.

Montserrat, porém, não arredou pé. Sentiu o seu cheiro a aproximar-se dele. Joaquín cerrou as pálpebras com mais força. Força, é o último passo, dizia para consigo. Mostra que tens tomates.

— Fizeste tudo o que pudeste por Lucía. Não tens culpa do que aconteceu.

— Não soube protegê-la — disse Joaquín entredentes. «Mereces castigo», dizia para consigo em silêncio. «Deixaste a tua menina perder-se.»

— Isso não é verdade...

Joaquín sentiu o toque da mão de Montserrat sobre a sua. O calor da mulher contrastava com o frio do gatilho no seu dedo.

— Sempre cuidaste de nós. Deixa-nos agora cuidar de ti. Isto não se vai resolver de um dia para o outro. Iremos passo a passo. Mas vamos conseguir, prometo-te...

Seria um covarde? Porque não disparava de uma vez por todas?

— Perdemos muitas coisas, Joaquín... Não vires as costas ao que temos agora — murmurou-lhe enquanto lhe pegava na mão com suavidade e a afastava do gatilho.

Por que razão se deixava manietar? E, então, apercebeu-se de que sonhava fazer alguma coisa no dia seguinte. Despertar ao lado da sua mulher, abraçado a ela. Refugiar-se no seu calor. Deixar que ela voltasse a recompor as peças do homem que tinha sido. Beijar Quim: há quanto tempo não o fazia?

Deixou cair a espingarda, que se estatelou no chão como um animal morto. Montserrat cingiu-o entre os seus braços. As lágrimas de ambos misturaram-se. Fundiram-se numa só.

— Lamento imenso — disse Joaquín entre gemidos.

— Anda cá. — Montserrat afastou-se uns centímetros e pegou na mão de Joaquín. Levou-a ao seu ventre; a barriga começara a crescer, lisa. — Consegues senti-lo?

Ele procurou o pulsar de uma nova vida; ali estavam, ainda distantes, tímidos, mas tornando-se mais fortes de dia para dia.

*

No Verão, a pelagem do corço era avermelhada e parda. O penacho branco que lhe circundava o ânus parecia o caule de uma abrótea-branca em flor, selvagem, a ziguezaguear pela espessura da floresta. Em Julho, conseguia ouvir os seus bramidos, na época do cio. Os corços a acasalarem e, depois, em Agosto, as corças a guardarem aquela futura vida como um segredo, no seu ventre, até chegar o Inverno, e, em Dezembro, ele começar a crescer para dar à luz em Maio. A diapausa na gestação. Ele sentia que, tal como os corços detêm o desenvolvimento do feto, ele retinha Lucía até virem as condições ideais para lhe abrir as portas. Um dia, sonhava, ela sairia para o prado à hora do crepúsculo, quando o sol, atrás do monte Albádes, molha de sangue a erva. Lucía passeará livre, apesar de, então, já saber que não está segura e, depois de molhar os lábios com a água do Ésera, voltará a refugiar-se na floresta, junto a ele. Serão o segredo do vale.

Nieve lambia o prato, que dançava no chão, empurrado pela sua ansiedade. Deixara-o limpo, sem rasto dos restos do guisado que o seu irmão Román lhe pusera, mas o cão continuava a dar-lhe lambidelas. Víctor olhou para ele com um sorriso; o coxear da pata traseira esquerda dava-lhe um aspecto frágil. Agora, Nieve dependia dele mais do que nunca. Já não fugia à noite para explorar as ruas de Monteperdido. Todas as manhãs o encontrava, adormecido, aos pés da sua cama, consciente da sua debilidade.

— Vamos por volta das cinco — disse-lhe o irmão enquanto estendia um mapa sobre o balcão do bar. — Porque não vens comigo? Vou sozinho com os cães.

— Não me apetece ir caçar — desculpou-se Víctor. De um trago, bebeu o refrigerante que tinha entre as mãos.

A Sociedade de Caçadores já estava fechada. Só Román e ele tinham ficado por lá. As luzes do tecto estavam apagadas. Román deixara as que iluminavam as prateleiras com as garrafas, as tulipas ocre que pendiam sobre o balcão. Com um marcador vermelho, assinalara no mapa a zona onde fariam a batida de javalis. Um círculo que abrangia a mata de *trémols* do monte Ármos e ia até ao despenhadeiro. Empurrariam os javalis até à clareira que se abria entre a mata e o despenhadeiro. Román tirá-los-ia das suas camas, e os animais, assustados com os latidos dos cães e com o seu cheiro, com os disparos para o ar, fugiriam até aos postos dos atiradores.

— O que se passou lá em cima, em La Guardia? — perguntou-lhe Román. — Vi Telmo há pouco tempo. Disse-me que tu e Sara puseram tudo em pratos limpos...

Víctor tentou fazer um gesto que desse a entender que não tinha importância, mas pareceu mais um pedido para o irmão não prosseguir com aquele tema.

Sara tinha razão: tinha estado a tapar um buraco da investigação. Um túnel escuro pelo qual qualquer um poderia ter entrado e saído da vila sem chamar a atenção. E se ela tivesse razão? E se tivesse sido algum cliente do hotel a organizar o rapto das raparigas?

A possibilidade pareceu-lhe, até certo ponto, tranquilizadora.

A sua vila e a sua família ficariam isentas de culpa. Pelo menos, de uma culpa directa. O mal vinha de fora do vale. Necessitava da ajuda de alguém de dentro, um homem que se encarregava do cuidado diário das raparigas. Mas não passava de um carcereiro.

Román pegou num saco de ração e pediu ao irmão que o acompanhasse enquanto ia dar comida aos cães. Saíram da Sociedade de Caçadores e caminharam em silêncio pelas ruas empedradas até à casa de Román. Vivia na parte de trás da praça do Município, a escassos cinco minutos da Sociedade. As luzes da casa estavam acesas, e Víctor imaginou Ondina a andar atrás das crianças para elas vestirem o pijama e se meterem na cama. Nieve ia atrás deles, a coxear, e respondeu com latidos aos latidos dos podengos que tinham cheirado a chegada de Román, da comida. Saltavam e corriam em círculos do outro lado da barreira, no cercado junto à casa onde o seu irmão os tinha. Brancos e fortes, rodearam Román quando este entrou para lhes encher os comedouros. Tinha quinze cães, embora nas batidas não costumasse levar mais de oito: os que estavam mais bem treinados para seguir o rasto dos javalis, encontrar as suas camas e enfrentá-los, caso fosse necessário. Brancos, para os caçadores não os confundirem com os troféus e não dispararem sobre eles. Víctor lembrou-se da altura em que um daqueles cães se aproximou dele depois de um dia de caça. Tinha o pêlo sujo de sangue; um vermelho-vibrante, que parecia de plástico sobre a sua pelagem nívea. O cão debatera-se com um javali e dos seus dentes ainda pendiam coágulos de sangue. Esfregou-se na sua perna, como se pedisse uma carícia, como se pedisse perdão.

Pensou nos carros de vidros fumados que tinham estado a levar e a trazer gente através da estrada de Posets até ao hotel de La Guardia. Dentro deles talvez tivesse viajado o homem que raptara as raparigas.

Sabia melhor do que ninguém o que se passava nos quartos de La Guardia. Serna encarregara-se de lhe dar aquela informação ao longo dos anos. Quanto mais sabia, mais entalado estava. Era o que Serna pensava. E, durante algum tempo, tivera razão. Quando o trabalho era a única coisa que lhe restava e se agarrou a ele. Agora, as coisas tinham mudado.

— Sabes se o Negro continua a viver pelo vale? — perguntou ao irmão.

— Trabalha num bar de Ordial, acho eu... Há uns meses encontrei-o no supermercado do centro comercial... — disse-lhe Román enquanto fechava a barreira dos cães — O que se passa, Víctor? Não sei se vão encontrar Lucía, mas estão a virar a vila do avesso...

Víctor disse-lhe que podia ficar descansado. Sabia que se preocupava com ele. Por isso, preferiu não lhe contar que o tinham afastado do caso, que estava suspenso. Que não fazia a mínima ideia do que lhe sucederia no futuro.

— Sara Campos — ouviu chamar pelo seu nome da salinha da estalagem. — Ultimamente, não tem vindo cá dormir.

Esteve tentada a desejar boa-noite a Caridad e a subir as escadas até ao seu quarto. Deu-lhe a impressão de que ela lhe sorria da mesa, embora só conseguisse vislumbrar a sua silhueta recortada contra a janela.

— Durmo pouco, em qualquer sítio — disse-lhe Sara quando se decidiu a entrar.

— Foi o que ouvi dizer. — Caridad deixou escapar uma gargalhada, e Sara escondeu o olhar, envergonhada, embora não houvesse ali ninguém que pudesse ouvi-las. — Eu acho que não dou uma queca desde oitenta e dois — disse quando conseguiu conter o riso. — E não me perguntes quantos anos tinha na altura — avisou-a.

— Nesta terra sabe-se tudo e, ao mesmo tempo, não se sabe nada — protestou a polícia, sentando-se diante de Caridad.

— As pessoas daqui são muito senhoras do seu nariz. Já deu para ver. Muito sacaninhas. Deve ser

próprio da terra.

As duas caras de Monteperdido. Aquela terra cheia de vida estaria gelada em poucas semanas. Morta. O Verão estava a acabar. As árvores perderiam as folhas, o rio ficaria gelado, os animais esconder-se-iam na montanha, até as casas ficariam sepultadas sob a neve. A hibernar. E, sob aquele manto de neve, todos os segredos de uma população que se recusava a trazê-los a lume.

Ela conseguira prever alguns. Como aquelas raízes doentes da árvore. Escondidas, envergonhadas. Mas que, de alguma forma, também faziam parte daquele lugar, tal como os seus ramos e as suas flores.

— Posso contar-te uma coisa? — disse-lhe Caridad, tamborilando com os seus dedinhos rechonchudos sobre a mesa. — Há duas noites, dormi de seguida. Acordei deviam ser umas dez horas. Com o sol de chapa na cara. *Deu*, nem sabes como me senti... Tive vontade de gritar...

— Parabéns — disse-lhe Sara. — Fico mesmo contente... E não voltou a conseguir o mesmo?

Caridad negou com um vaivém da cabeça.

— Até podem vir cem noites de insónias, que não vão apagar a que dormi como um bebé...

Caridad correu o fecho-éclair do fato de treino até acima. Parecia que se preparava para um combate. Depois, esticou as costas, embora isso não a fizesse parecer mais alta. A cabeça era uma bola que parecia repousar entre os ombros e se bamboleava de um lado para o outro, como se estivesse solta, de tal forma que Sara pensou que não ficaria admirada se, de repente, ela fosse capaz de a virar ao contrário, com o seu cabelo ondulado para baixo e o seu sorriso, invertido, para cima.

— E tu, Sara Campos? — perguntou-lhe. — Não me digas que não tens nem o raio de uma noite que valha a pena recordar...

— Não sei — confessou-lhe ela. — Há alturas em que acreditamos que tivemos alguma coisa... como um bom sonho, e, de repente, transforma-se num pesadelo. E pensamos que, se calhar, tudo aquilo que nos parecia perfeito, maravilhoso... afinal, não passava de uma fachada... Que estavam a dissimular para nos levar ao pesadelo sem que nos apercebêssemos...

— As coisas nunca são como esperamos — admitiu Caridad. — Mas isso não é mau. Seria uma grande seca se não fosse assim...

Caridad desviou o olhar para a rua, silenciosa e escura àquela hora da noite. Sara tentou concentrar-se no caso, nas peças que tinha sobre a mesa e que devia montar. Pegou num lápis que tinha na sua mochila e, depois, num guardanapo de papel. Consequiu o mandado judicial para revistar o hotel de La Guardia, embora supusesse que, àquela hora, Serna devia estar a eliminar todas as provas de computadores e câmaras de segurança. Também deixara Nicolás em liberdade; acreditava na sua versão quando contava que, na noite em que Ana apareceu, estava com uma das meninas de Serna no hotel, mas isso não o isentava de culpa, de forma alguma. E se fosse ele a pessoa que ajudara o raptor? Era complacente, com uma personalidade facilmente influenciável. Ajustava-se ao perfil. Por isso o deixara na rua; talvez agora cometesse algum erro e a fizesse olhar para o sítio correcto. De forma automática, Sara começara a desenhar aquelas figuras geométricas no guardanapo. O início de outro labirinto. Seria Nicolás Souto quem aparentava ser? E Víctor?

Caridad não queria falar de Lucía. Nada do que dissera tinha que ver com suspeitos ou com a investigação. Estava a falar-lhe dela. Da sua necessidade de entender os demais até ao último pormenor. Uma virtude para uma polícia. Um defeito para uma mulher que se apaixonara.

— Já reparaste que há vários sítios no vale que têm o mesmo nome? — disse-lhe Caridad. — La Corza Blanca. Dá-me ideia de que não primamos pela originalidade: a cafetaria da estrada de Posets, uma casa rural à entrada da vila... E, acho eu, uma estalagem em Ordial...

Sara fixara a sua atenção. Era o nome de uma lenda dos Pirenéus, segundo lhe dissera Santiago.

— O criado de um senhor da terra estava apaixonado pela filha dele — começou Caridad por lhe contar. — A rapariga era caprichosa e muito bonita, como em todos esses contos, embora fosse preciso vê-la. De certeza que era um frasco. Vai dar ao mesmo, o que importa é que o criado quer conquistá-la. E, como dizem que anda uma corça branca pelo vale, promete à moçoila caçá-la para lhe oferecer. O rapaz põe-se a percorrer os montes com a sua espingarda, até que vê um grupo de corços a beber no Ésera. Entre os tais corços está a que ele quer, a que tem o pêlo branco. Procura um bom posto para disparar e, então, vê que os corços, a branca também, se transformaram num grupo de raparigas nuas e que se estão a banhar... E uma dessas raparigas é a filha do senhor, a tal de quem ele gosta. Normal. O rapaz esfrega os olhos. Diz: «Isto não pode ser...», e, no mesmo instante, vê novamente os corços. Mas os animais notam a sua presença e fogem a correr... No entanto, a corça branca fica presa num silvado... O rapaz pega na espingarda e dá-lhe um valente tiro na cabeça. A seguir vai a correr buscar a sua presa e, quando chega ao silvado, descobre que, em vez da corça branca, é a rapariga que ele ama que está morta, sobre uma poça de sangue...

Quando Caridad acabou de contar a lenda, bebeu um gole da sua garrafa com o líquido vermelho

e olhou para Sara, que estivera a escutá-la com atenção. Caridad deixou escapar um arrote, e um aroma a groselha ficou a pairar no ar. Nem sequer pediu desculpa.

— Nunca percebi o raio do significado desta história — confessou-lhe Caridad. — Apesar de ter nascido no vale. Ouço-a desde que faço uso da razão. E nada. Não consigo perceber a moral da história.

— Que nada é o que parece? — aventou Sara.

— Ou que aqui toda a gente é meio chanfrada. — E simulou com um dedo um parafuso a enroscar-se na têmpora. — É que essa história de dar um tiro à rapariga que se quer levar para o catre... Isso é que é um bom presente para a conquistar.

Sara deitou-se para trás na cadeira. Deixou que se fizesse silêncio entre as duas enquanto se interrogava por que razão a rapariga não lhe tinha confessado que ela era a corça branca quando o rapaz lhe disse que ia caçá-la. Talvez quisesse pô-lo à prova. Ou talvez esperasse que a caçasse. Olhou para os rabiscos que estivera a desenhar no guardanapo e, como nas outras vezes, não lhe pareceu um labirinto em que estivesse perdida, mas um muro complexo atrás do qual se escondia.

Não falaram mais até que Sara se ergueu para subir para o seu quarto. Estar com Caridad era quase melhor do que dormir. Mais tranquilizador. Mais relaxante. Incapaz de adivinhar as suas intenções, Sara deixara de tentar decifrar aquela mulher. Como um animal selvagem que não conseguia entender. Era aquela renúncia que a fazia estar em paz ao seu lado.

— Vais encontrá-la — disse-lhe Caridad quando Sara já se levantava. — Vais ver que hás-de dar com a corça branca... Mas não lhe dêes nenhum tiro, Sara Campos.

Caridad ergueu o polegar e piscou-lhe um olho, como uma adolescente que dá os parabéns a uma amiga. Sara quis acreditar nela.

Nicolás estava a limpar a sua caçadeira em cima da mesa da cozinha. A vareta, o óleo e os trapos encontravam-se espalhados sobre o tampo da mesa, e agora duvidava de que fosse capaz de o fazer sem estragar a arma. Há quanto tempo não a usava? Tinha aberto, no portátil, um *site* com as instruções e tentava concentrar-se nelas, mas a ferida na cabeça ainda palpitava. Tinham-lhe feito um curativo rápido: anti-séptico, pontos, uma compressa a tapar a cicatriz. Sentia o sangue a lutar para fechar a ferida. Às vezes ardia, outras vezes só sentia umas picadas.

O ecrã do computador ficou preto e, quando mexeu o rato, maximizou o documento com o texto do seu romance: *El follét del albarósa*. Embora falasse a toda a gente dessa história, escrevera apenas alguns parágrafos. Sobrevoou com o olhar umas quantas linhas e sentiu vergonha. «Porque é que persistes em escrever em *patués*?», perguntara-lhe um dia Víctor. «Para ninguém conseguir ler-me», deveria ter-lhe confessado.

Ximena desceu as escadas e olhou para ele com desprezo quando chegou ao último lanço. Caso se tivesse aproximado mais, a filha poderia ter-lhe cuspidado em cima, pensou Nicolás enquanto fechava o documento do seu livro.

— Faço-te assim tanta pena? — perguntou-lhe Nicolás enquanto voltava a concentrar-se na limpeza da espingarda.

— Isso era dantes. Agora só me metes é nojo.

— Estamos a fazer progressos — respondeu ele, cínico.

Encaixou uma escova de bronze na vareta. Enfiou-a no canhão cinco vezes. Decidira ir caçar javalis com o resto do grupo. Não ia esconder-se.

— Foi assim que conheceste a minha mãe? No meio do putado? — acusou-o Ximena. Continuava parada a meio das escadas, como se quisesse manter-se acima dele.

Há escassas horas, antes de a Polícia o deter, antes de Joaquín lhe bater com a cabeça contra a porta, teria ficado nervoso. «Como é que podes dizer uma coisa dessas?», teria perguntado a tartamudear. «Quem te contou essa loucura?» E, de certeza absoluta, teria começado a suar. Mas isso fora há umas horas. Estava farto de se esconder.

— Em que é que isso mudaria as coisas, Ximena? Ela não está aqui. Deixou-te comigo. Sou a tua única família. Podes aceitar isso de uma vez por todas ou podes sair por aquela porta e desaparecer. Eu não vou atrás de ti a correr.

Tirou a escova suja e substituiu-a por um trapo impregnado de gasolina.

— Como é que ias separar-te de Montserrat? — respondeu-lhe Ximena com um tom atrevido que tentava ocultar a sua verdadeira dor.

Nicolás deixou a vareta sobre a mesa. Limpou as mãos sujas de óleo num pano e olhou para a filha. Ele insistia em chamar-lhe assim. Não conseguia vê-la como mais uma rapariga.

— Apaixonarmo-nos por uma pessoa e essa pessoa também se apaixonar por nós é uma lotaria. Tu e eu sabemos que, de momento, não nos saíram os números premiados, pois não, Ximena?

— E o que é que tu fizeste? Conseguir que gostem de ti à força? — disse-lhe ela com raiva.

Ximena desceu as escadas. Transpôs a entrada e saiu de casa. Precisava de respirar o ar limpo da

noite. Tinha a sensação de que estava a asfixiar. Tentara prestar a menor atenção possível a Nicolás nestes últimos anos. Se não o olhasse, se não lhe falasse, esperava que um dia ele, pura e simplesmente, desaparecesse. Mesmo assim, não lhe tinham passado ao lado as noites que dormia fora da casa. As suas contínuas viagens. As suas ausências. E perguntava a si própria, desde que se apercebera de que, na vila, toda a gente o desprezava: como é que ele era capaz de suportar uma coisa destas? Porque é que continuava no vale? Onde encontrava forças para se levantar com um sorriso, para continuar a escrever aqueles romances estúpidos?

Estava uma noite limpa e, deitados no jardim das traseiras, o céu era um mar de tranquilidade. Ana apoiava a cabeça no peito do pai, cuja respiração a embalava, e recordou o seu corpo a flutuar na água do lago, o ligeiro vaivém que a acalentava. A mãe saiu para acender um cigarro e, ao vê-los deitados na relva, ajoelhou-se junto a Ana, acariciou-lhe o cabelo, e ela viu-lhe a cara recortada contra o céu. Da posição em que olhava para ela, não via mais do que aquele espaço repleto de estrelas e sorriu ao imaginar Raquel como uma astronauta que lhe perguntava: «Tens frio?» Ela respondeu-lhe que estava bem e puxou a mãe para o chão, para se deitar ao lado deles. Sentiu as mãos dos pais encontrarem-se e cruzarem-se sobre o seu estômago. Recordou os anos no buraco, as noites a olhar para o céu estrelado através do telhado derrocado. Os nomes que inventou para cada uma daquelas luzes que resplandeciam. Álvaro, Raquel e Lucía: assim chamara às três que mais brilhavam. Tinham-lhe roubado a infância, mas ninguém poderia arrebatá-lhe agora aquele instante. Pôs a mão sobre a dos pais. Pensou nos poemas que memorizara, mas não encontrou neles nenhum verso que resumisse toda a felicidade que sentia naquele momento.

Era este o seu lar, não o simulacro do buraco. Eles é que se preocupavam com ela. Aquela rapariga, deitada no relvado junto aos pais, com os olhos tão pretos como o Universo que, do céu, caía como um lençol sobre eles, era a Ana que queria ser. Não a que vira nos olhos de Lucía.

Ana, onde é que estás? O que andas a fazer?, interrogava-se Lucía. A fome impedia-a de dormir, dava voltas no colchão sem cessar. Pensava nela. Pensava nele. Por que razão a deixara tanto tempo sozinha naquela choça? Será que ele voltaria um dia? Recordou as noites, ou seriam dias? Como poderia sabê-lo, se mal entrava luz no buraco? Apenas uma fina linha amarelada no tecto, a borda do alçapão pelo qual ele descia, lhes marcava um passar do tempo estranho; o sol numa fresta. Lembras-te, Ana? Lembras-te de quando me chamavas puta, quando me perguntavas se estava a gostar? Eu lembro-me dos teus poemas. Um verso: «Ergue-se o vento... Toca a viver!» Não foi isso que fizemos? Como odiava os teus malditos livros. As tuas exigências. E como sinto a falta delas.

Houve um barulho que a assustou, e Lucía pensou que seriam animais, javalis, a farejar fora daquele cubículo onde estava encerrada. Endireitou-se e, depois do ruído metálico de um cadeado, a porta abriu-se. Viu a sua silhueta, o seu andar cansado, a eclipsar a luz da noite. Trazia um saco que deixou cair ao seu lado, dentro do qual ouviu um chocalhar plástico. Depois, fechou a porta do quarto e sentou-se no chão junto a ela. «Trouxe-te cereais daqueles que tu gostas», disse-lhe. Lucía endireitou-se e pegou na caixa que ele lhe estendia, esfomeada. «Onde estiveste?», perguntou-lhe. Então viu a espingarda. Deixara-a encostada à parede, ao lado da porta.

Ximena estivera a passear sem rumo. Tentava encaixar sentimentos contraditórios. A vergonha pelo que, àquela hora da noite, estariam a dizer em cada uma das casas de Monteperdido. Nicolás e as putas de La Guardia. Os segredos não duravam muito no vale, estava convencida de que toda a gente já estaria ao corrente. Nicolás e as meninas. O raio das meninas. Mas já outro medo se infiltrava, mais real, mais doloroso. Imaginar Nicolás encarcerado. Perder o pai. Porque, por muito que se recusasse a aceitar tal facto, Nicolás era mesmo o seu único pai.

Uns passos atrás de si sobressaltaram-na. Regressara à rua da urbanização e ouviu caminhar na sua direcção. Quando se virou, viu Ana; atravessava a estrada vinda de casa e fez-lhe lembrar um daqueles animais dos montes, os veados, os corços, que abandonam o refúgio da floresta para virem pastar no prado. Aproximou-se do passeio onde Ximena se detivera.

— É tarde. O que estás a fazer acordada? — perguntou-lhe Ximena.

Tentava manter as distâncias, mas Ana não se deteve. Continuou a aproximar-se dela.

— Queria falar contigo. Estive à espera de que regressasses. — A segurança com que Ana falava fazia-a parecer mais velha.

— Podes ficar com Quim. Eu dispenso-o — tentou atalhar Ximena, embora fosse incapaz de parecer tão firme como Ana.

Ximena retrocedeu uns passos ao ver Ana tão perto, intimidada. Ana inspirou e olhou em seu redor: para as casas em silêncio da urbanização.

— É sobre Nicolás — disse-lhe, e, depois, com dois passos, postou-se ao seu lado, aproximou a sua boca ao ouvido de Ximena e sussurrou-lhe: — Não foi ele que nos raptou.

Ao ouvi-la sussurrar, Ximena sentiu que as suas palavras tremiam de medo. Nervosa, Ana afastou-se dela. Olhou novamente para um lado e para o outro, como se alguém além de Ximena tivesse

conseguido ouvi-la. A seguir virou-se e, com passadas rápidas, regressou a casa. Mais uma vez, o animal que foge para um lugar seguro, longe dos predadores: que predadores?

Ximena ficou paralisada no passeio. Viu Ana desaparecer atrás da porta de sua casa. O alívio que lhe proporcionara ao confessar-lhe que Nicolás não tinha nada que ver com o rapto rapidamente desapareceu sob outra inquietação: o que sabia Ana? O que omitiria ela?

Ana avançou pelas sombras da sala. Subiu as escadas em direcção ao quarto. Por que razão contara que Nicolás não tinha nada que ver com o rapto? De certa forma, sentia-se em dívida com Ximena. Por lhe ter roubado Quim, é verdade, mas também pela situação em que Ximena ficara após o rapto. Ela tornara-se a felizarda. A rapariga que experimentara o inferno mas que se salvara. De que podia queixar-se? Todos os seus problemas pareciam meros caprichos de uma menina mal-educada. Mas a solidão nunca é um capricho. Ana sabia disso.

Lucía mastigava os cereais com ansiedade. Ele ergueu-se e passeou até à porta do cubículo, onde deixara a espingarda encostada. A choça cheirava a urina e a suor. A animal. As bolas revestidas de mel eram as suas preferidas. Gulosa como o duende da floresta. O corço que percorre extremas e prados até dar com os rebentos que mais lhe agradam.

Os agentes saíam do hotel de La Guardia carregados com caixas de documentos, discos rígidos dos computadores, cassetes das câmaras de segurança. Sara observava-os a fazerem o seu trabalho com resignação, consciente de que a revista se estava a revelar inútil. Serna fumava encostado ao miradouro com um gesto de suficiência que gostaria de ter apagado com um murro. O pessoal do hotel reunira-se numa mesa da esplanada que se encontrava num dos lados do estabelecimento. Sob um alpendre, falavam e riam, como se fossem crianças que se tivessem livrado de um dia de escola.

Sara falara novamente com Elena, a rapariga que estivera com Nicolás. O seu discurso, tal como o dos restantes funcionários, era insubstancial; a verdade estava muito longe do que eles contavam. Uma série de lugares-comuns que, evidentemente, tinham preparado: Serna não obrigava ninguém a prostituir-se. As meninas estavam ali por vontade própria, pagavam o seu quarto e faziam o que queriam com os clientes que chegavam a La Guardia. Se esgaratasse muito, Sara conseguiria, com sorte, denunciar Serna por um delito contra as Finanças. Todos os clientes pagavam por debaixo do pano. Sabia que descobrir as suas identidades era uma investigação que poderia demorar meses.

Lucía não podia esperar tanto.

O carro de Víctor deteve-se no terreiro do hotel. Sara evitou olhar para ele quando saiu da viatura e caminhou na sua direcção.

— Não podes estar aqui — recordou-lhe Sara. — Estás suspenso.

— Essa gente não te vai contar nada sobre Serna. Deixa-me ajudar-te.

— Agora é que me queres ajudar? — Sara não quis ocultar o seu rancor.

— Tenho uma pessoa no meu carro — respondeu-lhe Víctor, evitando a sua acusação. — Só te peço que fales com ele.

Vicente, o Negro, não era negro. Quando muito, ligeiramente moreno. Tinha cerca de cinquenta anos e era gordo e imberbe, o que lhe conferia um ar acriançado, inocente. Não quis falar nas imediações do hotel. Disse que não se sentia à vontade com Serna por perto. Víctor conduziu estrada abaixo até chegarem às imediações de Posets. Parou o carro no cruzamento e Sara pediu ao Negro para sair. Caminharam pelas imediações de uma mata de pinheiros-negros enquanto falavam. Tinham deixado Víctor para trás, apoiado no capô do carro. Não insistira em acompanhá-los.

— Serna sabe o que fazer para ter toda a gente calada — disse-lhe o Negro. — Basta ver o caso de Víctor.

— Foi ele que lhe pediu que falasse comigo e me contasse a história dele? — Sara não conseguia evitar ser tão incisiva. O que é que este antigo empregado de mesa do hotel teria para lhe oferecer?

— Disseme para lhe contar como funciona o hotel, mais nada. — O Negro não se sentia à vontade por reparar que ela suspeitava dele como se fosse um delinquente.

— Está bem — admitiu Sara. — Diga-me o que sabe sobre La Guardia.

O Negro fora empregado de mesa durante mais de sete anos. Entrou no hotel pouco depois de Serna o inaugurar. Desde o início, La Guardia foi um lugar exclusivo. Pouco importava o facto de muitos dos quartos ficarem vazios durante grande parte do ano, pois o que os clientes pagavam por um par de noites era mais do que suficiente. As meninas ficavam alojadas nas águas-furtadas. Serna não aceitava qualquer uma. Muitas delas tinham cursos superiores. Além de foder, tinham de saber falar. Trabalhava com dois ou três serviços de táxi privativos. Quando o Negro tomou conta do bar, a maior parte dos clientes era de Saragoça ou do País Basco. Empresários, gente com dinheiro a sério. Mas, com o tempo, começaram a vir de outras zonas do país. Também vinham muitos de França. Iam buscá-los a Saragoça, a Barcelona ou a Vitória. Serna fazia a selecção das meninas e assegurava também a discrição: aqueles homens davam uma escapadinha num lugar perdido dos Pirenéus para

fazer uma festa e não queriam deixar rasto.

— Por isso, é importante saber que Serna faz tudo para garantir o silêncio de quem entra no hotel — disse-lhe o Negro, recordando-lhe o ponto onde iniciara a sua conversa.

— E as pessoas do vale? De Monteperdido, de Posets... não frequentam La Guardia?

— Muito pouco — reconheceu o Negro. — Cobrávamos trinta euros por um copo. Quem é que ia pagar essa pipa de massa por um gim tónico? Quando abriu o estabelecimento depois da remodelação, vinham excursões de senhoras, mas Serna inflacionou tanto os preços que acabou por espantá-las.

— E os homens? Nicolás era cliente habitual.

— Abriam algumas excepções — reconheceu o Negro. — Com o veterinário, por exemplo. O desgraçado sofria cada vez que vinha ao hotel. Acho que ele odiava andar no putado, mas não conseguia evitá-lo. Não havia semana em que não estivesse lá caído.

O Negro riu-se, e as suas gargalhadas ecoaram pela floresta com desprezo. O silêncio, pensou Sara. A vergonha como arma para o garantir.

— E com os outros? Como conseguia que ninguém desse com a língua nos dentes? — acabou por conceder Sara. Já sabia que estava a abrir a porta à justificação de Víctor. Mas era um caminho que devia percorrer.

— Pequenas atenções. O cabrão é esperto como o raio. Tinha quem vendesse pequenas doses de coca às meninas. Não eram os seus passadores. Era para isso que servia Gaizka. Desta forma, elas também tinham alguma coisa para esconder. Em relação a outros, aproveitava-se das circunstâncias. — O Negro fez uma pausa e olhou para Sara. Parecia pedir-lhe autorização para lhe falar de Víctor, e ela instigou-o a fazê-lo. — Víctor passou por um mau bocado quando a namorada morreu na inundação. Vinha ao hotel para beber, para na vila ninguém o ver bêbado que nem um cacho. Uma noite, houve um cliente que ficou um tanto ou quanto violento. Não era normal, para dizer a verdade. Mas o tipo não sabia aguentar a coca. Deu uma bofetada a uma rapariga no bar. Víctor estava por lá, mas não via um boi à frente. Estava demasiado cego. A coisa foi de mal a pior quando o cliente tirou a pistola a Víctor e ameaçou desatar aos tiros. Eu e uma das meninas conseguimos tirar-lha.

Sara olhou para trás. Por entre as árvores, conseguia ver a estrada, o carro junto ao qual Víctor estava à espera, apoiado no capô, vestido à paisana. Excepto na noite em que fora jantar a sua casa, Sara nunca o tinha visto sem farda. Agora envergava calças de ganga e uma *T-shirt*. O Negro contou-lhe que Serna prometeu a Víctor que não denunciaria o que sucedera. Estava de serviço, bêbado, e tinham-lhe tirado a arma, o suficiente para o expulsarem. Serna aproveitou-se e começou a pedir-lhe pequenos favores em troca. Que fizesse vista grossa aos protestos de alguns habitantes pelos excessos de velocidade dos táxis. Que não vasculhasse a relação que tinha com Gaizka. Aos poucos, amarrou-o, até que Víctor passou a ser um mero guarda-civil ao seu serviço.

— Consigo não consegui? — perguntou-lhe Sara. — Parece que não tem medo de Serna.

— Eu fiz-me de imbecil — confessou-lhe o Negro, e esboçou um sorriso que o fez parecer ainda mais infantil. — Apaixonei-me por uma das meninas. Comecei a dizer-lhe que ia tirá-la dali e essa gaita toda... mas ela ficou com Serna. Fiquei tão fodido que o denunciei.

— E Víctor abafou a denúncia — apercebeu-se Sara.

— No fundo, até lhe agradeço — reconheceu o Negro. — Só ia arranjar problemas.

Sara olhou para as copas dos pinheiros que se uniam formando uma abóbada verde-escura, quase preta. Que relação podia haver entre La Guardia e as raparigas? Talvez Víctor tivesse razão: nenhuma. Era apenas mais um segredo do vale. Algo, porém, lhe dizia que não.

Recordou um dos depoimentos de Ana. A descrição que fazia da sua violação.

O sexo.

Porquê aquele sexo violento, quando todo o rapto se desenrolara numa rotina quase familiar?

— Havia menores entre as meninas do hotel? — perguntou-lhe Sara.

— Quando eu estava, não. Serna apresentava uma ou outra e dizia que tinham dezassete anos, mas não era verdade. Passavam todas dos vinte.

— Que mais acontecia no hotel? Os clientes escolhiam uma menina e passavam o fim-de-semana com ela, mais nada?

— Por vezes organizavam... festas... Na sala do primeiro piso. Três ou quatro por ano. Era a desbunda. Nesses dias é que se enchia o hotel. Percebe aonde quero chegar: coca, miúdas, espectáculos...

«Como se estivesse imensa gente a olhar para nós», dissera Ana. «Sabia que nunca conseguiria apagar isso.»

— Filmes porno?

— Sim, coisas do género — reconheceu o Negro.

«Como se estivesse imensa gente a olhar.»

— Que tipo de filmes? Viu algum?

— Coisas caseiras. Estilo *voyeur*. É o que costumava passar.

— E nesses filmes havia menores?

O Negro guardou silêncio para conseguir recordar. Sara tinha a sensação de estar a chegar à ponta de um fio, embora ainda não tivesse a certeza do que encontraria quando a alcançasse.

— Acho que não... — disse-lhe o Negro sem acreditar nas suas próprias palavras. — Embora às vezes a mim me parecessem muito pequenas... Mas um tipo, se bem me lembro, há cerca de três anos... disse-me que as mulheres dos filmes não eram menores... Que ele já tinha visto filmes mesmo com miúdas. É possível, já lhe disse que Serna também mentia sobre a idade das meninas do hotel...

Mas Sara já não estava a prestar atenção ao que ele dizia.

— Quem era esse homem? Quem lhe disse que tinha visto filmes com miúdas?

— Não sei... — O Negro tentou fazer um esforço para se lembrar. — Só o tinha visto duas vezes. Não ficou para passar a noite. Acho que só foi olhar.

— E ele disse-lhe mais alguma coisa sobre esses filmes com menores?

— Para dizer a verdade, não sei se se estava a gabar. Disse-me que tinha visto um com uma rapariga de treze anos que ainda brincava com bonecas...

Sara sentiu o coração acelerar. Agora é que estava perto. Muito perto.

— Conseguia reconhecê-lo se o visse numa foto?

— É possível — disse-lhe o Negro.

Quim encontrou-se com Álvaro à porta da Sociedade de Caçadores. Vinha recolher o seu carimbo para a batida aos javalis. O pai de Ana decidira subir ao monte com os outros homens da vila.

— Estão lá dentro — disse-lhe Quim —, a distribuir os postos.

— Tu vais lá acima? — perguntou-lhe Álvaro.

— Com o meu tio — respondeu Quim. — Vou sempre com ele.

Quase nunca disparava. Não era Quim quem levava a espingarda, mas o tio. Avisava Rafael onde via movimento, barulho de passos de javali. Pássaros que saíam a voar da floresta. Os cães de Román a ladrar, a assustar os animais.

Agora estavam numa carrinha de caixa aberta estacionada à porta da Sociedade; Román ia passeá-los pelo monte antes da batida, para irem farejando as camas dos javalis. Os podengos, brancos, mexiam-se, ansiosos pela chegada do momento em que lhes permitissem correr pelo monte Ármos.

— Eu nunca fui à caça — confessou-lhe Álvaro. — Já ficava contente se não desse um tiro no pé amanhã — gracejou.

Quim sorriu-lhe, incomodado, tão nervoso como os podengos. Desde que Ximena fora a sua casa na noite anterior, não parava de dar voltas à cabeça. O que devia supor. O que devia fazer. Deixou Ximena dormir no seu quarto, não queria voltar a casa com Nicolás. Uns minutos antes, tinha visto o veterinário na Sociedade, a recolher o seu posto. Rafael disse-lhe que estava a uns cem metros deles, no limite oriental da mata de *trémols*.

— Espera um momento, Álvaro — resolveu Quim dizer-lhe quando viu que ia entrar na Sociedade.

Talvez o dissesse só para a sossegar, comentara Rafael. Ou talvez tivesse medo de contar tudo o que sabia, pensava Quim. Por que razão Ana confessara a Ximena que Nicolás não era o homem que a raptara?

— Não sei se é importante, Álvaro — atreveu-se a dizer-lhe. — Ontem à noite, Ana disse a Ximena que Nicolás não era o homem que as tinha mantido no buraco... Se calhar, devias falar com ela. A ver se sabe mais coisas que ainda não contou...

Passados cinco anos, uma possibilidade enterrada voltava a ganhar vida. Saía da sepultura, como um doente terminal que ria novamente. E se pudessem encontrar Lucía com vida?

Sara atravessou a zona comum da esquadra com passadas rápidas. Atrás dela, o Negro e Víctor. Ao entrar no seu gabinete, apontou para a parede onde Santiago fixara as fotografias de todos aqueles que tinham alguma ligação com a investigação: os pais das raparigas, Álvaro Montrell e Joaquín Castán; também Marcial Nerín ou Nicolás Souto; Ismael Casella e Gaizka... Víctor ficou admirado ao encontrar-se a si próprio numa daquelas fotografias. Estava entre a do seu irmão, Román Gamero, e a de Rafael Grau. Quando é que o incluía naquela lista interminável de suspeitos?

— Olhe bem para elas — pediu Sara ao Negro. — O tal homem que lhe falou de filmes com menores... é algum destes?

O Negro deu um passo em direcção à parede. O mural de rostos. Os seus olhos viajaram de rosto em rosto à procura dos traços do homem que, uma noite, ao balcão do hotel, lhe dissera: «Eu vi filmes com miúdas a sério.» E que, quando ele lhe disse que não acreditava nele, lhe respondeu: «De

treze anos feitos há pouco tempo. Ainda brinca com bonecas.»

— Era este — disse o Negro, apontando com segurança para uma foto.

Sara sentiu um buraco abrir-se-lhe no estômago.

— Tem a certeza? — perguntou-lhe.

— Sim, lembro-me dele — confirmou-lhe o Negro. Tinha o dedo apontado para a foto de Simón Herrera. O «salvador» de Ana. O homem que morrera no carro onde aparecera a rapariga.

Tocou o telefone e o som espalhou-se por toda a casa. Ana perguntou à mãe se podia atender, mas Raquel estava na cozinha, a preparar o almoço, e pediu-lhe para ser ela a atender. Ana procurou o telefone sem fios no sofá, entre as almofadas. Ao terceiro toque, encontrou-o. Burgos estava na cozinha com a mãe dela; queria aprender a fazer o *recau* que ela estava a preparar. Sempre que o fizera, o agente da Guarda Civil repetira.

Ana atendeu e afastou-se da cozinha para evitar o barulho do exaustor e do lume.

Perguntou quem era e foi o silêncio que lhe respondeu. Depois, uma respiração entrecortada, que reconheceu de imediato. Passara cinco anos a ouvi-la, com aquele bafo a acariciar-lhe o rosto dia e noite.

— Ana... — ouviu Lucía a pedir-lhe. — Não continues a falar, por favor. Ele vai matar-me.

O soluço de Lucía foi interrompido por um sinal descontinuo. Desligara. Ele sabia que Lucía dissera o suficiente.

«Calças e camisa nova. Barba acabadinha de fazer. Por que razão não considerara tais pormenores?», interrogou-se Sara. O roupeiro com roupa já gasta de tanto uso, na casa de Simón. Deveria ter reparado que, para ele, aquele era um dia especial. Ia tirar Ana do buraco. Ia salvá-la.

Víctor conduzia em silêncio rumo à casa de Ana e avistava no espelho o rosto de Sara, tenso de culpa e raiva.

— Fica no carro — disse-lhe Sara ao sair. — Não podes interferir nisto.

Víctor aceitou a ordem. Ela tinha razão. Um erro na forma de actuação poderia deitar o caso por terra junto da procuradoria. Não se podiam permitir mais nenhum engano.

Sara tocou com insistência, até que Burgos lhe abriu a porta.

— O que é que aconteceu? — perguntou-lhe o guarda-civil.

— Onde é que está Ana? — perguntou Sara, irrompendo na sala.

Raquel saiu da cozinha, olhou para a sala e, como não viu a filha, disse: «Deve ter ido para o quarto.»

Poucos dias antes, Álvaro e ela tinham trazido móveis do centro comercial de Barbastro. A divisão deixara de ser o escritório de Raquel para se tornar novamente o da filha.

O quarto de Ana.

Sara subiu as escadas com passadas largas. Abriu a porta do quarto. Estava vazio. Com frustração, voltou ao corredor. Espreitou para dentro da casa de banho e do quarto de Raquel. Gritou pelo nome dela.

Ana já não estava em casa.

Atravessou a correr a estrada de Posets. Ouviu um carro passar atrás de si em direcção à vila, o barulho do seu motor. Ana embrenhou-se na montanha que começava do outro lado da berma. Monte Ármos. Subiu por um talude e perdeu-se na mata de *trémols* que crescia na ladeira. «Não digam nada, mentirosos», murmurou. Era um animal que tinha visto o caçador a entrar no seu território. E corria. Fugia montanha acima. Sem rumo. Longe daquele homem que não deixava de a perseguir.

Como conseguia continuar a farejar cada um dos seus movimentos?

*

Doía-lhe a cabeça. Sara piscou os olhos e levou os dedos às têmporas, como se pudessem conter a dor que se expandia pelo seu cérebro, enguias eléctricas que se retorciam dentro dela.

— Localiza a quem pertence o último número que ligou para casa de Ana — ordenou Sara a Pujante logo que entrou na esquadra.

Suspendeu a revista ao hotel de La Guardia. Todos os agentes disponíveis regressaram à vila para colaborar na busca de Ana. «Fica na casa», dissera a Víctor ao sair. «Não chames muito a atenção, mas preciso que coordenes o teu pessoal.» Pouco depois, também o cabo Sanmartín, do GREIM, se juntou aos agentes que faziam buscas pelas redondezas da urbanização Los Corzos.

Na esquadra só ficaram mais dois agentes. Pediu-lhes toda a documentação que tinham reunido sobre Simón Herrera no início da investigação.

Um homem que levava a vida de um fantasma, lembrou-se de ter pensado na altura.

Ao entrar no seu gabinete, olhou para a secretária. Os papéis continuavam arrumados, tal como Santiago os deixara. Toda a documentação resultante do caso desde então estava espalhada pelo

chão. Pequenas montanhas de papel.

«Acho que aqui há gato», dissera-lhe Santiago.

Sara sabia que o gato estava entre os relatórios em cima da sua secretária. Até agora, não soubera o que havia de procurar. As pastas tinham estado a olhar para ela em silêncio, recusando-se a revelar o segredo que Santiago levava consigo.

O que é que o levava até à empresa de Joaquín?

Simón Herrera, respondeu Sara a si própria. Chamou os dois agentes que estavam na esquadra. Quando entraram, repartiu pelos três as pastas que estavam sobre a secretária.

— O que temos de procurar? — perguntou-lhe um deles.

— Qualquer ligação entre Simón e a empresa de Joaquín.

Sara lembrou-se daquele pormenor pouco antes de Pujante entrar no gabinete. Quando revistou a casa de Simón, viu um carregador de telemóvel na gaveta da mesa-de-cabeceira. Não tinham encontrado nenhum telefone no carro.

Afastaram-se dele como estúpidos.

— O número que ligou — disse-lhe Pujante, incapaz de entender o que ia acrescentar em seguida — está em nome de Simón Herrera.

«Porquê, Ana? Porque é que me mentiste?», disse Sara para consigo.

A dor de cabeça era cada vez mais intensa.

— Estás bem? — perguntou-lhe Pujante.

Sara só teve forças para dizer que sim com um leve gesto. Disselhes: — Continuem à procura da tal ligação entre Simón e os camiões.

Em seguida, saiu do gabinete. Sentia o cérebro a palpitar dentro do crânio. Sentia-o bater nas paredes de osso, um louco manietado numa cela acolhoad.

Ia perder o controlo.

Recordou a imagem das águas do Ésera, a descerem, selvagens, o curso do rio, a cuspirem para fora do leito e a ameaçarem galgar-lhe as margens. Saiu da esquadra e tentou acalmar-se respirando o ar limpo, sentindo o calor de um Sol que nascera tímido naquela manhã de Agosto.

Noite de trovoad.

O seu cérebro soltava amarras. Lançava-se a um mar encrespado. Sabia o que a esperava; já estivera ali mais vezes.

A imagem dos dentes sujos com a carne de camurça apareceu-lhe diante dos olhos. Santiago mastigava o *ixarso* e, mais uma vez, o molho castanho pareceu-lhe sangue. Sangue vibrante como o que parecia banhar a camurça que viu ao lado do túnel do Ixeia. Molhado pela luz de um crepúsculo fervente de lava. Fogo. No peito de Santiago, deitado no chão dos Transportes Castán, a fervilhar de sangue nas bordas, com um buraco tão preto como aquela dentada na montanha que era o inacabado túnel de França. Uma escuridão tão densa que poderia prendê-la entre os dedos e que, de repente, se transformava nos olhos de animal assustado de Ana. Aqueles olhos que não queriam desvendar o que havia dentro dela. O que tinham visto. Pequenos túneis escuros que lhe trouxeram a recordação dos homens que a visitavam nos pesadelos. Vulcões pretos. Invertidos. Tornados de escuridão.

Deu consigo ajoelhada no pinhal onde tinham desaparecido as raparigas. Chorava de impotência, de raiva. De toda a dor que percorria o subsolo de Monteperdido, raízes doentes daquele pinheiro, que sentia a sair da terra e a atravessar-lhe a carne. Entravam putrefactas dentro dela, colonizavam-na como um cancro arroxado e eivado de pústulas, até que uma daquelas raízes lhe saía pela boca, e Sara, derrotada, deixou-se cair ao chão.

Estava a ficar louca? Teria vomitado?

O telemóvel tocou no bolso da sua *sweatshirt*, mas não se sentia com forças para pegar nele.

Virou-se no chão até ficar deitada de barriga para cima. O sol atravessava as folhas dos pinheiros com feixes dourados e pulverulentos.

Notavam-se umas manchas pretas no seu campo de visão, efeito, porventura, de estar a olhar para o crepúsculo de forma tão directa. Manchas pretas que lhe pareceram os olhos de Ana. Pérolas escuras que, de repente, explodiram no ar, convertidas num bando de melros que batiam as asas por cima dos pinheiros.

Não procures a verdade nos seus olhos, mas no olhar dos que a observam. São eles que lhe dão forma. Só existimos no espelho.

Sentiu uma mão gelada segurar-lhe no braço e puxá-la. Uma respiração penosa, na nuca; alguém a levantava do chão e lhe murmurava ao ouvido: — O que se passa contigo, porra?

Um suor frio correu-lhe pela testa, mal conseguia focar o mundo que a cercava, as árvores do pinhal, a figura rechonchuda que, a muito custo, conseguia sentá-la junto a um tronco.

— Toca a abrir a boca — disse-lhe aquela figura.

Viu-a vasculhar numa bolsa que trazia à cintura, mas era incapaz de lhe definir os traços, a pele esverdeada, reflexo da cor das folhas; metia-lhe os dedos entre os lábios e obrigava-a a abrir a boca. Depois, o sabor amargo de um comprimido sob a língua.

— Respira com calma, está tudo bem — ouviu-a dizer. — É só ansiedade.

Fechou os olhos e voltou a ver aqueles homens sem traços que a visitavam em sonhos. Pesadelos. O buraco preto que se abria no centro da sua cara. Encheu os pulmões de ar e, aos poucos, foi recuperando o controlo. Afastou o cabelo da testa, colado devido ao suor. Ao abrir os olhos, viu Caridad; de cócoras, diante dela, com a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, como um gato curioso que espera que o rato volte a mexer-se para lhe dar uma patada.

— O que é que me deu? — perguntou Sara a custo.

— Veneno para ratazanas — respondeu-lhe ela. — Ia dar-te o quê, criatura? Um ansiolítico. E, se não deixares de fazer asneiras, ainda levas mas é um tabefe.

Sara endireitou-se ligeiramente. Olhou em seu redor, tentando descobrir onde se encontrava, recordar como chegara ali.

— Sara Campos — disse-lhe Caridad, segurando-lhe no queixo e obrigando-a a olhar para ela. — Estás a ver-me? Olha para mim com atenção, porque tenho nariz e uns olhos verdes do caraças. Estás a vê-los?

A polícia assentiu; dissera alguma coisa sobre aqueles homens sem rosto?

— Não me podes pregar sustos destes, *Deu*. Se quiseres morrer ou coisa do género, não o faças perto de mim, porque já me afeiçoei a ti.

— Não vou morrer.

— Ainda bem.

Caridad ficou em silêncio. O vento agitava-lhe ligeiramente os caracóis, ondas de um mar que abrandava. Os seus olhos saltitões percorriam o rosto de Sara, adivinhando nos seus músculos o efeito do comprimido que lhe dera. O maxilar da polícia relaxava; a seguir, Sara enxugava uns olhos húmidos e ensaiava um sorriso que tentava transmitir-lhe tranquilidade.

— É verdade que vês esses *ómes* sem cara quando estás a dormir? — perguntou-lhe Caridad. — E eu que pensava que eu é que não era boa da cabeça.

— Acho que disse um disparate — defendeu-se Sara.

— Porque tens vergonha?

— Tenho de trabalhar, Caridad — Sara tentou evitá-la. — Não posso ficar aqui... — Mergulhou a mão na terra da floresta e ergueu-se.

— O que acontecerá se não conseguires encontrar as raparigas?

Sara ouviu os joelhos de Caridad a ranger quando esta se ergueu. A mulher apoiou-se na árvore e sacudiu as perninhas, que pareciam dormentes. Sara olhou para o caminho que a conduzira ao interior do pinhal.

— Filhota, tens de estar preparada para te enganares. Para perder — murmurou Caridad. — Eu perco todas as noites contra as minhas insónias.

— Mas algumas vezes ganha.

— Muito poucas, como sabes.

Não havia nenhum vislumbre de ironia nas palavras de Caridad. Tinha sido um sapo bondoso, um duende e um gato aos olhos de Sara. Agora, era apenas uma mulher de sessenta anos que não conseguia dormir. Esgotada. Carne e osso de uma batalha diária contra algo tão esquivo como o sono. Perdedora muitas vezes, mas nunca derrotada. Sara recordou a sua própria infância. A frustração da rejeição dos pais e a busca de um responsável. Uma busca talvez inconsciente, mas que a levou a encontrar uma resposta em si própria: era ela o erro. Era ela o problema. E tentou aperfeiçoar-se; construir uma Sara sem falhas nem fendas. Quem pode crescer sem um único buraco? Sabia que aquela tensão era a causa dos seus pesadelos; dos homens sem rosto que, como juízes, lhe vigiavam os sonhos. Observavam-na, imunes à sua dor, como um espelho preto, condenando em silêncio cada um dos seus equívocos. Má filha. Má polícia. Não há maior castigo que o auto-imposto. Uma exigência que costumava reclamar também nos outros: Víctor. Porque é que não podia perdoar-lhe?

— Para usufruirmos de uma boa noite de sono, por vezes é preciso passarmos uma ou outra em branco.

— Eu tento, Caridad. Tento mesmo — confessou-lhe Sara.

— Então é suficiente.

Sara sorriu, agradecida, quando Caridad se aproximou dela e lhe pôs a mão rechonchuda sobre o ombro.

— É para isso que serve a vida: para tentarmos — murmurou-lhe como se fosse uma despedida.

«Continua a correr», dizia Ana com os seus botões. Montanha acima. Um carreiro pedregoso

junto a um barranco — como é que Quim disse que se chamava? La Camera? Deixara para trás a mata de *trémols* e subia à montanha por aquele caminho em espiral até ao cume. Até ao circo de Tempestades. «Por muito que corras, não poderás deixar para trás a vergonha», disse para consigo. «O medo.»

— O que querias que fizesse, Lucía? O que querias que fizesse? — gritou ao monte Ármos.

Ele olhava para o perfil da montanha, para o seu cume, como se fosse a garupa de um animal contra o céu límpido de Agosto. De madrugada, tinha de ir à caça. Tivera tudo e, antes de o perder, disse para consigo, preferia matá-lo. Ia roubar o seu duende à floresta.

— Aqui há um erro — disse um dos agentes.

Pujante olhou para o seu colega, levantando por um instante o olhar dos papéis que recebera a incumbência de rever.

— O que se passa? — perguntou Sara.

Os agentes viraram-se para ela quando a viram entrar novamente na sala da esquadra. Estava pálida, uma sombra amarelada desenhava-se sob os seus olhos. Sujara a *sweatshirt* e a terra também lhe ensombrecia as calças de ganga. A polícia deixou-se cair numa cadeira afastada dos agentes. Apanhou o cabelo com as mãos e fez um rabo-de-cavalo.

— Zacarías Gutiérrez — começou por dizer o guarda-civil. — O contrato dele continua activo, mas há quase um ano que não trabalha na empresa de Castán, onde antes era segurança...

— Eu conheço-o. Agora trabalha na zona industrial de Barbastro — recordou Sara.

— Foi pedida uma listagem de antecedentes criminais antes de ter acontecido aquilo a Gaizka, vês a data? Por isso é que digo que foi um erro.

Sara pegou na listagem de antecedentes criminais de Zacarías. Supôs que Santiago a tivesse pedido por mera rotina. Uma detenção por furtos menores. Uma condenação de três meses por tráfico de estupefacientes. Ao princípio, pensou que era isso que o relacionava com Gaizka. Foi então que viu o nome da prisão: Martutene, San Sebastián. De 3 de Maio de 1992 a 7 de Agosto do mesmo ano. Sem soltar a folha, procurou o processo de Simón. Tinha sido condenado por posse de pornografia infantil. Anos: de 1989 a 1993. Prisão de Martutene, San Sebastián.

Zacarías e Simón tinham estado na prisão ao mesmo tempo.

Era essa a descoberta de Santiago. Foi isso que o levou à empresa de Joaquín Castán.

Não sabia que Zacarías já não trabalhava lá. Um erro que o colocara na pista certa.

— Emite um mandado de busca e captura contra Zacarías Gutiérrez. Avisa a polícia de Barbastro: não pode escapar-nos. — A seguir disse a Pujante: — Tu vens comigo.

Depois de se certificar de que ninguém tinha visto Ana na estrada da escola nem a entrar na vila, Víctor delimitou a área de buscas à zona que se encontrava atrás da urbanização Los Corzos. Um grupo de agentes deslocou-se também para o pinhal onde as raparigas tinham desaparecido. Os outros foram-se espalhando em frente à montanha que ficava do outro lado da estrada de Posets. O Monte Ármos era uma zona difícil de explorar: a densidade da mata de *trémols* e mil carreiros que se perdiam na montanha, algumas zonas de cerquinhos, o barranco de La Camera, que cortava a montanha, o riacho que serpenteava unindo os lagos e que nascia no glaciar. Esse era um dos lugares favoritos dos corços; junto aos lagos cresciam madressilvas e, em inícios de Outono, os cerquinhos deixavam o chão coberto de bolotas. O circo de Tempestades. O anfiteatro que a Natureza construíra lá em cima.

Viu Quim correr na sua direcção.

— Onde está Ana? — gritou-lhe.

Víctor disse-lhe para se acalmar. Iriam certamente encontrá-la em breve, mas sentiu um nó na garganta quando olhou para a estrada e viu Raquel e Álvaro abraçados. Ela tinha o rosto mergulhado no ombro do marido. O olhar azul de Álvaro erguia-se em direcção à montanha e um vento suave começou a agitar os seus cabelos brancos.

Um vento que, agora, também percorria as folhas dos *trémols* e as fazia tocar com aquele redobre que, por vezes, parecia um riso.

Víctor apercebeu-se de que, quando chegasse a altura certa, não ia ser capaz de lhes dizer que tinham perdido a filha.

«Um dia ainda te mato», dissera-lhe. E aquelas palavras eram uma mira telescópica cravada na sua nuca. Ana suave, cansada. Nem sequer o vento que se levantara, frio, parecia suficiente para afastar o calor. «Um dia ainda te mato.» Era aquela a sua mordada. Quando a levaram pelos corredores do hospital para a deixarem no quarto, conseguiu vê-lo. E se a deixasse escapar como parte de um jogo de caçador? E se os seus olhos a estivessem a observar agora? Como naquele dia no hospital, quando o seu olhar se fixou nela e sentiu que lhe dizia: «Um dia ainda te mato.»

Até agora, poupava-lhe a vida.

Até que falou de mais.

Lamento imenso, Lucía, dizia a si própria, vezes sem conta, como se conseguisse ouvir-lhe as desculpas.

Chegou ao circo, caminhou até à beira do lago e encontrou a sua própria imagem reflectida na água, que ondulava suavemente sob efeito do vento. «Odeio-te, Ana», disse para consigo.

*

Joaquín deixara a sua espingarda na cama. Estava a preparar as coisas para a batida de javalis, a sua arma, a roupa de caça, o cinto com as balas, quando a Guarda Civil lhe entrou em casa para o avisar de que Ana desaparecera. Ouviu os agentes perguntarem a Montserrat e ela a dizer-lhes que não era possível: como podiam tê-la perdido? A rapariga é que tinha fugido, explicaram-lhe. Joaquín desceu as escadas com uma dúvida a tornar-se cada vez mais forte dentro dele: por que motivo fugira? De que fugia Ana? Deteve-se a meio do lance de escadas; os agentes, instalados na sala, viraram-se para ele e observaram-no. Os seus olhares temiam a reacção de Joaquín. Montserrat estava a dizer-lhes que eles não tinham visto Ana durante todo o dia. O que sucedera antes de Ana desaparecer? O que desencadeara a sua partida? Joaquín conteve as perguntas. Ele perdera a guerra, já o assumira. Era um soldado repatriado, que ouve notícias da frente mas já não pode fazer nada.

— Sabem onde está Quim? — perguntou Joaquín, e teve a impressão de que era a primeira vez, em vários anos, que o filho se convertia no centro dos seus medos.

A Guarda Civil batia a ladeira do monte Ármos. Um habitante da vila confirmara as suspeitas de Víctor: vinha de carro de Posets quando lhe pareceu ver Ana a atravessar a estrada em direcção ao monte. Com cerca de vinte metros de separação entre agentes, deram início à subida do talude pelo qual se tinha acesso à montanha. Aos poucos, foram-se embrenhando na mata de *trémols*.

O barulho das folhas, que entrechocavam, agitadas pelo vento, parecia aplaudir o que faziam.

Quim conhecia bem o terreno. Entre os choupos-tremedores nasciam os carreiros que escalavam a montanha. Primeiro, em declive suave, até chegarem à zona mais densa da floresta, onde as árvores se convertiam numa espécie de muro contra os forasteiros, uma medida de protecção do monte. Ali era fácil uma pessoa perder-se, caso se desorientasse ou deixasse de lado os trilhos sinalizados. Quim conhecia outros caminhos, esquecidos sob as folhas e a folhagem da floresta. Como os javalis que faziam a cama naquela zona, ele não precisava de setas nem de sinais para atravessar a mata de *trémols*.

Se Ana se tivesse embrenhado naquela floresta, não seria fácil encontrá-la. Quim sabia disso e seguia os agentes da Guarda Civil, que avançavam por entre os choupos. Com uns metros de separação entre eles, mas suficientemente perto para se poderem ver uns aos outros, a batida avançava lentamente, certificando-se de que não passavam ao lado de uma única sombra daquela floresta.

As folhas dos *trémols* continuavam a aplaudir o trabalho, e o barulho agudo que produziam começava a cravar-se nos seus ouvidos, como um giz que arranha o quadro de ardósia.

Mais acima, atrás da floresta, a subida tornava-se mais íngreme. Alguns carreiros corriam perigosamente à beira do despenhadeiro de La Camera. Ladeiras de vinte, cem, duzentos metros. Foi então que Quim recordou como dava a mão a Ana para ela não escorregar nos calhaus. Continuaram a subir até também deixarem para trás os cerquinhos e os pinheiros-negros e alcançarem o primeiro lago do monte Ármos. Ao pé do circo de Tempestades estavam as suas águas frias e cristalinas. As marmotas que os observavam, curiosas, enquanto Quim tentava ajudá-la a vencer o seu medo da água. «Quem me dera ficar aqui para sempre», dissera-lhe ela enquanto aprendia a flutuar.

Afastou-se dos guardas-civis e correu entre os *trémols*. Talvez estivesse enganado, mas, naquele momento, quis convencer-se de que, se Ana fugira à procura de um lugar seguro, esse lugar era o lago de Tempestades.

*

Simón Herrera era uma ferida que em Sara não deixava de sangrar. O seu perfil manso, calado, a sua vida à sombra da realidade, um casamento que mais parecia um álibi, uma mulher que jamais poria em dúvida as suas palavras. Um homem atormentado pelo desejo. Pela atracção por raparigas. Calças novas, camisa nova. Um telemóvel que nunca tinham encontrado. As erupções nos seus pés e nas barrigas das pernas. O roçar tóxico da flor da orelha-de-urso. Não tinha sido provocado por um contacto casual, esporádico, mas pelo caminho habitual que percorria até ao refúgio, nos dias em que ficava a observar ao longe, sentado entre as tais flores, cobertas de pêlos quase invisíveis que lhe provocavam a alergia.

Imaginou Simón Herrera ao balcão do hotel de La Guardia. A beber em excesso enquanto falava com o Negro. Na sala do primeiro piso, uma festa, talvez uma orgia, onde projectavam falsos filmes

pornográficos com menores. Simón, vaidoso, sentia-se superior a todos aqueles ricos que pagavam fortunas por um engano. As meninas a que se abraçavam, com as quais subiam aos quartos, não eram meninas.

Ele já tinha visto como era uma menina.

Tal prepotência fê-lo falar de mais: «De treze anos feitos há pouco tempo. Ainda brinca com bonecas.» Ao recordar o que lhe dissera o Negro, pensou em Lucía. Naquelas Barbies, com as quais perdia horas e nas quais desenhava outras expressões com os seus marcadores, testemunhas silenciosas do que ocorria no buraco quando ficava a sós com ele.

Talvez por isso Lucía tivesse decidido desfazer-se delas. As bonecas tinham visto demasiado. Os seus olhos de plástico recordavam-lhe o que se passava naquelas noites, o que ela não conseguia suportar.

No entanto, Simón não parecia pessoa capaz de conceber tal rapto. Simón podia ser o carcereiro. O homem que escolhia roupa nos grandes armazéns de Perpignan. O que fazia os recados para o deixarem espeitar por uma fresta. Mas não o que construía uma cave sob um refúgio abandonado. O que era capaz de levar uma vida normal, entre os restantes habitantes de Monteperdido, enquanto mantinha Ana e Lucía em cativeiro.

A ferida de Simón continuava aberta. A sangrar. Os erros e os pormenores que deixara escapar magoavam-no conforme vinham à superfície, embora tentasse contê-los, pensar nas palavras de Caridad; assumir a derrota como parte do caminho.

Dois homens cujos traços se confundiam nas descrições dadas por Ana.

Simón era de estatura média, a puxar para o baixo, com uns quilos a mais e pouco pêlo nos braços, cabelo curto e ondulado. Pele de um branco-leitoso. Movimentos desajeitados, indecisos: o homem que se limitava a abrir o alçapão para lhes dar comida e água.

O outro era mais alto que as raparigas. Não era magro, mas de complexão forte. Cabelo liso, que aliás mantinha bastante curto. Pele morena e gestos firmes, seguros.

Era esse o homem que apontara uma espingarda a Ana e a avisara de que, um dia, a mataria.

Era esse o homem que continuava livre em Monteperdido. O que tinha de encontrar, se quisesse dar com Lucía.

Ao chegar à urbanização Los Corzos, Sara observou a casa de Lucía e recordou a forma como Ana olhara para ela ao regressar de um dos seus passeios pela vila. Como escondeu o rosto e estugou o passo para se refugiar na sua própria casa. Quem estaria ali naquele momento? Quem é que tinha visto que lhe metia tanto medo?

Enquanto deixava para trás as casas e se aproximava do monte Ármos, Sara pensou no fio que ligava Simón a qualquer um dos que estavam presentes naquele dia na casa de Lucía.

Foi na prisão de Martutene que Simón conheceu Zacarías, que trabalhou durante vários anos como vigilante na empresa de camionagem de Joaquín Castán.

— Ainda não há rasto de Ana — informou-a Víctor quando a viu chegar. — Tens alguma novidade?

O telemóvel de Sara começou a tocar e ela atendeu com a esperança de receber notícias da Polícia de Barbastro.

— Detiveram Zacarías Gutiérrez — informou-a um agente do outro lado da linha. — Estão a trazê-lo para a esquadra.

O cerco estava a ficar apertado.

— Deixa-me ir contigo — pediu-lhe Víctor quando ela lhe contou que tinham detido Zacarías; era esse o elo de ligação entre Simón e a empresa de transportes. A razão pela qual Santiago se apresentara ali naquela noite.

— Porque foste tão imbecil? — respondeu-lhe Sara com raiva. — Preciso de ti, mas não posso ter-te ao meu lado. Estás fora.

— Não entrarei na sala de interrogatórios, mas deixa-me vê-lo. Conheço Zacarías: posso ajudar-te.

«O que vamos fazer? Talvez devêssemos suspender tudo», disse Román. Os seus podengos brancos ladravam sem parar na parte de trás da carrinha. Via-os a saltar, nervosos, a espreitar pela janelinha, como se já conseguissem farejar o rasto das suas presas. Preferiu guardar silêncio enquanto os demais procuravam uma resposta. Pensou nos javalis, adormecidos na floresta, alheios ao facto de alguém estar a debater a sua sorte. No dia seguinte, muitos estariam mortos àquela hora. Esfolados e pendurados na Sociedade de Caçadores. Entre as pernas, tinha a espingarda. Lubrificada, pronta para procurar uma boa presa, e, consciente da dificuldade, sentiu-se excitado. Como se se aproximasse o melhor dia de caça da sua vida.

*

Víctor ligou o intercomunicador para ouvir a conversa entre Sara e Zacarías do outro lado do

espelho. O vigilante não deixava de se mexer sobre a cadeira, incapaz de encontrar posição para um corpo com excesso de peso, mole. Vestia calças de ganga e uma camisa aos quadrados, suja e manchada de suor, e não o uniforme com o que o tinham visto na zona industrial de Barbastro. Após a detenção de Gaizka e o seu envolvimento naquele caso, tinha sido despedido.

— Achas que vai contar-nos alguma coisa? — perguntou-lhe Pujante, sentando-se atrás de Víctor.

Víctor virou-se para o jovem guarda-civil. Parecia esgotado, de tal forma que não era capaz de continuar de pé, um cansaço que era mais produto da frustração do que do esforço físico. Até àquele Verão, Pujante ajudara apenas em tarefas de resgate de um ou outro excursionista perdido. Rumores de caçadores furtivos. O que estavam a viver era diferente. Os homens junto aos quais, porventura, dançara perante a imagem da Virgem nas festas de Monteperdido, os mesmos com quem partilhava o vinho e os dias de caça no monte, a carne de javali estufada, entre piadas e silêncios, estavam a mostrar a sua pior face. Os seus segredos. Víctor não era uma excepção, e o guarda-civil conseguiu notar a decepção no olhar do colega. Toda a gente parecia ter estado a esconder as suas vergonhas sob a neve de uma falsa normalidade. Que género de família vivia naquele vale?

— Continuo a não fazer a mínima ideia da razão por que me trouxeram para aqui — ouviu Zacarías a protestar.

Por um instante, Sara ergueu o olhar dos papéis que tinha sobre a mesa e sorriu-lhe, mas não disse nada. Manteve o seu mutismo e voltou a concentrar-se naqueles documentos, embora Víctor soubesse que não estava a ler nada. Apenas pretendia enervar Zacarías. E, pelo seu olhar, incapaz de se manter demasiado tempo fosse onde fosse, parecia que estava a conseguir.

— Isto até deve ser ilegal — murmurou Zacarías, tenso.

— Estamos a rever a detenção de Gaizka e temos suspeitas de que você não se limitava a esconder a mercadoria na zona industrial. — Sara fechou as pastas que antes revira, deitou-se para trás na sua cadeira e cravou os olhos no vigilante. — Ajudava-o a meter a droga na vila, não ajudava? Antes, quando trabalhava no armazém de Joaquín Castán, e, agora, a partir da zona industrial de Barbastro.

— Não sei onde foi buscar isso. Não é da minha conta saber o que há nas caixas — defendeu-se Zacarías, sem conseguir ocultar um tremor de dúvida nas suas palavras.

— Se calhar foi Gaizka quem nos contou. — Sara estava a experimentá-lo. A atingi-lo para o atordoar.

— E vão fiar-se na palavra de um passador?

— Até a palavra de um pederasta nos serve, se ele conseguir provar o que diz.

Zacarías escondeu as mãos debaixo da mesa. Não era tão estúpido como podia aparentar. O guarda gordo e mandrião, que tentava escudar-se na incompetência, apercebera-se da porta que Sara acabava de abrir. Não estava ali por causa de Gaizka. Não era a cocaína, nem sequer o homicídio do outro polícia, que lhes interessava agora. Era apenas uma desculpa para o trazerem sem mostrarem as cartas.

— Lembra-se de Martutene? — perguntou-lhe Sara.

— Isso foi há muito tempo.

— Não foi assim há tanto tempo que não se consiga lembrar dos amigos que fez por lá.

— Só estive lá três meses. Não fiz amigos.

— Parece-me um tipo simpático, Zacarías. Não me parece pessoa para ficar enfiada num canto sem falar com ninguém. Nem sequer se lembra do seu companheiro de cela?

— Porque não me pergunta directamente o que quer saber...? — Zacarías terminou a pergunta de forma abrupta, como se gostasse de ter acrescentado mais uma coisa.

— Cibra, é o que ia chamar-me, Zacarías?

Ele apercebeu-se de que estava encurralado. Preferiu fechar a boca, embora mantivesse um olhar desafiador sobre Sara. Não ia obrigá-lo a entrar onde ele não queria.

— Esteja sossegado, não me vou armar em feminista, Zacarías. Incomoda-o ter aqui uma mulher à sua frente, isso eu percebo. A mim incomoda-me ter um gordo asqueroso do outro lado da mesa, mas foi o que nos calhou. Assim sendo, que tal despacharmos isto e terminarmos quanto antes?

— Não é preciso ser tão desagradável.

— Peço desculpa, ofendi-o? Lamento imenso, a sério — disse-lhe Sara com um sorriso. — Está todo suado, Zacarías. Tem calor?

— Estou bem.

— Simón Herrera. Que tal falarmos dele? Foi seu companheiro de cela em Martutene.

— E o que quer que lhe diga sobre ele? — respondeu-lhe, encolhendo os ombros. — Não sei onde pára agora.

— Morto e enterrado — respondeu-lhe Sara.

— Pois, e o que é que eu tenho a ver com isso? — Zacarías tentou fingir uma surpresa que mais

parecia indiferença.

— Não lê jornais?

— Só as páginas de desporto.

— Faz bem. Assim, uma pessoa vive mais sossegada — disse-lhe Sara enquanto começava a procurar qualquer coisa entre os papéis que havia sobre a mesa. — Eu passo a informar: Simón Herrera resgatou Ana Montrell. Uma das raparigas desaparecidas há cinco anos em Monteperdido. Esta história diz-lhe alguma coisa?

— Não sabia que tinha sido ele — disse-lhe Zacarías.

— Vou contar-lhe um segredo: pensávamos que ele era um santo. Mas, afinal, não era. Simón era um dos homens que retiveram Lucía e Ana. De santo não tinha nada, Zacarías — disse Sara, pegando no papel de que estivera à procura. — E, como você não é parvo, acho que suspeitava de alguma coisa.

— Se estão a tentar meter-me na merda do rapto, não têm sorte nenhuma...

— Está a ver esta guia? É para o seguro. Há cerca três anos, o seu carro avariou-se perto de Ordial. Você telefonou para o seguro para o virem buscar. E quem apareceu no reboque? Simón Herrera. O seu companheiro de cela.

— E é com essa merda que me vão implicar no rapto das raparigas?

— Zacarías, tem muito por onde escolher. Gaizka. Tudo o que fez com ele enquanto trabalhava para Joaquín Castán. A sua cumplicidade na morte de Santiago. Porque, se calhar, sabia o que Gaizka tinha feito e esqueceu-se de denunciar tal facto à Polícia. Podemos esquecer-nos de tudo isso se nos contar o que queremos saber sobre Simón.

Zacarías deixou escapar um sorriso. A polícia estava a enfiar o pau na toca sem saber muito bem o que havia lá dentro. Como os caçadores, tinham soltado os cães para assustar os animais. Mas ele não era um animal. Sabia que, se ficasse quietinho, teria mais possibilidades de sobreviver.

— Simón era de poucas palavras. Quando veio rebocar-me o carro, disse-me que vivia perto de Ordial e que trabalhava com a grua... Deixou-me na oficina de Barbastro e não voltei a vê-lo. Não sei o que poderei contar mais sobre ele.

— Que tal experimentar dizer a verdade? Se calhar, convence-me um pouco mais.

— Parece não gostar desta versão, mas foi o que se passou.

Sara reparou que Zacarías se fechava em copas, sentindo-se cada vez mais seguro no seu silêncio. Talvez tivesse mais medo de que o envolvessem no rapto do que das acusações que poderiam recair sobre ele devido à sua relação com Gaizka. Sabia que não podia retê-lo na esquadra, tal como sabia que o seu tempo se estava a esgotar. Não tanto para ela como para Lucía. O que é que Ana fizera para provocar a intervenção do raptor? O que dissera? Sem se aperceber, talvez tivesse dado um nó na corda que envolvia o pescoço de Lucía. Por isso é que fugira, incapaz de assumir que salvara a sua vida a troco da morte da amiga.

Teve de recorrer a uma mentira.

— A mulher de Simón contou-nos que ele costumava encontrar-se consigo, Zacarías. — E mediu a reacção deste às suas palavras. «Sobre areias movediças, é necessário caminhar com pé firme», pensou, e, depois, acrescentou: — Mas a ela não lhe contava o que faziam. As noites de putedo, as festas no hotel de La Guardia.

Zacarías tentou manter a calma, mas os seus gestos denunciavam-no. Evitava encontrar-se com o olhar tenso de Sara, as mãos continuavam escondidas debaixo da mesa e tinha de se esforçar para controlar a respiração. «Aguenta», disse para consigo.

— Quer que mande vir um empregado de mesa do hotel para o identificar? Para nos dizer que estava com Simón? — insistiu Sara. A sua intuição fora certa, e precisava de continuar a pressioná-lo.

— Preferia que mandasse vir um advogado, caso pretenda acusar-me de alguma coisa.

Sara relaxou o semblante. Não queria que Zacarías fizesse isso: recusar-se a falar, dilatar o processo até arranjar um advogado, planejar as suas palavras antes de as deixar escapar.

— Há uma rapariga de dezasseis anos desaparecida: vai tirar-nos a oportunidade de lhe salvar a vida, Zacarías? — Sara implorava e sabia que isso era um erro. Era entregar a sua derrota, mas, nesse momento, pouco mais podia fazer.

— O problema é que eu não posso fazer nada para vos ajudar, parece que não quer perceber.

Víctor ergueu-se da cadeira onde estivera sentado a seguir o interrogatório. Saiu do aposento, deixando a porta bater na mesa ao abri-la. Atravessou a zona comum da esquadra e, com raiva, arrastou tudo o que havia em cima de uma secretária. O candeeiro de mesa, o teclado do computador e as pastas caíram ao chão com um estrondo de impotência. Olhou para trás. Na sala, Pujante deixava cair a cabeça sobre as mãos, desesperado e farto. Tanto como ele. Fartos de enfrentarem o muro de egoísmo de toda a gente. Cada qual a defender as suas pequenas misérias

sem se importar com as consequências.

Viu Sara a falar com Pujante antes de a polícia ir para o seu gabinete. Percebeu que o mandara pôr Zacarías em liberdade. Não teve forças para falar com ela. Ele tinha sido tão ruim como Zacarías. Saiu da esquadra e, na rua, viu o Sol começar a deixar-se cair atrás dos cumes. O monte Ármos adquiria no ocaso um tom encarnado.

O tempo empenhava-se em manter o seu ritmo. O seu passo. Pouco se importava que fosse demasiado rápido para eles.

A superfície do lago tingiu-se de vermelho e Ana imaginou um lago de sangue. O crepúsculo acariciava a lâmina de água antes de se apagar a oeste, para além do monte Albádes. Nem sequer aquele lugar lhe deu a paz que procurava. O circo de Tempestades, atrás de si, também recebia os últimos raios como uma idosa, velha e cansada, que, sentada à intempérie, fecha os olhos e deixa que aquela luz que se extingue lhe acaricie as rugas, as cicatrizes. A neve vermelha do glaciar resplandecia no seu cume.

O corço continuava em decomposição no sopé do circo, pouco mais do que ossos e vísceras. À sombra dos escassos pinheiros-negros que cresciam à volta do lago. Em breve não passaria de uma mera marca.

Ana ouviu um barulho e pensou nas marmotas que saltavam de ramo em ramo e se escondiam atrás das pedras, mas, ao ver a sua silhueta aparecer à distância, afastou-se da beira do lago e procurou abrigar-se entre os pinheiros.

— Não te escondas! — gritou-lhe Quim.

Mas Ana escondeu-se entre as árvores.

Quim apercebeu-se de que estava a correr e obrigou-se a parar, a diminuir o ritmo dos seus passos. Estaria a assustá-la? De forma instintiva, começou a comportar-se como um caçador à espreita. Deu pequenos passos, olhou para a floresta para tentar adivinhar por onde a sua presa poderia tentar fugir. Sem que ela se apercebesse, conduziu Ana para uma saída que, na realidade, não o era.

Ana agachou-se atrás das árvores e viu a sombra de Quim a desdobrar-se no chão, a aproximar-se dela. À sua esquerda, Ana tinha um carreiro que descia pela montanha até ao rio.

— Estou sozinho, Ana. — Quim continuava a falar-lhe aos gritos. — Não sei o que se passou, mas não tenhas medo. Eu não vou fazer-te nada.

Quim não se importava muito com o que dizia, mas sim em saber se ela o ouvia. Saber onde ela estava a cada instante, que direcção tomava. As suas palavras eram os latidos dos cães levados pela trela, os disparos para o ar. Enquanto isso, olhava para o carreiro que, aparentemente, conduzia ao rio.

Ana caminhou silenciosa em direcção à saída. Tinha-se visto nos olhos de Quim; descobrira-se como a mulher que gostaria de ser, não a que tinha sido. E correu com todas as suas forças quando as árvores abriram alas a uma clareira.

Quim adivinhou que ia sair quando viu uns ramos mexerem-se. Sabia que não era preciso correr. Ana não conhecia a montanha como ele. O carreiro subia ligeiramente, e essa subida ocultava o despenhadeiro que, do outro lado, cortava o caminho. Não havia nenhuma saída.

Ana pensou que escapara, mas, quando transpôs o monte, apercebeu-se de que o caminho era um engano. Não existia para além da elevação do terreno e, mais abaixo, a montanha mergulhava, abrupta, numa queda a pique de várias dezenas de metros. O despenhadeiro de La Camera. Ao fundo, o riacho que descia do monte Ármos e que ela pensara que seria a sua escapatória. Olhou para trás e viu Quim aproximar-se dela, tranquilo.

— És como um corço. Mas cacei-te — disse-lhe.

— Deixa-me, Quim. Não quero ver ninguém. A ti muito menos...

— O que é que eu te fiz?

— Gostas de mim.

Ana conteve um soluço e uma tentação ao olhar para o barranco que se abria aos seus pés: saltar.

— E isso é mau? — perguntou-lhe Quim, segurando-lhe uma mão.

Quim chegou Ana ao peito e reparou que estremecia, rejeitando o seu carinho e necessitando dele ao mesmo tempo.

— Não te contei tudo o que sei... — reconheceu Ana, enroscando-se-lhe entre os braços.

— Temos de esquecer algumas coisas para continuarmos a viver.

— Lucía não se vai esquecer — disse-lhe.

As suas palavras irromperam então, selvagens e violentas como facas lançadas ao ar que caíam sobre si mesma.

— Odiava-a — disse-lhe. — Queria prejudicá-la. Prejudicá-la a sério. — E também: — Quando falava comigo, respondia a cuspir-lhe.

Ana agarrava-se com força a Quim. Talvez temesse que ele a afastasse com asco a qualquer altura. Não procurava justificações, só deixava escapar uma confissão que ocultava desde que saíra do buraco. O homem que as raptou só queria Lucía; a ela repudiava-a, desprezava-a. Ana viu todos os caprichos de Lucía serem satisfeitos enquanto a ela lhe arrebatavam os seus pequenos prazeres: os livros. Lucía, cansada de a ouvir ler em voz alta, pediu um dia àquele homem que levasse os livros dali para fora. Que os queimasse. O ódio não surgiu da vingança, mas da inveja. O homem adorava Lucía da mesma forma que um crente se prostraria diante de um Deus. Por que razão não podia sentir o mesmo por ela? Por que razão não lhe podia dedicar um sorriso, uma conversa, uma carícia? O que tinha Ana que lhe provocava tanta repulsa? Não podia enfrentá-lo a ele, mas sim a Lucía. Ana sabia que precisava tanto da sua companhia como ela do amor do raptor.

— Sentia-me morta naquele buraco — disse a Quim. — E queria viver — acrescentou.

Transferiu toda a sua ira para Lucía; fez pouco dela, bateu-lhe, obrigou-a a enfrentar o sexo, mesmo sabendo que Lucía era ainda uma criança e que o sexo a assustava. Ana transformou-se na torturadora de Lucía. Num buraco escuro, que mal tinha vinte metros quadrados, encerradas durante cinco anos.

— Vi o medo nos seus olhos — confessou-lhe. — Medo de mim. Lucía sentia pânico em relação a mim.

Em que género de pessoa se transformara?

Ana afastou-se de Quim e escondeu as lágrimas. O silêncio de Quim deixou que o vento se tornasse mais presente. O longínquo tremor das folhas dos choupos, montanha abaixo. Ana pensou no despenhadeiro de La Camera e em acabar com tudo de uma vez por todas.

— Tentei esquecer a minha irmã — disse por fim Quim, com um fio de voz. — Não era capaz de suportar aquele dia-a-dia... A sua ausência. Fazia-me tanto mal que preferi pensar que estava morta e... por isso, não quero sentir-me... mau...

Quando Ana se virou para ele, descobriu que Quim chorava. «Mau», dissera. Era uma forma infantil de descrever como se sentia, mas aquela mesma meninice ficara atravessada na vida de ambos como uma espinha na garganta.

Demasiado jovens para assumirem a necessidade de sobrevivência que há dentro de cada um. Quim aproximou-se de Ana e beijou-a. Os seus lábios humedecidos pelas lágrimas acariciaram-se sem pressa e ela recordou uns versos de um poema que decorara: «Leve criatura feita de um pouco de memória e de um pouco de esquecimento, cerva de um só lado.»

Oxalá pudesse esquecer.

Abraçou-se a Quim e murmurou-lhe: — Leva-me à Polícia, Quim. Tenho de falar com eles.

Ele gostaria de ter ficado parado naquele instante. Longe de tudo e tão perto de Ana. Sozinhos no alto da montanha, como seres incorpóreos a pairar por cima dos outros, da realidade. O Sol era já um ténue esplendor para lá do monte Albádes. Se anoitcesse, ficariam presos na montanha.

— Quem é que tem Lucía? — perguntou-lhe Quim.

— Não me obrigues a responder-te a isso — rogou-lhe ela.

Ana sabia que não poderia evitar a sua dor quando o soubesse mas também não se sentia preparada para ser ela a revelar-lho. Levantou o olhar para o céu e pensou: «Duraria um segundo. Vi-a atravessar o prado e perder-se no ouro de uma tarde ilusória.»

Enquanto voltavam para Monteperdido, ensinaria esse poema a Quim.

Zacárias parou o carro no parque de estacionamento de um bar de estrada junto a Val de Sacs. Saiu da viatura e puxou de um cigarro. As luzes do parque de estacionamento estavam acesas, mas pareciam ainda fracas perante um céu que conservava a luminosidade do ocaso. Não o viu estacionar uns metros mais atrás, tal como não reparara que o estivera a seguir desde que saiu de Monteperdido. «Achas que és mais esperto do que toda a gente?», dissera Víctor para consigo, entredentes, enquanto o seguia no seu carro estrada abaixo, com as mãos firmemente agarradas ao volante.

— Zacárias! — gritou-lhe para lhe chamar a atenção, e esboçou um sorriso quando o vigilante, com o cigarro pendurado nos lábios, se virou para o encarar. — É o Víctor, lembras-te de mim?

Zacárias olhou em seu redor; o parque de estacionamento vazio, apenas quatro ou cinco carros estacionados. As luzes do bar de estrada iluminavam um cartaz que oferecia o menu do dia por apenas sete euros. Víctor, com as mãos nos bolsos, caminhava na sua direcção. Envergava calças de ganga e uma *T-shirt* branca com o escudo da Confraria de Santa María de Laude sobre o coração. O que estaria ali a fazer? Ouvira dizer que estava suspenso. Zacárias não se cruzara com ele nas horas que passou na esquadra da vila. Descartou a ideia de fugir por crer que Víctor não podia saber nada do que sucedera com a polícia.

— Que tal vai isso, Víctor? — perguntou-lhe enquanto exalava o fumo do cigarro. — Amanhã havia batida aos javalis, não é? Vais lá acima?

— Estou a pensar nisso — respondeu-lhe Víctor enquanto se aproximava dele. — A ver se Ana regressa a casa e todos podemos ir embora sossegados.

— Ainda agora apareceu e já anda fugida.

Zacarias esforçou-se por conter o riso, embora tivesse a impressão de que Víctor também concordava que a situação parecia ridícula; dava-lhe razão, fazendo que sim com a cabeça, e sorria.

Não fez perguntas nem esperou. Quando se viu ao lado de Zacarias, Víctor tirou a mão direita do bolso. Tinha-a fechada num punho, acumulando toda a sua fúria. Armou o braço e deitou o corpo para trás, carregando toda a sua força nuns músculos tensos e deixando-a explodir com uma pancada seca na mandíbula de Zacarias.

Não esperava o soco e recebeu-o desprevenido, sem opor resistência. A cabeça virou-se com o impulso e ele caiu para trás com todo o seu peso morto. Ainda não sabia o que lhe acontecera quando sentiu os joelhos de Víctor cravados no seu peito; o guarda-civil segurou-lhe no cabelo com ambas as mãos e ergueu-lhe a cabeça do chão; obrigou-o a olhar para ele. Desorientado, Zacarias mal distinguia a silhueta difusa de Víctor sobre ele.

— Vais contar-me tudo o que sabes sobre Simón — ouviu Víctor a dizer-lhe.

Não era uma pergunta. Não esperava resposta. Só lhe estava a dizer por que motivo ia continuar a bater-lhe. Víctor bateu com a cabeça de Zacarias contra o cimento do parque de estacionamento. Desta vez, a dor fez Zacarias remexer-se de raiva. Agitou os braços e tentou desembaraçar-se de Víctor. Ao aperceber-se de que não ia ser capaz de afastar as mãos da sua cabeça, procurou-lhe o rosto, os olhos, mas Víctor evitou-o, puxando-lhe com mais força pelo cabelo, cravando-lhe ainda mais o joelho no peito para o imobilizar e, depois, batendo-lhe novamente com a cabeça contra o chão.

Zacarias sentiu o calor do sangue; percorria-lhe um dos lados da cabeça, misturava-se com o cabelo. Agitou-se como um insecto preso, mas Víctor continuava a levantá-lo e a bater-lhe com a cabeça contra o cimento. Nem sequer lhe deixava a opção de falar. Zacarias fechou os olhos, nauseado com a dor, e, aos poucos, deixou também de opor resistência. Só então Víctor se deteve.

— O que sabes sobre Simón?

Agora, sim, estava a fazer-lhe uma pergunta. Zacarias tentou falar, mas a sua voz era um murmúrio indecifrável. Sentia a racha na cabeça, um fio de sangue a gotejar sobre o cimento. Víctor aliviou a pressão dos joelhos, pôs-se de pé, e Zacarias pôde respirar e encolher-se no chão, de lado, em posição fetal.

— Queres que continue? — ameaçou-o Víctor enquanto recuperava o fôlego.

— Não acreditava... pensava que... que era mentira...

Víctor deu-lhe um pontapé no estômago e Zacarias encolheu-se ainda mais. A sua cabeça, ao arrastar-se pelo chão, deixara um rasto de sangue escuro, quase preto.

— Não quero saber o que tu pensas. O que é que ele te contou? Quem é que estava com ele?

— Não sei. Juro por Deus que não sei...

— Continua a falar!

Zacarias engasgou-se com a própria saliva, que lhe invadia, sanguinolenta, os lábios. Cuspiu e desatou a chorar de dor.

— Disse-me que tinha um vídeo... com uma rapariga...

— Onde?!

— No campo... antes de chegar a Barbastro... Mas nunca o vi.

Víctor pegou no telemóvel e marcou o número de Sara. Viu Zacarias fechar os olhos e ajoelhou-se junto a ele. Virou-o no chão e abanou-o.

— Não adormeças. Vais levar-nos a esse sítio, estás a ouvir?!

Zacarias só conseguiu murmurar um sim enquanto tapava a cara, temendo um novo murro.

O corço é um animal curioso por natureza. A sombra da floresta, difícil de apanhar, mas susceptível de recompensar a paciência do bom caçador. Foge quando sente a presença do predador a invadir-lhe o território. Esquivo e ágil, oculta-se entre a folhagem da floresta. É preciso saber conduzi-lo para onde se julga a salvo, porque, então, é possível que o corço dê uma oportunidade ao caçador. Não convém disparar com o animal em movimento, pois o mais provável, nesse caso, é falhar. Quando sai para campo aberto, antes de se lançar em fuga para o vale, o corço não conseguirá resistir à tentação. Deter-se-á por um segundo e olhará para trás, para saber quem entrou no seu território, quem o persegue. A curiosidade do animal dará uma última oportunidade ao caçador. Caso tenha sabido esperar o lance, caso aguarde o momento certo bem-posicionado, terá um último disparo para caçar o animal.

Os faróis do carro iluminaram um caminho de terra à direita da estrada. Zacarias disselhes que achava que aquele era o sítio de que Simón lhe falara. Víctor conduziu por um terreno pejado de covas e pedras, comido em grande parte pelas ervas daninhas. Sem rastros de veículos. Um caminho

que deixara de ser utilizado há já algum tempo.

De um lado e de outro estendiam-se terras abandonadas. Antes tinham sido terrenos explorados para pastagem de vacas, mas já não restava lá nenhum gado. O turismo destruíra aos poucos os velhos métodos de subsistência do vale. A pecuária, a agricultura, eram evocações do que aquela região fora no passado e tinham deixado as suas marcas naquelas terras, que talvez esperassem um processo de requalificação que desse origem a uma urbanização. Casas de forasteiros.

Sara ligou para a esquadra para pedir a Telmo os dados da fazenda para onde Zacarías os estava a levar. O agente disse que lhe telefonaria logo que os tivesse.

Um céu diáfano tornava a noite menos escura. A Lua, em quarto minguante, e o cintilar de pequenas estrelas em seu redor eram suficientes para tingir a escuridão de um reflexo azulado.

Sara olhou para trás e viu a angústia esboçada no rosto do vigilante. Zacarías, recostado no banco traseiro, tapava a ferida da cabeça com as mãos, como se tentasse também conter a dor. Quando chegou ao parque de estacionamento da cafetaria e viu as mãos de Víctor sujas de sangue, julgou que fizera uma loucura. Que perdera o controlo. Guiou-a até ao carro, ao qual estava apoiado Zacarías, e contou-lhe o que este lhe confessara: uma casinhota com alfaias de uma fazenda na estrada de Barbastro.

— Deixa-me ir contigo — pedira-lhe Víctor.

— Sabes que acabas de mandar à merda toda a tua carreira na Guarda Civil? — respondeu-lhe ela ao ver as feridas de Zacarías.

— Denuncia-me depois. Quando tivermos Lucía connosco.

Víctor não perdera o controlo. Tomara uma decisão. Precisavam do que Zacarías sabia e ele entregara o seu trabalho na Guarda Civil em troca disso. Se ficassem à espera das negociações com um advogado, o vai-não-vai de Zacarías a tentar tirar partido da situação, não conseguiriam a informação a tempo.

Sara observou Víctor enquanto conduzia por aquele caminho abandonado, atravessando hectares de terreno devolutos. Percebeu que nunca se arrependeria do que fizera, encontrassem ou não Lucía. Limitara-se a saldar uma dívida. Não só para com ela, mas para com toda aquela terra. Para com as pessoas do vale, para com a família, com quem acreditava ter ficado em falta ao deixar-se cair nas mãos de Serna.

Víctor abriu uma janela do carro para dissipar o cheiro a sangue e suor de Zacarías.

— Chamamos um médico quando chegarmos — disse-lhe Sara enquanto procurava no horizonte daquele terreno a casinhota da qual lhes falara.

— E se já não estiver lá? Vão deixar-me a esvair-me em sangue... aqui...? Tenho de ir ao hospital... — queixou-se Zacarías.

Mas nem Sara nem Víctor lhe responderam.

Um silêncio quebrado apenas pelo barulho do motor, pelo vento que se infiltrava através da janela. Pelos gemidos de dor de Zacarías.

Baldios e mais baldios.

O telemóvel de Sara tocou. Era Telmo. A fazenda pertencia aos pais de Joaquín Castán. Dantes, destinavam uma parte ao cultivo de couve e outra ao gado, mas tinham deixado de a lavrar há alguns anos.

À esquerda do caminho, no meio daquele terreno esquecido, viram a silhueta preta de uma choça. Dava a impressão de que se erguia da terra conforme se aproximavam. Sara desligou. Víctor reduziu a velocidade e desligou as luzes do carro.

Estavam sozinhos.

Os agentes tinham ficado todos em Monteperdido, esgotando até ao último minuto de luz a esperança de encontrar Ana.

Sara pensou em avisar a Polícia de Barbastro, mas também não queria esperar mais.

— Tens uma arma? — perguntou a Víctor ao abrir a porta do carro.

— No porta-bagagens. Uma caçadeira — disse-lhe ele.

— Vai buscá-la.

Sara desceu e olhou em seu redor, verificando qual seria o melhor caminho para se aproximar da casinhota. Víctor pegou na arma, fechou as portas e trancou o carro para Zacarías não poder sair. Acendeu uma lanterna para guiar os seus passos na sombra.

A um gesto de Sara, começaram a aproximar-se. Era uma pequena construção de pedra, tecto de uralite de duas águas. Uma porta metálica da qual pendia um cadeado. Uma casinhota erigida para guardar as alfaias agrícolas, sem água nem luz. Apenas paredes e tecto para proteger as alfaias da chuva, da neve.

Correram agachados, embora nada indicasse que houvesse alguém lá entro. No alto de uma das paredes havia uma janelinha com os vidros partidos.

Por que razão Simón falara daquele lugar a Zacarías? O que escondiam lá?

Víctor colou-se à parede junto à porta.

— Usaram este sítio — disse-lhe, apontando para a marca que a porta deixara ao roçar no chão.

Sara tentou abrir a porta, mas o cadeado respondeu com um ruído metálico, firme.

— Afasta-te — disse a Víctor.

Disparou contra o metal, e o cadeado voou em mil pedaços. Puxou a porta e abriu a casinhota. Víctor iluminou o interior com uma lanterna apoiada na sua espingarda: estava vazia. A um canto, um colchão sujo. Frascos de comida no chão e cheiro a excrementos. Sara entrou e perscrutou os escassos dez metros quadrados. O quarto ainda conservava o ar viciado que a vida deixa.

— Merda — murmurou com frustração. — Estava aqui...

Víctor pegou numas caixas amontoadas a um canto do quarto. Abriu uma delas e descobriu um capacete preto de *paintball*.

— Está-nos no papo, Sara — disse-lhe. — Em tudo isto tem de haver impressões digitais. É nosso.

Ela preferiu não responder. Aproximou-se das caixas. Depois de pôr umas luvas, começou a abri-las enquanto pensava em Lucía e em Ana: onde estariam agora as raparigas? Será que iriam regressar? Diante dela, tinha as provas que, com toda a certeza, lhe dariam o nome do seu raptor, mas preferia ter saído de Monteperdido sem saber quem era aquele homem a troco do qual as raparigas regressariam às suas famílias.

Vivas.

Na caixa havia um telemóvel; percebeu que era o de Simón. O mesmo com que tinha sido feita a última chamada para casa de Ana.

Agora, estavam as duas perdidas.

Quando destapou outra caixa, viu uma câmara de vídeo. Um modelo antigo. Ligou-a e, quando premiu um botão, a câmara cuspiu uma fita.

As silhuetas de Ana e Quim surgiram entre os *trémols* do monte Ármos, iluminadas pelos faróis dos carros da Guarda Civil.

Burgos mandara toda a gente descer da montanha logo que a noite caíra; não era um terreno seguro quando escasseava a luz.

A decepção e a derrota eram o som dos seus passos enquanto recolhiam as coisas e lançavam olhares perdidos para a montanha. Dois jipes ao pé do talude que marcava o início do monte, com os motores ligados, iluminavam-nos enquanto recolhiam as suas coisas. Román chegara com a carrinha de caixa aberta; os cães na parte de trás. Queria que os seus podengos se embrenhassem na montanha para seguir o rasto de Ana.

Foi então que Quim e Ana saíram da escuridão e taparam os rostos, ofuscados pelos faróis.

— Macacos me mordam! — foi o grito extemporâneo de Burgos ao vê-los chegar. — Raquel!, Álvaro! Está aqui! Ana está aqui! — Voltou-se para o grupo de agentes que rodeava os pais, que pretendia fazê-los desistir por aquela noite e levá-los de regresso a casa. — Ana está aqui! — voltou a gritar-lhes.

A curiosidade do corço dará uma última oportunidade ao bom caçador.

Sara ligou a câmara de vídeo. Atrás ficavam as luzes da ambulância que levava Zacarías ao hospital: piscavam sobre os vidros do carro, e o interior iluminava-se de vermelho e amarelo alternadamente. Pôs a fita a reproduzir, aumentou o volume. Primeiro, uma imagem de tons acinzentados, desfocada, que, de repente, ganhava corpo: a cave do refúgio onde tinham estado presas as raparigas. O buraco, como lhe chamava Ana. Paredes de pedra nua e, ao centro, uma cama. Lençóis cor-de-rosa. A câmara deslocou-se ligeiramente e descobriu, à direita da cama, uma rapariga. De pé, abraçada a si própria e com uma cabeleira loura desgrenhada e suja a tapar-lhe a cara. O barulho de fundo da gravação interrompeu-se de repente; alguém o desligara. A partir daquele momento, a fita tornou-se um filme mudo em que a rapariga erguia o olhar para a objectiva. Os seus olhos negros profundos. Era Ana. Sorria. Olhava para a objectiva, tentadora. Depois olhou para a cama que tinha ao lado e, saracoteando a cintura a cada passo, aproximou-se dela, pôs-se de joelhos sobre os lençóis cor-de-rosa. Por que razão parecia divertir-se com a situação?, interrogou-se. No visor da câmara, Sara viu Ana a tirar a roupa. Primeiro um casaco de malha, depois uma *T-shirt*. De joelhos sobre a cama, acariciou os seus pequenos seios e olhou de soslaio para a câmara. Humedeceu os lábios com a ponta da língua.

O silêncio da fita tornava a imagem ainda mais violenta.

Sob aquele falso erotismo, aqueles gestos adultos no corpo de uma criança, havia uma enorme tristeza. Sara conseguia vê-la nos seus olhos. Nos seus lábios. Cada um dos movimentos de Ana suplicava: «Gosta de mim.»

Sara não conseguiu conter as lágrimas. Quem pode viver nessa solidão? Quem é capaz de suportar não ser parte de um olhar, qualquer que seja? Por horríveis que sejam esses olhos.

Víctor abriu a porta do carro.

— Estás bem?

Sara enxugou as lágrimas e só teve forças para lhe dizer que sim com um gesto.

— Ana sabia quem ele era. Sabia-o desde o início. — disse Sara, apontando para o canto inferior da imagem no visor da câmara. Consequia ver-se parte do chão aos pés da cama e, entre as sombras que esta desenhava sobre ele, um capacete preto de *paintball*.

— Não o trazia na cabeça — percebeu Víctor.

No visor da câmara, Ana olhou para a objectiva. Para os olhos de Sara, que, agora, estava do outro lado daquela janela irreal. Imaginou uma lâmpada que pendia nua do tecto e dava à imagem aquela luz amarelada, suja. Ana levou um dedo à boca e a seguir desceu, acariciando o queixo, o pescoço, o decote. Enquanto tentava fingir um sorriso, os seus lábios mexeram-se formando palavras que Sara não conseguia ouvir. Eram dedicadas ao homem que se ocultava atrás da câmara, o que estava a gravar. Parecia um convite para ir com ela para aquela cama de lençóis cor-de-rosa.

O que dizia Ana naquele silêncio?

Sara deteve a gravação, rebobinou e voltou a pôr aquele fragmento. Ana dizia duas palavras. A primeira era «anda»? E a segunda seria um nome?

Sara ergueu o olhar para a estrada que mergulhava no túnel do desfiladeiro de Fall, atrás do qual se escondia Monteperdido.

— Encontraram Ana — disse-lhe Víctor enquanto entrava no carro e ligava o motor. Sanmartín telefonara-lhe. — Vinha a descer o monte com Quim.

Diante dos faróis dos jipes, pareciam silhuetas histéricas, a esvoaçar nos feixes de uma luz pulverulenta que, ao mesmo tempo, os atraía e queimava. Ana piscou os olhos, protegeu-os com uma mão em forma de viseira: quem eram? Pareceu-lhe ver alguns habitantes da vila, também agentes da Guarda Civil. Será que ele se encontrava ali? Pegou com mais força na mão de Quim e, ao procurar o seu rosto, encontrou um sorriso tranquilizador.

Aspirou com força um ar limpo e frio. A noite caía sobre Monteperdido.

Para trás, deixava a mata de *trémols*; as risadas das suas folhas foram abafadas pelos gritos de alegria dos que os esperavam no sopé do monte Àrmos.

Conseguiu ver os pais a ganhar forma entre aquelas silhuetas: Raquel à frente, Álvaro atrás dela, a escassos passos. Corriam na sua direcção. Burgos afastou-se do caminho para irem receber a filha. Não precisava de ver com clareza o rosto deles para saber que choravam de alegria, imaginava o abraço que a esperava, o cheiro e o calor dos pais; o amor inabalável da mãe, o olhar azul do pai. O refúgio da família. Onde vivia a Ana que queria ser.

Sentiu a mão de Quim soltar-se suavemente, as pontas dos seus dedos a roçarem por mais um instante antes de a deixarem livre para correr para aquele encontro. Deu uns primeiros passos tímidos e, antes de se lançar ao encontro deles, olhou para trás. Para a mata de *trémols* donde tinham surgido Quim e ela, como se olhasse para o seu passado, como se, ao virar-se, esperasse ver-se a si própria. A rapariga que vivera num buraco. Aquela Ana ameaçada de morte, desprezada, que transparecia inveja e rancor. Uma Ana que deixava para trás, entre as sombras dos choupos. Esquecida. Eco. Nada.

Não conseguiu resistir à curiosidade; queria ver como aquela Ana desaparecia na espessura de uma floresta tão negra como os seus olhos.

O clarão do disparo foi a última coisa que viu com clareza. Um lampejo de luz, um relâmpago a resplandecer entre as árvores do monte e, depois, o calor da bala a atravessar-lhe a testa e a expandir-se dentro da cabeça.

O impacto levou-a a cair para trás e, mais do que a cair, teve a sensação de submergir, de mergulhar nas águas do lago de Tempestades. Os olhos enviavam-lhe imagens estranhas que se iam apagando aos poucos, conforme descia às profundezas; julgou ver dentro dessas águas pretas as estrelas de um céu ao qual sempre desejara subir. Aqueles pontos celestes a que deu o nome das pessoas que mais amava: Lucía, Raquel, Álvaro... e uma Lua minguante a que chamou Quim e que, embora soubesse que estava a cair, teve a sensação de estar tão perto que poderia apanhá-la, agarrar-se a ela.

Um rumor de gritos que ela pensou ser, na verdade, o barulho das folhas fustigadas pelo vento. Ou era uma chuva fina que rompia a lâmina de água do lago?

Quis dizer que estivessem descansados, que não sentia dor. Só o amor desmesurado de todas aquelas estrelas que a abraçavam e lhe retinham a descida, suavemente, como uma rede de luz e que a seguir a erguiam e a levavam para cima, mais para cima. Até àquela cúpula, campo de pombas, feita de céu e de água. Por cima das sepulturas e dos pinheiros.

Junto a Raquel, a Álvaro, a Lucía, a Quim...

Não sabia se era ela que os tinha sonhado ou se eram eles que a tinham sonhado a ela.

Até que a sua consciência se dissolveu no céu de Monteperdido.

«Corre», disse para consigo, mexendo-se, rápido, entre as sombras dos choupos. Não esperou para verificar o resultado do seu disparo. «Mistura-te com eles antes que tenham tempo de cercar o monte.» A sua respiração agitada, o seu suor e o seu medo passariam despercebidos entre o pânico de todos os restantes.

As espingardas ressoaram, ridículas, contra a floresta. Troncos lascados e folhas que voavam com o impacto das balas, num estrondo de detonações e estalidos de luz. Os cães brancos de Román, na traseira da carrinha de caixa aberta, ladraram, histéricos. Assustados.

Os gritos de Raquel, irreprimíveis, ajoelhada ao lado do cadáver da filha. A sua cabeça, aberta por uma bala, repousava nas coxas da mãe, que lhe acariciava compulsivamente uma pele fria, já sem vida. Joaquín abria alas à procura do filho; Quim estava paralisado a uns metros do corpo de Ana; o sangue que a cabeça da rapariga cuspira salpicara-lhe a cara, mas parecia não sentir que agora, ainda quente, lhe deslizava pela face. Talvez pensasse que eram lágrimas.

Ismael gritava aos guardas-civis que fizessem alguma coisa, que entrassem na floresta na pegada do homem que disparara. Burgos, uma estátua de sal, olhava para o corpo de Ana estendido no chão e, depois, para os olhos de Álvaro, que agora, mais do que azuis, lhe pareciam cinzentos; o pai de Ana não se fixava no guarda-civil, mas na floresta que se abria atrás de si. Álvaro deixou para trás a mulher, a filha morta, e, com raiva, roubou a pistola da mão de Burgos. Rafael foi a correr detê-lo; não servia de nada alimentar o caos. Isso não faria mais do que facilitar a fuga de quem disparara. Álvaro afastou-o com um empurrão e visou as sombras da floresta. Disparou vezes sem conta. Com frustração. Com raiva. E, a cada bala, sentia a inutilidade dos seus disparos: nenhum deles ressuscitaria Ana.

Nicolás afastou Montserrat do tumulto que se formara à volta de Ana. Moveram os carros para os faróis rastrearem entre a floresta a sombra do assassino, mas o resultado era um mero jogo de luzes e sombras inconstantes, que se cruzavam, acendiam e apagavam sem sentido. Caridad foi a correr ter com Raquel e, ao ver que já não se podia fazer nada por Ana, abraçou-se à mãe dela, que continuava a sustentar a cabeça da filha sobre os joelhos, entre as mãos.

Vozes que pediam ambulâncias misturavam-se com os estalidos de espingardas que descarregavam ao mínimo barulho da floresta. Ximena foi a correr ter com Quim, lívido e frágil, como um lençol pendurado no meio de um vendaval; Joaquín agarrava-o entre os braços. Limpou-lhe o sangue que lhe sujava a cara, mas ele não reagiu. O seu olhar estava perdido naquela «cerva de um só lado», morta no chão. A mesma que, enquanto desciam do lago, repetia vezes sem conta o poema para ele o decorar: «Num recanto do provir profundo, encontrar-te-ei novamente, cerva branca de um sonho.» E, sem se aperceber, murmurou aqueles versos em voz alta.

O carro de Víctor parou a escassos metros dos jipes da Guarda Civil. A desgraça, como um rio preto, estendera-se muito mais longe, pelas ruas de Monteperdido, a sua estrada. Sara percebeu que acontecera alguma coisa antes de Pujante, entre lágrimas, lhe contar tudo por telefone.

Enquanto Víctor tentava pôr ordem no caos, gritando para tirarem dali qualquer pessoa não fosse guarda-civil, Sara avançou a passos lentos por entre o magote. Viu o corpo de Ana no chão; ainda tinha os olhos abertos, cravados no céu, como se estivesse a pedir que a levassem ali, junto às estrelas que tinham sido o seu único horizonte naquelas noites em que esteve presa, quando as via através do tecto derrocado do refúgio. Tinha a boca ligeiramente aberta, entre os lábios vermelhos de sangue havia um buraco preto, profundo: tudo o que Ana não conseguira dizer. Como na fita do vídeo: as palavras tinham sido apagadas.

Mas não o suficiente.

Álvaro esvaziou o carregador e caiu de joelhos em frente às árvores, como quem se rende perante um deus cruel. Sanmartín tentou pô-lo de pé sem o forçar.

Joaquín deixou o filho junto a Ximena; Quim, nauseado, dava passos instáveis, como se não conseguisse encontrar um chão onde apoiá-los. Ximena susteve-o por um braço e murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Talvez lhe pedisse para se ir embora dali. Que mais podiam fazer?

Era a última derrota.

Um disparo no coração de Monteperdido.

Nicolás acompanhou Montserrat até à berma da estrada e pediu-lhe que ficasse ali. Depois, o veterinário retomou o caminho em direcção ao sopé do monte Ármos.

Sara fechou os olhos e pensou nos lábios de Ana a olhar para a câmara: «Anda», era uma das palavras que dissera. Tinha a certeza.

Quim esteve prestes a cair ao chão e, a muito custo, Ximena conseguiu evitar que se estatelasse. Rafael correu a ajudar o sobrinho.

— Temos de nos ir embora daqui. Não podemos fazer nada — disse-lhe.

Joaquín aproximou-se de Burgos. O guarda-civil mal conseguia controlar a ansiedade, as batidas

do seu coração contra o peito. O sangue fervia-lhe, incapaz de recuperar a compostura que se lhe exigia.

— Diga-nos o que temos de fazer — pediu-lhe Joaquín. — E se soltarmos os cães de Román?

Os podengos continuavam a ladrar. Corriam na caixa aberta da carrinha, desenhavam círculos enquanto saltavam e ladravam. Román caminhou até Víctor, ainda ajoelhado à frente daquela mata de choupos que parecia rir-se dele às gargalhadas. Lá dentro estava o homem que disparara sobre Ana, mas sabia que embrenhar-se nela era uma loucura: sem luz, não conseguiriam mais do que alvejar-se uns aos outros, presas da histeria.

Ismael aproximou-se de Raquel e abraçou-a.

— Lamento imenso — disse-lhe.

Ela sentiu um calafrio de culpa ao notar a pele de Ismael colada à sua.

— Fora daqui! — gritou-lhe. — Não te aproximes da minha filha!

Todos os olhares se voltaram para Ismael, que, envergonhado, tropeçou ao pôr-se de pé. Olhou para aquela gente que cravava nele os seus olhares de desprezo, para aquela família a que nunca pertencera. Viam-no como um ladrão que tentara levar consigo uma deles. Raquel. De onde saía Ismael? Quem era realmente?

Álvaro, incendiado pelos gritos de Raquel, pôs-se de pé e atravessou o círculo de pessoas que se formara à volta do corpo da filha, no chão. Levantou a pistola e apontou-a a Ismael.

— Estás enganado, Álvaro! Não cometas uma loucura! — gritou ele. Levantou as mãos e retrocedeu, assustado.

Mas Álvaro não ouviu Ismael nem Víctor, que também lhe pedia para baixar a arma, e premiu o gatilho. O percussor soou, oco. O tambor estava vazio. Deixara todas as balas na floresta.

Ismael, a chorar, caiu de joelhos ao chão.

— Deixaram-me sonhar-te, mas... — começou a murmurar Quim perante o corpo de Ana, mas foi incapaz de terminar um dos versos que ela lhe ensinara enquanto desciam a montanha. O seu cabelo louro, agora tingido de sangue, a sua pele tão branca como a neve atravancavam-lhe a garganta. E as palavras ficaram encalhadas, repetindo vezes sem conta «sonhar-te, mas não ser...».

Rafael segurou-lhe na cintura e tentou que virasse as costas à rapariga, para o afastar daqueles olhos pretos, mortos, enquanto o sobrinho continuava a murmurar «não ser...».

— Esquece esse poema — ordenou-lhe Rafael.

Quim não conseguiu reprimir uma gargalhada violenta, quase um grito. Mas não foi capaz de dizer mais nada, como se lhe tivessem esvaziado todo o ar dos pulmões, incapazes também de se voltarem a encher, repletos de ódio, medo e frustração.

Sara continuava imóvel no meio do vaivém de homens e mulheres. Tentou afastar dos seus sentidos as lágrimas e os gritos, a dor que pairava entre eles, tão carnal que teria conseguido agarrá-la com as mãos. Sara fechou os olhos e, no visor das suas pálpebras, voltou a ver os lábios de Ana na gravação: «Anda», dissera e, depois, um nome.

Víctor virou-se de costas para a floresta. Pujante tentava explicar-lhe tudo o que sucedera. O regresso de Ana, o disparo que surgiu da escuridão e o caos posterior. A desordem. Um bom caçador, pensou Víctor. Alguém lesto que sabe esperar a sua oportunidade. A sua teria sido justamente naquele segundo, quando todos os olhares, perplexos, se afastaram da floresta ao verem Ana cair ao chão. Teria então fugido. Não montanha acima; o terreno, de noite, era tão difícil para o tal caçador como para eles. Teria ido montanha abaixo. Como fizera desde o princípio: abrigando-se entre eles, como se fosse mais um.

O seu olhar viajou de Joaquín para Nicolás. Álvaro. Ismael. Rafael.

«Anda», vocalizara Ana, muda. «Quero ouvir-te», murmurava Sara para consigo. «Diz-me quem era, Ana.» Os seus lábios abriam-se apenas um pouco ao princípio, depois de um breve pestanejar, desenhavam um círculo, uma vogal aberta, para voltarem a fechar-se até deixarem uma fina linha entre eles. Três sílabas.

— Como sabias que era um poema? — disse Quim, e, ao olhar para o tio, viu a raiva nos seus olhos.

Rafael empurrou-o para a estrada; tentava parecer suave, mas os seus gestos eram cortantes como uma lâmina de metal. Levava pendurada às costas a espingarda e, ao ver que Quim se afastava dele, passou o cinto por cima da cabeça, com a espingarda debaixo do braço e a mão no gatilho. Quim quis gritar, mas as palavras ficaram abafadas antes de sair; sem querer, a caminhar às arrecuas, à procura de abrigo, colocara-se atrás do carro de um conterrâneo. Ficara sozinho.

«Quem poderá ver-nos?», parecia dizer-lhe Rafael ao aproximar-se dele. Deu um empurrão a Quim, que caiu ao chão, bloqueado pelo medo. Rafael carregou a espingarda sobre o ombro direito.

«Anda, Rafael», acabaram por dizer os lábios de Ana, e Sara abriu os olhos.

Procurou entre os circunstantes; viu Víctor a caminhar para ela, os agentes a afastar os civis da

montanha: Álvaro e Joaquín, Nicolás. Deu uns passos, tentando encontrá-lo. Ana no chão, morta, no regaço de Raquel. Caridad, ao seu lado, consolava-a. Ismael já pisava a estrada, afastado daquele círculo de sombras e silhuetas. Ximena estava sentada no chão, com as mãos mergulhadas no rosto.

Sara empunhou a pistola e procurou o seu rasto, até que o encontrou atrás de um carro, à beira da estrada. Rafael tinha a espingarda apoiada no ombro; no chão, arrastava-se, assustado, Quim: ouviu então o grito que o rapaz não tinha sido capaz de soltar. Um grito de medo e de socorro que se misturou com o barulho do disparo de Sara.

A bala da polícia atravessou o ombro direito de Rafael, que, ao receber o impacto, soltou a espingarda e, depois, caiu para a frente, estatelando-se contra o chão que o separava de Quim. Ele, cheio de raiva, pontapeou-lhe a cara até que Víctor correu a separá-los.

Sara olhou para as suas costas. Para o corpo de Ana, que repousava sobre as coxas da mãe; para Álvaro, que beijava o seu cadáver.

Cerva branca

— Lucía está morta — foram as primeiras palavras de Rafael na sala de interrogatórios.

Depois, olhou para o espelho que os separava da divisão onde os restantes agentes ouviam o seu depoimento. Estavam ali, do outro lado, mas Rafael só se fixou no reflexo da sua própria cara no vidro, nos seus olhos banhados em lágrimas, e esboçou algo semelhante a um sorriso. Parecia satisfeito por dar consigo a chorar.

O sangue tingia a ligadura que lhe tapava o ombro direito, sobre o qual Sara disparara. Não tardaria em aparecer a ambulância, a Polícia de Barbastro e, certamente, os altos comandos. Levá-lo-iam para o hospital e, a partir daí, Rafael desvendaria a sua história a conta-gotas.

— Onde está o corpo dela? — perguntou-lhe Sara.

— No barranco do Cajigar. — E só então Rafael a olhou directamente nos olhos. — Sabe onde fica?

— A uns dois quilómetros da casinhota onde a tinha presa.

Rafael pareceu felicitá-la com um leve gesto de cabeça. Mas não conseguiu evitar uma correcção: — Eu não a tinha presa. Estávamos escondidos.

Enquanto isso, do outro lado do vidro, Víctor ordenava a vários agentes que se deslocassem ao barranco referido por Rafael. Apesar de estar suspenso, os agentes da esquadra continuavam a obedecer às suas ordens, como se ainda estivesse no comando. O barranco do Cajigar tinha uma queda de quase cem metros, estreita, um cume colado a outra montanha, inacessível no seu interior. Se Lucía estava no fundo, demorariam semanas a encontrar o seu cadáver, isto se conseguissem fazê-lo antes de caírem as primeiras neves.

— De que é que se escondiam? — Sara continua a interrogar Rafael.

— De si. — E, depois de assinalar o vidro que os vigiava, acrescentou: — De todos. Ninguém entendia o que éramos.

— Nem sequer Ana.

— Ela muito menos. — E as suas palavras denotavam desprezo.

Sara inspirou: quem é que precisa de entender o monstro? Quem quer vestir a sua pele?

E a seguir pensou numa coisa que Santiago lhe dissera: «Poucas vezes o nosso trabalho consiste em salvar os inocentes. Na maior parte das vezes, a única coisa que podemos fazer é perceber o monstro.»

Rafael acabava de completar quarenta e três anos. Recordou o seu bolo de aniversário, bolo de chocolate com uma fina camada de doce no meio. Os seus lábios franzidos a soprar as velas com desinteresse, como se não se importasse de envelhecer; os anos eram uma formalidade, era o que aparentava. Ou talvez aquele ar de indolência fosse fruto do facto de os que pretendiam ser a sua família e o rodeavam naquele momento com palmadinhas e risos não passarem de estranhos e de ele ser incapaz de dissimular que era alheio, talvez imune, às suas felicitações.

Uma ilha dentro de outra ilha: Rafael em Monteperdido.

— Como é que Lucía morreu? — E, ao fazer-lhe essa pergunta, Sara recordou o cheiro a terra molhada que ficara na vila no dia seguinte ao do homicídio de Santiago: o sabor arenoso do ar; a intensidade do cheiro a pinho e água limpa. Aquela Natureza que, mais do que circundar Monteperdido, era Monteperdido. O seu sangue, a sua carne.

— Preferia não falar disso — respondeu-lhe Rafael. — Pura e simplesmente, aconteceu. Tinha de acontecer.

— Poderá enganar-me a mim, Rafael — respondeu-lhe ela. — Mas não poderá enganar a culpa.

— Se Ana tivesse continuado calada, nada disto teria acontecido. — E a raiva contra Ana soou tão real que quase conseguiu ver o dedo de Rafael premir o gatilho na floresta do monte Ármos.

— Porque não me explica tudo, desde o princípio?

— Não me venha com essa história de querer perceber-me... — respondeu-lhe ele com desprezo.

— Não é preciso. Já o entendo: estava sozinho. Nesta vila, cada um tinha encontrado o seu buraco. Para uns, seria mais cómodo, para outros, nem por isso. Se calhar havia pessoas que sofriam e continuarão a sofrer por causa do sítio que lhes saiu em sorte no mundo. Mas, apesar de tudo, fazem parte da roda. Do dia-a-dia de Monteperdido: sabem onde têm de estar e, certamente, onde

estarão amanhã. O Rafael, não. Estava de fora. Não fazia parte de nenhuma engrenagem: a roda continuava a dar voltas e não tinha nenhuma necessidade de o ter lá dentro. Até era, para ela, um incómodo. A única coisa que fez foi procurar o tal buraco. Tornar-se indispensável de alguma forma. Quem não precisa disso? Não digo indispensável para toda a gente. Basta ser indispensável para uma pessoa. Uma mulher. Uma filha. Dessas duas coisas, o que era Lucía para si?

Rafael escutara-a em silêncio e, sem pretender fazê-lo, fora concordando com o raciocínio de Sara. Ele nunca pensara em rodas nem engrenagens. Não usava a palavra «indispensável» quando tentava definir a necessidade que o levava a Lucía. Ele preferia chamar-lhe amor.

— Era a minha mulher — acabou por reconhecer Rafael, e, no seu gesto e nas suas palavras, só havia orgulho.

Cinco anos antes. Ou mesmo anteriormente. Sete anos. Rafael soube da inundação de Monteperdido pela televisão. Estava então a trabalhar na América Latina. No hotel, antes de dormir, via o canal internacional de televisão esperando que as notícias que dava lhe parecessem familiares. No entanto, as reportagens sobre o turismo no Sul ou as ondas de calor não lhe eram menos estranhas do que as que via nos noticiários da Argentina ou do Uruguai.

Naquele quarto impessoal de hotel, no meio de uma estrada que nascia nenhures e se perdia no Sul da Argentina, ouviu o apresentador falar das vítimas da inundação em Monteperdido. Reconheceu nas imagens o olhar desesperado dos que tinham sido seus conterrâneos e percebeu que, se tivesse sido ele a desaparecer sob as águas do Ésera, não teria provocado tanta dor, tantas lágrimas.

O que teriam dito os repórteres sobre si? Será que, pelo menos, se lembrariam dela na manhã seguinte?

Deitou-se naquela cama e foi incapaz de dormir. No parque de estacionamento do hotel estava o seu camião. Se naquela noite sofresse um enfarte e acordasse morto, não significaria mais do que um empecilho para o rapaz que lhe dera as chaves do quarto, um atraso para o judeu que o contratara em Buenos Aires. Passariam semanas até a notícia chegar a Monteperdido e, nessa altura, o seu corpo já teria sido incinerado para poupar os custos de conservação.

Imaginou numa balança a sua morte longínqua e solitária contra a tragédia das cinco vítimas da inundação.

Todos aqueles cadáveres deixavam um vazio na vida de outras pessoas enquanto ele não deixava nem sequer essa lacuna. Já se tornara há muitos anos um buraco, um ser transparente que não tinha peso na vida de quem quer que fosse.

O que o levava a transformar-se num homem só? Era incapaz de dar uma resposta a Sara. Um facto concreto que tivesse começado a retirar-lhe presença, a eliminar o seu rasto até ser pouco mais do que uma recordação.

Falou-lhe dos pais: morreram novos. Montserrat e ele ficaram órfãos quando ele mal completara vinte anos. No entanto, não podia dizer que aquela perda — de cancro, a mãe, de enfarte, o pai — tivesse sido particularmente traumática. Rafael já começara a trabalhar na estrada. Nunca teve um camião próprio, mas, desde os vinte anos, quando entrou numa empresa de Barbastro, não deixara de trabalhar ao volante. A morte do pai foi repentina, e ele teve conhecimento dela quando estava no Porto. Montserrat ligou-lhe para lhe contar o sucedido e, embora conseguisse ouvir o pranto da irmã do outro lado da linha, ele mal chorou. Naquele dia tomou o pequeno-almoço num bar que cheirava a salitre, em frente ao Atlântico; as paredes húmidas do estabelecimento fizeram-lhe lembrar a terra de Monteperdido de madrugada, a sua água do orvalho.

Lamentou aquelas perdas, porque, com o desaparecimento dos pais, também se perdia uma parte da sua própria vida. Uma infância que qualificou como normal, ou mesmo aborrecida. Excursões pelos montes que circundavam a vila, as conversas do pai sobre os animais que viviam junto a eles: os corços, os javalis, as camurças.

— Se estava à espera de que eu dissesse que o meu pai abusava de mim ou coisa do género, esqueça — disse-lhe Rafael, incomodado por ter de falar de uma época que lhe parecia tão distante que mal a considerava como sua.

— Quando regressou a Monteperdido?

— Três ou quatro meses após a inundação. No Inverno.

Ao recordar aquele regresso, Rafael ficou um segundo em silêncio, com o olhar perdido para além de Sara, como se ainda conseguisse ver a neve que cobria as ruas, as casas. O frio e as pessoas enfiadas nos seus agasalhos escuros a caminharem curvadas para fazer frente ao vento enquanto ele passeava até casa da irmã. Montserrat abriu-lhe a porta e convidou-o a entrar. Trazia uma camisola de lã cinzenta que lhe ficava grande, lembra-se, com desenhos de losangos brancos. A sensação de calor ao pisar o lar e depois de a irmã fechar a porta; uma onda proveniente da lareira da sala, o fogo fazia ranger uns cepos de choupo. A tarde ainda devia ir a meio e, apesar disso, a luz

escasseava; um céu plúmbeo tapava o Sol. Montserrat abraçou-o então e deu início a um chorrilho de reprimendas que queriam simular carinho por não a ter avisado do seu regresso à vila, ter-lhe-ia preparado o quarto, viste como está a ponte da escola? Continua destruída.

Depois de ver a notícia da inundação naquele hotel da Argentina, Rafael falara por telefone com a irmã no dia seguinte.

Ela contou-lhe que tinha sido um inferno, que Joaquín livrara Lucía de cair ao Ésera. Para Rafael, foi um telefonema de cortesia.

E, porém, regressara.

Montserrat perguntou-lhe se queria tomar alguma coisa e acompanhou-o à sala. Diante da lareira estava estendido um tapete que, se bem se lembrava, era feito de pele de veado, e, ajoelhada sobre ela, iluminada pelo esplendor intermitente do fogo, estava Lucía. Brincava absorta com umas bonecas e não ergueu o olhar até a mãe a mandar cumprimentar o tio. Lucía desviou ligeiramente os olhos rasgados só para olhar para ele e murmurar um «olá» displicente antes de retomar a brincadeira. Com as suas bonecas. Montserrat não lhe chamou a atenção nem a obrigou a levantar-se. A irmã já estava a caminho da cozinha para lhe preparar um café enquanto Rafael continuava plantado na sala, com o agasalho vestido e as mãos escondidas nas luvas, e estas nos bolsos. O calor fizera-o começar a suar, mas, não sabia bem porquê, ainda não tirara o agasalho. Lucía murmurava vozes inventadas enquanto mexia as bonecas pelo chão e lhe virava as costas. Depois, a rapariga recostou-se suavemente no chão para olhar para a cara da boneca que manipulava com a mão esquerda pegando-lhe na parte de baixo, e Rafael deu por si a percorrer-lhe a curva do pescoço, nu, agora que o cabelo lhe caíra para trás das costas, o ângulo do ombro, que surgia tímido da gola de uma *T-shirt* que cedera com o uso, o arco do seu dorso, até ao traseiro e às pernas encolhidas como se fosse um bebé, as meias-calças a roçarem-lhe as coxas, suavemente.

Sentiu-se mal ao aperceber-se de que estava excitado e respondeu bruscamente à irmã quando esta lhe disse que tirasse o agasalho e o deixasse num sítio qualquer.

Não ia fazê-lo. Tinha medo de que ela se apercebesse de que ele estava com tesão.

Saiu da sala e disse à irmã que reservara um quarto na estalagem La Renclusa, não queria incomodar. Na verdade, precisava de fugir daquela casa quanto antes, afastar a imagem do fogo e as curvas de Lucía. Tinha nove anos. Não estava certo.

Mas foi incapaz de se afastar de Monteperdido.

Joaquín deu-lhe trabalho na sua empresa, alugou uma casa na margem sul do rio, algo afastada do centro da vila. Subia ao monte para observar os animais e caçar quando não andava na estrada. Tinha paixão pelos corços; tão frágeis, tão esquivos, tão curiosos.

Continuou a ver Lucía. Na praça, no parque, na casa da irmã.

Mostrava-se arisco com a rapariga, embora, na verdade, fosse incómodo. Inépcia. Rubor.

Dava por si a olhar para as mãos da cachopa, para os seus olhos brincalhões, para o seu riso. Ouvia-a falar com a mãe dela, com a vizinha, Ana, e aos poucos foi criando as justificações de que precisava para poder olhar para ela, ouvi-la e tocar-lhe sem se sentir sujo.

Gostava de Lucía. Gostava dela mais do que qualquer outra coisa no mundo e queria-a para ele.

Mas queria igualmente que ela sentisse a mesma necessidade dele.

— Não consegui esperar — reconheceu Rafael. — Não fui capaz. Estava a crescer diante dos meus olhos e... quem era eu para ela? O tio chato... O que diriam os pais dela de mim quando eu não estava? Que estava sozinho. Que não fazia amizades na vila... Que iam ter de tomar conta de mim na velhice...

Rafael encerrou-se nas obsessões de qualquer apaixonado. Preocupava-se não só com a forma de olhar para Lucía mas com a forma como Lucía olhava para ele. E desagradava-lhe imaginar que, naquele olhar, havia pena ou, pior ainda, indiferença.

Mal existia para ela, e decidiu mudar as coisas.

Ao princípio, foi pouco mais do que um sonho com que brincava na hora de dormir. Depois, passou a ocupar tempo nas horas em que não tinha nada que fazer. Como apanhar Lucía, como levá-la para o seu lado, tê-la sempre consigo, só para ele.

Nem sequer quando começou a construir a cave do refúgio pensou que seria capaz de tornar aquelas fantasias realidade. Atrasava o seu regresso das viagens que fazia com o camião e ficava um dia, por vezes dois, no refúgio. A escavar, a colocar os pilares que teriam de sustentar o tecto.

Entre as coisas que iam e vinham através dos Transportes Castán, estava o material para o negócio de Gaizka na montanha. As descidas, o *rafting*, as batalhas de *paintball*. Rafael ficou com um dos capacetes que chegaram num envio. Pareceu-lhe que poderia ser-lhe útil; a fantasia, aos poucos, ia invadindo a realidade.

Muitas vezes voltava a Monteperdido só para ver Lucía. Sentava-se no carro, no cruzamento da estrada de Posets, e via-a caminhar com a mochila às costas, a falar e a rir com Ana. Por vezes,

também com Ximena. A regressarem da escola.

Viveu com a ansiedade do namorado que planeia a declaração de amor nos meses anteriores. Não queria fazê-lo durante o Inverno, seria demasiado duro para ela chegar ao refúgio a meio de uma nevada, de Verão também não: o turismo multiplicava o número de visitantes na vila, que ficava a abarrotar durante os meses de Julho e Agosto.

Esperou até ao início do Outono. Outubro pareceu-lhe um bom mês, e só então se apercebeu de que iria fazê-lo.

— Ana não deveria ter estado ali — reconheceu Rafael, e, ao dizê-lo, parecia querer culpá-la de tudo o que sobreviera. — Era terça-feira. Ana tinha aulas de piano com Ximena. Lucía atravessava a floresta sozinha todas as terças, embora a mãe lhe dissesse que não fosse por ali quando as amigas não estavam. A seguir soube que tinham discutido com Ximena... Eu estava à espera de Lucía. Tinha comigo um bocado de sedante dos dardos para animais que trouxera da Sociedade de Caçadores... Nem sequer me viu chegar. Tapei-lhe a boca e injectei-lhe um pouco de sedante...

Rafael continuou a recordar a forma como a levou no seu carro; deixara-o estacionado na raia da floresta. Ninguém o tinha visto chegar. Pouco depois, apareceu Ana e, com medo de ser descoberto, decidiu sedá-la a ela também e metê-la no carro, Rafael não deixou de olhar para a palma da mão esquerda, ainda conseguia sentir nela o toque dos lábios de Lucía quando a abordou na floresta. O seu primeiro beijo.

— Não sou nenhum assassino — disse-lhe quando Sara lhe perguntou pela caminhada que obrigou Ana a fazer pouco depois de as meter no refúgio. — Deveria tê-la matado. Era o que teria feito um assassino, mas eu não o sou. Não fui capaz de lhe dar um tiro. Cuidei dela tão bem como de Lucía, embora preferisse que não tivesse estado ali um único dia. Passava o tempo a incitar Lucía e a dar-lhe a volta à cabeça, dizendo-lhe que eu era um louco, um doente. Tinha ciúmes. Era esse o problema de Ana: ciúmes. Da relação que eu tinha com Lucía. E do facto de ela estar sempre a ser posta de lado. Lucía gostava dela e fazia o que podia para ela se sentir bem, mas Ana não suportava a ideia de estar a mais.

Sara não pôde deixar de imaginar Ana atada a uma viga do refúgio, com o olhar perdido, através do buraco do tecto, nas estrelas do céu de Monteperdido. Desprezada, humilhada, rejeitada continuamente. Sabia que o sofrimento de Lucía durante o rapto não teria sido menor, mas era incapaz de se subtrair ao sentimento de identificação que tinha com Ana. Como ela, Sara tornara-se o elemento discordante de uma família que preferia ter apagado a sua existência. Os pais, como Rafael, também não eram assassinos. Não foram capazes de lhe dar um tiro na cabeça, embora, por vezes, pensasse que preferia que tal tivesse acontecido. Um final imediato, uma tomada de posição evidente, não aquela distância intransponível que os pais impunham a Sara. A mesma que Rafael criara em relação a Ana. Que culpa tinham, qualquer uma das duas, por estarem onde estavam? Que responsabilidade podiam atribuir-lhes?

E, pensando nisso tudo, Sara também percebeu por que razão Ana jamais denunciara Simón.

— Zacarias falou-me dele — disse-lhe Rafael. — Contou-me que vivia atrás de Ordial e que estivera com ele em Martutene.

Simón passara por muito devido ao facto de ser pederasta.

Ao princípio, tudo lhe parecia mais simples do que esperava. Apanhar as raparigas, acudir regularmente ao refúgio para lhes levar comida e certificar-se de que estavam bem foi fácil. Deveria ter algum cuidado para evitar que a Guarda Civil suspeitasse das suas movimentações, mas o seu trabalho com os camiões e a ausência de Joaquín para controlar as suas idas e vindas davam-lhe o álibi necessário.

Enquanto a vila, estupefacta, tentava refazer-se do choque, Rafael deleitava-se ao verificar que cada pormenor do seu plano funcionava. Sentado na cozinha da irmã, enquanto Montserrat mergulhava numa crise nervosa e o marido se perdia num alarido absurdo, como um animal aos berros para lhe abrirem porta, incapaz de perceber que a única coisa que tem a fazer é rodar o manípulo, Rafael fingia empatia. Abraçava-se à irmã, dava o seu apoio mudo a Joaquín. Naquela casa, só Quim parecia resistir à estupidez. Passado pouco tempo, o irmão de Lucía já estava a tentar reconstruir uma vida que os pais se empenhavam em negar-lhe.

Sentiu pena dele ao ver a forma como o sobrinho desaparecia da vida dos outros. Lucía arrebatara-lhe todo o espaço, e não sobrava nada para ele. Foi por isso que o amparou de certa forma: na sua casa, preocupando-se com os seus estudos ou dando-lhe dinheiro que sabia que ele gastava em festas ou no haxixe de Gaizka.

Rafael não queria salvá-lo de nada. Só queria dizer-lhe que se apercebera de que se estava a afundar e que tinha pena dele, embora não pretendesse estender-lhe a mão.

No fundo, os seus papéis de tutor de Quim, de ombro de Montserrat ou de abnegado trabalhador de Joaquín davam-lhe jeito. Eram outras tantas capas para ocultar o verdadeiro Rafael. O homem

que arrastara duas raparigas para o interior da montanha, para a cave de um refúgio.

Os primeiros passos da Guarda Civil, as batidas pela montanha, os cães pisteiros, as passagens de helicóptero à procura de alguma pista foram inúteis. Só uma vez estiveram perto de o descobrir. Um grupo de agentes chegou até ao refúgio onde estavam as raparigas. Pisaram o chão sob o qual se escondiam. Ana e Lucía permaneceram caladas enquanto a Guarda Civil caminhava sobre o seu tecto. Um barulho. Um grito ou uma voz demasiado alta tê-las-ia denunciado, mas Rafael soubera trabalhar-lhes o medo. Os agentes procuraram sinais de uso recente daquela cabana à beira da ruína e, não os tendo encontrado, abandonaram o local. Apagaram-no do mapa e nunca mais voltaram a aproximar-se dele.

Durante as primeiras semanas de clausura, Rafael usava o capacete de *paintball* quando ia lá abaixo ver as raparigas. Mal lhes falava. Apenas o suficiente para alimentar o seu desamparo. Para se certificar de que, cada vez que ouvissem ruídos no piso superior, elas se escondiam a um canto da cave e guardavam o mesmo silêncio dos mortos.

— Nunca pensei quanto tempo poderia durar — murmurou Rafael esboçando um sorriso. — Acho que nunca cheguei a pensar no assunto. Comecei e... — A sua voz ficou a pairar no ar, como se ainda não fosse capaz de dizer que tinha acabado.

Os meses foram passando e, com eles, a investigação esmoreceu. A pressão à volta das raparigas já não o obrigava a medir cada um dos seus passos. Aguentou o primeiro Inverno, o primeiro Verão. Foi então que percebeu que não podia manter aquela situação sozinho. Podia acontecer-lhe alguma coisa ou podia ter de se ausentar demasiados dias. Quem cuidaria então de Lucía? Quem lhes levaria água e comida? O refúgio estava num vale e, quando as chuvas se arrastavam dias a fio, corria risco de inundação. A água infiltrava-se na cave e Rafael tinha medo de encontrar Lucía afogada quando regressasse ao refúgio, caso esses aguaceiros o surpreendessem fora de Monteperdido.

Foi por isso que se aproximou de Simón Herrera. Fê-lo lentamente e sempre longe da vila, à margem dos olhares dos vizinhos que pudessem reconhecê-los. Em Barbastro, e mesmo mais para sul. Em Monzón. Convidava-o para beber, falavam de mulheres. Falavam de raparigas.

Rafael jogou com a tentação; disse-lhe que poderia levá-lo a um sítio onde havia duas raparigas e que poderia vê-las nuas. Disse-lhe que não haveria problema. Disse-lhe que nunca ninguém saberia que tinham estado no tal sítio. Até que, um dia, o levou ao refúgio.

De joelhos no chão, Simón olhou através da estreita fresta deixada pelo alçapão que dava acesso à cave. Entre as sombras do buraco, Simón conseguiu ver Lucía e Ana. Brincavam, vestiam-se e, por vezes, não se sabendo observadas, passeavam sem roupa para suportarem o forno em que o lugar se transformava durante os meses de Verão.

— É você que aparece no vídeo com Ana, não Simón — acusou-o Sara.

Como rajadas de metragem de outro filme a deslizarem diante dos seus olhos, Sara não pôde evitar recordar as imagens daquela fita enquanto tentava concentrar-se em Rafael e nas circunstâncias que provocaram a realização daquele vídeo.

Ele não deixava que Simón falasse ou tocasse nas raparigas. Só descia à cave para lhes deixar comida.

Depois de Ana se ajoelhar na cama e falar para a câmara, convidando-o, uma figura surgia diante da imagem. Primeiro difusa; a seguir, ao chegar à cama, mais nítida. Um homem nu com aquele capacete a tapar-lhe a cabeça: Rafael. Depois, uma violação. Por que razão transpôs aquela barreira?

— Ao princípio, Simón aceitou as regras do jogo — explicou-lhe Rafael. — Mas, depois, olhar através da fresta ou trazer-lhes comida não lhe pareceu suficiente. Queria algo mais.

Sara recordou Rafael na gravação: a forma como se colocava atrás de Ana e ela mergulhava a cabeça no colchão e agarrava com força os lençóis cor-de-rosa que o envolviam. Todo o falso erotismo com que Ana brincara lhe desapareceu do rosto, no qual, como num deserto, só restava medo.

— Simón não era capaz de tocar nas raparigas — recordou Rafael. Não se sentia à vontade a falar do que fizera a Ana. — Mas queria ver. — Como o rapaz que se justifica depois de uma travessura, acrescentou: — Nunca toquei em Lucía. Não seria capaz. Gostaria de o ter feito. Claro que a desejava, mas não queria que, se acontecesse, fosse à força...

Sara sentiu-se suja, pegajosa, como se trouxesse a pele de Rafael sobre a sua. Como se, na ponta dos dedos, pudesse sentir o toque da pele de Ana naquele dia, no buraco, sobre uns lençóis cor-de-rosa. Teve vontade de vomitar e conteve o impulso de se pôr de pé e sacudir aquela sensação. Gostaria de ter saído da sala para se ocultar sob um rio de água pura que arrastasse toda a perversão que se pegara ao seu corpo como pólen. Gostaria de ter insultado Rafael, de lhe ter chamado filho da puta, de lhe ter dito que lhe metia nojo, mas tinha de chegar ao final do relato.

Fechou os olhos, procurou uma imagem que a sossegasse e encontrou-a ao recordar que Ana aprendera com Quim a nadar no lago. Quis ver o seu corpo rodeado por aquela água cristalina, limpando-a de todas aquelas recordações, transformando-a na rapariga que nunca devia ter deixado de ser.

— Quer que continue? — ouviu Rafael perguntar-lhe, e, ao olhar para ele novamente, viu-o mergulhar o olhar na mesa. Da mesma forma que defendera com segurança o que sentia por Lucía, sentia vergonha ao recordar o vídeo com Ana.

— Tenho de perceber, Rafael, é o meu trabalho — disse-lhe Sara. — Mas não espere que lhe perdoe.

— Eu também não o faço — reconheceu ele.

No entanto, o seu arrependimento não parecia dever-se ao que fizera a Ana, à dor gerada, mas à traição que significara para a relação que ele imaginava que tinha com Lucía.

Foi essa gravação que iniciou a instabilidade na situação que Rafael criara.

Simón via de forma compulsiva o vídeo, e a sua obsessão começou a focar-se em Ana. Talvez já o fizesse antes, mas até então Rafael não tivera consciência disso. Falava dela sem parar, mostrava a sua predilecção quando as circunstâncias o convertiam no único carcereiro das raparigas, dava-lhes as comidas que Ana preferia, os escassos caprichos que ela pedia. Lucía contou tudo a Rafael.

Também começou a temer que pudesse ser indiscreto; dava-lhe a sensação de que o prazer de Simón se multiplicava quando este contemplava o vídeo e, sobretudo, quando se vangloriava de tal facto. Fizera-o com ele. Recordava-lhe, segundo a segundo, cada fotograma daquela gravação. Os gestos de Ana, como colocava o cabelo ou o que fazia com as mãos. A Rafael desagradava-lhe profundamente que insistisse em recordar-lho e interrompia-o sempre que podia, mas... e se ele procurasse outros ouvidos para escutar o seu relato?

Decidiu reduzir a presença de Simón no refúgio, limitar ao imprescindível as ocasiões em que podia ver as raparigas, sobretudo Ana. Mas Simón não fazia caso das suas ordens. Mais de uma vez o descobriu a rondar o refúgio quando ele estava lá.

Deveria ter feito alguma coisa, mas Rafael deixou passar o tempo. Simón construiu uma fantasia à volta de Ana como a que ele construía à volta de Lucía. Simón queria protegê-la, afastá-la dos maus-tratos a que Rafael a submetia. O que teria feito com ela se não tivessem caído por aquele barranco durante a fuga?

— Não sei — disse Rafael e, ao mesmo tempo, estava a dizer: «Não me interessa.»

Sara percebeu por que razão Ana nunca quisera implicar Simón no sucedido. É possível que não tivesse a certeza de quem era nem que parte de responsabilidade tinha na sua clausura, mas, ao tirá-la dali, para Ana tinha sido o seu salvador.

Tornara-se a pessoa para quem ela era importante e, nesse momento, Ana era aquilo de que mais precisava. Descobrir que a sua vida valia alguma coisa para alguém. Para quem quer que fosse.

Pujante bateu à porta e entrou na sala de interrogatórios. Aproximou-se de Sara e murmurou-lhe alguma coisa ao ouvido. Víctor pedira-lhe que entrasse; ele, suspenso, nem sequer deveria estar nas instalações da Guarda Civil.

— Encontraram um lenço cor-de-rosa, uma espécie de musselina, ao lado do despenhadeiro do Cajigal — disse Sara a Rafael depois de Pujante sair. — Suponho que será de Lucía.

Rafael estivera em fuga, quase de forma desesperada, desde que encontraram o refúgio. Todas as fortificações que erguera ao longo dos anos tinham ruído, e procurava barreiras temporárias atrás das quais pudesse esconder-se, mas a Polícia continuava a avançar, cercando-o cada vez mais.

Tinha sido assim o último mês.

Ana sobreviveu ao acidente. Ele esteve no hospital. Fez questão de que a rapariga o visse e se lembrasse da ameaça que regularmente deixara cair sobre ela: «Um dia ainda te mato.» Esperava que isso fosse suficiente para garantir o seu silêncio.

O medo.

Percebeu que estavam a montar um cerco ao refúgio e decidiu pegar-lhe fogo. Fugiu com Lucía, mas, como as estradas de saída estavam cortadas, não pôde levá-la para longe. Escondeu-se no Ixeia. Durante uns dias, usou as instalações abandonadas do túnel que atravessaria os Pirenéus.

Até que, no dia da trovoada, Marcial apareceu lá com a mãe. Nessa noite, estava nervoso. Assim que viu os faróis do carro a iluminar a entrada, virou-se, rígido como um vidro que poderia estalar em mil pedaços. Foram os nervos que o levaram a agarrar Lucía; nunca o fizera antes, nunca perdera o controlo daquela forma.

Apesar de tudo, teve sorte. Conseguiram sair do túnel sem que Marcial os visse. Fugiram pelo campo e, pouco depois, descobriu que tinham levantado o controlo de estradas. Pegou no carro e desceu pelo vale até às terras dos pais de Joaquín. Utilizara a casinhota de alfaias noutras ocasiões, para se encontrar com Simón, para lhe mostrar o vídeo. Sabia que aquelas terras estavam

abandonadas e que ninguém punha os pés no casebre.

Manteve Lucía ali desde então.

A morte de Santiago, as notícias dos jornais sobre Sara fizeram-no ter esperanças de novo: talvez a investigação entrasse em ponto-morto.

— Logo que as coisas serenassem, pegaria em Lucía e sairia do vale no camião — recordou Rafael.

Mas não foi assim. Sara continuava a dar passos lentos, a conta-gotas, mas sempre em direcção a ele. A descoberta de que havia duas pessoas envolvidas no rapto, as bonecas encontradas por Nicolás, o envolvimento de Simón.

E, então, Ana perdeu o medo e falou. Soube-o através de Quim. Se Ana abrisse aquela fresta, já nada poderia detê-la. Obrigou Lucía a ligar-lhe, o que fez a rapariga retirar-se, e desejou que a montanha a engolissem para sempre, que a fizesse desaparecer.

Era um sonho impossível. Mais tarde ou mais cedo, Ana desceria do pico do monte Ármos para contar a toda a gente quem ele era.

Terminara.

Foi à casinhota. Levou Lucía ao Cajigal. Atirou-a para o vazio.

Depois misturou-se com o grupo que andava à procura de Ana no sopé da montanha. Esperou o momento certo quando a viram aparecer.

— Agora só falta eu morrer para a história acabar — disse-lhe Rafael.

Se tivesse podido escolher um final, teria sido aquela a escolha de Rafael.

— Devia ter dado um tiro na cabeça — disse-lhe quando Sara se ergueu.

Amanhecia quando a ambulância subiu a estrada da escola e virou à esquerda, atravessando a vila pela avenida de Posets. Rafael viajava deitado na maca. A cruz serigrafada da janela desenhava-lhe uma sombra sobre o rosto. O condutor preferia ter escolhido outro caminho, mas não existia. Era aquela a única forma de sair de Monteperdido. Não havia gente nos passeios. As persianas estavam corridas. As portas fechadas. Aquele silêncio de casas clausuradas tinha visto passar, horas antes, o caixão de Ana, como se a ordem natural se tivesse invertido.

Primeiro a morte, depois a vida.

Víctor encontrou Sara encostada à parede do seu gabinete. Pareceu-lhe que tremia, e pensou em aproximar-se dela e abraçá-la. Gostaria de lhe ter dito que estava a ter um pesadelo, que todos aqueles seres que a observavam não eram reais, mas não havia nada que ele pudesse despertar. Era aquela a realidade. E havia mesmo homens a observar na penumbra. A esboçar um sorriso enquanto os demais se moviam, agitados pelo mundo. Homens como Rafael.

Sara reparou na sua presença no patamar do gabinete. Víctor não sabia se havia de entrar ou dar meia-volta e ir-se embora. Ainda tinha restos de sangue do vigilante nos nós dos dedos, na *T-shirt*. E as faces sujas de lágrimas.

— Importavas-te de ser o meu condutor pela última vez? — perguntou-lhe Sara.

Víctor afastou-se da porta e, com um gesto, convidou-a a sair do gabinete.

Sara não quis olhar para os outros agentes quando atravessou a zona comum. Supôs que eles também não quisessem que ninguém olhasse para eles. Só os mais próximos estão convidados a viver a derrota, e ela, embora tivesse a sensação de ter ganhado um pequeno lugar naquela esquadra, não era um deles. Adeus, Telmo. Pujante. Adeus, Sanmartín.

Nieve ladrou quando Sara entrou no carro. Pareceu-lhe que os seus olhos implantados atrás do pêlo branco tentavam dar-lhe coragem, uma lambidela. Víctor arrancou com o carro e só então lhe perguntou: — Aonde vamos?

— Podes levar-me ao sítio onde nos conhecemos?

— À estação de serviço?

— Pode vir um carro da Polícia de Barbastro e ir lá buscar-me. Não é preciso levores-me até à cidade.

Quando saíram do gabinete, os dois, embrenhados nos seus pensamentos, deixaram para trás os toques dos telefones, como ecos procedentes doutro lugar, chamadas que nada tinham que ver com Sara ou Víctor. Os altos comandos a exigirem alguma explicação.

Víctor ia levar com um processo em cima e, quase de certeza, acabaria por ser expulso da Polícia depois do que sucedera com o vigilante. Sara... Que aconteceria a Sara? Parecia-lhe tão absurdo que alguém pudesse dar-lhe os parabéns pela detenção de Rafael...

Saíram para a estrada e, do outro lado, Sara olhou para o pinhal onde, cinco anos antes, Ana e Lucía tinham desaparecido. As árvores, carregadas de folhas, formavam um muro que tornava impossível vislumbrar o interior da floresta, aquela árvore doente da qual Caridad lhe falara e que perdia as suas raízes enfermas debaixo da terra. Uma árvore que só sobreviveria se ninguém a arrancasse. Aquela terra dera-lhe protecção, estabilidade, mantinha-a erguida e aparentemente sã.

Só o resto das raízes, a turba que a alimentava debaixo da terra, conhecia a sua doença, cuidava dela e a amava.

O Sol nascia e iluminava o sopé do monte Albádes, a oeste, e os picos das montanhas que cresciam no horizonte nordeste, o monte Perdido, a Kregüeña, os montes Malditos, ao sul, perfilavam-se acobreados e orgulhosos, como se estivessem a exhibir algum tipo de vitória.

Passaram a ponte da escola e, quando chegaram ao cruzamento da estrada de Posets, Sara não pôde deixar de olhar para a direita. O asfalto levantava-se junto ao sopé do monte Ármos; acima, estava o circo de Tempestades, o teatro onde ficava o lago em que Ana aprendera a nadar. Diante da montanha estava a ponte nova, a estrada de acesso à urbanização Los Corzos. Pensou nas vivendas geminadas de Ana e Lucía, no fim da rua.

Não tinha coragem para se despedir dos pais das raparigas.

— Não vás tão devagar — pediu a Víctor.

Ele virou à esquerda e entrou na rua que dividia Monteperdido em duas metades: a avenida de Posets.

Sara viu a estalagem La Renclusa. No quarto, estava a sua mala. Pensou em mandar alguém ir lá buscá-la, ou talvez nunca o fizesse. O que havia naquela mala que quisesse conservar? Recordou então a promessa de Elisa quando entrou pela primeira vez naquele quarto e viu a montanha do outro lado do vidro: «Os amanheceres são espectaculares», disse a rapariga, que parecia um melro assustado.

As luzes do jipe iluminaram o asfalto da avenida de Posets. Deixaram para trás a cafetaria La Corza Blanca. «Nunca percebi a moral desta história», disse-lhe Caridad na noite em que lhe contou a lenda que nascera naquelas terras. A mulher que era corça ou a corça que era mulher.

«Acredito em Deus, não nos homens», gracejou Santiago ao sair da igreja. A torre românica de Santa María de Laude erguia-se sobre uma praça fechada a seguir à cafetaria. Uma vila fortificada, construída para dentro, resguardada dos forasteiros. Auto-suficiente à força. A Confraria e a estrela de oito pontas, como a que figurava sobre o coração de Víctor, numa *T-shirt* agora suja de sangue e lama.

À direita da avenida, escondida atrás de vielas que se retorciam entre mais casas de pedra, a praça do Município. Nas suas arcadas, ficava a Sociedade de Caçadores e a loja de armas Nerín. O negócio pulverulento de Marcial. Nem ele nem a filha voltariam a ser habitantes da vila.

Ao deixar Monteperdido para trás, Sara teve uma sensação contraditória. Ia ter saudades das suas ruas empedradas, da sua gente, e, ao mesmo tempo, estava convencida de que já não conseguia enquadrar-se ali.

A vila ia precisar de esquecer tudo o que sucedera, e a sua presença impedi-la-ia.

— O que vai ser de ti? — atreveu-se a perguntar-lhe Víctor ao ver a silhueta da estação de serviço no final da estrada.

— Não sei — disse-lhe ela. — Vou voltar para casa, suponho. — Embora tivesse consciência de que não existia um lar aonde pudesse regressar.

À direita, ficava o caminho que ia dar aos Transportes Castán: o chão que abraçara o corpo de Santiago.

A seguir, a bomba de gasolina e, mais para sul, já se adivinhava o desfiladeiro de Fall. As montanhas do pico de Paderna e o monte Albádes a fecharem-se em torno da estrada, que ia mergulhando conforme se aproximava delas; o pequeno túnel que era a única saída da vila. A porta secreta pela qual se tinha acesso ao vale onde se escondia Monteperdido. Adormecido entre aquelas montanhas enormes que pareciam sustê-lo nas suas mãos, embalando-o.

À sua esquerda, o leito do Ésera, que naquele dia descia silencioso, como se a água também estivesse de luto.

Víctor parou o carro na estação de serviço e, antes de desligar o motor, virou-se para Sara.

— Posso ir contigo? Para onde quer que vás — disse-lhe, deixando escapar cada palavra como uma baforada de ar irremovível. — Podíamos tentar.

«É para isso que serve a vida», Sara recordou as palavras de Caridad, mas acabou por não lhe dar qualquer resposta.

Víctor gostaria de se ter explicado melhor, de ter encontrado as palavras para descrever aquela sensação que crescera dentro dele desde que Sara deixou Rafael na sala e atravessou a chorar a esquadra até ao seu gabinete. Víctor não queria fugir de Monteperdido: era aquela a sua terra, a sua família. Não queria fugir mas também não queria perder Sara. Talvez fosse um sentimento egoísta, mas gostava do homem que vira reflectido no seu olhar e queria continuar a ser aquela pessoa. Aquele Víctor junto ao qual Sara dormira em paz.

Ela sentiu vertigens. A sua visão era incapaz de se fixar em Víctor, ao seu lado, à espera de uma resposta, e acabou por se perder num pequeno pinhal que crescia atrás da estação de serviço e que

terminava diante dos penhascos de uma pequena montanha. Um mar vermelho agitava-se sobre o horizonte, entre os picos e o céu que clareava com o amanhecer. Então, entre as árvores e as pedras da montanha, Sara julgou ver uma cerva branca, que corria entre as sombras e se detinha numa pequena clareira onde se filtravam os primeiros raios. A cerva virou o pescoço para, àquela enorme distância, cravar os seus olhos pretos, profundos, em Sara e depois, com um pequeno salto, desaparecer entre a espessura.

— Volta para trás — disse então a Víctor, e, levada por um pressentimento, insistiu com maior veemência. — Anda, volta para trás. Para a vila. Faz inversão de marcha.

Víctor saiu novamente para a estrada, fez a manobra e dirigiu outra vez o carro para Monteperdido.

«Não sou nenhum assassino», dissera-lhe Rafael.

— Isto tem alguma coisa a ver com o que te disse agora mesmo? — perguntou-lhe Víctor sem afastar o olhar do asfalto.

— Deixou cair Lucía pelo barranco e, a seguir, veio à vila e matou Ana. Foi isso que ele nos contou — disse Sara. — Porquê? Não estás a perceber? Porque é que havia de fazer isso?

— Não me interessam os motivos dele — respondeu-lhe Víctor.

— Não matou Simón quando este se tornou um empecilho para ele. Também não matou Ana quando voltou para casa... Há aqui alguma coisa que não bate certo; não acredito que estivesse desesperado. Se isso fosse verdade, teria dado um tiro a si próprio. Teria saído de cena. Ainda tinha alguma esperança.

— Qual?

— Lucía. Pára! — gritou-lhe Sara ao passar junto ao desvio da empresa de Joaquín. — Entra!

Sara agarrou no manípulo da porta do pendura. Queria pôr os pés em terra firme. Queria chegar quanto antes.

«Lucía era a minha mulher.»

Tinha-a escondida na casinhota das alfaias. Obrigou-a a telefonar a Ana, sabendo que, mais tarde ou mais cedo, a localizariam pelo telemóvel de Simón. Tirou-a dali. Escondeu-a noutro lugar.

«Logo que as coisas serenassem, pegaria em Lucía e sairia do vale no camiã», dissera-lhe ao falar-lhe da altura em que se esconderam na casinhota.

— Ia matar Ana e, a seguir, escapar com Lucía — disse a Víctor.

Parou o carro no terreiro em frente ao armazém; perante eles, em paralelo, estavam estacionados os camiões que Joaquín Castán ainda conservava. Sara desceu do carro e correu para eles. «Queria-a só para mim.»

— Aquele grande filho da puta preferia que a encontrássemos morta: antes disso do que ela viver sem ele — disse Sara. — Procura naquele camiã!

Víctor abriu as portas do reboque do camiã que ela lhe indicara. Estava vazio. Depois, ouviu novamente a voz de Sara: «Víctor!» E, antes de conseguir olhar para ela, o eco de um disparo. Sara rebentara com o cadeado que fechava o reboque de um camiã azul. Estava a abrir as portas. Víctor correu para ela e, ao ver a cara de Sara, ficou a saber que a encontrara. Teve medo de que fosse tarde.

Teve medo de descobrir o que escondia aquele camiã.

— Tem calma — ouviu Sara a murmurar. — Vamos devolver-te à tua família.

Sara subiu para o reboque e, sem pressa, caminhou até ao canto onde Lucía se refugiara. Sentada no chão, com as pernas coladas ao peito e abraçada a elas, Lucía tremia. Não sabia se de pânico ou de felicidade.

— Estás bem, querida? — perguntou-lhe Sara, afastando-lhe suavemente o cabelo da cara. A seguir abraçou-a.

Sara deixou que a respiração de Lucía sossegasse e, aos poucos, acompanhasse o ritmo da sua. Depois, olhou para trás. Víctor subira também para o reboque; a luz do amanhecer incidia-lhe nas costas e perfilava a sua silhueta com um esplendor dourado. Embora não conseguisse ver-lhe o rosto, sabia que ele também estava a sorrir.

Lucía estremeceu nos braços daquela estranha, embora soubesse que estava a salvo. Durante cinco anos, limitara-se a sentir o toque frio de Rafael, as suas mãos rugosas à procura de um contacto que ela sempre evitara, e a pele de Ana, que já era também a sua pele. O abraço da sua «irmã» todas as noites, que a acariciava tanto como o ronronar da sua voz a encorajava a ser forte, a sobreviver. «Nem tudo foi ódio», recordou Lucía. «Também não pudemos gostar mais uma da outra.» Lucía salvara a vida a Ana quando chegaram ao refúgio, dissera a Rafael que se suicidava se ele lhe fizesse mal. Embora Ana não soubesse, ela salvara Lucía nos restantes dias. Sendo a sua cama, a sua família, a sua consciência. Ódio e amor, como duas faces de uma mesma moeda.

Lucía não precisava de que ninguém lho dissesse. Sentia que Ana tinha morrido.

Ou talvez não. Talvez se tivesse transformado noutra coisa.

Numa daquelas estrelas que olhavam através do buraco do refúgio. Numa pequena luz no céu de Monteperdido.

Lucía pensou nos Invernos e na neve. Na altura em que eram duas raparigas que brincavam, entre saltos e risadas, a atirar bolas de neve uma à outra no meio dos baloiços gelados. Recordou como o frio lhe atravessava as luvas enquanto preparava uma bola e a arremessava a Ana, que escalara até ao topo do escorrega com o seu blusão de penas fúcsia, e como a neve estalava no seu corpo rompendo-se em mil pedaços e voltava a cair ao chão. Parecia que voltava a nevar. Ana, porém, não se mexia. Tinha o olhar cravado nas suas costas e, quando Lucía procurou o que a paralisava, viu o veado.

Estava parado diante de Raquel, e o seu bafo transformou-se numa pequena nuvem de vapor que lhe envolveu o focinho e a seguir se dissolveu no ar enquanto o animal retomava o seu caminho rumo à montanha.

Todas aquelas recordações, todos os rostos de Ana, todos os seus gestos ficariam guardados dentro de Lucía. A sua voz, repetindo vezes sem conta o mesmo poema enquanto andava em círculos pelo buraco, pareceu-lhe tão próxima como se fosse ela própria que lho sussurrasse ao ouvido.

Duraria um segundo. Vi-a atravessar o prado e perder-se no ouro de uma tarde ilusória, leve criatura feita de um pouco de memória e de um pouco de esquecimento, cerva de um só lado.

Os númenes que regem este curioso mundo deixaram-me sonhar-te mas não ser teu dono; talvez num recanto do porvir profundo te venha a encontrar novamente, cerva branca de um sonho.

Agradecimentos

Monteperdido não existiria sem Jorge Díaz, Carlos Montero, Ángela Armero e Antonio Mercero. Junto a eles, numa sala de Magnolia, nasceu a ideia desta história. Obrigado por me terem deixado perder-me nestes montes.

Além disso, sem os conselhos de Jorge e Carlos, este romance não teria sido o mesmo.

A Mireia Acosta, a minha agente imaginária, por se me ter atravessado no caminho e erguido esta história. Graças ao seu entusiasmo, tornou-se realidade.

A Lars Neubert, Alberto Marcos e David Trías, por terem acreditado desde a primeira página neste *Monteperdido*.

A Felix J. Velando e Jose Óscar López, por terem lido esta e muitas outras histórias que nunca chegaram a ser impressas.

À minha mãe, por tornar sempre tudo mais fácil para mim.

E a Darío e Laura, os meninos que jamais perderei; por terem aceitado as minhas ausências enquanto escrevia com tanto entusiasmo como desespero.

Um thriller psicológico absorvente, emocionante, de ritmo cinematográfico e cheio de surpresas.



Ana e Lucía, duas amigas de onze anos de uma pequena aldeia dos Pirenéus, saem da escola e dirigem-se a casa. Mas nunca chegam ao seu destino. Ninguém mais as vê.

CINCO ANOS MAIS TARDE

Entre os despojos de um acidente de carro, num desfiladeiro próximo de Monteperdido, aparecem os corpos de um homem e de uma adolescente gravemente ferida e desorientada. É Ana, uma das meninas que desapareceram há muito tempo. Enquanto toda a aldeia tenta assimilar o rumo dos acontecimentos, o caso é reaberto.

Quem é o homem morto?

Quem está por trás do sequestro das meninas?

Onde está Lucía?

E, o mais importante, ainda estará viva?

As respostas a estas perguntas escondem actos terríveis que muitos habitantes de Monteperdido lutam desesperadamente para manter em segredo.

«Agustín Martínez é um especialista no romance policial, desvia as nossas suspeitas e oferece inúmeras surpresas»

SÄCHSISCHE ZEITUNG

**«Uma atmosfera perturbadora, personagens convincentes e reviravoltas fascinantes
— uma revelação!»**

BITACORA DE LECTURAS

Agustín Martínez nasceu em Lorca, Múrcia, em 1975. Formado em Imagem e Som pela Universidade Complutense de Madrid, iniciou a sua carreira profissional em publicidade, mas a escrita de guiões de ficção para televisão logo se cruzou no seu caminho. Actualmente, alterna este trabalho com a direcção de programas e colaborações na rádio. Desde 1999, ano em que escreveu o seu primeiro guião, participou em muitas séries, por vezes como criador, outras como guionista. O seu primeiro romance, *Monteperdido — A Vila das Meninas Desaparecidas*, foi uma estreia deslumbrante, com excelentes críticas em todos os países onde já foi publicado — os direitos foram vendidos para mais de dez países. O seu segundo romance, *Mala Hierba*, também já está a ser traduzido para várias línguas.

Edição em digital: Dezembro de 2018

© 2017 por Jill Santopolo

© 2018, Penguin Random House, Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Av. Duque de Loulé, 123

Edif. Office 123 — Sala 3.6

1069-152 Lisboa

Tradução: Gonçalo Neves

Revisão: Suzana Ramos e Alice Soares

Capa: adaptação de Teresa Coelho sobre design de Cover Kitchen

Fotografia do autor © Félix J. Velando

ISBN: 978-989-665-669-0

Composição digital: leerendigital.com

Suma de letras é uma chancela de:



Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

[1] GREIM — Grupo de Resgate e Intervenção na Montanha. (*N. da R.*)

[2] Em Espanha, é tradição comerem-se doze uvas frescas na passagem do ano, tal como entre nós se comem doze passas. (*N. do T*)

[3] *Circo glaciar*: depressão do terreno em forma de anfiteatro, com bordos elevados, produzida pela erosão glaciar nas paredes montanhosas ou no nascimento dos vales. É normalmente ocupado por uma ou mais bacias lacustres. (*N. do T*)

[4]]SEPRONA: Serviço de Protecção da Natureza da Guarda Civil Espanhola. (*N. do T.*)

[5] *Bergschrund*: fenda comprida, estreita e profunda localizada na extremidade superior de um] circo glaciar. (*N. do T.*)

Índice

Monteperdido

O veado

Monteperdido

1. O degelo

2. A subida das águas

3. A dança dos homens

4. Oscuros de Balced

5. O lago

6. A batida

7. Cerva branca

Agradecimentos

Sobre o livro

Sobre Agustín Martínez

Créditos

Notas